LENDAS DA INDIA

POR

GASPAR CORREA

PUBLICADAS

DE

ORDEM DA CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E BELLAS LETTRAS

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E SÓB A DIRECÇÃO

DE

RODRIGO JOSÉ DE LIMA FELNER,

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA.

OBRA SUBSIDIADA PELO GOVERNO DE PORTUGAL.

LIVRO TERCEIRO

QUE CONTA DOS FEITOS DE PERO MASCARENHAS, E LOPO VAZ DE SAMPAYO, E NUNO DA CUNHA.

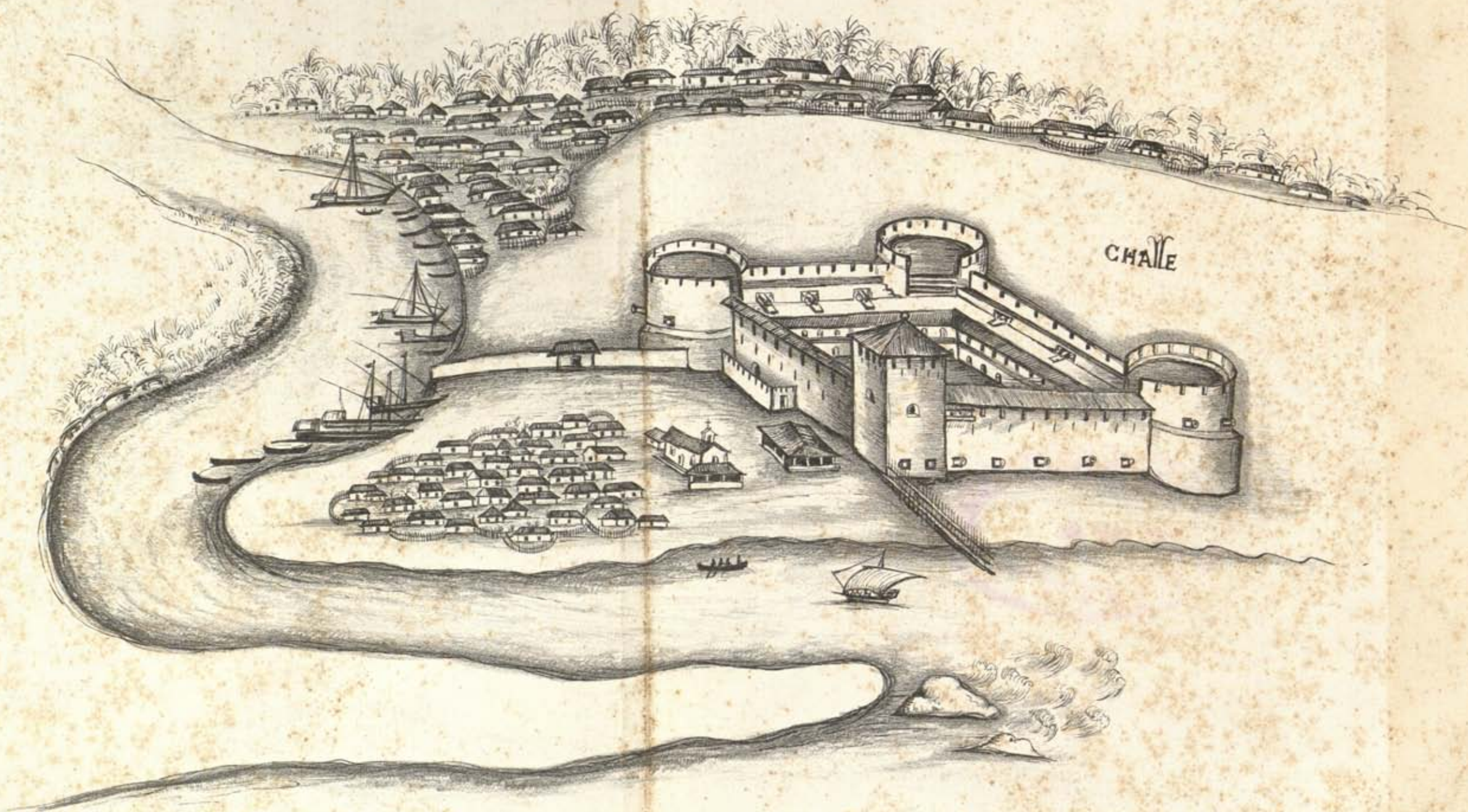
EM QUE SE PASSARÃO 17 ANNOS.

TOMO III.—PARTE II.

LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1863.

CHALLE

ARMADA

DO

ANNO DE 531

CAPITULO XXIX [1].

Estando o Gouernador no trabalho da forteleza de Chalé, chegarão as naos do Reyno em fim de setembro, que forão estas, a saber: Achyles Godinho na nao Castello, Diogo Botelho na Vera Cruz, Manuel Botelho na Trindade, [2] * e Jan' Homem genoês * em Santa Cruz, e Manuel de Macedo na nao Santa Maria da Esperança, nao d'armador, e Pero Vaz, corregedor da corte, em outra nao, que arribou ao Reyno e nom veo. Estas tres naos pera carregar e tornarem pera o Reyno; e as tres de Manuel Botelho, Diogo Botelho, e Janỹ, pera andarem tres annos pera' China e per todas as partes da India feytorisando pera' Raynha. A nao de Manuel de Macedo correo tanto á vela que desatinou os pilotos e outros que carteauão, que nom souberão por onde hião, e lhe nom fizerão a conta a tanto como andaua de caminho, que a todos enganou, e forão tomar nas ilhas de Nicobar, caminho de Malaca, quinhentas legoas de Cochym pera o sul; os quaes achandose assy errados voltarão pera Cochym, e fizerão tão má nauegação. E torno a dizer que esta nao que foy ter a Nicobar foy a nao de Manuel Botelho, que errey dizer a de

[1] Falta o numero no original. [2] * Janỹ Omem ganoes * Autogr.

Manuel de Macedo, que este tambem errando a nauegação passarão * os pilotos * pelo cabo de Comorym, e ouverão vista da ilha de Ceylão que nom conhecerão, e se fizerão na costa de Melinde, porque passarão por antre as ilhas de Maldiua de noite, que as nom virão, e os gardou Deos que nom dessem n'ellas, que este foy o mór seu engano; e fazendose em Melinde fizerão sua nauegação pera' India, e d'ahy a dous dias forão encalhar detrás do cabo de Comorym, em huma ilha rasa defronte de [1] * Calecare *, antes d'amanhecer, que a nao trazia pouquo vento, e encalhou passo, que nom abrio de todo. Deitarão o batel fóra e o esquife, e sendo menhã conhecerão a terra, e descarregarão na ilha toda a gente e muyta fazenda, porque a nao hia enchendose d'agoa. Ao que acodirão barqos da terra pera roubarem, que os nossos nom consentirão chegar, e puserão em terra artelharia com que os enxorauão; mas acodirão oito paraos de ladrões de Calecut, que andauão na costa a roubar, e cometerão a querer queimar a nao; o que os nossos com 'artelharia defenderão, e com muyto trabalho descarregarão muyta fazenda, onde fizerão tranqueiras com as vergas e tauoas que tirauão da nao, e se concertarão, que com 'artelharia os paraos nom ousauão de chegar, mas sempre os esbombardeauão quando podião de dia e de noyte, e casy [2] * tirarão * tudo o da nao e assy estiuerão.

Correo a noua a Cochym; ao que logo lá acodio Antonio Pessoa, que andaua em huma albetoça leuando cousas pera Chalé, e Gomes de Soutomayôr em huma galeota, e casados de Cochym em seus barqos, que forão á nao pera comprar e fretar, de maneyra que quanto estaua na ilha trouxerão a Cochym, e Manuel de Macedo se foy a Chalé ver com o Gouernador, que o despachou pera capitão de Chaul, em que vinha prouido por ElRey. E o Gouernador lhe fez honra, porque nas cartas que lhe ElRey escreueo * vio * que Manuel de Macedo lhe dera conta de seus bons seruiços, e na prisão do Resxarafo [3] * de nada * Manuel de Macedo se queixou a ElRey, antes dixe mil bens de Nuno da Cunha. E o Gouernador tornou a mandar pera o Reyno os nauios da armação da Raynha, porque a China estaua aleuantada, e porque as naos que fica-

[1] * Calycare * Autogr. A perdição da nau de Manuel de Macedo acha-se referida, com mais particularidades, em *Couto*, Dec. IV, Liv. VII, Cap. XI. [2] * tiram * Autogr. [3] * de que nada * Id.

rão da sua armada se perderão *hindo* pera Ormuz; e *o* Gouernador deu a capitania mór d'estes nauios pera o Reyno a Manuel Botelho, que elle e Diogo Botelho nunqua mais parecerão, e ouve presunção que no caminho ambos pelejarão, porque partirão mal auindos, votando o Diogo Botelho que no caminho o auia de meter no fundo se lhe nom fogisse, e assy desauindos se partirão de Cochym, pelo que no caminho, topandose ambos, poderia aquecer alguma desauentura que ambos se perdessem.

D'aquy de Chalé o Gouernador despachou pera o Estreito Antonio de Saldanha, sendo já a forteleza em su' altura, com grossa armada de nauios grossos, e com boa gente, que folgarão de hir, porque Antonio de Saldanha era ditoso em fazer presas. E o despedio já em Feuereiro de 532: o que fez o Gouernador por se despejar da gente que tinha já sobeja, que a obra se hia acabando, e escusar grande gasto que fazia, porque em quanto fez a obra daua muyto dinheiro aos capitães que dauão mesas á gente, com que elles trasião catures pera Cochym e Cananor a trazer mantimentos, que gastauão doze mil almas que estauão no trabalho de Chalé.

Antonio de Saldanha, como os nauios de su' armada concertados, mandou logo diante Manuel de Vasconcellos em huma galeota com dez fustas e catures, e os mandou assy diante porque depois acharião muyto tempo, que corrião risco; e o mandou que o fosse agardar em Çacotorá, e elle fiqou com os náuios grossos, que erão galeões, elle em São Mateus, e nos outros Vasco Pires de Sampayo, dom Fernando d'Eça, Antonio de Lemos, Diogo Botelho Pereira, que *pola* muyta agoa que abrio arribou a Goa, e dom Pedro de Meneses, e Manuel de Vasconcellos, que foy diante como digo, que chegou com as fustas a Çacotorá, e andou derrador da ilha tomando na terra algumas cousas de comer, e se tornou a estar n'agoada, onde foy ter com elle Antonio de Saldanha, que andou correndo e atrauessando *o* Estreito sem achar que tomar, e se foy na volta das portas do Estreito, e porque se auia de fazer muyta detença despedio Miguel de Vasconcellos com as fustas, que o fosse agardar em Xael, e elle foy até vista das portas e voltou pola costa d'Adem, em que nom achou nada, e passou por ella de noite. Manuel de Vasconcellos foy ao porto de Xael, que sendo visto, cuidando os mouros que era mór armada, fogirão com molheres e filhos, e seu fato ás costas que puderão

leuar, e os mouros das embarcações que estauão no mar fogirão das naos. Manuel de Vasconcellos, vendo fogir a gente, mandou ver as naos se tinhão gente, e nom auia nenhuma; e pôs os catures em vigia d'ellas, porque os mouros de noite lhe nom cortassem as amarras e dessem com ellas á costa, ou lhe pusessem o fogo; e elle com a gente sayo em terra, que leuaua duzentos homens espingardeiros, e correo todo o lugar e nom achou gente, e guardou tudo o milhor que pôde de dia, e de noite se recolhia ao mar guardando as naos, e mórmente huma que ahy estaua, muy grande, carregada de muyta fazenda de Meca que hia pera Cambaya, que era nao muy afamada antre os mouros, que o capitão d'ella seguraua as fazendas á vela, que era tão grande veleira que sendo muytas vezes achada de nauios nossos se saluaua á vela, e afóra ysso trazia muyta artelharia, e quatrocentos homens de soldo afóra outros tantos que a nauegauão, todos homens de peleja, que se chamaua a Cufe turqa [1], que era muy nomeada, e por assy andar armada pera se defender e pelejar, e * ser * tão grande de vela pera fogir que o capitão seguraua as fazendas á vela, lhe dauão frete dobrado das outras. E quando as nossas fustas chegarão o capitão estaua em terra pera morrer, e por ysso a nao estaua sem gente, que elle mandou os marinheiros que lhe fossem deitar fogo, e nom puderão por amor da vigia dos nossos; de que o capitão com paixão morreo. A cabo de dez dias chegou Antonio de Saldanha com 'armada, sendo já roubado o lugar de muyto fato, que de noite os mouros vinhão acarretar, que os nossos estauão nó mar; onde Antonio de Saldanha logo deu saqo na terra, em que inda se achou muyto fato. Então mandou recolher a fazenda da nao turqua nos galeões com bom recado, e escrita polo feitor d'armada, e mandou pôr o fogo á nao, e nom quis tomar cinco mil pardaos d'ouro, que lhe dauão por ella huns mouros de Cananor que * ahy * estauão. 'O que os capitães lhe forão á mão que se nom perdesse aquelle dinheiro; mas elle nom quis senão queimala, dizendo que de sua fazenda pagaria a ElRey a sua parte, antes que nauegar aquella nao pola India com tanta soberba enrequicendo tantas viages a Meca. E logo mandou Manuel de Vasconcellos com as fustas a

[1] Çafeturca se lê em *Castanh.* Liv. VIII, Cap. L, o qual diz que esta nau seria de oitocentas tonelladas, e era a maior de quantas andavam n'aquella carreira.

Mascate, onde [1] * elle * hia enuernar, que [2] * tambem * logo partio e esteue em Mascate até entrada d'agosto, onde fez boa venda da fazenda da nao Cufe turca, e se partio e foy demandar a costa acima de Dio, deixando Manuel de Vasconcellos com as fustas em Mascate, que partisse em setembro, porque elle com os galeões auia d'agardar na costa as naos de Meca, que o tempo era forte per' as fustas. E assy o fez, que esteue vinte dias agardando as naos, em que tomou muytas, e d'ellas derão á costa, e com as tomadas se foy a Chaul, onde as vendeo e as fazendas, com que os homens forão riqos, e deu cousas no soldo, e pagouse de seus ordenados que lhe deuião e 'alguns seus amigos, e aos capitães, e a Diogo de Saldanha seu sobrinho, e se foy a Goa onde estaua o Gouernador, a que entregou pera ElRey passante de duzentos mil pardaos, que forão as móres prezas que se fizerão na India; mas o Gouernador, nom contente com tanto dinheiro e oitocentos escrauos pera as galés, porque pera elle Antonio de Saldanha nom leuou algumas peças riqas, de muytas que lhe disserão que tomarão, se mostrou d'elle menencorio, tomando achaque porque dera cousas nos soldos e pagara [3] * ordenados a sy elle mesmo *, que valerão trinta mil pardaos, * e * mandou que logo os entregasse, como entregou e d'ysso tirou certidões e do muyto dinheiro que entregara na feitoria, e fiqou de quebra com o Gouernador, e se fez prestes e partio pêra o Reyno nas naos que este anno de 532 forão [4] * pera o * Reyno. O que lhe o Gouernador quisera tolher por sua vingança, e nom pôde, porque Antonio de Saldanha mostrou prouisão d'ElRey que se fosse pera o Reyno cada vez que quigesse, e escolhesse nao pera sy das que fossem, e de todas fosse capitão mór, se do Reyno nom fosse nas taes naos.

CAPITULO XXX [5].

GUERRA DA ENSEADA.

Em quanto o Gouernador assy estaua fazendo a forteleza de Chalé, Diogo da Silueira andaua guerreando a costa de Cambaya, porque tanto que o tempo do inuerno deu logar, que foy na entrada d'agosto, o Gouerna-

[1] * lhe * Autogr. [2] * tam * Id. [3] * ordenados e asy elle mesmo * Id. [4] * do * Id. [5] No original falta-lhe o numero.

dor mandou partir Diogo da Silueira que fosse guerrear a costa de Cambaya; e partio com dez fustas e em Chaul foy tomar outras dez, que em todas leuou tresentos homens limpos e espingardeiros, e mórmente que em Chaul os escolheo como quis, porque o muyto importunauão pera hirem com elle. O qual foy correndo a costa, em que nom achou que fazer, porque tudo era despouoado e a gente recolhida pola terra dentro; e foy ao porto de Taná pedir ao tanadar, que era capitão da terra, que pagasse pareas que se obrigara a pagar hindo lá Heytor da Silueira, o qual estaua aleuantado e com gente de guerra pera se defender, e Diogo da Silueira lhe mandou recado que désse as pareas, e lhe respondeo que lhas nom podia dar, porque as comião soldados e frecheiros que tinha prestes pera lhas darem, se elle as quigesse hir tomar. E esta fouteza tomou o tanadar porque Melique Tocão de Dio mandara hum seu capitão, com dous mil homens de gornição, que estivesse em Baçaim, onde estaua fazendose muyto forte; o qual capitão mandou seu recado ao tanadar de Taná que lhe daria muyta gente, com que os nossos nom ousassem de entender com elle; e por ysso o tanadar estaua assy valente, com tranqueira muy forte diante do lugar, que estaua junto de huns penedos, que de baixa mar todo o rio ficaua seco. O que Diogo da Silueira muyto arreceou, porque cometendo compria d'acabar o feito antes de vazar a maré; e sobre ysto tomou acordo com homens caualleiros e fidalgos, que leuaua em sua companhia, que duvidarão o feito, porque os mouros erão muytos e estauão fortes, e auia d'auer detença em os desbaratar, ao que lhe nom daria vagar a maré; mas toda a gente cobiçando o roubo, que esperauão achar no lugar, em que se fazia grã soma de roupa branca, e Diogo da Silueira dizendo que nom era [1] * rezão, chegando * ally com aquella armada, passar d'ally sem fazer nada e tratando da maré, se fez prestes com toda a gente bem concertada, e entrou o rio á bespora, que era mea maré chea, porque nom auião d'entrar enchendo e hir deuagar esperando, porque 'agoa era pouqua, mas como entraua com grande corrente prestesmente enchia e assy vasaua. Com que as fustas forão concertadas com su' artelharia, e os catures diante, porque demandauão mais pouqua agoa. Por nom chegarem tão prestesmente os mouros lhe derão grande curriada d'artelharia, e mais ao perto infinita pedra de fundas;

[1] * rezão que chegando * Autogr.

mas os nossos por sua saluação chegarão quanto mais asinha puderão, que na tranqueira tiuerão muyto trabalho, porque os mouros erão muytos; mas os nossos pelejauão muyto fortemente com temor da maré que auia de vazar, e postoque os mouros muyto trabalhauão nom poderão soffrir os fains dos nossos, e forão largando a tranqueira com humas lanças de fogo com que os remeiros acodirão, o que fez coração aos nossos, que os forão leuando ás lançadas, entrando polo lugar, que logo passarão e forão fogindo polo campo. Ao que os nossos nom seguirão, que Diogo da Silueira nom consentio, e se meterão ao saquo e carretar pera as fustas, que já maré era chea, e foy * a * roupa tanta que metião nas fustas que Diogo da Silueira se recolheo n'ellas, e as fez largar porque nom metessem mais roupa. Com que os homens muyto se queixauão. Do que Diogo da Silueira com muyta paixão mandou remar, porque a maré já vazaua; o que vendo os homens s'embarcarão carregados de roupa, no que se tanto embaraçauão que a maré foy vazando, com que se forão polo rio após Diogo da Silueira. E porque 'agoa muyto vazaua as fustas hião toqando, com que alguns alijauão os fardos da roupa ao mar por nadar, mas outros que nom alijarão fiqarão em sequo no meo do rio, direitas na vaza, que era muy grande. O que vendo Diogo da Silueira, porque nom ouvesse algum máo recado, tambem se deixou ficar em seqo com elles; onde logo d'ambas as bandas acodirão muytos frecheiros que fortemente tirauão aos nossos, e elles aos mouros, com as espingardas e com 'artelharia, que os mouros nom tinhão mais que na estancia, que os nossos tomarão e deitarão na vaza ally onde estauão, que era muy alta. No qual trabalho estiuerão os nossos até que veo a maré, que tiuerão muyto mayor porque nom se podião ter com as fateixas á grande corrente d'agoa, até que foy chea, com que sayrão do rio com dous homens mortos e alguns feridos de frechas. E sendo no mar, Diogo da Silueira se mostrou muy agastado com as fustas que hião empachadas com a roupa, dizendo que nom podião pelejar assy como hião; e foy na volta de Chaul, e chegando ao rio de Bandorá tomarão de noite huma nao que hia carregada de mantimento d'arroz pera Dio, que Diogo da Silueira mandou recolher nas fustas pera seu gasto, e [1] * a roupa * baldear na nao, que toda coube, que escreueo hum homem quantos fardos erão de

[1] * as roupas * Autogr.

cada fusta, o qual, com outros seis e hum catur em sua companhia, mandou pera Chaul. E dos marinheiros da nao soube que em Bandorá estaua muyta gente que enuernára, e se queria hir pola terra dentro, e o nom fazião porque tinhão muyto arroz pera vender; polo que Diogo da Silueira fez a gente prestes, e entrou no rio, de que fogio logo toda a gente; mas os nossos tomarão muyta fardagem de fato da gente e muytos boys em que o auião de carregar, que todos matarão pera seu comer, e deitarão muyta leynha sobre o arroz, que fizesse fogo forte, e puserão fogo ás casas, que erão grandes como celeiros, cubertas de palha, que o fogo foy tamanho que todo o arroz foy queimado e tudo destroydo, que foy grande perda pera Dio. E sayndo do rio correndo polo mar, ao longo da costa queimarão muytas cotias carregadas d'arroz, azeite, grãos, e outros mantimentos, que leuauão pera Dio, e outras carregadas de madeira, que leuauão pera Dio de Baçaim, que Diogo da Silueira mandou pera Chaul. No que andou gastando todo o verão até abril de 532, que se foy pera Goa, ondé já estaua o Gouernador, que viera de fazer a forteleza de Chalé.

CAPITULO XXXI [1].

DO QUE FEZ DIMIÃO BERNALDES ALEUANTADO, E COMO FOY MORTO.

N'ARMADA de Dio foy seruir hum homem chatym com hum nauio seu, chamado Dimião Bernaldes, a que o Gouernador deu viagem pera Bengala em seu nauio pelo seruiço que fizera. O qual foy seu caminho, e deu comsigo na costa de Choromandel, onde fez grandes roubos no mar e na terra, onde quer que podia, tomando naos e champanas com cartazes e seguros do Gouernador, que nada guardaua; e deixando estes males feitos se foy a Bengala, e estando na costa em huma ilha foy ter com elle huma fusta de rumes, com os quaes pelejou, e matou e catiuou, e tomou a fusta com muyta riqueza que elles trazião de roubos que fazião; e depois tomou huma galeota com muyta artelharia, e matou os mouros, e recolheo pera sy muyto dinheiro e joyas d'ouro e de prata, e o fato velho daua aos soldados; de que elles andauão muyto agastados. E por-

[1] Faltou, no original, marcar o capitulo e sua numeração.

que foy dito ao Gouernador os males que este homem fizera na costa de Choromandel, elle escreueo huma carta ao gozil de * Chatigão * [1], que se lá fosse ter o prendesse, e lhe tomasse quanto lhe achasse e o nauio; e esta carta lhe mandou per hum mercador conhecido, a que o Gouernador deu licença que fosse a Bengala com huma sua nao; e lhe dizia que se o nom pudesse prender, e se defendesse, que a todos matasse, e lhe queimasse o nauio com quanto tiuesse, porque na costa de Choromandel fizera muytos males; e que sobre isto gastasse quanto custasse, que tudo lhe pagaria. O gozil mostrou esta carta a hum Nuno Lobo e João Freire portugueses, que lhe disserão que o sinal da carta era do Gouernador, mas que nom bolisse com o Dimião Bernaldes, que hy estaua, porque elle e todos primeyro auião de morrer que os tomassem; * e * o deixasse hir, porque o Dimião Bernaldes se hia apresentar ao Gouernador com a galeota que tomára, e muytos mouros que catiuára, e com riqas joyas de pedraria que lhe leuaua, que lhes amostrára; e que n'ysto estaua muyto confiado que contentaria o Gouernador, e por ysso sem arreceo se queria hir ao Gouernador, e a elles e a outros seis homens lhe entregaua a galeota com 'artelharia e mouros, pera que fossem n'ella até chegar ao Gouernador. O gozil, perante o mercador que lhe leuára a carta, nom sabendo se o enganauão os portugueses, lhes pedio seus assinados do que dizião, pera os mandar ao Gouernador pera saber o porque nom fizera o que lhe elle mandára.

O Dimião Bernaldes estaua na barra, e de noite hia a terra fazer saltos e roubos, e matando e catiuando moços e moças, que metia debaixo de cuberta porque nom bradassem quando algum passasse; e huma noite, hindo a terra o Dimião Bernaldes, deu com hum mouro honrado, capitão de gente de guarda da terra, que per seu officio se chamaua gormale, que acertou de andar só; com o qual falando o Dimião Bernaldes o liou e meteo no batel, e os que hião com elle pelejarão e ferirão os criados do mouro, que o Dimião Bernaldes leuou ao nauio e meteo em ferros debaixo de cuberta. O que os criados do mouro forão dizer á cidade, pelo que logo forão presos perto de vinte portugueses que andauão tratando na terra, d'outros nauios que hy estauão, e o gozil mandou dizer ao Dimião Bernaldes que lhe désse o gormale e soltaria os portugue-

[1] V.ª *Castanh.* Liv. VIII, Cap. XLVI. No Autogr. está escripto *Chatym.*

ses. Elle lhe respondeo que os portugueses mandasse enforcar, se quigesse, e a elle mandasse cinco mil pardaos e lhe mandaria o gormale, e senão que nunqua o mais verião dos olhos.

A este tempo estauão na galeota de Dimião Bernaldes os dous portugueses de que o gozil tomára os assinados, com outros oito homens que já tinhão suas fazendas recolhidas, e tinhão bom piloto e marinheiros, e de todo bem concertados. Nom ousarão de tornar a terra, porque o gozil nom lançasse mão d'elles porque o mal aconselharão, e tambem ouverão medo que Dimião Bernaldes os tomasse e suas fazendas, porque segundo as cousas que fazia os enganára, e nom auia de hir á India; e n'ysto auendo seu acordo assentarão de fogirem de noite na galeota e se hirem á India. O que assy pondo por obra, sayndo polo rio forão sentidos do nauio de Dimião Bernaldes, e bradarão; ao que acodio, mas já a galeota nom parecia, que leuaua bom vento. De que o Dimião Bernaldes ficou muy magoado, determinando hir após a galeota, e se 'alcançasse a meter no fundo, matando quantos n'ella hião. Então á pressa soltou o gormale a troquo dos portugueses que lhe deu o gozil, e se partio pera' barra, onde toqou e perdeo o leme, e deixou o nauio entregue a hum seu primo, e se meteo em hum bargantym que tinha, e deu a vela após a galeota, que a nom alcançou, porque nauegarão ao cabo de Comorym, que tomarão sem ver outra terra, e sendo perto de terra toparão hum catur que lhes deu noua que o Gouernador estaua fazendo a forteleza de Chalé, onde se forão e entregarão a galeota ao Gouernador, que com ella muyto folgou e 'artelharia, e elles lhe contarão tudo o que passarão em Bengala com Dimião Bernaldes, de que o Gouernador fiqou magoado de o nom prenderem ou matarem. O qual Dimião Bernaldes foy ter ás ilhas de Jafanapatão, que conhecia muy bem, e atou derrador de sy riqas joyas de pedraria, que tomára, e muyto dinheiro metido em fardinhos de roupa que fez, que com seus moços hia lauar a terra, onde se embrenhou e escondeo. O que vendo os do bargantym, que o muyto buscarão dous dias, e nom achando, se forão ao Gouernador e lh'entregarão o bargantym e algum fato do Dimião Bernaldes, o qual se pôs em lugar que vio partir o bargantym. Então tomou huma almadia grande a huns pescadores, que lhe bem pagou, e n'ella se meteo com seus escrauos, que erão quatro, que elle tinha de muyto tempo e trataua como filhos, e se passou á terra de Negapatão, e se meteo em hum rio onde auia

huma pouoação e estaua hum digar, com tenção d'ally se hir a Bisnegá e de lá auer perdão do Gouernador. O Gouernador mandou auiso a Miguel Ferreira, que era capitão da costa, que trabalhasse por auer ás mãos Dimião Bernaldes viuo ou morto, com quantas peitas pudesse dar, e désse auiso em toda a terra se elle hy tornasse o prendessem ou matassem. E como o digar d'este lugar tinha este auiso, sabendo que era o Dimião Bernaldes o prendeo em ferros e os seus negros, e mandou recado a Miguel Ferreira, que mandou hum filho seu, em hum catur, que o tomou, e lhe deitou muytos ferros, e aos negros, que já pera isso lhe dera seu pay, e o meteo no catur muyto a bom recado e o leuou a Goa ao Gouernador. Do que o Dimião Bernaldes nom hia muyto agastado, pela riqueza que leuaua derrador de sy, que nunqua ninguem teue acordo de o buscar. E foy metido no tronqo, donde se ordenou com Simão Ferreira, sacretario, que era seu amigo e lhe ouvera do Gouernador a licença pera hir a Bengala, e com o que largou da mão seus escrauos forão soltos, e elle, sobre tantas mortes e roubos, foy sentenciado por dez annos pera o Brasil, e lhe delongarão a embarcação, com que morreo no tronqo, e se dixe que de peçonha; e lhe acharão joyas, e pedras, e perolas, qne valerão seis mil cruzados, afóra mais de outros seis mil que tinha peitados, segundo se dixe.

CAPITULO XXXII [1].

COMO, ÇARRADO O INUERNO, O GOUERNADOR POR ENFORMAÇÃO DE DIOGO DA SILUEIRA ASSENTOU DE HIR DESTROYR BAÇAIM; E OUTRAS COUSAS QUE SE PASSARÃO ATÉ CHEGADA DAS NAOS DO REYNO.

O Gouernador se recolheo a Goa çarrado o iuuerno, onde se recolheo muyta parte d'armada, e outra fiqou em Chaul pera auer corregimento, que Manuel de Macedo se conuidou pera no verão hir guerrear a costa de Cambaya, que o Gouernador lhe concedeo, e nom foy polo que socedeo.

O Gouernador era muy contente do seruiço de Diogo da Silueira,

[1] A este capitulo, que no original é o XXX, deu-se aqui a numeração que lhe pertencia, e assim aos seguintes.

polo que o fez capitão mór do mar; o qual falou com o Gouernador e lhe deu muyta enformação, dizendo que tinha bem sabido per mercadores, homens de credito e que o bem sabião, que tratauão nas terras de Cambaya, que em Baçaim auia grande escala de naos, que d'ahy passauão pera Meca carregadas de grossa e delgada madeira, de que se prouião as galés dos rumes e todo o Estreito, onde valia muyto; do que auia em Baçaim grandes tratantes, que comprauão e recolhião esta madeira da terra firme, e em Baçaim [1] *a* tinhão metida debaixo da vaza, onde se curaua e fazia muyto milhor e estaria muytos annos sem nunqua se danar; e estes a vendião aos mercadores que a vinhão buscar de Meca, e pera Dio. E que em Baçaim auia mercador apropiado que compraua esta madeira pera os rumes, de que concertauão suas galés. E que os rumes tinhão muyto em fantesia, se passassem a esta costa da India, se meterem e fazerem fortes n'este Baçaim, porque tinhão milhor auiamento pera sua armada que em outra nenhuma parte. O que tudo soubera por espias que lá mandára, que tudo bem souberão e virão per seus olhos. Polo que, pois isto tanto importaua, muyto compria este tamanho mal atalhar, que nom fosse em mais crecimento; e mórmente agora que, depois do feito de Dio, Melique Tocão mandára a Baçaim hum seu sobrinho, que se chamaua como elle, com muyta gente, e fazia huma forteleza muy forte, com torres e cubellos e tranqueiras na terra e estacadas no rio, que o hia fazendo tão forte como outro Dio; em modo que se o pecado trouxesse os rumes, que ally se metessem, seria hum mal que custaria muy caro. O que ouvido polo Gouernador logo tratou d'isso em conselho, dandolhe esta miuda conta, dizendo que lhe parecia que muyto compria, pera resguardo de tamanhos inconuinientes, fazer ally huma forteleza, que ficaua mais perto de Dio, pera d'ahy sayrem nossas armadas a guerrear Cambaya. No que se mouerão duvidas que forteleza nom se deuia de fazer, porque fazendose era tão perto de Chaul que erão dous grandes gastos que nom era seruiço d'ElRey, ou que se Baçaim se fizesse Chaul se desfizesse; assy que fazer e desfazer fortelezas parecia que nom se devia de fazer sem o mandar ElRey; e por entanto compria muyto que o Gouernador fosse a Baçaim e o arrazasse por terra, que bastaria em tanto que ElRey n'ysso prouesse. O que todo bem praticado, foy as-

[1] *e* Autogr.

sentado que sómente Baçaim fosse destroydo, ao que o Gouernador fosse em pessoa. Polo que o Gouernador, pera lá hir, se apercebeo n'este inuerno d'armada e de todo o que lhe compria.

CAPITULO XXXIII [1].

DA CONTENDA QUE O GOUERNADOR TEUE COM ANTONIO DE MACEDO, OUVIDOR GERAL, QUE MANDOU PRESO PERA PORTUGAL.

Antonio de Macedo, ouvidor geral, e prouedor mór, tisoureiro dos defuntos, e quadrilheiro mór das prezas da India, era homem de muyta autoridade e muy vero em fazer justiça. Tinha toda alçada no ciuel, e nos casos crimes o Gouernador assinaua as sentenças: e como trazia o ponto muyto na honra da justiça, em que sempre estaua acupado, e ás vezes estando em despacho com o Gouernador, que acabaua, e o Gouernador caualgaua, lhe mandou algumas vezes que fosse com elle, o que assy fazia, mas o Gouernador andando tomaua pratica com algum fidalgo, e queria que o ouvidor o acompanhasse hindo diante d'elle com sua vara, o ouvidor entendeo isto e o nom quis fazer, e quando o Gouernador caualgaua, que se despedia, hia caualgar e se hia pera sua casa. De que o Gouernador tinha muyto desgosto, e o falou algumas vezes a homens que o disserão ao ouvidor, como em conselho, que parecia bem quando elle hia diante do Gouernador com sua vara. Ao que respondeo algumas vezes que seu cargo era estar assentado ouvindo e despachando partes, e nom hir diante do Gouernador pelas ruas com vara aleuantada como porteiro. O que assy foy dito ao Gouernador, que d'elle tinha este desgosto; em modo que o ouvidor nunqua via ao Gouernador senão quando hia ao despacho, que o Gouernador lhe fazia vagaroso, e ás vezes estaua fora agardando até que o mandaua entrar, e muytas vezes se escusaua, e tornaua pera casa sem despachar.

Andando assy, socedeo que hum domingo, estando toda a gente nas igreijas, o meyrinho prendeo hum homem, e o leuando preso bradou áque de Diogo da Silueira [2], porque passaua pola sua porta. Ao que sayrão os

[1] No original é o cap. XXXI. [2] Isto é: Aqui, gente de Diogo da Silveira, ou acudam-me os de Diogo da Silveira.

criados e negros da casa, e tomarão o preso, e espancarão o meyrinho e lhe quebrarão a vara. Do que se foy queixar ao ouvidor, que acertou de hir então pera' igreija com hum alcayde, e acodio lá, apenando homens da rua que acodissem da parte d'ElRey, e foy a casa de Diogo da Silueira, e pedio o preso a hum seu veador que sayo á porta; o que elle nom quis fazer, mas antes respondeo mal ensinado. Ao que o ouvidor mandou ao alcayde que o prendesse; ao que ouve briga, e acodirão os de casa, e tambem acodio o preso que era tomado, que o ouvidor mandou tomar, e foy preso. E se foy, nom prendendo o viador, dizendo que d'elle faria queixume a Diogo da Silueira, que o castigaria; ao que o veador inda falou muyto pior. E o ouvidor se foy pera casa até ver o que socedia, que nom tardou, porque forão dar rebate a Diogo da Silueira á igreija onde estaua com o Gouernador, e a grã pressa foy a sua casa, bradando com os seus porque nom depenarão as barbinhas a hum rapaz judeu que ElRey mandaua á India por ouvidor geral; de que elle tinha muyta culpa. E com esta palaura soltou outras muy desolutas e mal faladas contra ElRey, como homem danado, querendo hir buscar o ouvidor com grande ounião. * O * [1] que sendo dito ao Gouernador na igreija onde estaua, mandou á pressa Antonio da Silueira dizer a Diogo da Silueira que nom saysse de sua casa, que o auia por preso n'ella. O que o Gouernador assy fez porque nom fosse a casa do ouvidor, como lhe disserão. O Gouernador acabada a missa se foy pera sua casa, e mandou chamar o ouvidor e d'elle soube todo o caso e deshonras que contra elle fallarão, mas nom fallou nada do que Diogo da Silueira fallára contra ElRey; e o Gouernador lhe mandou que tirasse deuassa, e que lhe faria justiça. O que assy o fez o ouvidor; mas depois, sabendo as cousas que Diogo da Silueira fallára contra ElRey, ouve muyto pesar, e se rependeo de mandar ao ouvidor que tirasse a deuassa, mas dessimulou, esperando de amansar tudo. O ouvidor tirou a deuassa polas testimunhas que estauão presentes, que era cousa fêa per que Diogo da Silueira devera d'auer grande castigo d'ElRey, mais que cabeça cortada, segundo as cousas que fallou em pubrico de muyta gente, que tudo soube o Gouernador, e andaua muy agastado. E Diogo da Silueira, depois de esfriar de sua paixão, que lho disse o Gouernador, quisera meterse com o ouvidor

[1] * ao * Autogr.

e pedirlhe perdão, e fazer grandes comprimentos; e o fallou com alguns homens principaes, que o fallarão ao ouvidor. No que elle se mostrou desagastado, dizendo que nunqua de Diogo da Silueira se queixaria de suas deshonras; mas que com ElRey lhe ficaua a contenda, que tudo auia de saber, e elle deuassar, porque nom queria que o acusassem ante ElRey se nom deuassasse. Com que o Gouernador era muy agastado, porque tambem caya em muyta [1] * culpa * a ElRey * por * nom fazer n'isto o que compria, que era caso tão forte, que tanto importaua; e dessimulaua, e prendeo Diogo da Silueira em sua menagem, e dizia ao ouvidor que acabasse a deuassa e lha leuasse, pera entender no caso e fazer o que comprisse. Mas o ouvidor, que tudo entendia, andou com delongas, temendo que o Gouernador lhe tomaria a deuassa e * a * queimaria; polo que a treladou em muyto segredo, e concertou e autorisou como compria, que gardou muyto bem, e a outra leuou ao Gouernador, dizendolhe o ouvidor, e mostrandolhe a ordenação, que elle nom podia entender nem julgar este caso, [2] * porque tocaua * a enjuria d'ElRey, que ninguem podia julgar senão elle. O que o Gouernador com dessimulação dessimulou, dizendo que assy o faria, que o mandaria a Portugal com suas culpas, que elle mandaria a deuassa com suas cartas. O que o ouvidor nom recusou, com tenção que elle mandaria a deuassa que tinha na mão, [3] * porque bem sabia que o Gouernador nom auia * de mandar a que tinha.

O Gouernador mandou leuantar a menagem a Diogo da Silueira, e o fez capitão mór do mar, o qual andaua muyto negociado na Ribeira e almazens dando auiamento; e sendo já agosto, que o Gouernador o mandaua hir com 'armada á costa, o ouvidor mandou os juizes da cidade com hum tabalião, que forão em busca de Diogo da Silueira e o acharão hir a cauallo pera a Ribeira, e os juizes se lhe puserão diante com o barrete na mão, e lhe dixerão: « Senhor Diogo da Silueira, nós vos auemos por emprazado que, sò pena do caso mayor, vades, na primeira embarcação que partir ao Reyno, per vossa pessoa apparecer ante ElRey nosso senhor. Do que, senhor, assinai n'este auto. » O qual o tabalião já leuaua feito. Elle esteue quêdo, e ouvio tudo, e respondeo:

[1] * cul * Autogr. [2] * porque era que tocava * Id. [3] * porque o Gouernador bem sabia que nom auia * Id.

« Eu obedeço, e comprirey o que me dizeys enteiramente, com manda- »
« do do senhor Gouernador; e por tanto escuso assinar. » E se tornou ao Gouernador, e os officiaes e juizes se tornarão ao ouvidor, e acabarão e assinarão o auto, e lho derão, e se forão pera suas casas.

Os quaes o Gouernador logo mandou chamar, dizendo que como fazião elles tal cousa, emprazando Diogo da Silueira sem lho elle mandar? Elles, ficando trouados, responderão que o fizerão por mandado do ouvidor geral, parecendolhe que era mandado por sua senhoria; que huma cousa como aquella nom o mandaria o ouvidor fazer sem seu mandado. O Gouernador mandou chamar o ouvidor geral, e se mostrou muy iroso contra elle polo que fizera; que tal emprazamento elle o nom podia fazer, sem lho elle mandar; que outra tal lhe nom acontecesse, e rompesse o auto, que nom auia por bom o emprazamento que tinha feito; porque Diogo da Silueira era capitão mór do mar, que nom auia de hir ao Reyno, que o auia mester pera o seruiço d'ElRey em que * o * mandaua. Respondeo o ouvidor: « Senhor, eu fiz o que compre a meu cargo e obri- »
« gação a ElRey nosso * senhor. * Agora mande vossa senhoria o con- »
« trairo, se o póde mandar. » O Gouernador se leuantou da cadeira, dizendo: « Eu o posso mandar, e enforcar cem ouvidores, se me desobe- »
« decerem.[1] » O ouvidor lhe disse: « Senhor, isso confesso que vossa se- »
« nhoria tem todo poder, que ElRey nosso senhor volo dá nas cousas de »
« seu seruiço bem feytas, e se taes nom forem d'isso lhe tomará conta. »
O Gouernador mandou que se fosse, e o nom quis ouvir, que mais quisera falar.

E o Gouernador praticando esta cousa com alguns fidalgos, alguns o azedarão; outros disserão que olhasse que nom fizesse cousa que ElRey ouvesse por mal, pois d'elle tanto confiára que dizia em seu regimento que o nom mostrasse a elle Gouernador se nom quigesse; que elles o virão por seus olhos. O Gouernador disse: « Bem sey que assy o »
« traz, e por isso he tão isento. » E logo mandou o sacretario Simão Ferreira com seu assinado, em que mandaua ao ouvidor que entregasse ao sacretario as vias das socessões, que ElRey mandaua que estiuessem em poder do sacretario. O ouvidor vio que isto era romper com elle, e res-

[1] Este facto, despresado por *Francisco de Andrada*, explica o rigor de D. João III contra Nuno da Cunha.

pondeo que o védor da fazenda Afonso Mexia lhas entregara, per mandado assignado por ElRey; que assy elle as entregaria mostrandolhe mandado d'ElRey a quem as désse, e logo lhas entregaria. A esta reposta nom teue o Gouernador paciencia, e mandou logo aos juizes com hum tabalião, e com elles Ruy Vaz Pereira e Pero de Faria, que fossem a casa do ouvidor, e o fizessem estar assentado em huma cadeira diante d'elles, sem o deixarem aleuantar, e mandassem ante sy trazer todas suas arquas e papés que tiuesse em seu estudo, e perante elle tudo abrissem, e o sacretario ally abrisse todos os papés que achasse, e buscasse as socessões e as tomasse, e quaesquer outros papés, e dos que tomasse o tabalião [1] * fizesse * auto, que désse ao ouvidor, se lho pedisse.

Entrarão estes fidalgos e officiaes assy de supito, estando elle pera jantar, e fizerão o que lhe o Gouernador mandara. Ao que * o * ouvidor deu grandes brados, bradando com requerimentos e protestos contra os fidalgos e officiaes, que em suas arqas e papés nom bolissem, em que tinha n'elles o segredo d'ElRey, que lho nom podião deuassar. Ao que elles responderão que fazião o que mandaua seu Gouernador da India, que se o bem ou mal mandaua fazer que ElRey lhe tomasse a conta; dando ao tabalião o mandado que leuauão do Gouernador, e pedindo estormento com o trelado d'elle. E todolos papés que acharão puserão em monte ante elle, e hum e hum forão vistos, pedindolhe as socessões, * e * elle dizendo com grande paixão: «Eu as nom darey, que de mim ElRey as fiou, » «e não de quantos estão na India, e se mas tomardes por força a El- » «Rey nosso senhor se faz essa offensa, e * a * mim não. » Reuoluendo os papés lhe acharão huma folha de minuta de huma carta pera ElRey, em que lhe dizia grandes males do Gouernador ácerqua d'este feito de Diogo da Silueira, e d'outros erros de que o acusaua do feito de Dio, o qual papel o sacretario recolheo. Sobre que o ouvidor fez grandes escramações contra o sacretario e os fidalgos, que lhe nom tomassem nenhum papel, senão os que o Gouernador mandaua. E corridos todos os [2] * papés nom * se acharão as socessões, que acertou de as ter elle metidas dentro em hum liuro de seus Bartolos, em que as metera por estarem milhor gardadas da omidade; e sendo todos os papés corridos, e nom achadas as socessões, o fizerão saber ao Gouernador, que tambem lhe disserão dos

[1] * fi * Autogr. [2] * papes e nom * Id.

capitolos da carta que acharão. O Gouernador mandou que lhe pedissem as socessões, e se as nom désse que o leuassem ao tronqo e o carregassem de ferros. O que o ouvidor recramou que tal prisão lhe nom podião fazer, sendo do habito de Christus e com os cargos que tinha, que ninguem lhe podia tirar nem quebrar. O que nada lhe valeo, e foy metido no tromquo, e deitados grandes ferros, sem mais nada lhe bolirem em sua casa.

O ouvidor, como era homem auisado, vendo que polo papel que lhe era achado o Gouernador lhe ficaua imigo capital, dessimulou com sua prisão, em que ouve que estaua mais segura sua pessoa, que andando solto o podia mandar matar per modos fengidos em arroidos falsos, ou á espingarda, que quem lho fizesse tinha segura saluação; e com este bom conselho se deixou estar, sem falar mais em sua prisão, nem em nada; nem queria falar com muytos que o hião visitar, temendo que erão mandados do Gouernador pera tirarem d'elle; e assy esteue preso. Então o Gouernador o mandou meter na torre de Naruhá, com uma adoba de quatro élos, em huma corrente, que nom se bolia de hum lugar, sem pessoa alguma falar com elle. E hum negrinho do capitão lhe leuaua o comer que lhe trazião, porque estaua fechado em huma camara, de que o capitão trazia a chaue no braço.

Onde assy estando chegarão as naos do Reyno a Goa, em que veo Pero Vaz pera védor da fazenda, que trouxe prouisão d'ElRey que o ouvidor geral lh'entregasse as socessões que lhe entregara Afonso Mexia, que mostrou ao Gouernador, que logo mandou a Naruhá hum juiz e hum tabalião que fossem pedir ao ouvidor as socessões e lhe mostrassem a prouisão d'ElRey; e mandou que o védor da fazenda fosse lá e as recebesse de sua mão, se as entregasse. Mas hindo elles, e falando com o ouvidor, dixe ao védor da fazenda que as socessões elle as tinha em boa guarda, mas que o Gouernador lhe mandara deuassar e dar saco em sua casa e arqas, de que lhe leuarão os papês que quiserão e as socessões que estauão antre elles, que lhas leuarão escondidas, que elle as nom vira, porque lhe nom ficarão em casa, nem as tinha. E assy o jurou nos santos auangelhos, com taes palauras que a todos fez crer o que assy jurara.

Com que se tornarão ao Gouernador que com muyta paixão logo mandou trazer o ouvidor e meter no tronqo, e o mandou meter em huma corrente com hum colar de ferro no pescoço, e antre as sugidades dos

presos, jurando que ally o auia de ter até que se fosse pera o Portugal; e que na bomba o auia de leuar e entregàr a ElRey. Foy tão martyrisado o ouvidor onde estaua, dos ferros e fedor, que mandou chamar o védor da fazenda e lh'entregou as socessões; o qual por elle foy rogar ao Gouernador que o mandasse tirar donde estaua. Do que aprouve ao Gouernador, e mandou fazer auto do juramento falso, que jurara, dizendo que nom tinha as socessões e as entregara, e lhe ajuntou outros males com a carta dos capitolos, e o mandou, preso em ferros, em hum nauio que partio primeyro que as naos da carga, e escreueo a ElRey que o ouvidor lá lhe dixesse seus males, e o mandasse castigar. Mas ElRey nada quis ver nem ouvir até que o Gouernador fosse da India, que os ouviria ambos; e o Gouernador hindo pera o Reyno morreo no caminho; e tambem morreo seu pay Tristão da Cunha. No Reyno nom ouve quem falasse; o ouvidor fez sua demanda contra os herdeiros, e ouve sentença que lhe pagassem seus ordenados e percalços, que passarão de dez mil cruzados.

Passandose estas cousas, que durarão o inuerno até setembro, que o Gouernador já estaua prestes pera partir, chegarão as naos do Reyno, que forão estas.

ARMADA

DO

ANNO DE 532.

CAPITULO XXXIV [1].

Em quatro dias de setembro veo 'armada do Reyno sem capitão mór, que mandou ElRey que cada hum andasse quanto pudesse, e vierão capitães das naos, a saber: Pero Vaz, corregedor da corte, na nao São Miguel, pera védor da fazenda e capitão de Cochym, que o anno passado arribara ao Reyno; e Antonio Carualho, pera escriuão da fazenda, nos Reys Magos; e Vicente Gil, armador, na nao Graça; e dom Esteuão da Gama, filho do Conde almirante dom Vasco da Gama, na nao Santisprito, pera capitão de Malaca; e dom Paulo da Gama, seu irmão, na nao Santiago, tambem pera capitão de Malaca na sua auagante; e estas naos pera carregar e tornarem pera o Reyno. Dom Esteuão nom passou, e fiqou em Moçambique, polo que então dom Paulo mostrou ao Gouernador prouisão d'ElRey, que dizia que nom passando dom Esteuão elle seruisse a capitania da forteleza até entrar dom Esteuão, que acabando seu tempo entrasse dom Paulo e seruisse seus tres annos, sem desconto do tempo que tiuesse seruido em ausencia de dom Esteuão. Polo que o Gouerna-

[1] Falta no original a nota de capitulo e o seu numero.

dor o despachou pera hir pera Malaca na monção, que era em mayo de 533, e se vir Garcia de Sá, que seruia.

Pero Vaz, védor da fazenda, [1] * trouxe ordem d'ElRey * que recolhesse a seu poder as socessões, como já disse, sobre o que passou o que fica contado; e Pero Vaz, auendo dó de Antonio de Macedo, entendeo com o Gouernador pera amansar esta cousa e os fazer amigos, em modo que o ouvidor ficasse em seus cargos, o que consentia o Gouernador, porque era de boa condição e muyto confiado em suas cousas; e hindo falar n'isto ao Antonio de Macedo, dizendo que elle o queria concordar com o Gouernador pera que ficasse em seus cargos, e * fossem * amigos, e que tudo o passado fosse esquecido, o ouvidor lhe deu seus agardicimentos, e lhe respondeo que escusaua ficar com seus cargos, pois nom ficaua com sua honra, sem mais prestar pera nada, ficando debaixo dos pés do Gouernador e de suas cousas, que indaque fossem erradas lhas nom poderia contradizer, com que nom poderia guardar nem fazer justiça, e nom dando boa conta a ElRey das cousas passadas merecia grande castigo; que por estes respeitos elle em ferros estaua e n'elles queria antes morrer que perder nada de sua honra. Da qual reposta o Gouernador fiqou mais endinado, dizendo que pois que assy queria que elle tambem nom queria que perdesse nada de sua honra, e que assy estaria até que ElRey o mandasse hir. E o mandou leuar pera Naruhá assy preso nos ferros, e todauia o Pero Vaz acabou com o Gouernador que o mandasse pera o Reyno, em hum nauio em que hia Ambrosio do Rego, que partio diante das naos.

E assy estando chegou do Estreito Antonio de Saldanha com suas riqas presas, que teue com o Gouernador paixões sobre lhe nom querer pagar seus ordenados, como já atrás contey.

Antonio de Saldanha trouxe nouas que Christouão de Mendoça, [2] * capitão * d'Ormuz, era falecido de sua doença, e seruia de capitão Belchior de Sousa, que era capitão mór do mar e alcayde mór, e polo regimento foy feito capitão. Da qual capitania logo o Gouernador proueo n'ella Antonio da Silueira de Meneses, seu cunhado; e com elle foy seu sobrinho Luiz Falcão pera guarda mór d'ElRey d'Ormuz, e leuou prouimento do que lhe compria pera' forteleza. Onde chegado logo foy entre-

[1] * que trouxe d'ElRey * Autogr. [2] * capi * Id.

gue de sua capitania, e foy visitar ElRey, que logo lhe fez queixume de hum seu irmão que o queria matar per enduzimento de sua mãy, que queria que elle fosse Rey antes que elle, porque lhe queria mór bem; e que huma noite o achara escondido com huma adaga na sua camara, pera de noite o matar; e por isso o prendera, e o nom quisera matar, como deuêra, por nom ter contendas no Reyno, que já se começauão. Polo que Antonio da Silueira o embarqou no propio nauio em que fôra (homem de dezoito annos, chamado Rexealle [1]) e com sua casa e seruidores e familia o mandou ao Gouernador, que em Goa o mandou aposentar honradamente, e dar todo o que auia mester, com hum homem português, honrado caualleiro, que tinha cargo de o seruir de tudo o que lhe compria.

CAPITULO XXXV [2].

COMO O GOUERNADOR MANDOU ARMADA A GUERREAR CAMBAYA, EM QUE FOY DIOGO DA SILUEIRA, E O QUE FEZ.

Antonio de Saldanha deu conta ao Gouernador, quando chegou do Estreito, que depois de se leuantar donde agardaua as naos, vindo ao longo da costa, topara duas naos que sayão de Dio, que hião pera Meca, as quaes vendo noss'armada voltarão pera se tornar a colher a Dio, e nom puderão, que elle lhe deu caça, e forão varar na terra, onde os bateys as forão roubar, porque a gente se colheo a nado pera terra. Do que foy rebate a Dio, que era perto, e sayrão muytas fustas armadas que o vierão esbombardear em quanto durou o terrenho, que elles estauão a balrauento, onde os nossos nauios nom podião hir á vela: polo que lhe parecia que já Dio tinha armada com que se atreueria a pelejar com Diogo da Silueira, se o topassem. Pelo que o Gouernador logo mandou partir Manuel d'Alboquerque em huma galé, e tres galeotas e quatro fustas, e lhe mandou que se fosse ajuntar com Diogo da Silueira. O que elle nom fez, mas se deixou andar sobre Baçaim, porque teue noua que dentro estauão cotias com huma grande jangada de madeira pera leuar pera Dio; e elle pôs guarda na boca do rio e elle foy andar guerreando a costa.

[1] Raix ale escreve *Castanh. Hist. da Ind.*, Liv. VIII, Cap. XLIX. [2] E' o XXXIII no original.

Diogo da Silueira, que leuou vinte velas, galeotas e fustas, com boa gente, e foy andar sobre a barra de Dio, a que as fustas nom ousarão de sayr, então passou áuante doze legoas de Dio a huma cidade chamada Pate, cerquada de muro, assentada perto da praya, que diante auia hum recife, que guardaua hum baluarte e huma tranqueira muy forte com muyta artelharia, que guardaua as naos que estauão varadas; porque n'esta cidade auia grande trato e muytos mercadorês, e por isso por guarda da cidade sempre ally estaua gente * de * gornição d'ElRey de Cambaya. E postoque a cidade estaua tão aspera, Diogo da Silueira ordenou sua gente. Ao que alguns lhe contradizião que nom cometesse tão forte cousa. Elle respondeo: «O que vedes nom he mais forte que até lhe chegar-» «mos com as mãos; e por isso cada hum trabalhe por mais asinha che-» «gar, porque todo o perigo são os tiros antes que cheguemos, e por» «tanto encomendar a Deos e apertar o remo e chegar.» Ao que todos se muyto esforçarão, e feita per hum crelgo a confissão geral, todos postos em az com as proas nas bombardas, çarrando os olhos, encomendandose a Deos, com os pelouros que por elles passauão, de que tres portugueses forão mortos e alguns feridos, abalroarão a tranqueira tão fortemente que os mouros nom puderão registir 'o ferir dos nossos; com que largarão a tranqueira e forão fogindo, e os nossos em seu alcanço, passando pelo baluarte, que já estaua despejado. E todos fogirão pera' cidade, donde sayo o capitão com muyta gente branca muy armados, e muytos frecheiros; onde os nossos com as espingardas fizerão boa entrada, onde foy derrubado morto o capitão, que vinha a cauallo diante de todos, que todos o virão cayr; com que logo forão em desbarato vendo cayr seu capitão, e ally morrerão muytos, que nom cabião todos pela porta da cidade. Com que os nossos entrarão d'enuolta, com que logo foy despejada da gente, que os nossos muytos matarão, e catiuarão molheres e crianças, e acharão grande despojo de muytas mercadarias, que os nossos nom puderão carregar, e tomarão o milhor, e recolherão muytos mantimentos, e puserão fogo á cidade, que a lugares tinha casas de madeira muyto lauradas: com que de todo fiqou destroyda; em que arderão muytos mouros e molheres dentro nas casas em que estauão escondidos. Recolheo Diogo da Silueira com perda de cinqo mortos e muytos feridos, queimando muytas embarcações que estauão na terra e no mar.

Dos catiuos que os nossos tomarão soube Diogo da Silueira que adiante

pela costa oito legoas estaua outra cidade, chamada Patane, muyto mais forte que esta de [1] * Pate *, que estaua na borda do mar e tinha tranqueiras com muyta artelharia, mas que nom tinhão mais força. Ao que Diogo da Silueira falou com os capitães, que leuarão a gente prestes, e andou toda a noite ao longo da costa, e chegou ás oito horas do dia, e assy como hia á vela com toda' armada forão abalroar as tranqueiras, que estauão em huma terra teza na borda d'agoa, que fazia alcantil. Onde chegados todos juntos, tangendo as trombetas, os nossos entrarão as tranqueiras com pouca resistencia, porque os mouros se recolherão pera' cidade, que nom tinha as portas fechadas, onde a peleja durou hum pouquo, em que os nossos com as espingardas fizerão o campo chão, e fogirão todos * os mouros *, e os nossos após elles matando até ficar despejada, onde os nossos acharão muytas fazendas que nom puderão carregar, e tomando o que puderão embarqar puserão fogo á cidade e tudo fiqou arrasado. E d'ahy foy correndo a costa pera hum lugar grande chamado Mangalor, assy de grande trato; onde sabido da gente que na costa andaua nossa armada, e o mal que fizera em Pate * e * Patane, que estauão tão fortes e com tanta gente, sem saberem que os nossos lá hião fogirão e despouoarão o lugar, leuando o que puderão; mas cousa grossa fiqou, onde os nossos chegados nom tiuerão trabalho mais que em pôr fogo, com que tudo fiqou raso. E os nossos andarão fazendo muyto mal por toda a costa; o que sabido nos outros portos ninguem ousou de nauegar, com que ElRey de Cambaya n'este anno recebeo grande perda, e elle nom acodia a estas cousas do mar, porque estaua longe e tinha acupação de guerra noua, que lhe começaua a dar trabalho, como em seu lugar adiante direy.

CAPITULO XXXVI [2].

COMO ESTANDO O GOUERNADOR EMBARCANDO A GENTE PERA HIR TOMAR BAÇAIM, O ACEDECÃO LHE MANDOU MESSAGEM DE BOA AMISADE, E LHE DEU AS TERRAS DERRADOR DE GOA COM SUAS RENDAS.

O Acedecão he nome de grande estado, assy como em Portugal he marquez, e por sua dinidade nenhuma cousa o Idalcão póde determinar, nem

[1] * Patane * Autogr. [2] E' o XXXIV no original.

fazer cousa do estado do Reyno, sem o Acedecão nom dar voz, que he o principal do conselho; e no arrayal em que for ElRey elle he sobre todolos capitães, assy como condestabre; e por esta dinidade que tem he o principal senhor do Reyno, e de mór renda, e de muyta gente de pé e de cauallo; e seu principal assento he Bilgão, huma cidade com grande forteleza, que está na entrada do Reyno do Idalcão pera a parte do mar, na passagem de huma grande serra que corre de longo d'estas terras, que he tão forte que per nenhuma parte se pode entrar por ella, senão por certos passos que tem, e d'antre o Balagate e terras de Goa tem esta só entrada, que nom ha poder no mundo que a possa entrar, porque os homens nom podem hir por este passo senão por hum caminho fundo, que se foy cortando com o andar da gente. Este capitão de Bilgão he senhor de todas as terras que estão d'esta serra pera o mar, que são muytas e de grandes rendas, porque tem muytos portos de mar, e se * se * quer aleuantar contra seu senhor o Idalcão dalhe muyto trabalho; e porque este Acedecão assy he grande senhor, he muy enuejado dos grandes que andão na corte com ElRey, que sempre o mexericão. Polo que assy sendo, foy o Acedecão auisado de seus amigos que o Idalcão o mandaua chamar pera o matar ou cegar os olhos. E este auiso era falso, porque seus imigos o romperão antre sy porque seus amigos lhe mandassem auiso, com que elle fizesse algum mouimento de sy, pera então o Idalcão entender com elle. O Acedecão era hum homem muy auisado, e casy que tudo isto alcançou de saber como era; mas, sentindo que seus contrairos bolião contra elle, quis segurar sua pessoa, e quis tomar fauor do Gouernador, e o ter por amigo pera lhe dar ajuda se lhe comprisse; e por esta rezão mandou messagem ao Gouernador de muy grandes offerecimentos d'amisades, e em começo d'isso lhe daua as rendas das terras derrador de Goa, Salsete, e Bardês, que rendião cincoenta mil pardaos d'ouro, dizendo que as mandasse arrecadar pera ajuda das despezas d'ElRey de Portugal, cujo vassallo se fazia, com tanto que elle Gouernador lhe désse seu fauor e ajuda quando lhe comprisse. Do que o Gouernador ouve grande prazer, e lhe respondeo com grandes comprimentos e firmezas d'amisade pera sempre, e lhe mandou presente de peças de seda e hum ginete muyto atabiado.

Então fez homens portugueses tanadares, com escriuães, pera arrecadarem assentados polas aldêas, e fez Christouão de Figueiredo, casado

de Goa, tanadar mór, que arrecadauão as rendas pacificamente, porque o Acedecão, determinando fazer esta amisade com o Gouernador, mandou dizer por suas terras que com os portugueses nom tiuessem nenhuma contenda, aindaque entrassem nas terras a fazer males; que primeyro lhe fizessem saber para elle mandar o que fizessem. Em tal modo, que os nossos assy entrando nas tanadarias, e pedindo as rendas, o fizerão saber ao Acedecão, e elle lhe respondeo que elle nom podia acodir, que lhe dessem o que pedissem, com boa amisade, até que elle mandasse outra cousa; e mandou dizer ao Gouernador que os nossos arrecadassem as rendas, e nom fizessem alguns males de que a gente se fosse queixar ao Idalcão. O que o Gouernador assy muyto amoestou aos nossos, e defendeo que nom fizessem forças, sómente mansamente arrecadassem o que pudessem. O que elles assy nom fizerão, mas muyto ao contrairo, como adiante contarey em seu lugar.

O Gouernador fiqou muy descançado com esta boa amisade do Acedecão, de que lhe vinhão muytos bens, e mórmente dos mantimentos, que era o principal.

CAPITULO XXXVII [1].

COMO O GOUERNADOR PARTIO DE GOA A TOMAR BAÇAIM, E 'ARMADA QUE LEUOU, E O QUE FEZ.

O Gouernador fez detença com estas cousas e outras d'armada, com que se nom póde partir de Goa senão em fim de dezembro d'este anno, e foy a Chaul, onde assy fez detença, e se partio com sua armada, que serião até trinta velas grossas, de galeões e galés, e as duas albetoças, e algumas fustas, que com as de Mánuel d'Alboquerque e Diogo da Silueira, que andauão na costa, que com elle se ajuntarão em Baçaim, passarão de cem velas, em que aueria até dous mil homens portugueses, muy luzida gente, e oitocentos canarys frecheiros e dargueiros, homens de Goa. Chegado o Gouernador a Chaul, mandou catures pequenos e almadias que fossem per hum rio que hia pola terra dentro ter no rio de Baçaim, que vissem tudo como estauão as cousas, e sondassem o rio. Os quaes forão e tornarão, e de tudo lhe derão bom recado. Ao que o Gouernador se

[1] No original é o XXXV.

meteo só em hum catur, e foy polo rio, e vio tudo á sua vontade. Em tanto foy 'armada sorgir na boca da barra, que o Gouernador logo mandou entrar; onde então chegou Diogo da Silueira com 'armada miuda, que a do Gouernador era grossa, que elle foy em huma galé bastarda, e galés e galeões, em que forão capitães dom Paulo da Gama, Vasco Pires de Sampayo, Antonio de Lemos, Pero de Faria, Gonçalo Vaz Coutinho, dom Fernando d'Eça, Anrique de Macedo, Manuel de Vasconcellos, Martim Afonso de Mello, João Jusarte Tição, Manuel de Sousa, Jordão de Freitas, Manuel d'Alboquerque, Tristão d'Atayde, e outros muytos que adiante direy. Entrada assy toda 'armada sorgio no rio logo á entrada, onde lhe nom podia empencer 'artelharia da forteleza, que estaua dentro no cotouelo que voltaua o rio, que era de cantaria muy grossa e largas paredes. Era quadrada, e nas esquinas torres quadradas bem ordenadas, huma que defendia a outra, com suas goritas. Tinha por baixo artelharia grossa e por cima tiros miudos, e muytas panellas de poluora e virotões de fogo, e tudo em muyto concerto; e no meo da forteleza estaua huma casa terrada, mea metida debaixo da terra, forrada de tauoado por amor da humidade, e dentro tanques de madeira cheos de poluora, em que aueria vinte pipas d'ella. 'Artelharia era grossa de ferro, de camara, que serião trinta peças. D'ambas as bandas da forteleza, ao longo d'agoa, tinha bastiães de cestos cheos de terra; e pera a banda de baixo, mais pera dentro do rio hum tiro d'espingarda da forteleza, estaua hum cubello [1] * roqueiro redondo *, de cantaria grossa, em que estauão muytos arteficios de fogo, e ao lume d'agoa tinha seis tiros de roqueiras grossos, e per cima tiros miudos; e antre este cubello e a forteleza estaua armado hum trabuqo. Quando a maré era chea batia na forteleza e cubello, e vazia espraiaua muyto e ficaua grande vaza, e n'ella metidas muytas estacadas com pontas agudas. Pera cima d'esta forteleza, aonde estaua a nossa armada, auia dous tiros de camelo e praya direita, e era campo todo alagadiço d'agoa do mar, com muytos esteiros que os mouros abrirão pera estarem mais fortes. Ao longo d'este campo, que era de largo hum tiro de falcão, fazia a terra ribanceira, e onde era baixa tinha altos valados com tranqueiras de grossa madeira, em que tinhão assentados alguns tiros, e estauão muytas tendas em que estauão muytos

[1] * roqueiro de cantaria redondo * Autogr.

mouros de pé e de cauallo, e tinhão carretas de boys, em que tinhão postos berços de ferro que tirauão pera trás. D'estas carretas tinhão muytas, e os boys a ellas costumados ao tirar d'artelharia, que se nom espantauão, e os boys sempre n'ellas metidos, porque se auia pressa fogião com ellas, e hião tirando pera trás. Ao longo d'estes valados donde tirarão a terra ficarão largas e fundas cauas, que estauão cheas d'agoa, porque se nom podia passar; o qual valado corria ao longo do campo dous tiros de falcão. Melique Tocão de Dio veo acodir aquy, e fazia esta obra, onde tinha doze mil homens de gornição, em que auia grão numero de frecheiros. A pouoação da cidade era pola terra dentro casy mea legoa, e a gente vendo tamanha armada, em que hia o Gouernador, segurarão suas molheres e filhos, e fato, além do rio na terra firme.

O Melique quis usar de manha por entreter o Gouernador, e lhe mandou seu recado por hum mouro mercador conhecido d'Ormuz, dizendo que o nom guerreasse, e faria com elle todo o concerto que fosse rezão. Ao que o Gouernador falou em apartado com o mouro, que lhe falou verdade de tudo quanto estaua na terra. Ao qual recado o Gouernador respondeo que d'ally se tornarião sem lhe fazer nenhum mal, com tanto que elle com sua gente logo derrubasse a forteleza e cubello, e queimasse o trabuquo e bastiães, e lhe désse arrefens que nunqua ally tornasse a fazer forteleza, e que lhe pagasse cem mil pardaos d'ouro que gastara n'aquella armada. Ao que lhe respondeo o Melique que seu recado era inda agastado da paixão que trouxera de Dio; que olhasse que Dio nem aquella terra fizera mal a portugueses, e que Deos nom consentia fazer mal a quem o nom fazia; que se falasse a bem de rezão que folgaria que fossem amigos. O qual recado nom tornou senão ao outro dia, e n'este espaço os mouros saluarão o que puderão, assentando de nom pelejarem senão detrás dos valados.

O Gouernador, vendo a reposta, que já era tarde, mandou fazer a gente prestes pera' outro dia ante menhã; [1] * e mandou a Pero de Faria * e a Gonçalo Vaz Coutinho, que de noite se reuocassem nas albetoças em que hião, e se chegassem a tiro da forteleza pera a baterem; e mandou Anrique de Macedo que sendo menhã fosse com a fustalha ao longo da terra, varejando com artelharia os valados e tranqueiras dos

[1] * e mandou e a Gonçalo a Pero de Faria * Autogr.

mouros. O que todo assy se fez, em que a noite se gastou, e cada hum concertando su'alma, e fazendo suas cedolas, e concertando suas armas, e á mea noite toda a gente desembarcou na praya, onde fizerão grandes fogueiras, a que a gente se esteue armando e concertando, outros almoçando e foliando e dando gritas. O que era longe, que os tiros dos vallados ally nom podião chegar, que era o lugar em que agora está a nossa forteleza. Os mouros, mostrando esforço, assy dauão gritas e tangião trombetinhas e atabaques.

O Gouernador repartio os capitães em tres batalhas, em que deu a dianteira a Diogo da Silueira com seiscentos homens da sua quadrilha, com que se ajuntarão Martim Afonso de Mello Jusarte, Anrique de Sousa, Manuel de Vasconcellos, Belchior de Brito, Jorge de Mello, Antonio de Lemos, Antonio de Sá, Luis Falcão, Martim de Lemos, e outros capitães e fidalgos, e luzidos em armas, e tresentos canarys guerreiros, com suas armas, e lanças de fogo, e panelas de poluora, e muytas espingardas.

* D'outro * [1] segundo esquadrão deu a capitania a Manuel d'Alboquerque, com que tambem se ajuntou Vasco da Cunha, Manuel de Sousa, dom Antonio da Silueira, Jordão de Freitas, Fernão Rodrigues Barba, Fernão de Lima e outros fidalgos e caualleiros, em que forão oitocentos portugueses e quatrocentos canarys, e muyta espingardaria e fremosas armas.

O derradeiro foy o Gouernador com dom Fernando d'Eça, dom Afonso de Meneses, dom Pedro, seu irmão, Tristão d'Atayde, Joanne Mendes de Macedo, Lopo de Mesquita, João da Silueira, seu irmão, Fernão da Silueira, Francisco de Brito, Antão Nogueira, Francisco da Cunha, Fernão Rodrigues Barba, Jorge de Crasto, Gonçalo de Sousa, Payo Rodrigues d'Araujo, Ruy de Mello Pereira, Gracia de Mello, e outros fidalgos, que todo o resto com a mais gente se ajuntarão com o Gouernador, que passauão mil homens portugueses, e outros tantos canarys, e homens da terra de Chaul, em que auia muyta espingardaria. Como o Gouernador assy teue repartida a gente, e sendo horas pera andar, mandou o Gouernador fazer sinal do mar com hum berço, ao qual as albetoças e a fustalha ao longo do rio começarão a fazer sua obra, ao que os mouros da terra e da forteleza derão grande mostra de pelouros, que d'ambas as

[1] * Outro * Autogr.

partes fazião espanto a quem o via. O que o Gouernador assy ordenou porque os mouros lá entendessem, e nom acodissem todos a pelejar com os nossos.

E sendo todos prestes, que n'este dia erão vinte de janeiro, dia de [1] * são Sebastião, o Gouernador mandou chamar a Bastião Pires *, vigairo geral, e ao padre frey Pedro, commissario de são Francisco, que ally erão juntos com outros parceiros, e chamado frey Agostinho, que leuaua huma cruz de páo dourada com o crucificio d'ambas as bandas, aleuantada em huma aste de pique, que toda a gente a visse, que hia diante do Gouernador, e hum crelego chamado Vicente Carneiro leuaua outra cruz no esquadrão de Diogó da Silueira, o Gouernador mandou aos padres cantar a oração de são Sebastião, depois a confissão geral e assoluição. Com que o Gouernador mandou abalar a gente; ao que Diogo da Silueira, com seu guião diante com a cruz, foy demandar os valados, e nom achou lugar per que pudesse chegar, por caso da caua, que tinha larga, chea d'agoa; onde dos valados lhe tirarão grão numero de frechas, com que se afastou e foy correndo o campo demandar o cabo do valado.

O que assy fez o segundo esquadrão. O Gouernador foy mais largo entrando por hum palmar, fazendo caminho á ponta do valado. O Gouernador hia armado em hum cossolete branco dourado per partes, e seu gorjal de malha, e fralda, e em cima huma coyra de citim crimisim com muytos córtes, e na cinta huma riqua espada, e na cabeça hum grande [2] * chapeo * de guedelha vermelha, e n'elle huma grande medalha d'ouro e pedraria muy riqua, é n'ella huma pluma branca com argentaria d'ouro, e hum riquo collar d'ombros de roquaes esmaltado, e calças inteiras, cortadas, forradas de crimisim, e çapatos francezes crimisys com fitas encarnadas e grossas pontas d'ouro, e hum bastão de páo dourado na mão esquerda, posto no quadril, que com tudo parecia fremoso capitão; e a cauallo em huma faqua branca, com gornição de veludo preto franjada d'ouro; e junto d'elle dous pagens bem armados, que lhe leuauão sua lança, adarga, capacete, como compria, tudo muy loução; e diante d'elle sua bandeyra real de damasco branco e cruz de Christus, atrocelada d'ouro, que leuaua o seu alferez Manuel Machado, valente caualleiro, homem

[1] * São Sebastião a que o Gouernador mandou a Bastião Pires * Autogr.
[2] * cheo * Id.

bem pera isso; e diante e detrás toda a gente armada, que [1] * reluzião * em ouro e prata as riqas armas; cousa fremosa de vêr tanta riqueza. Onde com os homens hião seus valentes escrauos que lhe leuauão as armas, que fazião muy grosso corpo de gente.

Diogo da Silueira foy correndo o campo ao longo da caua, e achando hum lugár que tinha pouqua agoa atrauessou e chegou ao valado, que ally nom era muyto alto, que polas lanças começarão os homens a sobir, ajudados d'outros; onde os mouros fazião grande resistencia de frechadas, e algumas espingardas e zagunchos, mas as nossas espingardas fazião o valado franco, com que os nossos entrarão em cima do valado, em que o primeyro foy hum mancebo chamado Antonio Ramos, que tomou o guião em cima, e logo sobirão outros e com elles Diogo da Silueira com outros fidalgos, que com os mouros se meterão ás lançadas; ao que logo os mouros afrouxarão. O que outro tanto fez o esquadrão de Manuel d'Alboquerque, que vinha atrás, e chegando aquy tambem cometeo o valado per outro cabo, que logo entrou, em que em cima os nossos fizerão corpo e derão Santiago nos mouros, que tambem vião que se chegaua o esquadrão do Gouernador, com que forão alargando os valados. Mas a peleja era grande, porque aquy acodio corpo de gente de cauallo e de pé, gente branca e abexys, muy armados todos, onde se disse que com esta gente vinha o Melique; mas elle se deixou ficar detrás, e se tornou pera a borda do rio, e esperou a ver o que passaua, de que muytos lhe hião dar o recado.

O Gouernador, vendo os nossos entrados nos valados, andou de pressa, onde muytos pelouros das tranqueiras chegauão e quebrauão as lanças, que passauão por cima da gente, que hião pulando polo campo. Os quaes tiros matarão hum homem junto do Gouernador, que chegando á ponta do valado, per que entrou, mandou toquar as trombetas e charamelas; ao que a gente deu grande grita, enuocando Santiago, e correrão a se ajuntar com os que pelejauão. O que vendo os mouros nom agardarão e se forão recolhendo e pelejando, que os de cauallo muyto podião; e porque os nossos erão muytos, dom Pedro de Meneses, e Antonio de Lemos, e dom Antonio da Silueira, e Manuel de Vasconcellos, seguirão ao longo dos valados, tomando as tendas dos mouros e os boys

[1] * reluzia * Autogr.

com as carretas d'artelharia, porque as nossas espingardas derrubauão os boys porque nom fogissem ; e assy correndo, sem achar quem os registisse, chegarão a hum alto em que estaua huma mesquita, onde auia hum poço e tanque d'agoa de cantaria laurado, donde parecia a fortele-za, que estaua d'ahy a hum tiro de bombarda, onde os nossos se ajuntarão dando gritas, e nom passarão áuante. Os mouros, vendo chegar a bandeyra do Gouernador, logo sem pelejar forão todos em fogida per muytas partes, pelos palmares dentro correndo pera o rio pera se passarem além, como fizerão, porque já lá era passado o Melique. Os nossos seguião o alcanço aos mouros, que nom puderão alcançar senão com as espingardas ; o que vendo o Gouernador, porque a gente hia espalhada por muytas partes, mandou toquar huma trombeta a recolher, e porque a gente o nom fazia, mandou Diogo da Silueira, e Manuel d'Alboquerque, e dom Afonso de Meneses, dom Fernando d'Eça e outros capitães, que forão recolher a gente com muyta força, porque os homens se muyto desmandauão.

E assy recolhida toda a gente á mesquita, que tinhão grandes aruores de sombra e o sol era já quente, o Gouernador, e todos, [1] * derão * muytos louvores a Nosso Senhor, dando o Gouernador a todos muytos louvores e honras de seu bom pelejar. E sabendo dos mortos se acharão tres nomeados, hum Diogo de Mello, e Fernão Trauassos, e Bertolameu Drago, que se affirmou que o matara hum seu contrairo secreto, que andara na enuolta da peleja, porque este homem acharão morto com huma espingardada na cabeça, que lhe passara o capacete per detrás. Do que o Gouernador ouve muy grande paixão, jurando que se tal homem colhesse ás mãos viuo o mandaria esfolar, por façanha de tão máo feito como era matar hum homem seu imigo, que andaua pelejando com os mouros. Ouve outros homens mortos, a que tocarão bombas de ferro cheas de poluora e materiaes de fogo, que os mouros deitauão muytas, que corrião ao longo do chão ; de que a gente se nom podia gardar, de que forão muytos feridos polas pernas, e muytos de frechas, que logo forão aly curados e outros embarcados.

Os mouros fizerão manha pera mais seguros poderem passar o esteiro, e retiuerão dentro na forteleza homens trabalhadores, que parecião

[1] * dando * Autogr.

e dauão gritas, e a forteleza com muytas bandeyras, com que os nossos cuidarão que todos os mouros estauão na forteleza e baluarte.

Recolhida toda a nossa gente á mesquita, mandou o Gouernador que ninguem se apartasse nem desmandasse, e ally mandou trazer tiros encarretados, pera d'ally hir cometer a forteleza. Aquy mandou o Gouernador trazer cincoenta barrís de vinho, e muytos saqos de biscoito branco, e galinhas assadas, e vaqua cozida e assada, que se fizera ante menhã, e os boys que matarão, que érão muyto gordos, que cada hum mandou assar, que os canarys e escrauos fazião, e muytos queijos e presuntos do Reyno. E tambem assy o fizerão todos os capitães, e cada hum que trazia seu fardel de comer e beber, em que ouve grande auondança em toda a gente com muyto prazer; o que acabado, alguns homens se fizerão caualleiros.

Onde assy estando, que era já bespora, alguns homens escondidamente meterão per hum mato que hy junto estaua, hindo buscar que roubar, onde achauão mouros escondidos que vigiauão o que os nossos fazião, e com elles pelejauão e lhe tirauão com espingardas que leuauão, e andauão muyto assy espalhados; o que o Gouernador ouvindo, mandou Diogo da Silueira, e foy com elle Simão Ferreira, sacretario, fazer recolher esta gente. Os mouros que estauão junto do rio, ouvindo as espingardas dos nossos dentro no mato e que já chegauão perto, cuidando que os nossos assy escondidos polo mato hirião dar sobr'elles, logo passarão o rio; o que assy fizerão os que estauão dentro na forteleza, que todos fogirão, ficando a porta aberta. O que virão alguns nossos, que erão já defronte da porta, que a virão assy aberta sem gente, * e * correrão pera lá dando grita, e Diogo da Silueira e Simão Ferreira após elles pelos deter; mas primeyro os homens chegarão, e nom vendo dentro gente entrarão, dando grita e derrubando as bandeyras. A estas gritas a gente da mesquita acodio desmandados. Diogo da Silueira, vendo os nossos dentro na forteleza, correo após os mouros que hião passar o rio, que os nossos embaraçauão com os tiros das espingardas, que os embaraçauão e tanto apertarão que forão muytos afogados, que nom acertauão o váo; onde foy tomado atolado na vaza hum abexym de vestidos de seda, que leuaua hum cauallo acubertado, e nas ancas atada [1] * a sy *

[1] * assy * Autogr.

huma moura muy fremosa; que tudo foy leuado ao Gouernador, que o cauallo, o abexym, e a moça, forão tres peças de muyto preço.

Vendo o Gouernador a reuolta da forteleza, crendo que os nossos pelejauão, porque era longe, que nom vião o capear das bandeyras que os nossos fazião, abalou com toda a gente e com grande corrida decerão pera' forteleza. Ao que fez grande perigo os tiros das nossas fustas, que estauão no rio tirando pera terra, e nom sabião o que era, cuidando que era peleja, até que perto d'agoa pareceo a bandeyra real; e porque da forteleza já nom tirauão, correrão as fustas polo rio, que inda alcançarão muytos dos mouros que passauão, de que matarão e catiuarão * alguns *.

O Gouernador, chegado á porta da forteleza, ao que os nossos de dentro, com grande prazer, fazião que lhe querião defender a [1] * entrada, deu * muytos louvores a Nosso Senhor por tamanha honra como lhe dera, sem mortes e sangue dos portugueses; onde se assentou em huma cadeira, debaixo de huma alpendorada que hy estaua, que era aposento dos mouros, em que muytos lhe pedirão cauallaria, e fez muytos caualleiros, porque os primeyros forão Antonio de Lemos, e Martim Afonso de Mello Jusarte, e João Tição, e outros honrados fidalgos, os quaes se nom fizerão caualleiros pelo feito ser tão perigoso, sómente polos acrecentamentos de suas moradias. No que ouve alguma murmuração de zombaria d'outros, desfazendo n'elles, chamandolhe caualleiros de cruzado, porque dauão hum cruzado aos trombetas e charamellas que lhe tangião. O Gouernador soube que se fazia esta zombaria, e ouve paixão, porque lhe pareceo que o fazião por desfazer em sua honra; e estando com todos os capitães, e muyta gente, moueo pratica com que toqou n'esta zombaria, e trouxe a ysso grande pratica, dizendo que os moucarrões paruos nom entendião o que era a cauallaria, que lhes parecia que como hum homem nom era muyto ferido em fazer bom feito nom deuia de tomar cauallaria; o que elles errauão com paruoice e más tenções, porque a honra pera hum homem se fazer caualleiro era a boa, e abastaua a hum homem se offerecer ao feito, e logo ganhaua a honra aindaque nom fizesse o feito, porque a honra dos vencimentos das grandes pelejas, com mortes e sangue, nom era tamanha como a honra da guerra que se ganhaua sem mor-

[1] * entrada onde deu * Autogr.

tes e sangue, fogindo os imigos; que os imigos que fogem com temor mór medo tem que os que aguardão sem temor e pelejão. E a ysto deu outras rezões com que os caualleiros noueys ficarão mais honrados, e se fizerão muytos caualleiros.

O Gouernador mandou as fustas e catures correr polo rio, que entraua pela terra, que ficaua como ilha, e a gente sayo fóra e foy á pouoação, onde nom acharão nada, que tudo era despejado, mas acharão fremosas ortas de poços de noras, de muytos aruoredos e ortaliças, e betel, e canaueaes de canas d'açuqere, muy fremosa cousa, que os nossos cortarão, e queimarão, e destroyrão, sem fiqar cousa em pé; em que foy huma orta do Melique, cerquada de tauoado, com tanques e fontes d'agoa, e casas de madeira, de seu lauar e folgar, de grandes lauores, e muytas aruores de fruytas de Portugal, e huma casa d'armaria e arquos e frechas, que tudo fiqou destroydo por terra.

E porque alguma gente andaua pela terra assy fogida, ordenou o Gouernador que Diogo da Silueira e o sacretario Simão Ferreira, com cem homens de cauallo, porque n'armada hião muytos homens riqos casados que em suas embarcações leuauão bons cauallos, fossem correr a ilha. O que sabido da gente que os de cauallo auião de hir ante menhã, e que o Gouernador mandara apregoar que nenhum homem de pé fosse com os de cauallo, os homens tiuerão cuidado que com suas armas e espingardas, á meia noite, porque nom fossem vistos, se forão estar lá polos caminhos agardando pola gente de cauallo, que agardauão que fosse pera hirem com elles, que erão mais de quinhentos homens. O que sendo dito ao Gouernador nom quis que fossem os cento de cauallo, sómente vinte, com que mandou Diogo da Silueira e Ruy Vaz Pereira, que fossem fazer tornar a gente que era hida. No que tiuerão muyto trabalho, porque cuidauão os homens que como os recolhessem logo os de cauallo auião de hir correr.

O Gouernador se aposentou á porta da forteleza, e toda a gente em suas estancias com seus capitães, em que tinha suas vigias de dia e de noite. Então o Gouernador mandou apregoar que todos os donos das embarcações que quigessem tirassem madeira da vaza, em que estaua enuazada, e fizessem duas jangadas camanhas quigessem, e huma dessem ás naos grandes pera ElRey, e a outra tomassem pera sy. No qual trabalho se meterão os soldados com seus capitães, e tirarão de debaixo da vaza muy

fremosa madeira de páos estorados e cauacados, limpos, e fizerão jangadas d'elles, atrauessados huns sobre outros, cada jangada de trinta e corenta páos, que em Goa valião muyto dinheiro; e dauão huma jangada feita aos galeões, e outra tomauão e atauão por popa de suas fustas e embarcações, que com muyto trabalho, espedaçando e quebrando seus nauios, leuarão a Goa, onde toda esta madeira lhe foy tomada pera lha ElRey pagar, que valia mais de dez mil cruzados, que até hoje em dia nunqua se pagou nada, que he na era de 563 que eu isto escréuo; mas Deos a mandará pagar no outro mundo.

E n'esta negoçação das jangadas da madeira, e muyta que se tirou das tranqueiras, que recolherão aos galeos, se passarão * mais * de vinte dias, em que o Gouernador mandou fazer minas á forteleza e baluarte e nas bombardeiras, tapadas e todas cheas de poluora, e mandou hir todolos nauios pera' barra e recolher toda a gente, e mandou dar fogo nos caneiros das minas, que chegarão á poluora em amanhecendo, com que arrebentou o baluarte e forteleza, com tão grande terramoto que pareceo que o mundo se fundia; com tão grande relampado do fogo que parecia que o ceo ardia: e fez tal obra que até os alicerces nom ficou huma só pedra, e tão grande coua como se a terra se abrira pera baixo huma legoa; e as pedras derão polas aruores e palmeiras que alcançarão, que tudo derribarão por terra; o que o Gouernador sayo a ver por cousa marauilhosa. E eu vy pedra tamanha como pipa, chea de vaza, que parece que era do alicerce, que foy cayr mais longe da forteleza que o tiro de hum falcão. Homens antigos, e sabidos de bombardeiros e artificios de fogo, derão de tudo rezão ao Gouernador, dizendo que se a forteleza estiuera em terra forte o fogo nom tiuera lugar pera hir pera os alicerces, como fez aquy, porque o chão era fraqo; mas que se fôra rijo, o fogo tudo repuxara pera cima, e d'ahy a duas legoas deitara todas as pedras.

CAPITULO XXXVIII [1].

DO QUE FEZ O GOUERNADOR ACABADO O FEITO DE BAÇAIM, E ARMADAS QUE DEIXOU NA COSTA, E QUE MANDOU PERA O ESTREITO, E O QUE FEZ.

Tornou o Gouernador a recolher, e na barra do rio ordenou que Manuel d'Albuquerque ficasse com vinte velas pera guerrear a costa; com que a gente fiqou muy pouqua e contra sua vontade, porque Manuel d'Alboquerque nas cousas da guerra nom era de vontade que os homens querião, e tambem se querião hir descansar, enfadados d'estes trabalhos da guerra. E tambem ordenou que Diogo da Silueira fosse ao Estreito com oito velas grossas, e cinco fustas e tres catures, em que a gente folgou, cobiçando as prezas que esperauão fazer; e tomando d'armada mantimentos, que o Gouernador lhe mandou dar, mandou logo partir as fustas em companhia de hum galeão, em que * hia por * capitão Francisco da Cunha, que nos outros forão dom Pedro de Meneses, Antonio de Lemos, Antão Nogueira, Antonio Cardoso, Diogo de Macedo; que tambem logo Diogo da Silueira se partio, e se foy ajuntar com as fustas que em Çacotora agardarão, e se foy atrauessando o Estreito até as portas, e lhe deu contraste dos ponentes, porque era já em abril; polo que logo fez volta, e no porto d'Adem queimou duas naos que hy achou; nem achou mais que huma nao que hia de Cambaya, que lhe fogio, por anoitecer e fazer escoridão de hum chuveiro; e por o tempo vir carregando mandou as fustas diante, que se forão chegando a terra, onde tomarão duas geluas carregadas de carneiros que de huma terra leuauão a outra; de que a gente fogio a nado, e os nossos recolherão os carneiros e forão seu caminho a Mascate, onde tambem chegou Diogo da Silueira com as outras velas, e ahy estiuerão até agosto, que partio e se forão á costa de Dio agardar as naos. O que nom puderão fazer, porque o tempo era grande, e os galeões fazião muyta agoa, e as fustas se afogauão; com que se forão a Chaul, onde fiqou a mais d'armada, e [2] * Diogo * da Silueira em tres galeões se foy a Goa, onde chegou em fim de setembro.

[1] E' no original o XXXVI. [2] * Dio * Autogr.

E Manuel d'Alboquerque, que fiqou na costa com 'armada, foy buscando em que fazer mal na costa, e nom achou nada, porque tudo era despouoado, e se foy a Damão pera derrubar a forteleza, que lho mandara o Gouernador, por ter enformação que estaua despejada. O que nom era assy, que chegando Manuel d'Alboquerque soube que estaua com muyta gente de cauallo e de pé, e muy concertada a forteleza; e como os homens hião de má vontade logo disserão que nom se podia cometer, que o Gouernador fòra enganado. O que Manuel d'Alboquerque assy concedeo com elles, e nom entendeo em nada, e foy áuante pera correr a enseada, e nom pôde, por o tempo ser contrairo e muyto forçoso, com que se tornou e entrou no rio d'Agacim, que assy achou despouoado, e achou muyta madeira, que em jangadas leuou a Goa já em abril; donde o Gouernador despedio pera capitão de Malaca dom Paulo da Gama, e pera capitão de Maluco Tristão d'Atayde, tio de dom Paulo, irmão de sua mãy. E leuarão tres nauios e duas fustas, com boa gente e prouimento pera as fortelezas, que chegarão a Malaca a saluamento, onde esteue Tristão d'Atayde até agosto, que era a monção em que partio pera Malaca, e dom Paulo foy entregue de sua capitania, e Gracia de Sá se foy á India em hum seu junqo com sua fazenda familia.

Tambem o Gouernador deu a Martim Afonso de Mello Jusarte viagem pera Bengala, pera hir fazer seu proueito, e liurar [1] * Coje Xabadim *, mouro mercador que o lá fora resgatar, como atrás fiqua, o qual ElRey de Bengala tinha reteúdo e o nom queria deixar hir pera' India senão que lhe désse muyto dinheiro, o que o mouro escreueo a Martim Afonso que o dixesse ao Gouernador, que o mandasse rogar a ElRey de Bengala; e o Gouernador, por lho pedir Martim Afonso, e pera hir fazer seu proueito, lhe deu a viagem com poder de capitão mór de toda a gente que lá fosse, e nenhum nauio lá pudesse hir senão com sua licença. Polo que logo entrou a tyrania de leuar peytas e emprestimos pelas licenças; polo que homens riqos, que tinhão nauios, cobiçosos de ganhar, se ajuntarão mais de quinze velas que forão em sua companhia, em que homens riqos da India fizerão grandes armações, e carregações de muyto dinheiro em moeda de tangas larys, e prata, e mercadarias, que todo passarão mais de duzentos mil cruzados, e forão mais de duzentos homens,

[1] * Coje Xaolim * Autogr.

que todos chegarão a Bengala a saluamento, e Martim Afonso foy em huma boa nao muy armada, de Bastião Luis, escriuão da matriqola.

Chegados os nossos ao porto com tantos nauios e gente, o gozil com outros antigos da terra tomarão sospeita que Martim Afonso hia, dessimulando que hia tratar, [1] * a * se vingar do mal que lhe fizera o Codauascão no tempo passado; o que assy era pera se cuidar, e não que hia dar tanto proueito a ElRey de Bengala. O que o gozil logo fez saber a ElRey, que era Rey nouo, tyrano, que matou o Rey, que era seu sobrinho, e se fez Rey; o qual respondeo ao gozil que pois tal sospeita tinha tiuesse boa vigia e recado na terra, com que os nossos nom fizessem mal, e lhe fizesse todos bons gasalhados com que os nossos segurassem e desembarcassem suas fazendas; o que se nom fizessem então seria conhecido o engano, e assy como visse assy fizesse. Os nossos, como hião a tratar e nom a guerrejar, achando no gozil muyto bom recibimento e visitação que mandou a Martim Afonso, * dizendo * que muyto folgaua com sua vinda, que pois tanto proueito vinha dar na terra ElRey lhe satisfaria sua perda passada, que lhe leuara o outro Rey que já era morto, o que assy pareceo verdade a Martim Afonso e a todos, porque os direitos que pagauão era de tres hum, assy da entrada como da sayda, que ao menos lhe renderião seus direitos mais de cem [2] pardaos; do que muyto confiados que por ysso lhe fazia o gozil o bom gazalho, logo Martim Afonso ordenou mandar a ElRey presente, como era costume; o qual presente he á custa de todos os que hão de fazer fazenda, soldo a liura. Ao que mandou hum Duarte d'Azeuedo, que sabia a lingoa, que lá estiuera com Martim Afonso; o qual foy muyto autorizado, acompanhado com dez homens portugueses, que leuou de presente dous cauallos de preço muyto bem concertados, e peças de brocados e veludos de Meca, e agoas rosadas em caixões [3], assy como vierão das prezas do Estreito, e assy peças de seda de Portugal, veludos, e citys, que tudo valia mais de tres mil pardaos o presente. Do que o gozil se mostrou tão contente, do bom presente que mandauão a ElRey, que fazia aos nossos muytos fauores, sem ninguem os anojar; porque os bengalas são falsa gente e ladrões, e por roubar [4] * ale-

[1] * e * Autogr. [2] Falta aqui provavelmente a palavra *mil*. [3] Ainda com as marcas dos donos a quem tinham sido roubados, como sinceramente refere *Castanh. Hist. da Ind.* Liv. VIII, Cap. LXVII. [4] * aleuão * Autogr.

uantão * brigas por acodirem outros a roubar; o que então o gozil trazia bem castigado, com que os nossos, com muyta seguridade, em terra se aposentarão em seus bengaçaes, e casas em que se aposentarão ao longo da praya, desembarcando suas fazendas, de que furtauão muytas, que escondião por nom pagarem dereytos, que os guardas, por pouca cousa que lhe dauão, deixauão passar; e como os nossos * são * muy desmandados e soberbos nas terras que lhe obedecem, com o fauor que sentião no gozil os nossos começarão a fazer desmandos e males, a que o gozil nom acodia. Era aquy com Martim Afonso hum Antonio Gramaxo, homem riqo, que já outras vezes estiuera em Bengala, e sabia bem os males que os gozis fazião aos nossos, se lhe achauão fazendas furtadas ou se fazião algum desmando, e vendo que os nossos agora tantos fazião, e o gozil a nada acodia, tomou d'isto certa sospeita que nom carecia isto de alguma trayção, e o falou com Martim Afonso, dizendo que elle via soffrir cousas aos piães do gozil, que os nossos fazião, sem lhe hirem á mão nem se queixarem dos nossos, que certamente elles o nom soffrião senão porque lhe era mandado polo gozil; que sem duvida sabido tinha que o gozil lho mandaua que deixassem os nossos fazer quanto quigessem, o que estaua sem duvida que nom era senão porque armauão alguma trayção; que por tanto elle deuia de muyto castigar os homens, que nom fizessem o que fazião, nem andassem de noite tão desmandados como andauão com as molheres da terra. Do que nada cayo na vontade a Martim Afonso que lhe fizesse tomar tal sospeita, e mais porque lhe veo recado d'ElRey que estaua na cidade do [1] * Gouro *, que he cem legoas pola terra dentro, dizendo ao gozil que tinha muyto prazer da chegada de Martim Afonso, seu grande amigo, que tão grandes mercadores lhe trouxera a sua terra pera lhe dar tanto proueito; que por tanto a elle e a todos lhe fizesse todolas honras que merecião. Com o que Antonio Gramaxo mais cramaua.

Os que forão com o presente o apresentarão a ElRey, que muyto com elle folgou. Mas na cidade estaua o rume a que Dimião Bernaldes

[1] * boru * Autogr. Aindaque *Andrada*, copiando *Gaspar Correa*, escreveu de *Boru*, na *Chron. de D. João III*, Part. II, Cap. LXXX, é evidente que o nosso auctor quiz alludir á cidade do Gouro, mencionada por *Castanh. Hist. da Ind.* Liv. VIII, Cap. LXVII, e descripta por *Barros*, Dec. IV, Liv. IX, Cap. I.

tomara a fusta, que era lascarym d'ElRey, que vendo o presente lhe disse: « Senhor, os veludos de Meca e agoas rosadas dos caixões, que aquy » « te trazem, roubão os portugueses polo mar, tomando os peregrinos que » « vão pera a santa casa de Meca; e são ladrões muy sotys, que entrão » « nas terras com mercadarias a vender e comprar, e dadiuas d'amisades, » « andão espiando as terras e gentes, e depois com gente armada as vão » « tomar, matando e queimando, e fazendo taes males que ficão senho- » « res das terras; com que tem feitos por estas partes grandes males. E » « este capitão mór foy já catiuo e mal [1] * tratado * polo Codauascão em » « Chatigão, e vem por se vingar do mal que lhe fizerão, e por isso trás » « tantos nauios e gente, que são tresentos homens, que todos andão ven- » « dendo e comprando, porque cuidem quem os vê que são mercadores; » « que tenho sabido que tem fazendas desembarcadas que valem duzen- » « tos mil pardaos, todas escondidas, por te nom pagarem teus direitos. » « Polo que nom deues de perder tão boa preza, como tens na mão, e » « deues tomar tudo, e os portugueses matar ou prender, porque depois » « polos soltares te darão grande resgate e te farão pazes. »

O Rey, como era tyrano, e o tinha já na vontade, logo o pôs em obra, e mandou ter todos os caminhos, que cousa nom passasse que fosse dar recado; porque elle logo mandou prender os portugueses que lhe leuarão o presente, e mandou recado ao gozil que fizesse alguma manha com que prendesse todos os portugueses, e se aleuantassem brigas, que a todos * matasse * [2], e pusesse a muyto bom recado todas as fazendas, que bem sabia que todas estauão em terras desembarcadas, e os portugueses andauão de noite folgando pelas casas das molheres; e que isto lh'encomendaua que o fizesse com tal recado que nom saysse em mal seu feito. O que ouvido este recado d'ElRey o gozil se ordenou pera isso, dizendo a Martim Afonso que ElRey ouvera tanto prazer com o presente, que lhe mandaua que nada fizesse senão o que elle Martim Afonso mandasse. E lhe mandou logo de presente hum riqo sobreceo laurado, branco, peça muy fremosa, e huma corja de byatilhas que valia duzentos pardãos; e cada dia lhe mandaua presentes de comer, e Martim Afonso assy lhe mandaua outras boas peças, com que 'amisade era muy grande, com

[1] * trado * Autogr. [2] V.ª *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. II, Cap. LXXX.

muytas franquezas a todos os portugueses nas vendas e compras, que nom auia que mais pedir. E como o gozil andaua sotylizando a trayção fazia vir muytas fazendas, que os nossos comprauão, e desembarcauão suas fazendas pera vender e comprar, e as que tinhão compradas as querião embarqar, e pagar os direitos. No que o gozil lhe fazia detença nos despachos, porque as nom embarcassem, e por isso todas as compradas estauão na terra, e boas vigias que as nom embarcassem, e se algumas embarcauão lho nom tolhião, mas o gozil se queixaua a Martim Afonso, com que elle muyto pelejauã com os homens. Antonio Gramaxo, que entendia a cousa, concertou com hum mercador grande copia de roupa, que valia tres mil pardaos, e concertou com elle dandolhe logo os dereitos, que os fosse pagar ao gozil, pera elle logo poder embarquar a roupa; mas o mercador assy o nom quis concertar, polo que Antonio Gramaxo nom quis comprar a roupa, polo que Martim Afonso bradou com elle que tomasse a compra, que era boa. Elle respondeo: «Senhor, eu vos digo» «verdade que o dinheiro logo o mandey pera o meu nauio; e vos di-» «go, senhor, que por amor de vós estou em terra, porque esta salsa» «d'estes bengalas ha d'amargar, ou eu nom conheço bengalas. E de-» «ueys, senhor, de dessimular com o comprar, pois nom querer o go-» «zil arrecadar os direitos * nom he * senão porque se nom embarque» «a fazenda; com * que * assy dessimulay até auer recado dos nossos» «que leuárão o presente.» O que o Martim Afonso assy [1] * quisera * fazer, e defendia aos homens que nom comprassem; o que elles, nom sabendo o porque o fazia, praguejauão, e dizião que elle lhe tolhia que nom comprassem porque elle queria comprar tudo pera sy; com que Martim Afonso deixaua a cada hum fazer sua vontade. O gozil 'os portugueses que hião a sua casa lhe daua almoçar e merendar, e daua pannos, com que muytos lá acodião; com que Martim Afonso o veo a defender. E porque Martim Afonso vio que tardauão muyto os que forão com o presente, e nom vinhão nem mandauão recado, o falando com o gozil, elle lhe dixe que ElRey os nom mandaua porque agardaua por huns pannos riqos, que queria mandar pera o Gouernador; que se quigesse deuia de mandar hum homem com seu recado rogar a ElRey que os despachasse, e elle tambem mandaria perguntar a ElRey quanta quita que-

[1] * quiser * Autogr.

ria fazer ás fazendas que estauão compradas, que ElRey lhe escreuera que queria fazer quita, e por isso elle nom fazia os direitos ás fazendas pera se embarcarem. Com estas cousas estaua Martim Afonso mais crente e seguro mais que em Goa. Logo deu auiamento, que tirou dos mercadores todos mil cruzados, com que lhe pagarão huma peça de tela d'ouro, que mandou a ElRey per João de Bryones, e pedir a ElRey que os mandasse despachar. O qual messigeiro mandou o gozil gardado com seus piães, que ao primeyro lugar onde forão anoitecer João de Bryones foy preso, e leuado a ElRey com a peça. O gozil, vendo que era tempo de sua trayção, antes que se descobrisse a prisão que ElRey tinha feita aos que lhe leuarão o presente, e elle que já tudo tinha bem ordenado com os seus de que se fiaua, conuidou Martim Afonso, com rogos, que fosse tomar hum jantar a sua casa; porque o gozil algumas vezes almoçaua com Martim Afonso, que lhe fazia muyta festa. E tão afincadamente isto rogou a Martim Afonso que lho concedeo, e o gozil lhe rogou que leuasse comsigo os mais honrados mercadores que ouvesse, e capitães dos nauios, quaes elle quigesse, porque acabado o jantar lhe daria pancada [1] em muyta roupa, que erão chegados muytos mercadores. Do que Martim Afonso ouve prazer, e outros que estauão com elle, que logo lhe pedirão que os leuasse comsigo; e quis o peccado que n'este dia ouve hum arroydo « de » huns portugueses com outros, que ouve hum morto e muytos feridos, e acodio ao arroydo o gozil, cuidando que era com os seus, e assy Martim Afonso. Do que o gozil muyto bradou com Martim Afonso porque consentia os homens andar armados, que andauão soberbos, com que logo fazião brigas; que lhe nom consentisse que andassem assy como homens de guerra e nom mercadores. Martim Afonso, por comprazer o gozil, mandou apregoar que nenhum homem trouxesse armas mais que suas espadas e zagunchos; o que assy se fez, que nom trouxerão mais outras armas que espadas e zagunchos.

E pois sendo o dia de jantar, que acertou de ser em dia de Santomé, ao chamado do gozil foy Martim Afonso, leuando comsigo até sessenta homens, os mais honrados de sua companhia, que nom leuauão

[1] Talvez « *passada* ». *Andrada* na *Chron. de D. João III*, Part. II, Cap. LXXXI, diz o seguinte: « porque acabando de jantar lhe faria dar vista de muytas roupas, etc.

mais que espadas, e alguns as nom leuauão; e forão ás casas do gozil, que * erão * grandes e bem ordenadas pera o feito, e as tinha muy bem concertadas, * e * estauão fóra da pouoação hum tiro de falcão; em que tinha metida muyta gente secreta, com suas armas, e tinha as casas enramadas, e juncadas, e armadas, e hum grande pateo de porta fechado, em que estaua armado hum grande e fremoso sobreceo de grandes lauores, onde estaua o gozil vestido de festa, com muytos tangeres, e volteadores, e bayladores, e chocarreyros. D'esta parte da entrada da casa, aonde estauão postas as mesas, auia cinco casas com suas portas porque auião de passar. O gozil tomou pola mão Martim Afonso, com grandes prazeres, e caminhou diante de todos, e disse a Martim Afonso que mandasse que nom entrassem negros, porque hião muytos com seus senhores, que leuauão armas, 'o que o Martim Afonso a isso mandou ficar hum seu criado, que nom deixasse entrar os negros, que todos ficarão no pateo. E entrou assy o gozil com Martim Afonso, e todos após elles em fio, hum após outro, porque entrauão polos postigos, porque as portas grandes estauão sempre fechadas; e chegando a hum pateo cercado de varandas por cima, que tudo estaua paramentado com riqos pannos, onde estauão as mesas postas, altas á nossa usança, com muyto pão e bolos, (que elle buscara n'armada quem lho fizesse e escrauos cosinheiros pera fazer os comeres) e banqos com alcatifas pera se assentarem, o gozil fez assentar Martim Afonso em seu lugar, * e * andaua agasalhando os outros, e os fazia assentar. Ao que, sendo dentro até vinte homens, o gozil supitamente se meteo per huma portinha, que fechou com grande pancada na porta; o que ouvido polo porteiro d'esta casa tambem a fechou com brado que os outros ouvirão, e todos fecharão as portas de pancada, com que ficauão fechadas do fecho, e se colherão per outras portinhas. O que assy feito, ficarão todos fechados, e em cada casa oito, dez dos nossos; ao que em todas as casas se deu grande grita, que ouvida fóra, dos negros que ficarão fóra, forão correndo pera' pouoação, bradando e gritando que acodissem; ao que sayo muyta gente armada do gozil, que forão após elles os matando e ferindo. O que ouvido na pouoação, onde o gozil tinha pera isso muyta gente, que acodirão com armas ás casas e bengaçaes dos portuguezes tolher que se nom [1] * embarcas-

[1] * embarcassem no que ouve * Autogr.

sem, ouve * nos nossos tamanho medo e trouação* que se deitauão a nado, fogindo pera as embarcações. A gente do gozil nom pelejaua, sómente * procuraua * tomar e catiuar, * e * sómente matauão os que querião pelejar. Martim Afonso, com os que com elle ficarão, e os outros polas outras casas, que ficarão assy fechados como carneiros, vendose assy tomados ás mãos, como galinhas em çorças, nom tinhão paciencia.

O gozil, com muyta gente, appareceo sobre as varandas de sobre o pateo, e falou a Martim Afonso, dizendo que se nom agastasse, que elle fizera o que lhe mandara ElRey seu senhor, que muyto desejaua de o ver e falar com elle, e se o mandara chamar elle nom ouvera de querer hir, sobre o que se fizera algum mal, que elle nom quis que se fizesse; que por tanto assy com engano os tomara, que auião de ser leuados a ElRey; que por tanto lhe rogaua que sem trabalho se quigessem entregar, porque lhe nom fizessem mal gente d'ElRey que era vinda pera os leuarem; porque se nom s'entregassem nom os auião de tomar por força nem com peleja, mas que ally estarião ençarrados, como estauão, sem comer nem beber, até que todos morressem, porque assy o mandaua ElRey.

O que ouvido por Martim Afonso, lhe respondeo que se ElRey o queria vêr mandasse a elle e soltasse os outros. Dixe o gozil: « ElRey » « manda leuar a todos, e quantos lá estauão na pouoação já são presos, » « e por tanto auey vosso conselho no que quereys fazer. » Então Martim Afonso falando com todos, que bem ouvião a ounião que auia na outra casa, que prendião os outros [1] * portugueses, todos * concordarão que se entregassem, pois nom tinhão remedio nenhum, senão o que lhe Deos désse por sua misericordia. Então disserão ao gozil que farião o que elle mandasse; então lhe pedio as espadas e adagas, e todas armas que tinhão, que tudo entregarão. Então o gozil abrio a portinha porque se elle metera, e mandou hir acima Martim Afonso, que foy metido em huma casa, onde lhe deitarão ferros delgados nos pés e nas mãos, atados aos pescoços; o que assy foy feito a todos, hum e hum, e d'esta maneyra forão presos todos, que passauão de sessenta, todos metidos em casas com muytos guardas, que lhe dauão pancadas, com canas que tinhão, se falauão.

Os negros que ficarão no pateo, que tinhão lanças e dargas, e al-

[1] * portugueses E todos * Autogr.

guns espingardas, que nom puderão fogir porque lhe tomarão a porta muyta gente, que lhe bradauão que nom pelejassem até que viessem seus senhores; mas vendo elles sayr o gozil e a gente que lhe pedião as armas, que serião oitenta negros, se meterão a pelejar muytos d'elles, que outros que erão bengalas nom quiserão, em modo que forão casy todos mortos e feridos, e catiuos com as feridas; mas dos bengalas forão [1] * mortos muytos e feridos *, que passarão de duzentos, que se nom forão as frechas dos [2] * bengalas * os negros lhe fizerão muyto mal. E o gozil foy recolher o roubo, que foy muy grande, porque [3] * nos * homens que se colherão aos nauios foy a pressa tal, que muytos deixarão as boetas. O gozil tudo recolhia escrito polos escriuães d'ElRey. Antonio Gramaxo, de que atrás faley, Martim Afonso o conuidou que fosse ao banquete, o qual sempre trazia quatro escrauos d'espingardas e quatro com lanças e adargas, porque se temia, e o [4] * chamando * Martim Afonso, lhe disse: «Senhor, » « vá vossa mercê com a paz de Deos, que vos garde de máos bocados de » « bengalas. Olhay o banquete nom seja de peçonha. Eu acompanharuos- » « hey até lá; mas heyme de tornar. » Elle, zombando, disse que si, e foy. E entrando Martim Afonso no pateo, que vio * o Gramaxo * o recebimento do gozil e que entrauão pera casa, falou com hum homem seu amigo que se tornasse, e désse ao demo o jantar. En'isto falando fizerão detença, e forão sayr pela porta, ao tempo que os bengalas as fecharão por fóra. O que ouvido d'Antonio Gramaxo, voltou 'acodir á porta e a fazer abrir, onde a gente que estaua de fóra, que era muyta, acodirão sobre elle, onde o derrubarão de huma frechada, e elle e o companheiro forão mortos, e cinqo escrauos, e os outros, feridos, correndo, bradando, forão dar o rebate na pouoação, com que a gente fogio pera os nauios, como atrás dixe. Os quaes assy recolhidos, que serião cem homens, se ordenarão pera sayrem a terra fazer alguma vingança; mas como era gente sem cabeça que os regesse nom fizerão nada, e tambem porque lhes pareceo que fazendo mal na terra seria mal pera os catiuos, e por isso nom fizerão nada.

O gozil mandou enfardelar todo quanto fato tomou dos portugueses, e o mandou a ElRey, e com elle Martim Afonso e os portugueses como

[1] * mortos muytos mortos e feridos * Autogr. [2] * benga * Id. [3] * os * Id. [4] * chamdo * Id.

estauão nas prisões, sómente soltos dos pés pera poderem andar, e com cada português hião seis homens de guarda, que onde quer que dormião lhe tornauão a deitar os ferros, dandolhe punhadas e couces, e fazendo muyto mal, em cem legoas de caminho que andarão, até a cidade em * que * ElRey estaua, que se chamaua o Gouro [1], onde todos forão metidos em prisão em casinhas, que hum nom falaua ao outro, onde passarão muytos males de fome, sede, e fedores, que lhe nom alimpauão as casas em que mijauão e fazião suas necessidades; e nom virão Duarte d'Azeuedo, nem os outros portugueses que com elle forão, nem sabião o que era feito d'elles.

Então o Rey huma noite mandou leuar Martim Afonso só, e lhe dixe: «Tu porque foste tão mal aconselhado que * te * vieste meter em» «minha terra, pera te vingares de teu mal, que te eu nom fiz nem man-» «dey fazer, porque ha pouqo que som Rey? Então, em modo de mer-» «cadores, com tua gente vinhas tomar tua vingança?» Ao que lhe Martim Afonso nom respondeo, e estaua com os olhos no chão e muy triste rostro. Dixe ElRey: «Nom respondes, porque quem me isto dixe me fa-» «lou verdade.» Martim Afonso então respondeo: «Quem te isso dixe» «nom te falou verdade, porque se eu viera a fazer mal nom trouxera» «tresentos mil pardaos de mercadarias, que * o * gozil tomou; que pera» «te fazer muyto mal bastára tomar os portos do mar e tolher as embar-» «cações de fóra, com que perderas tuas grandes rendas.» ElRey lhe dixe: «Tu dizes boa rezão, e quando achar mentira o que me dixerão» «mo pagará quem me deu máo conselho, e te mandarey soltar, e nom» «perderás nada, porque todas as fazendas mandey escreuer e guardar.» «E isto assy será.» Dixe Martim Afonso: «Se som culpado a mim man-» «da matar, ou senão mandanos dar que comer.» E então ElRey o mandou tornar á prisão, e lhe mandou moeda a cada hum que lhe bastaua pera comer. Os guardas lhe tomauão tudo, e * os nossos * se mantinhão d'esmolas que lhe dauão. Onde assy estiuerão muyto tempo, até que forão soltos, como adiante direy.

Mas esta perda foy huma das móres que ouve na India, e Martim Afonso o que mais perdeo; e elle [2] * confessaua * que todo o mal fizera com cegueira de nom querer crer muytos auisos, que lhe derão, que nom

[1] Confirma a nota de pag. 178. [2] * confessa * Autogr.

fosse a casa do gozil. ElRey lhe mandou dar todo o fato, que se achou nas arqas, de vestir: camisas, ciroulas, jubões, cousas de que elle nom podia fazer proueito.

CAPITULO XXXIX [1].

DO QUE SE PASSOU NAS PARTES DE MALACA E DE MALUCO N'ESTE ANNO DE 533, E ATRÁS DE 532.

Dom Paulo da Gama, que era bom filho de seu pay no zelo do bom seruiço d'ElRey, depois de estar em sua capitania de Malaca, e sabido o como estauão as cousas da guerra e paz com os visinhos de Malaca, e sabido como o Rey d'Ugentana, que primeiro fôra Rey de Bintão, estaua muy forte e poderoso de gente, com grande armada no mar, o qual fizera pazes com Pero Mascarenhas estando em Malaca, as quaes nunqua as bem guardara, assentou dom Paulo, por nom estar ocioso, de lhe hir fazer guerra; e logo ordenou huma boa armada, de que logo foy auiso ao Rey d'Ugentana, que mais prestesmente apercebeo a sua, de trinta lancharas muyto armadas com muyta gente, e mandou por capitão d'ella hum valente mouro chamado Tuambár [2], a que mandou que partida nossa armada da forteleza, em que nom ficaria tanta gente que lho defendesse, désse na pouoação dos quelys, e a queimasse e destroysse quanto pudesse. O qual capitão com sua armada chegou á ilha das Naos, junto de Malaca, estando nossa armada pera partir. O mouro, muy atreuido, com dessimulação foy em hum calaluz falar a dom Paulo, que andaua na ribeira dando auiamento, e lhe deu recado, dizendo que ElRey d'Ugentana, seu senhor, o mandaua com aquella armada a secorrer ElRey de Perá seu irmão, e lhe mandara que de caminho o fosse visitar, e saber se mandaua d'elle algum seruiço. Ao que dom Paulo lhe deu boa reposta de grandes agardecimentos e boas amisades, com que o mouro se tornou. O que sendo entendida esta cousa, dom Paulo, per conselho deixou de hir a Ugentana, e com dessimulação e por assentar alguma verdade, se a tinha o Rey de Ugentana, lhe mandou visitação d'amisade per hum Fernão Vieira, que foy muy autorisado, com presente e oito portugueses,

[1] E' o XXXVII no Autogr. [2] Ou Tucão barcalar, segundo *Castanh. Hist. da Ind.*, Liv. VIII, Cap. LXVI.

pera confirmar as pazes; mas o Rey, como era máo e falso, a todos mandou matar com noua crueza, que despidos em hum campo, atados de pés e mãos, lhe mandou deitar por cima agua feruendo, com que ficarão meos cosidos, e assy ficarão, que de noite vierão adibes que os comerão: dizendo que assy auia de vingar a morte de [1] * Sana Raja *, que Gracia de Sá mandara deitar da torre abaixo. E fiqou assy aleuantada a guerra que o Rey d'Ugentana sempre fazia a Malaca, que durou até que foy dom Esteuão; mas sempre dom Paulo lhe fez muytos males, porque os soldados folgauão muyto de seruir dom Paulo, porque era de nobre condição e liberal, e daua grande mesa. E porque auia muytos annos que os Reys de Pão e Patane estauão aleuantados, que era grande perda pera o trato de Malaca, dom Paulo lhe mandou messagem * de pazes * per hum Manuel Godinho, que as assentou como dom Paulo pedio, que foy grande bem, porque por caso d'estas pazes se tornou 'assentar a paz da China per outros muytos portos que forão descubertos.

FALA DE MALUCO.

Já atrás fica contado da maneyra que foy feito capitão Vicente da Fonseca em Maluco, o qual na monção fez prestes hum junqo carregado de crauo pera mandar a Malaca, de que deu a capitania a hum Afonso Pires, homem de sua valia, que o ajudara a ser capitão. A qual capitania do junqo lhe pedio Brás Pereira, e porque lha nom quis dar ficarão muyto de quebra, até o Brás Pereira [2] * fazer * requerimento ao feytor, e o ouvidor, e officiaes da feytoria, que prendessem Vicente da Fonseca, que fòra trédor a seu capitão e ajudara os mouros que o matassem, e por este caso ser tão crime nom podia ser capitão: com o que andauão em bandos, e punhão escritos que o auião de prender. Polo que Vicente da Fonseca prendeo alguns que mais falauão, dizendo os mandaria á India ao Gouernador, que lhe fossem dizer os males que elle fazia; e fazendo prestes hum bargantim cuidarão que era pera os mandar a Mala-

[1] No autographo lê-se * Saya *; mas deve ser Sanarajá, como traz *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. II, Cap. LXXXIII. Em *Castanh.* Liv. VIII, Cap. LXVI, lê-se *Sanaya;* e em *Barros*, Dec. IV, Liv. IX, Cap. XII, vem *Sinaia.*
[2] * fez * Autogr.

ca, e de noite puserão fogo ao bergantim, que apagarão; com que então homens armados vigiauão a ribeira, e o Vicente da Fonseca mandou prender hum homem da galeota de Brás Pereira, que elle nom quis dar ao ouvidor, e falou muy fêas palauras contra o Vicente da Fonseca, o qual mandou tomar a barquinha, que estaua na praya com os escrauos que erão d'El-Rey, e defendeo que nenhuma almadia fosse á galeota. Ao que Brás Pereira daua brados aos que estauão em terra na praya, dizendo que fossem prender aquelle trédor que matara seu capitão, e lhe mandou tirar ás galés com hum falcão da galeota; ao que Vicente da Fonseca lhe mandou tirar da forteleza, e meter a galeota no fundo, onde estauão corenta homens. Ao que lhe forão á mão, e se ajuntou toda a gente, e da praya bradaua Vicente da Fonseca a Brás Pereira que nom causasse ounião, e lhe obedecesse. Brás Pereira bradaua da galeota que prendessem Vicente da Fonseca, que era trédor, que matara seu capitão, e a elles ambos os leuassem ao Gouernador, que faria justiça de quem o merecesse. Ao que a gente se amotinou, e o Brás Pereira foy preso e entrege ao capitão do bargantim, com alguns de sua companhia, de que Vicente da Fonseca se temeo que o matassem, e os mandou a Malaca com autos, que os leuassem ao Gouernador. O que foy em março de 532 que o junqo e bargantim partirão pera Malaca; parecendolhe que assy ficaua seguro em sua capitania; mas nom foy assy, porque ouve consulta de o prenderem em ferros e o mandarem á India, e fazerem outro capitão per eleição. Do que foy auisado Vicente da Fonseca, que com todos dessimulou, fazendolhe grandes amisades e deixandolhe fazer quanto crauo querião, e comtudo inda o mordião por detrás; com que Vicente da Fonseca viuia vida muy trabalhosa, sempre armado secretamente de huma saya de malha, e a espada na mão direita, nom se fiando de ninguem; com que era muy arrependido de tomar tal encargo.

Os mouros, vendo os grandes males que auia antre os portugueses, matando seus capitães, e *os* aleuantamentos contra os mandados de seu Rey, e huns contra outros, *e que* nom tinhão ley nem verdade, e que os nossos creligos erão os piores, e *como* vião as traições e falsidades dos nossos, tomarão atreuimento que elles outro tanto farião e os nossos os ajudarião, ou [1] *ao* menos os nom castigarião; e com este

[1] *a* Autogr.

atreuimento, [1] * Pateçarangue *, regedor do Reyno, determinou de matar ElRey Cachil Dayalo, que reinaua, e fazer Rey hum seu irmão mais moço, que nom era inda em idade, pera elle em tanto mandar o Reyno como Rey; e com esta tenção falou com alguns portugueses que erão da liga de Vicente da Fonseca, dizendolhe o que determinaua fazer, ao que Vicente da Fonseca deuia de dar fauor, pois lhe viria tanto em proueito ter a elle em seu fauor e ajuda pera o que lhe comprisse, sendo elle regedor do Reyno, que a elle Vicente da Fonseca, e a todolos seus, faria quanto quigessem: os quaes portugueses falando isto com elle foy muyto contente, dizendo que a isso daria toda' ajuda que comprisse. E porque o Pateçarangue nom podia fazer sua traição muyto segura senão [2] * metendo os fidalgos em odio * com ElRey, elle o buscou, fazendo crer a alguns dos principaes que ElRey lhe dormia com suas molheres quando hião a ver a Raynha. Do que elles logo tomarão sospeita, porque a Raynha as mandaua chamar muytas vezes; o que a Raynha fazia por as ter por grandes amigas, e que assy o fossem seus maridos: do que ElRey era inocente. Sendo assy ordenado este odio, Pateçarangue ordenou outro contra ElRey, que falou com os mouros que secretamente de noite matassem algum portuguès, se o achassem só, e seus escrauos; porque auia então falta de mantimentos, que os nossos mandauão de noite seus escrauos que o fossem furtar aos mouros; os quaes, por odio mortal que tinhão aos nossos, assy o fazião, e matauão algum portuguès, se o achauão de bom lanço, e aos escrauos, e matarão muytos com peçonha, que deitauão em cabaças que tinhão nas palmeiras, em que estauão recolhendo o vinho d'ellas. O que sentindo Vicente da Fonseca, que os nossos d'isto se queixauão, o dixe a Pateçarangue. Elle lhe dixe que os mouros amigos d'ElRey fazião aquillo, que ElRey mandaua que o fizessem, em vingança de seus males passados. Do que Vicente da Fonseca se mandou queixar a ElRey, que fiqou muy espantado, porque nada sabia, e logo se quisera hir desculpar ao capitão por sua pessoa; mas o Pateçarangue

[1] Aindaque G. Correa escreveu * Patecarange * quasi sempre, e só uma vez *Pate sarange*, fez-se esta alteração, auctorisada por *Castanh. Hist. da Ind.* Liv. VIII, Cap. LV, que assim escreve o nome do regedor de Ternate, no que não vai mui longe de *Barros*, que na Dec. IV, Liv. VI, Cap. XXII, traz *Pate Sarangue.*
[2] * tendo os fidalas odio * V.^e *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. II, Cap. LXXXIIII.

lho defendeo, dizendo que se fosse á forteleza que o prenderia, e por isso nom foy, e se mandou desculpar pelo Pateçarangue, que folminou com o capitão que prendesse ElRey e o tiuesse na forteleza como d'antes : o que assy assentou. Do que ElRey tinha muyto medo, e se ausentaua dos nossos, mas fazialhe tudo o que lhe pedião, e sobre tudo a Vicente da Fonseca, que em nada o anojaua. E tanto o Pateçarangue foy descobrindo sua trayção que ElRey foy d'isso auisado, e como era de bom coração, e auisado, dessimulou com o Pateçarangue e nom bolio com elle, porque bem sabia que o capitão auia de acodir por elle. O que assy andando, forão ao mato quatro escrauos dos portugueses, que desaparecerão, que nom forão achados; polo que o capitão mandou dizer a ElRey que pois os escrauos nom erão achados, que elle os deuia de ter; que logo lhos mandasse. Do que ElRey ouve medo, e lhe respondeo que dos escrauos nada sabia; mas que de sua casa daria outros, porque nom queria estar mal com elle, e que se hia viuer mais longe por nom ter mais desgostos. E se foy com sua mãy, e os do conselho, aposentar d'aquy mea legoa, dizendo que lá faria milhor o que elle mandasse. Com o que o capitão assentou de matar ElRey, como Pateçarangue queria, e mandaua fazer muytos males aos mouros pera romper guerra. 'O que ElRey, sentindo a causa de que isto vinha, ouve conselho com a Raynha e com os seus, e assentou de se afastar mais longe, e hir viuer na terra, e fazer outra pouoação em que viuesse, por se tirar d'estes inconuenientes. Do que deu conta ao Rey de Tidore, que era seu tio irmão de sua mãy, que lhe disse que fazia bem.

Com que ElRey se foy, e fiqou a Raynha pera fazer hir o Pateçarangue e os seus; mas elle nom quis hir, antes se pôs em armas com os seus pera se defender. Ao que veo ElRey pera o tomar, mas o capitão lhe deu costas, e lhe mandou corenta portugueses armados e com suas espingardas, que estauão diante do Pateçarangue pera o defenderem, e chegado ElRey, que isto vio, disse que com os portugueses nom queria pelejar, mas que o capitão fazia mal em lhe nom deixar castigar os seus, sendo elle vassallo d'ElRey de Portugal, tendolhe prometido o contrairo, e que o ajudarião contra os que lhe desobedecessem, assy como ora fazia Pateçarangue, seu vassallo, que elle queria castigar; e que pois elle capitão lhe daua fauor e ajuda de portugueses espingardeiros, no que quebraua a verdade d'ElRey de Portugal, elle, como verdadeiro vassallo, nom queria romper guerra, e se tornaua, e hia viuer polos matos, onde

queria estar, e deixar perder sua cidade, antes que viuer em paixões e desgostos com o capitão. Falando com os espingardeiros que assy lho dixessem; e que lá ao mato lhe mandasse pedir tudo o que fosse seruiço d'ElRey de Portugal, e verião como o fazia, como fiel vassallo d'ElRey de Portugal e amigo dos portugueses; e que se tornaua, e agardaria pela reposta do capitão, pera saber o que lhe compria fazer. Ouvido por Vicente da Fonseca o recado d'ElRey, bradou com os espingardeiros porque o nom matarão; falando muytas deshonras contra ElRey e contra a Raynha e os seus, jurando que o auia de destroyr. O que tudo foy contado a ElRey, que logo mandou seus capitães contra Pateçarangue, que cada dia lhe matauão gente; o que ElRey mais quis apertar, e veo com muyta gente por terra e por mar. Ao que o capitão mandou ajuda ao Pate de sessenta portugueses espingardeiros, em hum batel e hum parao; os quaes vendo ElRey se tornou pera trás, dizendo que os portugueses lhe fizessem quanto mal quigessem, que elle tudo soffreria, mas nom pelejaria com elles. E depois se meteo em hum barco pequeno com seus mandarys, e foy pera falar ao capitão e lhe rogar que nom ouvesse guerra; e o capitão o nom quis ouvir, e mandou correr após elle que lho tomassem, e ElRey fogio pola terra dentro, e lhe tomarão o barqo com seu fato, e seus mandarys feridos; e depois Vicente da Fonseca foy buscar ElRey, e lhe fez mal na sua gente, e lhe tomou su'armada, com que se tornou, com muyto prazer do Pateçarangue. E postoque ElRey foy conuidado d'outros Reys seus amigos, e do Rey de Tidore seu tio, pera fazer guerra aos nossos, elle * a * nom quis fazer, dizendo: « Este tempo he » « de minha fortuna [1]. Virá outro de bonança. » Que antes queria perder seu Reyno que ter guerra com os portugueses. Então se foy com sua mãy e sua familia, e os seus mandarys, pera Tidore, pedindo a ElRey que o fizesse amigo com Vicente da Fonseca, pera o que tambem rogou ao Rey de Bachão e de Geilolo, e a Fernão de la Torre, que todos lhe promettêrão que n'isso o ajudarião quanto pudessem.

Vicente da Fonseca, nom contente de nada, fez prestes toda a gente, mouros e portugueses, e fez grande armada, e foy á terra alta em busca d'ElRey, que nom sabia que era hido e cuidou que se acolhera pera serra, e queimou * o * lugar, e outros dous, porque a gente fogio; e sa-

[1] Isto e: de meus trabalhos.

bido que ElRey era fogido pera Tidore, por isso ordenou de lhe tirar o Reyno e fazer outro Rey, porque o Reyno nom podia estar sem Rey; que assy lho aconselhou Pateçarangue, e os de sua valia, que elle fizesse Rey do Reyno de Ternate, que era hum filho bastardo do Rey morto, irmão de Cachil Dayalo que reinaua, chamado Cachil [1] * Tabarija *, de idade de treze annos, pera elles poderem mandar a terra á sua vontade. O que assy o fez Vicente da Fonseca, que fez Rey ao moço, e o Pateçarangue regedor do Reyno, com que fiqou Rey inteiro, e com suas festas aleuantou o Rey nouo Tabarija, e o capitão o leuou por muytos lugares, o apregoando por Rey, dizendo que tirara o Reyno a Dayalo e o deitara fóra do Reyno com sua mãy, e aos seus, porque forão culpados na morte do capitão; e por tanto todos obedecessem a Tabarija, que era Rey de direito, porque auia de fazer a guerra aos que lhe nom obedecessem. O que todos obedecerão, senão o regedor de Toloco, que era imigo de Pateçarangue, porque sabia que trayra a ElRey Dayalo; polo que o mandou prender Vicente da Fonseca. E sabido por o Pateçarangue que Rey Dayalo estaua com o Rey de Tidore, fez com Vicente da Fonseca que com todo seu poder o fosse pedir ao Rey de Tidore que lho entregasse, com a mãy, e com todo o seu tisouro, senão que o destroysse. O que assy fez o capitão, que com grande armada e gente foy amanhecer no porto de Tidore, e mandou dizer a ElRey que logo lhe entregasse Rey Dayalo e sua mãy, e seu tisouro, e quanto leuara de Ternate, e senão que lhe faria guerra. Do qual ElRey, que era muyto moço, fiqou medroso, e respondeo que elle faria o que fosse seruiço d'ElRey de Portugal, e fosse a terra, e ambos falarião e concertarião; mas o Pateçarangue nom consentio que o capitão fosse a terra, e o capitão lhe tornou a dizer que logo comprisse com o que lhe pedia. ElRey lhe respondeo que aueria seu conselho, então hiria falar com elle. O que o capitão nom agardou, mas supitamente desembarcou com toda a gente, * e * entrou pola cidade matando e ferindo toda a gente, que estaua segura na paz que estaua feita com os nossos; ao que ElRey fogio pera' serra com sua mãy, e o Rey Dayalo com a sua, e a cidade foy roubada e queimada: com que o capitão se tornou á forteleza. O que sabido pelo regedor de Toloco, que

[1] * Taryja * se lê aqui no original, e n'outros logares *Tarryja* e Tabarryja ou Tabaryja, que parece ser o nome correcto, porque assim o escrevem concordes Castanheda, Barros, e Couto.

estaua preso, o mal que era feito a ElRey Dayalo, tomado seu Reyno, e com sua mãy fogido polos matos, soffria grande magoa. Vendo que tudo fazia Pateçarangue, e que fizera Rey Tabarija, filho bastardo, que nom podia ser Rey, determinou ally morrer na prisão e o matar, e a dous irmãos d'ElRey [1] * Dayalo *, que estauão no sobrado de todo cima da torre, onde elle andaua com huma adoba de quatro élos muy grossa. Secretamente ouve ás mãos hum cutello lequeo, e estando o capitão em baixo á porta da forteleza com o regedor, e elle [2] * estaua * só, remeteo a Rey Tabarija, que com braueza embiqou, e nom lhe abrangeo, que fogio pola escada abaixo bradando, e os outros dous moços fogirão pera huma camara, que fecharão a porta bradando; mas fiqou hum filho de Vicente da Fonseca, menino de sete annos, que andaua folgando com os outros, que nom soube fogir, a que seu pay queria como seus olhos, ao qual o [3] * Toloco * cortou em pedaços com o cutelo, e á reuolta e brados dos moços acodirão do sobrado de baixo, mas o [4] * Toloco * se poz sobre a porta d'alçapão, que o [5] * Toloco * nom quis fechar, e [6] * de cima defendia a escada * com pedras e páos, e hum banqo que deitou, com que a escada fiqou empedida, que nom podião sobir; mas sobindo hum escrauo do capitão, cuberto com huma rodella, o mouro com huma espingarda lhe deu tal pancada em cima da cabeça, em que trazia posta a rodella, que o matou, e cayo na escada, com que fiqou mais pejada, em modo que ninguem podia nem ousaua sobir; em que ouve espaço que os moços deitarão [7] da genella da camara abaixo, que tomarão da outra genela, e por ella sobio hum homem já forro, criado do capitão, que da camara tomou huma chuça, e abrio a porta, e remeteo com o mouro, a que deu tal bote com a chuça que deu com elle pola escada abaixo, e ás estocadas o acabarão de matar. Onde o capitão, achando o filho assy espedaçado, fez triste pranto: que foy sentença de Nosso Senhor, que elle nom conheceo.

Foy muy grande espanto e escandolo por todolas gentes da terras e ilhas derrador de Maluco, ouvindo que os nossos assy deitarão de Ternate o legitimo e verdadeiro Rey que reinaua, e tão amigo dos portugueses, e fazerem Rey hum filho bastardo, auendo outros legitimos; e todo o pouo * ficou * tão escandalisado d'isso que lhe chamauão Rey de Vicente

[1] * Adayallo * Autogr. [2] * esta * Id. [3] * Tyloco * Id. [4] * Tyloquo * Id. [5] Tyloqo * Id. [6] * de cima a defendia a escada * Id. [7] As palavras de que carece o original parece serem *huma corda*.

da Fonseca. Logo fez a mór armada que póde, e com toda a gente, em que mandou Pateçarangue, que leuou muyta gente, que fosse correr todolas terras e as fizesse obedecer ao Rey Tabarija; e ouve ás mãos o tisoureiro d'ElRey, a que tomou grande tisouro, que recolheo a seu poder, que o nom trouxe á forteleza. O que vendo ElRey de Tidore que as cousas hião de cada vez pior, e o Rey Tabarija reinaua em tudo, e o Rey Dayalo seu sobrinho assy era perdido, a que elle nom podia valer, nem podia soster a guerra contra os nossos, fez pazes com o capitão; o * que * vendo o Rey Dayalo nom confiou de estar em Tidore, e mandou pedir ao Rey de Geilolo que o recolhesse, o que elle fez de boa vontade, e lhe deu renda de que se mantesse, e lhe prometeo que elle e Fernão de la Torre trabalharião com * o * capitão sobre algum concerto. O que elle nunqua quis ouvir, e mandou requerer ao Rey de Tidore, com peyta, que lh'entregasse ElRey Dayalo antes que se passasse a Geilolo; o que elle nom quis fazer. Então lhe pedio que lhe ouvesse a mãy do Rey Tabarija, que andaua com a Raynha mãy [1] * do * Rey Dayalo, o que acabou, e com ella se casou o Pateçarangue, por se chamar padrasto d'ElRey Tabarija. E o capitão, por fazer todo o mal que póde ao Rey Dayalo, teue modos secretos com a Raynha sua molher que lhe fogio pera Ternate, o que o Rey de Tidore ajudou, porque era sua irmã; e fogio ella de Geilolo huma noite que embebedou ElRey seu marido, e lhe leuou muyta riqueza de casa; a qual Vicente da Fonseca logo casou com o Rey nouo Tabarija: o que ao outro dia sabido de Dayalo, vendo sua molher fogida, a que queria grande bem, e seu tisouro roubado, esteue pera se matar per suas mãos. Onde assy viueo em muyta pobreza até que foy por capitão de Maluco Tristão d'Atayde, como adiante direy.

CAPITULO XL [2].

DE COMO VASCO DA CUNHA FOY ESPIAR DIO, COM RECADO SIMULADO QUE LEUOU A [3] * MELIQUE * TOCÃO, E O QUE PASSOU.

O Gouernador, muy magoado de nom poder tomar Dio, n'isso maginaua sempre; polo que, quando mandou Diogo da Silueira ao Estreito, logo man-

[1] * o * Autogr. [2] E' o XXXVIII no Autogr. [3] * Mely * Id.

dou após elle Vasco da Cunha, em huma fusta e hum catur, a Dio, com sua carta e presente de peças; que o Melique lhe escreuera que lhe mandasse hum homem com que falasse cousas que muyto comprião: ao que o Gouernador acodio com diligencia, e mandou Tristão de Gá com mensagem a ElRey, dizendo que désse forteleza em Dio, e pera sempre ficaria amigo d'ElRey de Portugal, e suas terras e gentes da borda do mar viuerião em paz; e mandou presentes per'alguns senhores da corte que ajudassem. E Tristão de Gá foy com Vasco da Cunha, que tambem leuou do Gouernador apontamentos do que auia de fazer e falar com o Melique, pera d'elle poder auer forteleza em Dio; pera que lhe fizesse quantos partidos elle pedisse, e segurança d'ElRey de Cambaya nunqua lhe poder empencer; dizendo que se deixasse estar com Melique muyto deuagar, esperando recado de Tristão de Gá do que achaua em ElRey, e que em tanto espiasse e visse a cidade de Dio por dentro e por fóra. E mandou com elle hum homem jáo, casado em Goa, que tinha hum irmão bombardeiro que estaua no baluarte do mar, pera com elle falar e apalpar algum bom caminho. E foy com elle hum artelheiro, que entendia muyto de arteficios e cousas da guerra, pera ver e espiar a cidade se auia alguma boa entrada. E em tudo muyto endustriados partirão, e chegando Vasco da Cunha á barra de Dio pôs no tendal bandeyra branca, ao que veo almadia de terra a saber o que era, e Vasco da Cunha lhe mandou dizer que vinha ally messagem pera ElRey de Cambaya, e tambem pera elle; que lhe mandasse refem e que hiria em terra. Ao que lhe mandou o capitão do baluarte do mar. Então elle e Tristão de Gá forão onde estaua o Melique, e Tristão de Gá lhe dixe que hia com cartas do Gouernador pera o Soltão Badur, que muyto compria que logo o despachasse: com que Melique muyto folgou com elle, porque o conhecia, que fôra dos catiuos que tiuera seu pay Meliqueaz quando foy o desbarato dos rumes por dom Francisco d'Almeida; com o qual Melique falou, e muyto lh'encomendou que na corte trabalhasse de saber como suas cousas estauão com ElRey; porque tinha sabido que o Rumecão desfazia muyto em sua honra, e se grangeaua muyto com ElRey pera que lhe désse a capitania de Dio; o que se fosse, que ElRey lhe désse a capitania de Dio, nom seria senão pera elle lhe mandar cortar a cabeça. Tristão de Gá era homem muy sesudo e entendido, que disse ao Melique poria a cabeça que nunqua ElRey daria a Rumecão a capitania de Dio, que, segundo os rumes

erão trédores [1] *e máos*, isso seria buraco por onde entrassem outros que lhe tomassem a cidade, e d'ahy lhe farião outros grandes males; e por tanto os do conselho d'ElRey tal nom consentirião, mas que o rume auia de falar muytas mentiras e vaidades, por se gramponar, que tolhera que Dio nom se désse; mas que elle teria muyto cuidado do que lh'encomendaua. Ao que logo o Melique lhe mandou dar carreta, e piães de guarda, com que foy á corte, onde ElRey o mandou bem agasalhar com hum capitão de sua casa; onde andou, como adiante direy.

A causa de Melique se querer cartear com o Gouernador foy porque teue auiso da corte que o Badur o mandaua chamar; do qual chamamento o Melique ouve grande medo, porque nom lhe auia ElRey de o mandar hir á corte senão pera lhe fazer mal, segundo era seu costume; que hum senhor que está com qualquer cargo d'ElRey o que quer d'elle mandalho dizer, mas se o manda chamar nom he senão pera o matar, e com muyta dessimulação o manda chamar, porque se lhe nom aleuante ou lhe fuja pera outra terra. E por este arreceo, que o Melique tomou, quis ter praticas d'amisades simuladas com o Gouernador, pera se d'elle aproueitar se ElRey de Cambaya o apertasse; e aos apontamentos dos concertos nom deitou mão de nenhum, nem engeitou nada, e se Vasco da Cunha queria d'elle reposta elle dizia que n'isso aueria seu conselho como tiuesse o coração assentado; e assy o respondeo ao Gouernador, dizendó que seu coração andaua por muytas partes repartido, e que nom tinha repouso senão n'elle, que o tinha por amigo; que estarião assy até ver o coração d'ElRey em que assentaua ao recado que lhe leuaua Tristão de Gá, e *como* o tempo encaminhaua as cousas ao fim que estaua ordenado. Com que Vasco da Cunha nunqua do Melique póde auer nehuma reposta; com que se tornou a Goa.

[1] *a maos* Autogr.

CAPITULO XLI [1].

COMO A GOA VEO TER HUM IRMÃO DO SOLTÃO BADUR REY DE CAMBAYA, QUE VEO FOGIDO, PORQUE ELREY O QUERIA MATAR.

O Soltão Badur era muy endiabrado e muy cruel, que toda pessoa de que tinha algum arreceo, ou por muy leue cousa, logo mandaua matar qualquer homem: no que era muy supito. Este Badur tinha hum irmão ligitimo, que após elle herdaua o Reyno, se do Badur nom ficasse herdeiro; e porque o Badur lhe pareceo que este irmão lhe poderia desejar a morte pera elle reinar, o quis matar; do que se temendo o moço, per conselho de seu amo que o criara, fogio demudado em trajos de jogue como pedinte. Pedindo, sem ser conhecido, foy ter a Chaul, onde nom póde auer fala secreta com Manuel de Macedo, capitão. Então se foy d'ahy, onde teue lugar á sua vontade de falar com João Criado, que hy estaua por feitor, e se lhe descobrio quem era, pedindolhe que o mandasse a Goa ao Gouernador, que muyto compria. O feitor o recolheo com honra, e o fez logo saber a Manuel de Macedo, escreuendolhe o que passaua, que lhe désse conselho o que faria. O qual logo concertou huma fusta muyto bem, e lha mandou, dizendo que logo se embarcasse com o mouro e o leuasse ao Gouernador, fazendolhe toda a honra, porque era verdade que huns mercadores conhecidos lhe contarão que o Rey de Cambaya, Badur, tinha mortos dous irmãos, e que hum se escondera, que o Badur muyto buscaua; que por tanto outra cousa nom fizesse senão logo o leuar ao Gouernador, porque elle outro tanto fizera se lá fôra ter com elle. O que João Criado assy fez, que fazendolhe vestidos e touqas como elle quis, e a dous da terra que o mouro tomou pera seu seruiço, com elle se foy a Goa, e sorgio n'agoada, onde o mouro se foy lauar, e João Criado logo em huma almadia mandou ao Gouernador huma carta, em que lhe daua conta de tudo; que mandasse o que fizesse. Ao que o Gouernador logo tomou conselho, em que foy assentado que o mouro fosse

[1] E' o XXXIX no Autogr.

recebido com toda' honra, como quem era. Ao que o Gouernador mandou recado ao capitão de Pangim que concertasse humas casas nomeadas, que estauão em huma orta, e casa armada com a milhor cama que se achasse, e que com toda a gente, e salua d'artelharia, e toda' honra, recebesse hum mouro que trazia João Criado; e mandou a João Criado que desembarcasse em Pangim e hy estiuesse até ver seu recado: o que assy fez. E o xeque de Dabul, sabendo que o feitor assy leuaua o mouro, e o nom cria que era irmão d'ElRey de Cambaya, nom lhe fez nenhuma honra. Ao que ao outro dia, depois do feitor partido, chegou ao xeque recado do Yzam Maluco [1], lhe dizendo que se com elle fosse ter hum irmão d'ElRey de Cambaya, que era fogido, que o recolhesse e obedecesse como á sua pessoa, com todolas honras, e lho fizesse saber pera elle o vir buscar; e se soubesse que estaua em outra qualquer parte lhe fosse fazer todo quanto seruiço quigesse. Pelo que o xeque logo mandou hum seu filho, com dez mancebos filhos d'homens honrados, muyto bem vestidos, e mandou huma trouxa de riqos pannos brancos, e huma riqua adaga d'ouro, e outras riqas cousas, e quinhentos pardaos d'ouro, e que fosse tudo entregar ao irmão d'ElRey de Cambaya, que leuaua o feitor a Goa. O qual deu tanta pressa 'andar que chegou á barra de Goa estando o mouro n'agoada, que lhe tudo apresentou em terra; com que o mouro ouve muyto prazer, e mandou seus agardicimentos ao xeque, e recolheo tudo, e muyto folgou com os seruidores, que lhe erão muyto necessarios; e mandou a João Criado que lhe gardasse o dinheiro, e ally estiuerão até tarde, que entrarão com a viração. No conselho, que o Gouernador teue com os fidalgos, ouve alguns que disserão que o mouro fosse bem agasalhado até se saber em verdade se era irmão do Badur; contra o que foy o Gouernador, dizendo que elle auia de auenerar o mouro como irmão d'ElRey de Cambaya, e que, indaque o nom fosse, era grande credito e honra d'ElRey de Portugal que os Reys e grandes senhores, que desterrados e fogidos se acolhessem ao Gouernador da India, achassem n'elle todo o que buscassem; e que postoque nom fosse irmão d'ElRey de Cambaya, e elle lá soubesse que por seu irmão lhe fôra feita honra, aueria muyto prazer, segundo era a vaidade dos mouros, aindaque o buscasse pera o matar.

[1] Ou Nizamaluco.

João Criado entrou em Pangim, e disse ao mouro que mandara recado ao Gouernador e que inda lhe nom viera recado; que entanto estarião ally em casa de hum seu amigo, agardando até que lhe fosse recado. E desembarcarão; a que a forteleza fez salua d'artelharia, que estaua com ramos e bandeyras, e o capitão com a gente foy ao mouro fazer grandes cortesias, e o leuarão á casa da orta, em que o mouro muyto folgou, vendo que pera elle estaua assy concertada; onde lhe foy dado nobre jantar, que o capitão tinha pera elle feito de comeres de mouro, seruido com bacios de prata. Onde lhe chegou recado do Gouernador, pedindolhe perdão que por ser já tarde o nom pudera vir receber, que ally descansasse aquella noite do trabalho do mar, até outro dia que o viria buscar. Com que o mouro ouve muyto prazer, vendo que o Gouernador o tanto estimaua.

Ao outro dia o Gouernador, com muytos fidalgos vestidos loução e assy o Gouernador, se meteo em huma galé muyto concertada, e catures embandeyrados, *com que* foy a Pangim, e foy á casa onde estaua o mouro, que o veo receber ao caminho, que o Gouernador recebeo com muytas cortesias e de todolos fidalgos, com que se forão sentar na orta. O mouro em sua presença logo parecia quem era; o qual, assentados, pedio licença ao Gouernador pera falar, a que o Gouernador disse que nom era necessario licença pera elle. O mouro era auisado, *e* lhe disse, pola lingoa, que elle, perseguido do Badur seu irmão, *ally viera* por fogir á morte que sem rezão lhe queria dar, *pois* sem rezão, sómente cioso de seu reinado, matara já outros dous seus irmãos, que erão direitos herdeiros do Reyno por serem mais velhos, e contra todo direito reinaua, e quisera matar a elle, que de direito era o Reyno seu, se o Badur morresse sem lhe ficar filho herdeiro. E porque o nom tinha, o buscaua pera o matar, como o fizera a seus irmãos; polo que fogira em trajos de jogue, arriscando a vida, pola ter por muy segura antre os portugueses; e fôra a Chaul por falar com o capitão, e nom podera auer d'elle fala, e fôra a Dabul, e se descobrira ao feitor, e lhe requereo que o trouxesse ally, onde estaua tão confiado como se estiuera ante a pessoa d'ElRey de Portugal, e vinha a buscar segurança de sua pessoa, e vida, a elle, que era Gouernador da India, que tanto montaua como a pessoa d'ElRey: polo que, n'esta confiança, se punha e entregaua em seu poder, e lhe rogaua que o tiuesse onde lhe milhor parecesse.

que sua vida e pessoa estaria segura, e [1] «seria» tratado como quem era, pera estar em sua liberdade pera toda' hora que [2] «quigesse fizesse o que quigesse», e fosse por onde quigesse liuremente «com os que me ser-» «uirem, se os quiser leuar, nom deixando feito algum mal. Pelo que te» «peço, pela cabeça d'ElRey de Portugal, que comigo trates toda verda-» «de do que comigo ficares do que te peço; porque se enteiramente todo» «o que peço me nom puderes comprir, pola contenda que tens de guerra» «com o Badur, d'aquy me manda tornar a Dabul, e d'ahy me torna-» «rey a hir correr minha fortuna, e se nom achar ninguem que me» «queira emparar correrey pelo mundo, até acabar o nacybo em que» «nacy.»

O Gouernador e todos folgarão muyto de ouvir falar o mouro, que em seu falar e presença logo mostraua quem era; e o Gouernador lhe respondeo: «Grande principe e senhor, certamente folgo muyto de vêr» «tua pessoa, e muyto pesar tenho de tua fortuna, que he tão auêssa da» «verdade que mostra móres suas forças nos grandes principes, como» «tu hes, nom fazendo conta dos pequenos. Consolate com teu trabalho,» «que já ouvirias outros mais que grandes principes passão polo mundo.» «E ao mais te digo, e o crê de mim, que n'esta terra, que he d'ElRey» «de Portugal meu senhor, estarás tão seguro e em tua liberdade, como» «se estiuesses em tuas propias terras e senhorios. Assy estarás n'esta» «cidade de Goa como em qualquer outra terra que eu tenha o poder» «que tenho em Goa. O que assy será com toda' verdade com que me» «vieste buscar, que em nome d'ElRey meu senhor te guardarey, e com-» «prirey quanto tu quiseres: o que assy te prometto perante estes fidal-» «gos e capitães. E te peço muyto perdão porque te nom poderey ser-» «uir como tu mereces.» Do que o mouro ficou muyto contente da reposta do Gouernador; ao que lhe deu muytos agardicimentos, com elle se abraçando muytas vezes, dizendo que pois achaua n'elle o que viera buscar, que já ficaua sua alma descansada. Com que o Gouernador o tomou pela mão, e o leuou e embarqou na galé, que o tendal estaua paramentado de riqos panos de Frandes, e seus atabales e trombetas e charamelas, desparando muyta artelharia. Na tolda estauão duas cadeiras riquas, e huma com almofada de veludo crimisym, em que o Gouernador

[1] «seja» Autogr. [2] «quigesse que disse fizesse» Id.

fez assentar o mouro, que n'isso teue muytos comprimentos de cortesias. E forão ao caes da cidade, que fez grande salua d'artelharia, onde acodio o pouo da cidade, e o Gouernador com elle a pé o leuou a humas casas, que já estauão pera isso concertadas de paramentos, e cama, alcatifas, cadeiras, e baixela de prata, e todo o necessario pera seu seruiço, e cosinha, e homens de seruiço, e veador da casa Jorge Cardim, caualleiro honrado; onde o mouro foy seruido quanto compria, onde era muytas vezes visitado do Gouernador, e fidalgos que com elle hião jogar, e caualgar pelo campo nos cauallos do Gouernador. E seu comer, * era * em muyta abastança, que lhe os seus cosinhauão a seu costume, e o mouro era largo, e fazia mercês; 'o que o védor lhe foy á mão, porque homens desauergonhados lhe hião pedir.

D'esta cousa logo foy sabedor o Badur, que tomou grande sospeyta que o Gouernador com elle lhe quereria fazer a guerra, e falou com Tristão de Gá, dizendo que folgaua muyto * mais * que seu irmão [1] * estiuesse * assy em Goa que se fora ter em outra parte; que nom faltara quem o mal aconselhara, mas que estando com o Gouernador estaua descansado, que nom lhe consentiria fazer nenhuma doudice. Tristão de Gá lhe dixe: « Senhor, o Gouernador recolheo teu irmão pera te seruir, e » « nom te anojar, porque o Gouernador em todo te ha de seruir como » « quiseres; e por tanto folga de lhe fazeres a mercê que te pede, que » « nom será senão pera muyto teu seruiço. » Do que ElRey se mostrou contente, e por esta causa, e polos muytos cramores que lhe fazião seus rendeiros das alfandegas, do muyto que perdião com a guerra das armadas do mar per toda a costa, de que era fogida toda a gente pela terra dentro, polo que todos suas rendas erão perdidas e tudo despouoado, que se nisso nom punha remedio tudo era perdido, mas ElRey Badur de sua condição era tão leue do siso que nom daua por nada, mas os seus regedores lho falauão muytas vezes que deuia de atentar com o Gouernador algum concerto como nom fosse áuante tanto [2] * mal, ElRey * mandou ao seu regedor mór que falasse como de sy como Tristão de Gá, que na corte andaua, que ouvesse algum remedio de concerto antre elle e o Gouernador, com que nom ouvesse guerra e suas terras estiuessem em paz. O que o regedor falou com Tristão de Gá, e elle lhe respondeo que

[1] * estaua * Autogr. [2] * mal ao que ElRey * Id.

o Gouernador mandara ElRey de Portugal ordenadamente pera que trabalhasse quanto pudesse por paz, pera fazer huma forteleza em Dio, e esto pera sómente ter a India segura dos rumes, porque tendo forteleza em Dio, e estando de paz com ElRey de Cambaya, os rumes nom ousarião de passar á India; e porque ElRey de Portugal era senhor do mar, mandara ao Gouernador que nom podendo auer forteleza em Dio por paz, que então guerreasse o mar, e destroysse quanto achasse, e principalmente a cidade de Dio; e que dando forteleza em Dio assentasse paz pera sempre, assy como quigesse ElRey de Cambaya; e que a isso o mandara o Gouernador, por lhe todo esto noteficar e saber sua vontade. O regedor, ouvido isto a Tristão de Gá, lhe dixe: «ElRey he tão doudo quan-» «do lhe chega sua paixão que eu aueria medo de lhe essas cousas fa-» «lar; mas o Gouernador nom fará paz com outras cousas senão com» «a forteleza que pede?» Dixe Tristão de Gá: «Isso nom sey. Eu nom» «sey mais que isto a que me mandou, e já fòra hido, se ElRey me qui-» «sera ouvir e dar reposta.» Porque depois que elle ally andaua nunqua mais ninguem fizera mal nenhum em cousa de Cambaya, sómente corrião o mar buscando as naos de Meca que nom passassem, porque trazião rumes. O regedor lhe dixe que se deixasse andar, porque elle teria cuidado, quando visse tempo, o falar a ElRey de Cambaya. Tristão de Gá disse que assy o faria; e isto dixe elle porque leuaua «ordem» do Gouernador que se deixasse andar na corte deuagar, pera entender a determinação do Badur e lho escreuer; e em tanto pouparia a despesa de fazer tantas armadas e gastos.

CAPITULO XLII [1].

QUE RECONTA DO SOLTÃO BADUR, REY DE CAMBAYA, DE MUYTAS COUSAS QUE PASSOU COM O GOUERNADOR EM QUANTO VIUEO.

E porque d'este Rey de Cambaya Soltão Badur se hade tratar muyto n'esta lenda, parece rezão d'elle e de suas cousas dar rezão, segundo vy per huma lenda que d'elle fez Diogo de Mesquita Pimentel, que na serra

[1] No original é o XL.

de Champanel muytos annos esteue catiuo, de quando Antonio de Miranda d'Azeuedo foy ao Estreito em tempo de Lopo Vaz de Sampayo, no anno de 528, onde foy Lopo de Mesquita por capitão do Çamorym pequeno, que agardando sobre Dio as naos de Meca, veo dar com elle huma nao grande com muytos mouros, a qual abalroarão. Lopo de Mesquita, com dez ou doze homens, entrou com os mouros ás cotiladas, e porque o mar era grosso, e o galeão daua grandes pancadas na [1] * nao, quebrou * a balroa e se apartou da nao; ao que sobreueo tanto tempo que perderão a nao de vista, onde os nossos pelejarão até matarem tantos mouros que ficarão seguros. E porque a nao fazia muyta agoa, Lopo de Mesquita mandou a seu irmão Diogo de Mesquita que se metesse no batel, com hum cofre de dinheiro que achou na nao: com que tambem se meterão doze ou quinze portugueses, contra vontade de Diogo de Mesquita, que lho quis defender; mas elles, sendo dentro, largarão o cabo do batel, que logo se alargou da nao. Ao que muyto bradou Lopo de Mesquita, mas elles se forão, leuando Diogo de Mesquita por força, e póde ser que com tenção de lhe tomarem o dinheiro, e forão demandar a costa de Dio, onde os toparão as fustas de Dio, que os catiuarão com a boa presa do dinheiro que leuauão, que tudo foy leuado a ElRey de Cambaya, que muyto com tudo folgou, porque os portugueses auia mester pera a guerra, e cometeo o Diogo de Mesquita que se fizesse mouro, o que com elle nunqua pòde acabar, nem por muytas mercês que lhe prometia, nem com ameaços de mortes, até o mandar meter em huma bombarda chea de poluora pera lhe mandar pòr o fogo; o que nada temeo Diogo de Mesquita, como fiel christão. O que vendo ElRey, o estimou por homem de grão coração, e o mandou leuar á serra de Champanel, em que foy metido em triste prisão. E Lopo * de * Mesquita, com muyto trabalho, foy ter a Chaul na nao dos mouros, onde achou seu galeão.

E este Diogo de Mesquita, assy estando preso, aprendeo a fala dos guzarates, e falaua com seus guardas, que por tempo e comfressação erão seus amigos e nom apertauão a prisão; onde, como homem preso, sempre preguntaua pelo que passaua por fóra, e contandolhe das cousas do Soltão Badur, por serem grandes se acupou em as screuer, de que fez grande lenda, que andou hum tempo pola India, de que tomey alguma

[1] * nao e quebrou * Autogr.

parte que me pareceo bem pera meter n'esta lenda, porque n'elle faço rezão em muytas partes pelo que digo.

CAPITULO XLIII [1].

LENDA D'ELREY DE CAMBAYA, O SOLTÃO BADUR.

Na era de 1520 morreo hum Rey de Cambaya, chamado [2] * Modafar *, que auia corenta annos que reinaua, que deixou sete filhos legitimos herdeiros do Reyno: o mais velho, que era principe, chamado Carcãodacão, e após elle o outro chamado [3] * Latifacão *, e o terceiro este, chamado Badurcão; e após este auia inda quatro mais moços. Mas este Badur sayo mais endiabrado que os outros, de grande fantesia, e largo, liberal, mas de fortes condições, que indaque era moço era muy amado e temido dos grandes do Reyno, que o tinhão em mór estima que todos os outros seus irmãos, e o temião, porque elle mostraua fantesia de caualleiro que os propios irmãos lhe auião medo. E [4] * vindo * huma festa sua, assy de fazer mercês como he dia de Reys em Portugal, em que o Rey em pessoa e os grandes senhores degolauão gados, e fazião mercês de dinheiro, e forrauão escrauos, e soltauão presos e fazião grandes larguezas, a qual festa assy chegando, este Badurcão pedio a ElRey seu pay dinheiro pera na festa fazer mercês. O pay lhe disse que o principe seu irmão lho daria, que elle lhe dera já dinheiro pera repartir com elle e seus irmãos. Do que o Badur se anojou, e lhe respondeo: « Senhor, em » « quanto tu fores viuo eu te pedirey, e não a outra nenhuma pessoa; »

[1] Esqueceu ao auctor marcar e numerar este capitulo. [2] Modofar vem no autographo; mas v.ª *Barros*, Dec. IV, Liv. V, Cap. III. [3] * Catyfocam * escreveu aqui, e sempre, G. Correa, porém a circumstanciada Relação, com o titulo de *Capitulo das cousas que passarão no Reyno de Guzarate depois da morte de Sultão Modafar*, acabada de escrever aos 17 de novembro de 1535, e por tanto contemporanea da de Diogo de Mesquita (*Ms. da Torre do Tombo, Collecç. de S. Vicente de Fóra*) dá a Modafar os seis filhos seguintes: Cacãodarcão, que era o mais velho; Latifucão, o segundo; Badurcão, o terceiro; Caducão, o quarto; Jangricão, o quinto, que estava em Goa; e Mamudchacão, o sexto, que estava em Branapor. *Barros*, Dec. IV, Liv. V, Cap. II, noměa estes: Scander Chan, Latifá Chan, Badur Chan, Chande Chan, Jangri Chan, e Mamud Chan. [4] * vendo * Autogr.

«porque [1] * quando * tu fores morto eu tomarey o que ouver mester, e»
«ą ninguem o pedirey, porque ninguem será mayor que eu. E porque»
«assy me despresas nunqua mais virey ante ty, e me hirey viuer pelo»
«mundo, e nom tornarey a esta terra senão como meu coração seja con-»
«tente.» Do que o pay se rio, vendoo assy fantesioso. Mas o Badur, com a opinião de sua fantesia, chamou tres mancebos de seu geito, filhos de grandes senhores da corte, de que se elle confiou, e com algum pouquo dinheiro, todos quatro em seus cauallos, e pouqos seruidores, secretamente se sayo de Cambaya, e se foy a outro Reyno comarcão a este de Cambaya, chamado o Reyno de Mandou, em que reinaua Soltão [2] * Mamud *, que lhe fez recebimento de muytas honras, porque era quem era, e o cometeo de casamento com huma filha que tinha, muyto fremosa, herdeira do Reyno: do que o Badur se escusou com rezões, com que ficarão muyto amigos. E o Badur com seus praceiros se foy a outro Reyno além d'este, muyto mór Reyno, que se chamaua o Reyno de [3] * Sangá *, que por huma parte confinaua com Cambaya, em que algumas vezes auia pelejas * de * huns capitães com outros, e auia mortos e catiuos. N'este Reyno se deixou estar o Badur com tenção, porque seu pay era já muyto [4] * velho, que morrendo * elle, hiria d'este Reyno, com muyta gente que lhe daria este Rey [5] * Sangá *, e se faria Rey de Cambaya. E tomou este atreuimento, porque seu irmão, o principe que auia de reinar, era homem de fraqo coração e de mole condição, e por isso nom era amado dos grandes do Reyno. O Rey Sangá agasalhou o Badur com honra e seus companheiros, que o agasalhou dentro em seus paços, e a Raynha muyto mais lhe fez muytas honras, com tenção que o Badur lhe casaria com huma filha que tinha, que assy o consultou ElRey com a Raynha, e se foy andar pelo Reyno em seus negocios. Pelo que a Raynha, a este desejo que tinha, fazia ao Badur quantas honras podia, e lhe daua riqas joyas, e vestidos a seus companheiros. Onde assy estando a seu prazer, se fez huma festa, que estes, que erão gentios, costumauão fazer muytos

[1] * quanto * Autogr. [2] * Mamede * Id. V.ª *Barros*, Dec. IV, Liv. V, Cap. IX. [3] * Camgaa * Autogr. O nome verdadeiro d'este reino é Chitor, e Sangá o titulo de rei. V.ª *Cast.* Liv. VIII, Cap. XCIIII, e *Barros*, Dec. IV, Liv. V, Cap. V. [4] * velho e que morrendo * Autogr. [5] * Camgaa * continua a vir no autographo. V.ª a nota 3.ª na pag. antecedente.

dias, mórmente de noite, com jogos, e bailar e cantar, onde o Badur e seus praceiros erão presentes; onde huma noite, que auia muyto cantar e bailar, hum capitão que hy era presente, que tinha catiuos homens e molheres que tomara pelejando com os de Cambaya, o capitão lhes mandou que cantassem e bailassem a seu costume de guzarates; o que elles nom querendo fazer porque ally estaua o Badur, o capitão por força os fez cantar e bailar. O que vendo o Badur se agastou muyto, e com dessimulação se aleuantou, e passando por junto do capitão lhe tomou da cinta huma adaga que tinha, e com ella o matou. Ao que ouve reuolta, e acodirão outros fidalgos e capitães, parentes do morto, querendo matar o Badur, em cuja defensão se puserão seus praceiros; mas nada lhe aproueitara se a Raynha nom recolhera o Badur e seus praceiros pera a sua camara, em que os fechou, dizendo aos seus parentes que ella queria darlhe o castigo, pois em sua presença lhe fizerão a ella a enjuria; pera o que logo mandaria chamar ElRey seu marido. Mas a Raynha o nom fez assy, mas logo n'esta noite, muy secretamente, [1] * deu * cauallos e dinheiro ao Badur e seus companheiros, e guias que os leuarão até fóra do Reyno. E forão postos em saluo; o que a Raynha assy fez porque o Badur lhe dera alguma esperança de lhe casar com a filha.

E este Reyno, a que passou o Badur, se chamaua o Dely, que era muy grande, e andaua todo em guerras e aleuantamentos huns com outros, porque o Rey era morto e os filhos pelejauão huns com outros sobre quem auia de reinar. O Badur, cobiçando de vêr este Reyno, que lhe dizião que tinha cento e vinte mil pouoações, antre grandes cidades, villas, e aldêas, contados como são de cem casas acima, e Cambaya, que he tão grande, tem sómente corenta e sete mil; então o Badur mandou a hum dos companheiros que vendesse tudo, cauallos e vestidos, e despedirão os seruidores que se tornassem a Cambaya. Então se vestirão em trajos de jogues, pedindo, que nom erão conhecidos, e andarão todo este Reyno do Dely em tres annos, e d'este Reyno se passarão a outro conjunto, per que passarão e forão ter ao Reyno de Bengala, em que andarão até se tornarem a Cambaya, como adiante será contado.

Sendo o Badur assy partido de Cambaya, d'ahy a poucos dias faleceo o Rey de Cambaya, seu pay, e foy feito Rey o principe seu filho,

[1] * dando * Autogr.

chamado Carcamdacão [1], que era homem de fraca nação, e molle em suas cousas, que mal olhaua por seu Reyno. Era regedor mór do Reyno Madremaluco, homem muy poderoso e antigo no Reyno, e porque no Rey nouo auia taes defeitos, elle mandaua e regia tudo como Rey; o qual muyto reprendia ElRey, e metia no caminho que lhe compria, como bom vassallo, e o reprendia de sempre estar antre as molheres e nom hir andar visitando seu Reyno. Pelo que o Rey lhe veo a ter auorrecimento, e lhe tirou o cargo, que partio por outros; tomou auorrecimento a todos os parentes e amigos do Madremaluco, e tirou o cargo a Meliquesaca, que era capitão de Dio, a que o dera o regedor, que era seu muyto amigo; e desfez todos os officiaes que o Madremaluco tinha feitos, e fez outros da sua mão: pelo que todos tomarão grande odio a ElRey, e mórmente o Madremaluco, que com muyto dinheiro que peytou teue maneyra com o [2] * porteiro *, que hum dia pola sésta, jazendo ElRey dormindo, entrou, e o matou em casa da Raynha, e tomou logo hum irmão do morto, o mais pequeno de todos, que elle criára em sua casa, e o aleuantou por Rey, ao que ajudarão todolos grandes que estauão agrauados do Rey morto; de que fiqou titor o Madremaluco, que tudo mandaua como Rey, porque o que fizera era de pouqa idade. Ao que acodio Latifacão, que era o irmão mais velho a que pertencia o Reyno após o Rey morto, que nom reinara mais que hum anno e meo; e vendo que o regedor assy matara ElRey seu irmão, e fizera Rey seu irmão menino, que tinha em poder, e tinha tomado muyto dinheiro do tisouro, e mandaua tudo como Rey, lho mandou dizer, e requerer que lhe obedecesse, pois era Rey de Cambaya e a elle pertencia o reinado. O que nada estimou o Madremaluco; polo que Latifacão fez ajuntamento de muyta gente, ao que o ajudarão grandes senhores do Reyno, qûe estauão mal com o Madremaluco, o qual, vendo o que fazia Latifacão, elle tambem ajuntou muyta gente, que pagaua com muyto dinheiro que tinha, e fez grandes festas com que aleuantou o menino por Rey de Cambaya com suas solenidades de Rey, que se chamaua [3] * Mamudxa *, a que fez dez mil homens de sua guarda de

[1] Ou Scander Chan, segundo *Barros*. A palavra Khan equivale ao titulo de principe. [2] Parece que assim deve lêr-se a abbreviatura * pr.º * do autographo. Comtudo na citada *Relação Ms.* se affirma que Madre Maluco «mais por força do que por vontade dos porteiros» passou tres portas, com gente armada, para ir matar o rei. [3] * Mamedexa * Autogr.

cauallo, todos estrangeiros, que ouve por mais seguros que os naturaes. E tornou a dar os cargos e honras a todos os que os tirara o Rey morto, e o Madremaluco com seu Rey menino se pôs em Champanel, e ajuntou trinta mil de cauallo e setenta mil de pé, com que se começarão muytos aleuantamentos polo Reyno, em que auia pelejas e se hia destroyndo o Reyno: ao que acodia o Latifacão, porque lhe doía como cousa sua; o que nom fazia o Madremaluco, que nom queria mais que estar assy como Rey passando o tempo, porque era já muyto velho, e fazia conta que auia de viuer pouqo; e assy esteue, porque o Latifacão nom tinha tanto poder como auia mester pera cometer peleja com Madremaluco. No que se passarão alguns annos.

E cousas se contauão por nouas por outras terras, que corrião d'esta morte d'este Rey de Cambaya e estas cousas que se passauão, as quaes nouas correm polas terras, que as contão muytos jogues que por ellas correm, que tudo ouvem e contão por onde vão. O que se falou pelo Reyno de Bengala, em que andaua o Badur, que lhe forão contadas, que tudo perguntou a outros jogues, e o soube, que tudo falou com os companheiros, dizendo: «O Reyno de Cambaya he meu de direito, pelo que me compre que o vá tomar antes que se mais perqua.» Com que logo se puserão em caminho, assy em trajos de jogues como andauão, e pelo caminho muyto mais soube das cousas que em Cambaya se passauão. E chegou ao Reyno do Mandou e se meteo em seus trajos, e se foy a El-Rey, que o recebeo com prazer, e elle lhe pedio ajuda pera entrar em Cambaya, e se apossar do Reyno que era seu de direito; o que o Rey fez com boa vontade, e lhe deu dous mil de cauallo e seis mil de pé, e cincoenta mil pardaos d'ouro pera seu gasto, com que o Badur entrou em Cambaya, e se foy a huma cidade em que tinha huma irmã, filha de sua mãy, porque estes filhos do Rey de Cambaya erão de differentes mães. O Badur pedio ajuda a sua irmãa, a qual lhe deu hum filho que tinha de dezoito annos, e com elle cinco mil de cauallo e vinte mil de pé, e muyto dinheiro, com que o Badur perfez dez mil de cauallo e corenta mil de pé, a qual gente toda sua irmã lhe pagou por hum anno, e lhe deu pera seu gasto quinhentos mil pardaos d'ouro. Onde assy estando se apercebendo o Badur, foy d'isso sabedor o Madremaluco, com que se logo muyto mais apercebeo, que lhe ouve grande medo. E o Badur d'aquy escreueo cartas a todos os grandes do Reyno, fazendolhe a

saber que elle era viuo e estaua ally, e Deos o gardara pera elle dar castigo aos trédores «que matarão ElRey de Cambaya, meu irmão, aos» «quaes esfolarey viuos, e farey justiças que se saibão por todo o mun-» «do; e os que me fogirem em todo o mundo me nom poderão esca-» «par; mas vindome fazer çalema, e pedir misericordia a meu pés, os» «ouvirey.» E mandou muytas [1] «cartas.aos capitães» que estauão com o Madremaluco, e aos que estauão com Latifacão, seu irmão, no arraial. E como mandou estas cartas elle se partio logo com sua gente bem ordenada, caminhando pera onde estaua o Madremaluco; porque ouve medo que, se nom acudisse com breuidade, o Madremaluco fizesse algum concerto com o Latifacão, e se fizessem ambos em corpo juntos contra elle, entregando o Reyno ao Latifacão, que era Rey de direito; o que elle nom poderia contradizer, polo grande poder que ambos ajuntarião.

E chegando o Badur a Çurrate com sua gente, que foy no anno de 526, logo se forão pera elle dous capitães com quatro mil de cauallo e doze mil de pé; com que o Badur fez bom exercito, porque cada dia se hia gente pera elle. Do que de tudo o Madremaluco tinha auiso, e sabia todo o que o Badur fazia e falaua; do que auendo medo, mandou seu recado de concerto ao Latifacão, que o perdoasse a morte d'ElRey seu irmão e a seus ajudadores, e que lhe entregaria o Rey menino, e o aleuantaria por Rey, pois o era de direito, e lh'entregaria a gente e tisouro que tinha; com o que sendo assy Rey aleuantado, deitaria de seu Reyno ao Badur, que lho queria tomar. Com o que muyto folgou o Latifacão, e lhe mandou suas cartas de perdões; e estando assy concertados pera se ajuntarem chegou o Badur, que sabendo d'este concerto foy logo em busca de seu irmão, e hindo no caminho lhe sayrão huma soma de molheres que forão do Rey morto, e lhe fizerão grandes cramores, pedindolhe justiça dos trédores que o matarão. O Badur se mostrou muyto agastado, jurando diante todos que elle a isso vinha fazer justiça, e sobre isso auia de morrer por vingar sua morte.

O Badur fez hum dos seus companheiros capitão da sua guarda com seis mil de cauallo, e outro fez capitão do campo, e outro fez regedor do Reyno, e caminhou leuando sua gente em ordem. E sendo perto do arraial de seu irmão, assentou seu arraial, e fez fala aos seus, dizendo:

[1] «cartas que estauão aos capitães» Autogr.

« Todos vós outros, meus amigos, sabeis que eu andei muytas terras, »
« correndo muytos perigos por nom querer sujar meu limpo sangue, do »
« que fiz sinal de sangue no reino do Sangá ; e de todos os perigos me »
« Deos guardou pera que eu viesse vingar o sangue d'ElRey meu irmão, »
« que trédores matarão, como todos sabeis. E o mór dos trédores he »
« agora Latifacão, que era direito Rey d'este Reyno per sua socessão, »
« e era muyto obrigado a vingar a morte de seu Rey ; o que elle nom »
« fez, porque folgou que o matassem por elle reinar, e agora tem todos »
« os trédores perdoados sómente porque o fação Rey. E porque elle assy »
« he trédor ao sangue de seu Rey, e irmão, e ao nobre sangue dos Reys »
« de Cambaya, pelo que de direito nom póde ser Rey de Cambaya, polo »
« que eu só fiquo direito Rey de Cambaya, per todas estas [1] * rezões * »
« a elle * darey mais crua morte que ao Madremaluco, e a todolos tré- »
« dores que o ajudarem contra mim. E por tanto, vós, que sois meus »
« amigos, assy o manday noteficar a vossos parentes e amigos. E se al- »
« guns estão com Latifacão por amor de vós os perdoo, vindose pera »
« mim. » Do qual arrezoamento todos ficarão contentes do Badur, e logo lhe fizerão as cirimonias de Rey de Cambaya.

D'esta cousa foy auiso a Latifacão e ao Madremaluco, que tendo boa guarda em sua pessoa ouve noticia que os seus propios o querião tomar e entregar ao Badur ; do que auendo [2] * certeza, ajuntou * os seus de que se fiaua e fogio, e se meteo na serra de Champanel, que he sem redenção de combate, onde se recolheo com dez mil homens de sua valia. Na qual serra auia auondança de todolas cousas, sem necessidade de nenhuma cousa de fóra, indaque n'ella estiuessem vinte mil homens toda sua vida. A qual serra he de pedra viua, tão alta que está corenta legoas do mar, e quando o tempo he craro de cima parece o mar. E sendo assy fogido o Madremaluco, os seus capitães com suas gentes se forão fazer çalema ao Badur, que os perdoou e recebeo com gasalhado. Do que logo forão nouas a Latifacão, que tinha em seu arraial vinte mil de cauallo, e cento e vinte mil de pé, e quatrocentos alifantes de guerra, e mil espingardeiros, e mil bombas de fogo, e cincoenta peças d'artelharia, com todo estado de Rey, e com tudo isto, sabendo que o Madremaluco era fogido, fiqou com grande medo, porque logo sentio alguns mo-

[1] * rezões polo que a elle * Autogr. [2] * certeza fogio ajuntou * Id.

uimentos nos seus capitães, e ouve medo de o matarem ou prenderem, e nom tinha ninguem de que se confiasse, sómente hum seu amo que o criara, com o qual auendo seu conselho o que faria, lhe aconselhou que secretamente d'ally fogisse á fortuna que lhe era auêssa e vinha da parte do Badur, e se pusesse em saluo sua pessoa, e hiria buscar ajuda aos bons Reys seus viginhos, que lha darião, porque a fortuna do Badur nom podia muyto durar, que sua roda auia de desandar, e o tempo, que cura todolos males, lhe otorgaria seu Reyno.

Ao que Latifacão respondeo: « Meu bom pay, isso assy he, e teu » « conselho he mais de aueres de mim piadade, pelo amor que me tens » « da criação que me fizeste, e mais te contentas com minha vida que » « com minha honra. O Badurcão me culpa de trédor, e se lhe agora fo- » « gisse eu fazia sua rezão verdadeira; polo que era rezão que em ne- » « nhuma terra me colhessem, quanto mais darme ajuda contra elle. Polo » « que te digo que d'aquy donde estou nom bolirey meu pé atrás, senão » « pera diante: e se a fortuna for contra mim nom será mais que hum » « só dia da batalha; que ally acabará, porque eu acabarey a vida. E » « terás cuidado de buscares meu corpo, que sem duvida antre os mor- » « tos me acharás. »

Então fez ajuntamento, * de * seus capitães, e lhe falou, dizendo: « Todos vós outros sabeys que eu som direito Rey de Cambaya, e he » « meu este Reyno que meu irmão Badurcão me vem tomar, e me cul- » « pando de trédor, por estar concertado com Madremaluco e * ter eu * » « perdoado a elle e aos trédores que matarão ElRey meu irmão. O que » « assy era verdade; mas eu o fazia até me assentar na cadeira de meu » « Reyno. Então faria o que deuia a meu sangue contra os culpados; e » « Deos sabe que esta he a verdade. Polo que, como irmãos e amigos, » « vos rogo que me ajudeis a defender meu Reyno, porque os bens e ri- » « quezas d'elle comuosquo, e com os de vossas gerações, repartirey, que » « eu sómente quero o nome de Rey e senhor. » E com isto outras grandes abastanças: o que tudo foy peor, por * que * logo o mandarão dizer ao Badur, ao qual tambem derão noua que o Madremaluco secretamente queria fogir da serra de Champanel, onde estaua; ao que o Badur logo mandara hum capitão, com seis mil de cauallo e vinte mil de pé, que fosse ter guarda na serra.

Então o Badur abalou com seu arraial contra seu irmão. O que sa-

bido por elle, se pôs a cauallo, e ordenou sua gente em batalhas, de que, fez tres, em que elle se pôs na dianteira, dizendo: «Quero ser dos pri-» «meyros, por nom vêr o que farão os derradeiros.» E tocando seus tangeres, e querendo romper, vio que hum seu capitão com muyta gente se passáua pera o Badur; mas nem por isso deixou *de* correr e romper pola gente do Badur, pelejando muy fortemente com seu traçado, que era valente cauallciro. Mas como os seus pelejauão com grande medo que tinhão do Badur, muyto fraqamente pelejauão, sem esperança de vencer; com que se passauão á parte do Badur, dando brados porque os nom matassem, dizendo: «Viua, viua o Soltão Badurcão nosso Rey e senhor!» O que vendo o [1] *Latifá*, com temor que o nom tomassem ás mãos, se meteo no mais forte da batalha, nom fazendo conta da vida; onde tanto trabalhou que abafou e cayo morto, (porque foy achado morto sem ferida nenhuma) porque elle era homem grosso. E a batalha durou pouqo, que nom quiserão pelejar contra o Badur, a que logo obedecerão fazendolhe a çalema; e fiqou o Badur vencedor no arraial, onde se achou grande despojo que todos roubarão francamente, sem o Badur tomar nada pera sy, sómente a tenda do irmão, que era muy riqua; que fôra de seu pay. Onde o Badur assentado, com estado de Rey, todos os do arraial lhe forão fazer çalema aos pés, onde fizerão os seus festas tres dias.

Então d'aquy se foy á cidade de Amadauá, onde soube que estauão os outros tres irmãos mais moços após elle, e lhos trouxerão, e perante sy os mandou matar. E ao mais pequeno, que fôra aleuantado por Rey, o tomou polos cabellos, dizendolhe: «Tu, sendo tamanino, teu coração» «foy grande pera seres trédor chamandote Rey!» O moço, tremendo, lhe dixe: «Senhor, nom me mates, porque eu nom errey por mim,» «que outrem tem a culpa, e tu o sabes; que se eu tiuera mais idade ti-» «uera a culpa. E pois te falo rezão nom me faças mal, porque se mo» «fizeres tambem Deos to fará, e se tirares meu sangue enuolto com mi-» «nhas lagrimas, o teu seja enuolto nas agoas em que acabes a vida, e» «tua fortuna seja abaixada na terra.» O Badur, endinado, dixe: «E tu» «falas como diabo.» E o matou per sua mão, com huma adaga que o moço trazia na cinta.

Então d'aquy se foy a Champanel, á serra onde estaua o Madrema-

[1] *Catyfo* Autogr.

luco, que nom tinha nenhum combate. Então teue conselhos secretos com os da serra, que lh'entregarão o Madremaluco porque perdoou 'alguns d'elles, onde meterão hum capitão do Badur que o foy tomar na cama em que dormia; o qual, vendose tomado, disse ao capitão: «Dame saluação á» «vida e dartehey dous contos d'ouro.» O qual lhe respondeo: «Se tu» «com esses dous contos nom pudestes escapar, eu pera que os quero?» «Pois te nom valeo esse tanto dinheiro, e tanta gente, e n'este lugar» «tão forte, pois que era de mim?» Elle respondeo: «O homem nom» «póde fogir a seu nacybo.» Na casa onde estaua se achou muyta riqueza. Foy leuado ante o Badur, que lhe dixe: «Quando soubeste que eu» «era viuo como nom ouveste medo, e logo me nom foste buscar e fa-» «zer a meus pés çalema por remedio de tua vida?» Elle respondeo: «Se errey pagarey; tu errarás e tambem pagarás. Eu conhecia que eras» «quem hes de tua condição, e por isso o nom fiz.» Disse o Badur: «E» «se me viste aquy chegar em tua busca como dormias na cama?» — «Con-» «fiado em meus filhos dormia, e fuy traydo. Tambem a ty póde acon-» «tecer.» Então o Badur perante sy o mandou esfolar viuo, atado em estacas; e o estando esfolando esteue viuo grande espaço, falando contra o Badur grandes enjurias; com que * lhe * meterão hum páo na boca, com que nom pôde falar. E assy mandou o Badur fazer cruas justiças de vinte parentes do Madremaluco, todos homens principaes do Reyno, espetados viuos e nos dentes dos alifantes. E mandou ajuntar passante de quinhentos homens, soldados de casa do Madremaluco, todos atados em estaquas, e deitar derrador d'elles brazas, que deuagar os estiuerão assando todo hum dia; e a outros muytos mandou cortar em pedaços miudos, atados em estacas no campo, onde estiuerão viuos dous e tres dias, onde as gralhas lhe tirauão os olhos, e os minhotos * e * outras aues lhe comião as [1] * carnes *, e as alimarias e adibes. Taes cruezas fez o Badur que lhe ganharão muy grande medo e de todos era muy timido, que nenhum nom confiaua em sua priuança: com que era seruido e acatado.

E Meliquesaca, que estaua por capitão de Dio da mão de Madremaluco, de que era grande amigo seu, sabendo estes males que fazia o Badur, pôs em sy grande vigia e bom recado, muy gardado, que ninguem que vinha da corte deixaua entrar em Dio, se era homem de que tomaua

[1] * cartes * Autogr.

sospeita. E estando com este grande temor, se carteou com Lopo Vaz de Sampayo, Gouernador que então era, pera lh'entregar Dio, e segurar sua pessoa com fauor dos portugueses. O que nom ouve effeito, como atrás fica recontado na lenda de Lopo Vaz, no anno de 527; pelo que o Meliquesaca se passou com suas molheres e familia pera os resbutos, donde fazia guerra a Cambaya. Polo que o Badur então deu a capitania de Dio a Camalmaluco, hum dos seus companheiros, que era capitão do campo, e lhe mandou o Badur que fizesse armada com que segurasse o mar, que as naos de Meca nom fossem tomadas das nossas armadas.

E como a folosomia do Badur era muy grande, com grande opinião, mandou dizer ao Yzam Maluco e ao Verido, que erão grandes senhores, como Reys no Decanim, que he antre o Balagate e Cambaya, que tem terras que partem com as terras de Cambaya, *e* o Badur os quis segurar porque algumas vezes humas gentes com outras de Cambaya contendião; o Badur mandou dizer a estes senhores que lhe dessem a obediencia, senão que os teria por imigos, e os mandaria guerrear, e lhe tomaria as terras. A que elles nom acodirão como o Badur quisera, polo que ordenou o Badur de hir sobre elles, e apurou seu arrayal, e despejou as gentes das terras e lugares que se fossem pera suas casas, em modo que lhe nom fiqou senão os soldados da guerra; e estando ordenando pera partir, aquy lhe forão leuados vinte e dous portugueses catiuos, que se tomarão no batel, em que tambem foy Diogo de Mesquita Pimentel, como já contey; e antes que o Badur os visse os mandou leuar que fossem vêr seu arrayal, [1] *com* hum seu criado que os gardaua: no qual arrayal auia passante de cento e vinte mil de cauallo, e quinhentos mil de pé, com quatro mil espingardeiros, e quatrocentos alifantes de guerra e que trabalhauão em andar com 'artelharia, que erão duzentas peças de campo encarretadas, em que auia trinta peças grossas, em que entrauão oito camellos nossos, com auondança de monições e petrechos de campo, e tudo em apartamentos em hum grande campo, onde as estrebarias do Badur estauão apartadas e n'ellas passante de dois mil cauallos ginetes de preço.

E depois de assy lhe ter mostrado tudo, o criado do Badur pergun-

[1] *e* Autogr.

tou a Diogo de [1] * Mesquita * que lhe parecia o que vira. Elle respondeo que elle vira com seus olhos o que nom crera, se o nom vira; e que o Soltão Badur era o mayor senhor, que elle nunqua vira outro mayor de todolos Reys da Christandade, nem d'estas partes. E que a cousa de que se mais espantaua era como ally auia comer que se gastaria cada dia em tanta moltidão de gente e alimarias, que era cousa muy espantosa de crer, e o que vira vender polo arrayal per onde fôra era mantimento que parecia que auondaria muyto mais. E falou outras grandezas e espantos, por dar contentamento ao mouro; porque [2] * sabia as vaidades * dos mouros, e mórmente as que se falauão d'este Rey de Cambaya. O que o mouro tudo contou ao Badur, tendo os portugueses em sua pousada, de que o Badur folgou de ouvir tudo. E porque o Badur muyto desejaua de trazer huma capitania de portugueses, como trazia de muytas outras geraçõcs, mandou cometer os portugueses que se tornassem mouros, prometendolhe mercês, e que se o nom [3] * fizessem * que os mandaria matar. O que alguns fizerão, e outros não, e mórmente o Diogo de Mesquita, a que fizerão os medos de morte que já contey, com que foy leuado ao catiueiro da serra de Champanel com os outros, que já atrás fica contado. Bolindo o Badur seu arraial contra os senhores que já disse, lhe mandarão logo a obediencia; que foy mandarem seus embaixadores com presentes fazer çalema ao Badur, com que se elle ouve por contente, e lhes mandou ricas cabayas.

Então o Badur se lembrou de dous irmãos que tinha, filhos de seu pay e d'outra mãy; e sabendo que estauão em Pate, secretamente per hum seu priuado os mandou buscar, que lhos trouxessem, ou tiuessem a bom recado até elle os mandar trazer; mas os irmãos trazião com o Badur taes espias, que sabendo que o Badur lá mandaua lhe mandarão auiso, com que fogirão e passarão ao Reyno do Mandou, onde o mais velho d'elles, que seria de vinte e dous annos, o Rey do Mandou o casou com sua filha, que de primeyro daua em casamento ao Badur quando lá estiuera, como contey. O outro irmão, nom se auendo por seguro ally no Mandou, o falou com ElRey, que o nom pôde fazer estar, senão que se queria hir em trajos desconhecidos, * e * lhe deu humas pedras riqas, que vendesse pera seu gasto lá onde se achasse; e se partio com tenção de

[1] * Misque * Autogr. [2] * sabia que as vaidades * Id. [3] * fizem * Id.

se acolher ao Gouernador da India, onde auia por segura sua vida mais que em outra nenhuma parte. Com trabalho e má vida foy ter a Dabul, onde falando com João Criado, falando sua fortuna, o feytor o leuou a Goa ao Gouernador Nuno da Cunha, como já atrás fica contado, que Nuno da Cunha teue com muytas honras muyto tempo. O qual morreo de sua doença, ou do que Deos sabe, e honrados mouros, que se acharão em Goa, o leuarão e lhe fizerão seu honrado enterramento, com suas cerimonias segundo seu costume, e lhe fizerão sepultura ás duas aruores, caminho de Banestarim, e sobre a coua tumba de parede com degraos, á feição de mouros, com huma pedra á cabeceira, que contaua d'elle, que depois lhe [1] * tirarão ou furtarão *, de que o letereiro era em guzarate, e outro em parseo aos pés.

O Badur ouve muyta paixão da fogida d'estes dous irmãos, e muyto mais sabendo que estauão no Mandou, do que se ouve por enjuriado o Rey de Mandou o temer tão pouqo que ousou de os recolher, sabendo que hião fogidos, e fazer casamento com sua filha; tomando sospeita que o nom faria senão com alguma tenção de * que * em algum tempo lhe quereria fazer algum auêsso. Polo que o Badur escreueo ao Rey do Mandou que logo lhe mandasse seus irmãos, pera os castigar por se hirem de seu Reyno sem sua licença; polo que elle os nom deuêra recolher senão pera lhos entregar cada vez que lhos pedisse. Ao que o Rey do Mandou respondeo que elle os recolhera por serem seus irmãos, e com hum casara sua filha, por grande sua honra e o fazer Rey por sua morte, pera o seruir com aquelle Reyno, como vassallo e irmão. E que o outro mais moço escondidamente se fôra, e nom sabia que caminho leuara; mas o Badur nom se mostrou satisfeito com a reposta, por tomar achaque e lhe tomar o Reyno, que muyto cobiçou de o ter por seu, porque o vio muy bom quando hy esteue; porque n'este Reyno auia huma serra que se chamaua Mandou, de que o Reyno tomara o nome, a qual serra era redonda, de pedra viua, que nom tinha nenhum combate senão polas entradas, que erão caminhos estreitos, cortados na pedra em escadas, que cem homens a defenderião a todo o mundo, e 'altura d'ella de dous tiros de falcão, e por fome nem sede se nom podia tomar, porque em cima era terra chã muyto viçosa, de largura de quinze legoas, de grandes aruoredos e fon-

[1] * tirão ou furão * Autogr.

tes d'agoa, e muytas caças d'alimarias e aues, e auia campos de sementeiras d'arroz e legumes pera mantimento de dez mil homens, se tantos estiuessem na serra, e auia muytas pouoações de gente.

N'esta serra tinha o Rey seu principal assento de muy riqos paços, onde tinha hum tanque d'agoa nadiuel, todo laurado de cantaria de riqos lauores de pedras brancas e pretas, (em que auia muyto pescado), que era quadrado, e tinha por quadra hum quarto de legoa; e perto d'este tanque estauão os paços, os milhores que podião ser pera o mór Rey que ouvesse no mundo, de grandes edificios, lauores, e pinturas todas as casas *e* varandas, e per dentro grandes aposentos de riqas camaras, d'aposentos pera o Rey e suas molheres e filhos, e derrador dos paços aposentos pera seus capitães e officiaes de sua casa, pera cada hum em muyta perfeição; onde o mais do tempo ElRey estaua a seus viços, onde tinha setecentas molheres de sua cama, todas moças muy fremosas. Sómente huma d'ellas tinha nome de Raynha, de que nacião os filhos herdeiros do Reyno, e era Raynha a primeyra que emprenhaua, sendo feito Rey pelo seu costume. E a Raynha está apartada de todas, regendo e mandando como Raynha, o que nenhuma das outras nom póde fazer, que por isso morrera; e a Raynha está poderosa em todo o Reyno, como estaua a que recolheo e saluou o Badur quando o quiserão matar. E com as molheres da serra tinha o Rey seus passatempos de muytos cantares, tangeres, e baylos, e jogos, e sobre tudo a caça do monte, a que ElRey hia em seu andor, acompanhado d'estas molheres vestidas em pannos de monte, com arquos troqisqos, e frechas, e cães; que ellas erão grandes frecheiras, e batião o mato com os cães, e fazião sayr a caça ao campo, onde estaua ElRey com suas caçadoras postas em paradas, que frechauão e matauão a caça ante ElRey, que fazia mercê á que mais certeira era ao tirar e que primeyro mataua.

O Badur, que tinha bem visto esta serra e sua entrada, vendo que nom tinha poder de tomar esta serra, que era todo o Reyno, ordenou *fazelo* por trayção, e secretamente se carteou com os guardas d'esta serra, que erão tres homens, os principaes do Reyno, que cada hum guardaua huma porta de cada entrada, que de noite fechaua da chaue por sua mão; os quaes, cobiçosos das bulrosas promessas do Badur, ouve com elles concerto que lhe darião entrada na serra, ao que o Badur nom podia hir com seu arrayal que nom fosse entendido seu feito, e com dessi-

mulação apartou vinte mil de cauallo e cincoenta mil de pé, com que se foy a huma terra junto d'esta serra do Mandou, onde estaua hum senhor, como Rey sobre sy, que ás vezes ajudaua aos mogores fazendo entradas nas terras de Cambaya. O qual vendo hir assy o Badur tão poderoso pera lhe fazer mal, nom agardou, e sayo a lhe fazer a çalema, que o Badur recebeo, e andou áuante até junto da serra, e assentou na terra do senhor, que n'ella mandou fazer huma forteleza, em que pôs hum seu capitão com seis mil homens. No que mostraua que a isto viera e andaua n'esta acupação: onde secretamente tinha recados dos trédores da serra até chegar o dia em que auia de ser o feito.

O Rey do Mandou nom tinha de nada nenhuma sospeita, parecendolhe que o feito do Badur fôra vir fazer aquella forteleza; e vinda a noite que ordenarão os trédores, anoitecendo se foy o Badur com dous mil de cauallo e quatro mil de pé, bem ordenados, e mandou a outra gente toda que fosse mea legoa após elle, porque elle nom hia muy confiado nos trédores; e chegou ao pé da serra, onde achou hum d'elles que estaua agardando por elle, que o leuou acima á serra, e com elle seus capitães, e a milhor gente a pé, que os cauallos deixarão. E chegando a cima na porta, achou n'ella outro, chamado Saladim [1], que era o principal da traição, que elle era o guarda mór da serra, que entrando o Badur logo lh'entregou as chaues de tres portas que auia na serra, as quaes chaues o Badur entregou a hum seu capitão, e * o * deixou na porta em guarda com gente, e com a outra e seus capitães se foy aos paços onde estaua ElRey; onde sentindo o estrondo da gente acodio gente da casa, e hum seu guarda mór dos paços, bradando traição, traição! e se pôs a defender a porta dos paços com cem homens de dentro dos paços, onde tanto pelejou que todos forão mortos, e elle muyto ferido. A que o Badur bradou que se désse, e lhe fosse fazer a çalema, e lhe faria honra por ser tão valente caualleiro. Elle disse que si, e foy pera o Badur como que lhe hia fazer a çalema, e remeteo a elle com huma estocada, de que o matara se nom tiuera huma saya de malha. Ao que muytos o liarão aos braços, e lhe tomarão a espada; porque o Badur bradou que o nom matassem. E largando a espada disse: « Tomaya, pois nom prestou pera » « tomar o trédor do Badur, que, com traição vem furtar o alhêo; mas os

[1] Ou Salahedin, segundo *Barros*, Dec. IV, Liv. V, Cap. VIII.

« trédores que te aquy meterão, trayndo seu Rey e senhor, que os criou, »
« elles te darão o pago, ou tu a elles, porque o merecimento do trédor »
« nunqua se perde. » E todauia o nom matarão, que o Badur o mandou prender. E o Badur entrou polos paços, nom achando quem lho defendesse, sómente as molheres d'ElRey, que se recolherão a huma casa, que defenderão a porta ás frechadas, de sorte que nunqua forão entradas até que nom tiuerão frechas; então se entregarão, e o Rey foy preso, e dous filhos moços que com elle estauão, e hum seu neto, filho do irmão do Badur, e todos metidos em huma cadêa de ferro; onde nom achando o Badur seu irmão, lhe disserão que auia pouqos dias que d'ally se fôra, por auiso que lhe mandara sua mãy, que lho dissera hum feyticeiro que o Badur auia de tomar o Mandou; o que elle disse a ElRey seu sogro, mas elle nom fez conta d'isso, e elle se foy pera terra do [1] * Decan *, onde depois foy morto com peçonha que lhe mandou dar o Badur. Então o Badur segurou e assentou os senhores e gente da terra, e mandou que nada se bolisse na cidade, onde estaua a Raynha; e mandou leuar o Rey preso e os filhos á terra de Champanel, onde fossem metidos em forte prisão, e falou com os que os leuauão que no caminho fizessem arroido falso de gente que os querião tomar, e que matassem ao Rey. O que assy fizerão, e os filhos e neto leuarão á prisão, em huma casa junto donde estauão os portugueses e Diogo de Mesquita, com sómente seis companheiros, que os outros se tornarão mouros, e os soltarão. E como Diogo de Mesquita já sabia falar com os mouros tudo perguntaua e sabia, e o escreuia; de que fez seu liuro. Ao qual certificarão que do Estreito mandara cartas ao Badur hum Mustafá, grande capitão dos rumes, pedindo ao Badur licença pera o vir seruir na guerra, e mórmente contra os portugueses, e que traria mil homens em duas naos que já tinha feitas, em que trazia duzentas peças d'artelharia e tres basaliscós, e muyto dinheiro; e que o Badur ouvera prazer, e lhe respondera que viesse muyto embora. O que Diogo de Mesquita tanto soube em verdade que o escreueo em huma carta que peitou secretamente, e mandou a Chaul 'Antonio da Silueira, sendo capitão; e lhe dizia que o fizesse saber ao Gouernador, pera que mandasse agardar estas naos do rume, e as tomassem. E o pião que leuou esta carta a deu a Antonio da Silueira, que por ella lhe deu

[1] * Dacam * Autogr.

cincoenta pardaos d'ouro, porque folgasse de leuar outras, se lhas dessem; e Antonio da Silueira respondeo a Diogo de Mesquita certificandolhe que Nuno da Cunha fazia prestes grande armada pera hir tomar Dio, e se ouvesse concerto elle nom seria n'elle esquecido; que pedisse a Deos vida, que seu catiueiro nom seria muyto tempo; e que o pião fôra bem pago, pera que sempre leuasse cartas, se lhas * entregasse *; que sempre [1] * trabalhasse * de lhe mandar as nouas que soubesse.

A qual carta de Diogo de Mesquita, Antonio da Silueira mandou ao Gouernador no anno de 530; mas nom pôs n'isso o recado que compria em mandar agardar estes rumes, que vierão, e entrarão em Dio primeyro doze dias que Nuno da Cunha chegasse, como já he contado, que o descuido do Gouernador causou tamanha perda de tanto dinheiro, artelharia, e perder de nom tomar Dio, em que estes rumes entrarão em Dio a 27 de feuereiro de 531.

Nos paços do Mandou achou o Badur as mais fremosas molheres que nunqua vira, mórmente huma filha d'ElRey, que tinha d'outra molher, que era fremosa em estremo, e tres outras molheres muy fremosas, que o Badur recolheo pera sy com algumas outras pera seruiço d'estas, e as outras repartio por seus capitães, que já todos estauão com elle, que deixarão a gente em o arraial ao pé da serra; e assentando a gente da serra em seu seruiço a despedio com capitães per' as fortelezas postos da sua mão. E escolheo trinta moças fermosas, virges, e as mandou leuar á serra de Champanel, guardar em huns riqos paços que n'ella tinha, onde [2] * estiuessem * bem gardadas. E mandou que os iffantes que estauão presos, que ás vezes os tirassem, e fengissem que os querião deitar da serra abaixo, como fazião a muytos que assy mandaua deitar pola serra' baixo, que seus corpos nom chegauão, que ficauão em pedaços polas piçarras das pedras; em que os tristes iffantes muytas vezes assy erão atromentados e passauão os tragos de morte.

Tanto o Badur se contentou dos deleites da serra com suas fremosas molheres, que esteue muy deuagar sem entender em nada do que lhe compria, em tanta maneyra que sua mãy lhe mandou sua carta o reprendendo d'isso; que nom se esquecesse do seu pelo alhêo que tomara tanto sem rezão, e nom estiuesse tão contente de suas molheres fremo-

[1] * trabalhe * Autogr. [2] * estiuem * Id.

sas, porque ellas tinhão seus corações com quem primeyro amarão; e que isto lhe dizia como mãy, que era, e lhe queria mór bem que as molheres fremosas, que amão quem querem e não quem as força, que forçadas estauão em seu poder, e nom serião esquecidas que elle lhe matara seu Rey, e parentes, e irmãos, que forão mortos dentro nos paços.

Com a qual carta o Badur proueo todo o que compria, [1] * deixando em todolas cidades * e fortelezas seus capitães, e mandou sua carta á Raynha que polo gasalhado que em sua casa lhe fizera ella ficasse em seu Reyno, e de tudo se lograsse como Raynha que era, que elle nada queria de seu reyno senão o senhorio; e que elle tomara vingança d'ElRey seu marido porque o tão pouqo estimara que recolhera seus irmãos, e casara * hum d'elles * com sua filha; e outras palauras d'esta sostancia. E deixando em tudo bom recado, se partio e foy ter com sua mãy, onde lhe foy feito recebimento de grande triumfo pola tomada do Reyno do Mandou, e elle fez muytas mercês, e forrou escrauos, e mórmente os d'ElRey seu pay, antre os quaes foy huma molher castelhana, chamada a Marqueza, que fôra casada com o Esteuão Brigas, capitão da nao de França, e a molher fôra catiua na galé de Antonio de Loronha, em tempo do Gouernador dom Duarte: o que todo largamente já fica contado nas lendas atrás.

Tanto que o Badur se partio do Mandou, o [2] * Saladim *, guarda mór das portas do Mandou, que fizera a trayção, elle era poderoso, e tinha duas fortelezas muyto grandes e fortes no cabo do Reyno do Mandou, que erão fronteiras com o Reyno do Sangá, e mórmente huma das fortelezas, que se chamaua Rusena [3], que estaua em huma serra como a do Mandou, as quaes o Saladim tinha muyto concertadas e prouidas de todo o que compria pera' guerra, as quaes o Badur lhe concedera assy como as tinha do Rey do Mandou, e esto pola traição da entrada que lhe dera no Reyno e serra do Mandou; e lhe fez outras mercês com hum conto de pardaos d'ouro, do dinheiro que achou nos paços do Rey; mas Saladim, nom confiando no Badur, dessimuladamente recolheo a Rusena

[1] * deixando tolas cidades * Autogr. [2] * Sabadim * Id. [3] Raosinga ou Rausina, segundo *Barros*, Dec. IV, Liv. V, Cap. VIII. Raosinga escrevem tambem Faria, na *Asia* Tom. I, Part. IV, Cap. V, e o auctor anonymo da *Relação* Ms. citada a pag. 504.

tudo quanto tinha, e se foy meter n'ella, porque o Badur o deixára na serra como guarda, mas elle nom tinha chaues, e por isso esperaua cada dia que o Badur o mandasse matar, porque o nom deixauão sayr da serra, e por isso fogio e se foy pera sua forteleza de Rusena, que era tão forte a serra como a do Mandou, em que por fome nem sede se podia tomar; onde tinha seus grandes paços, e molheres e filhos que passauão de tresentas de sua cama. Tinhão em cima seis mil de cauallo e vinte mil de pé, e muytas pouoações, que a serra em cima tinha vinte legoas.

Este Saladim era gentio de nação, e muytas vezes se fizera mouro e tornaua a fazer gentio. Foy noua ao Badur de como fogira o Saladim e estaua feito forte na sua forteleza de Rusena. De que o Badur tomou muyta paixão, e mandou ajuntar sua gente, e mandou a Dio chamar o capitão dos rumes, e * que * lhe trouxesse a su'artelharia; porque o Melique Tocão até então o nom deixara sayr de Dio até que nom fôsse recado do Badur.

E porque Melique Tocão sabia que o rume o auia de danar em sua honra, gabandose que elle o detiuera que nom entregasse Dio ao Gouernador, escreueo cartas a outro seu irmão, que era muyto da priuança d'ElRey, e assy ao regedor, e a outros senhores e officiaes da priuança d'ElRey, que elle era certificado, por mercadores de credito que vierão de Meca, que este rume vinha mandado, com esta dessimulação, que espiasse os portos e o Reyno todo; e por este enduzimento o Badur o deixaua estar em Dio, pera que se elle bolisse alguma cousa o mandar matar, e com esta tenção o mandou leuar pera o meter n'esta guerra de Rusena, pera ahy o matar. E o Melique Tocão, porque desejaua que o rume se desordenasse como o Badur o mandasse matar, e tambem por enganar o rume e o ter por amigo, em segredo, e com grande segredo lhe dixe: «Muyto te deuo toda minha vida, por tanta honra como me fi-» «zeste ganhar com teu bom conselho; polo * que * he rezão que to pa-» «gue assy em algum bem, que é o milhor sostentamento da vida. Polo» «que, como irmão, te digo que vas em grande perigo de te mandar» «matar o Badur, porque tem enformação que tu vens mandado a es-» «piar Cambaya. Isto tenho por cartas de meus amigos que andão na» «priuança d'ElRey, e elle agora te manda chamar pera te leuar á guer-» «ra. Olha o que te compre, e tem boa vigia no que te compre.» O rume, como era auisado, entendeo o Melique, e dessimulou dandolhe muy-

tos agardicimentos; mas todauia teue muyto arreceo, porque com ElRey andaua Meliqueliaz, seu irmão, grande priuado do Badur, e lhe pareceo que elle o escreueria a seu irmão Melique Tocão; e deu riquas peças ao Tocão porque lhe désse cartas pera seu irmão [1] * Meliqueliaz * o fauorecer com ElRey. O que o Melique assy o fez, e mostrou as cartas ao rume, e lhas deu: com que foy muy contente. Mas o Melique secretamente escreuia ao irmão o contrairo, que folgaria que o rume fosse morto. Com que o Meliqueliaz, com muyto auiso, quando o rume chegou á corte, antes que falasse a ElRey, elle o agasalhou e banqueteou, em modo que quando falou ao Badur lhe fez as honras que já atrás contey; e o rume, fazendo * de * grande amigo de Meliqueliaz, disse a ElRey grandes bens do Melique Tocão, e que o Gouernador lhe fazia grandes partidos e daua grandes dadiuas porque lhe désse Dio, e que elle tudo engeitára, e que se tiuera armada e poder que ao mar fòra dar batalha ao Gouernador; e tantos bens disse do Melique que ElRey fiqou muy contente, e mandou carta ao Melique de muytos fauores, e ao rume deu riqa cabaya, e lhe deu o nome de cão, que he grande honra, que se chamou Rumecão. E o Melique Tocão com este modo atalhou que o Rumecão d'elle já nom podia dizer ao Badur o contrairo d'estes bens que lhe então dissera; porque o Badur como colhia hum homem em huma mentira logo o mandaua matar. Com que o rume fiqou com a boca tapada, que nunqua mais póde falar nada contra o Melique Tocão.

O Badur, determinado hir tomar o Saladim, e sabendo que a forteleza de Rusena está na raya do Reyno do Sangá, que elle muyto desejaua de tomar, fez grande apercebimento de exercito pera entrar o Reyno do Sangá, se tiuesse tempo pera isso; e com esta tenção ajuntou exercito de cento e vinte mil de cauallo e tresentos mil de pé, tresentas peças d'artelharia, em que entrauão os tres basaliscos do Rumecão e corenta peças grossas de camellos e saluagens, e grandes monições e petrechos d'arrayal, e arteficios pera combater; e fez ao Rumecão capitão d'artelharia, com seis mil homens de cauallo de guarda d'ella, e com elle os seus rumes, que erão setecentos. E com o capitão da guarda do Badur hião corenta portugueses e franceses, que todos erão arrenegados, armados de suas armas.

[1] * Melyque lyer * Autogr.

Com o qual exercito abalou o Badur pera Rusena, e foy ao Mandou, onde fez capitães de nouo do Reyno, a que deu muytas rendas, porque erão guzarates por serem mais seguros; e os senhores do Mandou passou pera Cambaya. Do Mandou a Rusena era caminho de hum mês polas jornadas do exercito. O Badur fez capitão do campo a Mirão, seu sobrinho, filho de sua irmã, que era valente mancebo. O exercito posto em ordem pera caminhar hião diante dous capitães descobrindo a terra com gente de pé e de cauallo, que hum dia toparão com hum capitão do Rey do Sangá, que andaua fazendo recolher a gente e o gado por amor do exercito do Badur, que hia por muyto perto das terras do Sangá, de que o Rey era morto auia pouqos dias, de que nom ficarão mais que dous filhos moços, que região titores que região o Reyno quietamente. A qual noua sendo dada ao Badur, ouve prazer, pola vontade que leuaua de o tomar acabando de tomar Rusena.

Os regedores do Reyno do Sangá, sabendo o caminho que o Badur leuaua pera Rusena, com tamanho exercito, que auia de hir ao longo de suas terras, mandarão este seu capitão que recolhesse as gentes e gados pera dentro do Reyno, porque o exercito lhe nom fizesse mal. Com o qual capitão toparão os capitães do Badur, que mandarão diante hum capitão com quatrocentos de cauallo e dous mil de pé, que fosse tomar muyto gado junto, que se recolhia pera huma serra; o que sendo visto do capitão sangá, homem destro na guerra, fez andar o gado de pressa, pera o meter na fralda da serra, e hindo assy vendo bom lugar pera isso se deixou ficar escondido em cilada com cento de cauallo e tresentos frecheiros, homens usados na guerra; o que o sangá fez sem serem vistos do capitão guzarate, que vinha longe, correndo quanto podião por alcançar o gado. Os sangás, vendo os guzarates dentro da cilada, e * que * vinhão desordenados, fizerão volta sobre os guzarates, pelejando fortemente; ao que os da cilada lhe derão nas costas, em tal modo que lhe matarão tresentos de cauallo e casy todos os dous mil de pé; e se foy recolhendo seu gado, com que se meteo na serra. D'isto nom ousarão dizer nada ao Badur, por nom fazer mal ao capitão que mandára a gente.

Chegou o Badur a Rusena, e assentou seu arrayal ao pé da serra, onde logo forão feitas cinqo estancias d'artelharia, a que o Badur fez capitães; e o Rumecão tomou a principal, que tudo isto o Rumecão assentaua per conselho e endustria do Cojeçafar, tisoureiro, de que já faley,

que era mouro granady, que com elle viera do Estreito; que era grande homem dos ardis da guerra e cousas de combates. Das quaes estancias fazião bataria a hum muro que tinha a serra em huma entrada, de que se lhe quebrauão alguma cousa, era logo polos de dentro tornado a fazer muyto mais forte; onde o Rumecão, por se mostrar valente caualleiro n'este primeyro seruiço, com o Cojeçafar fez hum castello de madeira pera abalroar no muro a que tirauão, e diante mantas fortes, com que o chegou perto do muro, que os de dentro muy prestesmente lhe queimarão com arteficios de fogo, com que matarão a gente que leuaua o castello, que era muyta; porque o Saladim tinha comsigo hum francez grande mestre de arteficios de fogo, e tão sabido e certeiro no tirar d'artelharia que cada dia quebraua e espedaçaua as estancias do Badur, e no arrayal tinha mortos mais de oitocentos homens. Pelo que, desesperando o Badur de tomar a serra por força, ordenou recados de concerto com o Saladim, dizendolhe que d'este feito já nom queria mais que nom ficar com perda de sua honra, se se tornasse sem fazer nada; fazendolhe muytos juramentos que hindolhe fazer çalema a seus pés, obedecendo, que logo se tornaria com esta honra, que pera elle era grande; jurando que nada lhe tomaria, mas que o acrecentaria, e lhe nom entraria na sua forteleza, nem outra nenhuma pessoa de seu arraial, nem a elle nem cousa sua faria nenhum mal; o que se elle nom fizesse ally auia de morrer, e fenecer todo seu exercito: do que fez seu assinado, com outras mais abastanças, tudo jurado em seu moçafo, presente seus capitães, e hum messigeiro que mandara pedir ao Saladim, que veo com seu seguro.

O que tudo ouvido polo Saladim, aceitou o concerto, e pedio arrefens pera hir ao Badur, e que primeyro afastasse o arrayal mea legoa e aleuantasse as estancias. Do que tudo aprouve ao Badur com a grande magoa que tinha do Saladim, e lhe mandou os arrefens que elle pedio. O Saladim fez isto porque já nom tinha poluora, com tenção que em tanto que durassem os concertos mandaria por ella a outra sua forteleza, onde mandaria seu tysouro e molheres: o que tudo consultou com hum seu filho que logo o fizesse como elle fosse pera o arraial falar ao Badur; o qual sayo, e de noite foy deitarse aos pés do Badur, e lhe fez sua çalema. Do que o Badur mostrou muyto prazer, e lhe fez bom gasalhado. O Saladim sayndo da forteleza de noite, após elle sayo logo o filho com o tysouro em cauallos, e oitenta molheres, as principaes, assy a cauallo

em trajos d'homens, e muyto secretamente se foy caminho da outra forteleza, que se chamaua Chamdary; o que nada foy sentido senão sendo já passados além de hum rio, e posto todo em saluo na forteleza, que era d'ahy trinta legoas; sómente hum homem que vio hir esta gente e o foy dizer ao Badur, nom sabendo que gente era. O Badur chamou o Saladim, e lhe perguntou que gente era a que sayra da forteleza e pera onde foy. Elle respondeo que nom sabia nada, mas que podia ser que seria seu filho, que jurara de nom estar com elle, porque saya a lhe fazer a çalema. O Badur, que a cousa entendeo, lhe dixe que lhe entregasse a serra pera da sua mão lha tornar a entregar, porque se queria logo partir. Dixe o Saladim que logo se fizesse, mas que era necessario elle hir falar com os seus, e fazer a entrega por sua pessoa. O Badur dixe que abastaua mandar recado aos seus, que elle ally lhe tomaria a entrega da forteleza. Dixe o Saladim: «Nada os meus farão se eu nom for» «falar com meu irmão, que deixey em guarda da porta da serra, que» «logo fará o que lhe eu mandar.» O Badur: — «Já me enganaste, agora» «nom quero que me enganes.» E o mandou prender em ferros, e posto em boa guarda, então mandou tornar o arrayal, e combater a serra fortemente; mas os da forteleza, que erão resbutos, que pelejauão como danados, defendendo hum pedaço do muro que lhe derrubara huma mina que lhe fizerão, então mandou o Badur ao Rumecão que com sua gente fosse cometer as portas, e mandou com elle os arrenegados christãos, portugueses e francezes, e com elles tres mil arabios bons guerreiros. O que o Rumecão assy fez, e mostrando muyto esforço foy cometer as portas; mas os de dentro lhe fizerão tal recebimento, de pedras, frechas, fogo, que o fizerão tornar muy depressa pera baixo, e após elle sayrão os resbutos matando tão fortemente, que se a gente do arrayal nom acodira já os resbutos chegauão a cortar as cordas das tendas; e se tornarão a recolher ficando muytos mortos, e alguns dos portugueses, que quiserão gardar as costas dos mouros que fogião. Este feito pôs tamanho espanto no arrayal que os guzarates confessarão que se ally fôra o filho do Saladim, com toda sua gente, desbaratara o arraial, que a gente fogira, segundo virão o pelejar dos resbutos.

Durarão muytos dias os combates, com que os resbutos se hião muyto esforçando, porque sempre vencião. O que vendo o Badur, usou de manha, e dixe ao Saladim que o mandaria á serra, se elle obrigasse a ca-

beça que faria aos seus que se entregassem; e porque elle nom fogisse, se os seus nom obedecessem, auião de sobir com elle dous mil homens pera o defenderem, se de dentro o sayssem a tomar. E isto ordenou o Badur pera que abrindo as portas estes dous mil homens as tomassem, e acodiria toda a gente, que pera isso estaria prestes. Do que o Saladim tambem cuidou manha, e foy contente, com esperança que colhendose á forteleza se saluaria. O que assy concertado, foy solto dos ferros, e foy á serra, e lhe abrirão a porta, a que elle remeteo a se meter dentro; pelo que com elle entrarão os dous mil homens, ao que acodio o Rumecão, que estaua prestes com outra gente; o que os resbutos defenderão tão fortemente que fizerão sayr fóra casy todos os que entrarão. Pelo que, em quanto a peleja duraua, o Saladim meteo todas suas molheres em huma casa grande, com todo quanto tinha, e debaixo da casa estauão os materiaes de fogo pera' peleja, em que o Saladim mandou pôr o fogo, estando elle dentro, com que a casa supitamente arrebentou, com grande terramoto e gritos das tristes molheres; onde acodio toda a gente de dentro e de fóra, mas os resbutos pelejarão de tal sorte que deitarão os guzarates pelas portas, e outros que com pressa se deitauão do muro abaixo e morrião. Na qual fogida foy o Rumecão com os seus; ao que acodio o Badur com toda a gente do arrayal, mandando matar os seus que fogissem; com que tornarão a sobir, mas nom ousauão chegar aos resbutos, onde o Saladim fazia façanhas como homem que acabaua a vida, e com grande animo remeteo pera o Badur, chegando, onde cayo de huma espingardada, e caydo nom ousauão de chegar a elle, dando grandes brados ao Badur que o ouvisse e lhe diria huma cousa que muyto compria. O Badur chegou pera ouvir, e elle disse: «Soltão Badurcão, nom sinto» «a minha morte, senão que me fiey de ty, que te conheci por grande» «trédor.» Ao que lhe derão * hum tiro * [1], que logo foy morto, e nom ouvirão o Badur, que bradaua que o nom matassem, e disse que o ouuera de mandar curar e fazer são, e toda sua vida o ouvera de ter metido em huma gayolla de ferro.

* Em * [2] quanto os resbutos [3] * pelejauão * a outra gente fogirão com as molheres por outros lugares da serra; mas os que pelejauão todos morrerão, passante de quatro mil, deixando mortos mais de oito mil homens.

[1] V.ª *Barros*, Dec. IV, Liv. V, Cap. XI. [2] * E * Autogr. [3] * pelauão * Id.

E sendo a peleja acabada, o Badur nom quis que fossem * no alcanço * aos que fogião.

Achouse grande despojo, e o Badur mandou polos lugares da serra apregoar seu seguro, e a todos perdoaua que ficassem em seu seruiço, o que todos obedecerão; e pôs hum capitão na serra, com boa gente pera' guardar, e lhe mandou que repairasse toda do que comprisse. E da terra derrador se vierão tres capitães resbutos obedecer ao Badur, que cada hum lhe deu dez alifantes, e duzentos mil pardaos d'ouro pera paga do arrayal. O Badur tomou os alifantes, e nom quis o dinheiro, antes lhes fez outras mercês; e dizia que nom queria senão honra, que os tysouros, que os Reys de Cambaya ganharão como mercadores, elle os auia de gastar como caualleiro, por acrecentar seu estado. E acabou de assentar toda a terra, e nom entendeo com a forteleza do filho do Saladim, porque se fez vassallo do Rey de Sangá. E o Badur nom bolio com * elle * porque tinha vontade de conquistar o Reyno do Rey Sangá, que se chamaua de Chitor; porque o Badur estaua tão contente de * ser * senhor do Mandou que auia que tinha outro Cambaya, com que cobiçaua tomar o Reyno de Chitor, porque sendo seu poderia conquistar o Reyno que estaua d'além d'elle, que se chamaua o Dely. Isto era no anno de 1532.

O Badur se deixou estar folgando no Mandou, e crecendolhe o coração pera hir conquistar Chitor, sem conselho de ninguem, mandou leuar pera Champanel muyta artelharia que lhe arrebentara, e mandou que lhe trouxessem dous basaliscos que lá tinha, e vinte peças grossas que lhe fizerão seus fondidores, que em Champanel tinha huma casa de fondição em que sempre trabalhauão cem mestres e quinhentos trabalhadores; e assy mandou leuar muyta poluora, e monições, e arteficios pera a guerra de Chitor: no que ouve alguma detença, porque era o caminho longe.

Mas sendolhe tudo chegado ao arrayal, logo ordenou sua gente com seus capitães, e entrou polo Reyno de Chitor, em que nom achou muyta resistencia até chegar á principal forteleza de todo o Reyno, que se chamaua Chitor, que estaua com muyta gente, onde dentro estaua a Raynha viuva, molher do Rey Sangá, com os dous filhos; a qual forteleza combateo passante de hum mês e meo, nom valendo á Raynha muy piadosos rogos, que com lagrimas a [1] * Raynha mandaua recados * ao Badur

[1] * Raynha que manda recados * Autogr.

que lhe nom quigesse tomar o seu, pois pera isso nom tinha nenhuma rezão, e que se lembrasse quanta honra lhe fizera dentro em sua casa, e que como filho o saluara da morte aquella noite que os seus o quiserão matar. E per fim de muytos recados disse o Badur que elle era contente de lhe aleuantar o cerquo, e lhe deixar o Reyno liure, com tanto que ella lhe fosse fazer çalema a seus pés com seus filhos, e que pera sempre elles, e seus descendentes herdeiros do Reyno, fossem obrigados, cada vez que os chamasse pera o ajudarem á guerra onde elle fosse em pessoa, lhe mandarem seis mil de cauallo e dez mil de pé, pagos por todo tempo que os trouxesse na guerra; e mais que lhe désse huma serra forte, que estaua conjunta ao Reyno d'alem, que era o Dely, que seu marido ganhara da terra dos mogores, porque antigamente fôra do Reyno do Mandou, que lhe pertencia, porque elle ao presente era Rey do Mandou; e que, pera segurança de ella isto tudo comprir, sempre o que reinasse no Reyno lh'entregaria seu filho herdeiro pera andar em sua corte, e elle o mandar pera reinar com todo seu estado; e que por esta vassalagem, em que lhe assy ficauão, elle ficaua obrigado a lhe defender seu Reyno de quem lhe quigesse mal fazer, pera o que logo lhe deixaria esta forteleza prouida como compria. A Raynha foy aconselhada dos seus que obedecesse a esta fortuna, que depois Deos daria remedio: o que a triste Raynha forçadamente concedeo. Do que lhe elle deu seu assinado, e a Raynha sayo, e lhe foy fazer a çalema, e lhe entregou seu filho mayor, que era moço de doze annos. Então o Badur lhe concertou a forteleza com muyta artelharia e monições, e ergueo o arrayal, e se foy pera o Mandou, leuando o yfante com sua honra e casa; e lhe deu cad'anno muyto dinheiro pera seu gasto, nom querendo que a Raynha gastasse nada, andando em sua corte.

Já atrás fica contado como Tristão de Gá chegou á corte e o que falou com o regedor ácerqa da messagem que leuaua. E o Badur o mandou andar em companhia de hum seu capitão, que lhe fazia muyta honra, e o Badur lhe mandaua dar o gasto; mas elle o nom quis tomar, dizendo que nada auia de tomar do Badur sem primeyro saber se estaua de guerra ou de paz. E quando Tristão de Gá hia pera a corte topou no caminho esta artelharia que leuauão de Champanel, e foy em sua companhia; e porque o Badur queria que todos vissem suas grandezas dizia ao capitão que mostrasse a Tristão de Gá quanto elle quigesse vêr, e que

nom se agastasse até elle acabar o feito do Reyno do Sangá; o que assy fez. O que acabado, como disse, estando o Badur no Mandou com seu muyto prazer, então Tristão de Gá falou com seu capitão, rogandolhe que dixesse a ElRey que o despachasse; o que elle falou ao regedor, que o disse a ElRey, que lhe aprouve de o ouvir, e mandou que lhe fosse falar, estando elle em huma orta dos paços, assentado em hum estrado com muyto estado, com alguns capitães, que d'elle estauão afastados como hum jogo de mancal, sómente junto do estrado dous pages, grandes senhores, moços de pouqa idade, que lhe tinhão hum cofo e treçado, e outro hum arquo e frechas, tomado nas mãos com toalhas lauradas d'ouro.

Onde Tristão de Gá, muyto bem vestido honesto, que era já homem velho, acompanhado do regedor, lhe fez suas tres cortesias, andando hum pouqo áuante a cada cortesia, e á derradeira fiqou com hum joelho no chão, e mostrou hum papel do Gouernador, escrito em guzarate, que era carta de crença, que o regedor leo, e o Badur disse que falasse, e dixe: «Senhor, per mandado do Gouernador da India são vindo ante tua gran-» «de alteza, pera saber o que mandaste dizer ao Gouernador que te man-» «dasse hum homem pera lho [1] *falares*; polo que mandou a mim.» Então o Badur, com lêdo semblante, disse: «Nom sey qual he a rezão» «que o Gouernador tem pera fazer tanto mal em as gentes que viuem» «em minhas terras, que he gente mesquinha, que nunqua lhe fizerão» «mal; e com grande armada veo por tomar Dio, e na ilha matou mi-» «nha gente, que estaua fazendo o que lhe eu mandára.» No que tudo o Gouernador fazia sem rezão, pois do seu Reyno nunqua ninguem fizera mal aos portugueses. Ao que Tristão de Gá lhe respondeo com muyto acatamento, dizendo: «Senhor, ElRey de Portugal he grande em seu» «Reyno, e tem guerra com muytas terras de mouros junto das suas,» «com que tem guerra, e com outras tem pazes; o que assy fazem ou-» «tros Reys christãos. Sómente nenhuma paz tem com turqos, por ser» «má gente, sem nenhuma verdade, que he a causa com que ninguem» «tem com elles paz. ElRey de Portugal he senhor de todo o mar do» «mundo, porque he n'elle poderoso com grandes armadas, com que» «conquista e sogiga todolas terras da borda do mar, como sabes que»

[1] * falarey * Autogr.

« tem feito n'estas partes da India, onde, em tempo do primeyro Gouer- »
« nador que teue na India, passarão rumes, que são os turqos, e se re- »
« colherão com su'armada á cidade de Dio, onde os agasalhou Meliqueaz, »
« e com seu fauor, e ajuda que lhe deu, elles forão pelejar dentro no »
« rio de Chaul com o filho do Gouernador, que hy estaua com 'arma- »
« da com que andaua gardando as nauegações dos mercadores nossos »
« amigos, por * que * as nom roubassem ladrões que andauão polo mar ; »
« e na peleja, por desastre de fortuna, se perdeo a nao do filho do Go- »
« uernador, e ally morreo ; e Meliqueaz, que era presente com sua ar- »
« mada, acodio á nao e catiuou os que achou viuos, que se lhe entre- »
« garão porque era teu vassallo, que aos turqos nom se ouverão d'en- »
« tregar, que antes morrerão todos, porque como digo são homens que »
« nom gardão verdade, como gardou teu Meliqueaz, que eu fuy hum »
« dos catiuos, que nos leuou a Dio e nos fez muytos bens. »

« Ao qual feito o pay, o Gouernador, acodio, e com huma pouqa »
« d'armada e gente veo a Dio, onde os turqos estauão, com armada feita »
« de nouo, dizendo que auião de hir tomar as fortelezas dos portugue- »
« ses ; mas vendo chegar sobre Dio nossa armada nom ousauão sayr ao »
« mar, porque nom tinhão por onde fugir. Mas o bom Meliqueaz, por »
« guardar a cidade, que nom ouvesse perigo se os nossos entrassem no »
« rio onde estauão os rumes metidos, elle os fez sayr pera fóra ; do que »
« se seguio que os nossos lhes meterão suas naos no fundo, e a todos »
« matarão, senão os que fogirão pera terra, que Meliqueaz fez d'elles a »
« justiça que o Gouernador mandou, e a nós os catiuos que tinha na »
« sua quintam nos entregou ao Gouernador, e lhe fez outros seruiços, »
« com que amansou a menencoria que o Gouernador trazia de elle aga- »
« salhar os turqos e os ajudar : com que per este seu bom saber saluou »
« Dio de nom ser queimado e destroydo ; mas fiqou com boa paz assen- »
« tada com o Gouernador, que durou em quanto Meliqueaz viueo. E se »
« isto he verdade ou não o diga seu filho, que ante tua alteza está, que »
« me nom deixará mentir. » O que muyto folgou o Badur d'ouvir, que nunqua o ouvira, e o Rumecão, que estaua presente, muy agastado perguntaua a [1] * Meliqueliaz *, e elle dixe que era tudo verdade ; dizendo mais Tristão de Gá : « E d'esta cousa fiqou ElRey de Portugal menen- »

[1] * Melyquelyer * Autogr.

«corio; e mais porque depois d'isto sempre mandou aos Gouernadores»
«da India que tratassem boa paz e amisade com teus portos e nauega-»
«ções d'elles, tendo sempre em Dio seus feitores com muytas mercada-»
«rias, dando liberdades e franquezas aos mercadores que vinhão pera»
«teus portos, polas quaes boas amisades sempre os Gouernadores pe-»
«dirão aos capitães de Dio que na cidade lhe dessem hum logar apar-»
«tado em que fizessem huma casa forte, á maneyra de forteleza, pera»
«ser casa de feitoria, forte e segura, pera n'ella estar o feitor, e seus»
«officiaes, e mercadarias; nom porque se temessem de teus naturaes,»
«sómente dos estrangeiros, e de turqos, que lhe defendessem a entrar»
«dentro em Dio, onde sempre ha muytos estrangeiros, que andando to-»
«dos mesturados de força alguma hora aueria brigas e ouniões, em que»
«se podia recrecer muyto mal, matando o feitor e roubando a feitoria,»
«como já se aqueceo em algumas partes, confiados nos senhores da ter-»
«ra que nos males nom derão castigo, se por nós o nom tomamos: o»
«que nom he bem que assy seja em Dio, onde ElRey de Portugal quer»
«ter boa e segura paz. E quanto ás gentes que na ilha morrerão foy»
«por sua culpa e soberba, que vendose tomados, cerquados de tama-»
«nho poder que o Gouernador tinha, lhe nom quiserão obedecer, nem»
«aceitar bons partidos que lhe o Gouernador fazia; o que ElRey de Por-»
«tugal sente por enjuria engeitaremlhe a paz e amisade com que pri-»
«meyro comete, e porque lha engeitão faz a guerra no mar, de que he»
«senhor, e na terra o que póde; que está visto n'estas partes de tan-»
«tos tempos. E por isso veo o Gouernador a Dio com seu grande po-»
«der, pera que o temessem e com elle fizesse Melique algum bom con-»
«certo de que tua grande alteza fòra contente; mas sorgindo longe ao»
«mar, sem ouvirem seu recado, tirarão ao seu galeão tres tiros com»
«hum basalisco; ao que o Gouernador nom fez nada, agardando por»
«recado. E porque nom trazia tenção de pelejar com a cidade, com»
«paixão de lh'assy [1] *tirarem*, que era sinal de nom querer paz, e»
«'artelharia de muytos dias vinha carregada a mandou descarregar na»
«cidade, que durou todo hum dia, e se tornou e anda senhoreando o»
«mar. Tu, senhor, hes grande e poderoso na terra, que se quiseres»
«tomar todo o mundo, será teu, segundo teu grande poderio, que Deos»

[1] *tirem* Autogr.

«te acrecente até o ceo; mas ElRey de Portugal assy he poderoso no»
«mar que ninguem n'elle nom nauegará sem sua licença, e o Gouerna-»
«dor sempre *te* guerreará, se algum bom concerto de paz nom ouver,»
«o qual está debaixo do pé de tua grande alteza, que todo poder tens»
«pera dar o bom remedio, que o Gouernador tomará como tua grande»
«alteza quiser, por escusar trabalhos e mortes de gente no mar e na»
«terra. E porque o Gouernador muyto deseja tua amisade com ElRey»
«de Portugal, pera quando lhe comprir lhe dares fauor e ajuda de teu»
«grande poder, que tens mais poderoso sobre todos Reys da India, por»
«isso som por elle mandado pera saber tua vontade.»

O Badur folgou de ouvir tudo o que falou Tristão de Gá, que nada d'isto nom sabia, e respondeo: «Eu folgaria que ouvesse algum bom con-» «certo com o Gouernador, nó mais que sómente por remedio dos mes-» «quinhos que ganhão polo mar suas vidas.» Disse Tristão de Gá: «Se-» «nhor, tudo está em tua mão; porque o Gouernador, polo muyto que o» «deseja, tudo fará quanto mandares, por alcançar tamanha honra *de*» «ser ouvida sua palaura ante ty, tão poderoso senhor, tão timido *por*» «teu grande poder. Polo que ElRey de Portugal deseja muyto ter tua ami-» «sade; que se esta nom fosse a causa o Gouernador nom tomaria mais» «trabalho que senhorear o mar, que he mais riqo que a terra. E por» «tanto, senhor, bem olhando tudo, nom tens rezão de negar amisade a» «quem te por ella roga, e por ella terás pera sempre a teu seruiço to-» «dolos Gouernadores que ouver na India, que te seruirão no mar e na» «terra em tudo o que mandares em quanto for tua vontade.» Com que o Badur despedio Tristão de Gá, que se tornou com seu capitão a seu aposento.

CAPITULO XLIV [1].

COMO O GOUERNADOR SE CONCERTOU PERA HIR A DIO VERSE COM ELREY DE CAMBAYA SOBRE CONCERTO DE DAR FORTELEZA.

JÁ atrás fica contado como Vasco da Cunha fôra a Dio falar com Melique Tocão, e se tornara a Goa sem nenhum recado. O Rumecão era muy

[1] No original é o XLI.

desejoso de auer a capitania de Dio, onde se estiuesse se faria muy possante com grande armada que traria no mar, com muytos rumes que recolheria, com que pudesse pelejar com nossas armadas, e se faria tão forte na cidade que se lhe comprisse se defenderia d'ElRey Badur, se lhe quigesse fazer mal; e quando não, que então com grande armada de sua gente, que sempre teria, e grossas velas muy [1] * armadas, se hiria * andar pola costa de Melinde, onde se aposentaria em huma cidade, em que se faria tão forte que [2] * lhe * nom pudessem fazer mal. As quaes contas fazia o Rumecão porque nom confiaua nada no Badur, vendo suas doudices, e que o mandaua meter nos móres perigos como homem que o queria matar; e com estes pensamentos, e mórmente por auer a capitania de Dio, e polos bens que tinha dito de Melique Tocão * e * nom os podia tornar a desfazer, meteo mexerico com ElRey que Melique tinha messageñs do Gouernador, que nom auião de ser senão pera lh'entregar Dio pera fazer forteleza; e que quando fôra Tristão de Gá ficara com Melique messigeiro do Gouernador. Do que ElRey logo tomou sospeita que podia ser assy, e logo em seu coração ordenou traição de hir a Dio pera se concertar com o Gouernador, onde, se podesse o colher por manha, o matar ou catiuar, e aos capitães, e então faria justiça do Melique; porque hindo pera Dio sem este achaque o Melique com medo lhe fogiria, e tambem que se concertaria com o Gouernador porque no verão lhe nom fizesse guerra, porque tinha noticia que a Raynha Sangá pedia secorro ao Rey dos Mogores, que he do Reyno de Dely, que he muy poderoso de muyta gente muy guerreira, e que se tal fosse, que com elle tiuesse guerra, seria muyto trabalho, porque logo os resbutos entrarião em Cambaya; ao que nom seria muyto tambem se aleuantar o Melique Tocão, e dar entrada ao Gouernador em Dio, e lhe fazer guerra por outra parte. O que tudo podia ser, e elle o determinaua atalhar com sua yda a Dio; pelo que logo despachou Tristão de Gá, dizendo que se queria vêr com o Gouernador; que pera isso se fosse a Dio, ou á ilha dos Mortos, que ally se verião e assentarião suas cousas. E assy o mandou dizer ao Gouernador por sua carta, porque vendose ambos, estando presentes seus conselheiros d'ambas as partes, [3] * virião á concrusão * no

[1] * armadas com que se hiria * Autogr. [2] * os * Id. [3] * verião a concrusão * Id.

que houvesse de ser, o que nom poderia ser tão asinha por messigeiros que fossem e viessem. E Tristão de Gá tinha sabido, per seus modos, que esta vista de concerto do Badur era causada polo temor que tinha da guerra dos mogores, que se já falaua, e [1] * porque * tinha muyta sospeyta do irmão que estaua com o Gouernador. O Badur despachou Tristão de Gá, e lhe deu riqua cabaya e peças; e se foy a Dio, onde o Melique lhe deu embarcação. Elle lhe contou tudo o que tinha entendido na corte, com que o Melique lhe fez muytas dadiuas e logo o mandou.

O Rumecão, que era muyto da priuança do Badur, era muyto contra estas vistas pera concertos, e em praticas que podia desatalhaua quanto podia, pela vontade que trazia em sua tenção; mas todos os do conselho erão contra elle, e dizião ao Badur que o fizesse; o que elles assy dizião sómente por desfazer no Rumecão, a que todos o auorrecião, por ser soberbo e fantisioso rebolão, sendo estrangeiro, que elles por isso o sentião por seu abatimento.

Tristão de Gá chegado a Goa, o Gouernador o recebeo com muyto gasalhado, e elle lhe deu muy larga conta das grandezas do Badur, e todo o que vio e entendeo, e recado do Badur, que leuaua. Sobre o que o Gouernador teue conselho, e foy assentado que o Gouernador fosse a Dio com toda' paz, pois no mar ninguem o podia offender; porque nom hindo pera pelejar nom se faria tanto gasto mais que hirem os capitães bem vestidos de suas pessoas; e que quando d'esta vez ElRey nom concertasse então com mais rezão lhe farião a guerra. E foy ordenado que logo tornasse a reposta a ElRey, de grandes comprimentos, como compria á vaidade d'ElRey; a qual reposta leuou Simão Ferreira, sacretario, que foy em huma galeota e quatro fustas, com homens muyto bem concertados de sua pessoa e seruidores, com regimento de todo o que auia de falar e responder. E Simão Ferreira partio de Goa na entrada d'agosto de 533, e após elle partio Manuel d'Alboquerque com oito velas, que auia d'andar pola costa agardando que fosse o Gouernador.

Simão Ferreira chegou a Dio, onde Tristão de Gá foy a terra falar a Melique Tocão, que lhe fez muyto gasalhado, e logo á pressa mandou recado a ElRey, que estaua d'ahy a doze legoas, a que mandou dizer

[1] * o * Autogr.

que ally estaua o sacretario do Gouernador, que lhe leuaua seu recado. Do que logo ao outro dia veo recado d'ElRey que fosse, e que em quanto lá andasse elle Melique Tocão désse aos nauios e gente, graciosamente, comer e tudo quanto ouvessem mester, e ninguem os anojasse. O qual gasto Simão Ferreira nom quis receber, porque deixou dinheiro em abastança pera a gente comer, e defendeo que ninguem andasse na terra, sómente o comprador, porque andando todos em terra nom ouvesse algum arroido. Então o sacretario sayo a terra com vinte homens que auia de leuar, todos muyto concertados, e o sacretario, e Tristão de Gá, a que o Melique fez honrado recebimento ao desembarcar, e os leuou a sua casa, em que lhe deu grande jantar; e logo lhe deu cauallos e carretas em que fossem. E ao outro dia partirão, e forão todos em carretas, que erão milhores pera caminhar, porque toda a terra he campos, com que as carretas vão muy quêdas. E são pequenas, e muy leues e sotys, muy louçãs de grandes lauores, cobertas com toldos de pannos com muytos lauores, que tudo cobrem, se querem, que nom se vem os que vão dentro, que podem hir quatro pessoas muyto á sua vontade, e deitados dormindo; porque, como digo, as carretas correm muy quietas. E o dono do carro vay em outro lugar, que nom peja aos que vão dentro, que faz andar os boys com a palaura que elles entendem; que são pequenos, gordos, limpos como ginetes, e aos pescoços e nos cornos contas de louçaynhas, e nas mãos manilhas de cascaués, que tangem; e correm de andadura quanto querem. E forão nas carretas muyto a seu prazer, acompanhados de hum capitão com duzentos homens, que lhe deu o Melique.

Chegando elles a huma cidade em que ElRey estaua, vinha elle do campo de folgar, com alguns da priuança apartado, e atrás vinha o campo coberto de gente. E per mandado d'ElRey leuarão o sacretario e Tristão de Gá aos paços, onde á entrada de huma varanda esteue até que ElRey entrou, a que elles fizerão suas grandes cortesias, e ElRey esteue quêdo, mostrando muyto prazer, e disse a hum seu capitão que os leuasse e gasalhasse comsigo, e se recolheo; e o capitão os leuou a seus paços, que erão muy grandes, em que os aposentou em camaras apartados, e os seus homens em outras casas, onde lhe derão grandes abastanças de comeres, e cateles e camas. E ao outro dia, estando ElRey em huma orta dos paços, os mandou chamar, e o capitão os leuou, e elles

muy concertados de suas pessoas, e seus homens assy muyto bem vestidos, galantes. E ElRey estaua assentado em huma banca de quatro pés, cuberta com riqo panno de brocado, grande, que se estendia polo chão, que estaua cuberto de riqas alcatifas; e ElRey encostado em grandes almofadas de brocado mais riqo, e ElRey vestido em roupas brancas, e na cabeça huma touquinha branca de cadilhos, e na cinta huma adaga, e nas costas d'elle hum page com hum traçado e que lhe tinha hum cofo, e outro hum arqo com frechas, todas estas peças muy riqas; e seus grandes senhores afastados.

Então o sacretario apresentou huma carta do Gouernador, de crença, que era escrita na sua lingoa, que o regedor leo, em que dizia o Gouernador que ouvido seu recado, que lhe mandara por Tristão de Gá, elle, confiado em sua palaura, por ser tão alto e grande Rey, vinha logo a seu chamado, e se ficaua fazendo prestes pera logo partir, com muyto gasto que fazia em sua armada, com muyto desejo de lhe fazer a vontade e todolos seruiços que lhe mandasse, com muyta esperança que tudo seria assentado em boa paz, que duraria pera sempre; que era a cousa que ElRey de Portugal mais desejaua, por elle ser tão alto Rey, que assy fossem como irmãos, pera se ajudarem hum ao outro quando comprisse. Das quaes palauras ElRey mostrou muyto contentamento, porque elle folgaua muyto com vaidades, falando com os seus; e disse ao sacretario que mandasse logo recado ao Gouernador que logo viesse, que agardâua por elle depois que mandara Tristão de Gá, e que nom podia muyto estar ally, que tinha muyto que fazer em outra parte. Com o qual recado o sacretario mandou carta ao Gouernador de todo o que passara, e mandou hum homem a Dio, que logo se partio pera Goa em busca do Gouernador, que inda estaua em Goa esperando por este recado, estando de todo prestes com trinta velas grossas e vinte fustas, em que leuou todolos fidalgos, e homens riqos que tiuessem que gastar, que foy sobejamente; que indaque fòra pera hum recebimento de huma princeza em Portugal se nom gastara tanto de vestidos riqos, colares, joyas, baixelas, paramentos de camaras e camas, que nom fiqou nada em Goa que nom fosse leuado emprestado; e mórmente o Gouernador, que a todos fazia gastar e quis mostrar grandezas, que tudo erão sedas do Reyno, brocados, telas d'ouro, roupões, gornimentos da cama, ricas cadeiras e almofadas, cousa sem numero, e conseruas, cristalinos, cousas do Reyno pera

comer. E isto com tenção que assentada a cousa [1] * mandasse * aos capitães d'ElRey dar banquetes nos galeões e galés, e por * isso * se fizerão tão grandes gastos, que fez cada capitão querendose auantejar dos outros. Os quaes forão dom Esteuão da Gama, dom Fernando d'Eça, dom Pedro de Meneses, dom Gastão Coutinho, Vasco Pires de Sampayo, Antonio de Lemos, Manuel de Vasconcellos, Antonio da Silua de Meneses, Diogo da Silueira, Diegaluares Telles, Manuel de Macedo, Manuel d'Alboquerque, Vasco da Cunha, Fernão de Lima, * e * outros honrados fidalgos, que indaque nom erão [2] * capitães hião * na companhia e no galeão do Gouernador, * que hia * com toldo e bandeyras de seda, e a tolda armada de riqos panos de Frandes: em que ouve muy grandes gastos, a que depois chamarão paruoices, porque foy tudo perdido porque nom se fez nada.

[3] * E leuaua o Gouernador, pera a ElRey dar * de presente huma espada, e hum punhal, e cinta, e hum bacio d'agoa's mãos, e hum gomil, tudo d'ouro, o milhor que se pode laurar; d'esmalte as peças da cinta e espada e punhal. E isto sómente se fez por ser costume que quando falão aos grandes Reys e senhores forçadamente lhe hão de dar presente, que o hão por estado, indaque de hum pobre seja hum só limão; e por este costume o Gouernador leuaua estas peças pera dar a ElRey, aindaque nom erão de seu grande merecimento, que he Rey de grande riqueza.

Fazendose o Gouernador prestes pera partir foy ver o mouro irmão d'ElRey de Cambaya, que estaua em Goa, que lhe mandou elle rogar que antes que se fosse lhe falasse, auendo elle temor que o Gouernador, vendose com ElRey seu irmão, o meteria em algum concerto de o entregar. E o Gouernador o foy vêr, e o mouro lhe dixe: «Tu, senhor, vás a» «Cambaya. Deos vá comtigo, e * te * guarde das trayções do Badur; e» «por tanto n'isto tem bom recado em tua pessoa. E se com elle te vi-» «res, o que eu duvido, mas se fôr que lhe falares e elle fizer verdade» «e te der o que lhe pedires, rogote que nom sejas esquecido quem eu» «som e que com medo de meu imigo te vim buscar, que * me * désses» «saluação; a qual me prometeste diante de Deos e de teus capitães, e»

[1] * mandou * Autogr. [2] * capitães que hião * Id. [3] * E pera ElRey lhe dar * Id.

«polo que minha pessoa mety em teu poder sob tua verdade, em que»
«muyto confio, e nom tenho temor senão aos desastres e auêssos da for-»
«tuna, que nunca faltão aos atribulados como eu.» O Gouernador lhe respondeu: «Eu tanto estimo minha verdade quanto estimo a vida.»
«Nom te assombre nenhuma desconfiança, porque se minha verdade te»
«nom ouvera de comprir nom te recolhera; e por tanto durme teu so-»
«no descansado.» Com o que o mouro fiqou muyto descansado e satisfeito, dizendolhe: «D'esta tua hida nom tenho pesar senão de teu tra-»
«balho e tanto gasto; senão porque eu conheço o Badur, que tudo te»
«ha de ficar em vão, ou auerá algum engano ou trayção, porque o Ba-»
«dur muyto se presa de sotylezas de trédor, e he mais falso que todo-»
«los homens do mundo; e aindaque nom tiuera estes males, que tem,»
«he tão vão, e leue de siso, que o que hoje diz ámenhã o nega. E por»
«tanto, com auiso d'estes males, faze tuas cousas com os resguardos»
«que vires que te compre.» Ao que o Gouernador lhe deu seus agardecimentos, e se despedio d'elle, e começou a mandar embarquar a gente pera partir. No que estando chegarão as naos do Reyno, que forão estas.

ARMADA

DO

ANNO DE 533.

CAPITULO XLV [1].

NA fim de setembro d'este anno vierão as naos do Reyno, a saber: dom João Pereira pera capitão de Goa, em que logo entrou, por ser falecido Pero Lopes de Sampayo, que era capitão; e veo Lourenço de Paiua, e Diogo Brandão, estes dous só a bandeyra de dom João Pereira; e dom Gonçalo Coutinho pera capitão de Goa na vagante de dom João Pereira, e debaixo de sua bandeyra Simão da Veiga, Nuño Furtado de Mendonça, e dom Diogo de Noronha, que desapareceo, de que se nunqua soube mais; e veo dom Esteuão da Gama, que enuernara do anno passado em Moçambique, que logo se embarqou na companhia do Gouernador pera Cambaya em hum galeão, que tambem fez grandezas de grandes gastos, porque era grandioso e quis auantejar a todos.

Dom João Pereira foy ter no pracel de Çofala só, de que sayo com muyto trabalho, e hindo per antre as ilhas se pôs ao pairo agardando polas outras naos. O que foy per conselho de Antonio Galuão, homem fidalgo, que vinha por passageiro, que entendia da nauegação; mas o mestre e piloto nom quiserão senão andar amainados, e tomarão as velas e nom tiuerão boa vigia, e as agoas leuarão a nao a terra, em que deu

[1] Este capitulo, e seu numero, não os marca o autographo.

duas pancadas, com que toda a gente acordou com grandes brados cuidando que se perdião, e em todos era grande desacordo, e o [1] * capitão se queria * colher ao batel. Ao que Antonio Galuão bradou ao mestre, e mandou dar o traquete á nao, e forão os marinheiros ao leme, que o nom acharão, que cayra quando a nao toqou. Com que a reuolta foy mais grande; mas acodirão á bomba, e a nao nom fazia agoa; com que então a gente esforçou, e sendo em outo [2] * braças lhe amanheceo *, com que ouverão vista das outras naos que chegarão. E porque era catorze legoas d'ahy a Moçambique a nao foy sem leme, atoada com o batel que a encaminhaua; com que chegarão a Moçambique fazendo a nao muyta agoa, onde foy concertada do leme, e lhe tomarão parte d'agoa; com que foy á India.

Em outubro d'este anno, per nouas que ElRey teue por Veneza, mandou á pressa partir dom Pedro de Castello Branco por capitão de doze velas, a saber: tres galeões e noue carauelas latinas, com boa gente, muy armadas. E os capitães dos galeões forão elle, e André Casco, e em huma nao Nicolao Jusarte; e os capitães das carauellas Antonio Lobo, Baltezar Gonçalues, Lionel de Lima, Heytor de Sousa, Francisco Ferreira, Gonçalo Fernandes, João de Sousa, Antonio de Sousa, Francisco Fernandes Leme, que por assy partirem fóra de tempo tiuerão muyto trabalho no caminho, e estando pouqos dias em Moçambique correrão a costa como trazião por regimento, e forão ter em Mascate, onde acharão Vasco Pires de Sampayo com 'armada do Estreito, como adiante contarey.

CAPITULO XLVI [3].

DE COMO O GOUERNADOR FOY A DIO POR FALAR Á SOLTÃO BADUR, E NÃO CHEGOU A VERSE COM ELLE.

O Gouernador despachou as naos do Reyno, que se forão a Cochym tomar a carga, e elle se partio pera Dio já em fim d'outubro, e foy ao longo da costa, onde em Chaul o estaua agardando Manuel d'Alboquer-

[1] * capitão que se queria * Autogr. [2] * braças e lhe amanheceo * Id. [3] Gaspar Correa tambem não deu numero a este capitulo, que intitulou, simplesmente, *Foy a Dio.*

que com sua armada, em que tinha concertados doze calures pera recados, com toldos e bandeyras, e os remeiros vestidos de liurés com muytas galantarias. Partio de Chaul e se foy com toda' armada á ilha dos Mortos, onde Simão Ferreira lhe tinha escrito que ally se queria ElRey vêr com elle, e que toda a gente d'armada estaria na * ilha *, e ElRey hiria do rio de Madrefabá em huma fusta, com doze homens de sua priuança, que nenhum leuaria armas; e tambem o Gouernador estaria em huma fusta com outros doze homens; e que no galeão do Gouernador estarião os refens, que serião quatro homens da corte que o Gouernador pedisse, os quaes buscarião a fusta do Gouernador e os homens, porque nom leuassem armas nem cousa com que pudessem fazer mal; e que tambem em poder d'ElRey estarião outros quatro capitães, que ElRey nomearia, que tambem buscarião a fusta e os homens d'ElRey. E com esta ordem se falarião, estando as fustas afastadas tanto quanto pudessem falar, e que concertados, ou desconcertados, cada hum se recolhesse com boa paz assy como se ajuntauão, e logo se largassem os refens. O que todo assy foy dado por assinado d'ElRey ao Gouernador, que lhe deu outro tal, firmado com seus juramentos: o que todo fez o regedor com Simão Ferreira, que todo mandou ao Gouernador por Tristão de Gá, como chegou á ilha, que veo em huma fustinha d'ElRey, o que foy em nouembro; com que o Gouernador e todos muyto folgarão.

O Rumecão tinha muyto pesar d'estes concertos, porque muyto desejaua ter a capitania de Dio, o que nom podia ter se os nossos tiuessem ally forteleza; e quando podia dizia a ElRey que como seu escrauo lhe dizia que olhasse que 'amizade do Gouernador era engano, que nom queria mais que ter huma entrada em Dio pera então fazer o que quigesse, e ficar seguro do medo que tinha; que elle mandaria chamar os rumes, com que faria no mar tão possante armada com que nos defenderia o mar, e lhe tomaria as fortelezas, o que podia fazer muy leuemente. E que tomando a India aos portugueses seu nome seria aleuantado sobre todolos senhores do mundo, acrecentando tamanho estado em seruiço do seu Mafoma, pela vingança que faria por tantas mortes, e roubos, que os nossos tinhão feito aos mouros mesquinhos; com que ficaria mais nomeado que o Grão Turqo. « E mais que tu, senhor, bem podes »
« entender que se o Gouernador te pudera tomar Dio, como * a * cometeo, »
« elle te nom pedira esta paz; porque se elle quisera boa paz elle a pe- »

« dira antes de cometer a tomar Dio, que ElRey de Portugal manda »
« que se tome e sobre isso moyrão todos. Tudo, senhor, [1] * te * digo »
« como teu escrauo, porque depois, quando me achares que te faley ver- »
« dade, me faças mercês, e não aos que te n'isto aconselhão o contrairo »
« do que te eu digo. »

O Badur, como era homem leue de cabeça com a opinião de sua grandeza, e muyto vão nos pontos d'honra, cayolhe muyto na vontade o que lhe disse o Rumecão, assentando em seu entendimento que por ser tão grande era baixeza vir falar ao Gouernador da India, que lhe nom podia fazer mais mal que nas perdas de seus direitos, que lhe nom auião de fazer falta, sendo elle senhor de tão grandes tisouros como elle tinha dentro em Cambaya; e com esta fantesia assentou de nom falar ao Gouernador, no que poria tantas delongas que o Gouernador se anojasse, e se fosse sem auerem vistas. E com este pensamento, sendolhe dito que o Gouernador estaua já na ilha dos Mortos, que lho disse Simão Ferreira, mostrou que folgaua, e o mandou visitar per hum Mercopim, filho de Melicopim grande nosso amigo, de que já fiz menção n'estas lendas primeyras, no liuro primeyro; o qual Mercopim, por ser mercador de grosso dinheiro e grão trato na corte, era muyto na priuança d'ElRey e na amisade dos grandes da corte. O qual foy ao Gouernador em duas fustas, muyto concertado de festa e bem acompanhado. Per elle mandou dizer ao Gouernador que fosse boa sua chegada, e folgaua, porque auia dias que o estaua agardando, tendo muyto que fazer em outras partes; pelo que logo despediria huns negocios, que tinha nas mãos, pera se verem ambos. E com este recado trouxe o messigeiro duas naos grandes carregadas de biscoito, trigo, farinha, arroz, manteiga, açuquere, vaqas, carneiros, com que tambem vinhão carregadas vinte cotias com galinhas, e verduras de cidras, limões, laranjas, rabãos, canas d'açuquere, em tanto numero que bem auia pera tod'armada; o que o Gouernador recebeo com prazer, fazendo muyta honra ao messigeiro, a que fez mercê [2] * de * peças de seda e vinte portugueses d'ouro: o que fez o Gouernador por se mostrar grande, que bem sabia que o Mercopim o auia de dizer ao Badur. E respondeo a ElRey que o tomaua da sua mão, por ser tão alto senhor, e que ally estaua agardando quanto su'alteza madasse. Mercópim

[1] * que * Autogr. [2] * e * Id.

pedio ao Gouernador seguro pera vinte cotias suas, que auião de passar pera [1] * Dabul * carregadas de mercadarias; o que lhe o Gouernador deu, com que se foy muyto contente. Estaua a gente dos nauios agardando pola repartição dos mantimentos; mas aleuantouse fama n'armada que na farinha, e manteiga, e açuquere, e em tudo, vinha peçonha. Com que ninguem quis tomar nada que o feitor d'armada mandaua que fossem tomar; o que nom ousarão toquar, sómente no gado viuo, e galinhas, e nas verduras, que primeyro muyto lauauão e alimpauão, que assy o fizerão aos poços d'agoa. Mas foy falsidade, [2] * com que de tudo se aproueitou * o feitor d'armada, que tudo recolheo * e * depois o bem vendeo.

Esteue o Gouernador alguns dias, e vendo que lhe nom vinha recado d'ElRey, e Simão Ferreira lhe escreuia que nom podia falar a ElRey, mandou recado ao mercador Mercopim, que o disse a ElRey, que elle o estaua ally agardando; que se lembrasse que o mandara vir, e que auia muytos dias que agardaua pera fazer o que su'alteza mandasse. ElRey, como tinha assentado de o nom * ver *, e nom queria mostrar que faltaua de sua palaura, dessimulando lhe mandaua sempre boas respostas, com esperanças de cada dia e desculpas de negocios que sobreuinhão, e comprimentos mentirosos, que o Gouernador ás vezes cria, sempre aos messigeiros fazendo honras e mercês. ElRey, por delongar tempo, mandou dizer ao Gouernador que folgaria de ver o capitão do seu galeão, e seus tangeres e cousas de folgar, com * que * elle Gouernador tinha passatempos. No que o Gouernador fiqou sospenso; mas praticando com os fidalgos disserão que em todo lhe fizesse a vontade, e nom mostrasse a ElRey ter d'elle nenhuma sospeita. Então o Gouernador mandou Manuel de Macedo, que era capitão do seu galeão, muyto vestido, e gentil homem mancebo, e lhe mandou as trombetas, e atabales, e charamelas, e orgãos, e crauo, e homens musiqos que cantauão, e folyães, e tambor e pifaro, e homens d'esgrima com espadas d'ambolas mãos, todos muy louçãos. O que sendo chegado a ElRey lho disserão; com que mostrou prazer, e se pôs em huma varanda sobre hum pateo, onde lhe tangerão

[1] * Dyull * Autogr. Escrevemos Dabul, adoptando a lição de *Andrad. Chron. de D. João III*, Part. II, Cap. LXXXVIII. [2] * com que tudo se aprouei * Autogr.

as trombetas, atabales, e charamelas, que ElRey mostrou que folgaua, e os mandou tanger muytas vezes. Então folyarão e esgirmirão os das espadas grandes, depois tangerão os orgãos em cima na varanda; de que ElRey fiqou espantado do engenho com que tangião, e assy folgou de ouvir tanger o crauo, dizendo que o Gouernador tinha muyto boa vida com tantos folgares. E os despedio, e a todos mandou dar mil pardaos d'ouro, pera Simão Ferreira os repartir antre todos. E sempre lhe hião tanger e dar aluoradas; sempre lhes fazendo largas mercês, porque 'o Santiago, que seruia de lingoa, que sempre andaua no paço, ElRey folgou de lhe perguntar por todolas cousas, e dizia a ElRey que fazendo muytas dadiuas os portugueses muyto folgarião de o seruir, e se hirião pera elle, se os nom costrangesse que se tornassem mouros. ElRey dizia que dos que catiuasse faria sua vontade, mas os que se fossem pera elle nom lhes faria força.

Ao outro dia, acabando ElRey de dormir a sésta, mandou hir Manuel de Macedo, que o leuou hum capitão que ElRey a isso mandou, com que foy Simão Ferreira e Tristão de Gá com sua companha, e Manuel de Macedo muyto bem vestido, e entrarão em huma grande varanda, onde estauão grandes senhores e o regedor, que todos lhe fizerão grandes cortesias, senão Rumecão, que nom se bolio d'onde estaua, e trocendo os bigodes, rindo em som d'escarneo, [1] * falando * com o lingoa lhe disse: « Este vosso capitão he fremoso como molher. Cansará quando pelejar. » O Santiago disse a Manuel de Macedo o que o rume dizia. Elle disse ao lingoa que o dixesse ao regedor, e lhe pedisse licença pera lhe responder. Disse o regedor que si, ao * que * ajudarão os outros capitães, que todos tinhão má vontade ao rume, porque elle se queria fazer milhor que todos. Então Manuel de Macedo falando com o regedor, que nom quis falar com o rume, disse ao regedor: « Senhor, certamente estou espan- »
« tado que o grão Soltão Badur, tão poderoso em tantas grandezas de »
« Reynos e tantas riquezas, e senhor de tão grandes senhores e capitães »
« naturaes de Cambaya, como se quer sua alteza seruir de hum estran- »
« geiro turquo, que foy trédor ao seu Rey e senhor, e lhe matou seu »
« capitão Soleymão, e lhe roubou seu tysouro, e fogio como ladrão; que »
« assy como isto fez a seu senhor natural, que o criou, assy o fará em »

[1] * falan * Autogr.

« qualquer parte que se achar, tendo tempo pera o poder fazer. Porque »
« assy *he* a condição dos turqos, que com ninguem tem lealdade, se- »
« não soberbas e féros, sendo grandes judeus ; e por isso disse que eu »
« era fremoso como molher. Mas, se elle nom ouver medo de mim, eu »
« lhe farey largar no campo o cofo e traçado. E eu *só* com minha »
« adarga e espada. » O lingoa hia falando com o regedor assy como o falaua Manuel de Macedo ; o que o rume nom ousou d'atalhar, porque todos tinhão muyto acatamento ao regedor.

E querendo o rume responder sayo ElRey á varanda, a que Manuel de Macedo fez sua grande cortesia. ElRey s'encostou á varanda, mostrando que muyto folgaua de o ver, e perguntou ao lingoa se todos os capitães do Gouernador erão assy homens mancebos. O lingoa o falou a Manuel de Macedo. Elle respondeo que toda a gente de peleja que o Gouernador tinha erão como elle, e tinha alguns velhos pera conselho, que dauão ordem á gente quando auia de pelejar. O Badur perguntou quem dera a ordem no combate de Dio. Elle disse que ninguem, sómente a paixão do Gouernador, vendo que primeyro lhe tirarão da cidade, primeyro que ouvissem seu recado ; e mandou tirar a derrubar os muros pera que os portugueses pudessem entrar ; o que se fôra, que o muro cayra, per que os portugueses entrarão, Dio fôra feito em sangue e fogo, que nunqua mais prestara, porque todo ficara raso por terra. Do que elle então dera o castigo a quem tiuera a culpa de primeyro romper a guerra ; que o nom deuera Melique fazer, pois nom tinha licença de sua alteza pera o fazer. O Badur respondeo que falaua rezão no que dizia.

O Rumecão estaua muy agastado das rezões passadas, e vendo que lhe carregauão a culpa do primeyro tirar, pedio licença a ElRey pera falar, e disse : « Senhor, aquy estou, teu escrauo, e minha cabeça pague o « erro, se o fez ; porque se o Gouernador nom vinha pera fazer mal nom »
« trouxera todo seu poder que trouxe, e se quisera, da ilha dos Mortos »
« bem pudera mandar huma fusta com recado ; mas tudo erão enganos, »
« de que agora se querem escusar. » ElRey mandou ao lingoa que falasse a Manuel de Macedo o que o rume dizia. O que elle ouvindo respondeo que a rezão que elle dizia a faria confessar ao rume no campo, se ambos estiuessem sós. O que ElRey muyto folgou de ouvir, e perguntou ao rume o que respondia. Elle, com grande fero, disse que logo fosse, que sua alteza désse a licença. ElRey, mostrando prazer, disse que fosse muyto

embora, se o Gouernador quigesse, porque sem elle o consentir nom se faria nada. Então falou em outras cousas de folgar, e despedio a Manuel de Macedo que se tornasse, e se fossem com elle os tangeres, mandando muytos agardicimentos ao Gouernador, e dizer que sem sua licença nom consentira em hum desafio que seu capitão fizera com Rumecão; ao qual fez mercê e a todos que se forão.

E sabido pelo Gouernador o que se passara, respondeo a ElRey com grandes agardicimentos da honra que lhe gardara no desafio de Rumecão, mas que sua alteza [1] *ouvesse* prazer que tudo se fizesse como elle mandasse, e n'isso nom ouvesse detença pera elle mais agardar, auendo tantos dias que ally estaua. A esta reposta se deteue ElRey alguns dias. Simão Ferreira, como tinha muyto cuidado no que compria, e Tristão de Gá, souberão que o Badur estaua em proposito de nom falar ao Gouernador, nem concordir nada com elle; o que nom quiserão falar com o Santiago, que andaua tanto na priuança d'ElRey e se recolhia em casa do regedor, que tomarão *sospeita* que era mais mouro que christão, e que elle era o que mais induzia, e falaua á vontade d'ElRey; e nom quiserão isto fiar de carta, e Simão Ferreira disse a ElRey que o Gouernador mandaua chamar Tristão de Gá. ElRey disse que fosse, e por elle mandou ao Gouernador desculpas de suas detenças. O Gouernador, [2] *ouvida* a cousa, que lhe Tristão de Gá dizia, do que tinha sabido da determinação d'ElRey, teue sobr'isso conselho, em que foy assentado que tudo se dessimulasse com ElRey, até que fosse tomado em sua quebra de palaura, pera então lhe ser apregoada noua guerra, e lhe ser feito todo o mal que ser pudesse. O Gouernador encomendou muyto aos do conselho que n'isto tiuessem muyto segredo, porque elle tinha auiso que ElRey trazia muytas espias antre os nossos; porque se tal soubesse logo ElRey mataria Simão Ferreira e os que com elle estauão. Então o Gouernador tornou a mandar Tristão de Gá, muyto pedindo a ElRey que se désse cabo no em que estauão ordenados; que a seu chamado era vindo, e fazendo grande despeza; que lhe farião grande mercê tomar com elle concrusão; e se tinha negocios com que se nom podião ver ambos lho mandasse dizer, e se tornaria debalde. E deu auiso a Tristão de Gá que nada se fiasse em Santiago, e que estas cousas elle as nom falasse senão com

[1] *ouve* Autogr. [2] *ouvido* Id.

outro lingoa; porque Santiago fôra tomado catiuo quando se perdeo dom Afonso, capitão que fôra em Çacotorá, no anno 509, e sendo assy catiuo, sendo moço pequeno, se tornara mouro, e depois fôra catiuo em tempo d'Afonso d'Alboquerque, tomado em huma nao de Meca, e era catiuo d'Afonso d'Alboquerque. Com braga andaua na sua estrebaria; e sabia falar muytas falas, e mórmente a de guzarate; e o Gouernador o mandou muyto bem vestir e o mandou com Simão Ferreira pera falar. O qual, como era falador e muyto auisado, falando com ElRey alargaua a pratica em muytas cousas, que ElRey folgaua de ouvir, e o mandaua muytas vezes chamar de noite e lhe falaua; e contaua vaidades, com que ElRey o fez de sua priuança, fazendolhe muytas mercês, e *o* tinha sempre comsigo, em tal modo que Simão Ferreira lhe pedia por mercê os despachos d'ElRey; e segundo depois disserão este fôra em ajuda d'ElRey nom se ver com o Gouernador. E ElRey lhe deu cauallos, e piães que *o* seruião; com que nunqua se apartaua d'ElRey, e nom hia a casa de Simão Ferreira, o qual lhe gabaua sua priuança, e lhe fazia muytas honras, com medo que lhe nom danasse, porque assy andaua na priuança d'ElRey e faria quanto quigesse.

Chegado Tristão de Gá a ElRey, que lhe deu o recado do Gouernador, elle se mostrou menencorio, e se leuantou, dizendo: «Se vosso» «Gouernador tinha outras acupações pera que vinha a me dar pressas?» «Mandaramo dizer e fôrase por onde quisera.» Simão Ferreira quisera falar, mas ElRey se meteo em outra casa. D'aquy foy a cousa tanto empiorando que muytas vezes que Simão Ferreira hia ao paço o nom deixauão entrar onde ElRey estaua, e o Santiago lhe andaua em delongas com mentiras, assy como lho mandaua ElRey. O que Simão Ferreira fez saber ao Gouernador, que tomou muyta paixão. O que praticado todo, foy acordado que com todo se dessimulasse, até recolher em saluo Simão Ferreira e os que com elle estauão, e que depois se faria o que comprisse. Do que o Gouernador mandou auiso a Simão Ferreira, que trabalhasse por se despedir d'ElRey boamente, e senão que se deixasse andar, e em nada falasse contra a vontade d'ElRey, porque lhe nom viesse algum perigo. O que elle fez com muyto auiso, e sentio que o vigiauão e gardauão de noite dessimuladamente piães, que como pedintes pobres se deitauão a dormir á porta da casa; do que de tudo mandaua auiso ao Gouernador.

Estando assy forão ter á vista d'armada seis cotias de [1] * Mercopim *, carregadas de riqa fazenda, que o Gouernador mandou estar antre 'armada, sem ninguem bolir n'ellas; e mandou recado ao mercador que as tinha assy até saber se erão suas, e que d'isto lhe mandasse seu recado certo polo sacretario, quando ElRey o mandasse despachado; porque d'outrem nom auia de confiar que lhe falasse verdade. O Mercopim falou logo ao sacretario, lhe jurando que as cotias erão suas, e lhe perguntou como estaua com seus despachos. Disse que o Gouernador o chamaua pera trazer a ElRey o presente que lhe trazia, e que nom podia falar a ElRey pera lhe pedir licença pera hir polo presente. E o mercador falou com o Santiago porque nom mandaua o sacretario trazer o presente, que o Goueruador trazia pera ElRey. O Santiago disse que era verdade que elle vira o presente: o que o mercador falou a ElRey com o Santiago, que o [2] * certifiqou * do presente. Pelo que ElRey deu a licença, e disse ao sacretario que folgaria que Santiago com elle ficasse até sua tornada; do que elle mostrou muyto prazer. E o mercador tambem pedio licença pera hir com Simão Ferreira; do que ElRey muyto folgou.

Chegado Simão Ferreira e Tristão de Gá ao Gouernador, com sua companha, o Gouernador ouve muyto prazer, porque estimaua muyto Simão Ferreira, que lhe deu conta de todo o que passaua. O Gouernador fez muyta honra ao mercador, e lhe mandou dar suas cotias, e lhe rogou [3] * dissesse * a ElRey que tomasse concrusão se com elle auia de falar ou não; do que elle tinha grande desejo, por lhe apresentar hum presente que lhe trazia, e lho leuar a sua casa com a honra que conuinha a ElRey de Portugal; e que o falasse com Santiago que lhe mandasse recado. ElRey, vendo que nom tornara o sacretario, logo sospeitou a malicia que tinha em seu coração, e dessimulou, com esperança que o Gouernador lhe hiria falar e leuar o presente, onde então o prenderia ou mataria, com quantos com elle fossem. Do que deu reposta ao mercador, e Santiago o mandou ao Gouernador, que ElRey dizia que n'aquella lua nom lhe podia falar, que nom era boa, mas que na outra, que era d'ahy a oito dias, se veria com elle na barra de Dio; que lhe rogaua que se nom agastasse, postoque tinha rezão; que por tanto se fosse a Dio, que elle se partia pera lá. Do que lhe mandou seu assinado, e o Santiago lho muyto retificando, dizendo se nom auia por seguro no mar.

[1] * Mergycopym * Autogr. [2] * certiquou * Id. [3] * disse * Id.

O que praticado no conselho, disserão que ElRey podia ser que falaua verdade, porque era homem que de huma hora pera outra lhe vinhão mil vontades; e pois que estaua assentado que agardassem até ElRey quebrar o fio, que assy o fizessem, e se fossem a Dio. Polo que o Gouernador mandou recolher a gente, e se foy sorgir na barra de Dio: o que foy na fim de dezembro d'este anno de 533. ElRey, por ter muyto desejo de vêr nossa armada andar á vela, que nunqua vira, mandou logo abalar sua corte pera Dio, e elle secretamente, escondido se foy a Dio á quintã em que estaua Melique, a que mostrou honra, e assy escondido se foy estar no baluarte que se chamaua de Diogo Lopes, vendo nossa armada como chegaua. Do que o mercador mandou recado ao Gouernador que ElRey o hia vêr quando chegasse; polo que o Gouernador mandou fazer toda 'armada prestes, com suas bandeyras, estendartes, toldos, e velas pintadas e quarteadas, e os catures diante, e fustas atrás, e então as galeotas e galés, e o galeão do Gouernador atrás, e os outros após elle. Chegando á barra os nauios pequenos aleuantarão as velas nos palanqos, afastandose até chegar o Gouernador, que foy passando per antre todos, dando todos grandes saluas de gritas e tangeres, porque na armada hião muytas trombetas. Sorgio o Gouernador, e os outros todos atrás muy per ordem; cousa muy fremosa de vêr. E no galeão aleuantadas as vergas postas em torno d'espada, o Gouernador mandou fazer salua com os tambores, e acabado dar fogo 'artelharia, e os tiros pera o mar todos deitando pilouros, que ElRey folgaua de vêr os saltos que hião fazendo polo mar; que tirou grande espaço, porque tirou as peças grossas cada huma por sy, porque o pouo da cidade, que estaua vendo sobre os muros e outeiros da cidade, dauão grandes gritas aos saltos dos pilouros. Acabado o Gouernador de tirar, logo tirou outro galeão assy fremosamente, porque todos hião muy artilhados; em que se pôs espaço, porque tirarão hum após outro, o que acabado, então as galés e os outros nauios e fustas tirarão todos juntamente, que ElRey muyto folgou de vêr, dizendo que muyto folgara ter outra tal armada. Disse o Rumecão: «Senhor, outra muyto milhor te farey em qual *quer* porto de» «Cambaya que mandares.» Disse ElRey: «Eu quisera ter esta por mi-» «nha, que mandála fazer he estoria, e eu tenho muyto que fazer na» «terra, que me mais compre que o mar.»

Então ElRey se pôs *a* huma gynela das casas de Melique Tocão,

e lhe perguntou se o dia da peleja se lhe tirarão assy com tanta artelharia. Elle respondeo que todo o dia fôra escuro com o fumo; que Rumecão o diria. Disse o Santiago: «Senhor, os pilouros do mar dauão po-» «las paredes dos muros e nas barroqas, que se elles tocarão nas casas da» «cidade toda fôra derrubada; e os pilouros da cidade dauão dentro nos» «nauios e matauão gente, e comtudo pelejarão todo o dia; que se fôra» «peleja com outra armada, indaque fôra com Barba Rôxa, o metera no» «fundo.» Dixe o Rumecão: «Nom ha cousa no mundo todo que possa» «desbaratar o Barba Rôxa.» Disse o Santiago: «Se o Barba Rôxa pe-» «lejasse com os portugueses da India, nom ousaria andar polo mar.» ElRey mandou dizer ao Gouernador que folgára muyto vêr tirar sua armada; que lhe mandasse dizer em que nao vinha seu irmão, ou se ficaua em Goa. O Gouernador lhe respondeo que ao prazer de vêr tirar 'armada nom fôra nada pera o que [1] * desejaua * com ella o seruir; e que quanto a seu irmão elle o nom trazia, nem o trouxera, porque sua alteza lho nom [2] * mandára *, que se lho mandára elle o trouxera; que em Goa estaua, e o recolhera por ser seu irmão, que aos principes sempre lhe hão de fazer gasalhado e seruiço como quem elles são; e que em elle o fazer a seu irmão, se n'isso errara, lho perdoasse; e que n'isso faria tudo que sua alteza mandasse, com tanto que nom ficasse falta a verdade d'ElRey de Portugal, com que seu irmão se fôra entregar em seu poder. Ouvida esta reposta do Gouernador lhe mandou dizer que era bem o que dizia; mas aquelle era hum seu escrauo que hia fogido, * e * o nom deuera de recolher. O Gouernador respondeo que indaque fôra hum faraz de sua estribaria o recolhera e tiuera, até vêr o que sua alteza mandaua; e que assy o faria de seu irmão.

ElRey soube do desafio do Rumecão, e lhe disse que como estaua calado? [3] * Que deuia de mandar * chamar quem o desafiara, e nom perdesse sua honra. Ao * que * Rumecão lhe beijou os pés, e disse que inda que o mandasse chamar que nom vinria senão dando sua alteza licença. Disse ElRey que folgaria de os vêr no campo. Disse o Rume: «Logo» «senhor, o verás, se elle ousar de vir, e lhe [4] * derdes * licença.» O Rume então mandou sua carta ao Gouernador, com palauras de muytas

[1] * deseja * Autogr. [2] * man * Id. [3] * que o deuia de mandar * Id. [4] * dara * Id.

rebolarias, dizendo que désse licença ao seu capitão Manuel de Macedo que fosse a terra comprir sua palaura de desafio, que empenhara; e n'esta carta assinado o Santiago, que dizia que ElRey com isso folgaria muyto. O Gouernador se agastou muyto, vendo que ElRey entendia em outras cousas e nom em o despachar, e respondeo ao Santiago que elle agardaua que ElRey o despachasse com prazer e contentamento, e nom queria que ElRey ouvesse paixão de lhe Manuel de Macedo matar Rumecão; e que todauia Manuel de Macedo hiria estar á lagea dentro na barra em hum catur; que ahy podia vir Rumecão em outra fusta, trazendo licença d'ElRey; que tudo assy fazia sómente polo seruir, e fosse o feito onde sua alteza mandasse. E logo mandou presente o messigeiro embarqar em hum catur Manuel de Macedo, e que fosse agardar na lagea até que viesse Rumecão, e se o mandassem chamar a terra que nom fosse sem sua licença: o que logo fez Manuel de Macedo. E o messigeiro tornou com o recado; o que visto pelo Rume o falou a ElRey, o qual com sua maldade quis fazer medo a Manuel de Macedo, e mandou sayr do rio quatro fustas esquipadas e embandeyradas, que cuidasse que ally vinha Rumecão; e forão contra o catur, e chegarão perto d'elle e o rodearão, e se tornarão a recolher, sem Manuel de Macedo fazer nenhum mouimento donde estaua; e assy esteue até noite, que o Gouernador o mandou recolher.

N'esta noite veo huma fustinha do rio esquipada, e chegou por popa do galeão do Gouernador, e falou portuguès hum arrenegado que n'ella vinha, e chamou, e lhe falarão, e elle dixe: Dizey ao Gouernador que diz ElRey que lhe roga que se nom agaste, porque elle hia d'ahy dez legoas a huma cousa que lhe muyto compria, e tornaria d'ahy a oito dias, que era negocio que muyto releuaua, porque os resbutos lh'entrauão na terra. E esta [1] * maldade * fez ElRey, que aos propios seus enganou, que se fez partido de noite, e escondidamente se tornou a meter na cidade, por vêr o que o Gouernador fazia a seu recado; porque a fustinha fez volta á pressa sem agardar reposta, e * se * meteo no rio.

O Gouernador ficou muy agastado por nom dar reposta á fusta. Então fez huma carta, que mandou a Melique Tocão por huma almadia de pescadores que vinha de fóra, em que mandou dizer ao Melique que lhe

[1] * mandade * Autogr.

pesaua muyto dos trabalhos d'ElRey, e que o deixaua sem despacho, tendo tanto trabalhado por lhe fazer a vontade com tanto gasto, sómente por confiar em sua palaura, que elle quebrara, sendo tamanho senhor; que tudo podia fazer na terra, pois era senhor n'ella; que tambem elle faria sua vontade no mar, de que era senhor, e lhe faria n'elle mais pesares do que elle lhe podia fazer na terra. Com o que tornaua a fiqar fóra de sua amisade, e na guerra de primeyro, e muyto pior.

Então, sendo dia craro, o Gouernador teue conselho com os capitães, dandolhe conta do que passaua; os quaes disserão que pois ElRey quebrara sua verdade, com tantos enganos, era rezão que tornassem á guerra de primeyro. Então o Gouernador se fez a traquete e afastou pera fóra, e sorgio, e mandou hum catur com huma bandeyra vermelha por diante contra a cidade, o qual chegando perto tirou com hum berço, deitando hum pilouro, que leuaua hum buraco, que foy dando grande assouio por sinal de guerra; e se tornou. Então o Gouernador despedio d'ally Vasco Pires de Sampayo pera capitão mór do Estreito, com quatro velas grossas e seis fustas, que d'armada tomou agoa e mantimentos quanto comprio; com regimento que em agosto se fosse agardar as naos sobre Dio, a que fizesse toda' guerra. E despedio Diogo da Silua com toda' armada miuda, que fosse guerrear; em que achou no mar e na terra muyto que fazer, porque a gente se tornara pera a borda do mar, cuidando que era paz assentada. O Gouernador se fez á vela de noite, e tornou pera Chaul, e * as * armadas cada huma fez seu caminho: o que foy em noue dias de janeiro d'este anno de 534.

CAPITULO XLVII [1].

DO QUE SE PASSOU NA COSTA DA INDIA, EM QUANTO O GOUERNADOR FOY A DIO.

Partido o Gouernador pera Dio, fiqou em guarda da costa Manuel de Sousa, que nom teue boa vigia, e sayo do rio de Panane hum mouro chamado Cunhalemarcar, sobrinho do Patemarcar, com oito fustas armadas. Este mouro era grande guerreiro, e nom daua vida a português que to-

[1] E' o XLIII no original.

maua, que todos mataua com grandes cruezas; e se foy pera' costa de [1] * Choromandel *, e de noite foy ter no cabo de Comorym, onde tomou hum bargantim nosso, que sayra de Coulão a dar guarda a naos de Coulão, de mercadores que trazião arroz; e o bargantim estaua surto, e dormião todos, que nom sentirão os mouros senão quando já derão n'elles ás cotiladas, que erão dezoito portugueses, e tres bombardeiros, e * trazião * hum falcão e seis berços; os quaes todos o mouro mandou matar no esporão do bargantim, machoqandolhe as cabeças com hum marrão do bombardeiro, dizendo o mouro que como dormião elles descansados e nom auião medo delle? Os bombardeiros deitou ferros pera se seruir d'elles presos ao falcão e berços; nem matou o comitre porque nauegasse á vela, que o bargantim era latino. D'aquy foy roubando a costa até o lugar de Negapatão, onde sempre estauão muytos portugueses tratantes, e mouros mercadores, os quaes com medo que este ladrão viria ao lugar e os roubaria, elles, por lhe fazerem este seruiço, lhe mandarão recado que viesse ao lugar, em que faria boa presa, porque os portugueses tinhão ally muytas fazendas na borda do rio, em que podia entrar; e n'esta consulta foy tambem o digar da terra, que lhe escreueo que viesse embora, que elle faria ajuntamento de gente fengidamente pera defender a terra, porque nom ficasse culpado com seu senhor, que era Rey da terra, que lhe mandaua que defendesse os mercadores que estiuessem na terra; fazendo conta o digar de auer o milhor roubo de muyto dinheiro que os portugueses tinhão em suas arqas, que elle primeyro roubaria que o mouro, que bem sabia que todos auia de matar. Ao que foy o ladrão com sua armada: de que alguns portugueses tiuerão auiso por alguns negros da terra que os seruião, com que cada hum soterrou o seu dinheiro, e se concertarão do que compria; todauia, nom sabendo elles que o digar tinha concertado com o ladrão que viesse, que se o souberão o matarão. Os portugueses serião até corenta, com pouqas armas; sómente tinhão espingardas, com que se fizerão prestes. O digar, polos tomar á sua vontade, lhe dizia que nom ouvessem medo, que elle defenderia a terra, e fez que ajuntaua sua gente. Mas os portugueses se fizerão prestes, e estauão juntos, requerendo ao digar que olhasse per suas fazendas, que depois lhas auião de demandar; e se sayrão do lugar com suas armas; e

[1] * Chomandel * Autogr.

bons escrauos e escrauas, e familia, com algum fatinho. Todos juntos se hião passando pera' terra d'outro senhor, que era hy perto; mas o digar os nom consentio passar, querendo que todos fossem mortos, pera roubar seguramente. Vendose os portugueses tomados, que os nom deixaua o digar passar, se meterão em huma casa de hum pagode, que tinha huma cerqa forte de pedra d'altura de huma lança, que estaua com a porta na borda de huma grande alagoa que tinha muyta agoa, onde todos com a familia se recolherão e fizerão fortes, determinados ally morrer; porque alguns tiuerão bom acordo, que recolherão alguns mantimentos que cada hum tinha em sua casa, de que a familia foy carregada; e dentro na cerqua se fizerão fortes com andaimos que fizerão por dentro, de terra, ao longo das paredes, que ficaua como muro pera d'elle pelejarem. Onde sobre elles o digar pôs muyta gente de guarda pera que nom fogissem, com tenção de ally os entregar ao ladrão, que entrou no rio, e nom sayo em terra porque o digar o nom foy receber á praia. O digar, vendo os portugueses assy recolhidos e fortes pera se defenderem, temendo que mandarião recado a seu senhor, nom quis mesturarse com o ladrão, e lhe mandou dizer que elle saysse a terra e tomasse o que achasse, e fosse matar os portugueses que estauão no pagode, que era mea legoa pola terra dentro. Era aquy hum mouro riqo, mercador muy conhecido, e nosso amigo, o qual por saluar os nossos foy falar ao ladrão e lhe leuou presente de peças, e lhe disse em segredo que se nom fiasse no digar, que estaua concertado com os portugueses; que elle os mandara meter no pagode, porque em quanto elle com sua gente os fosse tomar, elle com sua gente lhe [1] * queimaria * 'armada; porque, se elle quisera, elle os matara a todos antes que chegarão ao pagode. O que o ladrão creo, porque era muy recatado, e deu seus agardicimentos ao mouro, que inda era seu parente, chamado Cojemarcar; o qual, como sayo das fustas, foy falar com o adigar, e em segredo lhe disse que se nom fiasse do ladrão, porque a elle só queria tomar, dizendo que o enganara e já tinha roubado o dinheiro dos portugueses, e queria que elle os fosse buscar pera em tanto lhe queimar 'armada. Ao que o digar tomou grande medo, e nunqua quis vêrse com o ladrão, que lhe mandaua muytos recados; polo que o ladrão se ouve por bem aconselhado, e teue grande vigia em sua

[1] * queimar * Autogr.

armada, e de dia algumas vezes sayo em terra com sua gente armada, e mandou queimar as casas dos portugueses e alguns nauios que estauão varados. No que gastou doze dias, e se tornou a sayr e andar em seu roubar, em que fez grandes males de mortes, porque estando elle n'este rio vierão á barra zambuqos de portugueses com muytas fazendas, que na terra vendeo por bom barato e os zambuqos, e hum nauio português que veo á barra, que nom sabia do ladrão, o tomou e queimou, e oito portugueses que n'elle vinhão os mandou leuar a terra, e atados a estaquas os mandou matar ás frechadas.

Estaua por capitão em Cochym Pero Vaz, védor da fazenda, a que derão nouas do bargantim que este ladrão tomara, e dos males que hia fazendo, * a * o que o Rey de Cochym deu este rebate ao védor * da * fazenda, e lhe rogando que mandasse buscar este ladrão, porque lhe nom tomassem naos de seus mercadores, que auião de vir [1] * carregadas. O que * o védor da fazenda logo fez, e armou oito fustas e quatro catures, com boa gente que pagou e espingardeiros, e mandou Antonio da Silua de Meneses por capitão mór, que leuou duzentos homens. Da qual armada muy prestesmente foy auiso ao ladrão, que lho mandarão seus parentes que tinha em Cochym ; ao qual dado o auiso, porque nom tinha ventos pera se tornar pera' India se meteo em huma grande enseada, que se chamaua a Canhameira, na mesma costa, e peitou ao senhor da terra, que o recolheo; e se meteo com 'armada per hum esteiro que entraua huma legoa pola terra dentro, que atupirão com rama, e terra, e valados, em tal modo que parecia que nom auia esteiro, e no cabo os nauios estauão enuazados, metidos debaixo da vaza; onde tinhão grande tranqueira com todas suas armas e artelharia.

Antonio da Silua com su'armada entrou na enseada, e pôs a gente em terra, bem concertada com suas espingardas, e com a gente da terra que deu o digar, que foy ajudar, foy dar nos mouros, que logo fogirão, e a gente da terra os seguio, polos roubarem até lhe nom ficar panno com que se cobrissem. Então a gente da terra desatopio o esteiro, e alimparão os paraos da vaza, que entrando a maré forão lauados e limpos, e o bargantim, e com toda' artelharia e monições tirarão tudo pera fóra. E queimou tres que estauão quebrados, e com os outros se tornou a Co-

[1] * carregadas da o que * Autogr.

chym. O Cunhalemarcar, como pedinte pedindo esmola, correo pera terra e se tornou a Calecut, onde estaua o tio Patemarcar, e se tornarão a guerrear e roubar, como adiante direy.

CAPITULO XLVIII [1].

COMO PERO VAZ, VÉDOR DA FAZENDA, FOY VISITAR ORMUZ, E O QUE FEZ, E SE PASSOU EM QUANTO LÁ ESTEUE.

O védor da fazenda Pero Vaz, que estaua por capitão de Cochym, auendo enformação d'homens que estiuerão em Ormuz que faria muyto seruiço e proueito a ElRey se lá fosse, o escreueo a Goa ao Gouernador. Do que lhe muyto aprouve, e o mandou que fôsse lá, e lhe deu todo' poder e jurdição pera sospender e prender os officiaes e capitão, se lhe achasse taes culpas * que o merecessem * ; e mandou que ficasse por capitão de Cochym seu filho Nuno Vaz, bom filho, muyto homem pera isso, que fôra a Dio com o Gouernador em huma galé, que muyto gastou. O védor da fazenda leuou duas naos carregadas de drogas e pimenta, em que fez muyto dinheiro pera ElRey ; e fez grandes yzames, e achou muy grandes roubos d'ElRey e do pouo ; ao que todo proueo, e fez grandes prematicas em todolas cousas da fazenda e da justiça, que elle era doutor e bom leterado, e fez grandes regimentos em todolas cousas. No qual tempo se aleuantou o Rey de Raxel [2], (que era vassalo do Rey d'Ormuz), cidade na costa da Persia : polo que ElRey pedio * soccorro * ao capitão da forteleza Antonio da Silueira, o qual lá mandou dom Jorge de Crasto em huma galeota e duas fustas, com cem homens, tudo bem concertado, e bons espingardeiros ; e mandou dizer ao Rey de Raxel que désse 'armada que trazia no mar, que andaua a roubar, e que se tornasse á obediencia d'ElRey d' Ormuz. Ao védor da fazenda pareceo esta fraca armada, e mandou mais cinqo catures e cem homens, os quaes nauegando no cabo d'Orfacão tiuerão vento contrairo mais de vinte dias, em que ouve falta d'agoa ; polo que se forão a terra, em que acharão agoa em bons poços, de hum lugar de que fogio a gente pera' serra, que era per-

[1] E' o XLIV no original. [2] Raxet, segundo *Barros*, Dec. IV, Liv. IV, Cap. XXVI, e Raxel, segundo *Castanh.*, Liv. VIII, Cap. LXXIV.

to, e o lugar era muy longe da praya, onde os nossos se meterão a fazer agoada com os [1] * remeyros * e escrauos e vinte homens portuguezes com elles. Francisco de Gouvea, bom caualleiro, disse a dom Jorge que queria estar em terra com cem homens em guarda, até que se tomasse agoa; e porque o lugar seria de dez ou doze casinhas de palha, e a gente que fogira nom era tanta que ousasse a sayr da * serra *, nom quiz que fôsse Francisco de Gouvea. Ao que não tardou muyto que da serra sayrão mais de trezentos mouros armados, que correrão de supito e derão nos nossos, e os matarão, e matarão muytos marinheiros, e catiuarão mais de cincoenta, que casy todos forão da capitaina; vindo os mouros após elles até vista dos nauios, de que virão a peleja, e lhe tirarão; com que os mouros se tornarão. Do que dom Jorge se ouve por tão mofino que nom quis hir a Raxel, e se tornou a Ormuz, dizendo que nom queria mais ser capitão do mar, pois nom soubera gardar huns pouqos de marinheiros; e chegou * a * Ormuz muy anojado. Ao que Antonio da Silueira, per conselho do védor da fazenda, tornou a fornecer 'armada de todo o necessario, e mandou por capitão d'ella Francisco de Gouvea, o qual sem contraste foy ao porto de Raxel; o que o Rey vendo determinou, se pudesse, por engano tomar os nossos, e fez hum presente de refresco que mandou a Francisco de Gouvea, que lhe mandasse dizer ao que vinha, e nom lhe fizesse mal sem rezão. Elle lhe mandou dizer que vinha da parte d'ElRey d'Ormuz; que se tornasse á sua obediencia, e lh'entregasse suas fustas, que nom as tiuesse mais, e com isto lhe daua a paz; e da parte do capitão da forteleza lhe entregasse os marinheiros que forão catiuos em Orfacão. O mouro mandou logo os marinheiros, que forão corenta, e * respondeo * que as fustas presente elle queimaria, como lhe désse seguro de paz e perdão do erro que tinha feito, e lhe quitasse o que deuia a ElRey d'Ormuz de suas pareas. Com o qual recado ouve * o Rey * muyto prazer, e * pedio * que na borda d'agoa saysse a falar com o gozil e fazer os papés. De que Francisco de Gouvea lhe aprouve. Ao que ao outro dia pola menhã na borda d'agoa se armou huma grande tenda, onde o gozil agardou com muyta gente d'armas. Francisco de Gouvea mandou a todos os nauios pôr as proas em terra, e 'artelharia toda carregada, e prestes toda a gente, e elle sayo dos catures,

[1] * reyros * Autogr.

que dos esporões saltarão em terra, elle em calções e hum cotão de veludo, e debaixo huma saya de malha secreta, e huma gorra na cabeça com huma pena, e huma espada nua d'ambolas mãos, e com elle cincoenta homens d'espingardas. E * o * concerto do Rey era que o gozil estando falando com Francisco de Gouvea se auia d'abraçar com elle e o liar, e os seus darem n'elle e nos portugueses, e os matarem todos; pera o que tinha cilada de muyta gente prestes, e homens de cauallo, e tudo bem ordenado. E como Francisco de Gouvea hia d'auiso que os mouros lhe nom fizessem engano, como sayo em terra com seus espingardeiros com as espingardas concertadas disse ao gozil que mandasse afastar a gente, que nom ficassem com elle mais que outros tantos homens como elle tinha: Do que o gozil logo ouve medo, e com muyta dessimulação mandou afastar a gente hum pedaço, e elle se assentou em hum assento que pera isso leuara; porque estando ambos assentados o gozil o auia de liar, que se atreuia em ter grande força. Mas * o * mouro com medo se nom atreueo a bolir comsigo, porque Francisco de Gouvea nom se quis assentar, e andaua sempre passeando muy recatado do mouro, em quanto dous escriuães, hum mouro e outro português, escreuerão o assento das pazes, que Francisco de Gouvea assinou e deu ao gozil, o qual leuou o d'ElRey pera o assinar: com que Francisco de Gouvea se recolheo e a gente. O Rey foy tão menencorio de o gozil nom tomar Francisco de Gouvea, que o matou com hum traçado que tinha na mão. Do que os nossos nom sabendo nada sayrão em terra os marinheiros a tomar agoa em hum poço, que estaua junto do lugar; ao que sayrão os mouros a dar n'elles, que fogirão pera o mar, que os nossos com 'artelharia defenderão, sem auer mais que alguns feridos. Ao que Francisco de Gouvea nom sayo em terra, porque nom tinha tanta gente. Então se foy buscar agoa, e d'ahy a duas legoas topou com as fustas de Raxel, que hião carregadas de prezas, que auendo vista das nossas se acolherão a hum rio, e todauia os nossos alcançarão duas, que tomarão, carregadas de noz e maça que roubarão a naos de mouros que hião pera Baçorá, de que Francisco de Gouvea arrecadou em ferros hum sobrinho do Rey de Raxel que andaua por capitão das fustas, e então se foy tomar agoa em hum lugar, onde matou muytos mouros de Raxel e catiuou e queimou o lugar; e a requerimento do sobrinho d'ElRey tornou Francisco de Gouvea a Raxel, onde per resgate do sobrinho deu ElRey oito portugueses dos que catiua-

rão a dom Jorge, e deu a obediencia, e fez tudo o que quis Francisco de Gouvea. E tudo assentado, e assinado, nom quis largar o sobrinho d'ElRey, dizendo que o leuaua a ElRey d'Ormuz, pera o ter por arrefem que se nom tornasse depois a leuantar; com que se tornou a Ormuz sendo já partido o védor da fazenda.

CAPITULO XLIX [1].

COMO O GOUERNADOR MANDOU A BENGALA ANTONIO DA SILUA DE MENESES PERA RESGATAR MARTIM AFONSO DE MELLO, QUE LÁ ESTAUA CATIUO, E QUE N'ISSO FEZ.

O catiueiro de Martim Afonso causou muy grande perda a muytos homens riqos da India, e parentes de Martim Afonso, que todos pedião ao Gouernador que o mandasse resgatar, ou guerrear Bengala, com que os pudessem tirar. Ao que se offereceo Antonio da Silua de Meneses, porque lá recebera grande perda de hum seu feitor, que lá mandára em hum nauio seu, que perdera mais de cinco mil pardaos. A qual hida lhe deu o Gouernador em pago do bom seruiço que fizera nos paraos do Cunhalemarcar, que tomara em [2] * Choromandel *. E por elle, com homens riqos, se offerecerem ao [3] * gasto, o Gouernador * lhe deu sómente os nauios e 'artelharia, e monições, e todo o mais gasto de mantimentos e todo o que mais comprio elles gastarão, que a gente sem paga folgou de hir, com esperança de prezas, e per cada hum se hir vingar de seus males. E despachado de Goa se foy enuernar em Cochym, onde se fez prestes, e partio sua viagem de Cochym em agosto d'este anno presente de 534. De que adiante contarey o que no caso fez, e 'armada que leuou, que foy hum galeão, e duas carauellas latinas, e oito fustas bem artilhadas; e leuaria tresentos homens espingardeiros pera pelejar. E com esta armada passou os baixos de Chilao com o galeão e carauellas descarregadas, ao que lhe deu muyto auiamento Diogo Rabello, que andaua por capitão da pescaria; e se foy a São Tomé, onde tomou o que lhe

[1] No original é o XLV. [2] * Choroman delRey * Autogr. [3] * gasto que o gouernador * Id.

compria, e com elle se embarcou mais gente, e foy sorgir no porto de Chatigão, onde soube que Martim Afonso e os catiuos estauão em ferros, presos em huma casa dentro nos paços d'ElRey, e muy guardados.

O Gouernador deu em regimento 'Antonio da [1] *Silua* que chegando a Bengala trabalhasse por mandar recado a Martim Afonso, e perguntar se faria guerra ou paz, e o que elle quigesse isso fizesse. O que elle assy o fez; o que sabido dos nossos ouverão muyto prazer, e ouverão antre sy acordo se Antonio da Silua faria guerra ou paz, em que alguns mais agastados dizião se nom fizesse outra cousa, sómente crua guerra, se ElRey os nom quigesse soltar depois de lhos pedir por bem e com paz; e outros erão contra isto, dizendo que indaque os ElRey nom désse lhe nom fizesse guerra, de que nom auia [2] *duvida*, que lhe auião de fazer por isso muytos males, ou os matarião. Ao que outros dizião que milhor era huma morte que muytas. No que muyto debaterão. Então Martim Afonso mandou recado 'Antonio da Silua que os pedisse a ElRey com boa paz, e que segundo vissem assy tomarião seus conselhos, e lho mandarião dizer. O que assy o fez Antonio da Silua, que como chegou nom consentio que ninguem saysse a terra, sómente hum homem de cada nauio a comprar de comer. Então mandou a ElRey messagem por hum Pero Alcoforado, com auer primeyro seguro d'ElRey, e lhe mandou dizer que o Gouernador lhe mandaua rogar que lhe soltasse os catiuos, pois nom tinha rezão de os ter prezos, sobre lhe tomar suas fazendas, que erão tão grande soma; porque se isto nom quigesse fazer por seu rogo, que se lembrasse que seu Reyno seria perdido se nom tiuesse portos de mar; que elle era Rey poderoso na terra que era sua, mas que elle era Rey no mar; que tomasse bom conselho e fizesse o que lhe milhor parecesse. Ouvido por ElRey este recado ouve conselho com os seus, que como lhe sabião a condição, que elle era muyto cobiçoso, o seu regedor mór lhe disse que nom largasse os presos, senão que lhe dessem cincoenta mil pardaos. Outros dizião que désse os presos de graça, assentando segura paz o mais que pudesse, porque estaua muy certo que se o Gouernador mandasse o destroyrião, pois lhe tomarião o mar, e tolherião os seus portos que nom nauegassem; ao que deuia de lançar conta, [3] *e* visse o que lhe mais releuaua. Mas o regedor aprofiou que os

[1] *Sil* Autogr. [2] *duui* Id. [3] *o* Id.

nom largasse sem resgate, por * que * se depois lhe fizessem mal ao menos ficaria com o resgate. ElRey se encrinou * a isto *, e respondeo que nom auia de soltar os catiuos senão com resgate de cincoenta mil pardaos. O que sabido polos catiuos, com muy grande paixão disserão todos que se fizesse a guerra, e assy o escreueo Martim Afonso * a * Antonio da Silua, o qual dessimulou com a guerra, porque n'esta detença do recado em tanto per seus compradores compraua e vendia o que podia, e o nom deixaua fazer a ninguem. E os homens amigos e parentes dos catiuos, que isto vião, lhe muyto bradauão e dizião que fizesse a guerra, que assy o pedião os catiuos, e lhe mostrauão suas cartas. De que Antonio da Silua se escusaua, dizendo que tinha outra de Martim Afonso em contrairo. No que andou em delongas até que vendeo e comprou o que quis, sem consentir a outrem que o fizesse; o que tendo acabado á sua vontade se foy ao porto de [1] * Chatigão *, e queimou o lugar, e matou e catiuou gente, e em uma ilha junto da barra, em que tambem matou e queimou e destroyo tudo; e ordenou tornarse ainda com sua boa fazenda que tinha feita. Ao que os homens forão todos * em * contrairo, offerecendose a ficar nas fustas sómente fazendo a guerra, que nom seria senão defender que nom entrasse nada nos portos, que isto abastaua pera ElRey lhe soltar os presos, quando visse que assy lhe ficauão tapandolhe os portos; mas o Antonio da Silua, como nom auia medo de castigo, nom deu por nada, e se tornou a Cochym com muyta fazenda. O Gouernador o mandou prender e que o procurador d'ElRey lhe fizesse a demanda, como fez, polo que gastou da fazenda d'ElRey; mas de tudo se liurou e curou com boas meyzinhas que se dão os escriuães e juizes, com que se liurou e foy muy riqo pera Portugal, onde se quisera mercê lha fizerão, como fazem a todolos malfeitores que vão da India, se leuão que peitar.

[1] * Chygam * Autogr. V.e *Castanh.*, *Hist. da India*, Liv. VIII, Cap. LXXVII.

CAPITULO L [1].

COMO DOM ESTEUÃO DA GAMA FOY DESPACHADO PERA MALACA, E O QUE FEZ DEPOIS DE SER CAPITÃO.

Dom Esteuão foy despachado do Gouernador em Goa e se foy a Cochym, onde o védor da fazenda * lhe deu * seu auiamento, e se partio em mayo d'este anno [2] * 534 * leuando boa gente e fornimento de muytas cousas pera' feitoria e almazens. E em sua companhia foy dom Christouão da Gama, seu irmão, ordenado por ElRey que na mesma nao em que fôra do Reyno dom Esteuão a carregasse em Malaca de crauo e drogas, e de Malaca se fôsse pera o Reyno. O que assy foy feito, que chegando dom Esteuão a Malaca concertou muy bem a nao, e carregou de crauo e drogas, em que dom Christouão partio pera o Reyno; mas sendo em caminho abrio tanta agoa que forçadamente arribou a Cochym, e se foy nas naos da carga. Dom Esteuão feito capitão, fiqou dom Paulo capitão do mar e alcayde mór, muy amado da gente por ser de boas condições, e bom caualleiro, e muyto liberal; onde assy estando ouve nouas que no rio de Muar estauão lancharas armadas; o que dom Esteuão mandou saber per Simão Sodré e Francisco de Bairros de Paiua, em cinquo manchúas, os quaes forão ter com os imigos, que erão doze lancharas grandes com muyta gente, que vendo os nossos os forão cometer; ao que os nossos se puserão em fogida pera Malaca, e os imigos dandolhe caça, e lhe tirando, e assy os correrão até anoitecer, que serião huma legoa e mea de Malaca, que foy visto da forteleza que era peleja, porque parecião os relampados do fogo dos tiros, o que fez aluoroço, e dom Paulo se fez prestes pera acodir. O que dom Esteuão nom consentia, mas dom Paulo, como era valente caualleiro, tanto emportunou o irmão que o deixou; e porque 'armada estaua varada se meteo em hum parao bom remeiro, e em hum catur, e em hum batel grande. N'estas embarcações se meterão com elle até sessenta homens, * que * a grã pressa forão acodir; todos homens caualleiros e fidalgos, e no batel Manuel Botelho e Manuel da Gama no catur, e forão ter com Simão Sodré, que disse a dom Paulo que se tornasse

[1] Tem o numero XLVI no autographo. [2] * 544 * Id.

e nom agardasse as manchúas, que nom leuaua poder pera pelejar com ellas; e assy lho disse Francisco de Bairros. E estando em debate, porque dom Paulo nom queria senão hir áuante, ouve tempo com que chegarão as lancharas, que logo cerquarão os nossos tirando muyta artelharia, com espingardas, e frechas, e remessos de páos tostados, e azegaias; onde a peleja foy muy grande, e os nossos todos abalroados pelejauão como homens que se defendião da morte, mas o poder dos mouros era tão demasiado que indaque os nossos matauão muytos os nom mingoauão nada. Onde dom Paulo, já muyto ferido, foy derrubado de hum remesso, dentro em huma lanchara dos mouros que elle tinha enxorada. Ao que sobreueo huma treuoada sequa, de muy grande vento que os leuaua pera' forteleza; o que vendo os mouros largarão a peleja, e se tornarão contra o vento, leuando o catur e dom Paulo morto dentro na manchúa, nom sabendo que o leuauão, que ao outro dia o conhecerão; ficando os nossos todos feridos, os que escaparão, e ficarão mortos passante de trinta homens, em que foy Diogo Fernandes Borges, ayo de dom Paulo, que com elle morreo, e Antonio de Farão e Fernão Rodrigues de Sousa, e Pero Queimado, e Gomes Bayão, e dom Francisco de Moura, e Vasco de Mello, e Gonçalo Bocarro, e Fernão Gomes Gago, e outros bons homens, que fizerão façanhas, e tudo lhe nom valêra, que nenhum nom ficara viuo se Deos nom trouxera a treuoada do vento, com que os mouros se tornarão. Foy esta grande perda de tantos bons homens; o que dom Esteuão muyto sentio a morte de seu irmão, que o muyto estimaua; mas nunqua perdeo a magoa até que o vingou, como adiante em seu tempo contarey.

Dom Esteuão, sentindo muyto a morte de seu irmão, assentou em sua vontade hir destroyr Ugentana, onde estaua o Rey de Bintão cuja gente era a que lhe matou seu irmão; e por * que * Malaca estaua falta de mantimentos os mandou buscar á cidade de Pão, que estaua de paz, onde mandou Simão Sodré em huma nao de duzentos toneis, e mandou Francisco de Bairros a Patane, que tambem estaua de paz. E estando Simão Sodré carregando forão dar sobre elle trinta lancharas armadas do Rey d'Ugentana, de que hia capitão d'esta armada Tuão Mafamede, que fogira de Malaca pola morte do [1] * Sana Raja *; mas elle nom se atre-

[1] * Sanayade Raja * Autogr.

ueo a pelejar com Simão Sodré, e se foy a Palane, onde sabia que estaua Francisco de Bairros em hum nauio pequeno, o qual acharão surto no porto, e o forão cometer os mouros todos com grandes gritas. No nauio estauão vinte portugueses, e alguns escrauos seus que ajudauão, os quaes pelejarão até meo dia tão fortemente que nunqua as lancharas os puderão aferrar; defendendose com artelharia e espingardas, e panelas de poluora, e [1] * lamças * de fogo, com que fizerão muyto mal aos mouros. Com que se afastarão, ficando no nauio mortos tres homens e cinqo escrauos, e todos feridos; taes que já se nom podião bolir de cansados, que se os mouros mais aprofiarão os tomarão. Vendo elles estar os mouros afastados, que tambem estauão descansando, ouverão medo que se os mouros tornassem a pelejar todos logo serião mortos, segundo estauão mal auiados, e ouverão acordo que se saluassem na terra; o que Francisco de Bairros nom quis, dizendo que se fogidos se fossem a terra logo erão mais certas suas mortes. O que os portugueses vendo que o capitão nom queria, se lançarão ao batel, e se meterão n'elle com suas lanças, que no nauio nom ficarão mais que dous homens, hum chamado João Freyre, outro Bastião Nunes, os quaes fizerão com o capitão que tambem se fossem. Então rogou aos homens que ajudassem a deitar 'artelharia ao mar: o que elles fizerão, e então deixarão fogo posto no nauio, e se forão á cidade, onde forão agasalhados e estiuerão hum anno, até que mandarão por elles. Os imigos, que virão arder o nauio, se forão, e Simão Sodré carregou tres junqos de mantimentos que leuou a Malaca.

CAPITULO LI [2].

CONTA DE MALUCO, ONDE CHEGOU TRISTÃO D'ATAYDE, QUE HIA POR CAPITÃO.

Tristão d'Atayde esteue em Malaca com seu sobrinho dom Paulo até que se partio pera Maluco, de que hia prouido de capitão; e foy polo caminho de Borneo, com pacifiqa paz em alguns portos que tomou. Chegou a Maluco em outubro de 533, onde foy bem recebido de Vicente da Fonseca, e d'ElRey Tabarija, porque estauão em apreto com a guerra

[1] * amças * Autogr. [2] No original é o XLVI.

que lhe fazia o Rey de Geilolo. Onde logo lhe foy mexericado Vicente da Fonseca, que como o vira vir á vela logo tirara da feitoria e dos almazens tudo quanto achara; e lhe disserão outros males: pelo que logo o mandou prender, e tomar de casa quanto lhe achou da feitoria e do almazem. E logo mandou tirar deuassa de todolos males que tinha feito, e da morte do capitão e do desterro do Rey Dayalo; e todos falauão grandes males d'elle, e se fazião muyto amigos do capitão nouo, pera que lhes deixasse fazer seu crauo. Tristão d'Atayde foy visitado do Rey de Tidore, e do Rey de Bachão, e d'outros senhores, e não do Rey de Geilolo, que estaua de guerra; ao qual mandou messagem por hum Antonio de Teiue, com que mandou hum Pero do Monte, castelhano, que Fernão de la Torre mandara á India ao Gouernador, a lhe pedir licença pera se hir á India e d'ahy a Portugal: o que todo lhe deu o Gouernador, e mandaua ao capitão de Maluco e Malaca que lhe dessem embarcação, em que se fôsse com todos os castelhanos e sua artelharia e fato; e porque o castelhano auia medo que sabendo o Rey de Geilolo que elles se querião hir [1] * os prenderia, por isso * com dessimulação quis Tristão d'Atayde que se fizesse, e secretamente se carteou com Fernão de la Torre, que fengisse que se nom queria hir pera os nossos que o querião enganar, e que antes ally auião de morrer todos; ao que lá iria com armada pera os tomar, e elles sayrião a pelejar na dianteira dos mouros, e que os nossos chegando se deitarião com os nossos, e todos juntos hirião dar nos mouros, que logo auião de fogir; então se embarcarião á sua vontade com todas suas cousas.

E feita esta consulta muy secreta, Tristão d'Atayde mandou messagem ao Rey de [2] * Geilolo * que deixasse vir pera' forteleza Fernão de la Torre e os seus, com toda sua artelharia e armas, porque o Gouernador os mandaua hir pera' India, por quanto o Emperador com ElRey de Portugal estauão já concertados sobre estas ilhas de Maluco, e ElRey o escreuera ao Gouernador que os mandasse, e lhes désse embarcação. O que ouvido este recado polo Rey de Geilolo, estando presente Fernão de la Torre [3] * que * já com os seus estaua concertado, disse ao Rey de Geilolo que tudo era falso; que Tristão d'Atayde o queria colher ás mãos e os matar a todos; que por tanto nom ouvisse tal recado, porque antes

[1] * os prenderia e por isso * Autogr. [2] * Geylo * Id. [3] * e * Id.

ally auião de ser todos mortos que se hirem pera' a forteleza; e que elle Rey olhasse, que confiado em sua verdade, se entregara em seu poder, e o seruia como vassallo; que por tanto os defendesse se o capitão os quigesse tomar por força. Ao que se offereceo e muyto lho prometeo o Rey de Geilolo; que por tanto se nom agastasse, porque a elle e aos seus defenderia como propios filhos. E respondeo a Tristão d'Atayde que elle nom tolhia a Fernão de la Torre, e aos seus, que se fossem pera' forteleza e pera onde quigessem; mas que elles nom querião confiarse dos portugueses, porque tudo o que dizião dos concertos d'antre o Emperador e ElRey de Portugal era falsidade. Do qual recado e reposta do Rey de Geilolo o capitão se mostrou muyto queixoso, dizendo que logo elle os auia de hir tomar por força. E ajuntou grande armada, com ajuda do Rey Tabarija, e do Rey de Tidore, e do Rey de Bachão, com que foy sobre Geilolo, [1] * e fez modo * de querer desembarquar em terra. Do que os mouros ouverão grande medo, mas os castelhanos os muyto esforçauão que nom ouvessem medo, e os nossos mostrando que arraceauão de desembarcar estiuerão gastando o dia até noite, que sendo escuro se foy * o capitão * a outro cabo, e deu de supito em hum lugar, em que pôs fogo e matou muyta gente, [2] * e outra fogio * pera' cidade: no que sendo menhã Tristão d'Atayde foy, com toda a gente em ordem, caminho da cidade. Ao que sayo o Rey com muyta gente; ao que os castelhanos na dianteira armados, esforçando os mouros, forão contra os nossos com grita de prazer por se verem liures dos mouros. O que vendo o regedor e os mouros o que fizerão os castelhanos, que logo fizerão volta contra elles com os nossos, com grandes gritas tangendo as trombetas, logo fogirão, e o regedor foy correndo aos paços e fogio com ElRey e Raynha e o que pôde leuar; o que assy fez todo o pouo, ficando a cidade despejada, que os nossos roubarão, e foy queimada. Com que Tristão d'Atayde se tornou á forteleza com os Reys, e deixou no porto da cidade Diogo Sardinha capitão mór do mar, e Antonio de Teiue com 'armada, que destroyssem tudo. Pelo que, vendose o Rey de Geilolo assy destroydo, o regedor, com conselho dos senhores do Reyno, cometeo pazes com os capitães, e se meteo com elles, e se foy meter em poder de Tristão d'Atayde, * prometendo * que com elle assentaria todas as pazes

[1] * e fez que modo * Autogr. [2] * e outra que fogio * Id.

que quigesse; e foy assentado paz, dizendo o regedor que elle auia dias que tinha determinado de se fazer Rey de Geilolo, e agora era bom tempo, e que o [1] * auia * de fazer. E com paz assentada, e como quer que foy, o regedor se tornou a Geilolo, e deu peçonha ao Rey, de que morreo d'ahy a pouqos dias, e por nom ser casado nem ter filhos o regedor se fez Rey de Geilolo; e porque fez isto assy quando foy de Ternate, se aleuantou fama que isto fôra por consentimento de Tristão d'Atayde, por grossa peyta que lhe dera o regedor. E tambem Tristão d'Atayde aleuantou o degredo a Çamarao, que dom Jorge degradára fóra das terras d'El-Rey, por o achar culpado na traição de Cachil Daroes quando o mandou degolar; dizendo tambem o pouo que fôra por peita. Do que o Rey Tabarija e os do conselho auião grande pesar d'estas cousas, porque o Çamarao era máo e trédor, e lhe auião medo que armasse outras traições, como fez, porque com elle tomou Tristão d'Atayde grandes amisades, porque lhe daua muytos ardis pera enriquecer, e o principal foy que Tristão d'Atayde mandou deitar pregões, com grandes penas, que todolos mercadores das terras, e portugueses que tratauão no crauo, se fossem de todolas ilhas. O que foy muy estranhado, porque nunqua se tal defendera, e hum fidalgo, chamado Jurdão de Freitas, que andaua em hum junqo, fez sobre isso grandes requerimentos e protestos, com hum nauio d'El-Rey que lhe nom quis deixar carregar, porque n'elle mandou Tristão d'Atayde embarqar pera Malaca Fernão de la Torre e os seus castelhanos, e assy lhe entregou preso em ferros Vicente da Fonseca com as deuassas de suas culpas, que todo foy entregue ao Gouernador, e postoque as deuassas lhe dauão mil mortes, nem por isso lhe fizerão nenhum mal, porque as justiças da India vem do Reyno a enriquecer, e as sentenças se dão segundo o que rendem, e só Deos castiga, porque elle he só verdade.

[1] * via * Autogr.

CAPITULO LII [1].

DO QUE FEZ O BADUR, DEPOIS QUE FOY DE DIO, QUE NOM QUIS FALAR AO GOUERNADOR, E MANDOU BUSCAR RUMES A SOLDO.

O Badur nom falou a* o * Gouernador, sómente por Rumecão lho muyto aconselhar que perdia muyto de sua grandeza, sendo tamanho senhor na terra, lembrarse do Gouernador da India pouqo nem muyto, e querer com elle falar e concertar pazes, que parecia que lhe auia medo. O que todo bem pareceo á vaidade do Badur; pelo que fazia muyta conta do Rumecão; que foy muy contente do seu seruiço e * de * Cojeçofar na guerra de Rusena, e falou algumas vezes com elle * e * lhe disse que tinha muyta vontade de tomar o Reyno do Dely. Ao que o Rume lhe dizia que assy como seu coração era grande assy desejaua grandes cousas; que o fizesse, porque segundo tinha o nacimento tudo o que cometesse se acabaria, e que se em suas guerras [2] * trouxesse * dez mil rumes lhe farião tanto seruiço como trinta mil homens da terra, e escusaria tantos gastos, e mórmente que nom tendo guerra na terra seruirião nas armadas do mar, que podia fazer tão possantes que defenderião que lhe nom tomassem as naos, e mercadores que trazião riqueza pera seus portos, que afóra remediar esta grande perda [3] * restauraria * sua honra das grandes auejações e males que nossas armadas lhe fazião na borda do * mar *. E com isto, e outras muytas cousas que lhe [4] * falou * o Rumecão, e a cabeça d'ElRey * ser * leue em vaydades de pontos [5] * d'honra, disse * ao Rume que folgaria com dez mil rumes pera trazer sempre no campo bem pagos. Dixe o Rume que logo serião vindos, como elle mandasse seu messigeiro ao Rey de Misey, que era fronteiro aos portos do Estreito e senhor de todos; mandando algum dinheiro, pera logo fazer á gente algum pagamento e despesa, se comprisse. Com que o Badur folgou, e logo fez o messigeiro, que leuou cartas ao Rey de Misey e muyto dinheiro, que partio de Cambaya no inuerno do anno de 532, que chegando ao [6] * Rey de Misey logo * fez ajuntamento de gente a soldo; do que logo

[1] Tem, no original, o numero XLVII. [2] * trouxe * Autogr. [3] * restaura * Id. [4] * falla * Id. [5] * d'honra e disse * Id. [6] * Rey de Mysey que logo * Id.

veo noua a Ormuz, que mandarão ao Gouernador, e tambem correo a noua per Turquia, * e * pola via de Veneza foy a Portugal; com que El-Rey logo fez prestes as carauellas latinas, que mandou com dom Pedro de Castello Branco. E pera a passagem d'estes rumes, com o dinheiro que daua o messigeiro d'ElRey de Cambaya, se começarão a concertar as galés em Suez; e por o Badur esperar pola vinda d'estes rumes, por isso fôra a principal causa porque nom quis falar com o Gouernador. Do qual abalo dos rumes tambem o Gouernador foy certificado por mercadores do Estreito que vierão a Dabul; ao que fez conselho, e fez logo prestes hum nauio, que mandou a Portugal com a noua do aprecebimento d'estes rumes, mas não que soubesse que erão chamados d'ElRey de Cambaya. No qual nauio foy Fernão Martins Auangelho, que chegou ao Reyno depois das naos partidas: polo que se fizerão prestes as carauellas, que partirão em nouembro, como já disse.

O Badur quando foy de Dio se foy á serra de Campanel, onde tinha riqos paços, e suas fremosas molheres que mandára leuar do Mandou; e n'esta serra tinha grã soma de tisouro, que tomara ao Madremaluco. Ante os paços auia hum grande pateo, cerquado d'aruores e heruas de froles cheirosas de muytas feyções, e sobre este pateo varandas dos paços, de riqos lauores, em que se assentaua com seus estados, falando com seus priuados suas grandes vaidades. E hum dia perguntou a Rumecão se com cem velas poderia pelejar com nossas armadas. Elle respondeo que se no mar se achasse com cem velas taes como as nossas, e com sua gente rumes, pelejaria com as nossas indaque fossem duzentas, e se tal se fizesse então elle veria que deferença auia dos rumes aos portugueses. Meliqueliaz, irmão de Melique Tocão, que ally estaua, respondeo: «Nom sey» «como isso falas; que meu pay, sendo capitão de Dio, por força fez» «sayr fóra do rio os rumes, que nom ousauão fóra sayr com medo dos» «portugueses, que os forão buscar a Dio com pouqos nauios e gente,» «que então auia na India pouqos portugueses; e sayndo assy forçados» «nom ousarão sayr ao mar, e se puserão de longo da terra, com espe-» «rança de fogirem e se acolherem a ella, onde os portugueses os forão» «abalroar e tomar ás mãos, em que fizerão mortindade n'elles como nun-» «qua outra tal se vio, porque elles nunqua mais ousarão de passar á» «India, senão alguns escondidos em trajos de mercadores.» Dizendo ao Badur: «Senhor, sabe certo que os portugueses no mar são tão pos-»

« santes, que quem os ouver de vencer hão de ser cento pera hum por- »
« tuguês; e já o Rey de Calecut fez grandes armadas, ajudado de ou- »
« tros Reys e de todolos mouros da costa da India, e cento, e duzentas »
« velas pelejauão com dez, doze naos, que hião carregadas pera Portu- »
« gal, e ficauão todos os mouros desbaratados e mortos: e isto, senhor, »
« diz este teu escrauo sómente porque isto he verdade. E eu ouvi a meu »
« pay que quem tiuesse guerra com os portugueses nom poderia dor- »
« mir sono inteiro, indaque estiuesse dentro na terra. Pelo que digo que »
« errou quem te aconselhou que nom assentasses paz com o Gouerna- »
« dor; porque a paz era bem que fazias a tuas gentes da borda do mar, »
« e a guerra nom te faz bem nem proueito, nem * a * cousa que tocasse »
« na sombra de teu estado. Assy que nom foy bom o conselho pera teu »
« seruiço. » O Rumecão estaua muy agastado ouvindo o que dizia Meliqueliaz, e querendo falar, disse o Badur: « As guerras do mar são cou- »
« sas de mercadores, com que os Reys nom he sua honra entender, se- »
« não quando lhe quiserem tomar suas terras. » E folgou de ouvir o que disse o Melique, e acrecentoulhe renda, e tambem pera seu irmão Melique Tocão, que derrador de Dio lhe deu muytas rendas; e tambem fez mercê ao Rumecão.

E estando assy o Badur n'esta serra a seus viços e prazeres, lhe veo hum messigeiro do Rey dos mogores, que são do Reyno de Dely, chamado [1] * Bobor * Mirza. E porque d'estes mogores se ha muyto de falar, darey d'elles alguma rezão, a qual he que este Bobor Mirza era criado do Xequesmael da Persia, que suas terras confinão com este Reyno do Dely, e por bons seruiços que lhe tinha feitos este Bobor o aposentou e lhe deu grandes terras na estrema d'este Reyno do Dely, onde o Bobor se recolheo com seus amigos e parentes, e boa gente que trazia em sua companhia, que forão oito mil de cauallo e quinze mil de pé, gente guerreira. O qual Bobor, por assentar em bem sua terra, muy perfeitamente gardaua justiça, e fez casamentos com as gentes da terra, e casou hum filho com huma filha d'este Rey do Dely. E se diz que estas gentes d'este Reyno do Dely são os que nas estorias se chamão os tarta-

[1] * Babo * Autogr. Conservou-se a orthographia do auctor, que escreveu *Bobor*, só com esta excepção. Na citada *Relação Ms.* vem *Patecha Babur*; em *Barros*, Dec. IV, Liv. V, Cap. VIII, está escripto *Babór Patxiah*.

ros. Este Reyno do Dely he o mór que se vê n'estas partes, que tem huma ponta na Persia e outra com os lequyos além da China. Aqueceo morrer o Rey do Dely, de que ficarão cinqo filhos, antre os quaes partio grandes terras em que viuessem, porque o maior ficara Rey. E assy viuendo apartados o Rey era sobre todos; mas nom estiuerão muyto em paz, porque logo cada hum se coroou e chamou Rey de suas terras, chamandolhe Reyno; o que vendo o Rey, que se chamaua Laudym, [1] ajuntou suas gentes, e foy contra hum dos irmãos que tinha mais perto, o qual pedio socorro aos outros, que logo o mandarão ajudar com grandes poderes de gentes e dinheiro, em tanta maneyra que o Rey nom se atreueo a darlhe batalha, e se tornou a recolher, e ouve seu conselho de chamar em sua ajuda o Bobor. O que o Rey assy fez, que em sua pessoa o foy buscar, e pedio secorro; o qual o Bobor recebeo com muyta honra, e se lhe offereceo ao ajudar com seu poder e pessoa, até morrer; porque fazia justa guerra. Porque Alaudym lhe contou todo seu feito, e que este seu irmão, que assy estaua poderoso com fauor dos outros, chamado Cacandar, fòra o primeyro que se aleuantára, e se chamaua agora Rey do Dely, e lhe tomaua suas terras; ao que, se lhe fòsse valedor, e ajudasse 'assentar pacifiquo em sua cadeira e reynado, esta obrigação sempre estaria sobre elle e os que d'elle descendessem; pera o que lhe faria oitenta mil de cauallo, e de pé quanta * gente * elle quigesse, porque tinha muytas cidades e terras: o que o Bobor já tinha bem sabido. Com que logo mostrou em seu coração cobiça e traição de auer o Reyno pera sy, auendo n'elle vitoria, em que se aleuantaria por Rey, matando Alaudym com morte simulada, por ficar mais seguro e poderoso em hum tamanho Reyno. Com a qual tenção logo se fez prestes com quanta gente sua pôde leuar, e entrou no Reyno, onde com Alaudym se ajuntou muyta gente, com que foy correndo as terras polo Reyno dentro vinte dias sem achar contradição, e a todolas cidades a que chegaua daua escala franca, com que os guerreiros hião contentes, e nas fortelezas que tomaua, ou lhe obedecião, tiraua os capitães e punha outros de sua mão, e dizia a El-Rey que punha capitães da sua mão porque ficassem seguros que se nom tornarião a leuantar. Com que o Bobor senhoreou grande parte do Rey-

[1] Laudij, segundo *Barros*, Dec. IV, Liv. VI, Cap. III, foi o nome que tomou Alamo Chan, depois de feito rei. Alaudy se lê na citada *Relação Ms.*

no, porque nas cidades e lugares que tomaua, ou lhe obedecião, mataua os principaes regedores e gouernadores, e punha outros da sua mão: com que era muy temido. D'estas cousas forão nouas a Cacandar, que estaua aleuantado por Rey no meo do Reyno na principal cidade, chamada Agrá, onde tambem estauão juntos os outros irmãos com grande exercito de grão numero de gente, que sabendo que o Bobor era perto, mandou hum seu filho com corenta mil de cauallo, e setenta mil, que fossem diante, gente de pé, que fôsse vêr que gente trazia Alaudym. Do que foy auiso ao Bobor, o qual fez com Laudym que escreuesse suas cartas aos capitães que vinhão com este seu sobrinho que se viessem pera elle, pois era seu Rey e senhor; porque nom o fazendo lhe ficauão em grande pena. Dos quaes ouve reposta de concerto, com que o Bobor de noite deu no arrayal, e foy direito onde estaua o capitão, e o matou, com muyta gente, porque os capitães nom pelejarão, que se forão obedecer a ElRey Alaudym, os quaes o Bobor todos matou; e isto fazia elle porque depois nom tiuesse o Laudym quem lhe valesse. Do que Alaudym tomou má sospeita, e disse ao Bobor que fazia mal em matar os capitães que se vinhão pera elle. O Bobor lhe respondeo: «Laudym, eu faço o que te compre pera depois» «viueres em teu Reyno em paz.» O Laudym, indaque lhe nom contentou esta reposta, se sofrio.

O Rey Cacandar, sabido que a morte do filho fôra por traição dos capitães, fez vigia nos seus, e soube que alguns [1] * se * concertauão com ElRey, pelo que mandou matar alguns d'elles. E porque nom houvesse espaço de tempo pera concertos, se ordenou logo pera dar a batalha, de que fez repartição de sua gente em cinqo batalhas bem ordenadas, em que leuaua cento e corenta mil de cauallo e duzentos e oitenta mil de pé, e diante huma batalha de oitocentos alifantes, que pelejauão com espadas nos dentes e em cima castellos com frecheiros e espingardeiros. E diante dos alifantes oitenta gandas, como huma que foy a Portugal, a que chamarão bichá, que no corno que tem sobre o focinho tinhão ferros de tres pontas com que pelejauão muy fortemente.

O Bobor, que tudo soube, tambem ordenou sua gente, e achou dos seus propios vinte e cinco mil de cauallo, armados e bem encaualgados, e da gente do Rey Alaudym sessenta mil de cauallo, * e * oitenta mil de pé,

[1] * e * Autogr.

boa gente, de que fez tres batalhas, em que nas dianteiras pôs toda a gente d'ElRey, porque n'elles quebrasse a furia primeyra do encontro da primeyra batalha dos imigos; porque morrendo os d'ElRey lhe ficassem os seus naturaes. E nas batalhas pôs os capitães mogores, e mandou seu filho, o casado, com seis mil de cauallo, que fosse tomar huma serra que estaua hy perto, pera se recolher a ella se lhe comprisse. E sendo tudo assy bem concertado, andou até auer vista dos contrairos, que aparecerão com suas bandeyras e muytos tangeres e gritas d'ambas as partes, e andando seu passo cheo chegarão a romper as batalhas dianteiras, e os mogores com frechas fizerão grande entrada, ferindo muy fortemente nas gandas e alifantes, os quaes, sentindo as frechas, voltarão fogindo, rompendo as batalhas que vinhão concertadas, com que forão desbaratadas, porque os alifantes e gandas ferião e matauão quantos achauão ante sy; em seguimento dos quaes entrou a gente de cauallo do Bobor fazendo grande estrago. O que vendo Cacandar, mandou romper todas as batalhas, com que ouve muyta mortindade de ambas partes, em que fiqou muyto pouqua da gente do Rey Alaudym. Então entrou o Bobor com sua gente de refresco, que metendose pola batalha foy buscando o Rey Cacandar, que matou, e mandou atar seu corpo na sella fortemente que nom caysse, e solto o cauallo foy correndo per antre a gente, que virão o corpo de Cacandar morto, com que sua gente começou de desmayar, e foy em desbarato; ao que acodio o filho do Bobor, da serra onde estaua, e deu na gente que hia desbaratada, que acabou de fazer o campo franquo, em que fiqou morto o cauallo com o corpo morto de Cacandar, e ficarão sete filhos seus e os principaes capitães, que os seus leuauão os corpos mortos. Pelo que a gente do Bobor fez grande matança, e o Bobor se tornou ao arraial, em que se achou grande despojo a que deu escala franca, e o Rey Alaudym ficou ferido, e com toda sua gente morta, que sómente lhe ficarão seis mil homens, e vendo que os mogores recolhião todo o despojo, e nom consentião que os seus tomassem nada, o mandou dizer ao Bobor, e elle respondeo que o Reyno era seu, e muy grande, que bem podia partir com os seus que ficassem sem o despojo; que elle e os seus ficarião com o trabalho e era bem que leuassem o despojo.

Onde assy no campo estiuerão alguns dias descansando, e d'ally se abalarão correndo o Reyno, em que nom acharão resistencia, porque na batalha forão mortos os outros irmãos d'ElRey.

O Bobor, com a traição de seu coração, vendo que o Rey Alaudym ficaua sem gente, e malquisto das gentes, por ser causa de tantos mortos, pays, e filhos, e irmãos, e capitães, e senhores; e vendo que estaua tudo em desposição pera comprir seu desejo de se apossar d'este Reyno, falando hum dia com o Rey Alaudym lhe dixe que nom podia ser Rey n'aquelle Reyno do Dely, porque logo o auião de matar, porque elle fôra occasião das mortes de tão grandes senhores e tantas gentes; e que por tanto, porque se nom perdesse o Reyno, que elle com seu trabalho e de suas gentes [1] * ganhara, elle * auia de ser Rey, que o podia soster, o que elle Laudym nom podia fazer. Ao que Laudym nom ousou de contradizer, com medo que o mataria, e lhe respondeo: « Se- » « nhor, tudo he em tua mão. A mim dás grande descanso em quanto » « viuer. » E o Bobor lhe disse que se aposentasse em qualquer cidade que quigesse, onde gastasse quanto quigesse. E o Bobor se coroou por Rey, com grandes festas, e muytas mercês que fez aos seus e assy aos da terra, e soltou capitães e senhores que tinha catiuos, que todos lhe fizerão as cirimonias de Rey, e mandou dizer ao Rey Laudym que lhe fosse fazer a çalema, e elle disse que nom se aleuantaua da cama, que lhe tornarão a rebentar suas feridas; do que o Bobor nom tomou sospeita. E assy na cama em que jazia falou com alguns dos seus, de que confiou, e ouve á mão pedras de grande preço, que podia leuar, e não muyto dinheiro que tinha, e fogio de noite: o que nom soube o Bobor, senão quando elle era já posto em saluo; de que o Bobor ouve grande pezar.

O Laudym se foy a huma cidade onde tinha hum filho chamado Alamó, que era seu principe, onde com elle se ajuntou muyta gente, com muyto dinheiro que ouve, e fez cento e corenta alifantes de guerra, com que pay e filho se forão a Cambaya pedir socorro ao Badur, e ajuda contra o Bobor que assy lhe tomara seu Reyno. O que o Badur lhe prometeo até sobre isso gastar seu Reyno, e os mandou aposentar em huma grande cidade, de que lhe deu as rendas pera seu gasto; o que elles nom quiserão aceitar, dandolhe seus grandes agardecimentos, mas que em quanto andassem desterrados nom auião de pousar senão no campo; o que o Badur dixe que fizessem sua vontade: onde no campo armarão riqas tendas, e toda sua gente, que fazia grande arraial. O qual

[1] * ganhara pelo elle * Autogr.

fez presente ao Badur de oitenta alifantes e quatrocentos camellos pera carregar, e cem mulas, e cincoenta zeuras, e vinte librés muy fremosos, e nas zeuras carregados dous contos de pardaos d'ouro : o que tudo tomou o Badur, sómente o dinheiro, que nom quis, dizendo que bem o auia mester pera seu gasto e se lhe faltasse lho daria. O Alaudym tinha trinta mil de cauallos ginetes, muy luzida gente, que os mais d'elles trazião as pertenças dos cauallos e sellas forradas de prata ; e na estribaria do pay e do filho auia passante de mil ginetes muy fremosos, de que as pertenças do caualgar e sellas erão gornecidas e forradas de folha d'ouro, de grossura de meo tostão e de muytos lauores ; e todos caualgauão á esturdiota, que assentados no campo fazião grande arrayal ; homens branqos, muy bem despostos e muyto bem regrados, e liberaes. E nom trouxerão gente de pé mais que a de seu seruiço, que era mais de cem mil. Onde no campo estauão inuerno e verão.

CAPITULO LIII [1].

MESSAGEM QUE O BOBOR MANDOU AO BADUR.

O Bobor assentou seu Reyno do Dely como quis, fazendo mercês e muytas grandezas, por assentar os corações das gentes assy como as terras. O que sabido da Raynha Sangá, ouvindo suas grandêzas e o grande poderio que tinha, se lhe mandou queixar do grande mal que o Badur lhe fizera tomandolhe seu Reyno, e tomado seu filho como catiuo. E este messigeiro da Raynha foy em [2] * companhia * d'outro que tambem mandou a Raynha do Mandou, recramandolhe os grandes males que lhe tinha feito o Badur, e os filhos presos na serra de Champanel ; ambas estas Raynhas pedindo ao Bobor [3] que pois Deos o pusera em tanta grandeza nom fôra senão pera elle secorrer aos mesquinhos maltratados por tyranos. As quaes messagens ouvidas polo Bobor, a cada huma d'ellas respondeo por seu assinado, dizendo que elle faria a cada huma dar o seu, até sobre isso morrer. Como a Raynha Sangá teue esta reposta do Bobor, em que muyto confiou, mandou cartas secretas a seu filho que andaua com o Badur,

[1] Saltado este numero no original. [2] * comnhia * Autogr. [3] Badur se lê no original, o que é erro manifesto.

que lhe fogio, e como esteue com sua mãy fez ajuntamento de muyta gente e aprecebimentos de guerra, temendo que o Badur logo viesse sobre elle; que sabendo que lhe fogira ouve muyta paixão, ordenando logo mandar sobre elle. Onde assy estando lhe chegou o embaixador do Mogor Bobor, como atraz disse, que chegou a Champanel, onde estaua o Badur da vinda que tornou de Dio. E sendo dito ao Badur d'este messigeiro do Mogor, que lhe vinha, o mandou receber honradamente, e se fez hido fóra, por vêr se em tanto poderia saber a causa da embaixada, e foy á cidade de Cambaya, onde lhe derão cartas do capitão de Dio e dos rendeiros dos portos, lhe *dando* conta, com grandes cramores, dos grandes males que recebião de nossas armadas depois que o Gouernador se fôra de Dio. De que o Badur se muyto agastou, e disse ao Rumecão que elle causara todos aquelles males, por lhe aconselhar que nom falasse com o Gouernador, que era tão pouqa cousa; com que nom ouvera tantos males; que lho perdoaua porque era estrangeiro, que se fôra seu natural logo lhe mandara cortar a cabeça. De que o Rume fiqou muy assombrado, e se deitou a seus pés, dizendo que se errara era cuidando que lhe fazia seruiço; que fosse feita sua vontade. Ao que o Badur logo mandou recado ao capitão de Dio, que logo mandasse ao Gouernador hum homem honrado, seu parente do Melique, com seu recado, o qual logo mandou, que foy a Goa, onde estaua o Gouernador, como adiante direy e a messagem que leuou.

ARMADA

DE

MARTIM AFONSO DE SOUSA,

ANNO DE 534.

CAPITULO LIV [1].

O Gouernador, sendo tornado a Goa de Dio, proueo cousas que comprião hir pera fóra antes do inuerno, como já disse; e çarrado o inuerno se acupou no corregimento d'armada, que estiuesse prestes pera sayr no verão. No que passou o tempo até setembro, que chegarão as naos do Reyno; porque chegando a Lisboa Fernão Martins Auangelho, que deu a ElRey as nouas dos rumes, que lhe mandaua o Gouernador, causou muy grande trouação no Reyno. Ao que logo ElRey proueo, e mandou fazer prestes as carauellas que trouxe dom Pedro de Castello Branco, como já disse, e se ficauão fazendo prestes pera virem este anno de 534 vinte naos grossas e trinta carauellas, em que auião de vir doze mil homens. E andando n'esta pressa forão cartas a ElRey, de Veneza, de homens que n'isso ElRey tem acupados, a que dá suas tenças, em que o certificarão

[1] No original é o XLVIII, e tem por titulo: *Da armada que veo do Reyno este presente anno de 534, e outras cousas que se passarão.* Mais adiante, no logar que apontámos, é que se lê: *Armada de Martim Afonso*, etc. Pedia a regularidade as alterações que se fizeram.

que os rumes nom passauão n'este anno. Com que cessou ElRey de seu trabalho, e sómente mandou as naos da carga que forão estas [1].

Em feuereiro d'este anno partio do Reyno Martim Afonso de Sousa por capitão mór das naos da carga, que forão cinquo. Elle capitão mór, Diogo Lopes de Sousa, Tristão Gomes da Grã, Simão Guedes de Sousa, pera capitão de Chaul, Antonio de Brito, pera capitão de Cochym. Simão Guedes, e Antonio de Brito, sayndo de Lisboa com tempo, derão hum por outro, que se ouverão de perder e se desaparelharão, e Antonio de Brito abrio tanta agoa por huma cinta que arribou a Lisboa, e se concerfou e tornou a partir, e andou que inda chegou a Moçambique primeyro que Martim Afonso tres dias. Este Martim Afonso de Sousa era tanto da priuança d'ElRey, sendo Principe, porque com elle muyto folgaua, que largou oitocentos mil réis que tinha de renda do duque de Bragança e se passou pera o Principe, porque o Principe com elle muyto folgaua, em tanta maneyra que ElRey dom Manuel seu pay lhe foy á mão a isso, e lho apartou da casa e da [2] * conuersação *, que este Martim Afonso e dom Antonio d'Atayde erão tão continus com o Principe, e o Principe com elles, que nom podia estar momento sem elles, e estando com elles nom falaua nem folgaua em nenhuma cousa senão com elles, em modo que ElRey maginou que podia ser feitiço. E por ElRey por isso os apartar da conuersação do Principe este Martim Afonso se agrauou do Principe, que quisera elle que o Principe o nom largara, indaque ElRey lho mandara: o que o Principe nom pôde amansar com cartas, que lhe sobr'isso escreueo, com promessas de grandes mercês; mas de muyto fantesioso e opiniatigo se foy pera Castella, e lá andou, e se casou, até falecer ElRey dom Manuel, que cuidou elle que o Principe logo o mandaria chamar, mas como já a priuança era resfriada nom curou d'isso, e tambem que tinha já outros cuidados de seu Reyno. Polo que Martim Afonso teue modos com seus parentes e amigos que d'elle fizerão lembrança a ElRey, ao que ajudauão os [3] * principaes * da corte, com muyta paixão e enueja da muyta priuança em que andaua com ElRey dom Antonio d'Atayde, que indaque assy andou apartado do Principe, em quanto ElRey viueo, sempre se carteauão, e folgauão per cartas secretas. Assy

[1] Seguia-se o titulo, que se antepoz, de *Armada de Martim Afonso*, etc.
[2] * confresação * Autogr. [3] * principes * Id.

que falecendo ElRey, que o Principe reinou, foy o principal na priuança; em tanto modo que os principaes da corte se anojauão, e pera o [1] * abaterem * d'esta priuança [2] * quiserão * que Martim Afonso se tornasse de Castella. No que o dom Antonio atalhaua quanto podia; mas os fidalgos fazião a ElRey lembrança d'elle, e o muyto que deixara do duque de Bragança pelo seruir, em modo que ElRey o mandou chamar, fóra de sua vontade, por * que * entendeo que Martim Afonso de muyto opiniatigo se nom quisera vir de Castella tanto que ElRey morreo, mas agardou que elle o mandasse chamar. E veo, e ElRey era já tanto entregue a dom Antonio que o Martim Afonso nom póde tornar ao que era d'antes. Ao que ElRey sentio que auia algumas compitencias, * e * encarregou Martim Afonso em algumas hidas pera fóra, e lhe deu grandes terras do Brasil, pera onde ElRey condenaua muytos degradados, homens e molheres. Com que Martim Afonso tinha toda' jurdição, e fez grandes pouoações, e auia grandes rendas do Brasil; e todauia o dom Antonio fez com ElRey que o mandasse á India. Do que Martim Afonso muyto se anojou, porque sentio que isto vinha por dom Antonio, mas nom ousou de se queixar porque lhe nom fosse pior. E ElRey o mandou por capitão mór do mar por tres annos, e teue modos o dom Antonio que fizerão entender a Martim Afonso que vinha pera' India metido nas socessões da gouernança; o que Martim Afonso cobiçando que podia ser Gouernador por algum desastre, veo assy por capitão mór do mar, com muyta esperança que seria Gouernador na vagante de Nuno da Cunha; do que elle daua muyto entendimento, e n'isso muyto se grangeaua; ao que se lhe daua muyto credito, porque sabião sua muyta priuança, e nom crião que aceitasse capitania mór do mar senão pera esse fim. E teue modo que estando embarcado em Belém pera partir, Pero Carualho, guarda roupa d'ElRey, que tambem era muyto da priuança, lhe mandou huma carta d'outras cousas, que se despedia dizendo « e tanto que vossa mer- » « cê sayr da barra fóra beijo as mãos a vossa senhoria. » Com que o Martim Afonso fez que zombaua, dizendo: « Isto são palauras da boa ami- » « sade que me tem Pero Carualho. » E deu a carta a homens fidalgos que com elle vinhão embarcados; com que inteiramente foy acreditado que auia de ser Gouernador da India, e como chegou á India com esta fama,

[1] * baterem * Autogr. [2] * quise * Id.

de que elle muyto se grangeaua, logo os fidalgos se chegarão pera elle, e o muyto agardauão, e acatauão e aueneranão, porque quando fosse Gouernador lhes fizesse mercê; e por este modo sempre foy muy acatado n'esta opinião, que [1] *foy ardil* pera o que a sua honra compria.

Vierão estas naos muy armadas, porque na costa de Portugal auia muytos cossairos francezes. Veo por passageiro n'estas naos Fernão Eannes de Soutomaior, pera capitão de Cananor. Dom Pedro de Castello Branco com as carauellas nom teue tempo pera atrauessar á India, e correo a costa, e foy ter em Mascate, onde agardou a monção, onde ally tambem se ajuntou Vasco Pires de Sampayo com su'armada do Estreito, onde tomou boas prezas. Tambem veo d'Ormuz o védor da fazenda ter a Mascate, a que dom Pedro deu cartas d'ElRey, que lhe trazia. E sendo já agosto todos partirão e se forão deitar ao longo da costa, agardar as naos de Meca; mas o védor da fazenda foy de longo e dom Pedro, que leuou toda' sua armada pera entregar ao Gouernador, e todos forão a Goa, onde o védor da fazenda deu muyta conta ao Gouernador do que fizera em Ormuz, e dom Pedro deu ao Gouernador cartas que lhe trazia d'ElRey e pera muytas pessoas, e pelo que ElRey n'ellas mandou logo foy preso em sua pousada Garcia de Sá, e lhe fez depositar vinte mil cruzados; e esto por acusações de males que disserão a ElRey que fizera em Malaca, sendo capitão. E tambem ElRey mandou que nas *naos* da carga lhe mandasse o Gouernador Simão Ferreira, sacretario, dizendo ElRey que compria a seu seruiço que Simão Ferreira fosse ao Reyno pera cousas d'elle mesmo Gouernador. O que se dixe que forão grandes apontamentos de males do Gouernador, que dera a ElRey Antonio de Macedo, ouuidor geral que o Gouernador mandara preso pera Portugal; mas o Gouernador sospeitou que fidalgos da India isto mexericarão com ElRey, e tomou grande paixão, falando palauras muy agastadas, fazendo grandes excramações presente [2] *muytos* fidalgos, porque Simão Ferreira era de sua criação, e a elle muyto aceito, e com muita resão, porque Simão Ferreira era muyto prudente e entendido, e perfeito official no cargo de sacretario, em que o Gouernador muyto confiaua e descansaua, porque tinha elle tanto cuidado das cousas que tiraua ao Gouernador ametade de seus cuidados. Polo que o Gouernador muyto sentio o que ElRey mandaua, que

[1] *foy em ardil* Autogr. [2] *muy* Autogr.

bem entendeo que nom mandaua hir Simão Ferreira por males que tiuesse feitos, mas alguns fidalgos a que o Gouernador nom acodia a seus peditorios como elles querião cuidauão que lho causaua o sacretario; por isso huns com outros escreuerão a Portugal queixandose a seus parentes, que o falarão a ElRey em tal modo que ElRey o mandou hir: o que do Reyno foy escrito ao Gouernador. E mandaua ElRey que * fosse sacretario * Diogo Pereira, que então acabara de ser capitão de Chalé, * pera * que entrou Ruy Vaz Pereira, que lhe viera por ElRey. O Gouernador mandou chamar Diogo Pereira, e lhe mostrou a carta em que ElRey mandaua que seruisse de sacretario, presente os fidalgos. A que elle respondeo: « Senhor, eu são muyto velho pera tão nouo officio. Pera mim » « milhor fôra Sua Alteza me deixar morrer no palheiro de Chalé, que » « acabar de ser capitão de forteleza e acrecentarme a secretario. E isto, » « senhor, escreua vossa senhoria a ElRey nosso senhor que eu respondi. » O que Diogo Pereira assy respondeo porque entendeo que falaua á vontade do Gouernador, o qual, falando com o védor da fazenda, disse: « Se ElRey meu senhor mandara hir Simão Ferreira por males que ti- » « uera feyto, eu o mandara carregado de ferros; mas como o nom » « manda hir senão por mentiras de máos mexedores, eu o mandarey » « em tempo que elles nom gozem este prazer e gosto. Simão Ferreira » « nom será sacretario, que sem o ser, por quem elle he, sempre valerá » « muyto em toda parte que for. E vós, Diogo Pereira, acertaes muyto » « em nom seruir tal officio, porque nom percaes vosso merecimento. Os » « males que eu [1] * fizer os nom * hey de poder esconder de vós, e se os » « nom disserdes e pobricardes, logo os rapazes da India mexeriqueiros » « dirão de vós o que disserão de mim, com que ElRey me tira Simão » « Ferreira de sacretario, porque os males de que foy acusado a ElRey » « nom os podia elle fazer sem mim. E por tanto, pois assy está bem con- » « certado, eu nom posso seruir meu cargo sem sacretario, e a quem » « ElRey manda que o seja nom o quer ser, os senhores fidalgos da In- » « dia he necessario que busquem hum á sua vontade, e o fação seruir. » « Porque eu juro pola que tenho, e por vida d'ElRey meu senhor, que » « com qual * quer * que o quiser ser com elle sirua meu cargo; por- » « que se mo bom derem, bom o terão, e senão nom me dêm a culpa; »

[1] * fizer que os nom * Autogr.

« porque bem sey que de mim e de Simão Ferreira escreuerão falsida- »
« des, com que me tanto offenderão, o que lhe nunqua perdoo. » E porque o Gouernador mostrou tanto sentimento per Simão Ferreira, nom ouve ninguem que aceitasse o cargo de sacretario, e com hum escriuão da Camara se seruio huns dias, e depois com hum João de Paiua, muyto de sua priuança; e assy passou o tempo até que nas naos dest'outro anno veo por sacratario hum João da Costa, da criação do duque de Bragança.

CAPITULO LV [1].

COMO A GOA VEO MESSIGEIRO DO BADUR ASSENTAR AMIZADES COM O GOUERNADOR, E DAR A ILHA E TERRAS DE BAÇAIM, QUE MARTIM AFFONSO DE SOUSA FOY RECEBER.

O Gouernador ouve prazer com a vinda de Martim Affonso de Sousa, por ser homem de muito preço, a que ElRey daria muyto credito das cousas da India, em que o Gouernador estaua muyto confiado que tudo fazia como compria; e despedio o veador da fazenda com as naos do Reyno pera Cochym, per' as carregar; despachando muytas cousas do Reyno, e de [2] * licenças * e embarcações. E ficando desacupado, falaua o mais do tempo com Martim Affonso sobre as cousas de Cambaya, dandolhe miuda conta de todolas cousas que tinha passado e esperaua de fazer, que era continua guerra quanto podesse, a ver o que o Badur faria sobre a esperança que tinha de lhe virem rumes, que o Rumecão lhe metera em cabeça; que os mandou buscar, e por isto elle fôra o que desuiara que ElRey nom falara com elle em Dio. E que pois que a vinda dôs rumes estaua por agora segura, elle queria dessimular com a guerra, por escusar os grandes gastos que fazia, e ver o em que ElRey paraua; porque elle era muy mudauel, e de huma hora pera outra fazia mil mudamentos, e podia ser que lhe chegasse outra vontade com que désse forteleza. E porque ElRey era muy opiniatigo nos pontos d'honra, esperaua mais se aproueitar d'elle per mansidão que por quanta guerra lhe podia fazer polo mar, que era hum pouqo de vento pera elle a sentir, segundo

[1] E' o XLIX no original. [2] * L^{cas} * Autogr.

era grande e poderoso, que trazia no campo cem mil de cauallo. E tudo assy praticando, foy assentado que todauia Martim Affonso fosse com 'armada correndo a costa, sem fazer mal, até auer nouas do Badur, que lhe dizião que tinha guerra com seus visinhos.

E fazendo prestes 'armada pera Martim Affonso partir, chegou a Goa o messigeiro do Badur em huma fusta. Com que o Gouernador ouve prazer, e o recebeo com muyto gasalhado; o qual, mostrando huma crença com a chapa do Badur, disse de palaura que ElRey estaua muyto queixoso porque assy supitamente se partira de Dio fazendo sinaes de imigo; o que errára em nom agardar, até vêr sua reposta ao recado que lhe mandara de noyte pola fustinha, porque logo lhe tornara a mandar outro recado, e era já partido; que com elle nom quisera menencoria, e queria ser amigo; que ouvera pesar de assy o nom agardar, sabendo que as cousas bem feitas se nom auião fazer de pressa. E que nom queria que seu trabalho ficasse embalde, e em satisfação da despeza de sua armada que por tanto lhe daua a ilha de Baçaim, e n'ella fizesse feytoria e quanto quigesse, e que o tempo andando encaminharia as cousas que acabassem em bem e contentamento d'ambos. O Gouernador despedio o embaixador, e o mandou pera a pousada, que lhe foy dada muyto concertada do necessario; dizendolhe que as cousas d'ElRey erão muy supitas, e feitas de sua vontade sem tomar conselho de seus naturaes grandes senhores, que trazia em sua corte; que por tanto elle logo o despacharia.

E n'esta noyte o Gouernador teue conselho sobre o caso, e por todos foy assentado que era bem que tomasse o que lhe ElRey daua, que o tempo acabaria as cousas em bem, como elle dizia, e se désse as rendas seria grande bem pera ally estar gente, e se concertarem armadas, onde estarião mais perto pera o que comprisse. E tudo bem assentado, ao outro dia o Gouernador despachou o messigeiro de palaura e carta pera o Badur, dizendo que nom tinha a culpa, que lhe sua alteza daua, por nom agradar por outro recado; por *que* elle lhe nom mandara dizer que agardasse, porque se lho mandára dizer elle o fizera, postoque tantos dias com suas palauras agardára, nom comprindo o que lhe mandaua dizer, e per derradeiro lhe mandára dizer que acodia á gente que lhe entraua na terra, per hum recado de noite, que lho falarão do mar sem ver quem lho falaua. Polo que lhe parecera que agardar era cousa de vento, nom sabendo a detença que faria. E que o sinal d'imigo, que fize-

ra, nom fôra pera mais que pera mostrar menencoria, até que sua alteza lhe mandasse seu recado, e que em tanto nom saissem as nauegações, que recebessem mal das armadas que andassem no mar.

E que quanto á ilha de Baçaim, que lhe daua, lhe tinha em muyta mercê, mas que nom lhe aproueitaua ter ally feytoria pera gastar e nom aproueitar a gente que hy estiuesse; e comtudo aceitaua a mercê que lhe fazia, por * que * soubesse que era seu seruidor; mas que elle, como tamanho senhor que era, a mercê lha fizesse enteira, que era darlhe as rendas pois lhe daua a terra; todo firmado com sua chapa, porque as gentes obedecessem e pagassem: com que então assentaria a feytoria, pera o seruir; no que nom faria nada sem seu mandado. O embaixador acabou d'ouvir o Gouernador, e lhe respondeo: «Senhor, o soltão Badur» «te dá Baçaim assy como o elle tem, que he com as terras e suas ren-» «das.» O Gouernador disse que nada auia de tomar senão com sua chapa, e o homem que a [1] * trouxesse * lh'entregar as terras, pera que as gentes [2] * obedecessem e nom se aleuantassem *. O que pareceo bem ao embaixador; mas porque elle sabia que o Badur tudo faria, disse ao Gouernador que mandasse com elle hum capitão com gente, que elle o queria deixar de sua mão em Baçaim até elle tornar ao Badur com sua reposta, e trazer a chapa que pedia. O Gouernador disse que fosse elle, e que em tanto elle mandaria o capitão que o aguardasse na barra de Baçaim, porque em nada auia de tocar sem a reposta d'ElRey; e que em tanto que elle tornasse nada buliria. Com que o embaixador se partio á pressa, muito contente de boas peças que lhe deu o Gouernador.

O embaixador assy partido, o Gouernador ficou muy contente, e seria ditoso se lhe ElRey daua as rendas, das [3] * quaes * tinha sabido que rendião mais de cem mil pardaos d'ouro cad'anno; e n'isso confiado fez logo os officiaes, a saber a Gaspar Paes feitor e recebedor, com dous escriuães e hum tanadar mór, a que deu regimento a cada hum como auião de seruir seus cargos, e Martim Affonso que tudo auia de fazer, que logo partio com muyta armada e gente, que chegando perto de Chaul topou com o embaixador, que já tornaua com reposta d'ElRey, que tudo outorgaua quanto o Gouernador pedio; e Martim Affonso lhe disse que fosse ao Gouernador com o recado, porque elle o aguardaria em Chaul.

[1] * trouxer * Autogr. [2] * obedeção e se nom aleuantem. * Id. [3] * que * Id.

Pelo que o embaixador foy a Goa, e mostrou [1] * ao * Gouernador que tudo lhe [2] * daua * ElRey como elle queria. Com que o Gouernador mostrou muyto contentamento, e lhe deu riqas peças, e pera ElRey carta de grandes agardicimentos e offerecimentos de seruiços; o que escreueo ao lingoa Santiago, dandolhe muytos agardicimentos, dizendo que bem sabia que todos estes grandes bens elle os fazia a ElRey de Portugal; e despedio o embaixador, e recado a Martim Affonso do que auia de fazer ao tomar da posse das terras. Chegando o embaixador a Chaul, Martim Affonso se foy com elle a Baçaim, onde o embaixador por hum seu criado mandou tanger huma trombeta polas terras, a que logo vierão a Baçaim todolos tanadares das terras, e a todos mostrou a [3] * chapa * do Badur, que mandaua que todos auião d'acudir com as rendas ao feitor, que lho mostrou, e em todo lhe auião d'obedecer como fazião a ElRey; o que todos a huma voz outorgarão, pondo as cabeças no chão, e cada hum meteo na mão do feytor hum raminho d'erua cheirosa, ou froles, em sinal d'obediencia. Do que o embaixador tomou assinado de Martim Affonso, e com elle assinado o feytor e officiaes, e elle deu a chapa d'El-Rey, que Martim Affonso logo, presente o embaixador, meteo em huma bocetinha d'ouro, e com muytas honras despedio o embaixador.

O qual sendo partido, Martim Affonso, olhado bem o sitio da terra, ordenou fazer a casa pera' feytoria no propio lugar em que o Gouernador desembarcara quando o tomou, que era o lugar mais conuinhauel pera depois se fazer forteleza, como se fez, porque do mar entraua hum esteiro pola terra, e fazia volta, que ficaua como ilha. No qual logar fez huma grande casa com grande alpendere, e diante grande terreiro cerquado d'estacada, e entulhado, que ficaua hum tauoleiro alto; e junto da casa outras, assy grandes, pera alojamento de mercadarias; e fez casas pera officiaes, e pera cem homens que auião de ficar ally com o feitor, porque ouve pedra e cal e muyto auiamento pera isso: o que tudo foy cerquado de grossa estacada, e per dentro valados; onde a gente da terra acodio com cousas de comer a vender, em que se fez bazar, e botiqueiros canarys, e começou a crecer pouoação, porque a gente da terra achauão nos nossos mais larguezas que nos mouros, e começarão 'acodir ao feytor com as rendas, em que o dinheiro foy muyto mais do que cuidou.

[1] * o * Autogr. [2] * da * Id. [3] * cha * Id.

Deixando Martim Affonso tudo bem ordenado, e o feitor fazendo as obras, Martim Affonso se partio com 'armada, e foy ao longo da costa sem fazer mal, agardando as naos de Meca, não per' as tomar, sómente rumes, se os achasse; porque no concerto assy ficou assentado, que sómente os nossos tomarião os rumes, e se os mouros pelejassem que então as tomassem, e se n'isto ouvesse alguma briga fosse a Dio, e de tudo désse conta a Melique Tocão, pera que elle o escreuesse a ElRey, que nom cuidasse que os nossos fazião mal sem rezão, sómente por defenderem os rumes[1]. No em que Martim Affonso gastou parte do verão, e tornou a Baçaim, e começando o inuerno se recolheo a enuernar em Chaul, que assy o leuaua per regimento do Gouernador, pera hy concertar 'armada e estar prestes pera acodir a Baçaim, se comprisse, auendo algum aleuantamento, que sempre se aquece em terras nouas; e deu cuidado ao feitor que fizesse ajuntar muyta pedra e fazer muyta cal, que tiuesse pera quando comprisse. O que assy deixo por agora, pera contar o que mais socedeo ao Badur com a embaixada do Rey dos mogores.

CAPITULO LVI[2].

COMO O BADUR OUVIO A EMBAIXADA DO REY DOS MOGORES, E A REPOSTA QUE DEU, E O MAIS QUE RECRECEO.

O Badur, nom podendo per fóra saber nada da embaixada, determinou ouvir o embaixador, pera o que se pôs em muyto estado por mostrar sua riqueza; porque o Rey do Dely era de grande riqueza. Pera o que ao dia do recebimento da embaixada o Badur o mandou acompanhar por dous capitães, com muyta gente que leuou o embaixador, que hia vestido muy nobremente; o qual chegando aos paços, diante no campo estauão duzentos alifantes concertados com seus castellos e armas de guerra, e com elles vinte mil homens de pé, frecheiros e espingardeiros, e o embaixador passou por antre todos, que estauão feitos em rua. E junto dos paços estaua a guarda d'ElRey, que erão doze mil de cauallo armados, muy luzida gente, postos em boa ordem; e entrando em hum grande terreiro que auia ante os paços, vierão de dentro outros dous grandes se-

[1] Isto é: obstarem á vinda dos rumes. [2] E' o L do autographo.

nhores, que acompanharão o embaixador pera dentro, e o leuarão acima, passando por muytas casas que estauão paramentadas de pannos d'ouro e seda, e chegarão a huma grande varanda que auia sobre o pateo, a qual varanda * estaua * por cima forrada de tauoado branco, e per cima muytos lauores de pasta d'ouro, e feguras d'alimarias, e aues, e aruoredo, cousa muy sotil e fremosa de vêr; e esta varanda era feita em tempo do Rey seu pay, que sempre estaua fechada, e fôra feita pera recebimento d'embaixadas, e estaua toda alcatifada d'alcatifas de seda e de fio d'ouro. O Badur estaua assentado em huma banqua de quatro pés, d'altura de tres palmos, e sobre hum estrado de tres degraos cubertos de panno d'ouro, e os pés da banca d'ouro, ou forrados de folha d'ouro, laurados com muyta pedraria, e em cima hum panno d'ouro, que pendia hum palmo, com [1] * franja * de perolas, e antre ellas rubys e diamães encastoados e enfiados; o Badur recostado a grandes coxis brancos laurados de perolas, e aos pés huma almofada redonda de brocado, e ao redor huma barra de citim azul, da largura de hum palmo, com lauor de perolas de grande preço e fremosura. O Badur era homem trigueiro, muyto gentil homem e bem assombrado, e de bom corpo, e em todo bem aproporcionado.

Estaua vestido em camisas brancas [2] guġaratas, e cingindo hum [3] * camarabando * de seda amarela, e n'elle huma adaga d'ouro e pedraria, a qual era a principal joya do tysouro de Cambaya dos Reys passados, que era sem preço o valor das pedras que tinha, e em sua pessoa nom tinha outra peça d'ouro, por mór estado de sua grandeza. Estauão detrás do Badur vinte pagens moços riqamente vestidos, filhos dos principaes senhores de Cambaya; tres mais chegados. Hum tinha hum traçado, e outro hum cofo, e outro hum arqo e hum coldre com frechas, tomados nas mãos com pannos d'ouro; que o traçado e cofo erão peças como a daga, que são as tres joias do estado dos Reys de Cambaya, que sempre tiuerão d'antigo tempo por o principal tysouro de Cambaya. As peças os Reys que reinauão ás vezes desfazião, e emmendauão e acrecentauão, tirando pedras e metendo outras de mór valia. Os outros pagens tinhão gauiães, falcões, e cousas de folgar. E afastado do Badur quatro passos estaua, assentado nas alcatifas, o Mirão, sobrinho do Badur,

[1] * franga * Autogr. [2] guzaratas? [3] * cabramando * Autogr.

e junto com elle o filho da Raynha Sangá, com riqos vestidos; e mais afastados estauão sessenta, os principaes senhores e capitães do Reyno, todos riqamente vestidos, sem nenhumas armas, e o Rumecão, por estrangeiro, estaua abaixo de todos. Entrando o embaixador n'esta varanda os capitães que o leuauão ficarão á porta. O embaixador, vendo o Badur, lhe fez a çalema, abaixando a cabeça e corpo hum pouqo, e andando mais tornou a fazer outra çalema, assy com a cabeça e corpo mais baixo que da primeira, e as mãos abertas até os joelhos, e andou até chegar á borda do estrado, que toqou com a mão direita, e a beijou, e tornou atrás hum passo, e tornou a fazer outra mayor çalema, a que o Badur incrinou a cabeça hum pouqo, sem bolir o corpo, e com a mão o mandou assentar junto do Mirão, onde ao assentar tornou a fazer outra çalema, e estando hum pouqo calado o Badur falou com o regedor do Reyno, que estaua diante do estrado, o qual lhe fez çalema tocando a mão no estrado, e a beijando e pondo na cabeça; o qual falou com o embaixador per outra lingoa per mór estado, dizendo que sua vinda fôsse boa e com saude. Ao que o embaixador se aleuantou, fazendo çalema. O regedor lhe disse: « ElRey manda que fales o que queres. » Então o embaixador se pôs junto do regedor, diante do Badur, e tornou a fazer çalema, e dixe:

« O alto Deos grande, que todos criou, e fez a terra pera todos os »
« viuentes, bem, e saude, salue e guarde tua alta magestade e grande »
« estado, senhor da mór riqueza que nunqua meus olhos virão, posto- »
« que muytos tenho vistos: tu só és sobre todos. » E tirou do seio huma carta de crença, que deu ao regedor, que a vio e dixe que estaua crido. Então dixe: « O grande virtuoso, per virtude do profeta santo Ma- »
« foma, Emperador e Rey em seus reynos, e senhorios do Estambel do »
« grão reino do Dely, te manda çalema, com desejo de vêr em tua pes- »
« soa boa saude, e teu coração com bom amor pera aueres prazer de o »
« teres por amigo, e com amor de irmão pera todolas cousas, fazendo »
« tu seu rogo, que te muyto manda rogar e pedir por parte dos filhos »
« herdeiros do reyno do Sangá e Mandou, os quaes a elle se queixarão »
« e pedirão ajuda de secorro, e dizem que sem causa, nem erro que te »
« fizessem, lhe tomaste seus reinos, com mortes, e roubos, e males, e »
« os tens presos catiuos em ferros, como se forão ladrões, sendo elles »
« principes de seus Reynos per mortes que déste a seus pays. Sómente »

« polos viuos te muyto rogo e peço que com elles faças grandezas de »
« teu grande coração, e por amor de mim, que to rogo, que soltes es- »
« tes principes, restaurados em seus reinos, com que tenhas bom amor, »
« nom te anojando. O que se por meu rogo fizeres tudo o que de mim »
« quiseres, que seja rezão, como isto que te agora peço serey obriga- »
« do fazer por amor de ty, fazendo isto por amor de mim: pelo que »
« antre ambos ficará firmada paz pera sempre, como propio irmão, em »
« quanto fizeres rezão. » E com isto fez çalema, que acabaua sua embaixada.

O Badur em quanto falou o embaixador tinha o rostro vermelho e os olhos que parecião como sangue, e olhou pera o regedor, que respondeo ao embaixador que se fosse embora, que ao outro dia aueria reposta. O embaixador fez sua çalema, e se foy leuado a sua pousada com sua honra. O Badur foy tão agastado que hum pedaço nom falou, e falando com o Mirão, e os seus, nom ouve nenhum que ousasse dizerlhe a verdade do que entendião, temendo sua doudice dos pontos de sua honra; e nom falou, nem tomou conselho da reposta que daria, e ao outro dia mandou dar ao embaixador sua chapa e por escrito esta reposta.

« Grande Mir Bobor, a que Deos faça bem. Ouvy tua messagem »
« sobre os herdeiros do Sangá e do Mandou, ao que te nom respondo »
« porque nom descendes de Reys coroados, como eu, e se agora te co- »
« roaste, * a coroa * tu a tomaste com traição a quem ta tornará a to- »
« mar, que comigo está. Escrauo foste, e nom podes assy falar ante meu »
« estado, sem primeiro tornares o que mal roubaste ao Soltão Alaudym, »
« que de ty me veo pedir justiça * e * comigo está com seus filhos, a »
« que eu ajudarey com mais rezão da que tu tens pera falares palauras »
« como doudo. E logo me partirey, e te vou buscar, por te falar de »
« mais perto, e me achares se me vieres buscar. »

O embaixador leuaua do Bobor o que responderia se o Badur destemperasse em sua reposta, porque lhe tinhão dito de sua doudice. Pera o que leuaua outra crença; e dixe ao regedor que elle tinha reposta de seu senhor pera a reposta que lhe dera o Badur, que lha daria, se quigesse ouvir. O que o regedor dixe ao Badur, o qual disse que fosse e o ouviria; o qual foy ante o Badur, e lhe dixe, fazendolhe suas çalemas, que seu senhor o Bobor, por escusar hir e tornar, lhe dera recado e mandára que nom querendo ouvir seus rogos e tornar os Reynos a seus do-

nos, a qualquer escusa e reposta que lhe désse respondia elle Bobor, que pois elle por seu rogo nom queria o que lhe pedia com direita justiça, a elle compria e era obrigado, assy como lho [1] * mandaua a lei, os ajudar contra elle *; porque pera isso Deos o fizera poderoso pera fazer guardar justiça aos que pouqo podião. E que pois Alaudym e seu filhos lhe pedião ajuda contra elle, que obrigado era ao fazer, pois tinha nome de Rey tão poderoso: «E o que ora faz por estes principes desherda-» «dos, assy o fizera por teu irmão Latifocão, que tu mataste, por te fa-» «zeres Rey como hes. E pois o nom queres por amigo o acharás por» «imigo; e que nom tomes trabalho em o hires buscar, porque elle já» «vem por caminho.»

O que todo ouvido pelo Badur, nom tinha paciencia, e mandou lêr a crença, e vio que o Bobor n'ella dizia: «o que o meu embaixador falar» «elle o fala de minha boca.» O Badur, com muyta ira, disse: «Se a cren-» «ça nom falara o que fala, tua cabeça o pagára. Vayte e tornate, e dize» «ao Bobor que eu leuo em minha companhia o Rey Alaudym, que man-» «do que lhe despeje suas casas, porque eu o hey de hir meter dentro» «n'ellas; e porque nom aja mortes e males nos que nom tem culpa,» «folgaria que com lho eu mandar elle o fizesse.» E deu rica cabaya e peças ao embaixador, que elle nom quis tomar, dizendo que nom era rezão tomar nada, pois ficaua imigo com seu senhor. Então lhe mandou dar, que leuasse ao Bobor, hum torquym de grande andar, com hum chabuqo, que he hum azorrague com que fazem andar os cauallos, e hum açôr, dizendo que folgaria que o Bobor asinha viesse andando como aquelle torquym, e *como* aquella aue voaua. Com o que despedio o embaixador, que o Badur *mandou* leuar per hum capitão até o pôr seguro fóra do Reyno, porque lhe nom fizessem mal na terra; porque lhe chegára noua que mogores entrarão nas terras do Mandou, e tomarão huma forteleza pequena, de que leuarão roubo e catiuos.

Tanto que o Badur despedio o embaixador apercebeo suas gentes, que tinha muy prestes, com que em dez dias ajuntou cento e vinte mil de cauallo e tresentos mil de pé, em que auia oito mil espingardeiros, e duas mil bombas de fogo, que são canudos de ferro que correm polo chão muy foriosos a todas partes com temeroso estrondo, e oitocentos alifan-

[1] * mandaua allee os ajudaria contra elle * Autogr.

tes de guerra, e mil tiros d'artelharia, em que auia cem peças grossas, e quatro mil cauallos concertados, que arrojauão esta artelharia toda encarretada, e sessenta mil carretas, e camellos pera leuar as monições e fardagem dos bombardeiros; o que todo regia Rumecão, que era capitão d'artelharia, e Cojeçofar da sua mão, que tudo fazia o Badur. Deu a capitania dos portugueses e francezes a Rumecão, com seus setecentos rumes, e os arrenegados erão setenta. E com este exercito bem ordenado partio o Badur, e foy ao Mandou, e assentou o arraial em hum campo, em que o Mirão era capitão mór do campo, e o Badur sobio á serra, que mandou muyto bem concertar, e recolher os mantimentos, que estiuessem bem gardados. Então foy seu caminho pera o Sangá, e fez corredores, que fossem descobrindo as terras do estremo do Dely, de que fez capitão o principe Alamó, filho do Rey Alaudym, a que deu doze mil de cauallo e vinte mil de pé, e mil espingardeiros, e elle valente caualleiro, que foy com esta gente bem ordenada, leuando espias diante, que tomarão outras espias que andauão espiando tambem as terras, das quaes soube que o Bobor mandára hum capitão com gente a recolher o gado e gentes de toda a terra pera dentro do Reyno, per'as cidades; o que sabido por Alamó, tomou muyto esforço pera hir buscar este capitão, e falou com os de cauallo, que todos erão dos seus e de seu pay, os amoestando e esforçando pera que elles fizessem como escusassem o Badur, se pudesse ser; e com muyto esforço buscando este capitão, entrou polo Reyno do Dely, e andarão dous dias sem achar que fazer. Do que Alamó mandou recado ao Badur, que ouve prazer, e praticando alguns lhe dixerão que Alamó era bom caualleiro, e fraqo capitão pera mandar gente. Pelo que o Badur logo mandou outro seu irmão, valente mancebo, chamado Tartacão, que lhe gabarão que era homem pera tudo, o qual mandou com oito mil de cauallo, e cem peças d'artelharia miuda, com cem alifantes, e muyto dinheiro pera o gasto que comprisse e pagar á gente; e que chegando onde estiuesse Alamó se entregasse de toda a gente e mandasse tudo. 'O que Alamó obedeceo, e tudo lh'entregou. Do que o Tartacão tomou muyta fouteza, vendo a honra que lhe daua o Badur, que nom confiára de seu irmão, e determinou fazer alguma boa sorte de que o Badur ouvesse prazer.

O Badur foy seu caminho a Chitor, que achou muy aprecebido com muyta gente, onde estaua a Raynha Sangá com seus filhos, esperando pelo socorro de Bobor, que lhe tinha prometido. O Badur cerqou a for-

teleza toda em roda, em tal maneira que cousa nom podia entrar nem sayr, e mandou assentar muytas estancias d'artelharia com que combatia por todas partes, e * daua * fortes combates. Ao que os de dentro muyto se defendião, com fauor de muytos mogores que dentro estauão, que erão os que fizerão a entrada no Mandou; mas a muyta força d'artelharia derrubou hum lanço do muro, a que os de fóra nom ousauão chegar, que muyto temião o pelejar dos de dentro. Era aquy com o Badur hum cunhado do Bobor, que se fôra pera o Badur porque o Bobor lhe tomára por força huma sua irmã muy estreme em fremusura, e pelo contentar lhe prometeo de o fazer Rey de humas * terras * e lho comprio; mas elle queria tanto á irmã, que estaua muy anojada por estar com o Bobor contra sua [1] * vontade, que elle * recolheo seus amigos [2] * e parentes, e fez * quatro mil de cauallo, muy luzida gente, com que se foy pera o Badur pera o seruir, e chegou a Champanel em despedindo o embaixador, que muyto trabalhou polo tornar pera o Bobor, o que elle nom quis fazer, e falando ao Badur que o queria seruir n'este caminho com sua gente, o Badur o recebeo com honra, porque o Rey Alaudym lhe dixe que lhe falaua verdade. O Badur lhe fazia mercê de dinheiro pera pagar sua gente; elle o nom quis tomar, dizendo que dentro no Dely auia de tomar com que os pagasse e vingasse sua honra. Com que o Badur muyto folgou, porque vio sua gente muyto boa e bem armada de laudeys de laminas, e capacetes, e gorriões, e braçaes, e nos cotouellos esquerdos humas rodellas d'aço luzentes, como hum broquel, com que se emparauão ás frechas e golpes pelejando, e todos grandes guerreiros d'arqos troquisqos, de que são muy ligeiros e certeiros no tirar, que he a mór peleja que fazem.

E pois sendo aquy o muro derrubado, que nom ousaua ninguem de sobir e entrar, disserão ao Badur que mandasse entrar este cunhado do Bobor, porque era valente caualleiro, e esperimentaria se fielmente pelejaua, porque elle * e * os seus sempre se auantejauão em falar na guerra, auantejandose dos guzarates; ao que o Badur o mandou chamar, e lhe disse que lhe daua a honra da dianteira; que com os seus fosse entrar na serra, e se quigesse tomasse do arrayal quanta gente quigesse. Ao que lhe o mogor fez grande çalema, dizendo: «Senhor, os meus» «hirão comigo; os outros nom posso mandar.»

[1] * vontade mas elle * Autogr. [2] * e parentes que fez * Id.

Alaudym era presente, e se conuidou ao Badur pera sobir; o que o Badur nom consentio, dizendo que sua vida nom pusesse em perigo, senão quando pelejasse com o Bobor pera lhe cortar a cabeça. E estandose a gente ordenando pera esta entrada, chegou noua ao Badur que o Tartacão entrou polas terras do Dely, fazendo grandes males. Ao que o Bobor mandou acodir pelo seu filho casado, com boa gente, que fosse diante, em quanto elle com muyta pressa se ficaua [1] * arrancando * a gente da cidade d'Agrá, polos muy apressados recados que lhe mandaua a Raynha Sangá, [2] * polo * aperto em que a tinha o Badur. O Bobor mandou seu filho com boa gente que buscasse o Tartacão, e lhe trouxesse a cabeça d'elle ou sobre isso morresse; o qual foy com quatro mil de cauallo e dez mil de pé, e foy buscar o Tartacão, leuando suas espias diante, que lhe tornarão com auiso onde o Tartacão estaua; o que o mogor foy vêr por sua pessoa, e achou bom lugar em que podia esconder gente em cilada, que era duas legoas do arraial do Tartacão. Ao que se tornou, e de noite foy meter quatro mil homens de cauallo em duas partes, porque nom sabia por onde poderia leuar os guzarates; o que bem concertou. Então ao outro dia, com a outra gente que tinha foy amanhecer á vista do arraial do Tartacão, leuando diante cento e vinte de cauallo, corredores, que mandou que fossem trauar escaramuça com os do arraial, pera que sayssem os guzarates desordenados; e que chegando á vista do arrayal se fizessem espantados, e estiuessem quêdos, que nom fossem áuante; e que como vissem que sayão a elles, sem agardar, fogissem pera trás. O que elles souberão tão bem fazer que os do arraial, auendo vista d'elles, derão gritas com grandes aluoroços. Ao que sayo Tartacão da sua tenda, e sayndo á porta a vêr o que era, cayo huma bandeira que tinha sobre a tenda, e lhe cayo sobre a cabeça: do que os seus que com elle estauão tomarão grande agoiro, que lhe disserão que se tornasse á tenda; mas elle, nom dando por isso, caualgou á pressa e foy após os mogores que hião fogindo; e após elle sayo muyta gente, correndo quanto podião por chegar aos mogores, os quaes, como homens sabidos, hião fogindo e ás vezes voltando, pelejando hum pouquo porque os guzarates chegassem; e tornauão a fogir, sempre tirando com seus arqos muy fortemente. Com a qual enuolta forão dar com a outra gente em

[1] * arrando * Autogr. [2] * po * Id.

hum campo limpo; ao que os guzarates mostrarão grandes prazeres, com gritas e tangeres, vendo tão pouqa gente, que com muyta vontade os forão cometer muy fortemente, muy desordenados, cada hum como podia. Os mogores se ajuntando se forão retraendo pelejando, fengindo que nom podião mais, até se meterem além das ciladas, deitando a fogir sem voltar, e os guzarates após elles gritando, seguindo vitoria até serem passados mea legoa além das ciladas; ao que então os mogores fizerão rostro, dando gritas, pelejando fortemente; com que ouve detença, que chegarão todos os guzarates. O que vendo as espias das ciladas, derão grita, ao que tambem gritarão e tangerão os das ciladas que erão nas costas dos guzarates, o que ouvido por elles logo ouverão grande espanto, olhando pera trás, que virão os mogores que sayão nas suas costas, e os que tinhão diante, que pelejauão muy brauamente. Ao que o capitão dos mogores se pôs em outro cauallo; tomando huma lança se meteo antre os guzarates, e buscou o Tartacão, que o vendo o ferio da lança, que logo o derribou morto antre os seus, que o virão; com que nom tiuerão mais forças, nem pelejauão, com grande medo, mas se puserão em fogida quanto podião. Os mogores os topando nom fazião detença, senão seguir áuante por alcançar os dianteiros, a que nom dauão vida a nenhum indaque se rendia, com que chegarão ao arraial, em que os mogores se detiuerão, e os guzarates tiuerão espaço de fogir os que escaparão, porque se çarrou a noite, e os mogores repousarão no arraial, em que acharão grande despojo de muyto dinheiro, que o Tartacão tinha pera pagar a gente. Com que a outro dia se tornarão, onde acharão o Bobor, que a todos fez muytas honras, sómente tomou os alifantes, e artelharia, e monições.

Os guzarates que d'aquy escaparão, que leuauão as nouas, hião tão assombrados que contando tremião, olhando pera trás se vião mogores: de que os guzarates tomarão grande agoiro.

O que sendo contado ao Badur foy muy triste, e de grande paixão dous dias nom sayo da tenda, nem mandou cometer a entrada do muro, que já estaua ordenada; e ajuntou os grandes em sua tenda, com que fez conselho. Esto foy sentido polos da forteleza este mouimento, e sabendo a causa logo o escreuerão ao Bobor.

Juntos os capitães na tenda do Badur, elle falou a todos, dizendo a grande magoa que tinha pola morte de Tartacão e de tão boa gente, de que todos deuião de ter muyto pesar, dobrando as forças pera tomar grande

vingança, a qual esperaua auer com muyto prazer, com ajuda de todos, que confiaua que lhe todos farião como sempre fizerão, com que tinha ganhada tanta honra, com tanto acrecentamento do Reyno de Cambaya, ganhando outros que a elle ajuntara, com que o fizera tamanho como estaua, trabalhando por elles como bons amigos; e que pois já tinhão ganhado como consentião que tanto durassem huns pouqos de mesquinhos, que ally estauão escondidos metidos detrás das paredes, que erão derribadas, sem forças pera se defender? Pelo que lhes rogaua, como amigos, que logo acabassem o que tinhão começado, pera logo hirem tomar vingança dos que matarão o capitão Tartacão e tanta boa gente; e que se lhe a elles parecesse que deuia fazer outra cousa que o falassem, porque elle nom faria senão o que a todos parecesse bem. Estaua no conselho hum capitão, homem velho, bom caualleiro, a que os do conselho rogarão que por todos respondesse, que se chamaua Mallorcão, o qual se aleuantou fazendo çalema ao Badur, dizendo: «Senhor, o teu man-» «dado he sobre nossas cabeças. Todos estamos prestes pera trabalhar» «até morrer, e por tanto o que está ordenado logo se faça, e este bom» «capitão mogor, que escolheste antre tantos bons, vá cometer a entra-» «da, por tirar sospeitas; que nom he de crêr que a este lhe nom pese» «o mal de seus parentes e amigos, com que nós auemos de pelejar. Elle» «com os * seus * vá diante, e nós após elle; e faremos o que puder-» «mos.» O que a todos contentou o que o velho disse, e muyto mais ao Badur, que logo fez vir o capitão mogor cunhado do Bobor, e disse que na muyta confiança que seu coração tinha n'elle lhe nom podia tirar a honra, que lhe tinha dada, da entrada da forteleza, que seu coração lhe dizia que elle lhe auia de dar prazer; e por tanto que fosse com sua gente, e após elle hiria o Rumecão com os portugueses e seus rumes, «e eu em pessoa hirey vêr tua grande valentia.» O mancebo fez grande çalema ao Badur, dizendo: «Senhor, eu morrerey muyto honrado, mor-» «rendo ante tua alta pessoa.» Então o Badur mandou tanger seus atambores, ao que a gente se pôs em ordem, e cometerão a sobida, hindo o mancebo diante de todos, sem nunqua abaixar a cabeça aos muytos tiros e frechas que vinhão sobre elle; e foy até entrar o muro, onde foy encrauado de muytas frechas e pedras, que chouião sobre elle e sobre os seus; e o Rumecão após os portugueses, que deitou diante, que seguirão após os mogores. Com que entrarão, em que alguns forão mortos

onde a peleja foy muy forte, mas, morrendo muytos, forão entrados, e mortos muytos do Badur, porque entrando nas primeiras ruas arrebentarão minas de poluora que os imigos tinhão feitas, com que matarão muyta gente, e mórmente em humas casas onde tinhão metidas todas as molheres e filhos, que estauão minadas com materiaes de fogo, que arrebentou com tão espantoso terramoto que foy cousa medonha de ouvir, que antes quiserão ally matar as molheres e filhos, antes que serem catiuos dos guzarates. A Raynha Sangá, vendo entrada a forteleza, ella com seus filhos, e alguns seus capitães, se saluou per huma mina sécreta que tinha feita pera isso, e se foy acolher a outra sua forteleza, onde já tinha saluo seu tisouro. No feito d'esta forteleza perdeo o Badur passante de dez mil homens, e da familia e gente da forteleza * se perderão * mais de trinta mil almas, e muy grande roubo nas casas da Raynha, que se tomou pera o Badur, que passou mais de hum conto d'ouro em dinheiro e riqas cousas.

Sendo a forteleza tomada, chegou noua ao Badur que o Bobor vinha com sua gente escoteira, a todo andar quanto podia. Polo que o Badur deu pressa, e deixou na forteleza hum capitão com doze mil homens, e artelharia, e todo o necessario, e se partio com seu arraial, caminhando pera o Mandou, pera ahy no campo pelejar com os mogores. A detença que fez o Bobor, com que nom póde acodir á forteleza, foy porque, estando prestes pera partir, lhe deu hum acidente com que ouvera de morrer; polo que fez aleuantar por Rey seu filho, este que matara o Tartacão, que se chamaua Hymaão [1], a* o * qual fez jurar ante os seus que faria a guerra ao Badur até lhe fazer restituir os Reynos do Sangá e Mandou aos seus principes herdeiros: o que assy feito em tres dias morreo. O Rey nouo com breuidade sepultou o pay, e fez alardo de sua gente, em que achou corenta mil de cauallo, mogores e turquymães, e sessenta mil de pé; e dos resbutos e delys escolheo outros corenta mil de cauallo, e nom quis leuar mais gente de pé, que muyta pudera leuar. E com esta gente logo partio, e mandou diante hum seu irmão mancebo, com quatro capitães e doze mil de cauallo, corredores, que andassem quanto pudessem, por alcançar o Badur, que já sabia que se hia pera

[1] Chamam-lhe Sultão *Mahū* na citada *Relação Ms.;* Omaum Patxiah em *Barros*, Dec. IV, Liv. VI, Cap. IV; e *Hamau* Paxá, em *Couto*, Dec. IV, Liv. IX, Cap. V.

o Mandou, pera que lho fizessem deter. Estes andarão á pressa, com que alcançarão a fardagem do Badur, em que derão, e tomarão muyta d'ella, sem ninguem lho defender. O que sendo dito ao Badur, cuidando que o Bobor já chegaua, andou até chegar a hum grande tanque junto de huma ribeira, onde assentou seu arraial, que fez redondo, e o cerqou de muy grande caua, e da terra cerqou com valados como largos muros, em que assentou toda sua artelharia em muytas estancias, com sua espingardaria, e fez estancias, e repartio as capitanias, e per dentro pôs as carretas encadeadas, e tudo muyto fortificado, e repartio a gente polas estancias, em que achou oitenta mil de cauallo e cento e trinta mil de pé; e mandou recolher no arraial [1] * quanto mantimento * se achou pola terra ao redor. Mas os senhores das terras, vendo assy o Badur metido * e * ençarrado em arraial, e que vinhão os mogores, nom lhe quizerão dar os mantimentos, antes pelejauão, e matauão os que os hião buscar; o que sabido polo Badur ouve muyto medo á falta dos mantimentos, e mandou hum capitão com quatro mil de cauallo a buscar mantimentos, ao qual sayo hum capitão mogor e o desbaratou, e correo após elle até vista do arraial, a que nom ousou chegar por caso d'artelharia. Com que do arraial nom ousou sayr ninguem; com que os mogores erão senhores do campo, cometendo o arraial por algumas partes que nom auia artelharia; e postoque ás vezes os do arraial ficauão com a vitoria, nem por isso perdião o medo do mal que esperauão. Ao que chegou o Mogor com seu arraial, que chegando á vista dos guzarates derão grandes gritas, com muytos tangeres, que fez grande espanto aos guzarates; e o Mogor assentou sua gente ao redor do arraial onde nom chegaua artelharia, determinando matar os cerquados á fome tolhendolhe os mantimentos. O que vendo o Badur, entendendo a tenção do Mogor, ouve seu conselho a dar nos mogores, o que assy pareceo bem a muytos, mas o Rumecão disse que não, pois estauão fortes e muy seguros dos imigos, e estauão já em março, que era o começo do inuerno n'aquella terra, que como chouesse logo se alagaua toda a terra, com que de força os mogores se auião de recolher; ao que então sayrião a dar n'elles, e lhe farião muyto mal, porque os mantimentos que tinhão abastarião até mayo, que he já meo inuerno passado. O que pareceo bem a muytos, mas o Mirão, e o

[1] * quantos mantimentos * Autogr.

capitão velho, e o regedor, e Meliqueliaz, forão contra isso, dizendo que nom esperassem; que a mais certa saluação que tinhão era logo auer concrusão com os imigos, porque soffrendo estar cerquados morria o coração ás gentes e crecia a fome, e 'os imigos lhe crecia o coração; e mais que no arraial nom auia mantimentos pera hum mês. «E posto-» «que os possamos hir buscar, a terra he contra nós; e por tanto o mi-» «lhor era logo dar nos imigos, e façamos caminho, gardando nossa far-» «dagem. Porque estando nós aquy ençarrados, como ouelhas, nossos» «imigos tem dobradas forças.» Sobre o que, auidos muytos debates, nom assentarão em nada, e gastando o tempo em algumas escaramuças se foy sentindo falta nos mantimentos, com que os alifantes com fome dauão grandes bramidos, em modo que os começarão a matar e comer, e aos cauallos, e muytos que morrião, em que auia grande trabalho da gente [1] *os* meter debaixo do chão, por amor do fedor que mataua a gente. No qual tempo fogirão quatro portugueses pera os mogores, e hum d'elles, que era bombardeiro, concertou hum tiro, que mandou o Mogor, e tirou ao arraial apontando na tenda do Badur, que deu junto com ella, e emendou, e com outro tiro rompeo parte da tenda e matou hum seu page, estando o Badur em sua oração, que meteo muyto medo ao Badur, e o Rumecão disse ao Badur que os portugueses que fogirão erão os que fazião aquillo. Ao que o Badur nom atentou com a toruação que tinha, que se o atentara logo todos mandara matar, que a este fim o Rumecão os acusaua.

Os mogores estauão descansados, porque tinhão os mantimentos da terra e sabião a fome que padecia o arraial. N'este tempo o Rumecão se concertou com o Mogor pera se passar pera elle. Do que o Rumecão andaua muy dessimulado, por *que* sentio que o Badur trazia vigias n'elle, e pera se segurar com o Badur fez que huma noite se forão vinte rumes pera os mogores; do que forão dar rebate ao Rumecão, que estaua em outra estancia, ao que acodio muyto iroso, e com hum traçado matou e ferio alguns rumes. E sendo dito ao Badur da fogida dos rumes acodio com homens da sua guarda pera matar o Rumecão, e chegando á estancia, que o vio que andaua matando e ferindo os outros pelos que fogirão, fiqou muyto contente, e perdeo toda sospeita que n'elle tinha, dan-

[1] *o* Autogr.

dolhe agardecimentos do que fizera, e tornouse á sua tenda. O Rumecão, por mais dessimular, concertou huns tiros grossos contra os mogores, em que meteo materiaes com que alguns rebentou apontando nos mogores, o que lhe ninguem soube entender. No arraial auia grande fome, com que o Badur se vio em grande agonia vendo que seu mal mais crecia; pelo que ouve acordo com os seus, determinando aleuantarse e se hir pera o Mandou, leuando diante a fardagem e familia do arraial. Sobre o que ouve debates porque de primeiro o nom fizerão quando o disse o Mirão, mas que agora, ao recolher de tamanho arraial, primeiro que se metessem em caminho auia de ter a batalha com os mogores. Pelo que em nada assentarão; pelo que o Badur de noite falou com o Mirão, seu sobrinho, que se ordenasse como saysse do arrayal, e se fosse a Champanel, e pusesse a bom recado suas molheres e tisouro, que tudo entregasse a sua mãy, que com tudo se fosse pera Dio. Pera o que lhe deu chapa de todolos poderes, como elle em pessoa. O que todo consultado antre o tio e sobrinho, ao outro dia o regedor, que era bom caualleiro e bom homem do campo, o Mirão em grande segredo lhe descobrio que o Badur queria fogir, e sayndo o Badur fóra ao outro dia, o regedor lhe dixe presente todos: «Senhor, que fazemos? que temos muyta e boa» «gente! Sayamos fóra, e ordena as batalhas com estes bons capitães» «que tens, e toma tu a primeira batalha, com a milhor artelharia e a» «fardagem depós ty, e eu ficarey detrás com o restante da artelharia» «e a fardagem em meo, que eu me atreuo a todo saluar em quanto as» «outras batalhas romperem. E quando vires que os teus nom podem com» «os imigos, então, que já estás no campo, então farás o que quizeres,» «e nós hirnoshemos recolhendo o milhor que pudermos a outro lugar,» «e já nom dirão os nossos imigos que nos tomarão em curral, como ga-» «do; porque grandes Reys polo mundo com grandes exercitos perde-» «rão o campo.» Ao que o Badur lhe respondeo que lhe parecia bem o que dizia; que n'isso queria auer comsigo seu acordo, e faria o que lhe milhor parecesse.

E sendo noite mandou ao Mirão que tomasse a vigia do quarto da modorra; o que assy fez, que ao quarto caualgou, e o Badur mandou caualgar vinte capitães, que fossem com o Mirão e o leuassem até fóra do arraial, todos armados em cauallos corredores. O que assy se fez, e sendo já todos fóra, o Badur deu a guarda ao regedor, que roldasse o

arraial; e o Badur se meteo em sua tenda, e vestio huma saya de malha, e se vestio em vestidos differentes, e sobio em hum bom cauallo, e mandou per hum page dizer a certos capitães que se armassem e caualgassem, porque auião de sayr a recolher mantimentos que lhe trazião, os quaes assy o fizerão, e se forão á tenda do Badur, e elle mandou recado a Rumecão, que tinha a guarda da porta, que deixasse sayr aquelles de cauallo, que hião recolher mantimentos: o que elle assy fez. Antre os quaes o Badur se meteo assy deferençado, que os mesmos o nom conhecerão, porque tambem com elles sayrão dous mil de cauallo. O Badur leuaua comsigo hum homem de guia, que muyto bem sabia os caminhos. O Badur sayndo tomou o Rumecão pola mão, e * o * fez caualgar, que sempre tinhão os cauallos sellados, e o leuou comsigo, e sendo fóra andou tomando hum rodeo, e andou tanto que o nom puderão aturar senão pouqos d'elles, que no caminho se ouverão de perder, caminhando per' o Mandou.

Sendo o quarto d'alua rendido, que forão á tenda do Badur pera lhe fazer a çalema e acharão que era fogido, aleuantarão grandes brados e gritos, com grande ounião, cada hum buscando remedio de saluação da vida. Ao que acodio * o * regedor, que se chamaua Comadacão, o qual se armou e pôs a cauallo, e ajuntou toda a gente, determinando de pelejar. Polo que todos lhe obedecerão, e com elle se juntou Meliqueliaz, dizendo que com elle morreria, pois ElRey os desamparára. O velho pôs guarda nas portas do arraial porque a gente nom saysse: no que auia grandes gritos e brados, do que os mogores auendo sentimento, com grandes alaridos forão sobre o arraial, em que acharão fraqua resistencia, porque os capitães nom podião ter a gente, que toda fogia polos campos, e os mogores entrarão no arraial, em que nom dauão vida a nada, que tudo matauão: o que sabido do Mogor defendeo que nom matassem; então se acuparão no roubo do despojo, que foy grande. O Mogor mandou gente de cauallo seguir o alcanço, em que matarão muyta gente, que nom pelejaua e se deitauão no chão, onde os matauão: em tal maneira que vinte mogores prendião mil guzarates de cauallo, e os atauão e leuauão como ouelhas. Quis a fortuna que matando hum guzarate gordo com as tripas rotas d'ellas lhe sayo aljofar, que comera polo esconder; polo que nom dauão vida a nenhum, buscandolhe as tripas, em que em muytos * o * achauão; e seguirão o alcanço até noite, em que no campo e arraial mor-

rerão mais de oitenta mil almas. O Mogor achou grande riqueza no aposento do Badur, que pera elle sómente se tomou, como tem por seus costumes o capitão tomar o despojo do capitão e as monições do campo; pelo que o Mogor recolheo 'artelharia e os alifantes, e se aposentou no arraial, esperando até saber noua do Badur.

O qual sayndo cóm a gente caladamente foy ter com os mogores que tinhão o cerquo, e como era escuro a reuolta foy grande; mas os guzarates, nom se detendo em pelejar senão fogir por se saluar, cada hum desapareceo por onde póde. Os mogores nom os seguirão, por se nom desordenarem, que nom sabião se abalaua todo o arraial. Na qual enuolta o Badur se colheo em seu cauallo, que era muyto corredor, com que se auantejou de todos, sómente cinqo que seguirão o caminho, e chegarão com elle ao Mandou, perdidos de andar tres dias e tres noites. O qual se meteo na forteleza do Mandou, que pôs em boa guarda.

CAPITULO LVII [1].

COMO O BADUR MANDOU SOLTAR DIOGO DE MESQUITA, E OS OUTROS CATIUOS QUE ESTAUÃO NA SERRA DE CHAMPANEL, E PER ELLES MANDOU CHAMAR O GOUERNADOR QUE O SECORRESSE.

O Badur, como chegou ao Mandou, escreueo cartas ao Gouernador, lhe muyto rogando que se fosse a Dio com todo seu poder pera lhe dar ajuda contra os mogores, e por isso lhe daria forteleza e quanto quigesse, e quanto isto mais [2] * asinha * fizesse saberia quanto era seu amigo. E mandou esta carta por hum pião a grã pressa, que a leuou ao capitão da serra de Champanel, a que mandou que logo soltasse Diogo de Mesquita e os outros portugueses que com elle estauão, e os mandasse a grã pressa ao Gouernador com aquella carta, e lhe désse dinheiro pera o caminho e piães que os leuassem. O qual recado sendo dado ao capitão, [3] * elle o fez * com muyta diligencia, porque o Badur, per conselho e rogos de sua mãy, tinha postura em seu Reyno que todo o que elle mandasse pera bem fazer logo fosse feito com muyta breuidade, e o que mandasse pera mal fazer se nom fizesse sem elle primeiro o mandar tres ve-

[1] E' o LI no original. [2] * sinha * Autogr. [3] * o que elle fez * Id.

zes, e isto se comprisse por todolos modos que fosse; porque fazendo o contrairo, indaque elle mandasse em pessoa, morreria quem o fizesse. O que a mãy assy fez por conhecer a condição do filho, que era supito em suas cousas, e quis que os bens fossem logo feitos antes que o Badur se tornasse 'arrepender, e quis que se nom fizessem os males, espaçando o tempo, em que o Badur se esfriaria de o mandar fazer. O que muyto folgou o Badur com este conselho de sua mãy, porque conheceo de sy ser acelerado em sua paixão, e mandaua muyto que se comprisse, por *que* muytas [1] *cousas mandaua* de mal fazer e se rependia, e folgaua de nom serem feitas. Polo que o capitão logo soltou os presos, que foy em junho de 535, e lhes deu boa casa, e vestidos, e seruidores, e largo dinheiro pera seu gasto, que erão sete com Diogo de Mesquita, que estauão taes que se nom podião bolir, mas mostrauão esforço, pera que os mandassem; ao que chegou outro muy apressado recado do Badur que logo os mandassem. O capitão contou aos nossos o trabalho com que o Badur os mandaua ao Gouernador; ao que Diogo de Mesquita prometeo que tudo faria como se lhe fôra mandado por ElRey de Portugal, o que assy affirmarão todos que farião; mas porque estauão fraqos per caminhar o capitão os deteue alguns dias, dandolhe muytos bons comeres pera esforçarem; e trazia Diogo de Mesquita em hum andor, mostrandolhe a forteleza, pedindolhe conselho. Ao que Diogo de Mesquita emendou as bombardeiras, tapando humas, e abrindo outras, e assentando artelharia, que na forteleza auia cento e trinta peças; e em tudo lhe deu boa ordem pera sua defensão.

N'este comenos chegou á serra o Mirão, sobrinho do Badur, com muyta pressa, porque os mogores erão já chegados sobre o Mandou; polo que recolheo as molheres do Badur, e todas as outras dos grandes senhores, que o Badur quando partio mandou a seus maridos que as deixassem agasalhadas com as suas. O que o Badur fazia por mais segurar seus capitães, que sempre onde ficauão suas molheres mandaua ficar as molheres e filhos meninos dos seus capitães que hião [2] *com elle, com as suas*, e com sua mãy, e tysouro que tomára ao Madremaluco, que erão cento e vinte cofres de cobre pregados, e dentro em cada hum tresentos mil pardaos d'ouro, e afóra este mais outro tanto duas vezes, que

[1] *cousas que mandaua* Autogr. [2] *com elle as quaes com as suas* Id.

se nom leuou por ser moedas de prata, e hum cofre com mil adagas d'ouro, e outro cofre de pêso de quatro quintaes d' [1] *aljofar* e perolas. Todo isto o Madremaluco tirara de hum tisouro, o somenos de tres muy antigos que auia no Reyno, dos Reys passados, que estauão soterrados, de que ninguem sabia senão ElRey e o regedor. Com o qual tysouro em carretas, e as molheres com a mãy d'ElRey, o Mirão se partio pera Dio; e o Mirão leuaua recado que se os mogores fossem a Dio, antes de chegar o Gouernador, elle com tudo se pusesse em saluo no mar.

O Mogor, auendo noua que o Badur era no Mandou, despedio á pressa quatro capitães que o fossem cerqar, e elle recolheo o arraial e despedio muyta gente que se tornou pera o Dely, e elle com a outra foy caminhando pera o Mandou, onde chegado cerqou a serra e a combateo fortemente com vinte mil homens que tinha, onde o Rumecão ouve concertos com o Mogor que combatendo huma porta o Rumecão acodio com sua gente a defender, em que pelejou logo contra os do Badur e se passou pera o Mogor, que lhe fez bom gasalhado; o qual logo fez seruiço, mudando as estancias d'artelharia pera outros lugares, de que fazia muyto mal á serra, que isto olhara elle primeiro que fogisse. Do que o Badur andaua doudo de paixão, nom se fiando de ninguem. Era aquy guarda de huma porta hum filho do Saladim que esta serra dera ao Badur, o qual filho se tornou de Rusena pera o Badur com muyta gente, e se meteo em seu seruiço. Este fez o Badur aquy guarda de huma porta quando se foy; o qual tambem se concertou com o Mogor, e huma ante menhã lhe deu entrada pola mesma porta *por* que seu pay Saladim dera entrada ao Badur. Entrando a gente ouve sentimento o Badur, que nom dormia, e sendolhe dito que os mogores entrauão elle caualgou com cinqo capitães que com elle estauão, e sayo da serra por huma porta secreta, que elle com muyto segredo mandára fazer pera quando lhe comprisse. Ao que, auendo grande reuolta, acodio o Rey Laudym, e seu filho Alamó, e o mancebo cunhado do Bobor, com que se ajuntou a gente, que fizerão grande resistencia aos mogores; mas, como erão muytos, foy morto Alamó, e o cunhado do Mogor muyto ferido, que com muyto trabalho se saluou. Os mogores nom deixauão cousa viua; o que o Mogor defendeo com pregões que nom matassem senão os que pelejassem, e nom catiuassem,

[1] *aljoar* Autogr.

e deixassem hir a gente liuremente roubados. E o Mogor mandou queimar os mortos, que erão muytos, por nom federem, e mandou que os capitães e pessoas nobres que achassem mortos, os seus e suas molheres lhe fizessem seus enterramentos com seus costumes, e que ninguem lhe fizesse mal, e lhe mandou dar o que pera isso auião mester. A gente que hia fogindo d'aquy do Mandou os mesmos da terra os matauão pelos roubar, e mórmente os guzarates gordos, porque ouvirão que lhe achauão dinheiro nas barrigas, e n'elles se vingauão, lembrandolhe os males que de primeiro lhe fizerão quando o Badur tomou o Mandou.

CAPITULO LVIII [1].

COMO O BADUR FOGIDO DO MANDOU CHEGOU A CHAMPANEL, E FALOU COM DIOGO DE MESQUITA, QUE MANDOU A DIO EM COMPANHIA DE SUA MÃY, PERA D'AHY HIR EMBARCADO CHAMAR O GOUERNADOR.

O Badur chegou a Champanel com cinqo de cauallo, tal que nom parecia seu rostro, senão de homem morto com sua muyta paixão, onde a mãy com elle fez grande pranto de o vêr tal, a que elle consolou com palauras d'homem de bom coração, dizendo que de proue pedinte a fortuna o fizera grande, e que ella fortuna o tornára 'abaixar como ora estaua; que no mundo auia tantos males como bonanças, que andão rodeando a vida do homem até que acaba a vida, e a morte o toma, alto e baixo, assy como acerta de o tomar; mas em quanto tinha vida após a fortuna vinha a bonança, e por isso nom se desconsolasse em quanto elle fôsse viuo. O capitão da serra lhe deu conta do que Diogo de Mesquita lhe ordenara e concertara depois que os soltara, os quaes o Badur mandou vir, e falou com Diogo de Mesquita contandolhe seus trabalhos, e que lhe muyto rogaua, e n'elle confiaua que o tinha em conta de bom homem, que com muyta pressa fosse chamar o Gouernador que o viesse secorrer n'este trabalho, aindaque nom sabia quejando o Gouernador teria seu coração, «e o nom faria, porque hum mal sempre traz outros» «muytos contra hum malafortunado como eu ando.» Diogo de Mesquita lhe disse: «Senhor, n'isso nom duvides, que se o Gouernador o nom»

[1] No autographo é o LII.

«fizesse, ElRey por isso dentro em Dio lhe mandaria cortar a cabeça,»
«se te nom acudisse com todas forças a te dar 'ajuda que lhe pedes;»
«mas sabe por certo que o Gouernador virá, per debaixo do mar, com»
«toda' presteza que for possiuel, com quanto poder tiuer, tanto que vir»
«teu recado e o tempo lhe der lugar.» O Badur lhe perguntou quanta ajuda lhe podia dar o Gouernador; porque elle auia mester dez mil homens; pera o que lhe mandaria tanto dinheiro quanto elle quigesse pera as despezas. Diogo lhe respondeo: «Senhor, o Gouernador bem te podia tra-»
«zer dez mil homens de guerra, se ouvesse tempo pera os ajuntar; por-»
«que ElRey de Portugal tem na India mais de vinte mil, que estão re-»
«partidos polas fortelezas, em que estão d'assento nas fortelezas na ter-»
«ra, e outros andão em armadas guerreando polo mar: sómente com»
«a pessoa do Gouernador podem andar até cinco mil homens, tão en-»
«sinados no pelejar que postos em hum campo com suas armas estarão»
«quêdos, e vinte mil de [1] *cauallo* os nom entrão. A perda, senhor,»
«que recebeste, nom foy se nom por falta d'homens velhos entendidos»
«na guerra, que se os tiueras, que tua gente bem ordenarão, com tanta»
«artelharia que trouxerão bem ordenada, andáras hum mês caminhando»
«sem te poderem entrar cem mil de cauallo.» Dandolhe a entender como auia de leuar as batalhas ordenadas com a vantaguarda e retaguarda, e as batalhas das alas, e 'artelharia na guarda, e fardagem em meo; o campo, feito onde quer que assentassem pera dormir, ficasse como arraial forte, rodeado d'artelharia: e n'esta ordem caminhando nom lhe fizerão o mal que lhe fizerão. O que o Badur muyto folgou de ouvir, confessando que por máo arranjo se perdera; perguntando que se mandasse dinheiro a Portugal pera' gente se ElRey de Portugal a mandaria vir. Respondeo Diogo de Mesquita: «Por dinheiro não, sómente por ami-»
«sade.»

O Badur folgou de falar com Diogo de Mesquita, porque elle já sabia falar guzarate, que o aprendera na prisão, e era homem auisado, a que o Badur perguntou muytas cousas de que lhe deu boa rezão, conforme a lhe dar consolação e prazer, e o muyto certificando no secorro do Gouernador, porque, se muyto lhe durassem os imigos do Reyno, tiuesse por certo que o Gouernador apanharia todolos portugueses que erão

[1] *cavo* Autogr.

por todolas fortelezas, e todos lhe leuaria, e com elles andaria na guerra. Com que o Badur foy muyto satisfeito, e lhe tomando juramentos que logo lhe tornaria com reposta, o mandou logo partir. O Badur lhe mandou dar mil pardaos d'ouro pera seu gasto, e a cada hum dos outros tresentos pardaos, e cento a huma molher malauar chamada Ynês [1] * Pinta *, que com elles estaua, que os seruia de fóra, que fôra catiua em huma nao da terra que vinha d'Ormuz, que se perdeo na enseada; a qual nunqua se quis fazer moura, por muytos medos nem mercês que lhe fazião, e esteue metida na prisão muyto tempo, e seruia os portugueses como sua escraua, e com a mercê que lhe fez o Badur se foy na companhia dos nossos, que o Badur logo mandou partir, em companhia de sua mãy e molheres, pera Dio, com seu tisouro. A que o regedor mandou dar cauallos, e mandou que fossem juntos da mãy d'ElRey, e lhe mandou dar armas que elles quiserão, porque dos seus se nom fiaua: o que falou com Diogo de Mesquita. E assy forão juntos até passar hum rio, donde o regedor despedio os nossos, que andassem mais de pressa, porque o Badur lho mandara que fossem de pressa, e tornassem logo com reposta. E o regedor lhe deu carta pera Melique Tocão, que logo á pressa lhe désse embarcação, que muyto compria.

O Badur fiqou na serra, em que pôs muyta guarda, e mandou hum capitão, com dous mil de cauallo, que fosse ter hum passo que auia no caminho do Mandou pera Champanel, que era forte que o podia gardar, que era d'ahy cinqo legoas; e recolhesse a gente que viesse fogindo, e lhe mandasse recado do que fazião os mogores. O qual capitão d'ahy a tres dias tornou a grande pressa, bradando ao Badur que se saluasse, porque erão passados polo passo cinco mil mogores de cauallo, com que vinha o Rumecão em busca de sua molher. O que ouvido polo Badur, mandou poer o fogo em seus riqos passos, que nom quis que seus imigos n'elles pousassem, e o Badur com setenta de cauallo se partio da serra, em que seguro estiuera de o entrarem; mas dos seus se nom fiaua, e se foy, dizendo á gente que cada hum se fosse por onde quigesse, e fossem espalhados porque nom topassem os mogores. E o Badur tambem foy seu caminho, e de noite chegou a hum lugar onde os nossos

[1] * Pumta * Autogr. V.ª *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. III.

estauão dormindo dentro em hum castello que tinha o lugar, e os nossos tinhão as chaues, que lhas entregarão por mais seguros estarem, e falando o Badur os nossos lhe abrirão; o qual entrando lhes perguntou por sua mãy. Diogo de Mesquita lhe disse que era passada do rio de Cambaya: polo que o Badur mandou queimar quantos barqos ouvesse no rio, porque n'elles nom passassem os mogores; e isto mandou fazer por outros muytos rios que tinhão barquas de passagem. Daquy se foy o Badur com dez de cauallo á cidade de Baroche.

E sendo menhã, que os nossos se partirão, a gente toda começou de fogir, e as molheres, com os filhos nos braços, gritando se lançauão aos pés dos nossos que as leuassem, porque os mogores já vinhão perto. Os mogores chegando a Champanel, que souberão que o Badur hy nom estaua, logo forão após elle, cuidando de o alcançar, e mórmente o [1] * Rumecão, sabendo * que sua molher hia com a mãy d'ElRey, a qual já era dentro em Dio. O Mogor se foy a Champanel onde lhe dixerão que estaua o tysouro. Os nossos tambem forão á cidade de Baroche, a que os regedores da cidade lhe entregauão as chaues e requerião que ally estiuessem até vir o Gouernador, a que tomarião por Rey, pois o Badur com soberba e doudice [2] * perdera * o Reyno e os desemparara. Ao que n'isto estando chegou hy o Mirão com as molheres d'ElRey, e as suas, que estiuerão todo o dia e noite em passar hum rio que tinha Baroche, o que agardarão os nossos a rogo do Mirão; onde a gente da cidade, assy com grande medo, se passaua em jangadas, porque nom tinhão barqas; em que se afogou muyta gente e se perdeo muyta riqueza, porque o rio era largo e fazia marulho, que era inda inuerno. E per derradeiro passarão os nossos, e o Mirão; com que os nossos forão até Çurrate, onde acharão hum pião com carta do Badur, que elle mandaua a Diogo de Mesquita que a leuasse a Martim Afonso, que estaua em Chaul; em que lhe o Badur dizia que se em Dio o apressassem que elle se auia de hir a Baçaim; que por tanto de Chaul se fosse logo estar em Baçaim, pera ahy o achar, porque d'ahy, se lhe comprisse, se hiria meter na forteleza de Chaul, pois o trédor do Rumecão lhe estoruara que agora o Gouernador nom tiuera forteleza em Dio; e muyto encomendando a Diogo de Mesquita que nom fizesse detença. O que lho assy muyto encomendou o Mi-

[1] * Rumecam que sabendo * Autogr. [2] * perde * Id.

rão. Ao que Diogo de Mesquita, por lhe satisfazer a vontade, porque mais asinha fosse nom quis hir a Dio, onde auia d'agardar bom tempo no mar, que inda era inuerno; e d'aquy de Çurrate se partio por terra pera Baçaim, que isto era inda em julho d'este anno de 535. Com que o Mirão muyto folgou, vendo a boa vontade de Diogo de Mesquita, e tambem escreueo huma carta da mesma sostancia a Martim Afonso, e deu a Diogo de Mesquita quinhentos pardaos d'ouro pera o gasto do caminho, duzentos pera elle e os tresentos que partisse com os outros portugueses, e com a molher malauar, que nunqua d'elles se quis apartar, e com elles caminhou por terra. E lhe deu o Mirão piães e chytos *(sic)* [1] pera todolos lugares por onde passassem, com que lhe dauão de graça quanto auião mester. No qual caminho puserão treze dias até chegar a Baçaim.

CAPITULO LIX [2].

COMO DIOGO DE MESQUITA CHEGOU A BAÇAIM, QUE FOY POR TERRA COM CARTAS DO BADUR A CHAMAR O GOUERNADOR, E O QUE SE PASSOU.

Chegando Diogo de Mesquita e os outros portugueses a Baçaim, e sabendo o feitor o caso, todos ouverão muyto prazer. Ao que Gaspar Paes, feitor, logo despachou os piães do Mirão, e escreueo sua carta, dizendo que aquella terra era do Badur, e elle, e os portugueses que com elle estauão, todos estauão prestes pera receber a elle e a ElRey, e a quem elles mandassem o seruiria e obedeceria como á propia pessoa d'ElRey de Portugal; e isto lhe farião em todolas fortelezas que ElRey de Portugal tinha na India. E deu aos piães dadiuas com que se tornarão muyto contentes. Então Diogo de Mesquita logo polo rio dentro se foy a Chaul, onde estaua Martim Afonso de Sousa, que o recebeo com muytos prazeres, e mórmente sabendo o caso com que hia, que vendo a carta do Badur, logo Martim Afonso despachou a grã pressa hum pião, que mandou ao Gouernador com sua carta e a que lhe escreuera o Mirão, e após elle partio tambem Diogo de Mesquita; o que tudo vio hum pião do Mirão, que logo Martim Afonso tornou a mandar com reposta ao Mirão e ao Badur, per suas cartas, de muy grandes offerecimentos pera * em *

[1] escriptos? [2] E' o LIII no autographo.

tudo quanto lhe mandasse o seruir, até gastar a vida elle, e com todolos portugueses que com elle estauão. E com * o * recado mandou hum português em companhia do pião, o qual chegando onde estaua o Mirão fez * este * muyto gasalhado ao português e mercê de dinheiro, porque folgou muyto com a carta de Martim Afonso; e mandou logo a carta ao Badur. E o Mirão se foy a Damão, pera estar mais perto de Baçaim, e d'ahy despedio o português com repostas a Gaspar Paes e a Martim Afonso, e mandou hum homem honrado com suas cartas, que fosse a Goa e as leuasse ao Gouernador. O que tudo chegando a Martim Afonso fez muyta * festa * ao messigeiro do Mirão, e * o * nom deixou hir pera Goa, porque auia guerra no Balagate por que auia de passar; e mandou as cartas ao Gouernador por hum pião, e lhe escreueo largamente o que passaua, * e * o que lhe parecia que deuia fazer pera o seruiço d'ElRey de Portugal; nom lhe dando conta do que elle determinaua fazer, que era tanto que o tempo lhe désse lugar hirse a Dio, e se vêr com o Badur, e tomar posse do lugar da forteleza que lhe désse o Badur; gardando isto em seu coração, desejando de ganhar pera sy esta tamanha honra como lhe d'isto ficaua. E assy o fez, como adiante direy.

TORNA A FALAR DO BADUR.

O Mogor com sua gente assentou em Champanel, e nom combateo a serra, porque vio que era trabalho escusado. Então buscou seus concertos com os que estauão em cima, secretamente fazendo grandes promessas e dandolhe seguros. O capitão secretamente lhe deu a entrada, fazendo fengimentos de brados, e tomando armas, bradando traição. Entrarão os mogores, que logo matarão o propio capitão que lhe deu a entrada, e muyta gente, com muytas cruezas que fazião nas molheres e crianças, que a nada dauão vida; e soltarão das prisões muytos catiuos, e os filhos do Rey do Mandou, que forão fazer a çalema ao Mogor, que os recebeo com muyta honra, e bem acompanhados os mandou que se fossem pera seu Reyno, e recolhessem suas gentes e fortelezas; o que elles assy nom fizerão, e se forão pera outras terras até vêr como ficaua o Badur; aos quaes o Mogor deu muyto dinheiro pera seu gasto. Sendo a serra assy tomada correrão os mogores por todas as terras, fazendo quantos males querião, que ninguem achauão, que todos fogião. O Mogor

se deixou estar em Champanel, com preposito * de * ahy estar até se acabar o inuerno, porque achou hy auondança de mantimentos.

O Badur estauã em Dio recolhendo a gente que podia. Sendolhe dito que a serra era tomada, e o capitão morto com muyta gente, disse: «Da gente me pêsa. O capitão fez traição e a pagou; porque se elle» «nom dera a entrada a serra nom se tomara.» E mandou alguma gente pera as fronteiras dos resbutos, que n'esta enuolta dos mogores elles fazião entradas por Cambaya, que o Badur mais sentia por * que * nisso andaua o Melique Saca, que pera lá fogira, onde andando n'esta guerra o acharão morto em sua tenda, sem ferida, que seria de morte sopitania. Então o Badur mandou vir o Mirão, de Damão onde estaua, e veo com muyta gente, e outra que lhe deu o Badur, com seus poderes e muyto dinheiro pera gastar e pagar as gentes, que ajuntasse quanta achasse, e se fosse á terra de sua mãy, e d'ahy trabalhasse por auer entrada no Mandou, porque lhe era dito que lá estauão pouquos mogores, * e * muyto seguros e sem armas andauão roubando a terra. Partio o Mirão com pouqa gente de pé, sómente quatro mil de cauallo; entrou no Mandou sem ser sentido, e matou mais de tres mil mogores, porque os achaua dormindo nas casas; de modo que fiqou senhor da terra. Com que logo se ajuntou com elle muyta gente, que recolheo á serra, que muyto bem concertou, e tinha muy grande recado em huma só porta que deixou aberta, que as outras fechou pera nunqua se abrirem, e d'esta trazia elle a chaue sempre, de dia e de noite, porque lha nom falsassem. E deixou na serra hum seu meo irmão, que trazia, e elle com gente foy tomar huma forteleza que estaua d'ahy cinqo legoas, a que chegou antes que fosse sentido, onde assy tomou os mogores sem cuidado, em que matou muytos, e passante de cem rumes do Rumecão e muytos mogores, e soltou vinte e dous portugueses e francezes, que estauão em ferros presos, dos que catiuarão no arraial, que o Mirão leuou; e deixou boa guarda na forteleza, e se tornou á serra com muyta gente que com elle se ajuntaua; pera o que recolheo á serra muytos mantimentos. O que sabido polo * Mogor * mandou lá hum capitão com muyta gente, ao qual nom sayo o Mirão, porque nom tinha tanta gente pera lhe dar batalha, e esteue muy forte na serra, em que os mogores nom entenderão, porque nom acharão traição com que poder auer entrada na serra, onde o Mirão fez capitão hum seu ayo que o criara, homem velho, valente caualleiro.

O BADUR MANDOU CHAMAR RUMES.

O Badur assy recolhido a Dio, seu coração nom tinha repouso, e em nada confiaua, nem lhe parecia que o Gouernador lhe podia dar tanto poder de socorro como auia mester, e tambem nom confiaua que o Gouernador lho désse, e se temia que o Mogor mandaria recado ao Gouernador, e lhe daria muyto do tysouro, e os portos do mar, e a cidade de Dio, pera que o nom secorresse. Nos quaes pensamentos muy duvidoso, e desejando ter juntos vinte mil homens do campo, estrangeiros, que o Gouernador lhos nom auia de dar, indaque lhos quigesse dar; e com estas maginações, pôs em obra mandar ao Estreito buscar rumes a soldo, e mandou hum homem honrado, parente de sua mãy, com grande presente pera o Turqo de riqas joyas, que foy huma cabaya de fio d'ouro, feita d'agulha, com hum lauor de perolas, e por diante diamães encastoados por botões, do tamanho de tramoços; e huma cinta, e hum traçado, e huma adaga, d'ouro e pedraria, como conuinha á cabaya; e huma coroa d'ouro, comprida como d'Emperador, e n'ella pedras, que disserão mercadores que a virão que valião mais de dous contos d'ouro, e a cabaya era de muyto mór preço, pelas muytas perolas que leuaua, que a somenos valia quinhentos pardaos d'ouro. E com isto * mandou * sua piadosa carta ao Turqo, pedindo perdões do fraqo presente, pedindo licença pera que lhe deixasse vir gente a seu soldo, que auia mester pera o mal que lhe contaria seu messigeiro, que leuaua dinheiro em auondança pera logo pagar á gente. Com este embaixador forão muytas molheres, que pedirão licença ao Badur pera irem em romaria ao çancarrão, que erão molheres do Rey morto, e outras que mandou a mãy do Badur com suas offertas ao çancarrão, encomendandolhe seu filho. Pera o que se concertou huma boa nao, muy armada d'artelharia, com quatrocentos homens de guerra, a qual partio de Dio em oito de setembro, fóra de toda monção, porque nom fosse topada de nossos nauios; e sayrão em sua guarda doze fustas armadas, que a puserão em meo golfam e se tornarão.

CAPITULO LX [1].

COMO DIOGO DE MESQUITA FOY A GOA, E DEU LARGA CONTA AO GOUERNADOR DE TUDO, O QUAL LOGO ESCREUEO A MARTIM AFONSO O QUE FIZESSE.

Diogo de Mesquita agardou em Chaul até que ouve nauegação com que se foy a Goa, a que o Gouernador fez muyta honra, e auendo d'elle toda' enformação, ordenou logo mandar a Dio Simão Ferreira pera muyto certificar ao Badur sua hida, que seria o mais em breue que ser pudesse. Martim Afonso, com tenção de ganhar honra pera sy, mandaua por terra muytos recados ao Badur, e prometimentos de logo hir como o tempo désse lugar; e mandaua tambem recados ao Gouernador que com muyta presteza acodisse a tão bom ensejo, que se nom perdesse o que tão certo estaua na mão, porque o Badur a elle chamaua com muy apressados recados; pelo que compria a isso acodir, e hir por debaixo d'agoa, e seria bom elle, que estaua mais perto, logo lá hir, porque a tardança podia causar perdição. O Gouernador entendeo a tenção de Martim Afonso lhe isto escreuer, e auia por muy graue offensa sua Martim Afonso entrar primeiro em Dio que elle, auendo que n'isto lhe leuaria toda sua honra; e dessimuladamente escreueo a Martim Afonso que logo com sua armada saysse fóra, como o tempo lhe désse lugar, e se fosse andar sobre a barra de Dio, e se ElRey o mandasse chamar dentro á cidade pairasse com elle, indaque lhe désse muytos seguros, nem que o agardasse na borda da praia; e em nenhuma maneira nom fosse a terra, pois que sabia os enganos do Badur. O que lhe assy defendia, sob pena do caso maior.

Martim Afonso sabia muyto, e entendeo bem a tenção do Gouernador em lhe assy defender que nom entrasse em Dio, que era sómente o ponto d'honra que n'isso hia. O que sem duvida assy era, e por isso lhe mandaua os auisos com tantos medos do Badur; o que tambem Martim Afonso, dessimulando, escreueo ao Gouernador muytos agardecimentos do bom amor que lhe mostraua em assy temer os perigos de sua vida, a

[1] E' o LIV no original.

qual nada estimaria por seruir ElRey nosso senhor, se aproueitasse, que sobre todolas cousas mais estimaua; que por tanto fazia prestes toda 'armada que se fosse após elle, que sómente hia em quatro catures esquipados. E com este recado mandou hum catur ao Gouernador, e * dizerlhe * que elle se gardaria das traições do Badur, que era mór defesa que a que lhe elle punha diante dos olhos; mas que sem duvida, se o Badur lhe désse lugar pera se fazer a forteleza, que pera este tamanho seruiço fazer a ElRey nosso senhor a todo risquõ poria sua vida e pessoa, com toda a gente que leuaua, e Deos fizesse o que fosse seu santo seruiço. Na qual reposta o Gouernador entendeo que Martim Afonso lhe contraminára seu preposito; mas descansou, parecendolhe que primeiro chegaria a Dio Simão Ferreira, sacretario, que elle despedio em quatro fustas, com Diogo de Mesquita, ao primeiro recado que mandara Martim Afonso, e lhe mandou que fosse a Dio de mar em fóra. No que ouve tal acerto que em chegando á barra de Dio ambos juntos se toparão Martim Afonso e Simão Ferreira, com o qual muyto se queixou Martim Afonso como passára por Chaul sem lhe falar, dandolhe a entender que partira de Chaul depois d'elle passado; e o sacretario tinha topado huma galueta que lhe dissera que Martim Afonso hia diante. O sacretario lhe respondeo que fôra lá embalde, pois que elle primeiro partira, contra o que o Gouernador lhe tinha mandado. Martim Afonso era isento, e respondeo: « Simão Ferreira, se cuidastes, cuidámos. Eu nom viuo senão comigo, » « n'aquillo que entendo que he seruiço d'ElRey e minha honra. Ao que » « ninguem me ha de furtar a mesa. »

CAPITULO LXI [1].

COMO MARTIM AFONSO E SIMÃO FERREIRA, AMBOS JUNTOS, CHEGARÃO A DIO E SE VIRÃO COM O BADUR, QUE DEU O LUGAR PERA A FORTELEZA; DE QUE LOGO MARTIM AFONSO SE APOSSOU.

E pois sendo assy chegados á barra de Dio, Martim Afonso e Simão Ferreira, que foy a vinte e hum dias de setembro, que auia treze dias que a nao de Meca partira, ElRey nom estaua em Dio, mas a grã pressa

[1] E' o LV no original.

lhe foy recado, que logo veo, e chegou á mea noite, e logo mandou da praya chamar das fustas per Diogo de Mesquita, que respondeo, e lhe disserão que ElRey chegara aquella hora, que o chamaua. O qual logo sayo a terra, e entrando onde o Badur estaua assy vestido de caminho, o abraçou com muyto prazer, como se fôra seu igual, e lhe disse: « Dio-» « go, depois de minha fortuna este he o mór prazer que tiue. E te juro » « por minha cabeça; porque, como bom amigo, me tornas com recado. » « Torname 'abraçar. » O que Diogo de Mesquita fez com muyta cortesia, dizendo: « Senhor, eu som ditoso se te faço seruiço; porque hes tão » « alto senhor que todos folgão de te seruir. Nas fustas [1] * Simão Fer-» « reira te trás * todo quanto te compre, e com elle vem o teu embaixa-» « dor que lá mandaste ao Gouernador, e tambem está Martim Afonso, » « capitão mór do mar, que vem de Chaul, todos meos alagados do mar, » « por mais asinha chegar pera te seruir. E nom veo o Gouernador por-» « que o tempo lhe nom dá lugar; mas com muyta pressa se fica fazen-» « do prestes pera logo partir, e já'gora virá no caminho. » Do que El-Rey mostrou muyto contentamento, dizendo: « Os portugueses são ho-» « mens perfeitos em verdade, muyto mais que os cães com seus donos. » « Bem vejo que o Gouernador não tinha rezão pera vir a meu chama-» « do, pois que já outra vez veo debalde, o que foy muyta perda minha. » « Mas tudo lhe pagarey. » E contou a Diogo de Mesquita o que tinha passado depois que o mandara, e que tinha noua, que lha mandara o Mirão, que os mogores se tornauão pera sua terra, e já forão hidos se o inuerno lhe dera lugar. O Badur perguntou se o Gouernador muyto tardaria. Diogo de Mesquita disse que nom tardaria, se o vento o ajudasse; mas que o Gouernador determinaua hir em fustas, porque os nauios grandes nom tinhão tempo. O Badur mandou Diogo de Mesquita que se fosse ás fustas, e como fosse menhã fosse a terra Simão Ferreira e Martim Afonso. O que Diogo de Mesquita todo falou com Martim Afonso e com o sacretario, e que Badur mandaua que fossem ambos a terra; mas elles praticarão, e assentarão que o sacretario fosse dar o recado que trazia do Gouernador, e Martim Afonso estiuesse no mar até ElRey o mandar chamar; e inda nom era menhã quando da praya chamarão que fossem, que ElRey estaua em casa da Raynha agardando por elles.

[1] * Simão Ferreira que te tras * Autogr.

Então Simão Ferreira, muyto bem vestido, com doze homens assy bem vestidos, foy a terra com Diogo de Mesquita. Forão á casa onde estaua o Badur, onde entrarão com suas grandes cortesias, e o sacretario lhe deu a carta do Gouernador, com riquo traçado d'ouro, esmaltados os cabos, e bainha de veludo crimisim, que ElRey tomou e tirou da bainha, e com a mão o [1] * esgremio *, e esteue olhando, e tornou a * meter * na bainha, e pôs junto comsigo. E o sacretario lhe dixe de palaura que o Gouernador tinha muyto pesar de seus trabalhos, em que o muyto desejaua seruir, e assy vinha com muyta pressa pera fazer o que lhe mandasse. Com que o Badur fiqou contente, e perguntou por Martim Afonso, e mandou ao capitão da cidade que o fosse trazer, o qual com muyta gente o foy agardar na praya. E Martim Afonso sayo muy vestido, acompanhado com muytos homens: foy acompanhado com o capitão onde ElRey estaua, onde entrando lhe fez sua grande cortesia, e elle lhe fez honra, dandolhe agardecimentos á sua vinda, e o mandou assentar na borda de huma alcatifa, sobre que ElRey estaua assentado em hum esquife; e Martim Afonso lhe dixe: « Senhor, pois que tua alteza veo em verdade » « de querer ser amigo e irmão d'ElRey de Portugal, sabe por muy certo » « que tens pera teu seruiço o Gouernador, com todo seu poder, e os por- » « tugueses, que pera sempre te seruirão em quanto a India durar. » Do que ElRey * se * mostrou muyto contente, e perguntou ao sacretario se o Gouernador pediria forteleza. Elle dixe: « Senhor, elle agora nom te » « pedirá nada, sómente tomará o que lhe der tua alteza de sua vontade, » « porque nom digão que por dadiua se faz este secorro a troqo de lhe » « dares forteleza; porque o Gouernador nom ha de fazer senão a von- » « tade de tu'alteza. » ElRey, com prazer, dixe: « Por isso eu de mi- » « nha vontade lha darey sem ma elle pedir. » E mandou a Martim Afonso que fosse com o capitão pola cidade, e onde quigesse tomasse lugar pera se fazer a forteleza que elle lho daua, e n'elle se aposentasse e fizesse quanto quigesse. Ao que Martim Afonso se aleuantou, e fez grandes cortesias, dizendo: « Senhor, o que me dás eu o tomo em nome do Go- » « uernador, e o terey até elle vir, que tudo he teu. » ElRey dixe que fosse embora. E se foy com o capitão á torre da barra, que está defronte do baluarte do mar, e disse ao capitão que ally tomaua o lugar, e se

[1] * esgermio * Autogr.

aposentou até vir o Gouernador. Com que se o capitão tornou a ElRey, e lhe dixe o lugar que Martim Afonso tomára, e n'elle ficaua pera ally se aposentar. ElRey dixe que ally lhe désse quanto lhe elle pedisse e ouvesse mester. Ao que o capitão logo lhe mandou huma grande tenda muyto laurada, e muytas cousas de comer, e ElRey mandou o sacretario que se fosse estar com Martim Afonso, e que logo Diogo de Mesquita fosse em busca do Gouernador, e lhe désse pressa em sua vinda. E lhe deu riqua cabaya e quinhentos pardaos d'ouro: e se forão onde estaua Martim Afonso, que logo a grã pressa mandou Diogo de Mesquita em hum catur, que á vela e remo andasse até chegar ao Gouernador; e mandou o sacretario que fosse estar nas fustas, em que de noite tiuesse boa vigia, e lhe mandasse a terra todos os homens. O que elle assy o fez, e se foy ás fustas, e mandou a terra os homens, dous e tres, pouqos e pouqos, que serião oitenta homens honrados. E dos toldos das fustas, e algumas velas, e cotonias que [1] * comprarão *, fizerão tendas e emparos pera o sol; onde Martim Afonso daua mesa a todos, onde ElRey lhe mandou dous mil pardaos d'ouro, dizendo que désse muyto comer á gente, e que folgaria ver que começaua a obra, e o que ouvesse mester tudo pedisse ao capitão. Martim Afonso lhe mandou seus agardecimentos pola mercê, e dizer que a gente que tinhão erão da guerra, e nom sabião cauar nem * tinhão * enxadas; ao que ElRey mandou ao capitão que lhe désse trabalhadores, e enxadas, e picões, e quanto ouvesse mester pera' obra. Ao que ao outro dia o capitão lhe mandou cem homens com enxadas, e outros cento com picões, e outros cento com cestos e gamelas, e outros cento pera trabalhar; dizendo que os nom pagasse, que erão pagos por ElRey. Então Martim Afonso, com o parecer dos que com elle estauão, mandou cauar, cortando a ponta que fazia a cidade do rio á outra parte da banda do mar, com que foy abrindo huma caua de largura de duas braças e altura de mais de braça, recolhendo a terra e pedra pera dentro, que ficaua muy alto valado, e fez huma ponte de páos e tauoas pera seruintia pera' cidade, dando o milhor auiamento que podia: onde muytas vezes o capitão o hia visitar por mandado d'ElRey.

Martim Afonso, querendo ganhar toda a honra pera sy, falou em segredo com * hum * judeu mercador do Cairo, que fosse por terra le-

[1] * comprão * Autogr.

uar suas cartas a ElRey de Portugal, pelo que elle lhe faria muy grandes mercês e liberdades, pera suas naos e mercadarias serem liures per toda a India e nas terras de Portugal: do que o judeu foy muyto contente. O que assy concertado, Martim Afonso falou com ElRey, lhe dizendo que, polo seruir, tinha buscado hum judeu que fosse a Portugal com suas cartas a ElRey, em que lhe daua conta de sua noua amisade, e [1] *da* necessidade que tinha, pera que mandasse muyta gente pera as guerras que tinha com os mogores. Com que ElRey muyto folgou, dizendo que tambem mandaria sua carta, como mandou, de grande amisade que assentaua, com lhe dar forteleza dentro em Dio, como elle queria; dandolhe conta dos trabalhos de seu Reyno, e lhe pedindo secorro como irmão. Com isto ouve ElRey muyto prazer, porque lhe dixe Martim Afonso que ElRey mandaria o secorro nas primeiras naos pera o anno; mas ElRey, por isto mais segurar, porque o judeu podia morrer ou adoecer, mandou com elle hum armenio, a que deu sua carta, que era casado, morador em Dio de muyto tempo; a que ElRey fez mercê pera deixar a sua molher e filhos; e Martim Afonso dando [2] larga conta a ElRey do que era passado, e como assy ficaua, e o que se podia fazer. Dos quaes messigeiros contarey adiante.

CAPITULO LXII [3].

COMO O GOUERNADOR CHEGOU A DIO, E SE VIO COM ELREY, E O QUE MAIS SOCEDEO.

Diogo de Mesquita a grã pressa andou até achar o Gouernador, que achou em Baçaim, onde chegára em quatro fustas, e com elle 'armada de Martim Afonso; onde Diogo de Mesquita lhe disse a pressa com que o ElRey chamaua, e da maneira que ficaua Martim Afonso já em posse do lugar da forteleza. Com que o Gouernador ouve muy grande paixão por Martim Afonso assy lhe furtar tamanha honra; mas o nom deu a entender, e mostrou que auia grande prazer, e tornou a mandar logo Diogo de Mesquita, que dixe a ElRey como elle hia em fustas, leuando muyto trabalho e má vida, pelo seruir, e chegar mais asinha. Então mandou ao

[1] *a* Autogr. [2] Em vez de *deu*. [3] E' o LVI do autographo.

feitor Gaspar Paes que fizesse prestes muyta cal, e madeira, enxadas, alauanqas, picões, gamelas, cestos, pauiolas, e outros petrechos pera' obra da forteleza; e lhe mostrou per onde abrisse grande caua per que entrasse agoa, assinando o lugar per onde se auia de fazer a forteleza.

Diogo de Mesquita, chegado a Dio, deu rezão a ElRey de como o Gouernador hia. Do que ElRey nom foy contente, dizendo a Diogo de Mesquita que de nada era contente até que lhe nom trouxesse o Gouernador ante os olhos; que logo se tornasse em busca d'elle e lho trouxesse. E com hum seu page o mandou á praia, que logo o visse embarquar e partir; e mandou dizer ao Gouernador que seu coração nom dormia até que o nom visse, [1] * e * lh'entregar sua mãy, e tisouro, e molheres, que nom tinha de quem as confiar, nem dormiria seguro até o ter dentro em Dio. Diogo de Mesquita chegou ao Gouernador com este recado, já atrauessando pera Dio. O Gouernador praticou com os fidalgos que hião com elle, e assentarão que seguramente podia hir a Dio e verse com ElRey, ordenando como sayria a terra. Com o que foy á vista de Dio, que logo foy dito a ElRey; ao que logo mandou quatro fustas com seus fidalgos a visitar o Gouernador, e lhe muyto rogar que logo saysse a terra e o fosse vêr; e após as fustas mandou o sacretario que fosse trazer o Gouernador: o que elle assy fez. Vendo o Gouernador * recados * tão apressados d'ElRey, que era cousa de homem acelerado, tomou algum receo, e secretamente mandou dizer a Martim Afonso que o nom fosse receber, e estiuesse como estaua, e com a gente que lhe mandaria. Então mandou a hum caualleiro, chamado Antonio Correa, que ficasse por capitão das fustas, com a gente, que nom consentisse que fosse a terra senão ametade d'ella, e que como desembarcasse se fosse com as fustas amarrar no baluarte do mar, e hy estiuesse até vêr seu recadó.

Então o Gouernador sayo em terra com cincoenta homens de sorte, muy vestidos e louçãos, e o Gouernador vestido honesto de sedas pretas e passamanes d'ouro, e todos com espadas douradas e prateadas, tudo como galanteria. Veo o capitão da cidade e quatro capitães, os principaes, com muyta gente de que foy acompanhado, que nom cabia polas ruas; e ElRey estaua nas casas da Raynha, onde estaua muyta gente, e o Gouernador entrando na casa onde estaua ElRey lhe fez muy grandes

[1] * a * Autogr.

cortesias. A casa estaua toda alcatifada, e ElRey assentado em hum esquife cuberto com hum panno de brocadilho d'ouro; e falandolhe o Gouernador, ElRey abaixou a cabeça e corpo hum pouqo, com risos e prazeres, e o fez assentar junto do esquife, e trouxerão a ElRey huma riqua cabaya, que elle com sua mão deitou ao Gouernador, que foy a mór honra que lhe podia fazer segundo seus costumes; e o regedor deitou riqas cabayas a quantos forão com o Gouernador, a cada hum segundo merecia, per ordem de Diogo de Mesquita e do lingoa Santiago; em tanta maneira que até 'os moços derão cabayas. E perguntou ElRey por Martim Afonso. Dixerãolhe que estaua mal desposto, mas que logo lhe hiria beijar as mãos. E falando ElRey com o Gouernador lhe perguntou de seu trabalho do caminho. Elle respondeo: «Senhor, grande trabalho tiue» «com o mar e vento, porque me nom deixauão andar ao muyto desejo» «que trazia pera vir seruir vossa alteza.» Ao que lhe ElRey deu seus agardecimentos, e o mandou que se fosse a descansar, porque já seu coração estaua descansado. O Gouernador se sayo, leuando sempre a cabaya sobre sy, e todos assy, que ElRey vio de huma genella, que leuou muyto contentamento. E o Gouernador se foy onde estaua Martim Afonso acompanhado do regedor; ao que Martim Afonso atou huma touqua na cabeça, que o vissem como doente. 'O regedor, que se despedio do Gouernador dizendo que ElRey aueria muyto prazer que désse muyta pressa na obra, o Gouernador lhe disse que faria trabalhar quantos officiaes e trabalhadores lhe dessem. O regedor disse que lhe daria quanto elle quigesse, e se foy.

O Gouernador se recebeo com Martim Afonso com mostras de bom prazer pelo que achaua feito, postoque seu coração tinha muyto sentimento de assy entrar primeiro em Dio, e tomar posse de toda a honra que d'isso ouvera de ganhar, e * de que * nom estimara por isso sua defesa; [1] e a magoa que tinha era porque lho nom podia reprender, que seria mostrar que lhe pesaua com o seruiço d'ElRey; e muyto mór paixão teue o Gouernador sabendo da partida do judeu, e armenio, pera o Reyno; porque elle tinha ordenado que Simão Ferreira fosse pedir a ElRey estas aluiçaras, com que ElRey perderia algumas menencorias, se

[1] Isto é: tinha magoa o governador de que a ambição de Martim Affonso o levasse a entrar em Dio, despresando as ordens que lhe dera em contrario.

as tiuesse d'elle. E praticando com Martim Afonso em cousas de prazer, lhe disse, antre jogo e zombaria: «Senhor, tanto foy vosso prazer d'este» «bom seruiço que fizestes, que me parece que fuy esquecido em vossas» «cartas mandardes minhas encomendas a ElRey.» Martim Afonso, como era muy auisado, lhe respondeo: «Senhor, he verdade o que diz. Pelo» «que me nom posso assoluer d'esse pecado, e d'outros móres que tenho» «feitos, com o desejo que tinha de nos vermos onde estamos, Deos seja» «muyto louvado. E com este desejo me fiz noiuo n'esta voda.» A qual pratica atalhou grande presente d'ElRey, de carneiros, e galinhas, e cousas de comer, e huma rica tenda pera o Gouernador; de que lhe mandou seus agardecimentos, dizendo que nom dormiria muyto na tenda, porque o regedor lhe dissera da sua parte que désse pressa na obra. Então o Gouernador mandou armar tendas, e repartio estancias em que os fidalgos dessem mesas, que forão estes: Manuel d'Alboquerque, Diogo da Silueira, dom Pedro de Meneses, Manuel de Sousa, dom Antonio da Silueira, Anrique de Sousa, que estes ordenou o Gouernador que dessem mesa em suas estancias; o que fizerão muy largamente, porque o Gouernador lhes daua largas despesas e Martim Afonso de Sousa do seu.

O Santiago teue modo que em trajos desconhecido, de noite, falou com o Gouernador, a que dixe que estaua em tempo em que se podia aproueitar d'ElRey quanto quigesse; que por tanto pedisse e tomasse d'ElRey com breuidade, porque a cabeça d'ElRey era muy duvidosa; e que suas cousas fizesse com muyto segredo e dessimulação, porque ElRey, por sua condição, sempre trabalhaua por saber tudo o que per fóra se fazia, porque era muy acautelado em suas cousas; e que sem duvida auia de trazer sobre elle espias que vissem e ouvissem; e olhasse que lhe nom dixessem cousa de que ElRey tomasse alguma errada sospeita. Disse o Gouernador: «Em muyto perigo estou logo, se lhe disserem alguma» «mentira.» Disse o Santiago: «Nom aja vossa senhoria medo de men-» «tira; porque ElRey nom dá vida a quem lhe diz mentira.» E lhe deu outros bons auisos com que muyto folgou o Gouernador; e lhe disse que elle andaua tão d'auiso com ElRey, em todolas cousas, que o tinha mais por mouro que christão, e por isso nunqua vimria falar com elle senão se ElRey lho mandasse, e inda n'isso nom mostraria boa vontade, porque ElRey d'elle nom tomasse sospeita. Ao que lhe o Gouernador deu seus agardecimentos: com que se tornou muy secretamente.

Então o Gouernador com muyta dessimulação foy recolhendo de noite 'artelharia, que logo era metida debaixo da terra porque a nom vissem os trabalhadores, e os repairos desfeitos recolhia, e mandou logo fazer huma casa grande com outros repartimentos, em que mandou desembarqar arroz, e pescado seqo, e manteiga, que dauão aos remeiros que trabalhauão na obra; e dentro n'esta casa se concertarão os repairos, pera estarem prestes pera se comprisse. E se foy o Gouernador fornecendo, que em pouqos [1] * dias, se comprira *, se defendera de toda a cidade; porque daua muy grande auiamento na obra, com quatrocentos pedreiros e caboqueiros com que mandou abrir a caua em outra tanta largura e altura, que foy seis braças de largo e quatro d'alto, com ponte de madeira pera' cidade, e toda a caua cortada em pedra viua, que tirauão cortada, com que logo se punha no muro, que se fundou muy alto e largo. Mandou logo a Baçaim e Chaul, d'onde mandou trazer grande auondança do que compria pera' obra, em que o Gouernador trazia oito mestres, grandes homens do mester; onde ElRey muytas vezes mandaua visitar o Gouernador, e mandaua sempre dar grandes auondanças de cousas de comer. Onde o Gouernador, per acordo de conselho, ordenou a pauta da paz, por fazer ElRey mais contente, que capitulou no conselho per esta maneira, dizendo no principio.

O grande e poderoso Soltão Badur Rey de Cambaya, com sua boa vontade e aprazimento, dá a ElRey de Portugal, e ao seu Gouernador Nuno da Cunha, e a todolos outros Gouernadores que após elle vierem á India, sua boa paz e amisade, pera todo sempre a guardar muy inteiramente até morrer. O que assy farão todolos Reys de Cambaya, que depois forem; assy o comprirão e manterão. Em sinal da qual paz pera sempre lhe [2] * dá *, de sua boa vontade, lugar em que faça huma fortaleza, quão grande quiser, na sua cidade de Dio, no lugar que o Gouernador Nuno da Cunha escolheo e tomou, que he sobre a barra, na torre da terra e baluarte do mar; e derrador da forteleza ficará campo em que se farão casas de almazens e feitoria, e casas pera morar a gente.

E assy lhe dá mais francamente a entrada do rio, e seu porto, e a ribeira, pera entrarem e sayrem suas armadas, e estarem e se carregarem. E que as naos e mercadores que vierem d'Ormuz com cauallos, e

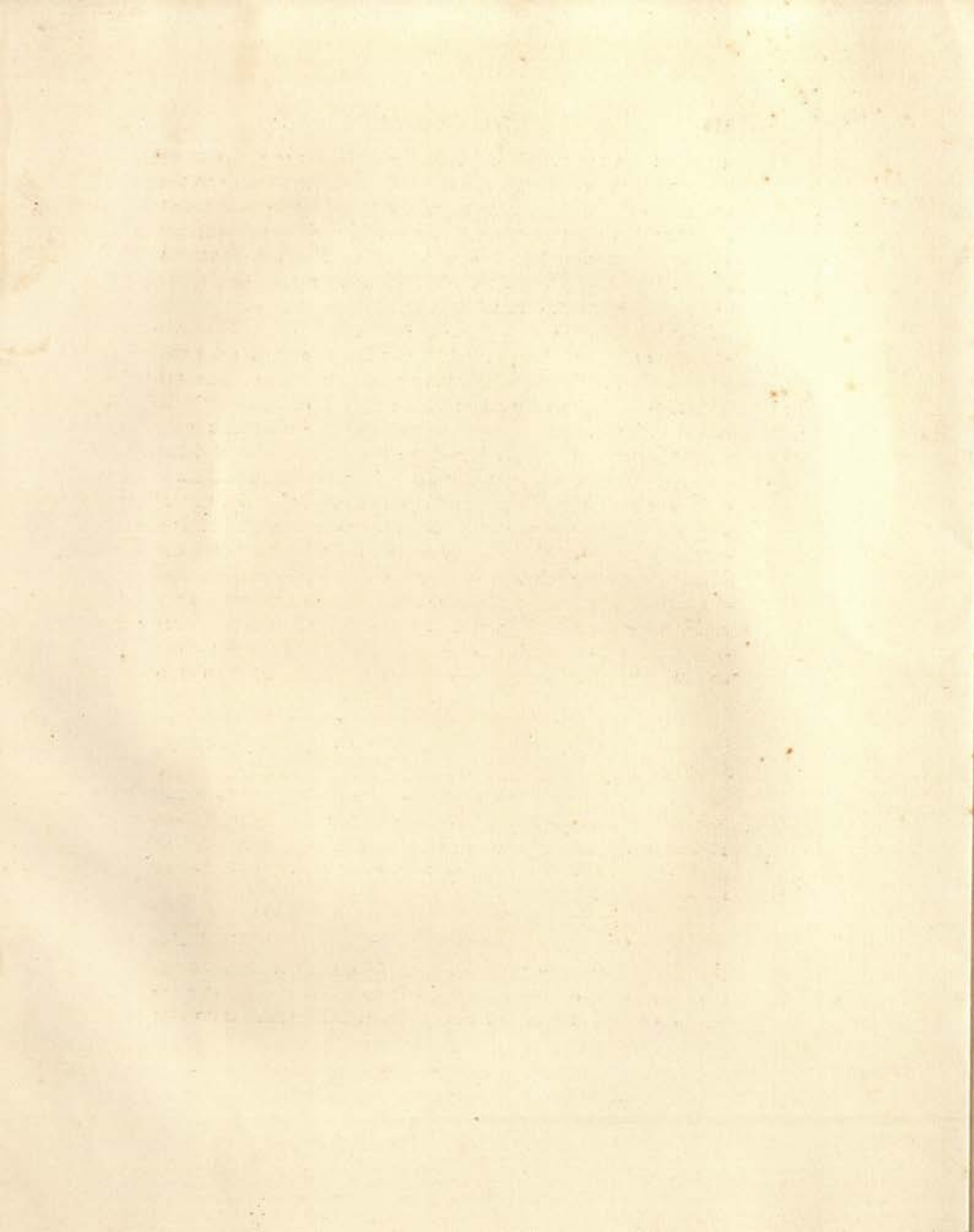
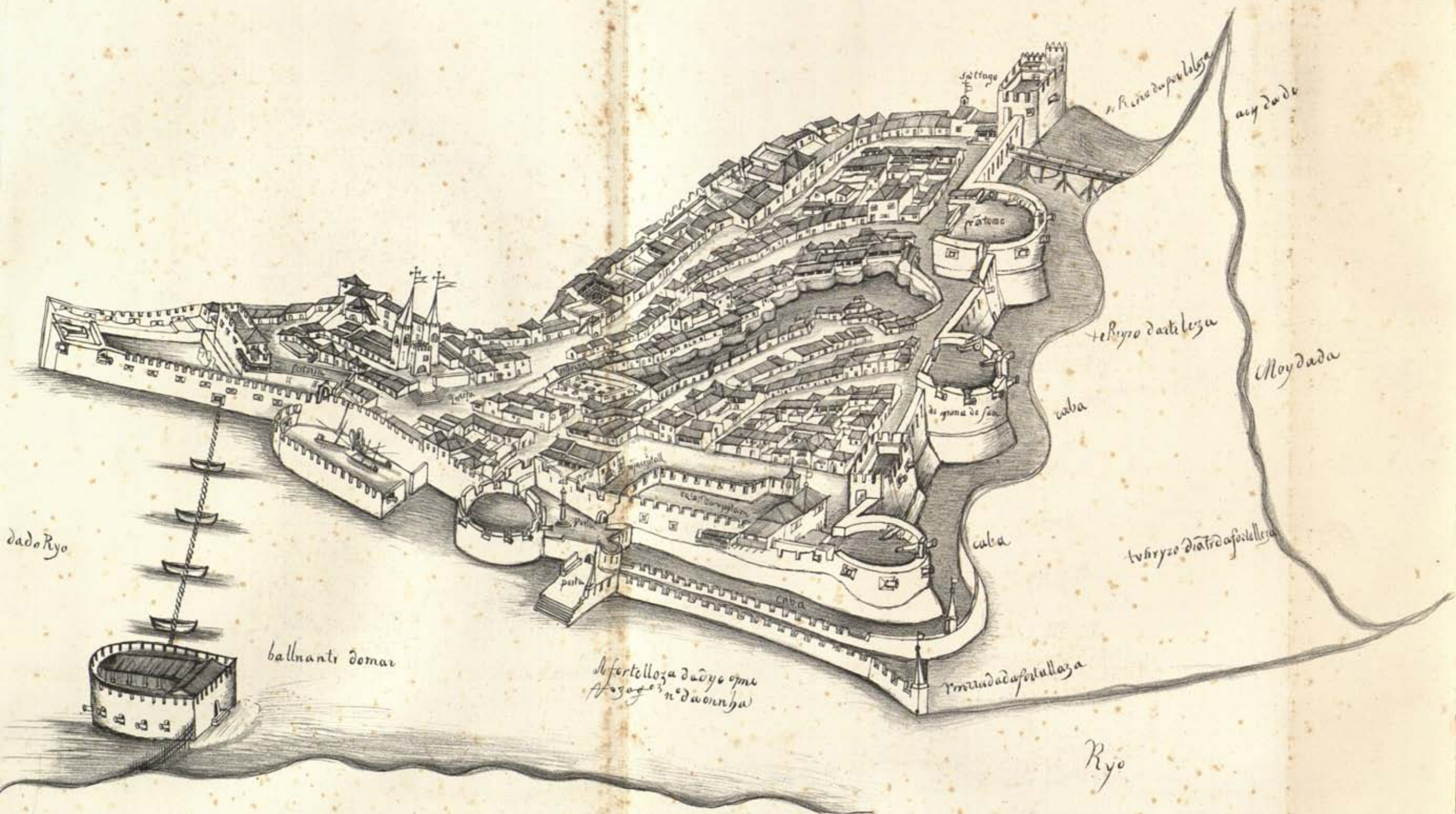
[1] * dias que se comprira * Autogr. [2] * daua * Id.

mercadarias que nom lhe são defesas, poderão liuremente entrar, e pagar seus direitos acostumados. E que as mercadarias e cauallos que nom venderem os possão leuar a vender per outras quaes * quer * partes que quigerem; e que vindo á vista do porto, e nom querendo entrar no porto, no mar lhe nom será feito força alguma. E que todolas embarcações dos portos de Cambaya poderão liuremente nauegar pera onde quiserem, nom leuando pimenta nem drogas, nem trazendo rumes; e do capitão da forteleza leuarão cartazes, pera se [1] * saber * que são de Cambaya. E ElRey de Cambaya com ElRey de Portugal, como bons amigos e verdadeiros irmãos, se ajudarão hum a outro contra seus imigos, e serão amigos d'amigos e imigos d'imigos; e n'esta guerra que ora tem ElRey de Cambaya, e em todas outras quantas tiuer pelos tempos em diante, o Gouernador, e os Gouernadores que vierem, o ajudarão com quanto poder e ajuda lhe puderem fazer e dar, por mar e por terra, tudo á custa d'ElRey de Portugal; sómente pagaria ElRey de Cambaya á gente os soldos e mantimentos seruindo na terra. E bem assy que as naos da outra costa virião a Cambaya e a Dio liuremente, em que os portugueses nom tocarião, sómente tomar [2] d'ellas os rumes que n'ellas viessem, e se os donos das naos os nom entregassem quando lhos pedissem, que então pelejassem com ellas. E na forteleza de Dio nom receberião nenhum mouro nem gentio [3] * que se fosse fazer christão *, sem licença do capitão da cidade [4]; o que outro tanto fará o capitão da cidade pola mesma maneira, * e *

[1] * saberem * Autogr. [2] Isto é: salvo tomar d'ellas os rumes. [3] * que vá fazer christão * Id. [4] A prohibição antecedente é digna de reparo, porque, contra as idéas da epocha, tendia a apagar o fogo do proselytismo. Foi talvez por isso que nem *Barros* nem *Couto* a mencionaram nos extractos que nos deram dos artigos pactuados entre Badur e Nuno da Cunha. V.º *Barros*, Dec. IV, Liv. VI, Cap. XXII. e *Couto*, Dec. IV, Liv. IX, Cap. VIII. *Cast.* menos escrupuloso, no-la conservou na *Hist. da Ind.*, Liv. VIII, Cap. C. D'estes artigos, assinados aos 25 de outubro de 1535, ha um traslado no *Arch. Nac. da Torre do Tombo (Liv. I, do Tombo da India, f. 180 v.)*, e na ultima das condições com que nos deram logar para fazer fortaleza em Dio se lê o seguinte: «Com condição que querendose fazer alguns mouros da terra do Soltão badur cristãos que o governador o não consinta e asy elle não consentiraa fazerse nenhum cristão mouro e que pasandose a sua terra alguma pessoa ou pessoas que deva dinheiro ou tenha fazenda delRey de Portugall que elle os mande entregar e outro tanto faraa o dito governador se pera os portugueses pasar algum omem que tenha fazenda ou deva dinheiro ao Soltão badur.»

nada d'estas cousas consentiria, * nem * que algum português nem escrauos christãos se fizessem mouros sem aprazimento do capitão da forteleza. E os escrauos que fogissem de huma parte pera outra se tornassem a entregar a seus donos. E os omiziados que se acolhessem, fazendo algum mal de proposito, ou que deuessem dinheiro a partes, se tornassem a entregar de parte a parte. E assy o Gouernador, nem capitão da forteleza, nom terá nenhum poder de justiça na gente da cidade, nem estrangeiros e portugueses, tendo com elles contenda, os hirão demandar * senão * ante o capitão da cidade; e se elles tiuerem contendas com portugueses os demandarão ante o capitão da forteleza. E bem assy que todas as fazendas dos portugueses, que tratassem em Dio e nos portos de Cambaya, pagarão direitos a ElRey em suas alfandegas, como pagarem outros mercadores. E com estes apontamentos outras muytas sostancias, que o Gouernador mandou a * o * regedor, dizendo que elle visse tudo e emmendasse, e tudo fosse feito como ElRey ouvesse muyto contentamento, porque elle outra cousa nom queria senão fazer a ElRey todo seu contentamento. O regedor de nada fòra contente, se ousara de o dizer; mas como via elle, e todos, que ElRey andaua com o entendimento parecendolhe que nom tinha saluação senão com os portugueses, e só, sem conselho * senão * de sua vontade, mandára chamar o Gouernador, e dera forteleza, e lhe fazia tantas mercês, ninguem a isto ousaua de hir á mão, e em tudo lhe concedião com sua vontade. E por esta causa, vendo os apontamentos os concertou com outros alguns pontos que lhe parecerão que serião da vontade d'ElRey, e os tornou a mandar ao Gouernador, que os mandasse a ElRey. O que elle assy o fez, que lhos mandou por Diogo de Mesquita; que ElRey disse ao regedor que os visse, que estaua no presente, e elle dixe que já os vira, que o Gouernador lhos mandára que os visse, e concertasse do que faltassem, e que elle os concertára, e que estauão como de bons amigos. Com que ElRey folgou, e o Gouernador os deu por elle assinados e assellados, e os mesmos deu ElRey por seu assinado, d'ambas as partes em português e na lingoa da terra.

O Gouernador daua grande pressa á obra, porque ElRey o muyto apressaua que 'acabasse, pera entender em seus trabalhos. Cada dia chegauão a Dio nauios carregados de gente e monições pera fazimento da forteleza; com que o Gouernador dobrou o trabalho, em que meteo os portugueses, que erão quatrocentos, e lhe vinha o trabalho de tres em

caba
caba
Moydada
dado Ryo
ballnanti domar
porta
Ryo

tres dias, que com os officiaes trabalhadores cada dia trabalhauão passante de mil pessoas, e a cal era amassada com a terra, que era barrenta, que liaua muyto. E deixou o vão de dentro da forteleza pera se fazerem gasalhados pera seis centos homens, que o Gouernador assentou sempre estarião d'assento na forteleza; e o muro se fez pola frontaria da parte da cidade, porque da banda do mar era penedia de grandes piçarras muy altas. No panno do muro se fizerão cinqo cubelos redondos, entulhados até o andar das amêas, ficando a porta pera' cidade junto da borda do rio, sobre que se fez huma torre sobradada, de que cahia huma grossa porta d'alçapão. E outra torre quadrada se fez no outro cabo do muro sobre a barroqua, onde auia hum pequeno postigo, com huma sotil ponte de madeira delgada que atrauessaua a outra banda da cidade, como n'este papel parece.

O Gouernador mandou abrir poços. Em todos se achou agoa solobra. Então mandou fazer cisternas debaixo do chão, cortadas na pedra viua, em que hum mestre lhe fez huma que recolhia cinqo mil pipas d'agoa, e [1] «forradas» com grossas argamassas pera mais segurar 'agoa, e cubertas d'abobodas, que ficauão pouqa cousa sobre a terra, com largos eirados com seus canos pera recolhimento d'agoa das chuvas, que cayão dentro nas cisternas, coadas per chapas de furados tão miudos que nenhuma sogidade lhe podia entrar; estes eirados cerquados com paredes altas e fechados de chaue; e as portas por onde se auia de tirar 'agoa assy fortes e bem fechadas. As quaes cisternas forão saluação da forteleza em tempos de guerras que depois socederão, como adiante em seu lugar e tempo será contado. ElRey algumas vezes hia vêr a obra que se fazia, e estaua folgando e zombando com os fidalgos que trabalhauão com a pedra ás costas, e dizia ao Gouernador, que pois tinha tantos trabalhadores, nom deuião de trabalhar os fidalgos e capitães, pois nom era aquelle seu officio. O Gouernador lhe respondia que o seu era, [2] «seruindo» ElRey, trabalhar em todolos trabalhos pelejando com as armas; e nos outros trabalhos ajudauão de suas vontades pera terem mais merecimentos ante ElRey de Portugal, pedindolhe mercês, dizendolhe que pelejauão como caualleiros e trabalhauão como bygairys. A qual rezão ElRey muyto folgou d'ouvir, e hindose pera casa hia falando com

[1] «forras» Autogr. [2] «siruido» Id.

os seus, dizendo que nenhum Rey tinha tão boa gente como erão os portugueses. E ally á obra mandaua trazer muytas fruitas e conseruas, que todos comião folgando e cantando; com que ElRey estaua folgando de os vêr, e sempre ao Gouernador fazia mercês de dinheiro e aos portugueses que lhe cayão em graça. E hum dia de sua festa, que he como a nossa de janeiras ou Reys, de que já contey, fez mercês aos seus, e mandou ao Gouernador cinco mil pardaos d'ouro, e a Martim Afonso dous mil. E auendo vinte dias que o Gouernador estaua em seu trabalho chegou fusta de Goa com a noua das naos do Reyno, que adiante direy. E aquy contarey algumas cousas que se passarão n'este tempo atrás nas partes de Malaca e na India, depois que o Gouernador partio pera Dio.

CAPITULO LXIII [1].

DE ALGUMAS COUSAS QUE SE PASSARÃO NAS PARTES DE MALACA * E MALUCO * N'ESTES ANNOS ATRÁS DE 534, E ESTE DE 535.

Dom Esteuão da Gama tinha muyto sentimento pela morte de seu irmão dom Paulo, que lhe matarão as fustas d'ElRey d'Ugentana; do que o Rey fiqou tão soberbo que mandou sua armada de muytas lancharas ao estreito de Cincapura, a tomar os junqos de mantimentos que hião pera Malaca, com que a puzerão em falta de mantimentos; porque o Rey estaua muy confiado em huma cidade muy grande chamada Ugentana, de que se chamou Rey depois que foy destroydo em Bintão polo Gouernador Pero Mascarenhas; a qual cidade estaua sete legoas metida per hum rio dentro, e o rio com muytas estacadas atrauessado, e com estancias d'artelharia em lugares, que fazião muy grande resistencia aos que entrassem no rio. Dom Esteuão se fez prestes pera hir destroir a propia cidade Ugentana, e fez quatrocentos homens portugueses pera leuar. Ficando a forteleza, com boa guarda, entregue ao alcaide mór, elle foy em huma fusta grande bem armada, e em outra Manuel da Gama, dom Francisco de Lima, Simão Sodré, Antonio d'Abreu, dom Christouão da Gama seu irmão, e Anrique Mendes de Vasconcellos, e Pero Barriga, e Antonio Grandio, todos em grandes lancharas, e Pero Fernandes Raposo em

[1] No original é o LVII.

huma carauella redonda, e Diogo Botelho em huma naueta, e manchúas e balões, que por todas forão vinte embarcações, com estes quatrocentos homens portugueses bem armados, e bons homens da guerra, e seus escrauos christãos da terra, que per todos passauão de oitocentos homens de peleja, afóra os remeiros. Com esta armada chegou ao rio, e entrou por elle com as marés tres legoas, e em passo baixo, que o nauio nom pôde passar, o deixou muyto bem amarrado, que nom virasse á corrente, com a proa pera a entrada do rio, com oito bombardeiros, e quatro peças grossas per baixo, e em cima quatro falcões e dez berços, e trinta homens espingardeiros, que com os marinheiros erão setenta homens de peleja; e ficando o nauio assy bem concertado, foy seu caminho áuante, e derão em huma pouoação de que fogio a gente, e tomarão hum homem, de que souberão que d'ahy por diante era o [1] * rio largo * de hum tiro de pedra, e tão altos aruoredos que o sol nom daua no rio senão de dez horas por diante, e mea legoa antes da cidade fazia a terra hum cotouello dentro no rio, com hum outeiro onde estaua huma estacada e estancia d'artelharia, que defendia o rio, que era como hum esteiro. Ao que dom Esteuão mandou Pero Barriga e Jorge d'Aluarenga, em balões, que fossem polo rio vêr o que achauão. Os quaes forão, e acharão todo o que o lingoa dissera, e de cima do outeiro que estaua sobre o rio os podião a todos matar ás pedradas e frechadas, e tinhão aruores cortadas pera deixar cayr sobre o rio. Então, auendo seus acordos, com tauoado que acharão no lugar fizerão arrombadas ás fustas e lancharas pera emparo das frechas, e baileos pera que debaixo tirassem os espingardeiros. E foy seu caminho, e mandou Pero Barriga e Antonio Mousinho, em balões, com sessenta espingardeiros, que á vista da tranqueira fossem por terra dar na gente que estaua no outeiro; e dom Esteuão foy diante com sua armada, de que auendo vista os imigos derão gritas, tirando muyta artelharia; o que os nossos assy fizerão, chegando com muyta presteza 'abalroar a tranqueira, por recêo dos tiros: ao que os mouros fazião grande resistencia. No que assy estando, Pero Barriga deu çurriada d'espingardadas nas costas dos que estauão no outeiro, com que lhe fez tamanho medo que logo fogirão; o que assy fizerão os da estancia, que forão ter á forteleza onde estaua ElRey, muy espantados do atre-

[1] * rio de largo * Autogr.

uimento dos nossos tão brauamente os cometerem, com que a todos meterão grande medo.

Dom Esteuão seguio polo rio, que era muyto estreito, que toda' armada hia em fio, e puderão hir sem perigo das frechadas do mato porque os imigos nom podião chegar a tirar, porque de longo do rio, de ambas as partes, era a terra de vaza alagadiça; e forão caminhando pera' forteleza, onde estaua Laquexemena, que fogira de Malaca, e tinha seis mil homens de peleja, e a forteleza emparada de fortes tranqueiras com muyta artelharia, e toda a gente frecheiros e espingardeiros; e no rio huma estacada de grossos páos de duas faces, de huma braça de largo, entulhada com muyta madeira e pedra; na qual auia huma entrada como porta, per que suas armadas entrauão, e sobre esta porta, d'ambas as bandas, muyta gente. ElRey, ouvida a noua do desbarato da tranqueira, segurou sua pessoa, e se foy pela terra dentro huma legoa estar em huma pouoação com a gente de sua casa. Os nossos andarão até chegar mea legoa da forteleza, e estiuerão detrás de hum cotouelo que fazia o rio, e descansarão, e dormirão seguros, porque na terra em cima do cotouelo estaua Duarte Mendes de Vasconcellos, e Pero Barriga, e Antonio Rangel, com setenta espingardeiros, que fizerão vigia, que os imigos nom forão cometer, porque Laquexemena nom quis que os nossos lhe fizessem outro desbarato, com que lhe causassem mais medo do que tinhão. Foy acordado que dom Esteuão e seu irmão dom Christouão fossem na carauella, que foy concertada com fortes arrombadas d'estrens por fóra, que emparasse os pilouros; porque á sombra da carauella auião de hir os balões e manchúas. E porque no rio nom auia vento, e a corrente d'agoa era grande, que leuaria a carauella atrauessada por onde quigesse, se ordenou Luiz de Braga, e Pero Ramires, em balões, a hirem atar cabos da carauella polas bandas do rio nas aruores, per que se auia d'alar a carauella quando andasse, que auia de ser começando a vazar a maré, porque a carauella fosse direita; o que assy ordenados, os cabos forão atados de noite, com muyto trabalho e perigo dos que os forão atar, porque os sentindo lhe tirauão atinando, que os nom vião, muytas frechadas e espingardadas. E porque até chegar a carauella á tranqueira auia d'auer detença indo assy ás toas, fiqou dom Esteuão com toda' armada, e a carauella foy; a qual descobrindo, que pareceo, das tranqueiras [1]

[1] « desparou » Autogr.

* desypararão * tanta artelharia, e tambem da carauela, que sendo muyto fumo antre o aruoredo fiqou tão escuro como noite; com que a carauella se alou a grã pressa, e 'armada, vendo a escuridão do fumo, remarão de força, e chegarão com a carauella á estacada dentro na porta, com que os tiros da carauella ficarão de longo da tranqueira, e tirou tão fortemente que fez toda a tranqueira franca, ao que ajudou 'armada com a espingardaria; com que ficarão na tranqueira muytos mouros mortos.

A carauela nom pôde passar áuante, porque os mouros tinhão alagado hum junqo de dentro da porta. Pelo que então dom Esteuão mandou Francisco Bocarro, e Manuel da Gama, que forão a terra, e por antre o aruoredo, que nom forão vistos, subirão a hum comoro que fazia a terra, donde descobrirão toda a forteleza; ao que tornarão dar recado a dom Esteuão que logo fez prestes hum camelo e quatro falcões pedreiros em suas carretas, que n'esta noite dom Esteuão com cem homens leuarão ao outeiro em que forão assentados, donde em amanhecendo começarão a tirar á forteleza, que dentro matarão muyta gente, que ninguem parecia, e os nossos no outeiro estauão seguros dos imigos pola desposição da terra, que era boa. No qual combate se passarão alguns dias, em que os nossos começarão 'adoecer, por a terra ser doentia; em que a poluora e mantimentos foy falecendo; polo que alguns, d'enfadados, aconselhauão que se tornassem antes que ouvesse mais falta. Ao que dom Esteuão era muy contrairo, dizendo que como se auia de perder debalde tanto trabalho, e gasto, como tinhão passado; o que assy parecia a outros o contrairo, debatendo huns com outros sem assentar em nada. N'este dia chegou á cidade [1] * Tuão Mafamede *, capitão d'armada que andaua no mar, que ElRey mandara chamar que secorresse; o qual ouve medo d'entrar o rio, e deixou 'armada em outra parte, e com a gente se foy por terra á cidade, onde logo quis mostrarse mais valente, e com mil homens foy cometer as estancias. Com que os nossos virão a concrusão na mão, e sayrão a pelejar com os mouros ás lançadas, depois da çurriada das espingardadas, porque chegarão os mouros guardados do camelo e falcões, mas os nossos pelejarão com tanta vontade que os mouros logo mostrarão fraqueza; 'o que, ouvido a reuolta e gritas n'armada, dom Esteuão mandou dar fogo n'artelharia e * leuantar * gritas, e dom [2] * Christouão sayo *

[1] * Tuam famede * Autogr. [2] * Christouam que sayo * Id.

com cem homens de refresco, com que os mouros, cuidando que erão tomados em meo, se puserão em fogida, colhendose á forteleza. Sem nenhum dos nossos perigar, ficarão dos mouros muytos no campo, e outros feridos; e dom Esteuão nom consentio que os nossos seguissem o alcanço, porque sobreueo a noite. Laquexemena, vendo o desbarato de Tuão Mafamede e mal que fazião os tiros, se foy onde estaua ElRey, dizerlhe o desbarato de Tuão Mafamede; pelo que lhe parecia bem que mais nom agardasse. No que já ElRey estaua determinado, e logo fogio com seu tysouro e molheres pelo sertão dentro, e fogio toda a gente quando virão hir Laquexemena, que fiqou a forteleza despejada. O que Nosso Senhor permitio, por sua misericordia, tão grande poderio de mouros [1] * auerem * medo aos nossos tão pouqos. 'O que o Tuão Mafamede disse a ElRey que elle se nom atreuia a pelejar com os portugueses em terra ás lançadas, [2] * porque erão muyto mais poderosos; que no mar, elle, com muyto poder dobrado, pelejaua, e senão fogia *.

Despejada a forteleza de noite caladamente, que os nossos o nom sentirão senão amanhecendo, que virão que nom parecia ninguem, Pero Barriga entrou em huma mouta perto da forteleza, e nom sentindo nada mandou hum seu escrauo, que chegou tão perto que vio que ninguem parecia, e que bradou. E foy lá Pero Barriga, e acodio a outra gente. Do que foy recado a dom Esteuão com toda gente, dando graças a Nosso Senhor que lhe tanto bem fizera. Onde nom se achou que roubar, porque tudo era despejado; do que os nossos menencorios destroirão a forteleza por terra com fogo. Então mandou hir pelo rio acima mais de huma legoa, que nom parecia gente, e a terra alagadiça, onde acharão muytas manchúas e calaluzes, de que tomou os nouos e bons, e os outros queimarão, que tudo fiqou destroido; e se tornarão a sayr polo rio ás toas contra a maré, porque hindo com a maré corria tão rijo que atrauessauão os nauios. No que ouve detença, e saydos fóra se forão caminho de Malaca, com cinqo homens mortos de frechas perdidas e muytos feridos. Chegando a Malaca lhe fizerão recebimento com muytas festas, por apagarem tamanho imigo que tanto mal fazia a Malaca, que o principal era fome, porque lhe tolhia os mantimentos.

[1] * auendo * Autogr. [2] * porque erão mas muyto poderosos que no mar elle com muyto poder dobrado peleja e senão fogia * Id.

Chegado assy dom Esteuão a Malaca, com seu muyto prazer da mercê que lhe Nosso Senhor fizera, mas nom satisfeito seu coração, que hia desejoso de fazer sua vingança por fogo em cima de [1] * sangue, logo * mandou Anrique Mendes de Vasconcellos a Patane, em hum nauio pera trazer Francisco de Bairros, que lá estaua, e d'ahy mandar hum junqo á China a vêr se querião ter paz e trato como de primeiro. Onde foy, e achou Francisco de Bairros e os portugueses que com elle estauão, e auiou o junqo pera' China, e estando pera se tornar pera Malaca ouve noua de huma armada de jáos cossayros, que andauão a roubar polo mar, com hum capitão mór chamado Fracaria [2], que trazia grande armada de calaluzes que tinhão duas andainas de remos, huns de mão e outros como de fusta, muy ligeiros de vela e remo, que sem virar corrião tanto pera trás como pera diante, e afóra os remeiros trazia cada hum cem homens de peleja, muy grandes guerreiros d'artelharia e arteficios de fogo; os quaes forão demandar o porto de Patane. O que sabendo os nossos se fizerão á vela a traquetes e mezenas, com sua gente prestes; e porque Francisco de Bairros nom tinha dentro no junqo toda a gente, agardando por ella sorgio perto da terra. Anrique de Vasconcellos foy na volta do mar por descobrir 'armada dos imigos, os quaes já todos vinhão concertados pera pelejar e postos em ordem, que oito forão ao junqo e doze ao nauio, porque o vento era calma; e forão abalroar o nauio com muyto esforço, e o cerquarão por todas partes. Mas do nauio lhe fizerão muy grande resistencia com 'artelharia, e espingardaria, e panellas de poluora, em maneyra que a peleja durou grande espaço, mas os mouros se afastarão do nauio, com grande perda de gente queimada, e mortos, e calaluzes quebrados de grande poderio de pedras muy grandes que lhe deitauão das gaueas, que foy o mal que os fez afastar; ficando Anrique Mendes caydo e sem acordo, de huma frechada de peçonha que lhe derão na barba, que nom tornou a seu acordo senão depois dos imigos afastados, que lhe acodirão com remedio, e tres homens mortos portugueses, e dous escrauos e muyta gente ferida. Anrique Mendes, tornado em seu acordo repairou os feridos, e os fez meter em baixo, e se fez prestes, cuidando que os imigos tornassem.

[1] * sangue e logo * Autogr. [2] *Ericatin* é o nome que *Barros* dá a este capitão mór, na Dec. IV, Liv. IX, Cap. XV. V.^e^ *Cast.* Liv. VIII, Cap. LXXIX.

Os [1] * outros forão * cometer o junqo. Francisco de Bairros nom tinha comsigo mais que dezaseis portugueses, e valentes escrauos, e a gente do junquo, que fizerão tal defensão que nunqua os mouros ousarão de o abalroar, porque do junquo lhe deitauão grandes arteficios de fogo, e por isso se afastarão, e de longe tirauão muyta artelharia e frechas de peçonha; com que a gente nom ousaua d'aparecer. Mas vindo vento, Anrique Mendes deu todas as velas, vindo secorrer ao junqo; ao que hum tiro que entrou no junquo deu em huma jarra de poluora, que se acendeo e queimou tres homens, e tambem a Francisco de Bairros. Ao grande fumo e fogo que os mouros virão derão grande grita, e remeterão a querer abalroar o junqo, e o cerqarão, e começarão a sobir per escadas, que trazião pera os nauios altos que abalroauão. Ao que do junco muyto se defendião, mas nom fôra nada se o nauio nom chegara, que chegandose, com 'artelharia meteo no fundo tres calaluzes, e espedaçou outros, de que fiqou a gente pelo mar; e dos que estauão por popa do junqo alcançou dous calaluzes. Hum d'elles era do capitão, que se saluou a nado em outro, com que se logo foy pera terra; o que assy fizerão todos, e o nauio após elles tirandolhe até mais nom poder, e sorgio por popa do junqo, e os imigos se forão e nom tornarão mais. E porque pelejando o junquo lhe fogirão pera terra os marinheiros, forçadamente tornou ao porto, e o nauio com elle, e estiuerão até tomar a gente e o que lhe comprio, e se partirão ambos a via de Malaca, onde no caminho acharão outra armada de cossairos jáos, que nom cometerão os nossos porque leuauão muyto vento, com que chegarão a Malaca a saluamento.

FALLA DE MALUCO.

Depois de Tristão d'Atayde ficar de posse de sua capitania da forteleza de Maluco entendeo em a concertar por muytas partes que estaua aberta, e o sobrado da torre da menagem de cima, que era de canas, o mandou fazer de tauoado grosso, e per dentro forrado de cal; e mandou fazer a igreija de pedra, que era de paredes de canas botumadas por dentro. Onde lhe chegou messigeiro do gouernador de huma cidade da ilha

[1] * outros que forão * Autogr.

que se chamaua o Morro, que era gentio, e lhe mandou dizer que se faria christão, com tanto que o defendesse dos mouros, que o hião auexar e lhe roubar o que querião, porque elle nom tinha forças pera os registir. Do que Tristão d'Atayde foy muyto contente por fazer seruiço a Deos, e lhe mandou sua reposta, offerecendose a tudo o que lhe o regedor pedia. No que elle confiado se veo logo a forteleza, onde foy bautizado, e lhe pusérão nome dom João de Mamoya [1], que Mamoya era seu nome de gentio. O qual foy vestido de nobres vestidos portugueses; e se [2] * bautizarão * muytos de sua casa. Com que se tornou á cidade, e foy com elle hum crelgo, chamado João Dias, pera hir bautizar o pouo da cidade, que era grande, e por isso mandou depois outro o capitão, chamado Francisco Aluares, os quaes fizerão tanto seruiço de Deos que desfizerão as casas dos pagodes, e fizerão duas igreijas em que fazião os officios diuinos, e tanto fauorecerão os gentios que todos se fizerão christãos. O que vendo Tristão d'Atayde, mandou lá estar doze portugueses nas casas do regedor, onde se concertarão e estauão em fauor do regedor: com que os mouros erão os auexados d'ahy por diante.

N'este tempo chegou a Ternate hum calaluz com huma gente que se chamão celebes, homens branqos, que como mercadores soyão vir a Ternate, com ouro, e casca de tartaruga, e cera branqa, e outras mercadarias, que dauão por roupa da India. E chegando este calaluz, que mostrarão manilhas d'ouro, e barras, que trazião pera comprar a roupa, logo como foy noite, que elles estauão em seu calaluz dormindo, certos portugueses em hum esquife forão a elles, e com panelas de poluora os fizerão saltar ao mar, e roubarão quanto acharão no calaluz, e o leuarão a Tristão d'Atayde, que o recolheo per maneyra que foy sabido que elle o mandara fazer. Do que os roubados fazião escramações com que muyto se escandalizou o pouo, e o Rey, e os grandes do Reyno.

Do que socederão escandolos, com que se aleuantou no pouo fama que o Rey Tabarija, e sua mãy, e Pateçarangue regedor, e Rabagao [3] * jus-

[1] *Mamoya*, ou *Momoya*, segundo *Castanh.*, Liv. VIII, Cap. XCI, e *Couto*, Dec. IV, Liv. VIII, Cap. XIII, é o nome d'uma cidade. [2] * bautirão * Autogr. [3] * justiça mór que se querião * Id. O nome do justiça mór parece estar mal escripto; porque em *Cast.*, Liv. VIII, Cap. XCII, lê-se *Ragabaho*, e *Barros*, Dec. IV, Liv. VI, Cap. XXLV, escreveu *Regabao*.

tiça mór, se querião * aleuantar, e matar o capitão, e tomar a forteleza. O que sentido do [1] * capitão tomou * d'isso grande sospeita; o que pratiqou em segredo com alguns seus amigos, de que confiou, com os quaes assentou de prender ElRey e os regedores, pera o que ordenou que dous homens ouvessem cotiladas e brigas, e elle os mandaria a prender, e sendo presos aueria outros que fossem rogar a ElRey que fosse rogar por elles; o que ElRey logo faria, o qual viria a isso á forteleza, onde o capitão o prenderia e os que com elle fossem. O que logo foy posto em obra. Foy feito o arroido, a que acodio o capitão, e prendeo tres, [2] * e o feitor acodio *, que já era no concerto; e sendo presos, logo ouve outros portugueses que forão rogar ElRey que por elles falasse ao capitão que os soltasse; o que o Rey fez com boa vontade, porque folgaua d'estar bem com os portugueses, e foy com ElRey o regedor e o justiça mór, que por seu costume sempre acompanhão o Rey; e se forão á forteleza, ao sobrado de cima, onde o capitão estaua ordenado com homens pera isso, que entrando o Rey e os seus, o capitão com gasalhado e prazer os recebeo, e se assentarão, e os portugueses antre elles, que os auião de liar se fizessem aluoroço. E falando ElRey sobre os presos, o capitão mostrou prazer, e logo ally os mandou vir soltos, queixandose com ElRey vir a isso, que bastára mandar hum recado. Então disse a ElRey e aos regedores que, pois já aly estauão, compria auerem conselho sobre huma cousa que muyto compria, mas que compria que fosse presente a Raynha, que o Rey logo mandou vir, estando falando e folgando, dizendo o capitão que lhe queria dar conta de huma traição com que vinhão os celebes. No que praticando, chegou a Raynha com quatro molheres, e assentada com ElRey, e todos ordenados o que auião de fazer, lhe dixe o capitão que elles bem sabião que ElRey de Portugal era senhor das terras de Maluco, e em soster aquella forteleza e seus portugueses que tinha per' as defender com guerras tantos erão mortos; e que pois ElRey de Portugal tanto fazia e gastaua por ter os Reys de Ternate em seus reynados, os que nom fossem bons amigos nom podião ser Reys; que por isso fòra deitado fóra do reyno o Rey [3] * Vayaco * que nunca seria Rey; e elle tinha ora sabido que elles todos ordenauão traição de se leuantarem, e o matarem,

[1] * o capitão que tomou * Autogr. [2] * e o feytor que acodio * Id. [3] * Viayco * Id.

e tomarem a forteleza, pelo que aly auião d'estar presos, até tirar huma deuassa e os mandar presos ao Gouernador. O que ouvido por ElRey e os seus, como homens innocentes, estiuerão muy seguros, dizendo o regedor que tal nom era; o que assy dixe ElRey e Raynha, que olhasse elle o que fazia, que tudo obedecião, porque tal culpa nunqua se acharia n'elles, e fizesse d'elles o que quigesse, porque sabida a verdade lhe pediria perdão, e se lhes fizesse contra justiça, quando viesse outro capitão lhe faria * justiça *. E d'este modo forão todos presos, sem nenhum aluoroço, porque estauão confiados em sua innocencia. O capitão, os vendo tão seguros, logo lhe pareceo que era falso o que sospeitara; e nom ousou de os tornar a largar, porque ouve medo que tinhão rezão de então se aleuantarem, e que já nunqua os teria por seguros amigos. E por estar seguro d'este inconuiniente, quis leuar o mal ao cabo, e fazer outro Rey. Pera o que mandou trazer hum filho bastardo do Rey passado, que tinha de huma molher jáoa, moço de doze annos, o qual mandou o feitor que o fosse trazer dessimuladamente, fengindo que o chamaua per outra cousa. O feitor chegando a elle o tomou pola mão, dizendo que o capitão o chamaua. A mãy, cuidando que era pera lhe fazer mal, o nom quis largar; em maneira que lho tomarão por força. Ao que a mãy sayo gritando, e fez grande aluoroço. Correndo ás casas d'ElRey, que lhe disserão que com a Raynha estaua na forteleza, bradou dizendo que já ElRey era morto, e querião matar seu filho. Com que no pouo, que era gente bestial, ouve grande medo, e começarão de fogir os homens e molheres, com seus filhos ás costas, gritando; cousa piadosa de vêr.

Recolhido o mochacho á forteleza, chamado Cachil [1] * Aeyro *, o aleuantou por Rey de Ternate, e fez regedor do Reyno o [2] * Çamarao *, que logo acodio á gente que fogia. Dandolhe grandes seguros, com seus juramentos, que nom receberião nenhum mal, fez tornar a gente, e a mãy do Rey nouo trouxe á forteleza, que se recolheo com seu filho, a que o capitão deu todo seu estado de Rey, com seus gastos e seruidores, que nom saya fóra da forteleza. O capitão, por assentar os Reys visinhos, que nom se escandilizassem da prisão do Rey Tabarija, a todos mandou seu recado, que foy ao Rey de Tidore, e de Bachão, e de Gei-

[1] * aceyto * Autogr. [2] * Camarao * Id. *Samarao* se lê em *Barros*, Dec. IV, Liv. VI, Cap. XXIV; e *Çamarao* em *Castanh.*, Liv. VIII, Cap. XCII.

lolo, que a todos mandou cartas de rezão porque prendera o Rey Tabarija e fizera Rey Cachil [1] *Aeyro*. Todos lhe responderão que fizera bem; pois que já outros capitães de Ternate fizerão outras cousas piores e o Gouernador os nom castigára, menos faria a elle. E o Rey de Geilolo muyto mais, dizendo que os ternates merecião tudo, e muyto mais, pois forão dar sua terra aos portugueses sómente por cobiça, pera serem maiores que todos com suas grandes soberbas; que por tanto muyto mais merecião, e muyto pior lhe auião inda de fazer os portugueses. O capitão, com sua grande cobiça d'auer muyto crauo vio que tinha a terra em desposição pera isso, e meteo n'esta acupação o Çamarao, que com seu nouo gouerno do Reyno se offereceo ao capitão que todo lhe faria auer, e fez com o capitão que em todolos lugares mandasse pôr seus criados pera apanharem o crauo, e elle mandou deitar pregões por todos os lugares, com grandes penas, que ninguem vendesse crauo senão aos homens do capitão; os quaes pregões o capitão assy mandou deitar com grandes penas aos portugueses. Ao que em todos ouve grande escandolo, logo praguejando largamente o que querião, e esto sem medo, porque todos erão queixosos e agrauados, sentindo a tirania do capitão. O qual, porque o Rey de Bachão nom consentio que em sua terra se tomasse o crauo, determinou de lhe fazer a guerra, ao que mandou hum Antonio Pereira e Jorge Goterres, que o fossem guerrear; os quaes derão salto na terra e catiuarão alguns: de que o Rey e seu pouo ficarão muy escandilizados, porque estauão confiados na paz que tinhão, [2] *e o Rey era* o mais antigo e esperimentado amigo que os nossos tinhão, que como verdadeiro amigo sempre ajudou aos trabalhos da forteleza. E postoque isto assy era, e pelo que lhe fizerão se nom aleuantou, e estaua manso em sua terra, todauia o capitão mandou huma armada que o fossem destroir. Os quaes capitães lá chegando, o Rey lhe fez grandes [3] *requerimentos* que lhe nom fizessem mal, porque era fiel vassalo d'ElRey de Portugal, e sempre fôra verdadeiro amigo dos portugueses e dos capitães passados, o que elles portugueses bem sabião, e nom tinha feito por onde agora lhe fizessem guerra; mas como hião cobiçosos do roubo, nom derão por nada, e lhe fizerão saltos por muytas partes. Em os bachões se defendendo matarão e ferirão alguns dos nossos. Ao que o capitão se or-

[1] *acyto* Autogr. [2] *e o Rey que era* Id. [3] *rerimentos* Id.

denou hir a esta guerra em pessoa, como foy, e leuou em sua ajuda o Rey de Ternate, e de Tidore, com grande armada; e foy á boca do rio, pera hir por elle á [1] * cidade, e achou que os da terra o tinhão * atrauessado com aruores cortadas e muytos e grossos madeiros; no qual trabalho o capitão se meteo a despejar o rio, ao que, em quanto isto fazia, os da terra lhe tirauão muytas frechadas. Ao que o capitão mandou Diogo Sardinha, capitão mór do mar, que foy com espingardeiros tirar aos frecheiros. O que vendo o Rey a determinação dos nossos, mandou muyta gente que tinha cortar huma terra por onde antigamente corria o [2] * rio *, a qual aberta como foy feita o rio vazou pera lá, e fiqou 'armada em sequo metida na vaza. O que sabido do capitão o que era, mandou o capitão do mar com gente a tapar 'abertura que era feita, polo que então o Rey, com suas molheres e tisouro, fogio pera o sertão pela terra dentro; e fiqou a cidade despejada de gente e fazenda, que nom acharão que roubar. Polo que então lhe puserão o fogo, e abrirão as sepulturas dos Reys, e leuarão as ossadas, cuidando que depois lhas resgatarião; e porque a terra era toda alagadiça, o capitão, nom podendo andar por ella, se tornou á forteleza e deixou ao capitão do mar e o regedor Patecarangue fazendo a guerra. Então o Rey fez concerto com o capitão, e lhe deu duzentos bares de crauo; com que lhe tornou a dar paz.

[1] * cidade até os da terra tinhão * Autogr. [2] * Rey * Id.

ARMADA

DE

FERNÃO PERES D'ANDRADE,

ANNO DE 535.

CAPITULO LXIV [1].

Já atrás contey como o Gouernador, partido pera Dio, deixou huma fusta em Goa, pera *que* como chegassem as naos do Reyno pedisse aos capitães os maços das vias d'ElRey e lhas leuasse; as quaes naos chegarão a catorze de setembro, que forão estas, a saber: Fernão Peres d'Andrade, por capitão mór, elle na nao Espera, e Thomé de Sousa, na Galega, e Fernão de Moraes em Santa Barbora, e Jorge Mascarenhas em Santa Crara, e Martim de Freitas na nao Espinheiro, e Fernão Camello em São Bertolameu, e Luiz Aluares de Paiua no Cirne. Ao capitão de Goa deixou o Gouernador mandado que nom consentisse que as naos estiuessem em Goa mais que hum mês, e logo se fossem a Cochym as que viessem ordenadas á carga, e que toda a gente d'armas que n'ellas viesse a mandasse a Dio. O que assy foy feito, que serião seiscentos homens, boa gente. E porque n'este presente anno, no [2] *inuerno*, se passarão outras cousas, que nom escreuy por nom cortar o fio ás cousas de Cam-

[1] Não marcou o auctor este capitulo, nem a sua numeração. [2] *inuer* Autogr.

baya, e porque tudo se ha de contar em seu propio tempo em que passarão, por nom sayr fóra da ordem as contarey aquy.

No anno atrás passado de 534 faleceu no Balagate o Idalcão velho, que assentára as pazes com Afonso d'Alboquerque do tempo da tomada de Goa; do qual ficarão tres filhos de differentes madres, todos moços de pouqua idade, que alguns grandes tinhão em poder, que os criarão por lhe serem diuidos parentes de suas mães; dos quaes foy aleuantado por Rey Idalcão o mais velho, que seria de dez annos, e os grandes cada hum queria ser titor, pera ter os poderes de Rey gouernando o Reyno; sobre as quaes deferenças fizerão seus ajuntamentos. O Acedecão, senhor das terras comarcãs a Goa, era o mór senhor de todos elles, em poderio de rendas, gentes, terras, por sua dinidade; porque o nome d'Acedecão he grande como hum marquês ou duque. O qual tinha em seu poder hum d'estes moços, o mais pequeno, filho de huma sua sobrinha; pelo que tambem queria que fosse Rey, dizendo que os outros nom erão verdadeiros filhos do Idalcão, senão o seu que tinha em poder. Polo que tambem ajuntou seu poder, e secretamente daua grandes peitas a quem cegasse o que era aleuantado por Rey; mas como o Acedecão era enuejado e mal querido de todolos grandes, por desfazerem n'elle todos concederão que fosse Rey o que já era nomeado por ser mais velho, ao qual fizerão suas cirimonias de Rey, com que de todo fiqou assentado por Rey, porque já tinha bom entendimento d'homem. Ao qual os grandes logo mexericarão, dizendo ao Idalcão nouo que Acedecão peitaua a quem o cegasse, por fazer Rey o moço que tinha em poder; que o deuia de colher á mão, e mandar chamar o Acedecão, que lho trouxesse e lhe viesse fazer çalema. Do que de todo o Acedecão foy auisado, e se fez muyto doente d'acidentes, em modo que, quando foy chamado do Idalcão, o messigeiro o vio tal que lhe pareceo que morreria, e assy o dixe ao Idalcão, mas seus contrairos dizião que sua doença era manhosa; e outras vezes o mandou chamar, mas o Acedecão sempre se escusou. E fazendo suas contas, bem vio que se o Idalcão mandasse sobre elle nom se poderia defender em Bilgão, em que estaua e tinha huma forteleza muy forte e muy artilhada, com grandes artificios que portugueses arrenegados lh'ensinarão, porque português que podia colher á mão o metia n'esta forteleza, e nom saya mais; e lançando suas contas que tomandolhe este Bilgão nom tinha outra cousa nenhuma no Balagate em

cima na serra, e colhendose pera baixo pera' fralda do mar, que era toda sua, nom se poderia defender da gente que decesse da serra; e como era de forte coração e determinou morrer na demanda, tomou costas do Gouernador, a que deu conta de todo seu caso, e lhe deu as terras de Salsete e Bardês pera os gastos de suas armadas, que sempre serião suas em quanto elle viuesse; e que se o seu moço, que elle tinha, fosse feito Rey, que as terras pera sempre ficarião pera ElRey de Portugal; * pedindo * que como amigo lhe désse conselho como faria suas cousas. O Gouernador lhe respondeo com grandes agardicimentos do que lhe daua, com muytos offerecimentos pera o ajudar com quanto pudesse; e que no caso lhe nom sabia dar * conselho *, pois elle era tão sisudo; sómente * lembraua que era * a principal cousa segurar sua pessoa sobre todolas cousas, porque, viuendo, o tempo curaria as cousas, ajudado com os trabalhos.

O Gouernador, porque tinha a obrigação de Cambaya, que era tamanha cousa com que nom podia entender em outra nenhuma que o estoruasse, pôs esta cousa em conselho, em que foy assentado que tomasse as terras que lhe dauão em paz, pois n'isso nom auia engano que se pudesse suspeitar; porque o Acedecão tinha muyta necessidade de nosso fauor, e sendo caso que as tornasse a recolher, já ficaria na mão o que estiuesse arrecadado em pago do trabalho, se o ouvesse; porque nas tanadarias sómente estaria hum tanadar e escriuão com seus piães, e mostrando a chapa do Acedecão abastaria pera nom [1] * auer * trabalho: o qual logo foy posto em obra. E porque já auia alguns ladrões que andauão a roubar, mandou o Gouernador pera tanadar mór, que tudo arrecadasse, a Ruy Varella, e com elle Jurdão de Freitas por capitão de gente de pé e de cauallo, e piães da terra, que corresse todas as terras; e mandou por recebedor Christouão de Figueiredo. Os quaes muy pacificamente forão obedecidos e arrecadarão muyto dinheiro: ao que crecerão más cobiças, e os nossos fizerão muy graues males, de roubos, tiranias, tirando as molheres e filhas fremosas a seus maridos, e outras conrompião, e as furtauão, e tornauão a vender.

Vendo o Gouernador o grande dinheiro que se auia das terras, quando se partio pera Dio encarregou muyto ao capitão de Goa, dom João Pereira, que tiuesse mão nas terras quanto pudesse, e que trabalhasse com o Acede-

[1] * ver * Autogr.

cão que désse licença que fizesse hum castello no cabo de hum rio que entraua nas terras de Salsete, porque estando ally castello ficauão as terras seguras, por ser por ally a principal passagem de todolas terras; e se o Acedecão désse a licença com muyta diligencia o fizesse muy forte; de que lhe deixou a vitolla, e bem olhado o lugar em que o fizesse. Pera o que lhe deixou carta pera o Acedecão, em que lho muyto pedia, dizendo que as terras erão suas, e que tambem o seria o castello, e os portugueses que n'elle estiuessem, pera o seruirem e fazerem o que elle mandasse; e a toda hora que quigesse lho entregarião ou desfarião por terra; e assy lho prometia com muy retificadas [1] * palauras. Partido * o Gouernador pera Dio, o capitão mandou Christouão de Figueiredo ao Acedecão com esta carta; no que tantas auondanças falou ao Acedecão, porque elle auia de estar por capitão do castello, que ouve a licença do Acedecão, com que tornado a Goa, o capitão dom João Pereira foy ao rio com alguns homens honrados e casados, com muytos cabouqueiros e pedreiros, e fundou logo a torre da menagem, de hum sobrado de grossas vigas e argamassado, pera em cima tirarem peças grossas, se comprisse; cuberta com telhado vão sobre esteos de páo, e derrador da torre hum muro em triangulo, segundo a feição do rio e defensão das passages, muy forte, e entulhado ametade da altura, e nos cantos cubellos mociços pera em cima tirar artelharia, e assy com telhados sobre esteos de páo, e dentro largura pera se fazerem aposentos pera cincoenta homens. Onde logo se assentou boa artelharia e todas monições necessarias; onde auia auondança de mantimento que auia na terra, e dentro poços baixos de muyto boa agoa, porque o castello estaua na borda do rio. E no castello se aposentou o capitão Christouão de Figueiredo com oitenta portugueses armados, espingardeiros. O que o Acedecão, a seu rogo, veo vêr o castello, que estaua com ramos e bandeiras, e tirou muyta artelharia, e o capitão lhe foy com toda a gente fazer cortezia, e lhe foy entregar as chaues; com que o Acedecão muyto folgou, e lhe fez mercê. O que tudo o capitão de Goa escreueo ao Gouernador a Dio, com que ouve muyto contentamento, com o grande prazer em que estaua fazendo a forteleza de Dio, cousa de tão grande sua honra, e auido Baçaim, que rendia cem mil pardaos, e a terra firme, que rendia sessenta mil.

[1] * palauras que partido * Autogr.

CAPITULO LXV [1].

COMO O ACEDECÃO SE TORNOU Á OBEDIENCIA DO IDALCÃO, E * DA * GUERRA QUE OUVE COM OS NOSSOS, * PERA * QUE SE TORNASSEM AS TERRAS.

O Acedecão era tão endiabrado com fantesia de caualleiro, que vendo que nom tinha remedio de leuar áuante fazer Rey o moço que tinha em poder, auendo que o Idalcão que era feito nom era verdadeiro filho d'El-Rey morto, o que escreuia e amoestaua aos grandes do Reyno, o que indaque sabião que falaua verdade, porque todos lhe querião mal e auião temor que sendo Rey o seu moço elle ficaua como Rey, ou se aleuantaria por Rey e lhe faria muytos auexamentos, por isso aleuantarão e fizerão o Rey que estaua feito, nom querendo outorgar a vontade do Acedecão; antes erão contra elle, aconselhando o Rey nouo que o destroisse por assy estar reuel, e logo lhe começarão a fazer guerra; com que o Acedecão determinou morrer na demanda ou lhe destroir o reino. Com esta tenção se foy ao Rey de Bisnegá, que muytas vezes pelejaua com estes Reys do Balagate, e concertou com elle que lhe désse ajuda de gente, que elle pagaria, que com pouqo trabalho lhe tomaria o reyno, porque era Rey nouo feito contra direito, e faria Rey o moço que tinha em poder, que era verdadeiro filho do Rey morto e não o que estaua feito, pera o que tinha fauor d'alguns do Reyno; e lhe désse esta ajuda com condição que * se * o moço ficasse Rey do Balagate lhe daria a obediencia. Do que o Rey de Bisnegá foy contente, porque n'isso nom gastaria nada, e lhe deu quanta gente quis, que forão doze mil de cauallo e trinta mil de pé, com que o Acedecão, com a sua que ajuntou, cometeo o Reyno por muytas partes, fazendo muyto mal; e todos lhe obedecião, por ser grande guerreiro, e liberal, que fazia grandes mercês do que tomaua. Polo que o Rey nouo se ordenou a hir á guerra com sua gente, que mandou ajuntar e fazer prestes. A Raynha sua mãy era molher de grande siso, e tinha muyto entendido dos mouimentos que com pouqa cousa fazião de sy os grandes do reyno, e que o Acedecão era muyto forte de condição, e tinha muyto tysouro, e era muyto liberal, e

[1] O LIX no original.

com dadiuas acabaria o que quigesse, e lhe buscaria a morte ao filho. Temendo estas cousas, e males que socedião na guerra, falou com seu filho, e o aconselhou fortemente que por bem ouvesse concerto com o Acedecão, com que cessasse do que fazia, e o tornasse a sua amisade, se pudesse, e assentasse com paz seu reynado nouo, que depois o tempo lhe diria o que fizesse. E esta parte pratiqou a Raynha em conselho com os grandes, que a todos pareceo bem, e com elles [1] * ordenado o que a Raynha propoz, ElRey *, como escondidamente, mandou seu recado ao Acedecão, com piadosas palauras, dizendo que nom tinha rezão de lhe fazer tanto mal, pois elle era como pay do reyno do Balagate, e que elle em conta de pay o tinha, pois era o principal e maior do reyno em poder e saber, e que em tudo lhe obedeceria o que fosse bem e rezão ; * que * nom lhe tinha a mal querer fazer Rey e grande seu filho, que criara como filho, e grande amor que lhe tinha a tudo o obrigaua, que lho nom julgaua por erro querer mais pera o filho, que criara, que pera elle: pelo que lhe muyto rogaua que cessasse do que fazia, e o deixasse reinar em paz, pois já estaua obedecido por Rey ; e que em todo o mais lhe obedeceria no que fosse rezão, e todo o mais que fizesse erraua contra sua honra. E com estas outras piadosas auondanças e seguros. Com que o Acedecão, tambem lançando suas contas e ao perigo de sua vida, que corria andando antre gente de guerra, que nom tem lealdade a seu proprio Rey e senhor, e bem [2] * lançadas * suas contas, secretamente tomou seus seguros da mão d'ElRey e da Raynha, e despedio a gente de Bisnegá bem pagos e contentes, e com a sua se tornou a suas terras ; e ficarão em grandes amisades, porque ElRey tomou por molher huma sua sobrinha, filha de huma sua irmã ; com que a paz fiqou segura, e lhe acrecentou suas terras e rendas. Mas comtudo isto, como o Acedecão era muy entendido, no seu coração tinha sospeita que o tempo andando, que o Idalcão hiria sendo homem, nom estaua em rezão nom lhe ter odio, sabendo que lhe buscára a morte e quisera tirar seu reinado, polo que nunqua d'elle se deuia de confiar, mórmente tendo o moço em seu poder ; e por se segurar d'enconuinientes, que podião soceder, concertou com ElRey, que por o amor que tinha 'o moço, porque o criara como filho, ouvesse por bem que elle o mandasse fóra do Reyno ; que seria

[1] * ordenado que a Raynha e ElRey * Autogr. [2] * lançado * Id.

pera Meca, onde lá acabaria seus dias. Com que ElRey muyto folgou, dandolhe por isso agardicimentos, e que o mandasse muyto embora. O Acedecão, como homem acautelado, muy secretamente mandou fazer prestes em Dabul huma boa nao, que concertou hum mercador como sua, embarcando suas fazendas. Despachando sua nao se partio, e foy agardar em hum certo lugar, onde recolheo o moço com suas molheres e seruidores, e com muyto dinheiro, que o Acedecão despedio e mandou muy secretamente tudo primeiro embarcar, e per derradeiro o moço em trajos desconhecido, só com hum seu parente de que confiou. E lhe dixe que estiuesse em Meca, e d'ahy se nom fosse, porque podia ser que soccderião cousas, o tempo andando, que inda tornaria ao Balagate; porque pera o fazer Rey sempre auia de ter vontade até morrer, e o mandaua porque sua vida estaria lá mais segura, porque elle era já velho e podia morrer, com que então nom teria quem o saluasse á morte, que ElRey lhe daria por se segurar d'elle. Com que despedio o moço, chamado Mealecão, que passou a Meca, onde esteue, e depois tornou a vir á India, como adiante contarey em seu tempo.

Sendo assy assentada a paz do Acedecão, o Idalcão lhe mandou dizer que pois tinha feito o mais que fizesse o menos; que tornasse a recolher suas terras, e se desfizesse o castello que os portugueses fizerão por seu aprazimento. Do que o Acedecão ouve muyto pezar, vendo que isto nom podia ser sem muyto trabalho, anojando o Gouernador, que elle muyto estimaua, em quebrar sua palaura; e sobre tudo, que ficando mal com o Gouernador, e com os portugueses, ficaua desemparado de sua amisade, que lhe nom valeria ao mal que lhe quigesse fazer o Idalcão; assentando em seu coração grande sospeita que esta era a principal causa porque o fazia o Idalcão com induzimentos de seus imigos. O que assy entendendo, respondeo ao Idalcão com muyta dessimulação, dizendo que quando ouvera as deferenças de seu reinado, ouvera auiso que o Gouernador apercebera gentes pera mandar tomar as terras durando a reuolta; ao que elle nom poderia acudir, e por atalhar ao grande mal que isto seria, com roubos, mortes, catiueiros, que os portugueses farião guerreando as terras, per bom conselho assentára fazer noua paz com o Gouernador, dessimulando que nom sabia de seu aprecibimento, querendo antes perder a renda d'ellas, que erão suas, que vêrse em tamanho trabalho como era guerrear com portugueses; e * quanto * ás terras e cas-

tello, [1] * tudo por elle consentido e feito, que era seu vassallo, não era valioso, e que elle * como Rey e seu senhor tudo podia desfazer; que sobre isso mandasse seu recado ao Gouernador, que por bem lhe parecia que tudo se acabaria, pois o castello se nom fizera pera guerrear, sómente pera n'elle estarem seguros os arrecadadores das rendas, dos ladrões que andauão desmandados a saltear; e que quando o Gouernador nom quigesse fazer rezão, que então elle faria o que elle mandasse, que era seu Rey e senhor.

D'este recado do Idalcão e reposta que lhe assy mandou, o Acedecão tudo secretamente fez saber a dom João Pereira, capitão de Goa, dizendo que se nas terras alguma cousa se bolisse nom seria por sua culpa. Tinha o Acedecão estes comprimentos nom querendo perder nossa amisade. O Idalcão lhe pareceo bem a reposta do Acedecão, e per conselho mandou seu recado ao capitão de Goa, dizendo que o Acedecão era seu escrauo, e aleuantandose contra seu seruiço dera suas terras ao Gouernador, que elle nom deuera aceitar, sabendo que lhas nom podia dar; e que nom abastára tomar as terras, mas, sendo partido pera Cambaya, elle capitão nas ditas terras fizera forteleza, que era obra d'imigo, e não d'amigos, como sempre de tantos tempos seu pay guardara boa paz com os Gouernadores passados; que por tanto, se nom queria quebrar esta boa paz, lhe pedia, como amigo, que desfizesse a forteleza, que era abatimento seu; e que as terras estiuessem como estauão, até vir o Gouernador com que se determinaria, porque ficárão da sua mão; que sómente o castello, que elle fizera depois de hido o Gouernador, o desfizesse.

Ao qual recado dom João Pereira respondeo que elle era capitão de Goa, feito por ElRey de Portugal e não da mão do Gouernador, e tinha dous mil homens, casados e solteiros, e com todos estaua prestes pera o seruir com toda boa amisade, se a elle quigesse gardar, porque o castello ally nom era pera guerrear nem fazer mal, sómente estarem guardados os portugueses de quem lhe quigesse fazer mal; que lhe pedia, por mercê, que nom bolisse com nada até vir o Gouernador, assy como dizia que estiuessem as terras; e o Gouernador tudo assentaria em bem, por-

[1] * tudo nada era valioso por elle consentido e feyto que era seu vassallo, e que elle *. Autogr.

que nom auia de ter cousa sem sua vontade. E com isto bons comprimentos de boa amisade.

O Idalcão nom foy contente d'esta reposta, por induzimento dos do conselho, que erão imigos do Acedecão e lhe querião dar este trabalho, dizendo ao Idalcão que nom agardasse pela vinda do Gouernador, porque nom lhe auia de largar nada do que estaua feito; que o capitão de Goa queria passar o tempo até vir o Gouernador, porque em Goa nom tinha gente com que pudesse defender as terras e soster a forteleza, que agora podia tomar com muyto menos trabalho que sendo o Gouernador presente. No que assentou o Idalcão, e logo mandou aperceber gente de pé e de cauallo, de que deu a capitania a hum seu capitão turqo, chamado Soleymaga [1], o qual entrou de supito nas terras de Salsete, e foy sobre huma casa de pagode onde estaua Cristouão da Figueiredo com vinte portugueses, que a grande pressa se recolherão dentro á casa, que era de pedra, abobadada de pedra muy forte, chamado Mardor, onde o Christouão de Figueiredo tinha muyto dinheiro que estaua pera mandar a Goa; e todauia forão mortos outros que se vinhão recolhendo pera o pagode, e outros feridos, em que no pagode se recolherão passante de trinta, todos espingardeiros, que ás espingardadas fazião tanto mal que os mouros nom parecião diante da porta do pagode onde os nossos estauão cerquados, que dentro tinhão o que auião mester. E os mouros corrião a terra roubando e matando, fazendo grande destroição. O que sabido em Goa, logo o capitão mandou pera o castello Miguel Froes por capitão, com gente, e elle passou além com cem homens de cauallo e cem espingardeiros, e quinhentos piães da terra; o que sabido do mouro, recolheo sua gente, e se foy recolher em huma casa de pagode, grande e muy forte, que estaua d'ahy duas legoas, chamado o Margão, onde se fez forte. Ao que então o capitão mandou vir de Goa mais gente, com que se concertou e foy caminho donde estaua o turqo, o qual nom agardou no pagode, e se foy recolher em hum lugar chamado Pondá, em que auia huma fraqa forteleza e pouoação, que era fóra das terras: com

[1] Soleimão Aga. *Barros*, Dec. IV, Liv. VII, Cap. X. V.º tambem *Castanh.*, Liv. VIII, Cap. CIV. G. Correa escreveu aqui *Seulemaga*, e n'outros logares *Solemaqa*, *Çuleymaga*, e *Soleymaga*, que preferimos como a melhor contracção de Soleimão Agá. O mesmo fizera *Andrada* na *Chron. de D. João III*.

que ficarão desembargadas, e o capitão se tornou a Goa, que foy dia de Santa Catharina, em [1] * nouembro * do anno de 535.

O turqo, recolhido a Pondá, mandou recado ao Idalcão, dizendo que nom tinha gente pera pelejar com o capitão de Goa. Polo que o Idalcão lhe mandou quinhentos de cauallo, e quatro mil de pé frecheiros e adargueiros, e espingardões, e bombas e artificios de fogo pera campo, com que o turquo tornou a entrar nas terras de Salsete, fazendo grande destroição, e mortes e roubos, com que as gentes despouoauão as terras. O turqo assentou arraial em hum campo, junto de huma ribeira que era perto do castello, onde estaua senhor de toda a terra, recolhendo as rendas com que lhe acodião os tanadares, pelo medo que lhe tinhão.

O que sabido em Goa, o capitão se fez prestes, e passou além com cento e cincoenta de cauallo, casados dos melhores de Goa, bem armados, e quatrocentos portugueses de pé, lanceiros e ametade espingardeiros, e oitocentos homens da terra, frecheiros e adargueiros, bons homens da guerra, com que foy em busca do turqo; e entrando no campo em que estauão os mouros pôs em ordem a gente, com os adargueiros diante escudando os espingardeiros e lanceiros que hião detrás, e elle em huma az com todos os de cauallo, com sua bandeira real e trombetas. Ao que o turqo tambem se concertou com sua gente, vindo pera os nossos com suas gritas e tangeres, deitando grão numero de frechas, e virotões de fogo, e bombas de ferro, que correm polo campo com muyta furia e estrondo; o que pôs tão supito medo nos nossos que nom fizerão mais que desparar as espingardas que leuauão carregadas, virando as costas a fogir. O que vendo o capitão bradou Santiago, * e * toqando as trombetas arremeteo aos mouros; o que elle fez só com doze que o seguirão, porque os outros todos voltarão fogindo, como fazião os de pé; com que o capitão, vendo que lhe fogião, bradou: Ah, rapazes, auey vergonha, que» «vosso capitão, só, vay a morrer, e liurar a bandeira, que está cer-» «quada de mouros!» A qual tinha hum homem de pé, valente caualleiro, chamado Thomé Rodrigues, que tinha a bandeira com a mão esquerda fincada no chão, e com a espada pelejaua, que nenhum mouro lhe ousaua a chegar. Os mouros vinhão de corrida, mas vendo o capitão e os de cauallo remeter sós, se detiuerão, cuidando que era engano a

[1] * dezembro * Autogr.

fogida dos nossos, os quaes, vendo que os mouros se detinhão, e vendo o capitão pelejar antre todos, alguns tomarão coração e tornarão; o que assy fizerão outros. O que vendo os mouros, que os nossos tornauão e os piães e espingardeiros, deulhe Nosso Senhor medo com que se retornarão pera trás; com que os nossos tomarão esforço, e querendo emendar seu erro, cometerão os mouros com tanto esforço que os arrancarão do campo fogindo, seguindolhe o alcanço, matando, e derrubando muyto feridos, onde os nossos tornauão a cobrar as armas que auião deixado por fugir. Os mouros, desbaratados, colhendose per antre huns [1] * matos os nossos os seguirão *, passando os matos até hum rio que tinha huma ponte de páo, que nom cabendo por ella com a pressa, passarão o rio os de cauallo com o turqo, e os de pé morrerão muytos. E dom João nom consentio que os nossos passassem o rio, e ajuntou toda a gente, que hum só homem foy morto; mas ouve muytos feridos, e dos mouros dous capitães, e hum sobrinho do turqo, e mais de duzentos mortos. Onde o capitão assy a todos juntos fez grande escramação, dizendo: « Muy-»
« tos louvores dou a Nosso Senhor, de tamanha mercê que me fez em »
« me dar vitoria d'estes seus imigos, por sua misericordia. D'este feito »
« sempre serey lembrado de tamanha judaria como fizestes, vendome »
« remeter a pelejar com os mouros, e vós voltando, fogindo. O que ven-»
« do, nom pude al fazer senão, como desesperado, me meter antre os »
« mouros, pera morrer com a bandeira d'ElRey, que estauá tomada po-»
« los mouros. E se ally morrera fiqaua minha alma salua ante Deos, »
« de meus pecados salua, e vós, casados de Goa, * ficarieis * tão con-»
« denados, e auiltados de vossas [2] * honras, em toda * vossa vida pera »
« sempre [3] * perdidas! E posto * que vós fizestes o pecado em vossa fo-»
« gida, que se falaria pola India e ante ElRey em Portugal, a perda »
« toda sobre mim ficaua, dizendo: Dom João Pereira, capitão de Goa, »
« passou á terra [4] * firme *, e perdeo a bandeira, e fogio com sua gen-»
« te, que erão tantos de cauallo e tantos de pé, que auondauão pera »
« pelejar com o poder do Idalcão. A qual deshonra pera sempre ficaua »
« em minha geração; polo que antes escolhia a morte que ficar viuo com »
« tanta deshonra: o que Nosso Senhor remediou com sua grande mi-»
« sericordia. [5] * E pera que sejaes * bem lembrados de tamanho mal, »

[1] * matos que os nossos seguirão * Autogr. [2] * honras que em toda * Id.
[3] * perdida que posto * Id. [4] * fir * Id. [5] * polo que elles fossem * Id.

« pera outra tal vos nom acontecer, [1] * ao menos comigo *, nom venhaes »
« mais a me ajudar, que o nom hey de consentir. » E lhe disse outras palauras muy vergonhosas. Com que se tornou pera Goa. O que tudo isto recontado do Balagate passou no anno atrás de 534, e n'este de 535.

CAPITULO LXVI [2].

COMO FORÃO SOLTOS VINTE PORTUGUESES DO CATIUEIRO DE BENGALA, EM QUE ESTAUA MARTIM AFONSO DE MELLO.

N'ESTE presente anno, acabando Diogo Rabello de seruir de capitão e feitor da pescaria de Choromandel, per licença que tinha auida do Gouernador foy a Bengala em huma sua nao, com regimento que nom faria nenhuma fazenda em nenhum dos portos de Satigão e Chatigão, se nom dessem os catiuos; e sómente lhe tapasse os portos, que nom tratassem, e se á costa fossem ter aleuantados ou rumes os represasse e guerreasse; pera o que hia muyto armado com duas fustas que armára do seu dinheiro, pera que sómente o Gouernador lhe emprestou 'artelharia, sem mais nada. Com que a gente folgou de hir, com esperança que farião prezas. Com que Diogo Rabello se foy a Bengala este inuerno da India d'este anno de 535, onde a Bengala nom fôra mais nenhum nauio português, depois que de lá veo Antonio da Silua. O qual Diogo Rabello chegou ao porto de Satigão, onde achou duas naos grandes de Cambaya, que auia tres dias que erão chegadas com muytas mercadarias, pera venderem e comprarem; as quaes, sem n'ellas toquar, fez afastar do porto pera baixo polo rio, e lhe defendeo que nom fizessem fazenda, e mandou logo huma das fustas, com trinta homens, a outro porto de Chatigão, onde achou tres naos da costa de Choromandel, que tambem fizerão afastar do porto. E Diogo Rabello mandou dizer ao gozil que elle era mandado polo Gouernador de paz e de guerra; que por tanto mandasse perguntar a ElRey se queria largar os catiuos, que se os désse lhe largaria os portos na paz que d'antes estauão, e senão que faria o que o Gouernador mandaua, a que logo mandaria recado pera mandar mais armada, e elle andaria pela costa fazendolhe muyto mal. E teue modo Diogo Ra-

[1] * ao menos que comigo * Autogr. [2] No original é o LX.

bello que mandou de tudo carta a Martim Afonso, que lhe mandasse dizer se faria guerra se ElRey os nom quigesse largar. A que Martim Afonso respondeo que nom fizesse guerra, pois nom prestaria senão pera lhe dobrar o mal. E o Rey respondeo ao recado que lhe mandou o gozil, que era contente de largar os catiuos, com tanto que se nom falasse nas perdas passadas, e seus portos lhe ficassem na paz de primeyro, e que, em penhor de isto lhe guardarem, Martim Afonso lhe ficasse em arrefem tres annos, com os portugueses que com elle quigessem ficar, que nom estarião em prisão, e lhes daria todo o necessario; e que sobre este concerto mandaua embaixador ao Gouernador. O que falou com Martim Afonso, dizendo que muyto folgara de logo o mandar com todos os outros; mas que tinha grande [1] * medo * de [2] * Xercansor *, capitão do Rey dos patanes, que entraua por suas terras fazendolhe crua guerra. Polo que se secorria ao Gouernador, e per seu embaixador lhe pedia secorro, que se lho mandasse lhe daria forteleza em qualquer dos portos que quigesse. E rogou a Martim Afonso que dos portugueses mandasse vinte ao Gouernador, pera elle auer prazer, e ajudarem a despachar bem seu embaixador. O que Martim Afonso falando com todos, nom auia nenhum que quigesse sayr do catiueiro, pois elle ficaua na prisão. No que ouve muytas profias, e Martim Afonso lhe rogando que fossem os que pudessem, que depois Nosso Senhor [3] * viria * com sua misericordia, todauia nenhum quis hir, senão os que elle Martim Afonso apartou por força, que forão vinte e cinco, e fiqarão vinte, porque [4] Martim Afonso escreueo a*o* Gouernador quão grande cousa seria ter a renda de hum d'aquelles portos, com forteleza, de que aueria tanto proueito; e cada hum escreueo a seus amigos. E os apresentou a ElRey os que auião de hir, aos quaes ElRey entregou o embaixador, que se forão ao porto e o gozil os entregou com o [5] * embaixador * a Diogo Rabello, que logo largou os

[1] * me * Autogr. [2] * Xercamsor * Id. Cercansor, Xercansor, e a maior parte das vezes Cercanfor, chamou Gaspar Correa ao famoso capitão dos patanes que chegou a ser rei poderoso, intitulando-se Xiah Olam, ou Senhor do Mundo. *Barros*, na Dec. IV, Liv. VI, Cap. III dá-lhe o nome de Xer Chan (Xer Khan), e *Castanh.*, na *Hist. da Ind.*, Liv. VIII, Cap. CIX, o de Xercansur. Irá no texto uniformemente escripto *Xercansor*, e em notas cada uma das variantes, ao passo que se encontrarem. [3] * veria * Autogr. [4] Isto é: pelos quaes vinte e cinco, que partiram, escreveu, etc. [5] * embaidor * Autogr.

portos, e fez sua fazenda, e os que com elle forão, que cada hum leuou, e todos fizerão muyto proueito, porque a terra estaua chea de roupa e falta de mercadores. E se partio Diogo Rabello, que chegado ao Gouernador ouve muyto prazer; mas elle estaua tão acupado nos trabalhos da forteleza, e que depois sucederão, que muyto deteue o embaixador.

CAPITULO LXVII [1].

DO CONSELHO QUE O GOUERNADOR TEUE DA GENTE QUE DARIA AO BADUR, PERA O AJUDAREM NA GUERRA CONTRA OS MOGORES, E A QUE LHE DEU.

O Gouernador estaua dando muyta pressa na obra da forteleza, e algumas vezes praticaua com os capitães, em modo de conselho, dizendo que estaua receando, como a morte, quando ElRey lhe auia de pedir gente pera hir pelejar com os mogores, a qual lhe elle nom queria dar senão lhe désse grandes penhores, com que nom errasse no que fizesse; porque auia por grande inconuiniente dar a ElRey gente, pouqa nem muyta, pera trazer na guerra, em que elle nom tinha nenhum saber nem ordem, polo que os seus propios o nom querião ajudar, por seus desmanchos e doudices, e que dandolhe gente, que elle deitasse a perder, ficaua [2] * culpado em darlha, sabendo * seus defeitos. E tambem * consideraua * que lhe nom podia dar gente com que deitasse os mogores do Reyno; e tambem se lha désse quanta quer que fosse, que o bem ajudassem, e desbaratasse os mogores e ficasse poderoso em seu Reyno, depois seria muy trabalhoso tornarlha a tirar da mão, porque, vendose liure de seus imigos, entraria n'elle rependimento de ter dado forteleza, porque era assy [3] * mudauel e os seus lho aconselharião *, com que quereria represar a gente porque lhe tornassem a dar a forteleza, que seria hum grande mal, e dos mais certos que elle arreceaua; e ElRey de Portugal lhe dizia, e defendia sobre todolas cousas, que lhe nom arriscasse a vida de hum só homem em perigo sabido, e elle tinha por muy certo * o * perigo que corrião as gentes que désse ao Badur, [4] * ganhando * nem perdendo na guerra.

[1] E' o LXI no original. [2] * culpado dalha sabendo * Autogr. [3] * mudauel os seus que lho aconselharião * Id. [4] * ganhado * Id.

N'esta cousa ouve deferentes pareceres, mas affirmando que de força era darlhe gente quanta quer que fosse, porque nom lha dando parecia manifesto engano, e teria o Badur muyta rezão contra a verdade d'El-Rey de Portugal, com que [1] * ficaria * grande infamia sobre os Gouernadores da India pera nunqua lhe darem credito a nada; e que sendo o Gouernador da India desacreditado da verdade, que n'elle nom confiassem, logo seria perdido todo o estado da India; pelo que forçadamente compria darlhe alguma gente: no que se teria toda' temperança, e honestas escusas, quanto pudesse ser boamente. O que assy pareceo bem a todos.

ElRey muytas vezes hia vêr a obra, e estaua folgando e praticando com o Gouernador e com os capitães; e vendo que a forteleza estaua já mais de mea feita por dentro e por fóra, com porta fechada, e tinha o Gouernador contente com lhe dar forteleza, e tanto dinheiro que casy era feita á sua custa, e feitas muytas mercês a todos, hum dia mandou chamar o Gouernador, estando nas casas da Raynha, onde estaua o Mirão, e regedor, e seus capitães, presente os quaes lhe dixe que na confiança que tiuera na verdade d'ElRey de Portugal, que por suas palauras elle em seu coração o tinha tomado por irmão, e n'esta confiança lhe dera forteleza na cabeça de seu reyno, na parte do mar; e n'esta tamanha confiança, [2] * a * elle seu Gouernador, tão poderoso na India, em presença dos seus lhe entregaua aquella cidade de Dio, e mandaua ao capitão d'ella, que presente ally estaua, fizesse seu mandado, e em todo lhe obedecesse como a sua propia pessoa; e assy lhe entregaua aquelles paços, em que dentro estaua a Raynha sua mãy, e com ella suas principaes molheres, com grã soma de seu tisouro; o que lhe tudo entregaua como na mão d'ElRey de Portugal, que tudo lhe guardasse até lho elle tornar a pedir. Com que seu coração ficaua muy [3] * contente * e descansado; polo que ora queria acodir ás cousas de seu reyno, que lhe tanto comprião, e tinha muyta falta de hum homem que leuasse comsigo, que o aconselhasse, e homens em que se confiasse sua pessoa, com que dormisse seu sono seguro e descansado. Polo que lhe muyto rogaua que a esta necessidade o ajudasse, dandolhe isto que tanto auia mester.

O Gouernador lhe respondeo com grandes cortesias, dizendo: « Se-»

[1] * faria * Autogr. [2] * e * Id. [3] * conte * Id.

«nhor, tamanha mercê me fazês, afóra as tantas que me tens feitas,» «que com minha cabeça te nom posso dar os louvores que merece tua» «tão grande alteza. O que, senhor, me entregas, e mandas que te guar-» «de, sabe que o deixas guardado debaixo da mão d'ElRey de Portu-» «gal, e tão guardado o terás pera quando o pedires como se fosses» «presente em tua pessoa; porque se isto assy nom fosse eu faria tray-» «ção a ElRey meu senhor. E quanto ao mais que me pedes, os homens» «de confiança pera guarda de tua pessoa eu os buscarey e farey logo» «prestes pera quando mandares.» Disse ElRey que muyto folgaria que fosse com elle Martim Afonso. Disse o Gouernador: «Senhor, se elle» «estiuer em desposição pera isso, muyta mercê lhe fazes.» E ElRey lhe disse que logo queria partir: com que o despedio.

O Gouernador, chegado á forteleza, deu conta a Martim Afonso do que passára com ElRey, o qual o pedia pera o leuar em sua companhia; ao que respondeo Martim Afonso que elle estaua prestes pera seruir ElRey seu senhor, ao que nom tinha arreceo arriscar sua pessoa ao perigo da guerra; que quanto ao mais, seguro estaua tudo, pois ElRey lh'entregaua tão bons penhores como lhe ficauão em poder, que poderia recolher á forteleza se sentisse algum mouimento. Do que o Gouernador ouve muyto prazer; e ambos concertarão que leuasse cincoenta de cauallo, de que logo Martim Afonso fez rol, e escolheo homens de sua vontade que sempre o acompanhauão, e outros fidalgos seus parentes, homens que saberião pelejar a cauallo, que todos muyto folgarão de hir, afóra muytos que ficarão agrauados de Martim Afonso os nom chamar. E os do rol cada hum buscou as milhores armas que puderão auer, que forão todas muy riquas. Então o Gouernador mandou dizer a ElRey que Martim Afonso, com muyta vontade de o seruir, se offerecera pera hir com elle, com homens fidalgos e seus parentes, que erão cincoenta; que elle lhe mandasse dar cauallos, e seruidores que tiuessem cargo d'elles. Do que ElRey ouve muyto prazer, e mandou a Martim Afonso cinco mil pardaos de mercê, e pera cada hum dos outros duzentos pardaos; e mandou a Martim Afonso que com os homens fossem ás suas estribarias e escolhessem os cauallos á sua vontade. O que elle assy o fez, e n'armada acharão sellas e atabios pera todos; e Martim Afonso buscou humas coiraças postas em télla d'ouro, abertas polas ilhargas, e hum capacete, e lança dourada e adarga, tudo como conuinha, e se foy a casa d'ElRey,

e o fez vestir as couraças. Com que elle muyto folgou, e com o capacete, que lhe armou muyto bem, mas com a lança e adarga se achou muyto embaraçado. Disselhe Martim Afonso que segundo era a desposição da peleja assy os homens se seruião das armas, como elle veria que pelejauão os portugueses. ElRey entregou as armas a seus pages, e todos se fizerão prestes. O Gouernador, por conselho de Martim Afonso e dos fidalgos a que pareceo bem, sem ElRey o saber fez prestes cem homens espingardeiros, escolhidos, que era bem que fossem na companhia de Martim Afonso, que mandou dizer a ElRey que saysse fóra ao campo, que lhe queria mostrar a gente que leuaua. 'O que ElRey se foy ao campo com seus capitães e muyta gente. Martim Afonso deu ordem ao que todos auião de fazer, e fez os espingardeiros em huma batalha de quatro em quatro, hum após outro, que fazião áz atrauessada de vinte e cinco, muy bem ordenados, e após elles vinte de cauallo em batalha, todos a la par, e atrás elle com os outros trinta, e diante d'elle seu alferes a cauallo, com hum guião da cruz de Christus, todos em muyta ordem, com suas trombetas a cauallo, e todos adargados, que sayndo ao campo lhe daua o sol nas armas, que reluzião tudo em ouro. O campo estaua todo despejado, e passando por ante ElRey os espingardeiros, que hião adiantados hum pedaço, ouvindo tocar as trombetas derão grita desparando as espingardas muy per ordem, que pareceo muy bem, e logo se apartarão em duas partes, fazendo campo por onde os vinte de cauallo arremeterão juntos em áz, com as lanças enrestadas, cubertos das adargas, como pera encontrar; e correndo hum pedaço, Martim Afonso, na mesma ordem, com seu guião diante, foy após elles, que voltarão, e Martim Afonso com elles escaramuçou, e andando na escaramuça, os espingardeiros que ficauão das bandas tirauão fremosamente com suas espingardas: cousa fremosa de vêr, com que ElRey estaua doudo de prazer. Acabada a escaramuça se forão ante ElRey fazerlhe suas cortesias; ao que ElRey sayo adiante, e chamou Martim Afonso junto comsigo, dizendolhe que se taes homens tiuera, nó mais que mil, os mogores lhe nom fizerão mal. E entrou pela cidade com os espingardeiros diante tirando sua espingardaria, e os de cauallo em corridas escaramuçando, até chegar aos paços, que a Raynha e as molheres virão per suas frestas e buracos. Com que ElRey com muytas honras os despedio, e logo mandou a Martim Afonso mil pardaos pera os espingardeiros, e fiqou falando com

os seus, dizendo que no mundo nom auia homens como os portugueses, a que faria muytas mercês 'os que quisessem andar com elle liures, sómente por seu soldo em quanto elles quigessem; e que esperaua fazer taes amisades com ElRey de Portugal que lhe désse dous mil de cauallo, que andassem em sua corte. Todos lhe isto gabauão, mas dentro em seus corações bem entendião que quando tal fosse elles valerião pouqo. E ElRey mandou pelo lingoa Santiago grandes agardecimentos ao Gouernador dos espingardeiros que lhe dera; a que o Gouernador respondeo com auondança de palauras dos contentamentos de suas vaidades. Com * que * ElRey mandou fazer prestes, e partio ao outro dia, e querendo caualgar chegou o Gouernador a lhe falar, e elle muyto mais lh'encarregando a guarda da cidade e o que dentro lhe entregaua, e se partio.

CAPITULO LXVIII [1].

COMO O BADUR PARTIO DE DIO, HINDO EM SUA COMPANHIA MARTIM AFONSO DE SOUSA, COM PORTUGUESES DE CAUALLO E ESPINGARDEIROS, E O QUE FEZ ATÉ SE TORNAR A DIO.

O Badur, contente da companhia que leuaua, partio de Dio com seus capitães, ficando em Dio o Mirão, seu sobrinho, em guarda de seu tisouro e molheres. Foy correndo por algumas pouoações, onde logo se ajuntou com elle até oito mil de cauallo e quinze mil de pé. Auia alguns mogores, em magotes sem capitão, que andauão desmandados por onde querião, a roubar e fazer cruezas; com que todos lhe fogião com grande medo que lhe [2] * auião. * Onde o Badur se alojaua a dormir, que lhe armauão sua tenda, armauão junto d'ella outra pera Martim Afonso, que primeiro que se recolhesse assentaua o campo, e repartia a gente de pé e de cauallo cada hum como auia d'estar, e a vigia que auião de fazer. Junto da tenda do Badur estauão as dos senhores que com elle hião, e Martim Afonso derrador da tenda d'ElRey fazia vigiar a quartos os portugueses, e os espingardeiros com suas espingardas; porque ElRey, em segredo, dissera a Martim Afonso que dos seus se nom fiaua, e per conselho de Martim Afonso dormia sempre vestido em huma saya de malha.

[1] E' o LXII no original. [2] * viam * Autogr.

Onde ElRey se aposentaua mandaua dar muy largo gasto aos portugueses, e a seus seruidores o comer em muyta auondança, porque lho trazião a gente da terra, que já hião perdendo algum medo, porque os mogores que assy andauão roubando, ouvindo que os da terra lhe dizião que ElRey vinha correndo as terras, e trazia comsigo portugueses, se forão recolhendo pera outros de móres cabildas: do que cada dia dauão nouas a ElRey; com que elle auia prazer. Sendolhe dito que hy perto, em huma villa rasa, estauão mogores, per conselho de Martim Afonso determinou de hir dãr n'elles ante menhã, que serião até quinhentos. O que assy praticando com os seus, todos erão contra isso; que nom deuia d'arriscar sua pessoa em tão pouqa cousa. Sobre que Martim Afonso teue muytas profias, mas falando á vontade d'ElRey, que se queria mostrar caualleiro, assentou de hir com Martim Afonso, que lhe pedia licença pera elle com os portugueses hir pelejar com os mogores. E tendo Martim Afonso homens que bem sabião a terra, ordenou a gente, e partio na dianteira d'ElRey; mas elle nom consentio senão que ambos auião de hir juntos; e caminharão a tempo que chegarão sobre a villa, que tinha pouqas casas de pedra e muytas de palha. Os mogores, sabendo que ElRey estaua perto, e que em sua companhia trazia portugueses, entrouxarão seus fatinhos pera se partirem pola menhã, e como homens denodados, que nom tinhão medo, jazião descansados dormindo, fazendo seus máos pecados. Martim Afonso mandou João de Sousa com dez de cauallo, e com os espingardeiros, *que* désse no lugar, logo pondo fogo por muytas partes; pera o que os espingardeiros leuauão panelas de poluora acezas, que chegando per antre as casas, deitando as panelas, se aleuantou grande fogo em muytas partes, dando os nossos gritas; em que a pressa foy tal que dentro nas casas forão queimados mais d'ametade dos mogores, que desatinados com o sobresalto nom acertauão por onde fogir: em que as gritas erão grandes da gente do lugar. Outros mogores, que se puderão pôr a cauallo, despidos e sem fato sayrão do lugar, fogindo sem arqos nem armas. O que vendo Martim Afonso, porque esclarecya o dia, mandou toquar as trombetas, e deu nos mogores, que sayão da villa cada hum fogindo por onde podião, de que os nossos de cauallo alcançarão alguns que ficarão no campo; mas os espingardeiros, que andauão per antre as casas, os derribauão á espingarda, que dentro na villa ficarão mortos pasante de tresentos, que os que fogirão nom pararão. Do

qual feito ElRey ouve muyto prazer, porque elle por sua lança ferio dous e matou hum junto de Martim Afonso, de que se nom apartaua. ElRey mandou tirar os mortos fóra ao campo, e lhe mandou pôr fogo, com que os fez em cinza; e 'alguns que auia viuos [1] * lhes * mandaua pelos farazes dos cauallos cortar pés e mãos, e a carne em pedaços, até que morrião, que lhe punhão o fogo.

N'esta menhã, que ElRey hia a dar n'esta villa, lhe fogirão dous capitães com muyta gente, que sendo longe, que virão o fogo que ardia na villa, derão ElRey por morto e perdido; onde estando forão ter com elles oito mogores feridos, a pé fogindo, que elles matarão, e sabendo o que era feito tomarão as cabeças dos mogores e as leuarão a ElRey, dizendo que correrão após elles, e os alcançarão, e trazião as cabeças. ElRey, vendo o desauergonhamento dos seus com que lhe vinhão mentir, logo lhe mandaua cortar as cabeças, e o nom fez porque Martim Afonso lhe rogou por elles; e os perdoou; nem lhe tirou as capitanias, porque Martim Afonso lhe disse que abastaua sua vergonha pera outra tal nom fazerem, e emendarem seu erro. Em apartado disse a ElRey que lhe rogara por aquelles capitães porque nom estaua inda em tempo pera os castigar, pois nom tinha gente; que depois que se visse seguro de trabalhos então faria o que quigesse, porque aquelles homens fogirão com o grande medo que tinhão aos mogores, mas que agora, vendo o mal dos mogores, tomarião grande coração pera lhe nom fogirem, e com elles pelejarem. O que assy pareceo bem a ElRey, mas depois lho bem pagarão; mas da gente de pé mandou matar muytos, dizendo que era gente roim, que nom fazia mingoa.

N'esta villa esteue ElRey alguns dias recolhendo muyta gente que se foy pera elle leuandolhe cabeças de mogores, que achauão perdidos pela terra e os matauão com grandes cruezas. D'aquy se foy ElRey correndo outros lugares, leuando corredores diante e espias sobre os mogores; e nom achando nada se foy á cidade de Madauá, a mais antiga de Cambaya, por * que * auia nouas que os mogores andauão longe; onde estando lhe dixerão que d'ahy perto, em huma villa, estauão mogores. Ao que ElRey determinou de hir dar n'elles, e auia de partir ante menhã, mas n'esta noite lhe fogio ametade da gente, o que ElRey se con-

[1] * os * Autogr.

certando pera partir lhe disserão que sua gente era fogida, de que fiqou muy magoado, dizendo a Martim Afonso: «Que te parece da minha gen-» «te? Por aquy verás que meu Reyno nom o perdy por minha culpa,» «senão por estas faltas dos meus.» E logo se armarão ambos, e toda a gente, * e * partirão, tomando ElRey a mão a Martim Afonso, que ambos juntos pelejassem e morressem; mostrando ElRey grande esforço. E caminhando virão o lugar em que estauão os mogores, que elles lhe puserão o fogo; do que os guzarates ouverão tamanho espanto que da companhia d'ElRey fogião. Os mogores saydos do lugar, que ouverão vista dos nossos, nom sabendo que ally hia [1] * ElRey, cuidarão que era cilada *, e correrão pera' cidade, de que a gente fogio, e se acuparão no roubo, com que ElRey se alongou per outro bom caminho pera Dio. E porque Martim Afonso sentio o grande medo dos guzarates, que leuauão olho em fugir, os fez que fossem todos diante, e elle com os portugueses se pôs detrás, dizendo a ElRey que hom [2] * era * bem que sua pessoa andasse em tanto risqo; que era bem que se tornasse a Dio até * que * os mogores se fossem recolhendo, que fossem menos. Com o qual conselho os seus muyto folgarão, dizendo que falaua como bom amigo e homem sesudo; e caminharão a mais andar, porque Martim Afonso hia com muyto medo, que se os mogores dessem n'elles, que os propios d'ElRey se aleuantarião contra elle; e caminharão todo o dia e noite, até chegarem a quintam de Melique, onde Martim Afonso e os portugueses estauão com elle, porque ElRey se temia dos seus, e em segredo o dizia a Martim Afonso.

O Gouernador, auendo nouas que os mogores erão em Madauá, ouve medo que corressem a costa e fossem tomar Baçaim; pelo que logo á pressa mandou catur a Gracia de Sá a Baçaim darlhe auiso. Porque, tanto que ElRey partio, o Gouernador ordenou fidalgos apartados, que trabalhassem nos cubellos cada hum com sua gente, em que se daua tanta pressa que trabalharão de dia e de noite até serem acabados, onde Gracia de Sá fez o mayor, que se chamou Santiago, porque Gracia de Sá trazia muyta gente, que daua mayor mesa; o qual cubello sendo acabado, o Gouernador mandou Gracia de Sá a Baçaim com quatrocentos homens, que abrisse hum esteiro, e fizesse ajuntar pedra e [3] * cal, pera

[1] * ElRey e cuidaram que ela cilada * Autogr. [2] * he * Id. [3] * cal pera que quando * Id.

quando * elle fosse pera Goa lhe mostrar per onde auia de fazer a forteleza; e pela noua que o Gouernador teue dos mogores, com temor que podião lá hir tomar Baçaim, mandou catur com auiso a Gracia de Sá que estiuesse de sobre auiso. Onde assy estando, chegou hy Gaspar Preto, homem abastado, que estiuera em Chaul do tempo de Christouão de [1] * Sousa * e era conhecido do Izam Maluco, que vendo os mogores entrados em Cambaya, elle por sua parte com gente guerreaua as terras d'El-Rey de Cambaya que erão com elle comarqãs. Polo que ElRey rogou ao Gouernador que mandasse seu recado ao Izam Maluco, a lhe rogar que cessasse da guerra que fazia. Ao que o Gouernador lhe mandou este Gaspar Preto com recado, que o Izam Maluco ouvio, e nom fez a guerra; e este Gaspar Preto lhe deu a certa noua que o Mogor mandaua hum capitão, com muyta gente de pé e de cauallo, que tomasse Baçaim e o entregasse a Melique Saca, que estaua com os resbutos; o qual, vendo tomado Cambaya, se veo com sua gente ao Mogor, e o seruia, e por isso lhe mandaua entregar Baçaim; mas o Melique o nom aceitaua, porque depois de o Mogor tornado pera seu reyno elle seria em Baçaim tomado ás mãos. Pois chegado Gaspar Preto, que deu a certa noua que os mogores hião, ouve muy grande medo [2] * nos * portugueses, dizendo a Gracia de Sá que os nom agardassem, pois nom tinhão poder pera lhe registir. Estauão com Gracia de Sá fidalgos e caualleiros, e mórmente hum Antonio Galuão, que falou contra todos, dizendo que nom tomassem medo do nome dos mogores, que nom erão como guzarates; mas que como homens portugueses se fizessem prestes e com forte tranqueira, e oito fustas e quatro zambuqos que tinhão estarião prestes, em que se recolherião ao mar quando comprisse. O que assy pareceo bem a Gracia de Sá, e todauia toda a gente bradou que nom agardassem na terra, por * que * a gente da terra se auia ally de recolher. Então Gracia de Sá, com muyta gente, fez huma forte tranqueira pera recolhimento da gente, que se vinhão recolhendo e gritando com os filhos ás costas; e Gracia de Sá com as fustas se pôs no rio pera defender a passagem, e as fustas com arrombadas pera guarda e emparo das frechas, que era a mór peleja dos mogores, e * na * tranqueira o feitor e Antonio Galuão. E em tanto * que * assy se concertauão Gracia de Sá deu passagem, em muytas almadias e jangadas que fizerão,

[1] * Sou * Autogr. [2] * nom * Id.

á gente da terra, que passarão o rio á outra banda de Taná, que nom forão mais que as molheres, e crianças, e familia; e assy fiqou Gracia de Sá determinado registir aos mogores em quanto pudesse. Os mogores andauão ao salto ao milhor que achauão, e sabendo que em Baçaim nom auia senão lauradores, e que os nossos estauão concertados pera lhe registir, o que todo lhe dizia o Melique Saca, que com elles hia; e polas espias sabendo que os nossos assy estauão apercebidos, e as terras despouoadas, os mogores nom quiserão tomar trabalho sem proueito, porque elles já nom andauão senão 'apanhar e se aproueitar, porque sabião que [1] * seu * Rey se auia de torpar pera seu Reyno, por * que * elle, tanto que se aposentou em Champanel, disse aos seus que se aproueitassem do que achassem, porque elle se auia de tornar, a meter de posse os herdeiros dos Reynos do Mandou e do Sangá, e se recolher pera o Dely antes que entrasse o inuerno. Polo que os mogores que achauão boas prezas pouqos e pouqos se ajuntauão, e se hião pera o Dely; e por isso estes que hião a Baçaim nom se quiserão acupar no trabalho de que nom esperauão proueito, e se tornarão, e as gentes da terra se tornarão pera suas casas, falando grandes louvores dos nossos. A qual noua sendo dada ao Badur, ouve muyto prazer, e mórmente pela guerra que lhe nom fazia o Izam Maluco. De que mandou ao Gouernador muytos agardecimentos, determinado já a nom bolir donde estaua até que o Mogor fosse tornado pera seu Reyno.

CAPITULO LXIX [2].

COMO O GOUERNADOR MANDOU SIMÃO FERREIRA AO REYNO COM A NOUA DA FORTELEZA FEITA EM DIO; E COMO ESCONDIDAMENTE FOY DIOGO BOTELHO PEREIRA, EM HUMA FUSTA SUA, QUE CHEGOU A ELREY PRIMEIRO QUE SIMÃO FERREIRA; E O QUE PASSOU COM ELREY, PORQUE FOY ASSY SEM LICENÇA DO GOUERNADOR.

Como o Gouernador em Goa teue as nouas do Badur o mandar chamar pera lhe dar forteleza, pera o que lhe compria ter comsigo todo o poder da India, porque temia os supitos d'ElRey Badur, escreueo a Cochym ao védor da fazenda que obrigasse a todolos homens que tiuessem nauios

[1] * se * Autogr. [2] No autographo é o LXIII.

que se fossem a Dio; ao que lhe pusesse penas e tomasse fianças que se fossem a Dio. Onde em Cochym estaua hum Diogo Botelho, filho bastardo de Antonio Real, que fôra capitão de Cochym em tempo do Visorey dom Francisco d'Almeida, o qual Antonio Real o ouvera em huma molher que trouxe do Reyno, chamada Eyria Pereira, á qual lhe fiqou este filho, e o criou e bem tratou, e sendo em idade pera isso o meteo 'andar com os Gouernadores no seruiço d'ElRey; o qual se agramponou em modos de fidalgo, e se trataua muyto bem, porque a mãe com elle muyto gastaua, que era muy fantesiosa; de que o filho tomou a condição, e era de viuo espritu, que muyto se deitou a saber 'arte de pilotear. Por onde quer que andaua leuaua seus petrechos de cartear, com que se veo a fazer grande piloto e espérico [1], porque em Cochym estaua hum frade dominico pregador, de que já muyto faley na lenda de dom Anrique Gouernador, o qual frade lia e ensinaua o tratado da espera, com que o Diogo Botelho se fez mestre esperico. E por este frade algumas vezes em pratica dizer que Maluco era do Emperador, Lopo Vaz o mandou que se fosse pera o Reyno pera seu mosteiro; nom que lhe dixesse causa nenhuma porque o mandaua. Do que nom faltou quem o dixesse a ElRey, o qual por isso o mandou a Çofala, e ahy acabou a vida. Da ensinança d'este frade o Diogo Botelho aprendeu, e com sua pilotagem, que sabia, fazia cartas de marear, e emendaua muytos erros nas cartas do Reyno; com que os pilotos o muyto gabauão. E andando assy n'esta vaydade se foy a Portugal, dar a conhecer a ElRey quem era, e seruiços que tinha feitos. Com que ElRey lhe fez mercê e deu sua fidalguia, e andaua muy bem tratado; com que ElRey folgaua de o ouvir falar das cousas de nauegar; polo que elle fez huma carta de marear, muy grande e fremosa, que mostrou a ElRey, que a vio com pilotos, que a muyto gabarão; com que pedio a ElRey que lhe désse a capitania de Chaul. ElRey se agastou, vendo que pedia com vaydade o que nom merecia, e meo rindo lhe dixe: «Os pilotos nom pedem ser capitães de fortelezas.» Elle respondeo: «Senhor, eu aprendy, e sey, pera a merecer; e se por essa via» «perdy, me faça a mercê que lhe peço por quem eu som, e seruiços» «que tenho feitos.» Disse ElRey: «Nom vos apresseys, que inda nom» «he tempo.» A que elle nom respondeo, e sayndo fóra, na entecamara,

[1] Espherico, ou cosmographo, como hoje se diria.

dom Antonio, escriuão da puridade, lhe perguntou se ElRey o despachara. Elle disse: «Senhor, o bom despacho eu o buscarey por mim.» O que sendo dito a ElRey o mandou meter no castello de Lisboa, e a bom recado, porque nom fogisse e se fosse a Castella fazer como fizera o Magalhães; onde esteue preso, e o desenganarão alguns seus amigos que sua vaydade de piloto o metêra onde estaua. E assy esteue até que partio pera' India dom Vasco da Gama por Visorey, que foy muyto rogado d'alguns fidalgos, e elle o pedio a ElRey, que lho deu que o trouxesse á India, e nom tornasse a Portugal sem sua licença; e o Visorey o trouxe na sua nao, porque assy era piloto. Onde na nao ás vezes praticando o Visorey dizia que se ElRey mandara cortar a cabeça a Fernão de Magalhães, quando se arrufou de lhe nom acrecentar a moradia, nom lhe fizera o que lhe fez. «Mas todolos homens que são muyto pilotos tem» «fantesias de doudos; e vós, Diogo Botelho, por isso perdestes. E por» «tanto emenday com bons seruiços, porque ElRey vos fará mercê, e» «eu vola farey.»

Com esta mascaba e descontentamento andou na India, e agasalhauase a enuernar em Cochym, porque era grande amigo com o filho do védor da fazenda, que lhe fazia pagar seus vencimentos com que se sostinha. E acertou morrer hum homem chatim riqo, que de primeiro fôra seu criado, que o deixou por seu testamenteiro e herdeiro, e pola valia que tinha com o védor da fazenda lhe foy entregue toda a fazenda, com que fiqou beadante, que erão mais de cinqo mil pardaos, com que daua mesa 'alguns seus deuotos; e estando assy em Cochym, ouvindo as nouas das cartas, que o Gouernador escreuia ao védor da fazenda, de como o Rey de Cambaya andaua afortunado, e o chamaua pera lhe dar forteleza, e que por tanto, como o tempo désse lugar, fizesse partir de Cochym todolos homens que tiuessem nauios, e lhe mandasse quanta gente lhe pudesse mandar, porque muyta mais auia mester; o que todo ouvido por Diogo Botelho, logo assentou em seu coração de leuar esta noua a ElRey, se a forteleza se fizesse. E com esta tenção se meteo em trabalho de fazer huma fusta, pedindo ao védor da fazenda ajuda, dizendo que queria hir e leuar gente 'ajudar a tão bom seruiço. Com que o védor da fazenda lhe daua muyta ajuda, e elle fez a fusta dentro em hum esteiro, lugar escuso onde nom passaua gente, e lhe fez cerqua fechada de porta, porque ninguem visse a obra da fusta e tomasse alguma sospeita;

porque a fez tão grossa, e forte, que quem a vira logo entendera que era pera grande nauegação. E acabada, e bem aparelhada de todo o que compria pera' viagem de Portugal, e metidas no lastro duas ancoras, afóra duas que leuaua de fóra, e bons payoes pera os mantimentos, recolheo comsigo vinte homens portugueses soldados, pera leuar a Dio, afóra vinte escrauos seus, valentes homens, que alguns d'elles forão marinheiros, e mestre da fusta português. O védor da fazenda, por ser seu amigo, pagou aos homens que leuaua, e a elle tambem, que pedio ao védor da fazenda que lhe pagasse em crauo, que em Dio faria mais proueito; de que lhe deu vinte quintaes, e elle tinha já comprado outros vinte, escolhido todo de cabeça, com que se partio de Cochym; a que o védor da fazenda nom tomou fiança que fosse a Dio, porque era assy pessoa de confiança. E se partio, e foy a Goa, e passou de longo. Elle, como homem sotil do espritu, pera o que ordenaua leuaua hum furo feito no perno (?) da fusta, tapado com hum torno de páo, de que ninguem sabia senão hum seu escrauo forro que leuara da India, que trataua como filho e * era * veador de sua casa; ao qual secretamente mandaua abaixo, que tinha as chaues de tudo, e destapaua o buraqo e deixaua [1] * entrar 'agoa compassada * quanta nom podia vencer a bomba, que com muyto trabalho chegou a Chaul, onde alguns homens se sayrão e forão em outras fustas; e chegando a Baçaim foy falar a Gracia de Sá, pedindolhe hum catur pera hir a Dio, e lho deu, porque a sua fusta deixaua ally, porque fazia muyta agoa, até se concertar e lha leuarem. E deixou cargo ao seu escrauo que alimpasse o crauo e vendesse o bastão a troqo de colonias, e bretangys vermelhos, e roupa pintada, e se lhe mercassem o crauo pedisse tanto por elle que lho nom [2] * comprassem * e o nom vendesse; e deixou os escrauos todos rodeados, que de noite dormião em tronqo. Do que de tudo o moço tinha muyto bom recado; deixandolhe recado que désse mesa a oito homens portugueses, de pouqo preço, que o acompanhauão como criados depois que elle viera do Reyno, que muyto folgauão de o seruir [3] * polo * bom emparo que n'elle achauão, que se agasalhauão na fusta e ajudauão ao que compria.

E se partio, e chegou a Dio no catur, leuando carta de Gracia de Sá, que lhe elle pedio, em que lhe dizia que hia com boa gente, e huma

[1] * entrar agoa que compassada * Autogr. [2] * compra * Id. [3] * po * Id.

fusta sua, que nom pudera hir porque fazia muyta agoa, que ahy deixara pera se concertar, e logo a mandaria. O Gouernador lhe fez honra, que lhe deu cartas do vêdor da fazenda como fizera muyto gasto em huma fusta e gente que leuaua, que merecia mercê. O qual se meteo na estancia do Gouernador, e andaua no seu trabalho, e o sempre acompanhaua, e com o bom cuidado que leuaua tomou todas medidas da forteleza, de longo e de traués, e alturas dos muros, torres, e cubelos, e largura das paredes, e assy da caua e os vãos per dentro, e quantas bombardeiras *auia* em toda, e que peças tinha assentadas, e a que parte estaua a casa da feitoria e almazem, e igreija; e [1] *tomando* de tudo enformação, que nada lhe fiqou de que nom soubesse dar rezão a ElRey, se lho perguntasse; e ouve o trelado dos artigos da pauta, e tomou muyta enformação de tudo o que se passaua, quê tudo escreuia em sua lembrança secretamente; e tendo o que lhe compria, com muyta dessimulação e segredo pagou largamente a huma galueta, em que se embarqou em anoitecendo, e se foy a Baçaim, onde chegou muy apressado, dizendo que o Gouernador o mandaua a Chaul muy apressado. E por *que* o seu moço com modos *fingidos* fez que concertou a fusta d'agoa, que estaua [2] *estanque, n'ella* se embarqou, e partio em nouembro d'este anno de 535. E se fez logo ao mar, e fallou aos homens que com elle hião, e a cada hum deu na mão cem pardaos d'ouro, dizendo que elle hia mandado pelo Gouernador a Portugal com hum recado que muyto compria, e porque na viagem podia aquecer algum perigo nom queria ter encargo sobre sy; que por tanto os que de sua vontade quigessem hir que fossem, porque na ilha Terceira lhe daria outro tanto dinheiro, se ahy pudesse vender o crauo, e senão que seria em Lisboa, que ElRey lhes faria mercê por seus trabalhos; e os que nom quigessem hir os deixaria em Melinde. E isto lhe jurou; com que todos disserão que folgauão de hir, que erão pobres homens que nom tinhão que perder. E assy foy á costa de Melinde, onde encheo d'agoa bons tanques que leuaua, e *meteo* leynha e muyto mantimento, e tomou huns zambuqos, em que fizerão algum roubo; e fez pouqa detença, porque Simão Ferreira lhe nom tomasse a dianteira, em hum nauio que se ficaua concertando em Dio pera partir.

[1] *todo* Autogr. [2] *estanque e nella* Id.

O Gouernador, polo muyto que queria ao sacretario Simão Ferreira, e porque * contraminasse * as acusações que d'elle fizerão a ElRey, per que o mandaua hir ao Reyno, * e * de que elle tambem podia ter alguma culpa, pareceolhe que toda a menencoria ElRey perderia com Simão Ferreira lhe leuar tão boa noua da forteleza que era feita em Dio, por ElRey tanto desejada, e mais a boa enformação que lhe daria de todolas cousas de Cambaya, porque tudo passaria por elle. Pera o que foy concertado hum nauio de cento e cincoenta tonés com muyta perfeição do que lhe era necessario, e bem amarinhado de portugueses, e bom piloto e mestre, que lhe dauão quanto pedião. Então, estando já prestes, mandou dizer a ElRey, á quintam onde estaua, pelo mesmo Simão Ferreira, que o mandaua a Portugal com recado a ElRey de boa noua da boa paz e amisade que com elle tinha assentada, e * de lhe ter * dada de sua boa vontade forteleza em Dio, que já estaua mea acabada com muytas mercês que lhe fazia; e lhe daua conta de seu trabalho em que tinha o Reyno com os mogores, pera o que auia mester portugueses, que na India nom auia tantos, pelo que deuia de mandar á India cinco mil homens que o ajudassem contra os mogores; que de tudo daua conta a ElRey, e que elle tambem lhe deuia d'escreuer como nouo amigo, e pedir que lhe mandasse a gente. Com que o Badur muyto folgou, e escreueo carta pera ElRey, em folha d'ouro, de boas amisades, pedindolhe gente, que elle quá mandaria bem pagar; e mandou a ElRey huma adaga d'ouro de muy grande preço a pedraria, e a Simão Ferreira deu dous mil pardaos d'ouro per' ajuda da viagem: no que se andou concertando até o muro ser todo n'altura das amêas. E o Gouernador mandou pintar a forteleza, e com suas medidas, e toda' conta e rezão de todas as cousas; e tambem em suas cartas muyto pedio a ElRey fosse perdoado Simão Ferreira, que se fizera erros elle tinha as culpas.

O Gouernador, com suas grandes acupações, nom achou menos o Diogo Botelho, senão perguntando por elle pera lhe fazer o debuxo da forteleza; e o nom achando nada sospeitou, senão quando, n'este comenos lhe chegou carta de Gracia de Sá, que lhe dizia que lá chegara Diogo Botelho com seu recado, com que muyto apressado partira pera Chaul, e que lá nom chegara, e que nom se sabia que caminho leuara; mas que, segundo tinha sabido de cousas que se apercebera, era hido caminho do Reyno. De que o Gouernador tomou muyta paixão, por lhe assy

furtar esta viagem que era tanto de seu prazer; e d'isso escreueo a ElRey, pedindo que o prazer da noua nom désse perdão a tão grande castigo como merecia o atreuimento de Diogo Botelho, em nom auer medo nem estimar o castigo que merecia seu grande atreuimento; mas que lhe nom podia parecer que elle fosse a Portugal, e se lá fosse nom teria tanto atreuimento que aparecesse ante Sua Alteza, mas nom temia senão que se hiria pera Castella ou França; e por isso dera regimento a Simão Ferreira que se o topasse o queimasse na fusta, sem dar vida a nenhum. E de todo auiado Simão Ferreira se partio de Dio de rota abatida pera o Reyno, em vinte dias de nouembro d'este anno de 535, depois de Diogo Botelho partido doze dias.

Diogo Botelho seguio seu caminho, e por * que * era só, * e * temia que podia o pecado buscar * lhe * algum mal, andaua sempre guardado o milhor que podia, com hum cotão de malha secreto, e sempre huma mêa espada na cinta, e sempre no [1] * chapiteo *, donde mandaua gouernar; e dormia na cadeira e em tanto o moço vigiaua. Dos escrauos trazia alguns soltos pera o marear da vela e trabalho dos temporaes, a que os portugueses muyto ajudauão; de que se elle temia que por ventura entraria n'elles alguma [2] * vontade de se aleuantarem contra * elle na costa de Portugal, e o prenderem, e o leuarem preso a ElRey, por se mostrarem que nom hião por suas vontades: e leuaua esta trabalhosa vida. O nauio era muy bom da vela, e de boas manhas no mar, que foy grande bem em muytas fortunas do mar, que teue. E hindo seu caminho, antes de chegar ao cabo da Boa Esperança, os escrauos, que erão muy valentes homens e bem despostos, vendo que alguns dos portugueses hião doentes e já morrera hum, se atreuerão com cinco que andauão sãos, que o mestre tambem andaua doente do muyto trabalho. Pelo que, hum dia que lhe deu temporal supito, que amainarão as velas de romania, que cayrão polo mar, * e * acodirão todos 'as recolher pera dentro, virão os negros que era bom tempo, e derão nos portugueses com machados, e espetos, e páos, e huma espada que tinhão furtada, com que ferirão a Diogo Botelho pola cabeça, e ferirão tres dos outros que vierão aos braços com elles. Ao que acodio o moço de Diogo Botelho com huma chuça que tirou da camara, que hum dos portugueses tomou, e logo derribou dous es-

[1] * chypiteo * Autogr. [2] * vontade aleuantaremse contra * Id.

crauos. Outro português acodio com huma espada, que tambem matou outro; os outros se deitarão ao mar, em que tres se afogarão. Os outros, com temor da morte, pedirão que os nom matassem. O que Diogo Botelho lhe jurou; com que se tornarão ao nauio. Dos portugueses morreo hum da ferida de hum machado, porque nom teue cura, e Diogo Botelho se lhe tolheo a fala muytos dias, que per acenos mandaua a via. Dos escrauos ficarão onze, e os que recolherão forão rodeados. E com grandes trabalhos, que d'ahy por diante passarão, forão seu caminho, e dobrou o cabo, e foy buscar a ilha de Santa Elena, que nom acharão. Pelo que então, em muyta mingoa d'agoa, e fome, porque já tudo era gastado, e com grandes fortunas, chegarão ás ilhas Terceiras, que Diogo Botelho nom quis tomar porque temeo que o prendessem, e passou de longo com tenção que toparia algum nauio, a que compraria mantimentos, e lhe daria agoa até Lisboa. E nom deu conta aos homens que passaua polas ilhas; mas porque já padecião grande fome, e sede, arribou á ilha do Fayal, e sorgio no porto, e mandou huma carta ao capitão, dizendo que vinha da India, e hia a ElRey com recado que muyto emportaua, com grande pressa; pelo que lhe pedia lhe mandasse dar duas pipas d'agoa e hum pouqo de biscoyto. E com esta carta mandou o seu moço com dinheiro, que comprasse muyto refresco, e pão, e cousas de comer; e como deu a carta foy comprar. O capitão lhe perguntou que recado leuaua seu senhor a ElRey, que o tinha degredado pera' India. O moço lhe dixe: «Senhor, o recado que Diogo Botelho leua he tal» «que em Portugal se farão festas, porque he cousa de grande conten-» «tamento d'ElRey.» Polo que o capitão de tudo fiqou muy espantado, e mórmente vendo tão pequeno nauio que andara tão grande caminho; e logo lhe mandou quatro pipas d'agoa, e biscoyto, e muyto refresco, e muyto rogar que lhe désse prazer com a boa noua que leuaua. E isto assy com fengimento, porque a grã pressa mandaua concertar e meter velas a huma carauella, pera a mandar em sua companhia, porque lhe parecia que nom hia pera Portugal. O moço com bom auiamento chegou á fusta, e recolherão o que trazia, e já tinhão agoa e biscoyto dentro, e logo prestesmente se fez á vela, porque vio que a carauella daua pressa, e mandou dizer ao capitão que lhe nom mandaua a noua que leuaua porque a carauella nom chegasse a Lisboa primeiro que elle. E sem embargo d'isso a carauella se fez á vela, que Diogo Botelho lhe nom leuou

auantagem mais que tres horas. E a carauella leuaua recado que abalroasse a fusta, e recolhesse dentro Diogo Botelho, e o leuasse a ElRey com a fusta, em que auia de meter homens de guarda. Diogo Botelho, temido de qualquer cousa que a carauella lhe podia fazer, desuiou a derrota, e foy desuiado dous rumos pela agulha, em modo que a carauella chegou a Lisboa pela menhã, e nom achando a fusta estaua pera tornar em busca d'ella. Entrou a fusta á tarde com a maré, com muytas bandeiras, e foy sorgir diante dos paços da Ribeira, onde nom estaua ElRey; e os officiaes da Casa, sabendo que a fusta era da India, [1] *se* forão a ella, e Diogo Botelho sayo só, com hum maço de cartas feitiço pera ElRey, que lhe mandaua o Gouernador, e lh'entregou a fusta com corenta quintaes de crauo de cabeça que leuaua, e falou apartado com os officiaes, e lhe disse que em pago de seus seruiços o Gouernador o mandaua a ElRey com huma grande boa noua, e por isso arriscara a vida n'aquella embarcação; que lhes pedia, por amor de Deos, que se os homens da fusta contassem alguma cousa da noua a nom mandassem a ElRey primeiro que elle chegasse, por lhe nom furtarem esta benção: o que lhe assy prometerão. E logo áquella hora se foy a cauallo, caminho d'Euora, que comprou a hum escriuão da Casa da India, leuando quinhentos cruzados d'ouro em hum saquinho, que mostrou aos officiaes que leuaua pera seu gasto.

Chegou a Euora de noite, e se foy a huma estalagem, e deu hum cruzado ao dono da casa, que lhe mandasse recolher o cauallo, até *que* viessem seus moços, que ficauão atrás, que elle hia a ElRey com recado; e se foy aos paços. ElRey estaua já recolhido em casa da Raynha. Falou ao guardamór que áquella hora chegaua da India, *e* compria muyto logo dar a ElRey o recado que lhe trazia. Ao que o guardamór bateo á porta da camara, e lhe falarão de dentro, e elle deu o recado o que era, que sendo dito a ElRey se aleuantou da cama com a Raynha, e sayrão a huma antecamara, onde entrando Diogo Botelho se pôs em joelhos, e dixe: «Senhor, a boa noua que lhe trago he tal que me deu» «atreuimento a passar seu mandado, que era que da India nom tornas-» «se a Portugal sem seu mandado. O que Vossa Alteza assy mandou» «por lhe de mym fazerem crer que seria trédor a seu real seruiço,»

[1] *a* Autogr.

«hindo pera outro Reyno; e porque Vossa Alteza fique fóra d'esta du-»
«vida arrisquey a vida em huma fusta, em que parti da India e naue-»
«guey em minha liberdade, pera mostrar que venho de geração pera»
«antes padecer morte que errar hum só ponto com seu real seruiço. E»
«porque de Vossa Alteza he tão desejada ter em Dio forteleza, ella he»
«feita, e acabada na altura das amêas em primeiro de nouembro do anno»
«atrás de 535. Pera este caminho nom pedy licença ao Gouernador,»
«porque ma nom auia de dar; porque com esta noua manda Simão»
«Ferreira, o sacretario, que nom poderá muyto tardar, porque creo que»
«ambos partimos juntos. E esta he a mostra da forteleza.» De que lhe deu muyta conta das medidas, e de todolas cousas de Cambaya, que todo ElRey folgou muyto de vêr e ouvir o que lhe contaua. Com que ElRey do muyto prazer fiqou tão alegre que passou pelo erro que Diogo Botelho fizera, *e* o despedio, e *disse* que pela menhã logo tornasse.

Diogo Botelho se foy a casa de hum seu tio, que era anadel dos espingardeiros, e ahy se agasalhou, e mandou buscar seu cauallo. Ao outro dia cedo, com seu tio, Diogo Botelho foy a ElRey, que se estaua vestindo na guarda roupa. E a noua corria nos paços, e todos auião prazer; mas nom faltou alguem que danasse a vontade a ElRey, ou o praticou com a Raynha. ElRey nom mostraua tanto prazer como d'antes, e perguntaua a Diogo Botelho pouqas cousas, e sem mostrar contentamento. Diogo Botelho entendeo que ElRey nom estaua todo bom, e pôs o joelho no chão e lhe pedio licença pera hir comprir romaria a Guadelupe, e ElRey leuemente lha deu, por lhe nom fazer sospeita. O qual logo se partio, e de Guadalupe se foy a Castella dar a noua á Emperatriz, que muyto prazer tomou; e elle lhe pedio misericordia, que com ElRey seu irmão o [1] *concertasse* que lhe nom fizesse mal por seu erro; o que a Emperatriz acabou com ElRey. Porque ouve grande medo Diogo Botelho que com as acusações que trazia Simão Ferreira do Gouernador lhe faria muyto mal; e sem duvida assy fôra, mas quando chegou Simão Ferreira já estaua de todo perdoado, e ElRey lhe mandara dar seu crauo e fusta, e elle o fez bem com os homens que com elle forão.

Simão Ferreira chegou a Portugal vinte dias depois da fusta, porque seu nauio nom era bom de vela, e foy a Euora a ElRey, que o re-

[1] *concerdasse* Autogr.

cebeo com gasalhado, e se rindo lhe disse: «Deuagar andou vosso na-» «uio.» Simão Ferreira, disse: «Senhor, se eu tiuera poder eu o quei-» «mara, porque tanto sangue me queimou.» E apresentou a ElRey a carta d'ElRey de Cambaya, e a riqa adaga, que ElRey muyto estimou por sua riqueza; e lhe apresentou riqas peças que o Gouernador mandaua pera' Raynha, e lhe deu as cartas do Gouernador; e de palaura se queixando do feito de Diogo Botelho, ElRey disse: «Bem mereceo castigo seu erro;» «mas a Emperatriz o perdoou. Mas se elle fizer * boas obras * ganhará» «o que perdeo, e se for bom, esses são os que Deos perdoa. E vós assy» «de vossos [1] * erros sois * perdoado [2] * pelas * aluiçaras que me pede» «o Gouernador; [3] * e algumas * acusações que ha contra vós assy esta-» «rão até que venha o Gouernador.» E falando ElRey muytas vezes com Simão Ferreira das cousas que d'elle quis saber, o mandou que se fosse pera Lisboa, e que de lá nom saysse sem seu mandado.

CAPITULO LXX [4].

COMO BADUR PEDIO AO GOUERNADOR FUSTAS, QUE ESTIUESSEM NO RIO DE BAROCHE EM GUARDA, E PORQUE LHAS NOM DEU OUVE MUYTO AGASTAMENTO, E FALOU MÁS PALAURAS.

Estando ElRey assy na quintam de Melique, chegou a elle hum capitão, que andaua catiuo em poder de hum capitão mogor, que o soltou por resgate; o qual contou a ElRey que o Mogor abrira o [5] * tisouro * de Champanel e com a moeda de cobre pagara á gente do campo, e que o ouro e prata repartira de mercês com seus capitães, sobre que ouvera grandes contendas, e [6] * apenados * muytos se tornarão pera o Dely, com que se foy muyta gente, e se hião pouqos e pouqos, porque o Mogor tambem se auia de hir, e tinha determinado hir de caminho ao Mandou, e pelejar com o Mirão, e que primeiro auia de hir tomar a cidade de Baroche, porque os da terra lhe tinhão dito que n'ella auia muyta riqueza. O que ouvido polo Badur, mandou recado aos de Çurrate que se recolhessem pera Dio com seu dinheiro, e o que nom pudessem leuar o so-

[1] * erros de que sois * Autogr. [2] * das * Id. [3] * e d'algumas * Id. [4] E' o LXIV do original. [5] * tisou * Autogr. [6] * apernados * Id.

terrassem, que era mais seguro. O Badur, com a noua dos mogores que erão hidos, e * que * o Mogor se auia de hir, fiqou enleuado em suas doudices, e falou com Martim Afonso que queria secorrer a cidade de Baroche. Ao que lhe Martim Afonso disse que nom deuia de bolir d'ally, senão quando fosse com tanto poder que pudesse dar batalhas aos mogores e os vencer, porque nom hindo muyto poderoso lhe podia aquecer algum desastre; que se deixasse estar, e mandasse recado ao Mirão que estiuesse bem concertado, porque o Mogor o auia de hir guerrear. O que pareceo bem a ElRey, e esteue. E isto passou assy porque já Martim Afonso tinha auiso do Gouernador que trabalhasse o possiuel por nom tornar com ElRey fóra a nenhuma parte, porque elle tinha nouas certas que os mogores erão hidos e o Mogor estaua já de caminho, e que se ElRey fosse correr as terras o nom largaria, e seria trabalho depois se sayr de suas mãos. Os capitães que estauão com ElRey, sabendo que elle nom auia de sayr do conselho de Martim Afonso, por se mostrarem valentes dizião a ElRey que deuia de sayr, e pera elle se recolherião suas gentes; e nom mostrasse que [1] * era * já morto. O que muyto fez á vaidade d'ElRey, e determinou de hir; o que sabido de Martim Afonso se fengio doente, e se sangraua cada dous dias. Onde assy estando chegou hum capitão d'ElRey com quatro mil de cauallo e muyta gente de pé, e lhe apresentarão muytas cabeças de mogores que matarão em hum caminho, que hião carregados de roubo; dizendo o capitão que já todos os mogores caminhauão pera o Dely. Com que o Badur foy tão aluoroçado que nom agardou que Martim Afonso fosse são, e se partio da quintam; com que forão sómente vinte de cauallo. E Martim Afonso e os outros se forão pera' forteleza. Chegado o Badur á cidade de Baroche, que tinha hum grande rio que entraua no mar, em que podia entrar secorro de fustas, mandou pedir ao Gouernador que lhe mandasse dez fustas e cem espingardeiros, que estiuessem na cidade com Manuel de Macedo, que lá com elle estaua, que fôra em sua companhia, e as fustas * entrassem * no rio em fauor da gente. E isto foy albytre do Manuel de Macedo, que isto pedio a ElRey, segundo se depois soube. Do que o Gouernador ouve muyta paixão, e nom pôde al fazer senão mandar os cem espingardeiros, e dizer a ElRey que as fustas lhe nom mandaua, que nom

[1] * ela * Autogr.

era bom conselho meter fustas no rio, porque *a* gente nom pelejaria, e se acolheria a ellas. No que o Gouernador foy mexericado com ElRey, que se mandara as fustas abastauão pera que os mogores as vendo nom ousarão de chegar; porque o Manuel de Macedo era o que queria as fustas, pera se segurar n'ellas vendo algum máo recado, ou recolher o despojo da cidade; e como quer [1] *que foy, ElRey* fiqou muyto agastado, largando palauras de sua vontade. E logo se tornou a Dio com a gente de cauallo, [2] *e* o Gouernador o foy visitar pera o amansar, que bem sabia que vinha assy agastado; e falando com o Gouernador, muyto agastado, dizendo que via caminho pera deixar seu Reyno e se hir pera Meca, pois n'elle nom *achaua* ajuda pera saluar huma cidade, que já lhe nom ficaua outra de seu Reyno, todo perdido; e mais Baroche, que tinha saluação do secorro que lhe podia hir polo mar, o Gouernador lhe disse: «Os homens que nom esperão saluação pelejão dobradamente, e» «se as fustas mandára logo a gente desemparara a cidade por se colher» «ás fustas; e porque isto assy ouvera de ser, por isso nom mandey as» «fustas.» O Badur dixe: «Quando eu vira as fustas no rio, e vira isso,» «nom ficara senão por minha culpa.» No que muyto debaterão. Com que o Gouernador, então, polo contentar, mandou mais cincoenta espingardeiros; com que forão cento e cincoenta [3], com que Manuel de Macedo esteue na cidade, sostendo a gente que nom fogisse.

O Mogor mandou gente sobre Baroche, de que deu a capitania a Rumecão, que lha pedio, e ouve carta do Mogor pera os moradores da cidade, em que lhe dizia que se fossem da cidade, e nom leuassem nada, *e* deixassem tudo pera a sua gente; porque, se o nom fizessem, elle mandaua que nom dessem vida a nenhuma cousa viua que achassem dentro na cidade. A qual carta, ou sem ella, de noite lho andarão bradando por fóra da cidade; com que o medo foy tamanho na gente que pelejauão com os nossos porque os nom deixauão fogir; ao que os nossos nom puderão registir a tanta gente que fogia sem leuarem nada, deixando as casas cheas de muyta riqueza, que nom querião mais que saluar as vidas, pelo que peitauão os nossos que os deixauão hir. Do que se disse que Manuel de Macedo ouve boa peita de grossos mercadores

[1] *que foy que ElRey* Autogr. [2] *que* Id. [3] Isto é: com que se fez o computo de cento e cincoenta.

que reteue, a que nom queria deixar fogir. E como quer que foy, a pressa foy tamanha a passar o rio, em barqos que tinhão, que muyta * gente * se afogou no rio. Do que Manuel de Macedo mandou recado a ElRey que ficaua só, porque toda a gente antes se afogaua no rio que agardar os mogores; ao que o Badur lhe mandou que deixasse a cidade, e se fosse. Esteue assy até auer vista dos mogores, com que * se * meteo nas barqas, que tinha despejadas, e com tanta pressa como a gente que fogia; do que o Gouernador ouve muyta paixão, e mórmente porque lhe foy dito das peytas que ouvera da gente da cidade, que logo foy contado ao Badur. Os mogores roubarão da cidade o que quiserão, e lhe puserão o fogo, e forão correndo a terra, fazendo grandes cruezas, que tudo se despouoaua, e d'ahy forão a Çurrate e Reynel, que tudo fiqou arrasado; de que leuarão grandes riquezas d'ouro, prata, perolas, aljofar, pedraria, que com outra cousa se nom querião carregar. Com que se tornarão a Champanel, onde o Mogor sempre esteue d'assento, em quanto os seus andauão ao roubo.

CAPITULO LXXI [1].

COMO VASCO PIRES DE SAMPAYO, COM ARMADA E GENTE, FOY TOMAR HUMA FORTELEZA QUE OS MOGORES TINHÃO TOMADA A ELREY DE CAMBAYA NA BAYA DO [2] * SINDE *.

Os mogores tomarão huma forteleza d'ElRey de Cambaya, que estaua na estrema das terras de Cambaya e do Sinde e * os * resbutos, que era muy forte e registia muyto nas guerras, porque n'ella tinha ElRey de Cambaya gente de gornição que tudo defendia. O que o Badur falando ao Gouernador muytas vezes, o Gouernador disse que mandasse algum seu capitão que mostrasse a terra, e elle mandou Coje Çafar, que era grande homem de combater de fortelezas, que leuou cem rumes, e o Gouernador mandou Vasco Pires de Sampayo com oito fustas e duzentos homens espingardeiros. E Vasco Pires leuou seus amigos e parentes, com que leuou boa gente, que com os rumes fez passante de tresentos homens; e correo a costa oitenta legoas além de Dio pera o norte, e entrou em hum

[1] O LXV do original. [2] * Syndy * Autogr.

grande rio, em que estaua a forteleza tres legoas da barra, onde á entrada do rio sorgio, porque a maré vazaua. Onde per conselho [1] *dos* marinhos se pegou junto da terra, e deitarão toda 'artelharia aboyada com as amarras a bordo das fustas, a que virarão as proas pera a barra, por amor da enchente da maré quando tornasse, que era com grande corrente e macareo, que se achasse as fustas carregadas as sesobraria. E a maré vazou, e ficarão todas em seqo, mas da terra lhe nom podião fazer mal porque era tudo terra alagadiça, e assy estiuerão os nossos com boa vigia na maré, que tornou ante menhã. Cousa [2] *medonha* de vêr o marulho e estrondo que trazia! que todauia as fustas se perderão se nom estiuerão tanto d'auiso; e como passou esta furia fiqou 'agoa mais branda. As fustas recolherão sua artelharia, e *a* lauarão da vaza, e forão polo rio dentro, e d'ahy a huma legoa acharão o capitão da forteleza tomada, com muyta gente que se recolhia em hum mato. Onde no rio tinha galuetas em que foy falar a Vasco Pires, e lhe dixe que os mogores, auendo noua de sua hida, queimarão e roubarão a pouoação da forteleza, e elles se recolherão á forteleza, que serião duzentos, todos [3] *frecheiros* e alguns espingardeiros, e tinhão cinqo berços e tres roqueiras, porque a boa artelharia de metal a leuarão ao Mogor; e que a forteleza estaua assentada á borda d'agoa, e que era grande, que os mogores a nom podião defender toda, [4] *e* tinha cubelos, era feita de mão com barro enuazado, muy forte, e tinha caua. Vasco Pires leuou o capitão comsigo, e foy polo rio até ver a forteleza, já sol posto; e nom quis fazer mais detença, e deu o combate do rio a Ruy de Mello, o [5] *Punho*, que fez capitão das fustas e galuetas, que erão muytas, em que foy Coje Çafar, com o capitão da forteleza e sua gente, e rumes; e Vasco Pires tomou cem homens em seu esquadrão, e outro deu a Diogo de Sampayo, seu primo, e cada hum d'elles leuaua duas escadas; e pôs os espingardeiros em ordem, que outra cousa nom fizessem senão tirar aos mogores que aparecessem no muro. Á escala vista, em amanhecendo, forão com as escadas, que acostarão ao muro; sobre que os mogores muyto acodirão a defender a sobida dos nossos, mas os espingardeiros os acertarão tanto que os fizerão *recolher* que nom parecião; mas de dentro

[1] *os* Autogr. [2] *medona* Id. [3] *frecciros* Id. [4] *porque* Id.
[5] *Pinho*. V.ª *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. XVI.

deitauão grão numero de pedras e tirauão com espingardas; o que assy da parte do mar fazião tão grande resistencia que os rumes, nem guzarates, nom ousauão chegar. Mas da banda dos nossos foy a peleja tal que ferirão casy cem homens no sobir das escadas, que o primeiro * foy * Manuel Machado Frazão, valente caualleiro, o primeiro que entrou o muro, e João de Freitas após elle, e João [1] * Ferreira * após elle, o qual foy morto de huma frechada e cayo abaixo. Os outros, muyto feridos, se deitarão pela escada por cima da gente, sobre os quaes deitarão muytos arteficios de fogo e saqos de poluora, com que fizerão afastar os nossos. E tambem na escada de Vasco Pires ouve dous mortos. Pelo que, sendo o sol grande, e sabendo Vasco Pires que da banda do mar os mogores nom erão apertados, e vendo o muyto dano que a gente recebia, mandou afastar a gente, que descansando, e curando os feridos, logo mandou desembarqar quatro falcões e doze berços, e ordenou estancias, pera com os tiros derrubar os muros, por nom ter o trabalho das escadas. O Coje Çafar quisera que Vasco Pires ouvera com elle os conselhos e ordenara estas cousas; mas elle nom quis, porque o mouro nom se gabasse d'esta honrá. E foy todo bem concertado e assentado per noite, pera ao outro dia dar a bataria; mas os mogores, vendo o proposito dos nossos e que com os muros derrubados serião perdidos, e que ganhauão pouqo * em * tomar este perigoso trabalho, enfardelarão seu fato em boas carretas que tinhão, e logo á prima noite, que virão que os nossos estauão descansando do trabalho, se partirão sem serem sentidos, e deixarão materiaes de fogo ordenados, que d'ahy a duas horas se acenderão por toda a forteleza: com que os nossos descansarão, vendo que os mogores erão hidos. Amanhecendo nom acharão cousa na forteleza. Então Vasco Pires entrou n'ella, e pôs bandeira pelo Badur, e a entregou ao capitão, e lhe mandou que logo a concertasse, e recolhesse a gente. O Coje Çafar quisera que Vasco Pires lh'entregara a forteleza pera n'ella ficar por capitão; o que Vasco Pires nom quis, dizendo que a fosse pedir ao Badur. E se partio, e chegou a Dio, e dada a noua a ElRey da forteleza que era tomada ouve muyto prazer. E tambem n'este dia chegou Gaspar Preto com o recado do Izam Maluco que já nom fazia guerra nas terras de

[1] * Feyra * Autogr. V.ª *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. XVI.

Cambaya, por lho rogar o Gouernador. Com ElRey ouve muyto prazer e estaua muy contente.

CAPITULO LXXII [1].

COMO O GOUERNADOR OUVE D'ELREY O BALUARTE DO MAR, E LHO DEU COM SEU APRAZIMENTO, QUE * ERA * O MÓR BEM QUE PODIA TER A FORTELEZA PERA SUA SEGURIDADE.

O Gouernador, tanto que entrou em Dio, mandou sempre estar no cubelo do mar os marinhos das fustas, em que tinhão seus fatinhos; porque n'elle nom estaua ninguem. E como o Gouernador trazia tantos cuidados sobre dar cabo á [2] * forteleza pera que n'ella * se pudesse defender, se algum arrependimento entrasse em ElRey, o que estaua muy certo, e cada dia o esperaua e andaua temperando, e fazendo a ElRey todolas vontades até estar forte, nom teue lembrança de pedir a ElRey este baluarte que estaua no rio; e a isso foy vêr ElRey, que estaua contente com a tomada da forteleza que Vasco Pires tomára, e muyto mais com saber que Izam Maluco lhe nom fazia [3] * guerra. O Gouernador * disse a Santiago que dixesse a ElRey que lhe fizesse alguma mercê, que era dia bom quando vinha boa noua; que lhe fizesse mercê do baluarte do rio, em que estauão [4] * agasalhados * os marinheiros dos catures, pera n'elle estar hum capitão que gardasse o rio; e o mandaria concertar, que estaua caydo. O Badur, com sua bebedice, dixe que si, e que em cima fizesse huma casa em que dormisse. O Gouernador disse que todo faria pera o seruir. E estiuerão folgando, e ouve grande merenda e tangeres e folgares, onde sempre acodião os tangeres do Gouernador, porque ElRey lhe fazia sempre mercê. Com que o Gouernador o deixou em seus folgares e se foy á forteleza, e logo mandou concertar o baluarte quanto compria pera n'elle pôr grossa artelharia, como pôs, e em cima, que era argamassado e forte, de que podião tirar esperas e falcões, e cuberto de hum telhado vão sobre esteos de madeira, e casa çarrada de pedra e cal, muyto forte, pera estar a poluora e monições; com que o fiqou muyto.

[1] Corresponde ao LXVI do original. [2] * forteza pera n'ella * Autogr. [3] * guerra e estaua contente do Vasco o gouernador * Id. [4] * agalhados * Id.

CAPITULO LXXIII [1].

COMO O CUNHADO DO MOGOR ENTROU EM DELY, E TOMOU SUA IRMÃ, QUE LHE O MOGOR TINHA TOMADA, E SE TORNOU AO MANDOU.

ESTANDO assy o Mogor em Champanel, em quanto os seus andauão roubando Cambaya, vendo elle que nom podia auer ás mãos o Badur, e que os mantimentos lhe auião de faltar, porque os lauradores erão destroidos e fogidos; e que os capitães e senhores de Cambaya estauão com o Badur, e com elle nom querião concerto, polo que nom podia soster as terras, por * que * ninguem lhe obedecia; e tambem que tinha noua certa que os patanes lhe entrarão no Dely, e lhe matarão hum capitão com muyta gente, e corrião as terras fazendo muyto mal, que se nom acodisse com cedo depois teria muyto trabalho, * resolueo retirarse *. E sabendo os seus que o Mogor estaua n'este proposito o mandauão dizer a seus amigos que andauão ao roubo, e pouqos e pouqos se hião recolhendo pera o Dely, carregados de bom fato, que em algumas partes que os achauão caminhando a gente da terra matauão os que podião, por lhe tomarem o roubo que leuauão.

Auendo esta noua no Mandou, onde estaua o Mirão com boa gente, estaua com elle o cunhado do Mogor, que andaua deitado em Cambaya, que o Mirão muyto estimaua porque era muy estreme caualleiro; polo que o Mirão lhe fazia muyta honra, e o muyto estimaua. O qual pedio licença ao Mirão pera fazer huma entrada no Dely, e trabalhar por furtar sua irmã, que o Mogor tinha tomada por molher contra sua vontade; e no caminho se vingaria nos mogores que se hião recolhendo pera o Dely: do que o Mirão ouve prazer, e com os seus lhe perfez quatro mil de cauallo e dous mil de pé, que nom quis leuar mais. E ordenou sua gente, que bem sabião a terra, e caminhando, que achaua os mogores que hião com o roubo, os mataua, sem a nenhum dar vida; a que tomou muyta riqueza. E entrou polo Dely, dando nas pouoações, que tudo destroio a fogo e sangue, e foy a huma cidade grande, onde o Mogor tinha huns grandes paços, dentro em huma orta que estaua em hum

[1] No original é o LXVII.

cabo da cidade, que o capitão bem sabia; onde deu de supito huma tarde, e entrou nos paços, onde tomou sua irmã, e com ella oito molheres do Mogor, principaes em seu estado * e * fremosura em grande estremo; e com ellas riquas joias de pedraria, e perolas, e muyto dinheiro em moeda d'ouro: o que todo entregou a mil de cauallo, que mandou diante caminho de Chitor, e elle fiqou detrás e deitou a gente de pé diante. Na cidade ouve reuolta, e se ajuntou muyta gente cuidando que erão os patanes, e acodirão aos paços, em que deixara posto o fogo. Sabendo que era o mogor que leuaua sua irmã, sayrão após elle, e o alcançarão; mas elle com os seus pelejauão estrememente, com que sempre andando lhe anoiteceo, e a gente se tornou, e elle foy ter na forteleza de Chitor, onde estaua o capitão do Badur, e lhe disse que nom deuia d'agardar ally, porque o Mogor se tornaua pera o Dely, e trazia muyta gente, de que elle se nom poderia defender. O que o capitão assy o fez, que soterrou 'artelharia secretamente, e se foy com a gente, e tomou outro caminho desuiado e foy ter junto de Champanel, de que já era partido o Mogor, e deixara na serra hum capitão com gente que a gardasse. O que sabido polo mancebo quis fazer seruiço ao Badur. Escreueo cartas ao mogor que estaua por capitão da serra, fazendolhe saber que o Dely já estaua tomado polos patanes, e o chamauão pera lh'entregar o Reyno, e por isso lhe mandarão sua irmã e as molheres todas do Mogor, que ally tinha comsigo, e com ellas estaua a sua d'elle capitão; e que mandasse hum seu criado, e que [1] * lha * mostraria, e saberia que lhe falaua verdade. O que o capitão assy fez, que mandou hum seu criado, que a vio e falou com ella, e lhe deu hum annel que lhe dera seu marido. O que visto polo capitão logo fez o concerto, e lh'entregou a serra, com lhe dar seguro a elle, e quantos com elle estauão, pera com elle andarem em sua companhia, que erão tresentos homens de cauallo e mil de pé; dizendo o capitão que com seu seguro se metião em seu poder, pera seruirem o Soltão Badur em quanto lhe mandassé, e elle entregaua o que tinha, que era a guarda da serra de baixo, que em cima estaua outro capitão: o que assy era verdade.

[1] * lhe * Autogr.

CAPITULO LXXIV [1].

COMO O MOGOR LARGOU CAMBAYA E SE TORNOU AO DELY, E O QUE FEZ O BADUR DEPOIS DO MOGOR PARTIDO.

O Mogor, polo conselho que tinha assentado de largar Cambaya e se tornar ao Dely, mandou a seus capitães que recolhessem e mandassem suas fardagens; e o Mogor deixou na serra de Champanel hum capitão com gente, com que fiqou segura; e em baixo na guarda da serra deixou outro capitão com tresentos de cauallo e mil de pé. Este foy o que se concertou com o cunhado do Mogor, que se chamaua Mamedascão [2]. Caminhou o Mogor com sua gente, e foy ao Mandou, que o Mirão tinha despejado e derrubadas as portas, onde o Mogor nom fez detença, e entregou o Reyno do Mandou aos filhos do Rey morto, que trasia, que estauão na prisão da serra de Champanel; e lhe deu palaura que cada vez que o chamassem lhe acodiria. E passou áuante, e foy ao reino do Sangá e o entregou ao herdeiro que andaua em poder do Badur, e lhe deu humas armas de sua pessoa e sua propia cabaya, prometendolhe sua ajuda cada vez que *o* chamasse, e lhe deu vinte peças d'artelharia e cincoenta alifantes. Onde aquy estando soube como Mamedascão, seu cunhado, entrára no Dely e leuára sua irmã, e com ella outras suas molheres e grande roubo, e lhe queimára seus paços. De que o Mogor ouve

[1] E' o LXVIII do original. [2] O Mamedascão (Mahamed Khan) de Gaspar Correa, principe bellicoso, que muito guerreou a seu cunhado o rei do Mogor, e com o auxilio do governador da India disputou o reino do Guzarate ao Mirão ou Mirham Mahamed Xiah, é o Mirzão hamet de *Castanheda*, Mir Mahamed Zaman de *João de Barros* e de *Manuel de Faria*, Mirizão hamed de *Andrada*. V.ª *Hist. da India*, Liv. VIII, Cap. CLXVII; Dec. IV, Liv. VIII, Cap. IX; *Asia Portug.* Tom. I, Part. IV, Cap. VIII; e *Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. XLII. Gaspar Correa, depois que o seu Mamedascan quiz elevar-se ao throno vago por morte do sultão Bhadur, passou a chamar-lhe Mirgam Mirza, Mirzam Myra, ou Mirzam Mir. Poderia a dissimilhança dos nomes, e a falta de advertencia, fazer attribuir a duas diversas personagens, pelo menos, os feitos por um só homem practicados. Dissipou-se a confusão conservando-se o nome de Mamedascão nos logares em que o auctor das Lendas o escreveu; e nos outros trocando-se pelo de Mir Hamed Zaman as variantes, que foram apontadas em notas com referencia a esta.

muyta paixão, e d'ally o tornára a buscar e d'elle tomára vingança, e o nom fez porque soube que os patanes fazião muyto mal no Dely. E d'aquy mandou cartas a todos seus capitães que ficauão em Cambaya, que logo se fossem pera elle, que hia acodir a seu reino, que lho tomauão os patanes; e que logo sem detença se fossem: o que assy fizerão todos. Este chamamento dos capitães fez o Mogor com temor que ouve que se ajuntassem com Mamedascão seu cunhado, que de todos era muyto amado, e lhe obedecerião; o que se assy fosse logo seu cunhado lh'entraria no Dely, que andando com os patanes em guerra lhe faria grande mal; ao que o Badur lhe daria todo seu poder; e por esta principal rezão mandou o Mogor chamar seus capitães, que logo se forão pera elle.

O Mirão, sabendo que o Mogor era passado do Mandou e o que deixaua feito, com muyta gente tornou ao Mandou, e se apossou da serra, que concertou em muyta perfeição, e sobre as portas fez fortelezas, e recolheo os lauradores, a que deu dinheiro pera reformarem suas sementeiras. E logo os capitães das fortelezas lhe obedecerão, porque nom podião ter as fortelezas, pois nom sendo senhores do campo nom terião mantimentos. Todos o Mirão recebeo e deixou estar como estauão, e mandou vir os lauradores e a todos deu dinheiro pera tornarem a refazer suas sementeiras.

CAPITULO LXXV [1].

DO ARREPENDIMENTO QUE MOSTROU O BADUR POR TER DADO FORTELEZA, VENDO QUE OS MOGORES SE TORNAUÃO E CAMBAYA FICAUA LIURE.

O Gouernador daua muy grande pressa na obra, que de dia fazia por fóra e com os trabalhadores da terra, e * os * marinheiros, que de dia estauão no mar * e * de noite os mandaua vir [2] * a terra, trabalhauão * nas obras por dentro, fazendo aposentos pera a gente. No que ouve tal auiamento que da entrada d'outubro de 535 até março do anno de 536, que forão seis mezes de trabalho, toda a obra foy feita no andar das amêas, com tres grossos baluartes, e duas torres, e duas grandes cisternas pera recolhimento d'agoa, com seus tauoleiro pera recolherem as agoas da chuva, e dentro n'ellas já muyta agoa, que o Gouernador sempre mandou reco-

[1] E' o LXIX no original. [2] * a terra e trabalhauão * Autogr.

lher de fóra, que bois acarretauão em odres; e nos cubelos ao andar da terra grossos tiros, que varejauão a caua e cidade; e por cima, no andar das amêas muytas bombardeiras, que descobrião a cidade e o campo além d'ella, em que se puserão fremosos tiros. O que todo o Badur via e nom estranhaua, com a tenção que tinha em seu coração que com 'ajuda dos nossos auia de deitar os mogores fóra de Cambaya; e vendo que os nossos nom tinhão este poder, era muy arrependido de ter por isso dado forteleza; e porque a dera sem conselho dos seus andaua calado, determinado em seu coração que se os mogores * se fossem * aueria do Gouernador duzentos portugueses, com Martim Afonso de Sousa por capitão d'elles, como já fôra, ou outro fidalgo de sorte, que leuaria outros, a que faria taes mercês que todos folgassem de hir, e como os tiuesse metidos pola terra dentro os represaria, até lhe tornarem a desfazer a forteleza. Estes pensamentos que o Badur tinha, assy os tinha o Gouernador, que já tinha assentado nom lhe dar nenhuma gente que leuasse pola terra dentro, porque já tinha a forteleza em ponto pera lha defender, se comprisse, e por isto a obra feruia de noite e de dia.

O Badur, tendo noua certa que o Mogor se ordenaua partir, quis apalpar o Gouernador, * a * vêr o que podia bolir; e mandou dizer ao Gouernador que nom parecia bem a sua honra * a artelharia na forteleza *, o que elle nom atentaua se o pouo e alguns dos seus lho nom disserão, polo que aueria prazer mandar tapar as bombardeiras e tirar fóra as peças. O Gouernador lhe mandou dizer que os seus, que lhe o tal dizião, nom lhe tinhão acatamento, pois falauão contra a cousa que elle folgára que se fizesse, e vira fazer perante seus olhos; que a forteleza se chamaua forteleza porque estaua forte, armada com gente e artelharia, que se a nom tiuesse nom se podia chamar forteleza; que a forteleza era sua e a cidade; que a forteleza nom fazia mal aos amigos, senão aos imigos; que em quanto sua alteza quigesse bem podia a forteleza dormir com as portas abertas, mas acontecendo que alguns dos seus se tornassem contra seu seruiço que estes pola terra auião de vir, e não polo mar que a forteleza estaua segura com o rochedo; assy que á forteleza nom lhe podião fazer mal senão da cidade, mórmente se n'ella entrassem nossos imigos; que por tanto auia d'estar apercebida pera o que comprisse. Da qual reposta o Badur ficou agastado, porque, segundo sua vaidade, quisera que logo tapára as bombardeiras, e lhe pareceo que o

Gouernador tinha sabido que elle tinha mandado chamar os rumes, e por isso nomeaua os imigos que viessem de fóra.

Mas o Badur, como já tinha certeza que o Mogor se auia de hir, e ja tinha mais coração, mandou dizer que pois dizia que a forteleza era sua, e a tinha pera com ella o seruir, que era sua vontade que mandasse tapar as bombardeiras, e que logo o fizesse. O Gouernador lhe respondeo que elle, com a forteleza e os portugueses que n'ella estauão, erão pera o seruir como amigo e irmão d'ElRey de Portugal, a que elle tinha escrito de sua noua amisade com tanta verdade com lhe dar forteleza dentro em Dio, de que lhe mandara a pintura com as bombardeiras e tiros n'ellas assentados; pelo que estaua sem duvida, que vendo ElRey suas cartas, lhe mandaria os cinco mil homens que lhe mandára pedir pera seu seruiço: e que o que estaua feito com tanta verdade nom se auia de desfazer. E a isto dandolhe outras muytas rezões, que lhe respondia Fernão Rodrigues de Castello Branco, ouvidor geral, que andaua n'estes recados. Com que o Badur se muyto afrontou, dizendo que o Gouernador lhe nom gardaua o contrato da paz, e pois lhe fazia o que elle nom queria, mandaria fazer huma parede de longo da cidade, tão alta que a forteleza a nom visse. Fernão Rodrigues lhe disse: « Senhor, quando vir » « a tua gente que tal parede fazes logo cuidarão que estás mal com os » « portugueses, e elles logo assy o farão. Polo que nom [1] * conuém * aos » « tão altos principes, como tu hes, e de tão alto saber, mostrares que » « fizeste cousa de que te rependes; e por isso os teus te aconselhão que » « mandes fazer a parede, e nom te dizem que he milhor tornar a des- » « fazer a forteleza que fazer a parede; porque a forteleza nom ha de con- » « sentir que lhe tapem os olhos, e ás que fazião portugueses, e n'ellas es- » « tauão, ninguem lhe podia tapar os olhos, sem primeiro serem todos » « mortos. Assy to manda dizer o Gouernador. » Porque o Fernão Rodrigues já leuaua recado do Gouernador que se ElRey ensistisse em fazer a parede o desenganasse que lho nom auia de consentir. O Badur, ouvido que o Gouernador lho mandaua dizer, respondeo, como em zombaria, dessimulando, dizendo torto: « Já está menencorio. » E nom respondeo. Com que Fernão Rodrigues se tornou e contou ao Gouernador todo o que tinha passado, e * que * sentia em ElRey ter danada a vontade; como de feito

[1] * conuinha * Autogr.

logo criou má vontade contra os nossos, com muyto arrependimento de ter dada forteleza, e tinha muyta dôr que sendo acabada elle nom tinha poder pera a desfazer nem tomar, porque nom tinha no mar o poder que auia mester: e sua paixão dessimulaua até ver tempo.

Praticadas estas cousas, como em conselho, o Gouernador com os fidalgos, foy assentado que andasse muy d'auiso com o Badur, e [1] * defendesse * que os portugueses nom fossem á cidade; nem o Gouernador fosse a ElRey senão muyto a recado, e se escusasse quanto pudesse nom hir a seu chamado.

CAPITULO LXXVI [2].

DO QUE FEZ O BADUR, SABENDO QUE O MOGOR ERA PARTIDO DE CHAMPANEL PERA O DELY.

Estando assy o Badur em Dio, com estes debates com o Gouernador, lhe chegou noua certa que o Mogor era partido de Champanel; ao que logo mandou Coje Çafar, e dous capitães, com dous mil de cauallo, que fossem a Champanel, e que se achassem mogores que a nenhum dessem vida. O que elles hindo caminho se foy com elles ajuntando muyta gente, que já perdia o medo, sabendo que o Mogor era hido. Os capitães, vendose com muyta gente, sabendo que em Madabá estauão mogores os forão buscar; os quaes, sabendo que os guzarates os hião buscar, os sayrão * a * receber ao campo, com seu muyto esforço e pouqa estima em que tinhão os guzarates, e com elles ouverão grande peleja; mas como os guzarates já erão atreuidos, porque de cada vez se mais ajuntauão, e pelejauão com os mogores que nom tinhão capitão, que era gente que andaua a roubar, pelejarão os guzarates com tanto esforço que matarão e ferirão muytos, e se tornarão a recolher á cidade, donde n'esta noite fizerão * os mogores * sua fardagem, que puserão diante, e secretamente fogirão pera o Mandou. E postoque da cidade o forão dizer ao campo em que estauão os guzarates, ouverão seu conselho nom se bolirem, e agardarão até amanhecer, que souberão que a cidade estaua despejada dos mogores, sómente alguns que nom puderão andar, que estauão muyto feridos, e outros doentes, que os capitães fizerão leuar ao cam-

[1] * defendia * Autogr. [2] E' o LXX do autographo.

po, e atar a estacas, e lhe fazer fogo derrador, com que morrerão assados. E os mogores que hião pera o Mandou polo caminho forão perseguidos da gente da terra, com cobiça de lhe tomarem o roubo; com que escaparão poucos, porque o Mirão no Mandou os correo, com que toda a fardagem perderão, e alguns pouqos escaparão a seu bom correr dos cauallos.

Mamedascão [1], o cunhado do Mogor, auendo noua que os guzarates em Madabá pelejauão com os mogores, se foy lá, e no caminho deu em huma aldêa em que estauão muytos mogores, que * a * nenhum nom deu vida; e n'elles se achou bom despojo dos roubos. E se foy a [2] * Madabá *, e inda no caminho matou alguns dos mogores que fogião. Sendo dadas estas nouas ao Badur, com seu grande prazer logo partio de Dio, e passou por Madabá, e se foy a Champanel, onde já estauão seus capitães, que o receberão no campo; onde mostrou muyta honra ao cunhado do Bobor, polo que tinha feito; e se foy á cidade, onde logo mandou cortar a cabeça ao capitão mogor que entregara a serra, e com elle * a * cento dos tresentos, os mais principaes, e lhe mandou leuar os corpos ao campo, que os comessem as alimarias. E esto presente o capitão Mamedascão, que fiqou muy triste, dizendo ao Badur: « Senhor, eu da » « tua parte dey seguro a estes. » Dixe o Badur: « Era bem que eu lho » « gardara se elle se viera pera ty com boa vontade de me seruir; » « mas nem veo pera isso, nem por tua amisade, mas elle nom o fez se- » « não por amor de sua molher, e como achára tempo se acolhera pera » « o Dely, e de caminho fizera todo o mal que pudera. Ys'outros, que » « ficão, por amor de ty os nom mando a todos matar. » Ao que o mogor lhe fez grande çalema, porque era muyto sesudo, e conhecia as doudices do Badur e que n'elle nom tinha segura amisade; e dessimulou a grande paixão que ouve do Badur nom gardar seu seguro aos que mandara matar; e assy andaua muy duvidoso do Badur, com quantos seruiços lhe fazia; e com este temor se quis afastar d'elle com sua gente que trazia a seu soldo, que erão estrangeiros, e sómente tinha quatrocentos mil pardaos de renda em terras que lhe dera ElRey. E estando o Badur de boa sombra, o mogor lhe falou, dizendo que lhe désse licença

[1] Nome emendado no autographo, por outra lettra, em logar de Mamedemargam, que está riscado. [2] * Mada * Autogr.

pera se hir pera o Mirão, que andaua em trabalhos no Mandou, onde andaria [1] * seruindo * com os seus. Do que o Badur ouve prazer, dizendo que folgaua que se fosse muyto embora, e que trabalhasse por tomar algumas terras aos imigos, que todas lhas daua pera suas gentes. E lhe deu carta pera o Mirão, que no Mandou lhe désse terras que lhe rendessem os quatrocentos mil pardaos que tinha no Guzarate, com mais cem mil, que fossem quinhentos mil, e mais as terras que com sua gente ganhasse dos imigos. E o despedio, que se fosse, dizendo: «Mamedascão,» «tu foste leal á minha cabeça, e ajudaste os guzarates, e muyto traba-» «lhaste arriscando tua vida. Folgo que sejas bom amigo. Anda com» «meu sobrinho, que farey Rey do Mandou. Elle te dará terras de tua» «renda: no que descansa o teu coração, que eu tenho descansado o» «meu.» E lhe deu riqua cabaya e a quatro capitães seus, e lhe mandou dar cem mil pardaos d'ouro pera sua despeza. E lhe fez, com toda a gente, sua çalema, e se foy ao Mandou, muy contente por assy se afastar do Badur; onde o Mirão lhe fez muyta honra, e muyto folgou com elle, porque o conhecia por muy esforçado caualleiro, e todos o muyto estimauão; e o Mirão lhe deu terras que lhe rendião mais dos quatrocentos mil pardaos. Onde se meteo no trabalho da guerra, por ganhar terras; e fez tanto que ganhou muytas, que todas lhe deu o Mirão, em que fez de renda passante de hum conto d'ouro, sempre se mostrando muy capital imigo dos mogores, e sempre muyto obedecendo ao Mirão, fazendolhe muytos seruiços, com que d'elle, e de todos, era muy estimado, e se fez grande senhor.

Dos capitães do Mogor, que se espalharão a roubar Cambaya, hum, chamado Turuxacão, valente caualleiro e muy liberal, recolheo em sua quadrilha dez mil de cauallo e vinte mil de pé, que escolheo á sua vontade os mais guerreiros, e andaua apartado dos outros fazendo grandes roubos e cruezas, e quanto tomaua daua escala franca e pera sy nom tomaua nada. E os que com elle andauão, que erão contados per seu rol, indaque outros se querião ajuntar com elles nom o consentião, por auerem milhor quinhão. E chegaua a huma cidade e lhe mandaua pedir tanto dinheiro, e a nom tocaria; o qual lhe logo dauão, e passaua sem pelejar. D'este dinheiro sómente tomaua ametade pera sy, dizendo que pois

[1] * seruido * Autogr.

o ganhauão sem trabalho que elles tomassem ametade, e a outra metade elle gardaua pera tempo de necessidade. Do qual modo ouve grande riqueza, elle e todos os seus. Este capitão, vendo que o Mogor e todos os capitães se recolhião pera o Dely, e os desbaratos que lhe fazião polos caminhos, e que o Mirão estaua no Mandou, porque era o caminho, e andaua muyto possante, nom se quis tornar pera o Dely, e recolheose pera ElRey dos resbutos por consequencia de Melique Saca, que o recolheo com muyta vontade, pera com elle tomarem ajuda contra o Rey de Cambaya, com que sempre tinha guerra, e bem sabião que como o Badur tornasse a seu poderio logo se auia de querer vingar d'elles polos males passados, porque tambem os resbutos sempre com elle guerreauão. E porque o mogor assy andaua possante, e ElRey se temia dos propios seus, se tornou a Dio com muyto cuidado da forteleza, maginando em seu coração o modo que teria pera tornar a desfazer a forteleza ou a tomar; e sobre isto buscando suas sotis traições, nom achou milhor que com muytas amisades colher o Gouernador a seus paços, e o prender com todos os que com elle fossem, e se se defendessem a todos os matar, e tomar a forteleza; e pera tomar tão forte cousa como estaua a forteleza auia de ser muy grande trabalho, ao que daria remedio com defender o mar, e lhe pôr cerqo de fome e sede. Mas todos estes pensamentos nom lhe assentauão, porque nom ouzaua de os descobrir; e com este cuidado se tornou a Dio, mandando logo visitar o Gouernador, mostrando que vinha muyto contente das boas cousas que os seus fazião contra os mogores. O Gouernador lhe mandou reposta assy de seus contentamentos.

CAPITULO LXXVII [1].

DE COMO O GOUERNADOR PROUEO A FORTELEZA * DE DIO * DE CAPITÃO E OFFICIAES, E DE TODO O NECESSARIO QUE OUVE MESTER, E DESPEDIDO DO BADUR SE FOY A BAÇAIM, E ASSINOU O LUGAR DA FORTELEZA A GRACIA DE SÁ, QUE A FICOU FAZENDO, E ELLE SE FOY A GOA.

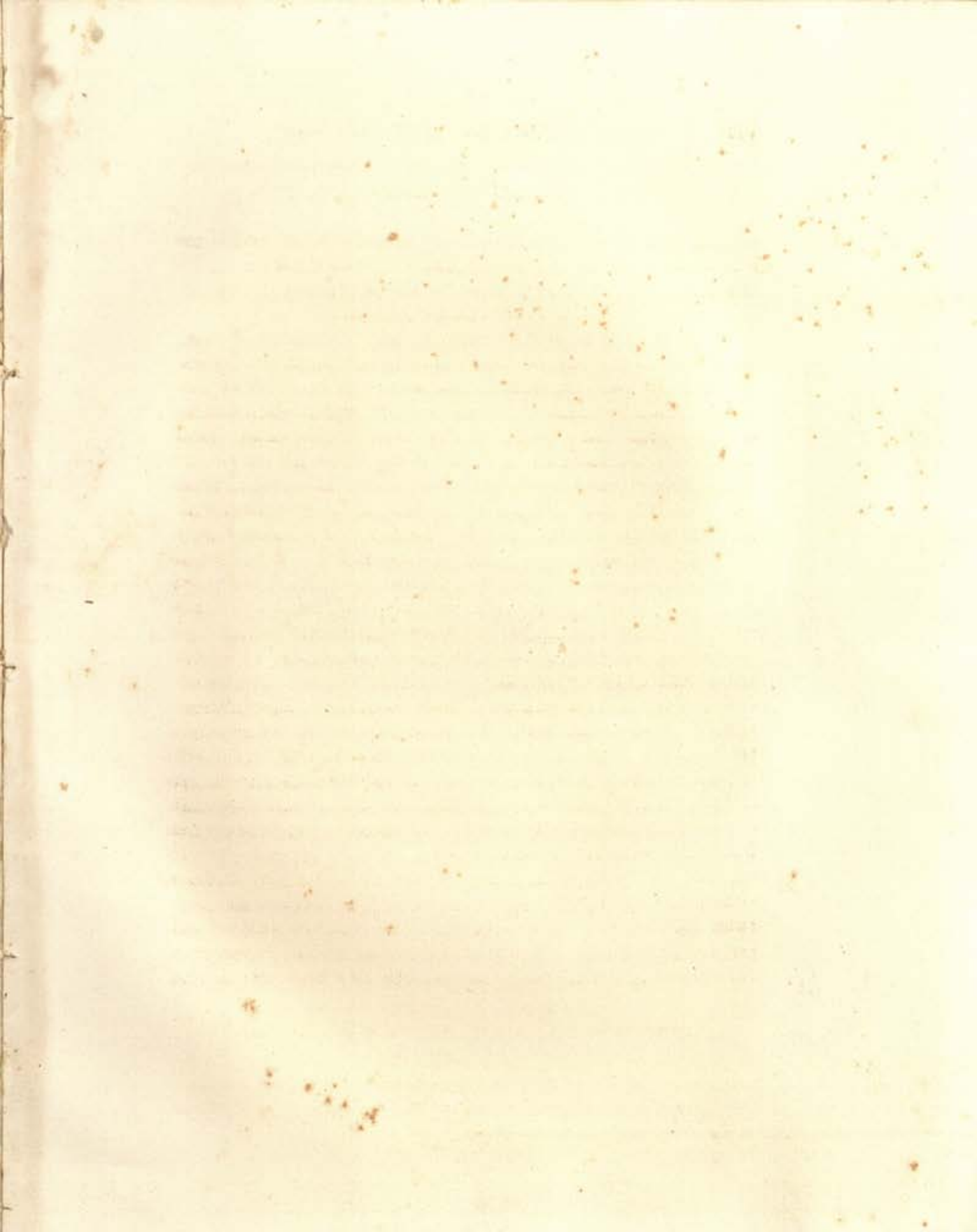
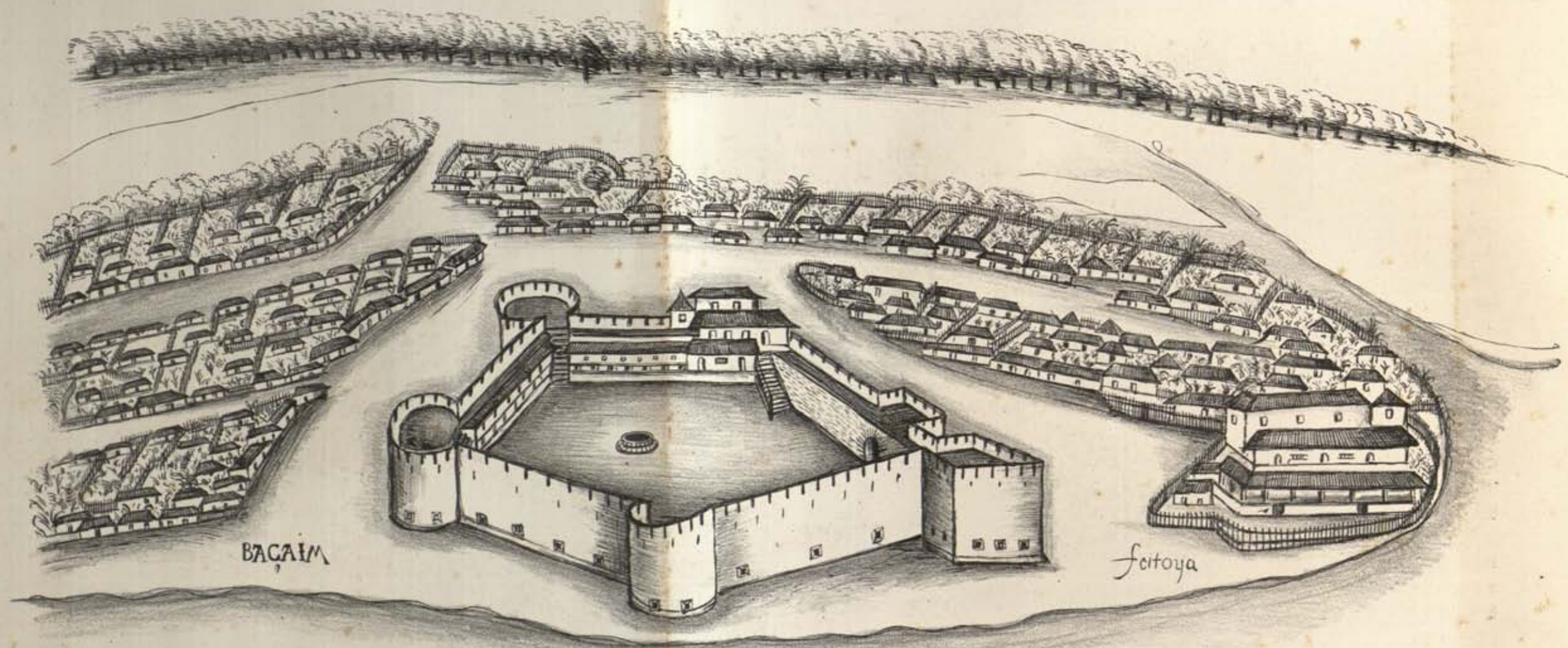
O Gouernador fez capitão da forteleza Manuel de Sousa, homem assás fidalgo, mas hum pouqo mancebo, que nom chegaua a corenta annos de sua idade, de que a gente fiqou muy desgostosa. E tinha já dentro muytos mantimentos em boas casas apartadas da casa da feitoria, e casa apartada d'armaria, a milhor que se pôde ajuntar, e a melhor artelharia que auia na India, e 'artelharia toda assentada quanta compria, e de sobresalente vinte peças, afóra corenta assentadas, e muyta espingardaria, que no almazem auia quatrocentas espingardas, afóra todo homem ter huma, duas espingardas. Deu ao capitão grande regimento de todolas cousas que podião soceder, e sobretudo que em nada se fiasse d'ElRey, e por nenhum modo do mundo fosse a seu chamado, nem já nunqua saysse da forteleza, nem chegasse á porta que o vissem de fóra, e na porta tiuesse fieis gardas, de dia e de noite; elle fosse o sobrerolda, e sempre trouxesse escutas e espias per fóra, no que tiuesse muyto cuidado, e nom consentisse os homens hirem á cidade, sómente dous, tres, e nom fossem outros até que estes tornassem. Fez capitão do baluarte do mar Lionel de Sousa de Lima, com trinta homens espingardeiros, homens que elle escolheo; fez Antonio da Veiga feitor e alcayde mór, escriuães, almoxarifes, e ouvidor a Pedraluares d'Almeida, que seruia d'ouvidor geral até que veo Fernão Rodrigues de Castello Branco. Dentro na forteleza * auia * muyta poluora grossa e delgada, e chumbo, salitre, enxofre, e arteficios, e todolas monições em muyta abastança. E deixou no rio duas albetoças, e huma carauella latina, e huma galé, e quatro catures pera recados, concertados de nouo, pera enuernarem no rio. Fez pagamento a toda a gente de seis mezes, e deixou na forteleza dez mil pardaos pera o que comprisse e fazimento das obras que se fazião por dentro, que se auião

[1] O LXXI do original.

d'acabar antes do inuerno, porque dentro na forteleza auia d'auer aposento pera seiscentos homens, que n'ella ficarão, e duzentos no mar e no baluarte; e * mandou que * nom consentisse que na forteleza os homens tiuessem escrauos senão homens, pera ajudarem ao trabalho; e que elle capitão tiuesse em sua mão as [1] * chaues * d'agoa e da poluora; e lhe deu auiso de todolas cousas muy miudamente. E o Gouernador despedia os nauios miudos, que o fossem agardar a Baçaim.

O Gouernador, antes que ElRey tornasse a Dio, sempre se fengia doente, andando em hum andor, e depois da chegada d'ElRey se nom aleuantaua da cama, onde ElRey o mandaua muyto visitar por Coje Çafar, que sabia falar nossa fala, e ElRey com elle folgaua, porque era valente caualleiro e sabia muyto dos ardis da guerra, que andaua muyto fauorecido, e acompanhado dos rumes, de que era capitão. E por elle mandou dizer a ElRey que se achaua mal de seus corrimentos, de cada vez pior, e ally nom podia enuernar; que se hia pera Goa pera se curar e prouer muytas cousas que tinha que fazer, e que passado o inuerno, se nom morresse, logo tornaria ao seruir; que ally lh'entregaua a forteleza, pois era sua, e n'ella por capitão Manuel de Sousa, com muyta gente pera o seruir como a propio Rey de Portugal. ElRey, com seus máos pensamentos, folgou muyto, porque lhe pareceo que abastaua elle hum dia hir folgar á forteleza, e mataria o capitão, e com os seus principaes, que estarião dentro com elle, muy leuemente tomaria a forteleza; que este ardil lhe daua o Coje Çafar. Respondeo ao Gouernador que se fosse muyto embora, e deixasse recado ao capitão que lhe désse gente, se comprisse. Ao que o Gouernador lhe dixe que essa era a principal cousa que lhe deixaua encarregado; que por isso de Baçaim lhe auia de mandar quatrocentos homens, porque ally nom deixaua agora mais que tresentos homens, acupados nas obras, e auião de vir nauios com mantimentos, e no rio deixaua armada pera o que comprisse. O Gouernador fez na forteleza igreija do orago de são Thomé, que assy pôs nome á forteleza; em que fiqou vigairo com seis crelgos, posta no alto, muy forte, que d'ella se podia tirar artelharia, se comprisse: os muros de vinte pés de largo, os cubelos abertos por dentro, moçiços até o primeiro andar d'artelharia, e descubertos, argamassados, muy fortes, que em cima

[1] * caues * Autogr.

BAÇAIM
Feitoya

tinhão outra artelharia. E o Gouernador, deixando todo muyto prouido como compria, se partio de Dio na fim de março de 536. E porque me pareceo rezão, [1] * digo por cousa d'espanto o que eu vy *, e o virão todos homens e o Gouernador: hum homem que passaua de tresentos annos de sua idade, e bem desposto, e hum filho de duzentos. O pay, de barba preta e pouqa, disse que cinqo vezes lhe cayrão todolos cabellos e dentes, e outras tantas vezes lhe tornarão a nacer. Tinha os olhos muyto encouados, a carne dura como neruos; contaua grandes cousas passadas; falaua pouco. O filho daua mais rezão das cousas. Tinhão comedía d'ElRey em grandes casas, e com sua familia. D'este filho nom auia filhos, que dizia elle que era ypotente e nunqua conhecera molher.

Foy o Gouernador seu caminho a Baçaim, dando muytas graças a Nosso Senhor de tanta mercê como lhe fizera; onde em Baçaim achou grande ajuntamento de cousas pera o fazimento da forteleza, e vendo bem o sitio da terra, falou com os mestres, e assinou per onde se auia de fazer as torres, e porta sobre que estaria a torre da menagem. E mandou dizer missa solene de são Sebastião, porque em seu dia ally lhe dera vitoria, e feitas as benções polo vigairo geral e frades, o Gouernador tomou a enxada e começou a cauar; o que fizerão Gracia de Sá e outros fidalgos, e com muytos [2] * trabalhadores * nom largarão mão até o alicerce ser posto em sua altura, onde o Gouernador pôs a primeira pedra, e meteo debaixo d'ella madrafaxaos d'ouro e portugueses, que foy em huma esquina que ally auia de fazer a forteleza, de que deu a capitania a Gracia de Sá, com que folgou de ficar com elle muyta gente, porque auia muyto dinheiro. E o Gouernador mandou pagar seis mezes adiantados, e deixou boa artelharia e monições, e outra mandou de Chaul; e porque auia muyta madeira deixou aquy muytos nauios de remo, que se concertassem no inuerno e no verão se fossem a Dio, e se foy a Chaul, onde deixou casy tod'armada pera se correger.

Sempre n'estes tempos o Gouernador e Martim Afonso de Sousa andarão desgostosos hum do outro, e nom que se deixassem de falar e acatar hum ao outro, como era rezão, mas Martim Afonso era isento, e nom tinha conta senão com o que lhe compria, andando muyto acompanhado

[1] * digo que por cousa d'espanto o digo a que e eu o vy * Autogr. [2] * trabalhados * Id.

de bons fidalgos, polo assombramento que tinhão de elle ser Gouernador, que em cada armada do Reyno esperauão que lho ElRey mandasse; mas o Gouernador era muyto sentido de elle entrar em Dio primeiro que elle.

CAPITULO LXXVIII [1].

QUE CONTA HUM VENCIMENTO QUE DOM JOÃO PEREIRA, CAPITÃO DE GOA, OUVE CONTRA OS MOUROS DA TERRA FIRME.

O Acedecão era muy apertado do Idalcão que guerreasse as terras de Goa, e as tomasse, e desfizesse o castello que era feito em Rachol; polo que elle reformou mais gente, que mandou a seu capitão [2] * Soleymagá *, em que lhe fez tresentos de cauallo, em que entrauão cincoenta acubertados, e oito mil homens de pé bem concertados, com muytos frecheiros, e bombas de fogo, e virotões, com que entrou nas terras; a que logo todolas tanadarias lhe acodirão com as rendas, porque, se o nom fazião, os mataua com justiças e cruezas. O que sabido por dom João Pereira em Goa logo apercebeo gente de pé e de cauallo, que forão de pé tresentos, casy todos com espingardas, e seiscentos piães da terra, homens da guerra, com tres nayques seus capitães, valentes homens, e com os de cauallo, homens casados, Manuel de Vascogoncellos, Payo Rodrigues d'Araujo, Diogo da Costa, Rafael Martins [3], Galuão Viegas, Jurdão de Sousa, Diogo d'Andrade, Pero Godinho, Martim Gracia, João de Lobão, Pero Ferreira, e outros honrados homens; e passou com esta gente na entrada de feuereiro.

O Soleymagá estaua com arrayal assentado huma legoa do castello. Sabendo que dom João era entrado se aleuantou, e foy pousar d'ahy duas legoas ao pé de huma serra; o que dom João logo seguio em sua busca, e mandou diante Diogo Fernandes, adayl, com tres de cauallo descobrindo a terra, e forão até auer vista dos mouros, de que os nossos ouverão grande espanto, que lhe parecerão muytos, dizendo que era erro cometer tal cousa; mas o capitão, muy esforçado, lhe dixe: « Ó se- »

[1] Corresponde ao LXXII do original, e falta no *Indice* ou Tavoada que, com diversa redacção, vem no fim da Lenda de Nuno da Cunha. [2] * Solemaqa * Autogr. [3] Martins, ou Nunes, se podia lêr no autographo; porém Martins é o que vem em *Andrada*, *Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. XVIII.

«nhores, nom mostreys falta de quem somos, que aquelles imigos; que» «ally vêdes, já estão costumados a nos fogir, e agora nom ha d'auer» «mais detença n'elles que até lhe darmos Santiago, que nos ajudará.» «Estamos bem ordenados, e por tanto mais nom agardemos.» E mandou tanger as trombetas. Os mouros, vendo os nossos, se concertarão fazendose todos em hum arqo, e nas pontas a gente de cauallo, e os acubertados no meo, em que vinha o capitão. Dom João mandou a Manuel de Vascogoncellos, e Payo Rodrigues d'Araujo, e Diogo Fernandes adayl, e Galuão Viegas, e João Viegas, com trinta de cauallo com seu guião diante, que rompessem; o que assy fizerão com muyto esforço d'alguns, que outros recuarão atrás, vendo a multidão de frechas, e espingardas, e virotões, e bombas de fogo [1] *que* correndo polo campo fazião grande espanto. O que vendo dom João a fraqueza dos que nom querião chegar, remeteo, com grande grita da pionagem, e nossa espingardaria, que tirou mais certa que a sua, com que dos dianteiros logo cayrão muytos, que fez muyto medo aos mouros; mas Nosso [2] *Senhor com* seu fauor ajudou os nossos, que romperão os mouros por meo, em que a peleja foy muy grande, e os nossos tirando aos acubertados, que se metião por antre os seus recolhendose, *elles* com as cubertas dos cauallos derribauão os seus polo chão, que os cauallos atropelauão e [3] *amassauão muytos dos que fogião. A hum caualleiro honrado, chamado João Rodrigues, lhe cayo o capacete, e sem elle pelejou como valente caualleiro. Dom João, e todos, pelejarão tão fortemente que abrirão os mouros em duas partes, ficando em meo, em que todos os nossos de cauallo sostinhão o peso da força ás lançadas, e detrás os nossos espingardeiros, que vendose em tal pressa, muy destramente tirauão, porque leuauão as cargas das espingardas em canudinhos, poluora e pelouro, que tudo junto carregauão, e tirauão muyto prestes e certo, que de cada tiro derrubauão; ao que muyto ajudauão os nossos piães com grande esforço, mas como os mouros erão muytos nom fazião falta os mortos e feridos caydos no campo. Mas o [4] *Soleymagá* andaua esforçando e falando a todos; com que os nossos andauão muyto apertados. Ao que, per acerto, hum pelouro d'espingarda lhe deu na cabeça do cauallo, que desatinou

[1] *e* Autogr. [2] *Senhor que com* Id. [3] *amassauão do que muytos fogião* Id. [4] *Çuleymaga* Id.

e foy fogindo por antre a gente. Ao que os nossos derão grita; ao que lhe acodio hum seu sobrinho, e se lhe atrauessou diante por deter o cauallo; mas elle hia tão forioso que derrubou o sobrinho, e se emburilharão ambos. Ao que os nossos chegarão, com muyto trabalho; mas o Soleymagá se pôs no cauallo do sobrinho, porque elle assy fiqou morto, e foy fogindo. O que vendo os mouros começarão d'enfraquecer e se retraer; o que vendo dom João, deu grandes brados, Santiago! vitoria! vitoria! Ao que os nossos derão grandes gritas com que entrou desmayo nos mouros, com que começarão a fogir, e os nossos lhe seguindo o alcanço, que os nossos piães fazião esforçadamente, e o capitão diante com os de cauallo nom muyto desmandados, porque dom João queria que todo o corpo dos nossos fosse junto. Os mouros, vendose sem saluação, punhão raminhos verdes nas touqas, assy como leuauão os nossos, com que muytos escaparão. Os nossos correrão até chegar a hum * rio * que passarão os mouros de cauallo, mas os * de * pé se afogarão muytos. Então dom João, dando muytos louvores a Nosso Senhor, e todos, se tornarão ao arrayal, em que se achou bom despojo de muytas armas, mantimentos, roupas de vestir, e na tenda do mouro se acharão muytas cabayas de seda, que o mouro tinha pera lançar aos seus vencedores, e cauallos, e boys de carga; o que todo recolheo cada hum quanto mais pôde, que o capitão nom tomou mais que a tenda do mouro. E sabido da gente, nom achou morto nenhum português, sómente muytos feridos de frechas, e alguns cauallos, e dos piães tambem, que tocarão as bombas; e dos mouros os que ficarão no campo passarão de mil, em que foy o sobrinho do mouro, e o capitão do rio de Cintacora, e outros tres homens principaes. Onde ally muytos dos nossos se fizerão caualleiros, e os nossos dormirão no campo com muytos fogos derrador, que fazia frio, * e * com boas vigias. Ao outro dia o capitão com toda a gente foy correndo o campo, e as [1], ao que logo acodirão todolas tanadarias com muytos prazeres, e lhe trazendo muytos presentes de cousas de comer, porque se vião liures dos mouros. Com o que a terra fiqou assentada, e o capitão com a gente se tornou a Goa, onde foy recebido com muytas festas e procissão solene, dando todos louvores a Nosso Senhor por tamanha mercê.

[1] Falta uma palavra no original, sem n'elle haver lacuna.

CAPITULO LXXIX[1].

DA CHEGADA DO GOUERNADOR A GOA, ONDE LOGO LHE VEO MESSAGEM DO ACEDECÃO SOBRE A GUERRA DA TERRA FIRME; * E * O * QUE * SE FEZ DE NOUO.

O Gouernador chegando a Goa a cidade lhe quisera fazer recebimento e festas, mas elle nom quis que fizesse gasto, sabendo que os hómens andauão no trabalho da guerra da terra firme, pera o que vinha muyto aluoroçado; sómente lhe fizerão recebimento de procissão solene, com que foy fazer oração á igreija e se recolheo a suas casas, e logo ao outro dia, com o capitão, em hum catur foy polo rio vêr o castello, que muyto folgou vêr; e se tornou, e o mandou concertar com mais artelharia e gente: esto sem embargo de dom João Pereira lhe contar as contendas que os grandes tinhão contra o Acedecão, azedando o Idalcão contra o Acedecão sobre as terras que dera, e o castello que consentira fazer; com que algum tanto o Acedecão se escusaua até sua vinda. E porque os casados de Goa estauão muy trabalhados da guerra, dizião muyto mal d'ella, e mórmente porque o Gouernador se contentaua com ella; ao que auia ajuntamentos e praticas, e cada hum falaua o que entendia, e mórmente á mesa de Martim Afonso, em que cada hum falaua segundo o que entendia, que Martim Afonso trazia sobre sy hum apartamento e companha de fidalgos e gente que o muyto agardauão, mas os mais dos dias visitando o Gouernador, com que se encontraua na igreija, e como nom andauão muyto correntes as praticas erão pouqas. Mas o Gouernador, sabendo o que se profaçaua do castello de Rachol, disse, em presença de muytos fidalgos, que assy estimaua o castello de Rachol como a forteleza de Dio, e que o castello nunqua d'ally seria desfeito em quanto elle pudesse * defendelo *, com todo seu poder; porque do ganhado nom auia de perder nada senão quando perdesse a vida; e que os homens que cansassem na guerra que os mandaria pera outras fortelezas, donde viessem outros que estauão enfadados de nom pelejar.

Ao que logo lhe veo messigeiro do Acedecão com palauras do pra-

[1] E' o LXXIII no autographo.

zer que tinha do fazimento da forteleza em Dio, porque era seu bom amigo, e por assy ser graciosamente lhe dera suas terras com tanta renda, e muytas mais lhe dera se o tempo socedera como elle cuidara; e com esta boa amisade ouve prazer que se fizesse o castello de Rachol, mas que o tempo dera auêsso a seu desejo, e socederão as cousas em modo que por força, e costrangimento d'ElRey seu senhor, al nom podia fazer senão tornarlhe a pedir o que lhe tinha dado, e se lho nom désse sobre isso lhe faria a guerra, porque se lha nom fizesse seria destroido, porque tinha muytos imigos que o acusauão ante seu senhor o Idalcão; e tinha muyta dor e vergonha de tal pedir, mas que elle visse bem toda a rezão, que al nom podia fazer. Pelo que lhe muyto pedia e rogaua, que mostrando verdade e grandeza que auia nos portugueses, e em sua senhoria, que era como a pessoa d'ElRey de Portugal, na qual confiança, e boa amisade que em seu coração tinha pera os portugueses, lhe pedia lhe largasse as terras, e mandasse aleuantar o castello, pois lhe nom fazia proueito nem honra pera tanta como tinha ganhada. E se o gasto do castello ouvesse por perda, que estimasse mais sua amisade; e mais que as terras o tinhão bem pago, e comtudo o pagaria, se mandasse.

O Gouernador, ouvida a messagem, lhe respondeo palauras d'amisade, dizendo que tudo o que lhe pedia era muyta rezão, e as terras logo lhas largaua, mas o castello nom podia aleuantar sem licença d'ElRey de Portugal seu senhor, porque se o aleuantasse, sem sua licença, por isso lhe mandaria cortar a cabeça, porque sómente tinha poder pera fazer, e nom podia desfazer; e que tinha pesar nom lhe poder fazer todo o que lhe pedia; que por tanto escusasse de lhe mandar mais nenhum recado sobre aleuantar o castello. O Acedecão, vendo tal reposta do Gouernador, o fez logo todo saber ao Idalcão, onde seus imigos o mais acusarão ao Idalcão, lhe dizendo que tudo erão manhas do Acedecão, que estaua concertado com o Gouernador, que o queria ter por amigo, e auer seu fauor e ajuda dos portugueses, quando lhe comprisse. E tanto indinarão o Idalcão que mandou ao Acedecão que logo, elle em pessoa, fosse aleuantar d'ally o castello, e que das terras figesse o que quigesse, que a renda elle a perdia; e que logo nom tardasse. Isto mandaua o Idalcão assy, porque o castello nom se podia desfazer sem as terras primeiro serem tomadas. Da qual reposta do Idalcão logo o Acedecão mandou re-

cado ao Gouernador, com a propia carta que lhe mandara o Idalcão; muyto lhe rogando que quigesse escusar tamanho trabalho, e males que auia na guerra; o que elle nom querendo, Deos olharia tudo, que elle nom tinha culpa, pois era mandado por seu senhor. O Gouernador nada quis fazer, parecendolhe que nom lhe poderião tolher o rio porque podião hir ao castello cada vez que quigessem, e que a guerra nom seria muyta, porque estaua já em fim de março, que era entrada do inuerno.

Vendo o Acedecão a determinação do Gouernador logo mandou apregoar guerra contra os portugueses, e dizer por todolas tanadarias aos portugueses que se recolhessem, pera o que lhe daua dez dias d'espaço, porque passados, a todos mandaria matar e catiuar. E mandou a todolos passos que cousa nenhuma deixassem passar [1] * pera Goa *, sómente os portugueses, sem nenhuma cousa leuarem mais que seu dinheiro, em que lhe nom tocassem; nem consentissem que nenhum entrasse nas terras, e lhe fizessem a guerra como imigos. E sendo acabados os dez dias o Acedecão deceo abaixo, com muyta gente de pé e de cauallo, com muytas monições de guerra. Com o pregão ouvido dos portugueses se recolherão ao castello, sobre o qual o Acedecão assentou estancias d'artelharia, e de longo do rio muytas estacadas fortes, donde podião afrechar as embarcações que passassem. O Gouernador, vendo o concerto da guerra, passou assinados a todolos rendeiros das tanadarias que lhes largaua as rendas, que nada pagassem, e nom acodissem com ellas ao Acedecão, e tudo comessem, e se nom fossem das terras, e ajudassem aos nossos. O que muytos assy o fizerão, os quaes o Gouernador fauoreceo com gente de pé e de cauallo, e espingardeiros, que em alguns lugares se fizerão fortes, e fazião entradas em outras terras, em que roubauão e guerreauão.

O Gouernador mandou passar dom João Pereira com gente de pé espingardeiros, e homens de cauallo, e que os repartisse polos lugares que comprisse. Onde andando ouve recontros com os mouros e fortes escaramuças, em que os mouros ganharão o campo, por serem muytos e bons guerreiros, e cobrando grande esforço se ajuntarão grão numero de mouros pera dar batalha ao capitão em hum campo, com grandes estrondos e gritas, e cometerão os nossos com tanto esforço, e por tantas par-

[1] * per agga * Autogr.

tes, que os nossos voltarão fogindo todos, de pé e de cauallo, até se recolherem onde estaua o capitão, bradando todos que se recolhessem o milhor que pudessem, porque nom podião defenderse de tantos mouros como vinhão sobr'elles. Mas o capitão, vendo a desposição da terra, que era de maneira que se nom podia recolher sem receber muyto mal, pôs sua esperança em Deos, e recolheo a gente, e lhe falando e esforçando se ordenou pera dar batalha; mas todos lhe bradauão que tal nom fizesse. Elle dixe: «Nós estamos nas mãos de Deos, que com sua misericordia» «nos ajudará contra seus imigos. Melhor é morrer pelejando que fogin-» «do; e por tanto, quem quiser faça o que eu fizer.» E mandou tanger as trombetas, com seu guião diante, enuocando Santiago, rompeo por antre os mouros. O que todos assy fizerão, que nom ousarão de fogir, porque virão que nom tinhão saluação; mas Nosso Senhor acodio com sua grande misericordia, que pôs medo nos mouros, com que aprofiarão pouqo, e forão desbaratados, ficando o campo cuberto d'elles mortos e feridos, e dos nossos sómente feridos de frechas; ficando os nossos dando muytos louvores a Nosso Senhor por tamanha mercê. O que sabido do Gouernador, e que na terra nom auia desposição pera n'ella estar corpo de gente, nem auia herua pera os cauallos, o mandou tornar pera Goa com toda a gente.

Então o Gouernador mandou fustas e catures, concertados com arrombadas pera as frechas, [1] *que* corressem todos os rios fazendo a guerra, em que fazião saltos *e* roubos; mas a gente padecia grandes trabalhos, porque auia muytas chuvas e tempestades, que era já inuerno. Então o Gouernador mandou passar além Antonio da Silueira, que era vindo de seruir a capitania d'Ormuz, porque *entrara* n'ella dom Pedro de Castello Branco, que n'ella viera prouido por ElRey; e passou a Bardês com corpo de gente de pé e de cauallo, com que passarão muytos homens fidalgos, porque Antonio da Silueira daua grande mesa. E foy dar nas estancias que os mouros tinhão sobre o rio da passagem pera o castello, que os mouros logo largarão, e fogirão, e se colherão a huns matos em que os nossos nom podião entrar, donde espingardeauão e afrechauão aos nossos. Todauia Antonio da Silueira cometeo entrar o mato, e foy muyto ferido, e muytos homens, e mortos; e os feridos leuarão a

[1] *e* Autogr.

Goa, e por Antonio da Silueira andar maltratado o Gouernador o mandou pera' cidade, que se tornasse com a gente.

Em todo este tempo o Acedecão escreuia e mandaua recados ao Gouernador, e a Martim Afonso, e aos officiaes da camara, dizendo que elles fossem obrigados dar conta a Deos, e a ElRey de Portugal, dos portugueses que n'esta guerra, tanto sem rezão, os mouros matauão; do que ElRey lhes tomaria conta, se era homem que estimaua rezão e justiça; que elle pedia e rogaua paz, e fossem amigos como sempre forão e que se aleuantasse o castello, com que se ganhaua tanta perda e males. Polo que muytos fidalgos o dizião ao Gouernador. Martim Afonso n'isso nom o falaua ao Gouernador tanto a ponto, porque folgaua que o Gouernador fizesse erros, polo desgosto que auia antre ambos. Os fidalgos dizião que o Acedecão tinha rezão e justiça, e que esta guerra era muyto contra rezão, e por isso n'ella auia tantas mortes e males. E querendo o Acedecão pagar o gasto do [1] * castello o Gouernador * nom daua por nada, e tomou teima n'esta cousa, dizendo que nom começara cousa que nom ouvesse d'acabar. Os homens, vendo que d'esta guerra ElRey recebia muyta perda, e elles trabalhos, e mortes, e aleijões, nom auia homem que quigesse hir á guerra, e apenados e corridos polos meirinhos antes querião estar em prisão que passar além; em tal maneira, que se nom fôra inuerno, nom ficara homem que nom fogira de Goa, porque estaua em muyta estrelidade de fome, que nenhuma cousa auia que comer, nem pão cozião os fornos, porque nom auia leynha, e desfazião as casas. Valia hum frangam duas tangas, hum ouo seis bazarucos, e todolas cousas assy. O Gouernador, com sua teima, e agastado porque lhe punhão muytos escritos, mandou passar João Jusarte Tição, e Manuel de Vasconcellos, com tresentôs homens, todos forçados e corridos com os meirinhos, que com este desgosto nom querião pelejar mais que defenderemse á morte. O Acedecão, que sabia quanto se passaua em Goa, que lho escreuião os bramenes, e que a gente hia assy forçada, mandaua aos seus que se pudessem escusassem de matar, sómente catiuassem sem fazer mal; o que assy fazião, e os portugueses que catiuauão leuauão a*o* Acedecão, que se hião feridos os mandaua curar e bem repairar do necessario, e lhes dizendo: «Vós outros, portugueses, sois asnos de grandes forças, e por»

[1] * castello mas o gouernador * Autogr.

« isso os Gouernadores vos carregão muyto; de que elles leuão as hon- »
« ras e proueitos á custa de vossos trabalhos, e sangue, e vidas, e vosso »
« bom Rey de Portugal n'isto nom dá nenhum remedio [1] * ha * tantos »
« annos que os Gouernadores fazem mal aos que bem seruem, como são »
« feitos a muytos bons mouros, e gentios, que na India fizerão bons »
« seruiços a ElRey de Portugal, e por isso morrerão destroidos, como »
« ora o Gouernador quer fazer a mym, que sempre fuy bom amigo dos »
« portugueses, e da cidade de Goa, porque era d'ElRey de Portugal, »
« esperando que [2] * mo * agardecerião; e ora em pago [3] * me fazem * »
« tanto mal, * a mim * que dey ao Gouernador, de minha boa vontade, »
« as terras e rendas minhas, como dalas a hum irmão, e n'ellas deixey »
« fazer o castello, tão escusado, e * que * pouqo lhe presta pera ganhar, »
« senão pera de cada vez mais perder, em quanto meu senhor o Idal- »
« cão nom * o * quiser * consentir *; e eu tudo querendo pagar com »
« meu dinheiro, [4] * se mostra o Gouernador soberbo * e ingrato. O que »
« elle faz porque he á custa alhêa, do que a Deos dará a conta, que se »
« elle tiuera medo a ElRey de Portugal elle o nom fizera como faz. »

Estas cousas escreuião os portugueses catiuos a Goa, a seus amigos, com que em todo o pouo auia grande escandolo, e os homens se escondião polos palmares, e os alejados, que nom podião andar estauão em guarda das portas da cidade, e Goa estaua como despouoada do pouo; o que todo os bramenes escreuião ao Acedecão, e que nom teria muyto trabalho em tomar Goa, se * a comettesse *, porque nom acharia quem lha defendesse, porque toda a gente estaua em muyta indinação contra o Gouernador, que toda a gente se hiria pera elle, se a quigesse recolher. Todas estas cousas forão escritas ao Acedecão per carta de português, que lha mandou de Goa. Da qual carta o Acedecão rompeo o sinal, e a deu a treladar aos portugueses que com elle estauão, e a mandou ao Gouernador, e a Martim Afonso, e á camara, e a todos escreueo, e ao Gouernador que nom fosse soberbo e ingrato a suas boas amisades, que lhe sempre fizera como bom amigo; e com a semrezão que fazia nom désse causa que os portugueses de sy fizessem máos desmanchos, que elle sobejamente tinha poder de gente pera lhe fazer muyto mal, e que a guerra

[1] * a * Autogr. [2] * lho * Id. [3] * lhe fazião * Id. [4] * ao que o Gouernador he soberbo * Id.

que fazia, se a leuasse a cabo, auia d'auer máo fim, pois os portugueses andauão forçados e * de * contrairos corações.

Martim Afonso de Sousa nom queria falar nada ao Gouernador, porque lho dizendo, e o Gouernador querendo leuar áuante sua teima, nom queria com elle ficar em desuairos, que os soubesse o Acedecão; mas á sua mesa, em praticas com os fidalgos, falaua o que lhe parecia rezão. Do que o Gouernador tudo sabia e com isso inchado nom quis cessar do que fazia, da guerra, que durou todo o inuerno.

CAPITULO LXXX [1].

DE HUMA GUERRA QUE N'ESTE TEMPO OUVE EM COCHYM COM O REY DE CALECUT.

O Rey de Cranganor tem reino sobre sy e he sudito ao Çamorym Rey de Calecut, e d'antigo tempo sempre os Reys de Cranganor derão ao Rey de Calecut a obediencia; o qual Rey de Cranganor, vendo o fauor e muyto poder que tinha o Rey de Cochym polo fauor que tinha dos portugueses, se meteo com elle em grandes amisades, com que erão muy grandes amigos, com o Rey de Cranganor esperar que aueria d'elle muyta ajuda quando lhe comprisse pera contra o Rey de Calecut, com tenção de se liberdar da sogeição do Çamorym, como estaua o Rey de Cochym, que sempre contendia com o Çamorym. Polo que ambos elles se aliarão e decrarão por irmão em armas, pera ambos morrerem hum por outro contra quemquer que com elles contendesse; o que sabido polo Çamorym, sospeitando que estas alianças d'estes Reys nom erão senão pera contra elle, por vêr a verdade determinou de vir em pessoa a huma festa grande, que se fazia em hum pagode * de * Cranganor, que estaua perto do rio, onde forçadamente o Rey de Cranganor lhe auia de fazer recebimento, dando sua deuida obediencia, o que se nom fizesse logo lhe tomaria o Reyno. O Rey de Cranganor, por se mais segurar n'esta cousa, falou secretamente com Diogo Pereira, homem fidalgo que fôra capitão em Chalé, que era antigo na India; e com elle consultou que falasse com o védor da fazenda que fizesse huma forteleza em Cranganor, em huma ponta que

[1] O LXXIV no original.

fazia a terra sobre o rio porque corria a pimenta pera Calecut, pera elle ally a represar; obrigandose que cada anno ally daria carga a duas naos, pera o que ally na forteleza estaria capitão e portugueses, e assy tolheria que a pimenta nom passasse a Calecut, que passaua pera Meca; no que assy tratando fazia muytas amisades aos portugueses. E o védor da fazenda tomou entendimento no fazer da forteleza, que lhe pareceo que era ally muyto proueitosa ao seruiço d'ElRey, por caso da pimenta; mas o Rey de Cochym, sabendo que o Rey de Cranganor pedia que lhe fizessem forteleza, tomou d'isso ciume, porque se o Rey de Cranganor ally désse [1] * pimenta, a recolheria lá * e nom lhe hiria a seus rios, onde lhe pagauão direitos, e os perderia; e determinou de o estoruar quanto pudesse, e se comprisse sobre isso quebrar 'amisade que tinha assentada com o Rey de Cranganor. E n'isso andando, veo o tempo da festa do pagode de Cranganor, que he muy grande cousa pera vêr; ao que o Çamorym se fez prestes pera hir lá; o que o Rey de Cranganor foy falar com o Rey de Cochym, e lhe dizendo que determinaua nom o hir receber, nem hir a seu chamado, pedindolhe, que se o Çamorym com elle quigesse contender, que lhe fizesse ajuda com fauor dos portugueses. O Rey de Cochym, dessimulando o que tinha na vontade, lhe disse que tudo faria por elle, e nom lhe quis decrarar que lhe pesaua da forteleza e carga da pimenta que queria fazer, porque temeo que o Rey de Cranganor, nom achando n'elle 'ajuda que lhe pedia, que por isso seria com o Çamorym contra elle quando tiuessem guerra; e porque se d'isto temia, retifiqou muyto 'amisade que tinha assentada com elle, affirmandolhe que o ajudaria com todo seu poder até perder seu reyno se comprisse, e tinha * dessimulação * com o Rey de Cranganor, e quando o védor da fazenda lhe falaua em fazer ally forteleza em Cranganor tal nom queria consentir, e sobre isso tinhão muytos debates: o que tudo bem sabia o Rey de Cranganor, e sentindo este engano assy encuberto no Rey de Cochym, desconfiou da ajuda que lhe prometia, e assentou de estar na obediencia do Çamorym; como estaua. E todauia, sendo já o Çamorym perto de Cranganor, mandou dizer ao Rey de Cochym que pois o Çamorym era já tão perto compria estar a gente prestes; ao que lhe o Rey de Cochym respondeo que estiuesse seguro, porque elle estaua prestes quanto

[1] * pimenta que a recolheria lá * Autogr.

compria. O que o Rey de Cranganor logo fez saber ao védor da fazenda[1] *esta* resposta do Rey de Cochym, e lhe dizendo, que se nom estiuesse poderoso contra o Çamorym, que outra cousa nom auia de fazer senão logo ao caminho hir receber o Çamorym e lhe dar sua deuida obediencia; ao que lhe o védor da fazenda respondeo que elle fizesse o que quigesse, que elle sempre estaua prestes pera fazer o que quigesse ElRey de Cochym. Isto respondeo o védor da fazenda friamente, temendo que, se a guerra rompesse, seria grande trabalho da gente e despesa d'ElRey de Portugal.

O Rey de Cranganor, vendo estas repostas, sem vêr ajuntar gente nem aluoroço nenhum, fiqou confuso e desesperado de tudo, e ouvese por mais seguro nom bulir comsigo, e chegando o Çamorym lhe dar a obediencia, o que assy o fez, que chegando o Çamorym lhe foy dar a obediencia, com muyto dinheiro, com que ficarão muyto amigos. O que sabido do Rey de Cochym, ouve muyto medo que ambos se concertassem contra elle pera lhe fazerem guerra; polo que foy falar com o védor da fazenda, dandolhe de tudo conta, e lhe dizendo que d'esta amisade com o Rey de Cranganor auia de nacer o Çamorym querer passar á ilha de Repelim, a se coroar no padrão; que sobre isto lhe deuia mandar seu recado, porque se n'este preposito vinha quebraua as pazes, e lhe defenderia a passagem; polo que lhe pedia por mercê que tal passagem nom cometesse, porque lhe dizião que vinha pera lá passar; porque, se tal fizesse, soubesse certo que no caminho o auia d'achar com todolos portugueses, que primeiro todos auião de morrer que elle passasse. O qual recado lhe mandou o védor da fazenda per Gomes Carualho e João de Chaues, casados de Cochym, d'elle conhecidos. Ao que lhe o Çamorym respondeo que elle nom vinha a fazer mal a ninguem, nem a quebrar as pazes; que vinha á festa do pagode, e que quanto á passagem de Repelim, que dizia que lhe defenderia, que tal nom fizesse, porque compria a sua honra e estado hir lá, que nom hia fazer mal a ninguem; e que pois o Gouernador com elle assentara firmes pazes, porque rezão lhe defenderia que nom passasse per suas propias terras? Que em lho defender fazia erro e quebraua as pazes assentadas. E porque os homens bons hão de morrer por sua honra, ao que elle era tão obriga-

[1] *d'esta* Autogr.

do, por ser quem era, lhe fazia a saber que auia de passar a Repelim, e que nom faria mal senão a quem lho quigesse fazer; e que, achando portugueses, primeiro elles lhe auião de matar seus nayres que elle os mandasse ferir.

O Rey de Cochym, ouvida esta reposta, disse ao védor da fazenda que a elle compria morrer, e perder primeiro seu Reyno sobre tolher esta passagem ao Çamorym, porque a causa de elle querer passar a Repelim era esta: que na ilha de Repelim estaua d'antigo tempo huma pedra, na qual o Çamorym tocando com a mão ficaua Rey coroado, o que elle nom era, nem o fôra seu antecessor; e que esta offensa, que lhe os Reys de Cochym fazião, em lhe tolher que nom passassem a Repelim a * se * coroar, era a satisfação que tinhão a sua honra, em parte da vingança dos principes que lhe matara o Rey de Calecut, nas guerras que lhe fizerão pedindolhe que lhe entregasse os portugueses. Que por tanto, pois que os Reys seus antecessores sostiuerão sempre esta honra de lhe tolher esta passagem, por elle nom auia de quebrar, e sobre isto * auia de * morrer com todo seu poder. E mais, que se o Çamorym assy fizesse sua coroação, logo todolos senhores e caimaes lhe auião de hir obedecer por obrigação de suas leis, e que, se então quigesse, em sós tres dias lhe tomaria seu Reyno, porque ninguem contra elle tomaria armas. E que por tanto * a * elle védor da fazenda, capitão d'aquella forteleza e cidade, lhe requeria, da parte d'ElRey de Portugal seu irmão, o ajudasse, como era obrigado, e via que lhe compria, pois todas estas contendas erão causadas por os Reys de Cochym guardarem verdade aos portugueses, que primeiro chegarão a Cochym, doentes, feridos do mal que lhe fizerão em Calecut; e soubesse certo que se o Çamorym entrasse em Repelim que as naos da carga nom auerião pimenta, e tudo seria perdido.

O védor da fazenda bem vio que o Rey de Cochym lhe falaua verdade; sobre o que ajuntou a conselho os homens antigos na India e em Cochym, e praticada esta cousa, todos lhe disserão que ElRey lhe falaua em tudo verdade; pelo que muyto compria, que com todolas forças, se defendesse a passagem a*o* Çamorym, que nom entrasse em Repelim: o que assy fiqou assentado. E porque o Çamorym nom tinha outra passagem senão polo rio de Cranganor, porque se passasse por outra parte nom ganhaua sua honra da coroação, que assy era ley antre elles, ElRey de Cochym se foy logo pôr na terra onde era a desembarcação da passagem,

onde ajuntou todo seu poder. O védor da fazenda fez a gente prestes em catures e fustas, que mandou pôr na passagem do rio, onde estaua huma ilha rasa pequena, em que pareceo bem que se fizessem estancias d'artelharia que segurasse a passagem; onde foy o védor da fazenda, e mandou pôr no meo do rio huma fusta grande, com hum camelo e quatro falcões, em que estaua por capitão Pero Vaz Trauassos. E na ilha forão feitas as estancias com artelharia, em que era capitão Ruy Figueira; e em outro rio pôs outra fusta e dous bateys, em que estaua Vicente da Fonseca, que viera de Maluco. E porque ouve temor que polo mar viessem fustas de Chatuá, que era perto, foy feita outra estancia na barra do rio, em Paliporto, de que era capitão Simão Botelho, que depois foy védor da fazenda. N'estas estancias, e nas embarcações, auia passante de quatrocentos homens portugueses, gente limpa e bem armados, e muytas espingardas; onde os capitães e homens casados de Cochym fazião gasto á gente em muyta auondança; ao que o védor da fazenda ajudaua, com lhe dar dinheiro d'ElRey em quanto a guerra durou; mas, sendo acabada, o védor da fazenda lhe mandou descontar de seus soldos o que lhe tinha dado pera o gasto. E porque as tempestades do inuerno forão grandes, com que os homens leuarão muyta má vida, adoeceo muyta gente, que tinhão agoa debaixo e de cima, o que nom padecia a gente d'ElRey, que estaua na terra, e tinhão casas d'ola em que se recolhião.

O Çamorim, vendo que os nossos lhe querião defender a passagem, se aposentou em Cranganor, onde derrubarão e queimarão a casa do apostolo são Thomé, que hy estaua; e fez estancias d'artelharia contra as nossas, em que sempre auia tirar d'ambas as bandas, e mortos e feridos. E o Çamorym mandou ajuntar muytas almadias e tones, sobre que armarão jangadas pera passar a gente, tantas que n'ellas podião passar vinte mil homens, e veo o Patemarcar com vinte fustas armadas, e sendo prestes, huma menhã fizerão começo de passar a pé á terra em que estaua a gente d'ElRey de Cochym: o que vendo os nossos, apontarão 'artelharia. E abalarão as jangadas carregadas de nayres, vindo os paraos diante emparandoas dos nossos tiros, e detrás muytas almadias e tones grandes carregados de gente, que erão mais de dez mil homens que o Çamorym mandou passar diante, pera elle hir após elles. Vicente da Fonseca nom consentio que tirasse artelharia até huma jangada deitar gente na ilha, que forão passante de tres mil homens. Do que o Rey de Cochym estaua

muy agastado, vendo que os nossos nom tirauão, porque vinha o rio cheo de gente a desembarqar na ilha. Ao qual tempo Vicente da Fonseca mandou dar fogo da fusta, e huma barcaça que tinha huma peça grossa, e duas em dous bateis, que forão quatro pilouros, que derão nas jangadas e tones e na gente que já estaua na ilha, de que forão mortos mais de mil almas, e muytos feridos, com tres paraos metidos no fundo. O que vendo o Rey de Cochym, mandou passar o princepe com gente á ilha, que passarão a pé, que serião dous mil nayres, e com elles oitenta portugueses, que estauão em suas embarcações, que derão na gente que estaua na ilha, de tal maneira que se tornarão fogindo pera as embarcações, em que se meterão tantos que se alagarão e morrerão afogados grão numero, e *forão* mortos na ilha mais de quinhentos, de que recolherão as armas, com que o principe se tornou a ElRey, apresentandolhe as armas, que he a honra de seu vencimento o despojo das armas, que nom contão os mortos senão polas armas, que a cada hum homem he huma espada, ou hum zaguncho, ou hum arqo, porque cada hum homem nom peleja com mais que com huma só arma d'estas; fazendo a gente d'ElRey grandes estrondos de sua honra ganhada. De que o Çamorym ficou muy abatido, com muyta paixão, jurando de passar e se vingar de sua honra; pera o que mandou a Calecut trazer dinheiro e gente. Ao que lhe os regedores do Reyno responderão que o dinheiro do tisouro lhe nom darião, porque a guerra que fazia nom fôra ordenada per conselho do Reyno, sómente elle a fazia por sua honra de sua pessoa; que por tanto elle auia de buscar o dinheiro que ouvesse mester, e assy a gente, que o hiria seruir se lhe elle pagasse. Vendo a mãy d'ElRey isto, por ajudar a honra de seu filho, lhe mandou muyto dinheiro, e doze mil nayres, que pagou por todo o inuerno; com que o Çamorym algumas vezes cometeo a passagem, com que sempre foy desbaratado, que os nossos estauão muyto concertados do que compria. E com o Rey de Cochym estaua o Rey da Pimenta com vinte mil nayres que trouxera, e nom se ajuntaua ally mais gente porque nom auia tanto mantimento; mas tudo nom era nada pera o que o Çamorym podia ajuntar. E sua pessoa *anda* na guerra muy segura, porque no campo sendo vencido, e que vá fogindo, como mandar tanger hum atambor que traz, logo nenhuma pessoa o póde seguir, e todos estão quêdos, postoque todos por isso se perqão; o que ElRey de Cochym muyto arreceaua, e por isso se

queria ajudar dos portuguezes, que nom tem esta ley. E assy estiuerão em cometimentos passando o inuerno.

E porque os nossos muyto sentião a má vida sem fazerem nada, apertarão com o védor da fazenda que fossem fazer hum salto nas estancias do Çamorym, que estauão na borda d'agoa, onde podião chegar as embarcações, e se tornar a recolher, se comprisse; porque * o * Çamorym estaua longe, e os mouros que estauão com 'artelharia nom erão muytos, que Nosso Senhor lhes faria ajuda com que os desbaratassem e tomassem 'artelharia, com que podia ser que a guerra cessasse, e nom estarião leuando tanta má vida, fazendo tanta despeza a ElRey. O que pareceo bem ao védor da fazenda, e o foy falar com ElRey, dizendo que queria com a gente passar a dar nas estancias. Com que ElRey muyto folgou, e que de sua gente leuassem quanta quigessem. O védor da fazenda mandou vir de Cochym toda a gente, em que fez mais de quinhentos homens, com muytos tones e almadias, e muyta espingardaria, e tendo tudo prestes fez comprimento com ElRey, e lhe mandou dizer que mandasse passar sua gente, porque elle logo passaua, dandolhe esta honra; mas ElRey nom quis tomar o encargo d'este feito, e mandou dizer ao védor da fazenda que o principe estaua prestes pera passar; que elle o leuasse comsigo, que elle n'esta passagem nom mandaua nada, e elle fizesse como quigesse; porque se elle tal mandasse, e lhe matassem hum só português, ficaria com toda sua honra perdida; polo que lhe compria elle nom mandar nada n'esta cousa. O védor da fazenda, ouvido o que dizia ElRey, ouve seu conselho, e lhe pareceo que fazia erro n'esta passagem, pois que nom ficaua a guerra acabada, e pera tomar duas bombardinhas podia soceder algum desastre; e quis mostrar a ElRey que lhe daua toda a honra, e lhe mandou dizer que elle nom auia de fazer senão o que elle mandasse, e pois elle nom mandaua que passasse, que elle nom passaria. ElRey lhe mandou dizer que sua honra era sómente tolher a passagem ao Çamorym, estando sem bolir comsigo dormindo em sua cama, que * não * pelejando e vencendo no campo. E assy fiqou a cousa em repouso, sem auer nenhum cometimento de nenhuma parte.

O védor da fazenda escreueo por terra ao Gouernador esta contenda, e o que tinha feito, e tambem lho escreueo ElRey, com grandes requerimentos, e protestos, que tanto que o tempo désse lugar mandasse ou acodisse a dar cabo n'esta cousa, porque o Çamorym estaua com muyto

poder pera passar a Repelim tanto que as chuvas vagassem, e trazia concertos secretos com muytos caimaes, que se passassem pera elle; o que compria apagarse antes que ouvesse impidimento na carga. Do que o Gouernador tomou muyto agastamento, sobre o que tinha da guerra de Rachol da terra firme, vendo que lhe compria largar todolas cousas por acodir ás cousas da carga. E logo escreueo a Fernão Eanes de Soutomayor, que estaua por capitão em Cananor, que como o tempo lhe désse lugar fosse a Cranganor, com todo o secorro que pudesse leuar, que elle de Goa tambem mandaria recado, como o tempo lhe désse lugar. O que elle assy o fez, que entrando agosto foy a Cranganor com cinqo catures e oitenta homens escolhidos, e deixou por capitão da forteleza hum filho, e outro leuou comsigo, com que entrou no rio de Cranganor, que o védor da fazenda e todos receberão com muytas honras, e com o védor da fazenda foy vêr ElRey, que lhe fez muytas honras, dizendo que por mandado do Gouernador o hia seruir, e fazer o que elle mandasse. Do que ElRey ouve muyto prazer, e lhe deu seus agardecimentos. Soutomayor, vendo como as cousas estauão, nom ouve por sua honra estar elle debaixo da bandeira do védor da fazenda. Então, em presença de todos, lhe disse: «Senhor védor da fazenda, vossa mercê tem isto tudo tão» «bem prouido e seguro com gente e artelharia, que eu aquy som es-» «cusado, e a gente que trago, se quiserdes, vola deixarey; porque mi-» «nha estada aquy he sem necessidade, pois nom ha que fazer, e que-» «rome tornar, e andar guardando a costa, que he minha obrigação.» Sobre o que o védor da fazenda teue com elle debates que se nom fosse. Disse Soutomayor que, pera seu resguardo, lhe compria que per papel lhe requeresse o que quigesse, pera elle fazer o que fosse seruiço d'ElRey. Então o védor da fazenda lhe fez requerimento, por escrito, que d'ally se nom fosse, porque elle lhe entregaua toda a gente e embarcações que ally estauão, e sobre todo lhe daua enteiro poder, e lh'encarregaua pera fazer todo o que entendesse que era seruiço d'ElRey nosso senhor. Com o que Soutomayor fiqou satisfeito [1] *da* sua honra, dizendo ao védor da fazenda que elle obedecia ao que lhe requeria da parte d'ElRey nosso senhor, e tomaua tudo a seu cargo, e que se fosse embora descansar em sua forteleza, e, se quigessem, os casados se fossem pera suas

[1] *a* Autogr.

casas, em que estiuessem descansados pera quando comprisse; sómente que de Cochym lhe fizesse vir cousas de comer pera' gente, que elle o pagaria; mas que o soldo, e mantimento, elle védor da fazenda o pagasse aos homens que ally estauão no seruiço. O que tudo assy fez o védor da fazenda.

Soutomayor nom quis estar ocioso, e de noite mandaua homens em almadias polos rios a dar saltos, em que forão tomados tres nayres do Çamorym, que leuarão a ElRey de Cochym, que o ouve por grande honra. E assy andarão passando o tempo, até que de Goa foy Martim Afonso de Sousa, que o Gouernador mandou, como adiante direy.

CAPITULO LXXXI [1].

DA ENTRADA QUE FEZ ANTONIO DA SILUEIRA NAS TERRAS DE BARDÊS, E O QUE PASSOU.

O Acedecão, sendo muy apertado do Idalcão que fizesse a guerra até desfazer o castello de Rachol, ajuntou quatro mil homens de pé e oitocentos de cauallo, gente muy gornicida de guerra, e mandou por capitão d'elles hum turqo, que estaua afamado por valente caualleiro, chamado [2] * Çarnabeque *, a que muyto encarregou que trabalhasse por auer alguma boa vitoria contra os portugueses, mortos ou catiuos, e fizesse tão crua guerra até que desfizessem o castello de Rachol, e que na guerra gastasse todas as rendas das terras, que lhas daua; o qual turqo entrou nas terras de Bardês com muyta soberba, fazendo grandes males; com que todos lhe acodião com as rendas. O que sabido do Gouernador, mandou apregoar que todo homem se fizesse prestes pera passar a Bardês com Antonio da Silueira, e os que tiuessem selas, se nom tiuessem cauallos, os fossem tomar polas estrebarias dos mouros, á sua vontade, que elle lhos mandaria pagar, se os matassem. E porque a gente andaua assy agastada d'esta guerra, o Gouernador o falou com Antonio da Silueira, e com outros homens fidalgos, que andarão rogando os homens;

[1] O LXXV do original. [2] * Carnabeque * Autogr. Cernebeque se lê em *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. XXII. Pareceu melhor escrever *Çarnabeque* com *Castanh.*, Liv. VIII, Cap. CXXXVII.

com que folgarão de hir, em que forão fidalgos honrados, que se ajuntarão cento oitenta de cauallo, em que foy João Jusarte Tição, Francisco de Vascoconcellos, Antonio de Lemos, Jusarte d'Andrade, Antonio da Fonseca, Francisco de Gouvea, Francisco da Cunha, Francisco da Silua, Diogo Lobato, Ruy Dias da Silueira, Christouão Pereira, Diogo Botelho d'Andrade, Duarte de Sousa, Manuel d'Azambuja, Antonio Caldeira, Aluaro de Figueiredo, Duarte Rodrigues Mousinho, Pero Barriga, Francisco de Sousa, Galuão Viegas, Diogo Fernandes adayl, João Viegas, Antonio de Freitas, João Gomes, Duarte d'Atayde, e outros honrados caualleiros casados em Goa, que per todos forão tresentos de cauallo e quinhentos portugueses de pé, e muytos espingardeiros, e oitocentos homens piães da terra, homens do campo, dos quaes foy capitão Crisná, e dos espingardeiros foy capitão Ruy Dias da Silueira. E o Gouernador se foy a Pangim, por onde a gente passou, a todos falando palauras de muytas honras. E passoú esta gente em bespora de Santiago, em julho, e caminharão pera onde estaua o turqo com seu arrayal muyto forte antre duas serras, onde no caminho tinha feitas muytas couas, porque os nossos de cauallo nom pudessem entrar muytos, que sómente ficaua o caminho por meo de vinte pés de largo, e todolas terras derrador erão alagadiças, de semear arrozes. Os nossos chegarão á vista dos mouros a horas de bespora, ao que o mouro mandou sâyr fóra ao caminho duzentos homens de pé, e que se os nossos os cometessem se retraessem pera dentro, porque os nossos entrassem após elles. Antonio da Silueira, vendo isto, e sabendo que o turco tinha gente de cauallo, e que usaua de manha, mandou Ruy Dias da Silueira que com os portugueses espingardeiros fosse dar nos mouros, e mandou a Galuão Viegas com cincoenta de cauallo, que fosse nas suas costas, e os escolhesse á sua vontade; mas disse que fossem os que quigessem, porque querião hir todos: o que Antonio da Silueira repartio. E chegando os nossos de pé, que começarão a tirar aos mouros, elles se forão retraendo; ao que correo Galuão Viegas com os de cauallo, de que cayrão alguns nas couas, mas se tornauão a leuantar, e corrião áuante até dar com a gente do turquo, em que ouve muy grão numero de frechadas, que se nom fora *o* aruoredo, que muyto valeo, todos os nossos forão mortos de frechadas. O turqo era homem grande de corpo, armado em hum laudel de laminas, e huma touqa, e hum cofo, e traçado muy poderoso, e sayo diante dos seus, mostrando

grande esforço, porque se presaua elle de tanta força que com o treçado cortaua hum boy polo meo. Os nossos entrando, desspararão * os mouros * muytas bombas de fogo, que huma matou a Francisco da Silua e derrubou dous homens de pé. O turqo o primeiro que ferio foy Gaspar Preto, per hum hombro, cortandolhe huma saya de malha, e após elle Miguel Froes, a que deu hum golpe por cima do capacete, que fiqou atordoado; e hindo pera dar outro golpe a Pero Anriques o encontrou com o cauallo, ao que Pero Anriques, por nom cayr, largou a espada e lançou os braços no mouro e o aferrou fortemente; ao que chegou Antonio de Lemos, e Jusarte d'Andrade, que liarão todos o mouro; ao que hum pião estripou o cauallo, e cayo com o turqo, que logo foy morto de muytas lançadas: sobre que os mouros tantos acodirão sobre os nossos que todos forão feridos. Ao que chegou Pero Barriga, e João Jusarte Tição, e Ruy Varella, e Pero da Cunha, e Francisco de Vasconcellos, e todos os de cauallo, e diante de todos Antonio da Silueira, enuocando Santiago, remeteo á força dos mouros que pelejauão sobre querer saluar o turqo, cuidando que andaua a pé; que se Antonio da Silueira nom acodira com tanto esforço todos os nossos forão mortos, porque acudirão na enuolta dezoito turqos, onde a peleja foy mortal; que Antonio da Silueira e todos forão feridos, mas todos os turqos forão mortos, e os nossos espingardeiros, que em tanto chegarão, fizerão muy máo lauor nos mouros, que logo se forão desbaratando, que virão os turcos mortos, e forão fogindo até hum mato per que se meterão, que Antonio da Silueira nom quis que os nossos os seguissem; e Crisná com os piães quisera entrar no mato, mas Antonio da Silueira nom quis, com receo que aueria cilada, e contentouse com a mercê que lhe Nosso Senhor fizera, que dos mouros ficarão no campo mais de mil, e dos de cauallo muytos, porque tomarão os nossos muytos cauallos que andauão fogidos pelo campo. Dos nossos forão mortos cinqo de cauallo, e vinte e dous de pé, e mais de cincoenta canarys, e muytos feridos de pé e de cauallo. Do qual feito o Acedecão fiqou tão anojado que nunqua mais mandou gente que pelejassem em campo.

Antonio da Silueira mandou a hum esteiro, que hy estaua perto, vêr se hy estauão batés, que o Gouernador lhe dissera que ahy auia de mandar, porque tinha que os imigos auião d'atrauessar pelo esteiro; onde nom se acharão os bateis, em que Antonio da Silueira quisera meter os

feridos, que os mortos forão enterrados; e nom achando os bateis, mandou tomar os feridos ás costas dos piães canarys, e sobre suas adargas, com que caminharão legoa e mea até a passagem; e no caminho achou Lopo de Paiua, que o Gouernador mandaua visitar Antonio da Silueira e saber o que passaua, porque lhe fôra dado noua que era desbaratado, mas depois chegara hum pião que lhe dissera que os mouros erão desbaratados; rogando a Antonio da Silueira, e aos fidalgos, que fizessem huma tranqueira forte, em que estaua hum tanadar nosso, com que deixasse cincoenta espingardeiros. Antonio da Silueira mandou passar os feridos a Pangim, onde inda estaua o Gouernador, e elle com os fidalgos se foy ao lugar onde se auia de fazer a tranqueira, onde anoitecendo sobreueo huma muy forte tempestade, com tanta chuva que foy cousa espantosa, que lhe deu muy máo trato, com grande frio, molhados, que nom auia casa em que se metessem, perdendo as armas, e as selas, e quanto mantimento tinhão, que era assaz pouqo. E ao outro dia, com este grande trabalho, tomarão o fazer da tranqueira, que fizerão muy forte, com grande trabalho de chuvas, em que gastarão oito dias em que leuarão muy má vida; e acabada a tranqueira inda Antonio da Silueira, por mandado do Gouernador, tornou a correr até onde fôra a peleja, e nom achou ninguem. Com *que* se tornou a Goa, onde em Pangim o Gouernador lhe fez a todos grandes honras, e mandou a todos pagar, e fez mercê pelo que perderão.

CAPITULO LXXXII [1].

COMO O GOUERNADOR DESPACHOU PERA CAPITÃO DE MALUCO, ANTONIO GALUÃO, QUE FOY EM COMPANHIA DE MARTIM AFONSO DE SOUSA ATÉ CRANGANOR, A SECORRO DA GUERRA DO REY DE COCHYM.

Quando o Gouernador veo de Dio achou em Goa Lionel de Lima, que Tristão d'Atayde mandara de Maluco, que trouxe presos o Rey Tabarija, e Pateçarangue regedor, e suas molheres, e outros presos, que ao Gouernador fizerão grandes cramores dos roubos e males que fizera Tristão d'Atayde, e que fazia a todas as gentes; pedindo, por amor de Deos,

[1] No original é o LXXVI.

que visse as culpas que d'elles mandaua, e estormentos que trazião, e se fossem condenados lhe désse o castigo, e nom sendo culpados lhe fizesse justiça de Tristão d'Atayde, e os tornasse a restituir em seus cargos. O Gouernador disse que lhes faria justiça, e tomando enformação de Lionel de Lima, e per cartas de Malaca, em que achou que Tristão d'Atayde tinha culpas pera o mandar vir [1] * preso, por ser * seu amigo nom quis entender no caso. Do que os presos cramauão, dizendo que os males de Maluco tambem os auia na India, porque lhe dizia que viria Tristão d'Atayde e o ouviria com elles, que cramauão que pois os nom queria ouvir que os mandasse a Portugal a ElRey, que os ouviria; mas nada lhe valeo. Então o Gouernador ordenou mandar por capitão de Maluco Antonio Galuão, de que tinha enformação que era fidalgo de todolas boas abelydades que compria pera seruiço de Deos e d'ElRey; a que o Gouernador disse que se fizesse prestes pera hir seruir ElRey na capitania de Maluco. Ao que lhe deu seus agardecimentos, dizendo que o mandasse pera seruir e nom pera fazer mal. O Gouernador lhe disse: «Pera fazer dereito seruiço fareys mal e bem quando comprir; que nom ha males sem bens»; e que buscasse gente que leuasse, porque a nom auia em Maluco; e leuaria outros prouimentos de que Maluco estaua falto. E lhe deu huma nao em que se foy a [2] * Cochym *, onde buscou homens pera hirem com elle, que o Gouernador lhe dixe leuasse até duzentos; onde em Cochym o védor da fazenda lhe faltou com muytas cousas d'ElRey, que lhe ouvera de dar, e nom deu porque as nom auia na feitoria e almazem; pelo que Antonio Galuão fez emprestimo de dinheiro ao védor da fazenda, com que lhe deu roupas pera' feitoria, e monições, e pagou á gente, e outro pagamento lhe auia de fazer em Malaca, antes que partisse pera Maluco. E leuou molheres pera lá casarem, e leuou pedras d'atafona, e serras, e machados, e ferro, e aço e todolas cousas de que ouve enformação que auia d'auer mester em Maluco. [3] * E pera * o muyto que leuaua, que nom podia tudo caber na sua nao, fez fretamento e partido com outra nao de mercador, a partido de crauo que lhe daria: com que de todo se muyto bem concertou, e foy sua viagem pera Malaca, como adiante contarey.

Mas de Goa partio com Martim Afonso de Sousa, que hia ao secorro

[1] * preso e por ser * Autogr. [2] * chym * Id. [3] * e porque pera * Id.

da guerra de Cochym, em huma galé, e duas galeotas, e duas carauelas latinas, e vinte fustas e catures, pera correrem os rios quando comprisse; a que o Gouernador deu regimento, e muyto encomendou, que trabalhasse quanto pudesse com o Çamorym que digistisse da passagem e se tornasse pera Calecut, porque cessasse a guerra, que era o que mais compria por bem da carga da pimenta. Sobre o que lhe o Gouernador escreueo cartas de grandes rogos, e grandezas que tinha pera escusar de fazer coroação, pois sem ella era perfeito Çamorym, tão poderoso, e faria quanto elle quigesse; porque, se lhe esta mercê nom fazia, nom podia al fazer senão lhe hir fazer a guerra por sua pessoa. E porque Martim Afonso de Sousa trazia sobre sy huma liga de fidalgos seus amigos, muyto da sua crença, se forão com elle n'esta armada, que forão Manuel de Sousa de Sepulueda, Vasco Pires de Sampayo, Fernão de Sousa de Tauora, dom Diogo d'Almeida, Martim Correa da Silua, Francisco de Paiua, Francisco Pereira, Ruy Dias Pereira, Gaspar de Lemos, Gomes de Soutomayor, Francisco de Sá, dom Pedro de Meneses, e outros fidalgos mancebos, e muy limpa gente, que passarão de quatrocentos homens, e muyta espingardaria. E foy seu caminho, e porque sabia que em [1] * Culimute * sempre se fazião bons paráos e catures pera os armadores malauares, determinou dar hum salto em terra, e andou, que anoiteceo antes que fosse visto dos culymutes, e de noite, a remo se foy nas fustas e galeotas, e a galé e carauellas deixou ao mar, e em amanhecendo, porque a costa he muyto boa á desembarcação, sayo a terra com toda a gente, que correrão os lugares, que são per antre huns esteiros, onde estaua muyta gente do Çamorym, com que houve braua peleja; mas os nayres perderão o campo, ficando muytos mortos. E queimarão muytos tones e almadias, e treze catures nouos e concertados, que estauão pera deitar ao mar; e dos nossos aquy morrerão tres, porque se desmandarão, e alguns feridos; com que Martim Afonso se tornou a recolher e foy seu caminho.

[1] * Culymertes * Autogr. Nome de incerta orthographia. O auctor o escreveu assim, e tambem *Culymutes*, e Culumytes. Tanto *Barros* como *Couto*, Dec. IV, Liv. VII, Cap. XIX, chamaram Calamute ao logar, e colemutes aos seus habitantes. *Castanheda*, porém, escreveu Colemute na *Hist. da Ind.* Liv. VIII, Cap. CXL. Na duvida, preferimos escrever Culimute com *Andrada*, *Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. XXIII, e culymutes com *Gaspar Correa*.

CAPITULO LXXXIII[1].

COMO DURANDO A GUERRA NO INUERNO MORREO A MÃY DO REY DE COCHYM, E O QUE N'ISSO PASSOU.

PORQUE isto he cousa pera nom ficar em esquecido, digo que estando estes Reys de Cochym e Calecut em suas guerras, pelejando suas gentes huns com outros, morreo a mãy d'ElRey de Cochym, e compria per sua ley que o propio Rey seu filho lhe fosse fazer seu enterramento. O que o Rey de Cochym, sendolhe dada a noua, o fez saber ao Çamorym, dizendo que elle hia enterrar sua mãy; que no passo ficauão seus criados, que com elles podia fazer guerra, se quigesse. O qual recado foy soberboso, que era escusado; porque por suas [2] * leys, se estão * em campo, e andando na batalha pelejando lhe derem noua de sua mãy morta, ou seu principe herdeiro, n'aquella hora o filho da morta manda meter no chão hum zaguncho, e acosta a elle sua espada e adarga, e se afasta a fóra com suas gentes, sem mais bolir. O que vendo o contrairo, que lhe he dita a causa, tambem se afasta a fóra, sem mais bolir nada até o contrairo tornar; porque se assy o nom gardasse ficaua trédor ás leis, se alguma cousa bolisse ou mandasse bolir até seu contrairo acabar as oxequeas da morta, que adiante direy. E tambem, se andando assy na guerra se lhe aleuantar algum vassalo, e fizer guerra, aindaque estê muyto longe, tambem deixará a guerra e acodirá lá, e emtanto ficará o campo seguro, fazendoo saber ao contrairo, que se parte e ao que vay. E outras grandes [3] * preminencias tem * de pontos d'honra, e grandezas, andando na guerra. Ao recado do Rey de Cochym respondeo o Çamorym que da morta lhe pesaua porque morrera, que lhe daua estoruo no que tinha certo nas mãos; que elle fosse embora, que elle ally agardaria até que tornasse; e que fosse seguro do medo, pois lho tirara a morte de sua mãy.

No propio dia que a mãy morreo foy o filho onde ella estaua, que por mão de suas sobrinhas estaua lauada e ensandolada com seus perfu-

[1] No autographo é LXXVII. [2] * leys porque se estão * Autogr. [3] * preminencias que tem * Id.

mes, e pannos finos vestidos com suas joyas, e assentada em hum [1] * baileu * sobre hum cambolym preto, segundo o costume de seu estado; e a sostinha direita do corpo outra molher, que estaua ás suas costas. E em chegando o filho diante d'ella lhe fez suas cortesias costumadas, com os pés juntos, e mãos juntas aleuantadas sobre a cabeça quanto póde; e as torna a baixar aos peitos, abaixando o corpo quanto póde. Então, aleuantandose, anda hum pouco mais áuante, e torna a fazer outra cortesia assy com as mãos juntas na testa, e mais andando faz outra com as mãos ante os peitos. Então despeja a casa, que nom fica com elle senão seus regedores e as molheres; então elle toma huma vassoira e varre hum terreiro que está çarrado, e lhe põe bosta de vaqa, e n'elle faz huma cama de páos de sandolo, feito em pedaços untados com azeite cheiroso, e páos d'aguila, e sandolo moydo desfeito com agoa rosada, e açafrão, e camfora; com a qual agoa de [2] * sandolo * he agoado o terreiro, e per cima da leynha da [3] * cama deitado * beijoim em pó. Então toma sua mãy nos braços, com grande acatamento, e lhe tira as joyas, e as molheres lhe pōy outros pannos nouos crus. Então a deita sobre a cama de sandolo, e a cobre com o cambolym preto, e em cima a cobre com mais páos de sandolo branco, e vermelho, e aguila, com que he cuberta com alto monte que nada d'ella parece. Tornado todo 'agoar [4] * com * as agoas cheirosas, e per cima muytas froles d'aruores cheirosas, então com sua mão lhe pōy brasas debaixo, e se pōy com o rostro pera onde nace o sol, e lhe faz suas adorações, e vay acender e assoprar o fogo, que acende per todas as partes, deitandolhe elle com sua mão per cima muytos azeites cheirosos, que acendem fogo, que em muy breue espaço se faz tudo em cinza, que elle com huma vassoira ajunta ao comprido, como grandura de huma coua d'homem. Ao que estão já pedras [5] * lauradas *, e cal, e vem pedreiros, que sobre a cinza fazem huma sepultura * de * cinqo degraos, á maneyra de tumba, acafelada com a cal e as agoas cheirosas, e nos degraos lhe deixão buraqos, em que lhe acendem candeas pequenas com os azeites cheirosos; e sobre esta sepultura logo he posta huma casa de madeira, que já pera isso está feita e acertada, muyto laurada, toda de grades, com sua porta. O que tudo he assy feito em muy

[1] * bailem * Autogr. [2] * sando * Id. [3] * cama E deitado * Id. [4] * que * Id. [5] * lauras * Id.

breue espaço, e polas grades postas candêas accezas d'azeite. O filho aly está em pé até isto ser acabado. Então lhe trazem dez batygas, que são bacias de latão rasas, cheas d'arroz cozido com seus manjares de bredos e heruas de seu comer, que o filho apresenta ante a porta da sepultura, fazendo primeiro com ellas adoração ao sol; e está em pé hum pedaço, dizendo suas orações. Então se afasta hum pouqo atrás e bate as palmas; ao que acodem muytas gralhas, que estão polas aruores agardando por isso, e decem a comer, e bebem agoa que está em outras bategas; que são tantas que em breue espaço tudo comem. E tem elles que a morta vem aly comer em figura de gralha, porque todolas gralhas são almas de gentes mortas. Acabado o comer das gralhas, então manda dar de comer a muytos pobres, que estão assentados fóra em hum pateo, e elle põy diante folhas de figueira, e os regedores nas folhas lhe deitão arroz cozido com seus legumes d'heruas. O que acabado, o filho se assenta diante da sepultura, no chão, sem cousa debaixo, onde então entrão todolos seus fidalgos, que todos, afastados hum pouquo, se assentão no chão, como está o Rey; onde ally vem muytos barbeiros, e hum d'El-Rey, que lhe rapa a cabeça, em que sómente na moleira lhe deixa huma guedelha muyto delgada, trocida com hum nó dado; e lhe rapa todo cabello do corpo até as sobrancelhas, e outro tanto fazem todolos fidalgos que aly estão. O que assy faz toda a gente do Reyno, até os meninos que tem cabello, que este he o mór dó que ha antre elles. A pessoa que se nom rapar morre por isso, e morre o pay que nom rapou o filho. O qual rapamento tambem fazem as molheres parentas da morta até segundo grão; e os que este rapamento nom fazem perdem as fazendas pera ElRey, o qual está oito dias continus assentado n'aquelle lugar, sem nunqua se aleuantar senão a suas necessidades, e aly dorme sobre huma esteira, e nom come mais que huma só vez ao dia, depois do sol posto, aly onde está, o que assy faz toda a gente grande da casa; e em todos estes dias fazendo ao meo dia suas adorações e dar o comer ás gralhas, assy como fez o primeiro dia. E acabados os oito dias se recolhe a seu aposento, onde está outros oito dias sem o ninguem vêr, e acabados, então o vem vêr todolos seus grandes, e todos seus vassalos, e todo homem de seu Reyno; onde cada hum lhe offerece diante dinheiro sobre huma esteira, cada hum segundo tem a dinidade e fazenda; em que * ha * alguns que lhe dão tanto como elle gastou no enterramento da morta, per

o qual enterramento dão este dinheiro, que toda pessoa lhe dá; o que se faz com tanto yzame que nenhuma pessoa fiqua em todo o Reyno que nom pague, em tal modo que * por * huma d'estas mortalhas lhe dão grã soma de dinheiro; o que tudo se faz em trinta dias que tem de prazo, nos quaes trinta dias nenhuma pessoa em todo o Reyno nom faz nenhum trabalho, que por isso morrera, sómente os pescadores. O que todo acabado, ElRey se tornou ao lugar onde estaua, o que logo fez saber ao Çamorym, e assy esteue até chegar Martim Afonso de Sousa.

CAPITULO LXXXIV [1].

COMO MARTIM AFONSO CHEGOU A CRANGANOR, E ENTROU COM ARMADA, E O QUE FEZ.

Chegando Martim Afonso a Cranganor, entrou no rio com tod'armada, onde já sabião da destroição que Martim Afonso fizera nos [2] * culymutes *; onde lhe fizerão grande recebimento, e Soutomayor lhe deu conta de como estauão as cousas da guerra. Ao que logo foy recado a Cochym, e veo o védor da fazenda ao outro dia pela menhã, com que logo Martim Afonso foy falar a ElRey com o védor da fazenda, a que ElRey fez muytas honras, com grande prazer que ouve de sua chegada. A que Martim Afonso deu conta que o Gouernador lh'encarregara que acabasse suas contendas com boa paz e concerto. Disse ElRey que muyto folgaria que assy fosse, nom perdendo elle nada de sua honra. Ao que Martim Afonso logo mandou ao Çamorym huma carta que lhe mandaua o Gouernador, e com ella outra sua, em que lhe o Gouernador apontaua muytas rezões per que era bem e rezão que alargasse a guerra que tinha sobre a contenda da [3] * passagem, e sobre isso * tambem lho muyto rogaua, porque, se o nom fizesse, forçadamente elle acodiria a isso com todo seu poder, porque o estado d'ElRey nosso senhor consistia na honra d'ElRey de Cochym. E Martim Afonso dizia na sua carta que era ally chegado com gente e armada pera seruir ElRey de Cochym, e folgaria a elle Çamorym fazer todo o seruiço que elle mandasse, pera que nom tiuesse

[1] No original é o LXXVIII. [2] * Culumytes * Autogr. [3] * passagem só isso * Id.

contenda com ElRey de Cochym sobre cousa que tão pouqo lhe releuaua; porque, sem elle fazer sua coroação era tão grande Rey, obedecido dos seus; e outras muytas palauras. De que o Çamorym se mostrou muyto contente, e respondeo que tudo o que dizia o Gouernador, e elle Martim Afonso, assy faria, rogandolho ElRey de Cochym com boa amisade; e se tornaria pera seu reyno. Martim Afonso o falou a ElRey de Cochym, dizendo que deuia de fazer o que o Çamorym queria, pois o Gouernador lho rogaua; porque o fazendo por rogo do Gouernador nom perdia nada de sua honra. Mas ElRey nada quis ouvir, dizendo que aquella era sua honra, sobre que auia de morrer, e que tal nom faria. Sobre o que Martim Afonso, auendo seu conselho com Soutomayor e * o * védor da fazenda, andarão muytos recados com o Çamorym, que nada prestarão, e Martim Afonso mandou dizer ao Çamorym que pois nom fazia o que elle, * e * o Gouernador, lhe rogauão, nom era amigo dos portugueses, e quebraua a paz, e ficauão em guerra, que lhe elle faria. Ao que lhe o Çamorym respondeo que se lhe fizesse guerra se defenderia.

Com a qual reposta Martim Afonso determinou logo dar nas estancias dos mouros, e lhe tomar 'artelharia. Contra o que foy o védor da fazenda, e Soutomayor, e os capitães do arrayal, dando a isso muytas rezões, e a principal que o nom deuia de fazer sem licença d'ElRey de Cochym, que n'isso já nom quisera consentir, temendo que podia soceder algum desastre com que o Çamorym passasse; polo que totalmente pera sempre seu Reyno seria perdido. O que lho assy disserão todos, pelo que Martim Afonso nom passou, e despedio Soutomayor, que com seus catures se fosse gardar a costa, porque ally nom fazia nada; e se partio. Mas o conselho que derão a Martim Afonso foy falso, que o estoruo que lhe fizerão, dizendo que nom fosse dar nas estancias que o Rey de Cochym o nom consentia, com medo de desastre, porque ally estauão muytos mouros e todo o poder do [1] * Çamorym, tal * nom era; mas o estoruarão porque Martim Afonso nom ganhasse esta honra, que elles nom ganharão, estando aly deuagar gente pera isso. O que Martim Afonso nom entendeo, senão cuidando que lhe falauão verdade no que dizião.

[1] * Çamory o que tal * Autogr.

O Çamorym, auendo seu acordo, vendo que nom tinha remedio sua passagem, pois já aly estaua Martim Afonso, e que bolindo guerra a pelejar que o Gouernador auia d'acodir, assentou de se tornar a Calecut, e auer muyto dinheiro, e tornar com todo seu poder de gente, e morrer sobre a passagem. O que assentado supitamente se partio na propia noite que Martim Afonso quisera passar; e os mouros mansamente leuarão sua artelharia, e puserão fogo ás estancias ante menhã, porque o Çamorym teue auiso que Martim Afonso queria passar além.

Ao outro dia amanhecendo, que Martim Afonso vio arder as estancias, mandou huma almadia vêr o que era, e tornou dizendo que os mouros erão fogidos; onde veo hum [1] *malabar* da terra dizer a Martim Afonso que o Çamorym tiuera auiso que lhe queria hir tomar 'artelharia, e por isso mandara aleuantar tudo, e era partido pera Calecut com toda sua gente, e dizia que logo auia de tornar. O que ouvido por Martim Afonso, ouve muyta paixão perder tamanha honra, como ganhaua passando além; que partindose o Çamorym já lhe ficaua a honra, dizendo que fogira de seu medo. E então cayo no engano do máo conselho que lhe dera Soutomayor e o védor da fazenda, e os do arrayal; ao que largou palauras muy agastadas, dizendo que deuerão d'auer vergonha, tantos que ally estauão, em tanto tempo nom fazerem alguma cousa por honra do nome de portugueses, estando o Çamorym com tanto medo que como lhe disserão que elle lá queria passar logo fogira; que certamente estiuerão ally gastando a fazenda d'ElRey debalde. Mandou logo aleuantar todas as estancias, e se fossem a Cochym. O que assy fez ElRey, que sabendo que o Çamorym se partira, elle logo recolheo suas gentes e se foy pera Cochym. E Martim Afonso se sayo ao mar, e foy andar d'armada na costa. O que agora assy ficará, por contar outras cousas que se passarão n'este tempo atrás, do anno de 535 até, *o* presente de 536.

[1] *malar* Autogr.

CAPITULO LXXXV [1].

COMO O REY DOS MOGORES, ANTEPASSADO DO QUE TOMOU CAMBAYA, FOY TOMAR O REYNO DE BENGALA, E O QUE N'ISSO PASSOU.

O Rey dos mogores, auendo cobiça do grande tisouro que lhe dizião que auia no Reyno de Bengala, se ordenou de o hir tomar, e leuou seu exercito, porque primeiro auia de passar pelo Reyno dos patanes, que auia antre ambos; o que sabido do Rey dos patanes que o Mogor lh'entraua no Reyno se ajuntou com todo seu poder, pedindo ao Rey de Bengala sua ajuda, que lha deu muy grande, de gente e dinheiro, sabendo que o Mogor hia com tenção de passar a Bengala. Ao que elle tambem acodio em pessoa, e tal resistencia fizerão ao Mogor que se tornou pera seu Reyno. Mas o Rey de Bengala, vendose muy poderoso no Reyno dos patanes, [2] * prendeo * o Rey, e lhe tomou o Reyno, e n'elle pôs capitães de sua mão, e fez gouernador do Reyno hum grande senhor seu vassallo, chamado [3] * Cotoxa *; o qual [4] assy deixando todo bem ordenado se tornou a Bengala. O regedor Cotoxa andaua no campo com grande arrayal, em que trazia hum capitão patane chamado [5] * Xercansor *, valente caualleiro, que era muyto estimado de todos, o qual veo 'auer brigas com o tisoureiro do campo, ao qual arroido acodio o regedor aos apartar, e por desastre foy morto; polo que o [6] * Xercansor * fogio do arraial, mas por a necessidade que d'elle auia ElRey de Bengala o perdoou, e tornou 'andar como [7] * andaua : ElRey * fez gouernador do Reyno, no logar do que morrera, a hum seu primo chamado [8] Soltanó. Morreo o Rey de Bengala, fiqou hum filho menino, que seu tio, irmão d'ElRey morto, tomou em poder, e gouernaua o Reyno por elle, e se aleuantou por Rey. O que sabido pelo Soltanó se aleuantou de guerra con-

[1] Corresponde ao LXXIX do autographo. [2] * perdeo * Autogr. [3] Cotufoxá, segundo *Castanheda*, *Hist. da Ind.*, Liv. VIII, Cap. CIX. [4] Refere-se ao rei de Bengala. Quem lêr as *Lendas* da India, pelo original, terá de luctar com a ambiguidade e escuridão que resultam do vicioso emprego dos pronomes relativos; as quaes nem sempre foi possivel destruir. [5] * Cercanfor * Autogr. [6] * Cortam * Id. [7] * anda a que ElRey * Id. [8] Çoltão Halamó, segundo *Castanheda*, *Hist. da Ind.*, Liv. VIII, Cap. CIX.

tra elle, porque o moço Rey era seu sobrinho; e proseguindo a guerra n'ella foy morto; ao que logo o capitão [1] * Xercansor * logo recolheo pera sy o tisouro do morto, que era muyto, e recolheo gente pera sy, com que logo se aleuantou contra os bengalas, e os deitou fóra do Reyno dos patanes, e mandou dizer ao Rey de Bengala que logo soltasse o Rey dos patanes, que tinha preso; e porque o nom quis fazer lhe começou a fazer a guerra fortemente, a qual proseguio por muyto tempo, auendo muytos vencimentos com o capitão do campo d'ElRey de Bengala, até o fazer recolher a huma forteleza que estaua á entrada do Reyno. E isto foy depois de Diogo Rabello hir a Bengala. O Rey de Bengala, sabendo d'este desbarato, e que [2] * Xercansor * estaua tão perto e tão poderoso, com muyta gente de pé e de cauallo, ouve muy grande medo, e mandou soltar Martim Afonso e vinte e dous portugueses que com elle estauão, e os mandou aposentar dentro nos paços em boas casas, e dar todo o que auião mester, e rogou a Martim Afonso que mandasse alguns portugueses que fossem com gente sua, que mandaua em secorro da forteleza. Ao que Martim Afonso se offereceo a hir lá, mas ElRey nom o consentio, com arreceo que tinha que lhe fogisse e se passaria pera [3] * Xercansor *. Martim Afonso entendeo a desconfiança d'ElRey; então mandou doze portugueses, em duas fustas armadas com artelharia, que forão per hum rio que hia ter á forteleza: em huma foy Pero de Vilhalobos, e outra Christouão Correa. O que fez Martim Afonso por comprazer ElRey, mais que por lhe parecer que podião fazer nada contra tanta gente que tinhão a forteleza cerquada. E forão muytos bengalas em outras embarcações, que quando chegarão a forteleza já era tomada por [4] * Xercansor *, e mortos muytos dos que estauão dentro: polo que as fustas, e toda a gente, se tornarão. Mas o [5] * Xercansor * com seu vencimento correo ao longo do rio, e foy até defronte da cidade do Gouro [6] * pera' * cerquar, e mandou fazer huma estancia defronte de humas varandas das casas d'ElRey, que cayão sobre o rio; e fazendose a tranqueira, huns rumes que morauão na cidade, querendo que ElRey d'elles fizesse cabedal como fazia dos portugueses, se offerecerão a ElRey a hirem empedir que se nom fizesse a estancia, dizendo que mandasse tambem os portugueses. O que ElRey

[1] * Cercanfor * Autogr. [2] * Cercanfor * Id. [3] * Cercanfor * Id. [4] * Cercanfor * Id. [5] Cercanfor * Id. [6] * e a * Id.

falou com Martim Afonso, que lho dixe, e elle respondeo que folgára que forão os rumes sós, pera vêr o que fazião; mas ElRey lho rogou. Então Martim Afonso mandou oito homens, bons espingardeiros, em huma fusta bem artilhada. E os rumes forão em duas barcaças com gente e artelharia, e hindo caminhando se lhe acendeo fogo na poluora, que os fez saltar no rio, e nom chegarão á tranqueira; sómente foy a fusta, com muytas embarcações em que hião muytos bengalas, que nom ousarão de chegar. E a fusta foy tirando artelharia e espingardas, chegando quanto podião. ElRey estaua no baileu olhando o que fazião, a que alguns dissetão que os nossos nom se chegauão tão perto senão pera se deitarem com os patanes, e ElRey os mandou tornar, e por esta sospeita, que ElRey tinha, mandou tomar as armas a todos, dizendo que nom queria que morressem, porque os queria ter viuos pera todos mandar * ao * Gouernador. Martim Afonso sabia o porque elle o fazia, e lhe disse que soubesse certo que n'elles nom auia d'achar a trayção que lhe metião em cabeça, porque tudo fazião polo seruir, porque lhes fazia tantas mercês.

Acabada a tranqueira, o [1] * Xercansor * mandou passar o rio á sua gente pera cerquar a cidade, que passou em muytas jangadas de tauoado, porque o rio era estreito, e de baixa mar passauão os cauallos e alifantes. Vendo ElRey passar os patanes, chamou Martim Afonso, rogandolhe que trabalhasse por impedir a passagem; o qual, com boa vontade, se embarqou com todos os portugueses, com suas espingardas e alguns tiros d'artelharia, e muytos bengalas em muytas embarcações, os quaes logo fogirão, e os nossos ficarão na peleja, que erão cubertos com frechas, e comtudo tomarão no rio dous alifantes, com que se tornarão a ElRey, casy todos feridos de frechadas, que ElRey mandou muyto bem curar, e folgou com os alifantes, e vendo o bom feito e esforço dos nossos fez mercê a Martim Afonso de mil pardaos, e de comedía pera cada dia tres, e cada hum dos portugueses, pera cada dia comer, huma tanga de Bengala, que segundo a fartura da terra lhe auondaua pera tres dias, mas Martim Afonso daua mesa a todos; prometendo ElRey a Martim Afonso, que sendo liure da guerra, lhe daria lugar pera o Gouernador fazer huma forteleza, em qualquer dos portos do mar que quigesse, em Satigão ou Chatigão. Os patanes passarão todos, e cercarão a cidade, que

[1] * Cercanfor * Autogr.

ella estaua forte com muytas tranqueiras e artelharia, e dauão muytos combatés, em que os nossos fazião muyto seruiço de dia e de noite. O Rey de Bengala, como era de fraqo animo, e vendo que os seus erão fraqos e os nossos nom podião tanto soster, e vendo o muyto que apertauão os patanes, o Rey tratou concerto com o [1] *Xercansor*; do que deu conta a Martim Afonso, e que [2] *Xercansor* lhe pedia hum conto d'ouro. Martim Afonso lhe dixe que lho nom deuia de dar, porque com elle lhe faria a guerra dobrada; mas ElRey todauia lhe quis dar, com tanto que [3] *Xercansor* se [4] *fosse*, ficando por seu vassallo; e *este* lhe fez a çalema d'além do rio, estando ElRey no seu baileu. E deu este Rey assy tanto dinheiro, porque era senhor do mór tisouro que todolos Reys da India. O Rey fiqou tão contente do bom seruir de Martim Afonso e dos portugueses, que [5] *andauão* (?) os milhores da terra, e Martim Afonso o principal da priuança d'ElRey, o qual deu a Nuno Fernandes Freire gozil d'alfandega de [6] *Satigão*, com muyta renda, e a Christouão Correa 'alfandega de Chatigão [7], assy com muyta renda, e jordição sobre a gente da terra. E assy estauão os nossos muyto á sua vontade, até que se forão pera' India, como adiante direy.

CAPITULO LXXXVI [8].

DE COUSAS QUE SE PASSARÃO EM MALACA E MALUCO, NO ANNO ATRÁS DE 535 ATÉ ESTE ANNO DE 536.

Dom Esteuão da Gama, capitão de Malaca, era muy magoado d'ElRey d'Ugentana pola morte de seu irmão dom Paulo; e porque o Rey nom deixaua de guerrear Malaca, dom Esteuão se fez prestes com armada de nauios miudos, de lancharas e calaluzes e balões, com tres fustas e hum nauio em que leuaua mantimentos, e quatrocentos homens portugueses, e outros tantos da terra, e valentes escrauos espingardeiros, com que se foy ao rio [9] *d'Ugentana*, onde estaua o Rey, metido cinqo legoas polo

[1] *Cercanfor* Autogr. [2] *Cercanfor* Id. [3] *Cercanfor* Id. [4] *foy* [5] *an uão* Id. [6] *Satycam* Id. [7] Isto é: conferiu a um o emprego de gozil da alfandega de Satigão, e ao outro o da de Chatigão. [8] E' o LXXX no autographo. [9] *daugentana* Autogr.

rio dentro além da forteleza que primeiro lhe fôra tomada. E sendo 'armada no estreito de [1] * Cincapura *, lhe deu huma treuoada de vento tão forte, que todos se perderão se nom se coserão com a terra, porque era da terra; tal que trazia as aruores arrancadas, e terra que os cobria no mar onde estauão, e o nauio sem vela, aruore sêca, correo pera o mar de todo perdido. Dom Esteuão hia em huma fusta velha, que com a força do vento abrio por baixo e se foy ao fundo, e dom Esteuão se saluou pegado ao baileu da fusta, que inteiro arrancou o vento e leuou ao mar, onde lhe morrerão quatro portugueses, e remeiros, e outros se saluarão porque a treuoada passou supitamente; e perdeo todo o fato e suas armas, e estiuerão todo o dia até o outro, que veo o nauio. Os homens tomarão isto a máo pernostico, e dizião a dom Esteuão que se deuia de tornar; o que elle nom quis fazer, e tomou hum cossolete emprestado, e dizendo que Deos tinha todo poder, a que s'encomendaua, entrou polo rio, com muyto trabalho das grandes correntes das marés, que com a enchente nom podia andar, porque a corrente d'agoa lhe atrauessaua os nauios, sómente como 'agoa vazaua hião ás toas de cabos que atauão nas aruores da borda do rio, hindo desfazendo e cortando muytas estacadas, e guerreados de muytas frechadas que lhe tirauão d'ambas as partes, a que os nossos leuauão feitos emparos, com que lhe nom empencião. O nauio ficaua atrás, que nom podia tanto andar, até que em noue dias dom Esteuão chegou onde primeiro queimara a forteleza; onde estauão mais de cinco mil homens, com fortes tranqueiras feitas, e dentro d'ella varadas corenta lancharas, que elles tirarão a terra por as milhor defenderem. Onde os nossos muyto arrecearão o feito, porque erão pouqos pera o grande poder que estaua na terra; mas dom Esteuão, com forte animo, lhes disse que elle d'ally nom auia de tornar sem pelejar; que Nosso Senhor os ajudaria, e estauão emparados dos tiros dos mouros detrás de hum cotouelo que fazia o rio; e fazendo a gente prestes determinou de * cometter * ante menhã, que fazia escuro, e mandou aos homens da terra e [2] * remeiros * que cada hum leuasse duas panellas de poluora, que pera isto mandou fazer muytas, e os escrauos espingardeiros com os portugueses atrás, e elle com toda a gente nas suas costas. Os mouros estauão zombando dos nossos, muy fortes detrás das tranquei-

[1] * Cyncapor * Autogr. [2] * remei * Id.

ras, dando suas gritas e tangeres. Os nossos chegarão a desembarqar, correndo logo ás tranqueiras, tirando com as panellas, que forão tantas, e o fogo era tanto por todas partes, que os mouros forão desatinados, escaldados. Ao que dom Esteuão chegou, dando Santiago, tangendo suas trombetas. Os mouros acodião, mas com as panellas auião tanto medo que nom chegauão; e o fogo tomou nas lancharas, que estauão cyfadas, em que se acendeo muy grande; e dom Esteuão entrou per huma tranqueira que cayo, que era de tauoado posto em pé, onde teue grande peleja, porque com a claridade do fogo se vião, mas os marinheiros acodião com tanta panella de poluora, que fazião toda guerra, com que os mouros se forão afastando pela [1] *quentura* do fogo, tirando muytas frechadas e espingardadas; mas os nossos os apertarão ás lançadas tão fortemente que os puserão em desbarato, porque os mais d'elles forão fogindo e desatando os pannos do fogo que leuauão: com que os nossos ficarão senhores do campo menhã crara. O Rey estaua em hum outeiro d'ahy huma legoa, que em cima de hum alifante veo a vêr o fogo, que vio tão grande, e os que forão ter com elle, fogidos, [2] *queimados, lhe disserão* que 'armada era queimada e toda sua gente, *que* fogio com suas molheres e familia, e se meteo em hum [3] *mato*; onde n'esta enuolta os seus lhe fizerão grande roubo. Dom Esteuão não passou áuante, e fez repousar a gente, e almoçar, e recolher alguns feridos, afóra tres mortos; mas dos mouros erão mais de quinhentos, que escaldados das panelas nom podião fogir, que os marinheiros andarão matando. Acabado o almoço, dom Esteuão ordenou a gente, com os espingardeiros diante, e os remeiros com panelas e lanças de fogo. O que sendo dito ao Rey que os nossos hião, temendose dos seus, mandou recado a dom Esteuão que nom fosse áuante, que com elle faria toda paz que quigesse. Do que dom Esteuão nom confiaua, e queria hir áuante, e todos lhe disserão que agardasse até vêr o que era; ao que dom Esteuão respondeo que logo mandasse arrefem seguro, e que então ouviria a paz. O que o Rey fez, que logo mandou hum seu tio, homem velho e muyto conhecido dos nossos, que ouverão por bom arrefem, com que se tornou onde estaua 'armada, e [4] *ahy* mandou o Rey as molheres do tio e familia de casa,

[1] *queytura* Autogr. [2] *queimados que lhe disserão* Id. [3] *ma* Id.
[4] *a hya* Id.

dizendo a dom Esteuão que se fosse a Malaca, e tiuesse seu tio com sua honra, que elle faria as pazes que elle quigesse; porque este seu tio elle muyto estimaua, e este lhe sempre bradaua que fizesse as pazes e descansasse de seus trabalhos; e elle se offereceo a ser arrefem, vendo que dom Esteuão queria paz: onde ficarão em tregoa, e lhe trouxerão muyto mantimento, e huma lanchara carregada de fato e mantimento, que dom Esteuão mandou embarqar no nauio, * e o velho *, com sua gente, bem agasalhado e honrado. Com que se tornarão a Malaca, onde lhe fizerão festa de recebimento. O velho foy aposentado na torre com suas molheres, e a outra familia em huma casa dentro na forteleza, fazendolhe dom Esteuão muyta honra; onde logo veo messigeiro do Rey, e forão assentadas pazes como dom Esteuão quis, e principalmente que o Rey nom tiuesse nenhum nauio d'armada, sómente nauegações de mercadaria. O que o velho todo fez assentar com muyta verdade, e indaque dom Esteuão o despedio, que se tornasse, elle nom quis, e se aposentou na cidade, onde esteue mais de hum anno. E ficou Malaca em grande descanso, com que se muyto nobreceo, pelos muytos mercadores que acodirão, que sabendo da paz nauegauão seguros, que nunqua Malaca teue tanta prosperidade como n'este tempo d'estas pazes.

FALLA EM MALUCO.

Em janeiro de 535, Tristão d'Atayde, capitão de Maluco, despachou pera' India e pera Malaca todos os nauios, e deu d'elles a capitania mór a Lionel de Lima, a que entregou preso o Rey [1] * Tabarija * e sua mãy, e os outros culpados, e com elles suas deuassas; que foy piadosa cousa vêr seus prantos que huns com outros fazião, e lastimas que dizião, nom esperando mâis tornar á sua patria. E o Pateçarangue dizia: « Este mal me vem polo que fiz a Rey Dayalo, que lhe fiz tirar seu rei-» « no. » E partidos todos forão ter a Bandá, e a Malaca, e á India, onde Lionel de Lima entregou os presos ao Gouernador, como já atrás dixe, e os nom quis despachar pera hirem com Antonio Galuão, e depois vio as deuassas, e os achou sem as culpas que lhe daua Tristão d'Atayde, e os soltou e deu seu gasto; e o Rey [2] * Tabarija * se tornou christão,

[1] * Tarryja * Autogr. [2] * Tarryja * Id.

e andaua por Goa vestido de sedas e a cauallo, e o Gouernador lhe confirmou o reino, e os tornou a mandar pera Maluco com honra: o qual em Malaca faleceo, chamado dom Jorge, como adiante mais largamente contarey.

O Rey de Bachão era muy magoado do mal e destroição que lhe fizera Tristão d'Atayde, sendo elle sempre muy fiel amigo dos portuguezes e d'ElRey de Portugal, ajudando tanto nas guerras e necessidades da forteleza; o qual se queixando com os outros Reys das ilhas derrador de Maluco, que todos estauão danificados de Tristão d'Atayde, per seus recados se ajuntarão todos na ilha de Tidore com ElRey, onde se ajuntou ElRey Cachil Dayalo, e o Rey de Geilolo, e cada hum dixe suas enjurias e males que lhe Tristão d'Atayde * e * os portugueses * tinhão feito *; polo que todos fizerão firmes juramentos, em seus moçafos e sepulturas de seus passados, todos fazerem a guerra á forteleza, até a destroirem e matarem e catiuarem todolos portugueses, com que nunqua mais em Maluco ouvesse portugueses; e sobre tudo morto o capitão Tristão d'Atayde com grandes justiças. E que sendo caso que nom pudessem isto acabar, vindo secorro á forteleza, cortassem todolas aruores do crauo e do çagu, e todolas aruores de fruyto, que estiuessem em lugar que os portugueses se pudessem aproueitar, * e * elles se despouoarião das ilhas, e se hirião a outras terras, que nunqua mais tornassem. E n'estes juramentos forão todolos irmãos, e tios, e sobrinhos d'estes Reys, que n'isto terião todo segredo até seu tempo. E foy assentado que os da ilha de Ternate fossem os primeiros. Ao que o Çamarao, regedor que fizera Tristão d'Atayde, tambem foy na consulta, e se conuidou que meteria em cabeça ao capitão que nas ilhas dos Celebes e [1] * Macaçares * auia ouro, que as mandasse descobrir; o que logo faria, porque era cobiçoso, e mandando gente lhe ficaria mais pouca na fortelêza, pera elles milhor a tomarem; e que os de Ternate se despouoarião, per modo que os portugueses nom ouvessem mantimento, que era a principal guerra que lhe deuião fazer; e que o Çamarao ficasse com o capitão, como bom amigo fazendo boas diligencias, em modo que o capitão d'elle se fiasse; e seria espia, que lhe mandaria os auisos do que o capitão ordenasse.

Isto assy fulminado, fez o Çamarao crer ao capitão que lhe viera

[1] * Macares * Autogr.

recado que a Geilolo erão chegadas corocoras de Mindanao, e [1] * macaçares *, que trazião ouro; do que cobiçoso o capitão, mandou logo hum João de Caminha em hum nauio, que foy á ilha de Mindanao e a descobrio, e fez assento de paz, lambendo o sangue d'ElRey, que tirou com huma ventosa, e assy o Rey lambeo o seu: com que os da terra ouverão a paz por tão segura que hião ao nauio a resgatar muyto ouro. Do que cobiçoso João de Caminha, querendose partir, colheo muytos dentro no nauio, a que tomou muyto ouro e catiuou, e outros se deitarão a nado, que forão bradar a ElRey, que logo com muyta diligencia mandou sayr ao mar sua armada com muyta gente, que forão a tomar o nauio, tirando muyta artelharia e frechas sem conto; do que João de Caminha * se receou * e cortou as amarras e fogio, porque nom tinha artelharia, que a deitára ao mar com huma tromenta que passara no caminho. Com isto crerão os mouros todolos males que dizião dos portugueses de Maluco.

E logo o capitão se acupou a recolher o crauo que tinha per fóra, pera o carregar. Vendo os Reys que o capitão nom mandaua fóra nauios, todauia o Çamarao muyto dizia ao capitão do muyto ouro que auia nos Celebes e no Macaçar; ao que acodio o capitão, e mandou hum Jorge d'Atayde, seu parente, e Diogo Farinha, que fez capitães, em duas armadas em que leuarão portugueses. O que vendo os ternates, que ficauão pouqos portugueses na forteleza, lhe pareceo tempo. Pelo conselho de Çamarao despejarão todos suas [2] * molheres * e fato, e se meterão em corocoras, e se forão pelo mar agardar hum batel que trázia madeira de hum mato, onde a andaua cortando hum Vicente Correa, mestre que fazia hum nauio; e toparão o batel, e matarão quatro portugueses e os arabios remeiros, de que hum só fogio, que foy dar a noua; com que logo todos os da cidade fogirão, nom ficando nenhuma gente nas casas. Ao que acodio o capitão, e alcançou alguns mouros honrados, com que falou que se nom fossem, que os desagrauaria se alguem lhe tinha feito agrauo; mas elles nada lhe responderão e se forão: a que o capitão nom quis fazer mal, porque lhe pareceo que era menencoria, e se tornarião 'amansar, que já assy o tinhão feito.

Onde assy estando, chegou o Çamarao, que era d'armada, em seis

[1] * Macaças * Autogr. [2] * molhe * Id.

corocoras, que chegando á praya, que desembarqou, hum filho que com elle andaua deitou em terra os criados do Çamarao, dizendo que lhe perdoaua porque erão de seu pay; e logo se tornou a partir, sem desembarquar nenhuma pessoa. Ao que o Çamarao [1] * bradou * que seu filho fazia traição, e hia aleuantado; e se foy meter na forteleza, dizendo ao capitão que seu filho o quisera matar porque era seu amigo; mas que elle o fizera grande, sendo elle muyto pequenino; que por isso auia de morrer dentro n'aquella forteleza onde lhe fizera tanto bem. Com o que o capitão era muy crente no que lhe dizia, pelo muyto bem que lhe tinha feito; mas alguns portugueses entenderão que isto era trayção e falso, porque todolos mouros lhe querião grande mal por assy se fazer regedor tiranamente, e o desejauão muyto matar, e que o trouxerão em seu poder e o nom matarão. * O * que tudo praticarão com o capitão; mas porque elle com o Çamarao tinha seus tratos secretos, com que o Çamarao o trazia [2] * enganado, nom creo * nada do que lhe dizião, e o agazalhou [3] * dentro * na forteleza, e lhe fazia muyta honra. E entendeo de pacificar a gente e a tornar pera' cidade, e fez huma armada de dous bargantys, e tres paraos, e corocoras, em que mandou portugueses com o Çamarao, e com elle o Rey Cachil [4] * Aeyro *, correndo polas ilhas, requerendo aos mouros que obedecessem a seu Rey, e se tornassem pera' cidade, e fossem amigos, como auia tantos annos que forão com os portugueses; e sobre isto os desagrauaria de qualquer agrauo que tiuessem. Mas os mouros desenganadamente respondião que Cachil [5] * Aeyro * era Rey de Tristão d'Atayde, e nom era seu Rey senão o Cachil Dayalo, que já tinhão em poder, e auia de ser seu Rey, e outro nenhum não; e que elles erão amigos com os portugueses como sempre forão, e serião, depois que Tristão d'Atayde matassem, que tanto mal e roubos lhe tinha feito, e por isso nunqua serião amigos dos portugueses em quanto elle fosse capitão. O que sabido pelo capitão fez conselho, e assentou de lhes fazer a guerra afim de os fazer tornar á paz, e foy correndo a costa, e queimou algumas pouoações que estauão sem gente, que logo se recolheo aos altos da serra, onde se fizerão fortes, e matarão os cães e os galos, que nom fossem ouvidos, se os nossos de noite lá os fossem bus-

[1] * bra * Autogr. [2] * enganado que nom creo * Id. [3] * den * Id. [4] * aceyro * Id. [5] * aceyro * Id.

car, que nom sabião os caminhos, e atinarião ouvindo cantar os galos ou ladrar os cães; e fazião ajuntamentos, com que de dia e de noite vinhão correr a forteleza, em que fazião muyta guerra, e matauão os escrauos que hião buscar agoa e leynha, e tomauão as almadias e queimauão, porque nom fossem a pescar; e tanta apressão dauão que os nossos de dia e de noite estauão armados, e nom tinhão repouso de dormir, que toda a noite os mouros lhe dauão gritas e rebates; que * por * isto, com a fome que os nossos padecião, erão postos em muy grande agonia, porque os mouros muytas vezes punhão fogo na pouoação. Polo que mandou * o capitão * fazer goritas derrador da pouoação, em que de noite estauão espingardeiros que vigiauão a quartos; as quaes goritas assy fez pera guarda dos nauios da ribeira que estauão em terra; e elle com a mais gente estaua á porta da forteleza, em huma ramada, pera d'ahy acodir ao que comprisse; onde estauão armados e comião e dormião. O capitão, vendo a guerra aleuantada, mandou Diogo Sardinha, em hum bargantim, que fosse dar auiso a Simão Vaz, vigairo, que estaua no lugar do Morro fazendo christãos, que estiuesse d'auiso com os portugueses que com elle estauão, * que * os nom tomassem de supito, porque os ternates erão aleuantados; e que comprasse os mantimentos que pudesse, antes que se aleuantassem. E pera os trazer mandou hum paráo grande; mas quando chegou ao Morro já os ternates tinhão dito na terra que elles erão aleuantados contra os portugueses, e nom auião d'obedecer senão a ElRey Cachil Dayalo, que era seu verdadeiro Rey, e não o que fizera Tristão d'Atayde; que por isso lhe auião de fazer a guerra, e tomar a forteleza, e matar o capitão e os portugueses á fome e sede; que por tanto ninguem lhe vendesse mantimentos. O que ouvido, os christãos nouos da terra folgarão que seu Rey Cachil Dayalo era obedecido por todos, e logo renunciarão a christindade, e se tornarão gentios como erão d'antes, e logo leuantarão os mantimentos. Do que Diogo Sardinha se queixou ao regedor, christão nouo, o qual tambem estaua trestornado como os outros. Então se foy Diogo Sardinha a outro lugar, em que carregou o bargantim e parao de mantimentos, que tornado á forteleza, que o capitão soube como assy estauão aleuantados, mandou huma barcaça armada, com dez portugueses, a buscar mantimento, que em huma terra a que chegarão forão todos mortos, e a barcaça tomada com 'artelharia; e logo o vigairo foy morto, com quantos portugueses com elle estauão,

polos propios christãos de que elle se confiaua; que o capitão o nom soube senão depois d'alguns dias passados. E porque o mór mal que auia era a fome, o capitão o mandou pedir ao Rey de Geilolo, que, com muyta dessimulação do que tinha na vontade, lhe mandou quatro barcos carregados de mantimentos, com grandes offerecimentos * que * pera o que mais comprisse o ajudaria contra os que lhe fizessem a guerra. Com que Tristão d'Atayde fiqou descansado e contente, cuidando que era seu bom amigo.

O Cachil Dayalo estaua já obedecido pelos ternates e aleuantado outra vez por Rey, e tinha já mandado buscar gente pera esta guerra a Mindanao e a Bandá, com dizer o pera que, que era tomar a forteleza e portugueses, e todos matar, dizendo a causa porque o fazia, fazendo escramação de seus males. Sendo este recado em Bandá acertou de chegar ahy hum junqo de hum Jorge Aluares, que os de Bandá tomarão, e matarão os portugueses que n'elle hião, e com 'artelharia e armas e fazenda o mandarão a Cachil Dayalo, que visto por elle o mandou dizer a ElRey de Geilolo com muyto prazer. Onde acertou d'estar hum castelhano a que ElRey perguntou por nouas da forteleza e do capitão, e elle disse que os portugueses estauão muy mal com o capitão, que era máo, e que se ajudauão na guerra era por saluarem as vidas, e que estauão em grande falta de mantimentos, e que o capitão nom esperaua senão que elle lhos désse; e que os ternates já estauão de guerra, e que nunqua farião paz, que o capitão queria fazer, mas que elles nom querião, porque o capitão auia de os prender a todos. Com que o Rey em tudo fiqou crente, e mandou dizer ao Rey Cachil Dayalo que elle estaua prestes, e o hiria ajudar na guerra contra a forteleza, que assy o tinha jurado com os outros Reys; que lhe mandasse entregar os seus lugares que lhe tinhão tomados no Morro. O que lhe o Rey logo mandou dar, e a isso mandou hum seu capitão, que foy com ElRey de Geilolo, que leuou grande armada, e mandou dizer a Cachil Timor, que estaua com o capitão, que logo se fosse do Morro, e leuasse os christãos do Morro. Do que o capitão foy muy [1] * agastado *, vendo que o Rey de Geilolo era aleuantado. E o Rey foy tomar os lugares, e mandou que lhe leuassem hum crelgo, chamado Francisco Aluares, que estaua fazendo christãos

[1] * agasto * Autogr.

no lugar de [1] * Çugalá *, e alguns portugueses que com elle estauão apanhando hy crauo pera o capitão; do que elles auendo auiso fogirão em huma corocora, com o padre, que leuou as cousas da igreija com que dizia missa; mas forão sentidos, e correrão após elles nauios d'armada, com que pelejarão tão fortemente que lhe fogirão, deitando ao mar o fato que leuauão, com que os imigos se acuparão ao tomar polo mar, e os nossos de noite chegarão á forteleza, muyto feridos. Do que o capitão fiqou muy agastado; e porque andaua acupado com os ternates nom pôde mandar secorro ao Morro. O Rey de Geilolo tomou todos os lugares, e o derradeiro de hum chamado [2] * Mamoya *, de que o gouernador d'elle era christão, chamado dom João de [3] * Mamoya *, o qual, como era bom christão, se pôs em defensão, nom * se querendo * entregar; e ajuntou comsigo oito portugueses que lá estauão, que fizerão huma tranqueira com artelharia; porque os da cidade o nom quiserão ajudar, e renunciarão a christindade que tinhão recebida. O Rey de Geilolo foy sobre a tranqueira, a que os portugueses nom quiserão registir, e logo se forão pera o Rey de Geilolo, postoque o dom João muyto com elles bradaua que morressem como christãos, porque elle auia aly de morrer christão, e nom se entregar a mouros; e com os seus que o ajudarão se defendeo todo o dia, pelejando muy fortemente já muyto ferido, que sendo noite, vendo que nom se podia defender, que auia de morrer ou ser tomado, nom quis que sua molher e filhos fossem tomados, que os fizessem mouros. Com a mãy e filhos fez grande pranto, dizendo que elle auia ally de morrer, e nom queria que elles fossem catiuos de mouros, que os tirassem da fé e crença de Christo; que por isso os mataria. E de feito matou a molher e filhos, e tomou seu tisouro e deitou em priuadas e poços, porque os imigos o nom ouvessem; e sobre isto se quisera matar, o que os seus lhe nom consentirão, e todos se entregarão ao Rey de Geilolo, que sabendo o que dom João fizera, lhe perguntou porque matara sua molher e filhos; ao que lhe respondeo, muyto sem medo, que sua molher e filhos erão christãos; que os mandara pera Deos, antes que serem catiuos de mouros; e elle assy auia de morrer fiel christão. O que

[1] * Cegula * Autogr. Çugalá vem em *Castanh.*, *Hist. da Ind.* Liv. VIII, Cap. CXVI; e Sugalla em *Barros*, Dec. IV, Liv. VI, Cap. XXV. [2] * Moya * Autogr. [3] * Maya * Id. V.ª *Castanh.*, *Hist. da Ind.*, Liv. VIII, Cap. CXVI.

o Rey vendo sua firmeza o deixou, e tomou posse da cidade, com que acabou de tomar todos seus lugares que lhe erão tomados, e se tornou com su'armada pera seu Reyno.

Vendo o Rey de Tidore, e o de [1] * Bachão, que * os ternates fazião bem a guerra aos nossos, ajuntarão muyta gente, e d'outros seus viginhos que os ajudarão com muyta gente e armada, e juntos em Tidore, o Rey chamou onze portugueses que andauão per outras terras 'apanhar crauo pera o capitão, e lhe disse que elle, com todolos Reys, auião de hir tomar a forteleza, e matar todos os portugueses, polos grandes males e tiranias que lhe sempre fizerão os capitães passados, e ora Tristão d'Atayde, como elles bem sabião; que por tanto fizessem de sy o que quigessem, que se com elle quigessem ficar * ficassem *, senão que se fossem pera' forteleza, que lá os mandaria leuar. Do que elles lhe derão seus agardecimentos, e com quanto tinhão s'embarcarão em huma [2] * corocora *, e se forão á forteleza. E per elles mandarão noteficar ao capitão que lhe hião tomar a forteleza, onde chegados, que derão as nouas ao capitão, fiqou muy agastado pela grã falta que tinha de mantimentos. Outros portugueses largarão outros Reys, e os mandarão que se fossem pera' forteleza, que todos forão mortos nos caminhos, dos mouros que os topauão.

Tristão d'Atayde quis mostrar aos mouros o pouqo que os temia, e ajuntou cem homens, que leuou, em que leuou seus amigos de que confiou, que foy hum Baltesar Vogado, Jorge de Brito, Antonio Pinto, Anrique Jorge, Antonio Teixeira, todos bem armados; e foy dar em hum lugar huma legoa da forteleza, em que estauão muytos mouros, fortificados com muytas tranqueiras e estacadas [3] * com * cauas, e muyto pelejarão; mas os nossos tanto aprofiarão que os entrarão, e matarão quantos acharão, sem a nenhum darem vida, indaque se entregauão. E o logar foy queimado, donde os nossos trouxerão algum pouqo mantimento que acharão; mas dos nossos morrerão dous, e muytos feridos: com que se tornarão á forteleza; de que os mouros ficarão muy magoados pola perda d'este lugar. O capitão nom sentia senão a falta dos mantimentos. N'este ensejo chegou a Maluco Simão Sodré, em huma [4] * ca-

[1] * Bachão vendo que * Autogr. [2] * corara * Id. [3] * que * Id. [4] * carana * Id.

rauela * que dom Esteuão mandou de Malaca a secorro, que foy pela via de Borneo, que fez grande esforço na forteleza; e logo d'ahy a pouqos dias chegou João da Cunha Pinto, que*fóra descobrir Mindanao. Com a chegada d'estes nauios, que a carauela leuou cincoenta homens, ficarão os da forteleza descansados.

Os Reys juntos assentarão de matar os nossos á fome, porque nom tinhão artelharia pera derrubar a forteleza; e por isso com armadas correr o mar e as terras. O capitão, que isto esperaua, com a mingoa dos mantimentos sayo a guerrear as pouoações da ilha de Ternate, fazendolhe todo mal a fogo e sangue, em que os nossos com seus escrauos andauão a buscar e leuar os mantimentos que achauão; com que tornados á forteleza, logo o capitão mandou Simão Sodré, com gente, dar em outra pouoação, que tambem destroyo, e em outras; que huma acabada hião buscar outra, em que matauão muytos mouros e tudo ficaua destroydo, recolhendo os mantimentos que achauão; e os nossos fizerão grande destroição por muytos lugares. O Çamarao, que estaua na forteleza, secretamente mandaua auiso aos mouros que nom tiuessem mantimentos que lhe os nossos tomassem, que elles nom hião a pelejar senão por isso, que se nom acharão mantimentos nos lugares que tomarão, que já forão mortos á fome.

Os mouros das pouoações destroidas se ajuntarão, e forão fazer huma pouoação em cima de huma serra, cousa espantosa, a que sobião por hum caminho em pés e mãos, e sayão por outro caminho secreto, per que decião a fazer muytos saltos. Do que o capitão agastado mandou rogar a Francisco de Sousa, que estaua em Talangane com sua nao, dizendo que n'ella deixasse boa guarda, e com a mais gente o viesse ajudar em huma cousa que de ninguem confiaua senão d'elle, que logo veo com vinte e cinco homens; ao qual rogou que lhe fosse tomar o lugar da serra. O que elle aceitou de boa vontade, e o capitão lhe encarregou o feito, e mandou * com * elle bons homens, e por capitães que o ajudassem Duarte de Teiue, e Antão Pereira, que ambos com setenta homens cometessem polo caminho perigoso, a que os mouros acodirão, nom cuidando que auia mais gente. E Francisco de Sousa, com cento e cincoenta homens, foy polo outro caminho secreto, leuando guias que o encaminharão; e derão no lugar de supito, ao que acodirão os mouros com grande resistencia, auendo muytas espingardadas d'ambas as bandas; ao

que chegarão os capitães polo roim caminho, que nom acharão quem lho defendesse, e derão nos mouros com suas gritas, com que os mouros logo fogirão pola serra acima, que lá tinhão as molheres e filhos; que os mouros hião em pés e mãos por antre huns matos onde os nossos nom puderão hir; mas ficarão muytos mouros mortos, e feridos, que os acabarão de matar, e o lugar, que tinha pouqo fato, foy * feito * em cinza, porque tudo era madeira e canas. Com que os nossos se tornarão á forteleza com muyto prazer.

Então os mouros aleuantarão todolas pouoações e se forão viuer mais longe; com que nom corrião tantas vezes, e todauia decião abaixo e fazião muyto mal, que cousa nom ousaua a sayr da pouoação, e se os nossos acodião os mouros fogião pelos matos dentro, porque os nossos ás vezes entrauão, mas erão muy mal tratados d'espingardas e frechas, que lhe tirauão outros que estauão dentro no mato onde os nossos nom podião entrar, e tornauão muyto feridos, e frechados, desbaratados se tornauão. E estes mesmos trabalhos tinhão os nossos que estauão em Talangane em guarda da nao, que ás vezes sayão ao mar com dous paraos a pelejar com corocoras, que vinhão pelo mar e corrião após elles. Ao que os mouros armarão cilada, e hum dia aparecerão, e tomarão huma almadia em que escrauos dos portugueses andauão pescando, ao que sayrão os paraos. Em hum foy Luiz do Casal, e outro Pero Anriques, cada hum com dez portugueses espingardeiros; que sayrão, e forão após as corocoras, que lhe fogirão, leuando 'almadia. A que os nossos correrão pela tomar, até que forão dar na cilada, que muytas corocoras logo cerquarão o Luiz do Casal, que hia diante. O que vendo Pero Anriques fez volta e se colheo a Talangane, e o Luiz do Casal com os outros forão todos mortos, depois de muyto pelejarem. O que muyto sentio o capitão da forteleza, e logo se quis vingar, e fez prestes 'armada do mar, em que se embarqou com a milhor gente que tinha, e se foy a Tidore, donde vinhão as corocoras armadas; e hindo ao caminho lhe sayrão os mouros, que mais de cem velas [1] * armadas o forão * cometer. De que os nossos ficarão espantados de tamanha armada, de que nom sabião nada, e vendo a valentia dos mouros com que os forão cometer com suas gritas e tangeres, tirando muyta artelharia, sem auer medo á nossa que de todo-

[1] * armadas que o forão * Autogr.

los nauios lhe tirauão, em que a peleja foy grande, d'artelharia, e espingardadas e frechadas d'ambas as bandas, e tão valentes os mouros que, se tiuerão nauios fortes como os nossos, sem duvida que abalroarão; o que se tal fòra nenhum dos nossos escapara, segundo os mouros erão muytos, e bem armados e muyto esforçados. A qual auantagem conhecendo o capitão, se foy retirando pera trás. O que os outros assy fizerão até voltarem fogindo, * e * se colherão pera' forteleza, e os mouros correndo após elles, dandolhe apupadas. E Tristão d'Atayde fiqou muy abatido do temor que lhe os mouros tinhão; com que elle assentou de nom sayr mais ao mar, sómente gardar a forteleza, e ribeira, e a pouoação, porque se chegaua o tempo da monção que os nauios auião de partir pera' India; porque elle tinha auido grã soma de crauo, que os mercadores donos dos junqos comprauão pelos portos, onde lhe carregauão o seu que lhe leuauão pera' India graciosamente, e por isso os despachou todos, nom dando carga á nao d'ElRey, dizendo que com a guerra o feitor nom pudera auer crauo. Ao que Pero Rabello, feitor da nao, lhe fez requerimentos e protestos, por parte d'ElRey, elle pagar a perda que n'isso recebia, e mais a nao, que se perderia por auer dous annos que andaua no mar; o que todo protestou ElRey, o auer todo polo seu crauo que na India se achasse, que este anno hia de Maluco. Sobre o que lhe Tristão d'Atayde o enjuriou de más palauras. Pero Rabello era bom caualleiro, e rindose, como em zombaria, lhe disse: « Senhor capitão, tudo isso, » « e mais, podeis dizer, porque estaes em vosso poleiro, e eu, aquy on- » « de estou, nom estimo nada que me digaes nom façaes, requerindouos » « eu o que he seruiço d'ElRey nosso senhor, que vós desestimaes com » « essas palauras que me falaes, que o Gouernador e ElRey saberão en- » « teiramente; que ElRey nom ha de perder o seu. E d'isto, vós, ouvi- » « dor e escriuães da feitoria, me darês estormento pera que sua alteza » « nom perqua seu direito. » Do que o capitão nom deu por nada, e fez prestes hum nauio, em que mandou Diogo Sardinha, que fosse a Bandá e requeresse aos capitães de quaesquer nauios que hy estiuessem que o fossem secorrer, ou lhe mandassem secorro pera a forteleza, de gente, e de todolas quantas cousas comprião pera huma forteleza que nada tinha, e de tudo estaua em muyta falta, e mórmente de mantimentos, a que perecião á fome, porque todolas terras comarcãs, e vezinhos, e os propios da terra, estauão aleuantados, e lhe fazião tal guerra que se perderia a

forteleza com quantos n'ella estauão, se lhe nom acodião; e ao capitão de Malaca fosse fazer os propios requerimentos, e que, se logo nom acodisse com o secorro que compria, lh'encampaua a forteleza.

O qual foy ter a Bandá, onde achou Anrique Mendes de Vasconcellos, que lhe mandou hum junqo carregado de mantimentos e algumas roupas pera' feitoria, e n'elle doze portugueses, e poluora. E em companhia d'este junqo foy outro de hum castelhano, chamado dom Fernando de Monroyo, que ahy viera carregado de crauo, que tambem foy carregado de mantimentos, e com vinte portugueses a que fez bom pagamento e partido, que forão com elle.

Os mouros que correrão após o capitão, como já disse, ficarão tão soberbos e valentes que senhoreauão o mar sem nenhum temor, e chegauão muytas vezes a tirar á forteleza, porque ella lhe nom tiraua, que nom tinha poluora, e alguma que tinha a guardauão pera maior pressa, se viesse; e corrião per toda a ilha de Ternate, e cortauão todolas aruores de fruito de que os nossos se podião aproueitar, e todolas aruores do crauo, porque os nossos vissem que nom auião de ter crauo; o que fizerão por todolas ilhas em que auia crauo. E forão a Talangane, pera queimar a nao, em que os nossos tinhão estancias com artelharia, que tirauão da terra e nom da nao, por nom abrir, porque já fazia muyta agoa. E porque os mouros fizerão jangadas de leynha e materiaes pera chegarem á nao e a queimarem, Francisco de Sousa deitou muytas vigas n'agoa, e em cima outras feitas em grade, largas humas d'outras, que estauão aboyadas amarradas em ancoras que a grade tinhão afastada da nao, com que as jangadas nom podião chegar á nao; no que os nossos tinhão vigia de noite, porque nom lhe cortassem os cabos á grade. Os nossos começarão 'adoecer e morrer de fome, porque algum remedio de pexe, que pescauão alguns negros dos portugueses, os mouros acodirão a isso, e nom lhe escapaua almadia que nom tomassem: com que os nossos forão em toda' desesperação, e falauão e praguejauão do capitão, dizendo que elles padecião os males e roubos que fazião os capitães. O capitão, vendo o padecimento da gente que hia em crecimento, per conselho de todos mandou polo Çamarao dizer aos mouros, que nom cuidassem que com a guerra que fazião lhe fazião mais que estarem com fome; e que nom podia muyto durar, porque elle tinha mandado a Malaca, e lhe auia de vir tanta gente e mantimentos que elles se espanta-

rião; mas que elle folgaria que se viesse capitão pera' forteleza que elle a entregasse em paz, e todos amigos; que por tanto folgaria com elles tornar á paz que de primeiro sempre tiuerão. E esta messagem lhes mandou polo Çamarao, que hia falar com os mouros, com que muyto bradaua e apreßaua, mas secretamente lhes mandaua dizer que nom cessassem da guerra, descobrindo que os nossos já começauão a morrer á fome. Os mouros responderão que nom auião de fazer nenhuma paz com elle, nem com outro capitão que viesse, e que nom dauão nada, indaque viessem quantos portugueses ouvesse na India; porque vindo nom auião de os achar, que deixarião as terras e se hirião pera outras; e que nom achando que roubar, nem crauo pera carregar, logo acabarião, e se tornarião, porque o crauo sómente vinhão buscar, que elles já todo tinhão cortado, que nom naceria em dez annos; e que o mandasse elle vêr, se quigesse, o que fazião: sómente, por nom darem trabalho ás gentes, o deixarião hir em paz com toda a gente; e deixassem a terra despejada, e estarião assy; e se [1] * ouvissem * que o Gouernador da India era tão bom que d'elle fazia justiça de morte, então podia ser que tornarião á paz, se viessem bons capitães; mas que com elle nom farião senão toda' guerra que elles pudessem.

Com esta reposta tornado o Çamarao, que tecia todas trayções, o capitão e todos ficarão muy agastados, porque já nom tinhão cães nem gatos pera comer; sobre o que auidos conselhos, foy assentado que se metessem á guerra por mar e por terra, quanto pudessem, no que passarião menos trabalho, porque sempre acharião alguma cousa que comer, até Deos vir com a sua misericordia. Ao que todos se aperceberão, hindo pola terra a buscar algumas pouoações, que polo mar nom se atreuião, porque os mouros andauão possantes, e os nossos nom tinhão poluora com que pelejar. E com esta tanta necessidade forão correr pela ilha, muy longe, da outra banda, em que matarão alguma gente, e outros catiuauão, a que cortauão as mãos e os soltauão; e outros lhe esfolauão as cabeças, e descubertos os cascos, com hum olho quebrado, os soltauão; outros a que quebrauão as canas dos braços; e outros meos assados; e outros com páos como espetos atrauessados polos braços e pernas. Mas nem com todas estas cruezas os mouros nom cessauão da guerra,

[1] * ouvesse * Autogr.

que todo seu feito era elles queimarem e tudo destroirem, porque os nossos á fome morressem. O que assy fazião pouqos e pouqos; com que a Deos pedião misericordia [1].

Que estando n'este padecimento chegarão a Maluco os dous junqos, que já disse, que vinhão de Bandá. Com que os nossos tornarão a reçositar, e ouve grande prazer, tomando logo muyto esforço contra os mouros. Ao que o capitão logo concertou 'armada, e mandou a carauella de Simão Sodré, com duas barcaças muy armadas d'artelharia, com hum dos junqos, e outras embarcações de remo com oitenta homens, e os mandou estar no porto do Toloco, que se concertassem e encadeassem, que estiuessem feitos forteleza, e que as embarcações de remo corressem a costa e se tornassem a recolher, porque os mouros com suas muytas armadas nom auião de chegar 'abalroar, que nom tinhão nauios pera isso, e pois com 'artelharia já os nossos tinha poluora pera lhe fazerem todo mal. E outra tal armada, com o junqo do castelhano, mandou tomar o porto de Tabanga, em que era capitão mór em outra carauela hum João de Canha Pinto, bom caualleiro. Com que os mouros da ilha ficarão muy apertados, que nom podião entrar nem sayr pera fóra. Polo que o capitão se fez prestes com a gente a tomar a cidade do Toloco, em que auia muytos mouros fortes com huma ribanceira em que estauão muy poderosos; e mandou Francisco de Sousa com sessenta homens, que foy pela terra, per antre huns matos, com huma guia. O capitão deu na cidade, que os mouros da ribanceira muyto ferião os nossos com infinidade de pedras e frechas, e os nossos com as espingardas, que a guerra era muy forte; ao que chegou Francisco de Sousa, que lhe deu nas costas, com que logo forão desbaratados, fogindo pera o mato, ficando muytos mortos; e alguns que tomarão, [2] * feitas * n'elles grandes cruezas, viuos os soltauão, mas sempre com a mão direita cortada. Na cidade se tomou algum mantimento, que foy recolhido, e a cidade queimada. De que os mouros ouverão grande sentimento, e temendo o mais que os nossos auião de fazer, mandarão dizer a ElRey Dayalo, que estaua em Tidore, que elles querião despouoar a ilha, porque n'ella nom podião escapar aos nossos;

[1] E atreviam-se a appellar para a misericordia de Deus os algozes d'um povo cujo crime unico era dar-se no seu solo a droga, que enriquecia os seus perseguidores, indignos do nome de christãos, e até do de homens! [2] * feito * Autogr.

ao que lhe ElRey mandou dizer que muyto folgaria que nenhum ficasse em toda a ilha; que para isso elle lhe mandaria ajuda.

O capitão, vendo que os nossos hião tomando forças, quis seguir vitoria contra os mouros. Ordenou guerrear o reino de Geilolo, porque o Rey estaria descansado, nom lhe parecendo que os * [1] nossos estauão * em tempo pera tal cometer; e o capitão mandou Antonio Pereira com oitenta homens, em boa armada, que forão e derão saltos em algumas pouoações da borda d'agoa, em que punhão fogo; ao que os mouros acodião com muyta força, com que fazião depressa recolher os nossos, e ás vezes mal tratados. Com que se tornarão pera' forteleza.

Em Tidore os Reys tiuerão conselho como tirarião toda a gente da ilha de Ternate, e acordarão que os propios da ilha cometessem a paz, e lho mandarão dizer como o fizessem, os quaes o mandarão dizer ao Çamarao, regedor, que elles nom podião soffrer andarem desterrados polos matos, e suas molheres e filhos; que se querião tornar pera as pouoações viuer como d'antes; que *a* isto lhe désse segura paz, pera que todos se ajuntassem seguros, pera fazerem este assento de paz. E isto pera que estando juntos fossem as armadas, que elles mandarião, em que todos se embarcarião e passarião pera o Reyno de Geilolo; que este foy o ardil da fengida paz. E pera o pouó todo se poder ajuntar *pedião* mandasse despejar as armadas que estauão nos portos. Do que o capitão foy muyto contente, parecendolhe que isto era começo de todos fazerem paz; ao que o capitão mandou Francisco de Sousa, e Baltesar Vogado, em dous bargantis, com quinze homens em cada hum, que fossem fazer vir as armadas dos portos. Os quaes hindo, forão salteados das armadas dos mouros, que estauão em cilada, que os cometerão fortemente tirandolhe muyta artelharia, e assy os nossos pelejando fortemente; mas como os mouros erão muytos foy tomado o bargantim de Baltesar Vogado, e elle morto e todos os que hião com elle. O que vendo Francisco de Sousa fogio pera Talangane, onde estaua Tristão d'Atayde, que sabido o que era feito se foy logo pera' forteleza, temendo que os mouros d'armada fossem queimar a pouoação, ou a ribeira, a que elle tinha mór medo.

Os mouros do Rey de Geilolo fizerão a sorte de tomar o bargantim,

[1] *nossos nom estauão* Autogr.

que leuarão ao Rey, que com grande prazer lhe fez muytas mercês, por serem tão esforçados que abalroarão e tomarão bargantim de portugueses; ao que os mouros de Tidore ouverão grande enueja, e se [1] • determinarão • de tomar a primeira vela que saysse da forteleza, onde estaua o capitão, que nom ousaua de sayr d'ella sobre Talangane. Estaua em terra o filho do Çamarao, com muytos mouros metidos em ciladas, agardando tomar os portugueses, e outros muytos mouros andauão assy por toda a ilha; e hum dia, sayndo Francisco de Sousa com a gente e escrauos a cortar madeira, derão os mouros n'elles fortemente, com que os nossos fogirão pera' tranqueira, onde se defenderão com muyto trabalho, porque os mouros erão muytos, e todauia dos nossos forão quatorze mortos, e muytos feridos, • e • todos os escrauos. O que sabido do capitão, artilhou muyto bem huma fusta, em que se meteo com cincoenta portugueses, e foy caminho de Talangane, e hindo no caminho lhe sayo 'armada do Rey de Tidore, de que o capitão dizia que auia de tomar a primeira vela que saysse da forteleza, e cometerão o capitão tão fortemente que o hião alcançando pera o abalroarem; ao que, per acerto, hum pilouro deu na capitaina dos mouros, que a espedaçou, que todos ficarão a nado. Ao que os outros acodirão; no que o capitão teue espaço com que se acolheo a Talangane, e os mouros se tornarão a Tidore, ficando muytos afogados e feridos. Estando Tristão d'Atayde em Talangane, chegou hy hum junqo carregado de çagu, com que elle se tornou á forteleza, determinado nunqa mais sayr fóra, e todauia ter os dous portos tomados com as armadas que lá estauão, que sempre fazião alguns saltos em que tomauão mantimento, e tinhão muyto pexe que pescauão a bordo dos nauios.

Então se ajuntarão todos os Reys. Com suas armadas passarão muytos mouros á ilha de Tidore, que puserão em cerquo da forteleza, que continuamente, de dia e de noite, corrião em tal modo que nenhum portuguès saya fóra. Com que os nossos forão postos em tanta agonia que adoecião, e em pouqos dias morrião á fome, e desemparo de remedios que nom tinhão; com que os nossos chamauão pela misericordia de Nosso Senhor, que lhes valesse.

[1] • determirão • Autogr.

CAPITULO LXXXVII [1].

COMO O ACEDECÃO TORNOU A MANDAR HUM CAPITÃO COM GENTE QUE FOSSE GUERREAR AS TERRAS.

Vendo os mouros partir de Goa Martim Afonso com 'armada, pareceolhe que em Goa ficaria pouqa gente, e logo o Acedecão mandou hum capitão chamado [2] * Janebeque *, com muyta gente de pé e de cauallo muy cõncertados de guerra, que entrarão nas terras de Bardês, e tomarão as tanadarias, recolhendo as rendas. Onde o Gouernador mandou passar dom João Pereira, capitão de Goa, com cento e cincoenta de cauallo, e quatrocentos de pé, e seiscentos piães com seus capitães canarys; e passarão com o capitão honrados fidalgos, e caualleiros: dom Pedro de Meneses, João de Mendoça, João Jusarte Tição, Christouão de Brito, Pero de Sousa, Martim Correa, Lisuarte d'Andrade, Pero da Cunha, Francisco de Gouvea, Manuel de Vasconcellos, Galuão Viegas, João Viegas, Antonio de Reuoreda, Pero Godinho, Diogo Fernandes o adayl, e Payo Rodrigues d'Araujo, e Ruy Dias da Silueira, capitão dos espingardeiros. O Janebeque com sua gente estaua em hum palmar antre humas terras d'arroz, repartidos em duas capitanias, onde bem podião pelejar. Os nossos chegarão á vista d'elles ás noue horas do dia, e nom virão quantos erão, porque estauão metidos no palmar. Os nossos piães cometerão os mouros, e trás elles os nossos espingardeiros, que os de cauallo [3] * ficauão * nas costas; ao que os mouros sayrão com muytas frechas, e espingardas, e bombas, e se trauou grande peleja; ao que sayrão os de [4] * cauallo * muy furiosos. Contra elles sayrão os nossos; ao que se adiantou

[1] E' o LXXXI no original. [2] * Jancheque * Autogr. Gaspar Correa, não só chamou aqui Jancheque a este capitão, a quem n'outro logar deu o verdadeiro nome de Janebeque, que é o que tambem lhe dera *Castanh.* na *Hist. da Ind.*, Liv. VIII, Cap. CXXXVI; porém, levando o descuido ainda mais longe, e fazendo de dois homens um só homem, chegou a confundil-o com o Çarnabeque, cuja morte narrára no Cap. LXXXI da presente Lenda de Nuno da Cunha. Reparou-se o erro, com o auxilio d'*Andrada*, *Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. XXII. Em *Barros*, Dec. IV, Liv. VII, Cap. XV, se lê Janebec. [3] * ticauão * Autogr. [4] * caua * Id.

hum João Rodrigues Taful, que era jogador [1], e correo aos mouros. O seu cauallo era desenfreado, e foyse meter antre os mouros, onde foy morto, indaque lhe acodirão Lisuarte d'Andrade, Manuel de Vasconcellos, Galuão Viegas, e Francisco de Gouvea; em que acodirão muytos mouros, que sayrão do palmar. Ao que o capitão mandou tanger as trombetas, com que esforçou a gente; e deu Santiago, ao que os nossos cometerão os mouros de cauallo com grande esforço, porque virão os piães dos mouros meteremse polos arrozes, fogindo dos nossos. Onde Lisuarte d'Andrade d'encontro passou hum mouro de cauallo, que ambos se ajuntarão, e o mouro se abraçou com elle, que ambos forão ao chão; a que os mouros acodirão, e os nossos; onde Lisuarte d'Andrade sobio em outro cauallo, com tres feridas. Sendo esta briga grande, o capitão bradou, chamando alguns de cauallo, que o seguirão, e foy cometer outro magote de mouros, que nom entrauão na peleja, e estauão como gente que agardaua vêr o fim da peleja; os quaes mouros, vendo que os nossos os hião cometer, logo se puserão em fogida, porque virão sayr da peleja fogindo a [2] * Janebeque *. Os mouros que pelejauão, vendo fogir os outros, todos se poserão em fogida, a que os nossos seguirão o alcanço mais de huma legoa, em que muytos ficarão mortos, e catiuos nos arrozes mais de duzentos; e dos nossos forão tres mortos e muytos feridos. E porque a gente andaua muyta cansada, o capitão fez recolher, e se aposentou em hum pagode de pedra forte, onde os feridos forão curados, e repousarão, e comerão; e os nossos piães andauão correndo tudo, nom achando ninguem. E dormirão os nossos no pagode com suas vigias.

Ao outro dia o capitão correo as terras, e nom achou nenhuns mouros, e o [3] * Janebeque * se tornou pera o Acedecão, ferido, que logo morreo. O capitão com a gente se tornou a Goa: o que foy em o primeiro de setembro d'este anno de 536, e d'ahy a tres dias chegarão as naos do Reyno.

[1] De que *taful* era synonimo n'aquelle tempo, e por isso parece ser aqui alcunha. [2] * Sarnabeque * Autogr. [3] * Carnabeque * Id.

ARMADA

DE

JORGE CABRAL,

ANNO DE 536.

CAPITULO LXXXVIII [1].

Este anno partirão do Reyno cinqo naos, e por capitão mór d'ellas Jorge Cabral, fidalgo honrado, que depois foy Gouernador da India; e a primeira nao que chegou á barra de Goa, que foy a quatro dias de setembro, foy Ambrosio do Regq, em huma nao noua a que rendeo o masto grande em Guiné, e tornouse á Canaria, e se [2] * corregeo *, e tornou a seu caminho, e chegou a Goa primeiro que todas. E depois chegou Jorge Cabral, e Duarte Barreto, e Gaspar d'Azeuedo, e Vicente Gil, capitães das outras naos, que trouxerão todos boa gente. Nas cartas d'ElRey veo mandado ao Gouernador que Gracia de Sá fosse preso ao Reyno, com sua fazenda socrestada, por culpas que d'elle tinha. O que ElRey mandou muy retificadamente; que era acusado de males que fizera em Malaca, sendo capitão. Pelo que o Gouernador [3] * mandou em huma galé * Antonio da Silueira, que fosse estar em Baçaim e acabasse a forteleza; e com elle foy o ouvidor geral prender a Gracia de Sá, e lhe escreuer

[1] Não marcado no autographo. [2] * correo * Autogr. [3] * mandou Antonio da Silueira em huma galé * Id.

e socrestar toda sua fazenda, que foy aualiada em quinze mil cruzados, a que deu fiança e lha nom tirarão de poder. E na galé, com o ouvidor geral, se foy a Goa; de que o Gouernador ouve grande pezar, porque era muyto seu amigo, e lhe deu a cidade por prisão, e mandou que se fizesse prestes pera se hir nas naos, que nom foy, por cousas que socederão, e andou na India até que foy Gouernador d'ella, como adiante direy.

E porque o Gouernador nom sabia em que ponto andaua a guerra de Cochym, o Gouernador deu pressa a carregar as naos, e as mandou a Cochym, que darião fauor á guerra, se a ouvesse. E mandou n'ellas pera fazer a carga o ouvidor geral, que era Fernão Rodrigues de Castello Branco, doutor; porque veo prouido por ElRey que fosse védor da fazenda, e Pero Vaz se fosse pera o Reyno, por ter acabado seu tempo; e pera capitão de Cochym Antonio de Brito, a que logo o Gouernador mandou que fosse seruir sua capitania: que sendo todo despachado, e que se as naos partião de Goa, chegou ao Gouernador catur com apressado recado de Manuel de Sousa, capitão de Dio, que fosse lá, que muyto compria, por os mouros andarem aleuantados. O que todo era escrito ao Gouernador no inuerno, por terra, por cartas d'homens honrados, o que passaua, que era o seguinte.

Como os mouros entenderão que o Badur se arrependia de ter dado forteleza aos nossos, tanto que vio que os mogores lhe deixarão o reyno, andauão os mouros soberbos pela cidade, e fazião despresos aos nossos, e os encontrauão, e falauão más palauras, e aos que achauão a geito per ruas escusas lhe dauão pancadas, e os ferião e matarão alguns. Do que Manuel de Sousa se mandaua queixar ao Rao Medim, que estaua por capitão da cidade, que ficara em [1] * guarda * da mãy e molheres d'ElRey, e de muyto tisouro que hy tinha; o qual Rao respondia ao capitão da forteleza que elle mandasse cuidar aos portugueses de males e soberbas que fazião, e tomauão as cousas por força, sobre o que auião brigas; e Manuel de Sousa, como nom era homem muyto colerico do coração, nom queria guerra, e deitaua a culpa aos portugueses. Ao que elles nom tinhão paciencia, e praguejauão, e dizião que de fraqueza do coração era assy pacifico contra os males que lhe os mouros fazião. No qual tempo

[1] * guar * Autogr.

socedeo huma briga junto da cidade, casy á vista da forteleza, onde a cousa * foy * tal que forão tres portugueses mortos, e cinco ou seis feridos; ao que ouve grande aluoroço, e se armarão muytos portugueses pera acodir. Mas o capitão nom consentio que lá fossem; sómente elle acodio com huma cana na mão, que vissem os mouros que elle nom hia a pelejar, leuando sómente trinta alabardeiros de sua guarda, que sempre trazia, e dando pancadas com a cana nos portugueses, os fazendo que nom pelejassem. O que vendo o Rao, que * a * isso tambem acodira, fez recolher os mouros, que tornando acharão na cidade cinqo portugueses que andauão negociando, e os matarão; do que seus escrauos forão fogindo pera' forteleza, que o dixerão que os mouros matarão na cidade seus senhores. Ao que na gente houve grande aluoroço, bradando ao capitão que tal nom soffresse, e que pois erão nouecentos homens fosse dar na cidade, e a queimasse, e tomasse as molheres e mãy d'ElRey e metesse na forteleza, com quẽ pera sempre ficaria segura paz, que faria ElRey, por liurar sua mãy e molheres. O que assy o muyto bradou Lionel de Lima, capitão do baluarte do rio; e porque o Manuel de Sousa daua escusas, o Lionel de Lima lhe disse más palauras, e se foy pera seu baluarte.

E nom foy Portugal merecedor de tanto bem; porque, sem duvida, se nom fòra a fraqueza do capitão, que elle então dera na cidade, em que nom estauão mais que dous mil homens de gornição em companhia do Rao, que toda a mais gente erão mercadores, a cidade fòra tomada, e metida na forteleza a mãy e molheres d'ElRey, e cofres do tisouro, que já contey, em que estauão mais de cincoenta contos d'ouro. Se tal fòra, que tanta riqueza se ganhara, e mais a que ElRey dera por sua mãy e molheres, que dera outro tanto tisouro, e dera seguros arrefens como o Gouernador quisera, que pera sempre a forteleza ficara em paz, Deos sabe * o que acontecera *: o que assy nom foy. Então o capitão se mandou queixar ao Rao dos homens que matarão na cidade. Elle se escusou, dizendo que andauão buscando os mouros que os matarão, e que, como os achasse, diante da forteleza mandaria fazer justiça d'elles. D'estas cousas todas o Rao mandaua recado a ElRey, que andaua prouendo as suas terras, o qual, ouvindo estas cousas e a fraqueza do capitão, entroulhe no coração apetite de logo hir tomar a forteleza, e secretamente se veo com pouqa gente, e se meteo na quintã de Meliqueaz,

de noite, onde o Rao lhe deu conta. O Rao ao outro dia, per mandado d'ElRey, mandou ao capitão da forteleza corenta galinhas com as cabeças cortadas, dizendo que forão mortas pera ElRey cear hontem que chegára, e nom se fez d'ellas comer pera ElRey porque forão mortas, á maneira dos portugueses, sem o bysmela [1], que lhe nom fizerão, que he costume dos mouros. O capitão bem entendeo o recado, e respondeo que folgaua com a vinda d'ElRey, e assy com as galinhas, que as mandara dar aos doentes, com que logo forão sãos com a vinda d'ElRey, a que se auião de hir queixar de seus amigos e parentes que os mouros lhe matarão; «e que sem duvida que se os mouros toparem que lho hão» «de pagar, que nom ficará galinha nem frangam, e muyto lho milhor» «pagarão os galos, se acodirem, a que nom ficarão cabeças, nem pés,» «nem azas.» Da qual reposta ElRey fiqou agastado, que bem vio que já seus pensamentos se hião descobrindo, e n'isso andaua muyto cuidoso, que nom tinha seu coração repouso, porque era muy apetitoso, e as cousas que desejaua quisera elle fazelas, sem conselho dos seus, com as sotilezas de suas trayções. O capitão, como soube que ElRey estaua na quintã, nom consentio que nenhum portuguès fosse á cidade, nem os escrauos a comprar de comer; sómente hião comprar alguns moços mouros e guzarates, que por soldada seruião os portugueses. O que tudo ElRey sabia, e praticando com alguns, de que se fiaua, o modo per que poderia tomar a forteleza, pois o Gouernador com elle nom comprira o que lhe ficara, e lhe nom dera gente que com elle andasse na guerra, os seus capitães arreceauão de lhe dar conselho, porque se lho dauão, e lhe nom sahião bem * suas cousas *, dizia que lhe derão conselho errado e lhe mentirão, e por isso os mandaua matar. E todauia assentarão que se pusesse mãos na cousa, que era inuerno, em que nom aueria secorro indaque os nossos o pedissem; e que ElRey, com boas palauras d'amisade, mandasse pedir ao capitão duzentos homens espingardeiros pera trazer em sua guarda, como o Gouernador lhe deixara mandado quando se foy; porque queria hir visitar e vêr suas terras dos males que lhe os mogores fizerão. O capitão lhe respondeo que era verdade o que sua al-

[1] Nos Diccionarios não se encontra esta palavra. Não vem tampouco em *Castanheda*, que no Liv. VIII, Cap. CLIV, menciona o facto, nem em *Andrada*, que o repetiu, supprimindo-a.

teza dizia, mas que o Gouernador se fôra pera mandar estes homens de Baçaim, e que os nom mandou, o que seria por lhe esquecer; mas que como passasse o inuerno, que virião as naos do Reyno, em que viria muyta gente que o Gouernador mandara [1] * pedir, lhe mandaria * quanta quigesse; que da gente da forteleza que tinha, que nom erão mais que mil homens, lhe defendeo o Gouernador que nenhum apartasse de sy; e que por tanto os nom podia dar; e que estauão cansados das obras, que sempre trabalhauão, e se fossem andar no campo com chuvas do inuerno todos morrerião; que por tanto sua alteza deuia [2] * repousar * passando o inuerno, e no verão que logo viria o Gouernador com a gente do Reyno, que mandara pedir, e com toda o seruiria.

ElRey, como era homem acelerado e petitoso, disse aos seus que seu coração nom podia descansar soffrindo de nom fazer o que desejaua, e nom queria mais agardar, senão logo tomar a forteleza; ao que todos outorgarão que se fizesse sua vontade, e ordenarião como se fizesse; o que assy fiqou. N'esta noite ElRey falou com Coje Çafar, que elle achaua muy prudente e certo nas cousas que lhe mandaua, e lhe perguntou como poderia tomar a forteleza, que com seu conselho o queria fazer. O Coje Çafar era mouro granady [3], que sempre andara nas cousas da guerra, em que era muy entendido e muy pratico, e de sotyl esprito; e falandolhe ElRey isto, lhe respondeo com suas palauras de louvores e enxalçamentos, dizendo:

« Senhor, som estrangeiro, e nom terey [4] * tanto * saber que acerte »
« o que for tua vontade; mas direy o que entender, segundo o que te- »
« nho visto por muytas partes que andey, e mórmente porque vy muy- »
« tas cousas do grã Turqo, que he tamanho senhor como sabes, e o se- »
« nhorio que tem todo sostem * mais * com bons conselhos de paz que »
« com soberbas de guerras. O que, senhor, te digo, porque se quando »
« o Mogor te mandou seu embaixador sobre os Reynos do Sangá e Chi- »
« tor, n'isso tiueras conselho repousado, e com repostas dessimuladas »
« * o entretiueras *, com que entanto fizeras teus apercibimentos em tal »
« modo como compria, nom fôra como foy. E por tanto agora n'isto que »

[1] * pedir e lhe mandaria * Autogr. [2] * rousar * Id. [3] *Andrada* accrescenta: « Outra informação diz que este Cojeçafar era italiano renegado. *Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. XXXIII. [4] * tam * Autogr.

«queres começar, que he tomar esta forteleza, te digo que a nom has»
«de tomar por força d'armas senão com muyto trabalho, e com todo»
«teu poder, porque a isso ha d'acodir o Gouernador com todo o poder»
«da India; e a forteleza, assy como está, he tão poderosa d'artelharia»
«e gente que bem se sosterá até que lhe venha o secorro; porque as»
«gentes que pelejão detrás das paredes, cento pelejão e podem mais que»
«dez mil de fóra, como, senhor, viste em Rusena. E por tanto, o que»
«entendo he * que * nom deues ao presente romper guerra com os por-»
«tugueses; mas, encobrindo teu coração dos teus de que nom tiueres»
«muyta confiança, e com muyta dessimulação, te faze muyto amigo dos»
«portugueses, mostrando muyta confiança n'elles, e dá grande castigo»
«a quem lhes fizer mal. Dálhe grandes liberdades, fazelhe tuas gran-»
«des mercês; e muyto amigo com o capitão vay folgar á forteleza com»
«teus pages, em tal maneira que tanto lhe ganhes a vontade que elle»
«tambem te venha vêr a tua casa. E com estes modos póde ser que al-»
«gum dia venha a tua casa, onde o possas tomar, com alguns cem ho-»
«mens que com elle venhão, e com outros cento que andarão folgando»
«pela cidade; e com dar de supito na forteleza sem capitão, póde ser»
«que socederá o caso bom; mas os portugueses nas fortelezas sempre»
«tem dous capitães, que se hum morre, ou o catiuão fóra, fica outro,»
«e por pouqos que fiquem são tão emperrados que primeiro morrerão to-»
«dos que dar a forteleza. E quando isto nom for, será muyto mais se-»
«guro estar n'esta boa amisade pera quando vier o Gouernador, que o»
«hirás vêr, e folgar dentro na forteleza, e comer e beber, em tanta»
«amisade que o Gouernador faça outro tanto, que vá a tua casa a co-»
«mer e folgar algumas vezes; pera o que hum dia lhe farás conuite»
«em grande banquete, em que com elle hirão os capitães e fidalgos,»
«pera o que estará apercibimento prestes com que tomes o Gouerna-»
«dor, com quantos com elle estiuerem, e os portugueses que andarão»
«folgando pola cidade, onde manda em algumas ruas escusas estar mo-»
«lheres solteiras, que tenhão licença que se deitem com os portugue-»
«ses, ao que elles tantos virão, que de noite ficarão escondidos com»
«ellas. E * quando * com muyto poder de gente, que cometerão a [1] * for-»
«teleza, virem os portugueses * que o Gouernador e fidalgos som cati-»

[1] * a forteza e vendo os portugueses * Autogr.

« uos, ou [1] * mortos, e que, se nom * se quiserem entregar, todos [2] * se- »
« rão * logo mortos, então com este bom começo * faze * cometer a for- »
« teleza com todo teu poder, que nom se poderá defender, que lhe nom »
« poderá vir secorro que a defenda. E pera mais segurança, e mostra- »
« res tua grandeza, deues mandar recado que venhão os rumes que »
« mandaste chamar; e em tanto pera esta cousa manda fazer secreta- »
« mente muytos apercibimentos, que estêm prestes pera esta guerra, e »
« muyta armada que podes fazer, com que mandarás tomar todolas for- »
« telezas da India; ao que te farão toda' ajuda os senhores das terras »
« onde estão as fortelezas, que as mandarão cerquar e guerrear, donde »
« nom poderão sayr nenhuns portugueses, nem armadas pera andarem »
« no mar; com que sem duvida todo será teu, ganhado com tamanha »
« grandeza de teu estado que por todo o mundo serás ñomeado. »

ElRey, como era leue do siso, com sua vaydade muyto folgou com todas estas cousas, e as muyto praticou com Coje Çafar, dizendo que o milhor lhe parecia tomar a India, pera o que mandaria fazer quanta armada e apercibimentos ouvesse mester, que elle tudo lhe dixesse e ordenasse. Com o que Coje Çafar lhe beijou os pés por tão grande honra de confiança que n'elle tomaua, e pois tanto n'elle confiaua * lhe pedio * que * a * elle mandasse sempre com os recados á forteleza, com o que se meteria em muyta amisade com o capitão, a que daria alguns conselhos falsos, como em modo d'auisos d'amigo, com que lhe ganhasse muyta confiança que n'elle tiuesse, com que d'elle poderia tirar, e saber, e vêr per dentro pela forteleza muytas cousas, de que daria auiso a sua alteza, pera milhor fazer suas cousas. Com o qual albitre ElRey folgou sobre tudo, porque era sotileza de trayção; e deu riqa cabaya a Coje Çafar, dizendo que fizesse tudo o que lhe bem parecesse, porque n'elle tudo confiaua, e que, se Mafamede o ajudasse, elle seria o mór senhor de seu Reyno. E lhe mandou que todo quanto dinheiro quigesse, pera dar e gastar com os portugueses, o pedisse ao Rao, que elle lhe diria que lho désse. Do que se muyto encarregou o Coje Çafar, e o fez muy enteiramente, e com taes modos se deu á amisade dos portugueses, e do capitão, que de dia e de noite com elle falaua, e se meteo em modo de corretor, e querer vender e comprar, e armar naos pera fóra. E em tudo se [3] * mos-

[1] * mortos porque se nom * Autogr. [2] * sejão * Id. [3] * mostrar * Id.

traua * tão largo e liberal a todos, que a todos daua peças, e dinheiro, que homens pobres lhe pedião. E porque em sua casa lhe mandaua dar de comer, e elle assy comia com o capitão e feitor, onde muytas vezes dormia; e comia e bebia em casa do feitor e do capitão, e por outras casas d'homens honrados, porque todos muyto folgauão com elle, em tanta maneira que esperauão cada dia que se faria christão; com o qual modo, e outras sotilezas que tinha com o capitão em albitres pera auer dinheiro, sabia, via, entendia tudo o de dentro e de fóra. Do que tudo daua muy secretos auisos a ElRey, que estaua na cidade, mandando muytas vezes presentes de comer e visitações ao capitão, e andando folgando pola cidade, deitado em hum andor, com os seus priuados a pé que o acompanhauão, chegaua á porta da forteleza, onde, com só o postigo aberto, o capitão saya fóra falar a ElRey, que com elle estaua zombando, e se hia; e ás vezes entraua elle com seus pages, e dous ou tres, e nom queria que entrassem mais, e andaua pola forteleza, e hia vêr a igreija e as casas do capitão, que estauão muy concertadas, e se deitaua na cama, e estaua folgando, e se tornaua a hir, tão seguro como se a forteleza fôra sua, falando e zombando com todos. Mas nem com tudo isto os nossos lhe nom tinhão sã vontade, com a sospeita que tinhão em suas trayções, e dizião que, segundo a folosomia do Badur, estas cousas que nom erão senão mostras pera fazer traição. O Coje Çafar, que tudo regia, fez com ElRey que mandou a Meca hum seu sobrinho, com muyto dinheiro, e cartas ao embaixador que lá estaua, que fôra chamar os rumes, que fosse os pedir ao Turqo, e logo viessem; e na carta do Turqo lhe daua conta que determinaua deitar fóra da India os portugueses, e lha tomar; dandolhe conta do apercebimento que pera isso tinha de armas e armadas no mar, e do concerto e repostas que tinha dos Reys, e senhores das terras em que estauão fortelezas dos portugueses, que todos estauão prestes pera o ajudarem, aleuantandose contra elles, e lhe fazerem a guerra, com que nom podessem acodir ao mar, * a * que todolos mouros da costa da India * sayrião * pera ajudarem por todas partes; o que elle auia de começar como lhe chegassem os rumes que chamaua. Do qual recado muyto aprouve ao Turqo, que logo mandou recado ao Rey de Misey, seu vassallo, que tem o senhorio dos portos do Estreito, a que mandou que se concertassem as galés que estauão em Suez, o que se fez com muyta diligencia.

CAPITULO LXXXIX [1].

DOS AUISOS FALSOS QUE COJE ÇAFAR DAUA AO CAPITÃO DA FORTELEZA, E DAS MESSAGENS QUE MANDOU AOS REYS DA COSTA DA INDIA, PERA QUE SE ALEUANTASSEM CONTRA OS PORTUGUESES, E REPOSTAS QUE OUVE.

O mouro Coje Çafar andaua de grande auiso porque nom fosse descuberta sua trayção, e pera se encobrir, e d'elle confiar o capitão, lhe descobria algumas cousas que lhe parecia que se o capitão as soubesse, sem elle lhas descobrir, seria tomado na trayção. Com este auiso, que em sy trazia, dixe, em segredo, ao capitão que em alguns lugares mandaua El-Rey fazer muytas armas, cofos, treçados, zagunchos, arqos, frechas, espingardas, e espingardões; e que lhe dizião que ElRey o mandaua fazer porque a gente do reino toda ficara sem armas, mas que lhe nom parecia verdade, porque a gente da guerra toda fazião suas armas de que jogauão; e mais que em alguns lugares se fazião galeotas e fustas. El-Rey, mostrando que se desenfadaua, mandaua fazer fustas em Dio, e as deitaua ao mar, e as mandaua que andassem no rio a remo, a vêr quem mais remaua, e com esta dessimulação fez corenta fustas e galeotas. Dizia Coje Çafar que ElRey era tão doudo que fazia aquillo sem necessidade, sómente por ter que fazer; que tambem em outras partes mandara fazer armada, e dizia que a auia de mandar ao Sinde guerrear os portos dos resbutos. Tudo o Coje Çafar descobria, mas a verdade gardaua; o que tudo isto o capitão escreuia ao Gouernador, muyto lhe pedindo que como o tempo désse lugar fosse a Dio, porque sem duvida tinha auer aleuantamento contra a forteleza, o que nom seria se elle fosse; e o Gouernador n'isso assentou hir a Dio como tiuesse tempo. ElRey estaua tão doudo, parecendolhe que, chegando os rumes, com os aprecibimentos que tinha tomaria a forteleza, mas porque nom fosse secorrido do Gouernador compria isto atalhar, que seria aleuantando a guerra a Goa e a todolas fortelezas da India, e polo mar as armadas dos mouros do Malauar, o que lhe parecia que tudo tinha na mão; [2] * que *, com esta fantesia, mandou messigeiros a todos os senhores da costa da India, * e * ao

[1] O LXXXIII do original. [2] * E * Autogr.

Izam Maluco carta d'assento de paz e amisade pera sempre, com lhe dar ajuda de suas gentes quando lhe comprisse; queixandose dos muytos bens que tinha feito ao Gouernador, dandolhe forteleza em Dio e muyto dinheiro a elle, e a todolos portugueses fazendo muytas mercês, cuidando que os ganhaua por amigos pera o ajudarem no trabalho de seu reino com os mogores, que lhe o Gouernador prometera com juramentos e falsidades, que nada lhe compria, mas antes agora, com soberba, lhe matauão e roubauão os mercadores dentro na cidade, e estauão aleuantados na forteleza, e lhe fazião muytas offensas; polo que elle tinha já seu Reyno em paz dos mogores, e tinha mandado dinheiro a Meca, e estauão já prestes dez mil rumes pera virem n'esta monção, e elle tinha feito todolos apercibimentos que compria pera a terra, e tinha feitas duzentas fustas e galeotas com muyta artelharia, que se ajuntarião com as galés que trarião os rumes, pera no mar pelejarem com o Gouernador; e que pois os nossos tantos males, de roubos, mortes, forças, tinhão feito por todolas partes, como elles sabião, obrigados erão todos 'acodir pola santa ley de seu Mafamede, pera saluação de suas almas, e todos ajudassem como estes males acabassem, e 'ajuda que podião dar abastaua sómente, tanto que os rumes fossem chegados, elle mandasse guerrear a forteleza de Chaul, com que fizesse impidimento com que os nossos nom acodissem ao mar 'ajudar o Gouernador contra os rumes; com que então lhe tomaria a forteleza, que lhe ficaria em poder, em que teria sua gente, e guardaria seu porto de todos os males que os nossos lhe fazião. E com isto outras muytas rezões de sua grande vaydade.

O Izam Maluco, que era muyto sesudo, entendeo bem este caso, que era querer o Badur que elle lh'empedisse os nossos porque nom secorressem a Dio, pera elle mais á sua vontade poder tomar a forteleza; que quanto aos rumes que esperauà, e com sua armada tomar a India aos nossos, isto era vento mal cuidado, com que lhe os mogores tomarão e destroirão seu Reyno. O que todo bem praticado com os do seu conselho, respondeo ao Badur que elle aceitaua sua amisade assy como lhe dizia; e que quanto ao mais de sua determinação lhe parecia bem; que pera isso estaria prestes, porque, como visse o começo, elle logo faria sua obra contra os nossos, com muyta vontade. Com a qual reposta o Badur fiqou muy satisfeito e contente.

A propia embaixada mandou per outro embaixador ao Idalcão, o

qual lhe respondeo que Goa nom era dos portugueses senão porque elle queria, per alguns respeitos que era escusado os falar, mas que deitando elle os portugueses fóra de Dio, juraua, por sua cabeça, que elle logo deitaria de Goa os portugueses, aindaque tinhão feitas mais fortes casas que em Dio; e que os portugueses erão tão máos, que antes morrerão todos que largar huma casa de palha, quanto mais forteleza, que o Çamorym, com todo seu poder, em todo hum inuerno nom pôde tomar huma que tinha dentro em sua cidade, e lha defenderão tresentos portugueses que dentro estauão, meos doentes e mortos de fome; que por tanto, se tinha lançado boa conta a estas cousas, e á forteleza que tinha em Dio, que lhe dizião que era a mais forte e poderosa que auia na India, com duzentos tiros grossos, e com mil homens dentro; que se a tudo tinha feita boa conta que bem lhe sayria a obra, pera o que elle estaua muy prestes, tanto que visse o bom começo que dizia que tinha tão concertado como dizia.

O Rey de Calecut, ouvida a embaixada do Badur, mostrou muyto prazer, e respondeo que elle já estaua na guerra com ElRey de Cochym, a que ajudaua Martim Afonso com mil e quinhentos portugueses que trazia; que elle teria maneira com que sempre os acupasse, em modo que nom pudessem acodir a outra cousa, por nom perderem a carga da pimenta, sobre que antes auião de andar que acodir a quantas guerras [1] * ouvesse * na India; e que logo mandaria fazer muyta armada, que estaria prestes, em que acoderião todolos mouros de seu Reyno, a que mandaria que estiuessem pera isso prestes.

O Rey de Cananor lhe respondeo falando com o messigeiro, dizendo que se o Badur tal determinaua a vida lhe auia de custar, porque a guerra com os portugueses nom era fogindo a cauallo, mas que auia de ser a pé quêdo; que ao feito assy como o visse assy faria, mas se lhe pedira conselho tal lho nom dera como tinha tomado; que olhasse bem o que começaua, porque nom era muyto começar, mas 'acabar se auia d'olhar.

O Badur com estas repostas fiqou muyto contente, segundo sua doudice, dando de todo conta a Coje Çafar, que o ajudou ao contentamento que lhe vio; mas elle bem vio que as repostas nom erão pera o [2] * Ba-

[1] * ouver * Autogr. [2] * Badur nom estar * Id.

dur estar * tão contente como estaua; o que lhe elle nom queria contradizer, affirmando a ElRey que nenhuma cousa era milhor de todas que, com muyta dessimulação, mostrar que tinha muyta confiança nos nossos, lhe fazendo todos fauores e mercês que lhe pedissem: o que ElRey assy fazia. Mandaua chamar os portugueses que soubessem lutar, e os mandaua lutar, e daua cabaya ao que vencia; e muytas vezes entraua na forteleza, e estaua hum pouqo em casa do capitão, e ás vezes comia conserua e bebia má agoa, que lhe trazião seus pages, e ás vezes bebia d'agoa do capitão por seus púcuros; que erão isto tantas deuassidades, que n'ellas bem se entendia que nom erão a todo bom fim.

E huma noite, já casy dez horas, veo á forteleza com tochas e pouqos dos seus, batendo á porta. Sendo dito a*o* capitão, elle lhe veo abrir o postigo, com a gente do quarto da vigia, que sempre vigiauão armados, e com quatro tochas acezas; com que as d'ElRey nom entrarão, sómente tres homens e quatro pages, que ElRey nom quis que entrassem mais, porque ElRey vinha tomado do vinho, e entrando tomou o capitão pola mão, dizendo: «Capitão, dáme de comer, que trago fome.» Matandose de riso, e entrando em casa do capitão se foy deitar em hum esquife, volteandose muytas vezes com o afrontamento do vinho, com a fala muyto trouada, que bem parecia sua bebedice; e cantaua e falaua comsigo mesmo, dizendo: «Franqy choquegandy mar mar; que dizia:» «portugueses roins, darlhe, darlhe' matar.» Os seus falauão com o capitão, e com os que com elle estauão, em outras cousas, e falauão alto, porque os nossos nom atentassem o que ElRey dizia, e rião do que dizia, e zombauão, dizendo que quando ElRey estaua bebado era fóra de todo seu siso, que contra sua mãy ás vezes falaua mal. ElRey disse: «Capitão, se quiseres, eu serey teu catiuo, e te encherey esta forteleza» «de dinheiro; e porém nom me faças mal.» O capitão lhe dixe: «Se-» «nhor, aquy todos somos teus catiuos, e esta forteleza tua he.» Era lingoa o Santiago, que falaua a ElRey, e elle cospialhe, e todos zombauão e rião; mas homens que hy estauão dizião, porque o Santiago os nom entendesse: «As falas d'ElRey são do Deos que fez o vinho, e nunqua» «o bebado fala senão o que tem no coração, e nom se deue de perder» «tão bom vinho que say d'ElRey.» E falauão isto com o capitão, que elle bem entendeo que o gauião que estaua nas piós estaua seguro, e quem o solta ás vezes se arrepende, *e* cada hum tome o que lhe Deos dá.

Mas o capitão a tudo dessimulou, e se mostrou menencorio, dizendo que ninguem nom falasse se ElRey quigesse dormir. E sem duvida, segundo depois affirmarão os que ally estauão, que se elles souberão o que o capitão tinha sabido elles se amotinarão, e prenderão ElRey, que se a ventura quisera que ElRey fôra preso certo estaua, que fazendolhe hum medo, mandára aos seus que nom bolissem, e dentro á forteleza mandára trazer sua mãy e molheres, e seu tisouro, que era tamanho que pera sempre Portugal ficara riquissimo, e com muyto mais que ElRey dera por seu resgate; mas tanta boa ventura nom a mererecerão nossos pecados. ElRey esteue assy falando suas boas bebidices hum pedaço, e foy arrefecendo, e se foy casy cayndo, já depois de mea noite. O Rao, vendo hir ElRey assy trouado do vinho, com alguns dos seus se foy andar derrador da forteleza, escutando se auia alguma reuolta, e vendo sayr ElRey, sem o vêr, se recolheo. ElRey dormio; ao outro dia negaua que nom fôra á forteleza, nem os seus lhe quiserão dizer as cousas que elle falara.

O Coje Çafar, que d'isto nom soube nada, veo á forteleza, e dixe ao capitão que hum seu criado vira de noite, derrador da forteleza, o Rao com gente calada, que nom sabia o que buscaua. Dizendo isto ao capitão por auiso elle lhe deu os agardicimentos. Então lhe contou como ElRey de noite viera á forteleza, bebado, cantando e folgando, e falando bebedices. O Coje Çafar fiqou trouado e dessimulou, dizendo que o homem que se tomaua do vinho pera nada prestaua, porque ás vezes se embebedaria em hora má, que lhe aqueceria algum mal; e por essa causa o Rao parece que vinha escutar se ElRey faria alguma doudice, como ás vezes fazia estando bebado.

Ao outro dia ouve grande praguejar do capitão porque nom prendera ElRey, e abertamente * dizião * que o nom fizera senão de fraqueza do coração. Os da parte do capitão sostentauão * o contrairo *, dizendo que se tal fizera merecera muyta pena, porque n'isso fizera trayção, a quebrar a verdade d'ElRey nosso senhor, e seu grande credito, com que ganhára a India; que sobre todolas cousas se deuia de guardar, porque, tal se fazendo, pera sempre ficára desacreditado per todolas terras. Outros dizião outras muytas faltas e quebras erão passadas na India; o que nom fôra estranhado, porque os Reys e grandes senhores d'estas partes da India o muyto costumauão, e nom se estranhaua antre elles, e

mais que depois, sabendo a causa, como já tinhão sabido, elles disserão que fôra bem feito.

CAPITULO XC [1].

DO QUE MAIS SOCEDEO NA GUERRA DE GOA, E * COMO * FOY DESFEITO O CASTELLO DE RACHOL.

VENDO o Acedecão que sempre seus capitães erão desbaratados dos nossos, elle em pessoa determinou andar na guerra, e fez aprecibimento de muyta gente de pé e de cauallo, bem concertada, e entrou nas terras de Salsete, e assentou seu arrayal mea legoa do castello, com tenção de o cerquar, que cousa lhe * nom * entrasse, e o tomar com quantos n'elle estauão. Ao que fez sobre o passo do rio, de ambas as bandas, muy fortes tranqueiras de palmeiras, entulhadas com rama e pedra e vaza, muyto largas e fortes, que nom auia cousa que as desbaratasse. E fez d'esta sorte hum baluarte com muytos tiros, em hum morro que ficaua sobre o rio, que o defendia com muyta artelharia. Andaua em guarda d'este rio Gonçalo Vaz Coutinho, e Anrique de Mello Coutinho, e Jorge de Mello Soares, em huma albetoça e duas galeotas, que erão hidos n'ellas 'Agacim a tomar mantimentos pera' gente, e tornando acharão o esteiro atrauessado com muytas palmeiras, que auia mester muyta gente pera as tirarem, o que defendião as estancias com muytos frecheiros, e espingardeiros, e virotões de fogo, e do baluarte 'artelharia. O que vendo os capitães como a cousa estaua, o mandarão dizer ao Gouernador. Elle, nom cuidando o que era, mandou tres catures com pouqa gente. Pelo que então Anrique de Mello foy a Goa dizer ao Gouernador a cousa como estaua, e o poder de gente que auia mester pera o desfazer. Ao que o Gouernador mandou dom Gonçalo Coutinho, que então entrara na capitania de Goa, porque dom João acabara seu tempo; e o mandou com muytas fustas bem armadas, com oitocentos portugueses, e capitães nas embarcações Manuel de Lima, Francisco de Vasconcellos, Tristão Homem, Ruy Dias da Silueira, Diogo Botelho, e outros fidalgos. E foy ordenado que Lionel de Lima, e Gonçalo Vaz Coutinho, n'albetoça fossem tirando ás estancias, defendendo muytos [2] * canarins * piães que auião de des-

[1] E' o LXXXIV do original. [2] * canarias * Autogr.

atrauessar as palmeiras do rio; e que Ruy Dias da Silueira e Tristão Homem, com duzentos homens, e Jorge de Mello Soares e Diogo Botelho com outros duzentos homens, desembarcassem, e cada hum por seu cabo fossem dar nas costas do baluarte; e dom Gonçalo com a mais gente desembarcasse da banda do [1] *castello*, e quando dom Gonçalo desembarcasse auia de tanger as trombetas, pera que os capitães da terra dessem no baluarte; o que tudo auia de ser em amanhecendo. Os mouros acodirão ás estancias e estacadas, tirando forte onde ouvião trabalhar os canarys que desatupião o rio das palmeiras. Todauia o rio foy desempachado, e dom Gonçalo foy na dianteira pera desembarcar no rostro do baluarte, a que nom pòde chegar, porque a sua fusta enseqou, que era grande e com muyta gente; ao que se passou a hum catur, e a gente em outro, onde a pressa era muy grande polos muytos pelouros do baluarte, que com esta pressa nom ouve lembrança das trombetas, nem sómente de leuar a bandeira, e foy áuante, e chegando diante d'elle em huma almadia desembarqou Heytor Borralho, adayl de Goa, Bastião Teixeira, e João Pinheiro, mulato, que *forão* os primeiros que cometerão sobir, e após elles outros; onde antes d'esta chegada já dos nossos auia muytos feridos, e mortos dos tiros. E ao cometer do baluarte a guerra foy muy ferida, porque os mouros pelejauão fortemente, com que alguns dos nossos deitarão fóra do muro; onde dom Gonçalo Coutinho lhe deu no braço esquerdo hum pilouro d'espingardão, que lho quebrou, com que mais nom pòde pelejar, e lhe derão tantas pedradas que aterdoado cayo do baluarte abaixo. O que assy fizerão a todos, que forão as pedras, e frechas e panelas de poluora, que todos os nossos deitarão abaixo do baluarte: ao que os mouros dauão gritas. Lionel de Lima e Francisco de Vasconcellos, capitães, que forão com a gente que auião de dar nas costas dos mouros na ribanceira que estaua sobre o baluarte, que esperauão o sinal das trombetas que auia de fazer dom Gonçalo, nom ouvindo o sinal forão cometer a ribanceira per detrás, per huns arrozaes; a que os mouros decerão aos receber tão fortemente de pé e de cauallo, e tantos pelejando tão fortemente, derribando e ferindo os nossos, que assy fortemente pelejarão os dianteiros, sostendo a grã força dos mouros, o que vendo os que hião detrás nom ousarão hir áuante, e voltarão

[1] *estelo* Autogr.

fogindo per' as embarcações; sobre que acodirão os mouros das estancias, e apretarão tão fortemente com os nossos, que se meterão tantos nas almadias que se alagarão, e dous catures que seçobrarão, em que morrerão passante de trinta portugueses, afóra outros tantos feridos, que andauão fogindo polos arrozaes, onde os catiuarão. E no feito de dom Gonçalo ficarão quinze mortos, e mais de cincoenta feridos e queimados das panelas, e mortos Tristão Homem, e Simão de Lima, e Lionel de Lima. E recolhidos todos com esta má ventura se forão 'Agacim, onde se acharão menos oitenta portugueses e cento e setenta canarys, e dos portugueses feridos inda morrerão alguns.

O Acedecão recolheo os catiuos, que estaua d'ahy a mea legoa, e os mandou muyto bem curar, e a todos mandou ao Gouernador, que erão trinta e quatro, e per elles mandou dizer ao Gouernador com seu messigeiro que nom quigesse usar de tão má guerra, pois lhe Deos mostraua a verdade; que elle nom auia mester os portugueses mortos, nem os viuos por catiuos, que lhos mandaua, muyto lhe pedindo e rogando que cessasse da guerra, e mandasse desfazer o castello; e se o nom fizesse, d'isso lhe désse a camara da cidade estormentos pera ElRey. Mas o Gouernador estaua muy anojado, e nom respondeo a*o* messigeiro, e mandou que se tornasse, que elle mandaria reposta ao Acedecão. Com que os fidalgos e toda a gente muyto cramaua e praguejauão, fazendo aluoroço, dizendo que o homem que mais fosse pelejar auia mester que o enforcassem. O que todo o Gouernador sabia, e os fidalgos lho bradauão, ao que elle nada abrandaua, e auendo conselho comsigo mesmo, vendo as cartas de Dio, a que compria acodir, e a guerra de Cochym, que tanto importaua, e esta guerra da terra firme, contra vontade da gente, que tanto lhe estoruaua, falou com Pero de Faria, e em segredo lhe disse o que auia de fazer, e mandou com Gonçalo Vaz Coutinho, João Jusarte Tição, Ruy Dias Pereira, que forão em barcaças grandes como alyuadoyras, e quatro fustas com gente, e o mandou que trabalhassem por desfazer o baluarte que o Acedecão fazia de cada vez mais forte, que já cousa nenhuma nom passaua pera o castello, em que os nossos estauão muy apertados. O que vendo Pero de Faria mandou que nom bolissem em nada, e se meteo em huma almadia com huma bandeirinha branqa, e se foy ao baluarte, e mandou dizer ao Acedecão que elle queria hir falar com elle, que estaua d'ahy mea legoa; o que ouvido polo Acede-

cão folgou, e mandou o seu annel da chapa com que fosse seguro; e foy onde estaua o Acedecão, que o recebeo com honra, e lhe disse que o Gouernador o mandara com armada a gardar o rio, mas que elle queria trabalhar como se acabasse tanto trabalho; que por tanto mandasse o seu messigeiro ao Gouernador, com apontamento de como queria que se fizesse concerto de paz, porque a camara da cidade n'isso queria entender; e em quanto n'isto andassem tudo estiuesse em tregoa e boa paz. Do que aprouve muyto ao Acedecão; e mandou que tudo estiuesse em paz e franqo, que fossem e viessem huns e outros; com que toda a gente muyto folgou. E o Acedecão mandou seu messigeiro ao Gouernador, dizendo que a paz fosse assentada como d'antes, e que o castello se desfizesse, e que as partes ficassem com as perdas, e lhe largasse as tanadarias. Como este messigeiro partio, que todos ficarão em paz, as embarcações se forão ao castello, onde n'esta noite recolherão 'artelharia e quanto estaua no castello, e os bombardeiros fizerão minas de poluora debaixo das paredes, bem concertadas. Em quanto se isto fazia, que huma barcaça era carregada se tornaua polo rio remando, e os marinheiros cantando; e antes que fosse menhã já todos erão passados do baluarte, e sendo menhã crara, Pero de Faria só, per derradeiro se veo, deixando fogo posto nas minas, que chegou depois do meo dia, que arrebentarão com tão grande tremor da terra e terramoto que fez espanto. O que sendo dito ao Acedecão fiqou muy agastado do engano que lhe fizera Pero de Faria, assy com tal manha derrubar o castello, que elle tinha seguro na mão pera o tomar com quantos dentro estauão, com que ganhara grande honra, e lhe ficara a boa artelharia que tinha, e com os catiuos fizera as pazes á sua vontade. Do que mandou seu recado a Pero de Faria, dizendo que nom cuidauá que tal engano e enjuria lhe fizesse. Elle lhe respondeo que por isso lhe deuera mandar huma rica cabaya, pois o tirara de trabalho, e que viria o seu messigeiro com a reposta do Gouernador e aueria prazer. Como o Gouernador teue recado de Pero de Faria que o castello era derrubado, respondeo ao Acedecão que já lhe fizera a vontade em tirar o castello donde estaua, e que nas tanadarias nom falasse nada, que as auia de ter, até que se entregasse dos gastos que fizera no castello e nas guerras que lhe tinha feitas, O Acedecão, ouvindo tal reposta, lhe mandou, per sua carta, dizer que as perdas da guerra e do castello elle folgaria de logo pagar em dinheiro de contado,

com tanto que elle pagasse a ElRey mais de quatrocentos portugueses, que erão mortos na guerra que elle fizera tanto contra rezão; e que os gastos que fizera se descontassem dos roubos que os nossos tinhão feitos nas gentes e pouo das terras; e que as tanadarias, que lhe nom queria largar tanto contra rezão, que Deos lhe faria tanto mal que elle lhas largasse sem lhas elle pedir; que por tanto ao presente se tornaua a Bilgão a descansar, que era muyto velho; e que em tanto estiuesse tudo [1] * em tregoa *. Do que muyto aprouve ão Gouernador, pela grande falta que em Goa auia de todolas cousas, que logo começarão a correr, com que Goa se tornou a restaurar da grande falta em que estaua de todolas de comer, e mórmente leinha pera os fornos.

O Acedecão nom quis apertar com o Gouernador sobre as tanadarias, por * que * nom sabia o como ficaria com o Idalcão, porque tinha auisos, por cartas de seus amigos e espias secretas que trazia com o Idalcão, que tinha muyta vontade de o colher ás mãos e o matar, pelo que contra elle cometera pera lhe tomar seu Reyno; pelo que, sabendo que o castello era derribado polos nossos, e nom tomado pelo Acedecão, entendeo que tudo erão manhas do Acedecão, pois cessaua da guerra nom recolhendo as tanadarias. Ao que lhe mandou seu recado muyto dessimulado, dizendo que folgaua com ganhar tanta honra que com seu medo os nossos per sy derrubarão o castello; que abastaua; que descansasse do trabalho, que era velho; que as tanadarias nom lhe lembrassem, porque tempo aueria pera as tomar com a cidade de Goa: sobre o que compria hir falar com elle. O Acedecão, que era muy entendido, a tudo respondeo ao Idalcão, e á sua hida, que elle se achaua muy mal de seus trabalhos; que o nom soffria sua velhice; que auendo boa disposição faria seu mandado. O Acedecão soube da messagem do Rey de Cambaya, de que ouve muyto pesar, porque se Goa fosse tomada, que elle nom tiuesse as costas e fauor dos nossos, elle logo seria morto, que era a principal cousa com que o Idalcão ouve prazer da embaixada do Rey de Cambaya, que esperaua que cedo faria seu feito, e por isso nom apertou muyto com o Acedecão, o qual, como era muyto sagaz e sabido, mandou sua carta ao Idalcão, dizendo que de Goa lhe mandarão dizer, bramenes seus amigos, como o Rey de Cambaya se queria aleuantar contra os portu-

[1] * hetregoado * Autogr.

gueses, por mar e por terra, pera o que tinha grandes apercebimentos, e grossa armada pelos portos de Cambaya; * o * que lhe fazia a saber, porque se tal fosse, elle só, tinha apercebimento per' hir tomar Goa como a cousa se bolisse, que seria o mór prazer que podia vêr em sua velhice, vêr tornada Goa a seu poderio; cousa de tão grande sua honra. O Idalcão isto não entendeo, e lhe mandou dizer que elle tinha messagem do Rey de Cambaya, pelo que muyto folgaria que o fôsse vêr, pera com elle falar o que compria pera o caso. Ao que o Acedecão, fengidamente mostrando muyto prazer, se fez prestes pera partir, e secretamente de noite tomou huma meyzinha com que lhe acodio grande acidente, com que se fez mortal, e assy esteue muytos dias; com que escapou da hida, que bem sabia que o Idalcão o desejaua de colher á mão pera o matar.

O Gouernador, vendose desafrontado da guerra de Goa, e [1] * tendo * recado que o Çamorym era tornado a Calecut, e que o Martim Afonso andaua na costa, e que as naos auião começo de carga, descansou, e ordenou de se hir a Dio, porque lhe era vindo outro catur com cartas em que lhe o capitão de Dio muyto requeria que acodisse lá; dandolhe conta como ElRey tinha feitas muytas armadas nos portos da enseada, [2] * e as que estauão feitas em Dio * erão trinta fustas e galeotas, de que já mandara fóra tres, dizendo que as mandaua com seus recados onde lhe compria, e fazendo as outras prestes todas pera as mandar, muy concertadas e artilhadas, com muyta gente, que as mandaua a Mangalor ajuntar com outras pera hirem guerrear o Sinde, pera o que tambem auia mester os nossos nauios que estauão no rio, que os mandasse concertar; o que todo era falso, sómente os mandaua lá hyr porque esperaua que os rumes auião de vir ter a Mangalor n'este setembro; polo que lhe o capitão mandou dizer que o Gouernador lhe deixara em regimento que nom deixasse sayr do rio cousa nenhuma, até que elle fôsse, que auia de ser tanto que as naos do Reyno chegassem; do que ElRey se muyto agastara, e largára palauras agastadas, com que assás descobrira o mal que no coração trazia gardado contra os nossos; e que se muyto affirmaua que os rumes passarião este anno. E com isto lhe daua conta d'outras cousas; com que o Gouernador determinou logo se partir.

E por amansar estas cousas mandou Manuel de Macedo, em huma

[1] * tinha * Autogr. [2] * e que estaua feyta em Dyu * Id.

galé com muytos homens do Reyno, e carta a ElRey, dizendo que as naos erão chegadas, e que as despachaua á pressa, que se fossem a Cochym á carga, e esperaua por Martim Afonso, que mandara á guerra do Çamorym, que já era acabada, pera leuar comsigo Martim Afonso pera o hir seruir com mil homens dos que este anno vierão do Reyno, e outros mil da India, com que fosse correr seu Reyno e o assentar. O que a ElRey parecendo que assy era verdade fiqou com muy grande prazer, parecendolhe que colhendo na mão Martim Afonso, com tanta gente, seu feito era acabado como tinha no coração.

CAPITULO XCI [1].

COMO O ÇAMORYM TORNOU COM GRANDE PODER PERA PASSAR A COCHYM, E MARTIM AFONSO LHO DEFENDEO, E O QUE MAIS PASSOU.

O Çamorym, que se tornou a Calecut muy anojado de cometer a passagem e nom passar, trabalhou com que ajuntou muyto dinheiro d'emprestimo de seus amigos e mercadores, porque do tisouro do Reyno nom póde gastar, saluo auendo imigos que queirão tomar o Reyno; mas pera cousas de suas honras lhe nom dão nada. E com o dinheiro que ouve fez oitenta mil homens, em que auia dous mil espingardeiros, mouros e judeus, que auia muytos em Calecut; e com este poder tornou a Cochym, querendo passar acima de Cranganor, per humas terras de hum grande senhor chamado Mangate Caimal, que he poderoso em terras e gente tanto como ElRey de Cochym, e he seu sudito. E sendo dito ao Rey de Cochym o caminho que trazia o [2] * Çamorym, ouve * grande medo que perderia o Reyno, se o Mangate Caimal se confederasse com o Çamorym; o que logo foy falar com Antonio de Brito, capitão de Cochym, e ao védor da fazenda, os quaes logo mandarão recado a Martim Afonso, que logo acodio, e a todos juntos ElRey fez grandes escramações, e que olhassem o remedio que compria a nom passar o Çamorym, que passando, * vissem * o mal que seria feito em seu Reyno, e nos portugueses, indaque seu Reyno ficasse liure; e se o perdesse olhassem o que perdia Portugal; que por tanto elles ordenassem e mandassem, porque elle outra cousa nom faria senão seu mandado. Sobre o que, auen-

[1] O LXXXV do original. [2] * Çamorym ao que ouve * Autogr.

do conselho com todos os homens que erão pera [1] * isso, foy * assentado que nada se falasse ao Mangate Caimal, porque seria mostrar que [2] * d'elle * desconfiauão, mas estiuesse tudo prestes até vêr o que se fazia; e que auendo algum mouimento assy como vissem assy farião; mas que por atalhar a esta contenda que trazia o Çamorym, por se hir coroar no padrão de Repelim, seria bom hir logo lá, e destroir Repelim, e trazer o padrão a Cochym, ou pera melhor, o quebrar em pedaços e o deitar no mar, com que acabarião as contendas. Ao que ElRey de Cochym respondeo que esse seria o derradeiro remedio, e cousa que seria grande sua honra; mas que ao presente se nom podia fazer, porque acupandose n'isso em tanto o Çamorym entraria no Reyno, pelo que tudo seria perdido, porque o Rey de Repelim tinha ahy junto hum irmão, senhor de muyta gente, que se ajuntarião, e auia de ser muyto trabalhoso destroir Repelim; com que então lhe ficaria o fogo per duas partes: pelo que a elle parecia milhor se apreceber com suas gentes, e estar prestes até vêr o que faria o Mangate Caimal. O que assy a todos pareceo bem, e soestiuerão, até que chegou alguma gente do Çamorym á serra, onde logo empedirão a pimenta, que nom passou pera Cochym; e outra gente veo ao passo de Cranganor, onde logo lá acodio Antonio de Brito com alguma gente, a guardar o passo; e tambem chegou outra gente ás terras do Mangate Caimal, onde logo foy Martim Afonso com alguns capitães, em modo que o hia visitar, e se mandasse logo ficaria com elle como seu lascarym, indaque elle bem sabia que o Çamorym nom ousaria cometer passagem por suas terras, sabendo quão grande senhor era: o que todo assy falou ao Mangate, que lhe fez muytas honras pelos louvores que lhe daua, com muytos oferecimentos, dizendo que soubesse certo o Çamorym que quantos dos seus entrassem em suas terras ally auião de deixar os pés; o que lhe Martim Afonso muyto louvou e engrandeceo. Com que se tornou a Cochym; com que muyto alegrou ElRey de Cochym com a reposta do Mangate. E por mais perfeição, pareceo bem a todos que o védor da fazenda fosse visitar o Mangate, e lhe léuasse presente. O que assy foy feito, e lhe leuou huma peça de cytym cremisim, e dez páos de sandolo, e seis pães de canfora, e duas duzias de barretes vermelhos, e outras tantas bainhas de faquas; o que o Mangate recebeo,

[1] * pera isso em que foy * Autogr. [2] * de * Id.

e fez muyta honra ao védor da fazenda, que lhe disse que elle tinha em poder muyto dinheiro e fazenda d'ElRey de Portugal pera todo gastar em seruiço d'ElRey de Cochym, e com o capitão da forteleza e o capitão mór do mar tinha dous mil homens portugueses, que todos ally virião pera o seruir, pois o Çamorym vinha dizendo que auia de passar por suas terras; e o [1] * seruirião * no que elle mandasse até vir o Gouernador, que nom podia muyto tardar, que trazia gente pera tomar o Çamorym ás mãos, e o atar como galinha, pois nom era cauidado de tantas deshonras como já tinha recebido das mãos dos portugueses; mas pois a saluação de Cochym e dos portugueses tudo estaua em sua mão, elles estauão prestes pera fazer tudo quanto elle mandasse. O Mangate deu ao védor da fazenda grandes agardecimentos, dizendo que elle era homem que ponto da sua honra nom auia de perder sem primeiro perder a vida; que o Çamorym nom seria tão doudo que cometesse passar por suas terras, sem sua licença; e quando elle nom pudesse, sendo primeiro morto com todos os seus, então o Gouernador o viesse vingar, mas em tanto que elle fosse viuo era escusado o que lhe offerecia; que os portugueses estiuessem como estauão. Do que o védor da fazenda lhe deu seus grandes agardecimentos, e muytos louvores. Com que se tornou a Cochym, e contou a ElRey, e a todos, o que dizia o Mangate, com que todos ouverão muyto prazer.

A gente do Çamorym se pôs em hum campo, na borda de hum mato em que auia pouqas palmeiras, onde logo passou o capitão de Cochym com tresentos homens, todos com espingardas, com que logo cometeo algumas escaramuças, em que se nom fez cousa de contar. E tambem lá passou o principe de Cochym com doze mil nayres, com que se pôs no campo na companhia do capitão Antonio de Brito. O Rey da Pimenta estaua com ElRey de Cochym, com muyta gente, pera passarem ambos quando comprisse. O Çamorym se veo ajuntar com esta gente do campo; e nom cometeo a logo passar, que esperou que lhe chegasse toda sua gente, que cada dia lhe chegaua, auendo sempre escaramuça com os nossos, de cometimentos e pouqa obra, porque nom aturauão o campo, e seus cometimentos erão com os nayres, que nom pelejão senão pouqo espaço do dia, e não pelejão de noite nem ante menhã, nem tem

[1] * seruirão * Autogr.

ardis, nem saltos de guerra. São homens que dormem até dia craro, muy seguros, indaque estêm á vista dos imigos, e se aleuantão muy deuagar, e se vão lauar aos tanques, e lauados comem seu arroz, que elles cozem, e depois comem seu betele. Então tomão suas armas e se vão ao campo, que são adargas, espadas, lanças, arqos, frechas; alguns d'elles armados de laudeis de pannos de seda, e mórmente de viludo de Meca, acolchoados com algodão, muy fortes; de que tambem fazem ciruilheiras e [1] *goryoes*, e braçaes, e manoplas nos braços direitos, que antre elles nom ha nenhum esquerdo, porque aos esquerdos nom ensinão nenhum jogo d'armas, sómente os frecheiros, que tanto monta esquerdos como direitos; mas os mais d'elles nom tem mais que seus pannos encachados, branqos, vermelhos, amarellos, que são tezos como bocasym, que leuão derrador de sy e nas cabeças; com que vão muy louçãos. E muytos d'elles costumão *trazer* manilhas d'ouro vãs, cheas d'alacre, metidas nos braços da darga acima do cotouelo; e os que são mais riqos trazem ao pescoço arelhanas d'ouro, e arrecadas nas orelhas. E sendo no campo, que se põy em ordem de pelejar, os adargueiros se põy em áz dereita, muyto juntos postos em cócoras, e se cobrem das adargas, que nada parecem; e detrás d'elles alguns d'espingardas em outra áz, com os das lanças e arqos frecheiros, que todos estão baixos em cóqoras escudados dos adargueiros, e outros com huns páos d'arremesso, que são da grandura de huma costa de vaqua e assy voltados, que são de hum páo forte e muy pesado, com que tirão muy certeiros, que se dão em huma canella da perna dão com hum homem no chão, e ás vezes lhe quebra a canella, porque vão com muyta força. Então, assy postos em cóqoras, estão, e se vão chegando aos imigos, ora se chegando ora se afastando, fazendo seus remessos e frechadas. E ás vezes em todo hum dia nom fazem mais que estes cometimentos, até casy sol posto, que o Rey manda tanger seu atambor, que sendo ouvido de qualquer parte que seja logo todos se afastão; e atambor nom se toqua estando pelejando, senão estando quêdos, e nenhum bole mais com as armas, e se aleuantão, e ficão huns com outros falando como se forão grandes amigos, e contão por honra quem n'aquelle dia ganhou mais do campo. E ao outro dia, que tornão ao campo, prestesmente se vão tomar no campo

[1] *gorjeis* (?)

o lugar que ao outro dia tinhão ganhado, primeiro que os contrairos o tomem. Ás vezes nos cometimentos fazem chegadas huns a outros, que em breue espaço fica o campo cuberto de mortos e decepados, de que os vencedores leuão as armas, em sinal de vencimento, pera suas honras; que o Rey manda a seus escriuães que escreuão quantas aquelle dia ganhou. Aos mortos nom roubão nada, indaque estê cuberto d'ouro, que antre elles he auido por grande deshonra o vencedor roubar o morto, sómente as armas.

E n'estes modos de peleja estiuerão a gente do Çamorym e d'ElRey de Cochym muytos dias, até que ao Çamorym lhe chegou tanta gente com que se atreueo a passar e apertar nas pelejas; ao que lá acodyo Martim Afonso com toda a gente, onde os nossos espingardeiros lhe fazião tanto mal que muytas vezes nom querião sayr a campo, e outros dias nom pelejauão, por seus agoiros, em que ás vezes dez e doze dias nom pelejauão; onde assy estando chegarão a Cochym as naos da carga, que hião de Goa.

CAPITULO XCII [1].

COMO A ILHA DE REPELIM FOY DESTROYDA, E O PADRÃO TOMADO E LEUADO AO REY DE COCHYM, E O ÇAMORYM SE TORNOU A CALECUT.

Com a chegada das naos ouve no campo grande aluoroço, onde lá foy Jorge Cabral, capitão mór das naos, que foy falar aos Reys, dizendo que nas naos tinha mil homens com que seruiria no que mandassem. E porque Martim Afonso estaua agastado e enfadado de estar sem fazer nada, se ajuntou em conselho com o védor da fazenda, e o capitão de Cochym, e Diogo Pereira, e homens antigos em Cochym que bem entendião estas contendas d'estes Reys, pedindo o remedio que aueria pera se acabarem estas contendas d'antre estes Reys. O que praticado, dissérão que sendo Repelim destroido, e o padrão tomado e trazido a Cochym, e a ilha assy tomada, ElRey de Cochym da sua mão a mandasse dar e guardar por quem quigesse; o que assy sendo, o Çamorym cessaria de sua contenda, que esta era a causa quererse hir coroar no padrão. O que assy parecendo bem a todos, Martim Afonso o foy falar com os Reys e com o

[1] O LXXXVI do autographo.

Mangate, que muyto lhes pareceo bem a todos, dizendo que logo se fizesse, porque elle mandaria desenganar o Çamorym que deixasse de cuidar que auia de passar por suas terras: o que assy fez, que lhe mandou dizer que nom perdesse tempo; que buscasse outro caminho, porque por suas terras nom auia de passar senão por cimá das palmeiras, e assy lho juraua pola barriga de sua mãy, em que andara. Ao que o Çamorym respondeo que assy auia de ser, que por cima das palmeiras auia de passar, porque primeiro as mandaria cortar. Do qual recado o Çamorym se muyto anojou, e se fengio doente d'acidente, e se retirou atrás cinqo legoas. Polo que, assy ficando o campo franqo, se despedirão do Mangate e se tornarão a Cochym, onde logo Martim Afonso se fez prestes pera hir a Repelim, onde se sabia que estauão quinze mil homens nayres; polo que foy ordenado que passasse lá o principe com doze mil nayres, e o principe da Pimenta com cinco mil. Martim Afonso fez repartição da gente, e deu 'Antonio de Brito hum esquadrão de tresentos homens, e lhe ficarão quinhentos homens limpos, com muyta espingardaria.

A ilha de Repelim he tres legoas de Cochym, per hum rio atraués de Cranganor; pera o que se ajuntarão muytas almadias, e tones, e fustas, e catures, em que passou a gente. Auia hum rio estreito, que hia ter a Repelim, que os mouros atrauessarão com aruores e palmeiras cortadas, e com grandes valados, em que fizerão huma forte tranqueira de palmeiras, em que puserão seis bombardas rouqueiras; onde estaua muyta gente.

Martim Afonso, e o capitão, com toda a gente, passarão á terra do Anche Caimal, que he defronte do peso da pimenta, e hy dormirão, porque d'ahy era o caminho por terra. E tambem forão dous alifantes, com dous camelos encarretados, que auião de hir polo caminho diante da gente, concertados com poluora e pilouros, e bombardeiros, que leuaua João Luiz, condestabre mór. E amanhecendo abalou a gente, indaque disserão a Martim Afonso que a gente dos principes nom era passada; e repartio a gente por dous caminhos que auia, por onde hião os alifantes por cada hum: os quaes erão perto hum do outro, que sempre se ouvião huns a outros, que hião deuagar, porque em tanto chegasse a gente dos principes de Cochym e da Pimenta; mas passarão de tal vagar que primeiro os nossos chegarão á tranqueira das bombardas, «em»

que agardauão mil nayres; onde os nossos chegando forão recebidos com *grande* numero de frechas e algumas espingardas; a que os nossos responderão com muytas espingardas e santiago de lançadas. Onde Manuel de Sousa de Sepulueda, Ruy Dias Pereira, Manuel d'Alboquerque, Antonio Mendes de Vasconcellos, Anrique de Macedo, e outros mancebos que hião n'esta dianteira, fizerão tal cometimento que os nayres forão desbaratados, fogindo pera onde estaua ElRey, que era d'ahy mea legoa: onde a esta tranqueira podião chegar as embarcações que vinhão polo esteiro, que trazião a fardagem do comer. Polo que Martim Afonso mandou repousar a gente, porque passaua da bespora, onde chegadas as embarcações ouve comer infinito, que cada hum trouxe seu comer, e estiuerão todo o dia, e dormirão, e o principe esta noite dormio no Anche Caimal, e nenhuma da sua gente foy onde os nossos estauão.

Jorge Cabral fez prestes a gente das naos nos batés, com dous tiros grossos, e berços, e falcões, com que foy com as marés polos rios, determinado dar na tranqueira esta antemenhã, nom sabendo que os nossos já n'ella estauão; e antemenhã, que era maré, chegando á vista da tranqueira mandou tanger trombetas e charamelas, e dar gritas; ao que os nossos responderão da tranqueira tambem com trombetas, e em todos ouve muyto prazer. O Rey de Repelim estaua em suas casas com sua gente, e fazia zombaria de os nossos auerem de chegar a suas casas, porque elle tinha dado o betele a todos os seus, que era o sinal de todos morrerem ante elle. Estaua huma casa de pagode junto donde os nossos esta noite dormirão, o qual era cuberto com chapas de cobre, tamanhas como huma folha de papel de marqa grande, e era muy alto. Quando amanheceo nom auia fumo de pastas, nem portas que estauão chapadas. Antre esta tranqueira e as casas d'ElRey, hum tiro de bésta d'ellas, auia hum tanque d'agoa, muy alto e comprido, ao longo das casas, que lhe era muy defensauel, porque os nossos nom podião senão rodear o tanque, e tornar per antre elle e as casas pera entrar polas portas, que estauão no meo do tanque.

Como amanheceo, tocando as trombetas, Martim Afonso mandou andar a gente, o que assy fez Jorge Cabral polo rio, per hum esteiro que chegaua perto das casas, tirando com os camelos e falcões, que os pelouros hião quebrando palmeiras e aruores, fazendo grande terramoto. Martim Afonso chegando ao tanque, da outra banda estaua a gente d'El-

Rey, em que os nossos despararão a espingardaria, e elles aos nossos muytas frechas; mas os tiros do mar, e espingardaria, e gritas, fazião grande espanto, que tambem a gente d'ElRey daua grandes gritas, e os nossos correrão ao redor do tanque tirando muyta espingardaria. Este Rey de Repelim tinha hy perto hum irmão e huma irmã em outra ilha, que erão muyto amigos do Rey de Cochym; pelo que muyto trabalhauão com o Rey de Repelim que fizesse todos concertos e partidos de sy, pera que nom visse portugueses armados dentro em suas casas; o que nunqua o Rey quis ouvir, dizendo que suas casas nom auia de deixar, que ally auia de morrer com todos os seus: sobre o que a mãy e irmão lhe fazião grandes rogos, que nada quis ouvir. E quando vio o terramoto que fazião os [1] * pilouros * polos palmares e aruores, e as gritas do mar e da terra, e a espingardaria, de que os nayres forão fogindo [2] * feridos, vendo * o irmão aparecer os guiões e lanças dos nossos armados, com muyta paixão lhe dixe: «Tu morrerás aquy hoje n'este dia,» «ou serás catiuo, como doudo, pois como bestial nom foges á morte» «que vês vir tão certa.» Ao que tambem chegou a mãy e irmã, gritando, deitandose no chão. Polo que então ElRey se sayo, e se foy recolhendo com sua gente, e se meteo em huma almadia e se passou á ilha do irmão. O que foy com tanta pressa que os seus nom tiuerão acordo de nada, fogindo cada hum como podia; e ally fiqou o sombreiro d'ElRey, que he sua bandeira real; e os nossos, os [3] * segindo, se espalharão * a entrar polas casas a roubar, e nom achando nada lhe punhão fogo, que erão casas apartadas, dentro de seus valados e cerrados, sobradadas, todas feitas de madeira, muy lauradas de macenaria de muytos lauores; em que se fez grande destroição, que até as ortas ficarão queimadas, e nom se achou fato, porque estes malauares nom são homens de muytas pertenças de casa; sómente se acharão, em tanques debaixo d'agoa, muytas cousas de cobre de cosinha e do seruiço de casa. A esta reuolta do roubar chegou a gente do principe á pressa, porque virão os fumos das casas que ardião, os quaes se meterão 'apanhar, que até as aruores arrancauão e leuauão, que fiqou a ilha rasa, em que se queimarião quatrocentas casas nobres. E tanta destroição foy feita, que postoque o Rey

[1] * pilos * Autogr. [2] * feridos mas vendo * Id. [3] * seguindo que se espalharão * Id.

depois foy amigo com o Rey de Cochym, nunqua mais tornou a viuer na ilha, por o auer por abatimento de sua honra. Dentro no sitio das casas d'ElRey estaua huma casa de seus pagodes, e dentro n'ella estaua a pedra da coroação dos Çamoryns, a qual era de marmore branqo, redonda, da grossura de hum homem. Estaua em pé, d'altura de huma braça, [1] * posta * sobre huma lagea ; no qual padrão estauão letras, talhadas na pedra, em lingoa malauar, que dizião o tempo que ally fòra posta, que segundo sua conta passaua de dous mil e oitocentos annos, e escritos n'ella os nomes dos Çamoryns que se n'ella coroarão. Dizia que auia quatrocentos e setenta que os chyns passarão á India, com mil junqos carregados de mercadarias, e estiuerão pola India, e morrerão ; e se tornarão em corenta annos que nom ficára nenhum, sómente geração. O padrão foy embarcado em hum batel, e o leuarão a ElRey de Cochym com o sombreiro do Rey de Repelim, que tudo foy pera elle grande honra. O que todo Martim Afonso lhe apresentou, com a gente armada assy como vinha, que os Reys o sayrão a receber com muyto prazer. O padrão mandou ElRey * de Cochym * meter na casa do seu pagode, e o sombreiro trazia diante do seu por onde hia, por abatimento do Rey de Repelim ; que esta foy a principal causa porque [2] * este * Rey se tornou seu amigo. Os nossos se tornarão a Cochym, onde logo se deu muyto auiamento á carga, porque o Çamorym, sabendo da destroyção de Repelim, se tornou a Calecut. O que tudo isto se passou em dezembro d'este anno de 536.

CAPITULO XCIII [3].

COMO ESTANDO O GOUERNADOR PERA PARTIR PERA DIO, O ACEDECÃO LHE MANDOU AUISO DO ALEUANTAMENTO DO REY DE CAMBAYA.

O Acedecão estaua muy temorizado do aleuantamento do Rey de Cambaya, que se o fizesse com ter feita alguma trayção ao Gouernador, e com lhe chegarem os rumes que mandara chamar, e com 'ajuda que farião os mouros do Malauar, que podia soceder tanto mal que os nossos perdessem Goa, elle era logo morto, que nom poderia escapar, que nom tinha por onde se saluar. E com este cuidado, que pera elle era muy

[1] * posto * Autogr. [2] * o * Id. [3] No original é o LXXXVII.

grande, sabendo que o Gouernador se fazia prestes com muyta pressa pera partir, pareceolhe que o Gouernador já teria sabido do que ElRey de Cambaya determinaua do aleuantamento; e postoque lhe isto pareceo, o quis obrigar, o Gouernador, porque lhe ficasse n'esta obrigação pera o que lhe comprisse. Escreueo ao Gouernador, e lhe mandou grande presente de vaqas, carneiros, galinhas, manteiga, dizendo que lho mandaua pera seu caminho, que lhe dixerão que hia depressa a Dio; que lhe rogaua que andasse muyto deuagar, e veria por onde hia, que pera isso lhe mandaua hum olho, [1] *por* ter dous, e que auia mester tres. E mandoulhe hum annel de hum olho de gato, de muyto preço: e isto lhe mandou escrito de sua mão com grande segredo. O que vendo o Gouernador ouve grande aluoroço no coração, e assentou de nom partir até nom saber o que lhe o Acedecão dizia, lembrandolhe que no Reyno disserão feyticeiros, que elle auia de morrer dentro em Dio. Respondeo ao Acedecão com agardecimentos do que lhe mandára, e lhe muyto agardecia o auiso de sua hida a Dio, dizendo que tinha cartas de lá assy d'auiso, mas nom lhe dizião quem era o principal que auia de fazer a cousa. O que o Gouernador assy respondeo á ventura de acertar, e poder descobrir mais do Acedecão, o qual, vendo a reposta do Gouernador, parecendolhe verdade que já o Gouernador tinha auiso, lhe respondeo que o Badur era o principal, que a todos mandára recado; e vira a carta que mandára ao Idalcão, e tudo já tinha prestes, e segundo sua determinação tomaria a India, tanto que elle Gouernador fosse morto; que por tanto escusasse hir a Dio, se ser pudesse, e se fosse, se guardasse muyto sua pessoa de traição do Badur. Pola qual reposta o Gouernador foy posto em grandes pensamentos, assentando logo em seu coração de fazer ao Badur o mal que lhe elle ordenaua, que por assy andar mal incrinado por isso auia os aluoroços que fazião os mouros, pelo que o chamaua Manuel de Sousa, que nom sabia nada do caso principal, pois lho nom dizia em suas cartas. Polo que logo o Gouernador mandou catur com cartas a Manuel de Sousa que estiuesse muy d'auiso com ElRey, e se nom fiasse nada d'elle, e que se entrasse na forteleza o prendesse em toda' maneira, e estiuesse a bom recado, porque elle logo partia; e que se o prendesse e [2] *ouvessem* os mouros *de* cometer a forteleza, o

[1] *pera* Autogr. [2] *ouvesse* Id.

carregasse de ferros, e lho amostrasse das amêas, e se elle mandasse aos seus que guerreassem que em presença d'elles o enforcasse. Vendo Manuel de Sousa tal recado fiqou muy espantado, e muy arrependido nom prender ElRey aquella noite que lho dizião; o que muyto dessimulou, que nada deu a entender a ninguem, nem fez nenhuma nouidade, porque toda a gente andaua apercebida quanto compria de dia e de noite. O Gouernador tornou reposta ao Acedecão com outras sostancias desuiadas do negocio, e lhe offerecendo pera sempre sua amisade, e se partio pera Dio na entrada de dezembro d'este anno. E partindo despedio catur per que mandou chamar Martim Afonso de Sousa, se nom estiuesse em guerra, e ao védor da fazenda que despachadas as naos do Reyno se fosse a Dio, que muyto compria.

CAPITULO XCIV [1].

COMO O ÇAMORYM TORNOU DO CAMINHO QUE HIA PERA CALECUT, PERA PASSAR A COCHYM, E O QUE NO CASO PASSOU.

Per conselho foy assentado com Martim Afonso, e védor da fazenda, e os capitães, que se fizesse hum castello na ponta de Cranganor, pera guarda do passo do váo, e pera a guarda da pimenta, que nom passasse pera Calecut; porque o castello tudo defenderia, e se faria com pouquo gasto, porque a ponta tinha muyta pedra. Do que foy dado o cargo de o fazer e capitania a Diogo Pereira, que no castello estaria com bombardeiros e vinte homens, que abastauão. Com que o Rey de Cranganor ouve prazer. O que logo se pôs em obra com a gente da terra, que trabalhauão; do que foy dado noua ao Çamorym que o castello se fazia, o qual logo do caminho, sem chegar a Calecut, fez volta, jurando destroir Cranganor, parecendolhe que o Rey se aleuantaua, pois consentia que se fizesse forteleza; e se tornou 'assentar na frontaria do Mangate: ao que o Rey de Cranganor se fez doente, por se nom hir pera elle. Do que logo foy recado a Martim Afonso, que andaua na costa, que logo veo, e deixou 'armada no rio, e s'embarqou em tones e almadias com os capitães e fidalgos, e se foy com pouqos homes, deixando mandado 'An-

[1] O LXXXVIII do original.

tonio de Brito que se fosse após elle com toda a gente; e mandou Francisco de Bairros, em huma galeota e duas fustas, que se fosse pôr no passo do váo, porque nom passasse a gente do Çamorym, e tambem tolhessem que nom viessem paraos de Calecut. O Mangate folgou com Martim Afonso, dizendo: «Hum homem doudo nom tem repouso, e nom» «faz nada. O Çamorym com sua doudice dar trabalho a todos.» E já lhe mandára dizer que a tal dia certo auia de passar, que auia de ser d'ahy a tres dias; e per seu costume, primeiro de cometer batalha mandaria fazer sinal com seu atambor, que era de cobre, muy grande, que soaua huma legoa; sem o qual sinal se nom daua batalha. No que Martim Afonso nom confiou, e foyse aonde desembarcara, e mandou sayr os tones pera o rio, porque nom ficassem em seqo em hum esteiro em que desembarcara, e se pôs no campo, onde se foy estar com elle o Mangate e hum regedor d'ElRey de Cochym, que lhe disserão que estarião ally debalde, porque o Çamorym nom auia de cometer sem primeiro tres dias fazer o sinal do atambor. No que estando, abalarão polo campo hum esquadrão de passante de cinco mil nayres do Çamorym, com grandes gritas cometendo a passar; ao que Martim Afonso mandou Gaspar de Lemos, com trinta espingardeiros, que de hum cotouelo que fazia hum valado tirasse de rostro aos imigos que cometião passar o váo; o que assy fazendo, veo moltidão de nayres, aparecendo o sombreiro do Çamorym, que vinha, que tomou conselho de nom fazer seus [1] *yzames* (?) do atambor, que nom mandou tanger, por tomar os nossos de supito; e postoque o Mangate tinha dito a Martim Afonso que o Çamorym nom cometeria sem [2] *fazer* o sinal, Martim Afonso, nom confiando, estaua sempre com a gente prestes. A gente do Mangate e d'ElRey de Cochym, vendo aparecer tanta gente e o sombreiro do Çamorym, ouverão grande medo. Logo se afastarão dos nossos hum pedaço pera fogirem, parecendolhe que Martim Afonso e os nossos serião desbaratados; o que assy quisera fazer o Mangate, mas Martim Afonso o tomou pela mão, dizendo que nom ouvesse medo, e visse como Nosso Senhor ajudaua aos seus, que nom erão mais que nouenta, que ouverão grande medo da moltidão dos imigos que virão, e disserão a Martim Afonso que nom era tempo agardar mais; que se recolhesse ás embarcações, que es-

[1] *yzanees* Autogr. [2] *fa* Id.

tauão perto. Martim Afonso, olhando pera todos, os vio trespassados, sem sangue nos rostros, sómente Manuel de Sousa de Sepulueda, Fernão de Sousa de Tauora, Ruy Dias Pereira, Vasco Pires de Sampayo, Manuel d'Alboquerque, lhe disserão: « Senhor, tal nom se faça. Peleje-» « mos com a esperança em Nosso Senhor, que elle será comnosqo; e » « pelejando nos hiremos recolhendo per' as embarcações. » Ao que respondeo Martim Afonso que assy auia de ser, porque nom auia de deixar Gaspar de Lemos perdido com trinta homens; e que compria pelejar, e pelejando se saluarem, porque fogindo, antes de chegar ás embarcações, todos serião mortos. Então se concertarão com suas lanças enrestadas, e Martim Afonso ante todos, enuocando Santiago, Senhor Deos misericordia! O que assy bradarão todos muy de coração, como homens que hião tomar morte por Christo, que n'aquella hora mostrou seu grande poder; que os nossos derão nos imigos com tal força, que lhe Nosso Senhor deu, que todos derribarão imigos mortos, ferindo n'elles tão brauamente, que Nosso Senhor meteo n'elles tal espanto, que se retraerão tornando pera trás. O que os nossos vendo, com dobradas forças os cometerão, que fizerão campo largo, com que Gaspar de Lemos se veo retraendo e * se * meteo com Martim Afonso, a que os espingardeiros * acodirão *, que os imigos nom passauão; com o que Martim Afonso se foy chegando pera o esteiro em que estauão os tones, onde os imigos muyto carregarão os nossos, e cayrão dous de frechadas. Ao que chegou n'aquella hora João Luiz, condestabre de Cochym, em hum parao com dous berços, com que tirou, e tambem hum batel com dous falcões, que derribarão muytos imigos, que se forão afastando, e os nossos, mostrando muyto esforço, os seguindo. E Mangate pelejaua junto com Martim Afonso, e com elle trinta nayres; o que vendo os outros, enuergonhados d'isto, que com os d'ElRey erão mais de cinco [1] * mil, cobrarão * coração, e se meterão a pelejar de maneira que tolherão o váo, que nenhum passou. Ao que chegarão tres catures da companhia d'Antonio de Brito, que poyarão em terra passante de cincoenta homens, que com os tiros fizerão o campo franqo, ficando os nossos liures, dando muytos louvores a Nosso Senhor. E sobreueo a noite, e Martim Afonso se nom quis recolher ás embarcações por amor do Mangate Caimal, e

[1] * mil que cobrarão * Autogr.

dormirão no campo, onde ao outro dia lhe chegarão mais de vinte mil nayres, e com outros de Cochym, e tambem chegou Antonio de Brito com seiscentos homens e muytos espingardeiros; com que todo o dia estiuerão em pelejas d'escaramuças, com que o Çamorym se afastou huma legoa. E n'este dia chegou o principe de Cochym com doze mil nayres; com que a passagem fiqou segura, onde deixou Antonio de Brito, que esteue vinte dias, pelejando muytas vezes com a gente do Çamorym, que sempre desbaratou. Dixerão os feiticeiros ao Çamorym que este nom era bom anno pera sua gente; com que se tornou a Calecut, com perda de muyta gente e gasto de muyto dinheiro. Com que cessou a guerra, e os nossos se tornarão a Cochym.

Martim Afonso se concertou de su'armada, e se foy andar na costa com seus capitães Manuel de Sousa de Sepulueda, Fernão de Sousa de Tauora, dom Diogo d'Almeida, Vasco Pires de Sampayo, Martim Correa da Silua, Francisco de Bairros de Paiua, Ruy Dias Pereira, Francisco Pereira, Gaspar de Lemos, Jeronymo de Figueiredo, Francisco de Sá, com duas carauelas, quatro galés, duas galeotas, vinte fustas e catures. E foy correndo a costa, e foy ter a Chalé, onde achou acolhido Diogo de Reynoso, filho de Fernão Eannes de Soutomayor capitão de Cananor, que o mandara andar no mar com seis fustas, que topou com Cunhalemarcar, sobrinho do Patemarcar, com corenta paraos armados, com que pelejou como homem mancebo, que de todo esteue perdido, e * com * doze homens mortos e todos feridos, e tomada huma das fustas, se colheo a [1] * Chalé, escapando * milagrosamente. Onde chegado Martim Afonso o recolheo a su'armada, e foy correndo a costa em busca dos paraos, hindo as galés e carauellas ao mar e as fustas ao longo da terra. E huma menhã toparão de supito com o Cunhalemarcar com vinte e cinco paraos, que os outros despedira que fossem buscar arroz; dos quaes os nossos auendo vista, que vinhão ao longo da terra aos ilheos de Pandarane, Diogo de Reynoso, que se achou na dianteira de nossas fustas, elle, e seu irmão Antonio de Soutomayor, e Antonio de Lima, e Duarte Rodrigues Mouzinho, * e * Diogo Coruo, que erão capitães de suas fustas, forão cometer os mouros, que erão muytos e muy armados. E Cunhale, conhecendo que era Martim Afonso, apertou o remo pera dobrar a [2] * pon-

[1] * Chalé e escapando * Autogr. [2] * conta * Id.

ta * de Tiracole e se colher a Coulete. Martim Afonso hia nas galés, e com cada huma e com as carauelas andauão fustas. Martim Afonso se embarqou na fusta de Jeronimo de Figueiredo, o que assy fizerão os outros capitães, que embarcarão em suas fustas e seguirão após Martim Afonso á vela e remo, por tomar a dianteira aos paraos, porque nom dobrassem a ponta. Os mouros, vendose [1] * cercados *, se forão a Tiracole. Foy n'este alcanço [2] * tomada * huma fusta, que tomou Antonio de Soutomayor ajudado d'outros, que matarão todos os mouros; mas dos nossos forão mortos quatro, que os mouros erão muy armados, e pelejauão muy fortemente. E se colherão a Coulete, que tinha hum arrecife de pedra onde se colherão; e puserão as popas em terra todos juntos; onde os nossos os cercarão por todas partes, onde foy grande peleja de tiros d'artelharia e espingardaria. Martim Afonso quis chegar aos paraos e foy ensequar na praya, sobre que acodirão muytos mouros, tomando os remos, pera de todo o ensequar; mas acodirão outras fustas, que fizerão afastar os mouros com muytas espingardadas, com que os nossos se afastarão, que nom podião entrar no arrecife. Pela outra banda, Fernão de Sousa, dom Diogo, e Ruy Dias Pereira, e outros, chegarão e deitarão fogo nos mouros, com que lhe queimarão duas fustas; ao que acodio a gente da terra, que [3] * assentarão * humas bombardinhas, com que tirauão aos nossos todo o dia até anoitecer. E os mouros, n'esta noite, com muyta gente que lhe acodio, em terra fizerão fortes tranqueiras com muyta artelharia, que toda a noite tirarão; e com a muyta gente que tinhão vararão as fustas em terra, [4] * que * forrarão de grandes tranqueiras com moltidão de mouros. E todauia Martim Afonso pôs em determinação sayr a pelejar na terra; o que per todos lhe foy contrariado, e deixou os mouros e se foy na volta de Cananor; e ficou a costa segura em quanto assy andou Martim Afonso. Onde lhe chegou catur com cartas do Gouernador, em que lhe dizia que elle com o védor da fazenda se fossem logo a Dio, a cousa que muyto compria, e deixasse 'armada miuda ao capitão de Cananor, que guardasse a costa, se comprisse, e elle e o védor da fazenda * se partissem *. O que assy se fez, que entregou 'armada ao capitão de Cananor, e agardou até o catur hir a Cochym, em que logo s'embarqou o viador da fazenda, que se foy a Cana-

[1] * cercado * Autogr. [2] * tomado * Id. [3] * assenta * Id. [4] * e * Id.

nor, e com elle Martim Afonso, * e * s'embarcarão nas carauelas e galés, que huma deixarão com 'armada miuda, pera n'ella andar o capitão de Cananor, e elles se forão a Dio, onde chegarão, como adiante direy.

CAPITULO XCV [1].

COMO O GOUERNADOR FOY A DIO, AUISADO JÁ DA TRAYÇÃO QUE LHE ORDENAUA O REY DE CAMBAYA, QUE CHEGANDO O GOUERNADOR Á BARRA, O REY O FOY VÊR AO MAR, ONDE FOY MORTO.

O Gouernador nom daua conta a ninguem do que tinha sabido do Rey de Cambaya, polo que, hindo pera Dio, acordou de mandar chamar o védor da fazenda e Martim Afonso, ao que logo despedio catur com suas cartas qne logo Martim Afonso se fosse pera elle, e assy o védor da fazenda, que era cousa que muyto importaua, porque inda tornaria a despachar as naos, nom auendo guerra. O que assy se fez, porque vendo o Çamorym que sua guerra hia de cada vez pior, largou suas gentes e se tornou a Calecut; com que tambem se recolheo o Rey de Cochym, que deu muyto auiamento, com que veo muyta pimenta em auondança, que começarão a carregar em dezembro d'este anno de 536. Pelo que, chegado o catur do Gouernador, o védor da fazenda encarregou tudo ao capitão Antonio de Brito, e Jorge Cabral capitão mór das naos, e se foy a Cananor, onde se embarqou com Martim Afonso e se forão a Dio.

O Gouernador seguio seu caminho, e foy ter a Chaul, onde proueo algumas cousas deuagar, esperando que chegaria Martim Afonso, pera com elle auer conselho do que faria n'esta cousa d'ElRey de Cambaya; porque elle leuaua maginado [2] * prender * ElRey, ou o matar, se mais nom pudesse fazer. Ao que se fengio doente, porque ElRey o fosse vêr á forteleza, e o prendesse. E com este sentido se foy a Baçaim, e de Chaul despedio outro catur a chamar o védor da fazenda e Martim Afonso, em que lhe escreueo que logo á pressa se fossem pera elle, que hia pera Dio a huma cousa que importaua todo o estado da India, e de tanto segredo que lho nom podia escreuer; pelo que lhes mandaua que deixassem tudo, e se fossem pera elle á mór pressa que ser pudesse, e que das

[1] Corresponde no original ao LXXXIX. [2] * perder * Autogr.

naos do Reyno ficasse huma, que se nom partisse sem seu recado, que agardaria té fim de feuereiro. Mas este catur os topou no Monte Fremoso. Elles vendo as cartas, logo s'embarcarão em huma fusta esquipada. E Martim Afonso mandou a Jorge Cabral o que mandaua o Gouernador; mas elle nom curou d'isso, e deu pressa, e carregou todas as naos, e se foy sua viagem, partindo em fim de janeiro, dizendo ao Gouernador, em huma carta que lhe escreueo, que nom era seruiço d'ElRey perderse a viagem de huma nao da carga per agardar pera leuar recado; que se tanto comprisse o podia mandar a ElRey per hum nauio, que podia chegar ao Reyno inda primeiro que as naos, indaque partisse depois d'ellas dous meses: e assy o fez, que se partio sem agardar nada. Mas o védor da fazenda deixaua escrito cartas pera ElRey, que deu a Jorge Cabral, em que lhe daua toda' conta do que era passado.

O Gouernador se foy a Baçaim, onde deixou por capitão Gracia de Sá, que o nom quis mandar pera o Reyno, que escreueria a ElRey que o nom mandára por ter d'elle muyta necessidade; o qual nom quis tomar ordenado de capitão, e fiqou fazendo a forteleza, onde o Gouernador se deteue, fengindo sua doença. Onde deu conta 'Antonio da Silueira de todo o segredo da trayção do Badur; que se fengia doente porque chegando á forteleza, *que* ElRey o fosse vêr, o prender, e preso a bom recado segurar com elle tudo o que quigesse, e por nenhuma cousa do mundo o soltar, e o leuar a Goa, onde o teria com toda sua honra até ElRey mandar o que d'elle fizesse. Onde assy estando em Baçaim, lhe chegou hum messigeiro d'ElRey de Cambaya, muyto lhe rogando que nom fizesse detença, porque estaua agardando por elle, pera que ficando em Dio hir elle correr e assentar suas terras, que o nom podia fazer sem sua ajuda e ficando em Dio. A este messigeiro se mostrou o Gouernador muyto doente. Respondeo que elle hia de caminho, com muyto desejo de chegar pera o seruir; que sua doença lhe daua muyto trabalho, mas que nom tardaria. Com que o messigeiro se tornou em sua fusta, que deu recado a ElRey de como o Gouernador assy hia doente. Este recado mandou o Badur ao Gouernador por mór dessimulação, porque já com os seus tinha consultado de pedir ao Gouernador gente pera hir correr seu Reyno; com que esperaua que mandasse por capitão Martim Afonso *ou* outro fidalgo principal, em que faria represaria pola forteleza; e quando o milhor pudesse fazer, que prenderia o Gouernador dentro em sua casa,

quando o fosse visitar; e se nom se désse o mataria, e a todos os que com elle fossem, e logo * auia de * dar na forteleza e a tomar, e senão a cerquar, e todos dentro matar á fome; pera o que tinha muyta armada prestes, que andaria no mar, que tolheria que lhe nom fosse secorro; e que em tanto chegarião os rumes, que esperaua por elles, com que hiria tomar todolas fortelezas, porque já tinha reposta de todolos Reys que a isso o ajudarião, aleuantandose contra as fortelezas. E sendolhe dado recado que o Gouernador assy vinha doente, determinou de * o * hir vêr, e lhe fazer tantos fauores que como fosse são o hiria vêr a sua casa, e folgar com elle a quintã, onde então faria á sua vontade o que determinaua, de prender o Gouernador e quantos com elle fossem, ou os matar a todos. E mandou dizer ao capitão que lhe viera recado que o Gouernador vinha muyto doente; que lhe pesaua, porque elle nom podia fazer as cousas de seu Reyno sem seu conselho.

O Gouernador s'embarqou em hum galeão, e Antonio da Silueira em outro e dez fustas e catures, com que chegou a Dio em fim de dezembro de 536. O Gouernador sorgindo na [1] * barra, ElRey * ouve prazer, vendo que hia tão só; [2] * por * que assentou que o Gouernador d'elle nom tinha nenhuma sospeita; e logo lhe mandou sua visitação, que lhe rogaua que logo saysse a terra, pera com elle falar cousas que lhe muyto comprião. O messigeiro o achou deitado na cama, com muyto agastamento de sua doença; e respondeo a ElRey que elle hiria á tarde a terra; que estaua com huma meyzinha; que folgaria, antes que morresse, lhe fazer algum bom seruiço. Fallando isto com muyta fraqueza da falla.

Despedido o messigeiro chegou o capitão da forteleza, cuidando em verdade que o Gouernador hia doente, e o Gouernador o mandou a El-Rey com agardecimentos da visitação, e que folgára vir em desposição pera logo lhe hir beijar as mãos. Chegado o capitão ao Badur mostrou que lhe muyto pesaua da doença do Gouernador, e co' intento que trazia em sua traição quis mostrar ao Gouernador que lhe queria muyto em o hir visitar ao galeão, porque o Gouernador se mais segurásse, e o fosse vêr a sua casa quando fosse são, que assy era rezão; e despedido o capitão, elle se foy á praya, e se meteo em huma sua fustinha ligeira de

[1] * na barra com que ElRey * Autogr. [2] * o * Id.

remo, com pouqos dos seus de sua priuança, que forão sete com seus pages, hum com traçado, outro com seu arqo, e o lingoa Santiago, e se foy ao galeão do Gouernador. O que assy fez o capitão, que em sua fustinha seguio após elle; e outros homens s'embarcarão em outras tres fustas, que hião a vêr o Gouernador, mas nom puderão alcançar o Badur, que remaua muyto. O que nada se soube no galeão senão sendo muyto perto, que o conhecerão, que depressa o forão dizer ao Gouernador, o qual se cobrio com muyta roupa, como que estaua com frio, e mandou que todos tiuessem espadas e que estiuessem na tolda. Ao que inda nom ouve vagar, porque logo ElRey entrou, e vio o aluoroço em que os homens estauão pondo as espadas na cinta, mas nom tomou sospeita e foy direito á camara; e o Gouernador fez que se desemburilhaua da roupa pera lhe falar; mas ElRey nom consentio que se aleuantasse, e assy em pé, sem se assentar, lhe perguntou pelo lingoa como estaua. Elle respondeo que com sua vista logo seria são. E ElRey sayo á varanda do galeão, que tinha na popa, e olhou per fóra, de huma banda e d'outra, e vio as fustas que chegauão, e vio que Manuel de Sousa chegaua á porta da camara; ao que o Badur sayo da camara, sem falar ao Gouernador, e tomou Manuel de Sousa pola mão, rindose porque nom remaua tanto como elle, que tardara muyto; e foy pola tolda olhando pera os homens, que todos lhe fazião suas cortesias. O Gouernador cuidou que ElRey tornaria a lhe falar, e assentandose se aleuantaria e o liaria; mas ElRey nom tornou, e sayo pola escada, e se meteo em sua fustinha. O que vendo o Gouernador disse a Manuel de Sousa que fosse após ElRey, e trabalhasse pelo leuar á forteleza, porque elle se auia logo de hir á forteleza, e se o lá acolhesse logo o prendesse. Do qual recado, que o Gouernador lhe deu apartado, fiqou muy trouado, e desacordadamente se foy embarqar, e foy á pressa após ElRey, que hia já longe, que o nom podia alcançar. Manuel de Sousa hia em pé na proa do catur, e bradou capeando a ElRey que o agardasse, o que lhe disse o lingoa que o capitão chamaua que agardasse, que parecia que leuaua recado; ao que ElRey mandou que nom remassem e agardou. O Gouernador mandou as outras fustas, que estauão derrador do galeão, que seguissem após Manuel de Sousa, e fizessem o que elle fizesse. Ao que ouve trouação e aluoroço, e forão á pressa, nom sabendo o que era, mas decendo as lanças do toldo, e as pondo baixas, e adargas, e bolindo com espingardas. Manuel de Sousa,

chegando perto d'ElRey, disse ao lingoa que dissesse a ElRey que se passasse ao seu catur, e hirião á forteleza; porque o Gouernador já s'embarcaua pera' forteleza pera falar com sua alteza. O lingoa, sem falar a ElRey, respondeo: «Mas vossa mercê entre cá com ElRey, e lhe da-» «rês esse recado, e se quiser hireys á forteleza.» Disse Manuel de Sousa que si, que chegando o catur foy pera entrar, mas com desacordo nom olhou onde punha o pé, e errou o bordo, e cayo ao mar; ao que acodirão os mouros remeiros d'ElRey, e o meterão dentro na fusta d'ElRey, que estaua rindo de o vêr molhado. Na qual detença chegarão as outras nossas fustas, e assy a gente aluoroçada, e alguns com as lanças nas mãos, porque cuidarão que a reuolta dos mouros, que fizerão com o capitão, era pelejar: pera o que hião prestes. Na primeira fusta que chegou hia na proa Antonio Cardoso, capitão, com huma rodela no braço e huma espada nua; o que vendo o lingoa Santiago bradou pela lingoa, e lhe disse: «Senhor, manda remar, que vem pera te prender ou matar.» 'O que ElRey bradou que remassem, e mandou a*o* page do arquo tirar pera o ceo huma frecha, que era furada, que foy dando grande assouio, que era sinal de guerra. O que o page fez, ao que os seus na fusta se aleuantarão arrancando dos traçados, que logo matarão o capitão, que estaua assentado no bordo, que cayo morto ao mar. Ao que entrou Diogo de Mesquita com huma espada e adarga, e após elle Pedraluares d'Almeida, e Antonio Correa. ElRey tomou o traçado, e o page com o arqo fez tiro 'Antonio Cardoso querendo entrar, e o ferio polos peitos, com que cayo ao mar e se afogou. Ao Pedraluares deu hum mouro hum golpe por cima da cabeça, que o cortou até os olhos, e cayo morto; que o mouro era nomeado o Tigre, por ser homem de grande força e valente caualleiro. O que vendo Antonio Correa, valente caualleiro, que fôra feitor em Chaul, remeteo com este mouro Tigre, e atreuendose em ser forçoso remeteo com o Tigre, e o liou a braços, com hum punhal que leuaua; sobre o qual acodirão os outros mouros polo matar, e lhe derão vinte e duas feridas, com que caydo nunqua largou o mouro, até que o matou com o punhal. Diogo de Mesquita nom entendeo senão com ElRey, a que remeteo com huma estocada, com que ferio pouqo, porque ElRey se deitou por popa ao mar, e após elle o lingoa, e os pages, e Coje Çafar, e outros dous mouros, e os remeiros, pera o saluarem. Sobre que acodirão as nossas fustas e caturs, que n'agoa os andauão fis-

gando ás lançadas, e matando ás pancadas com os remos. ElRey se apegou em hum remo de huma fusta, nomeandose Soltão Badur, Badur; 'o que nom atentou hum homem, com a reuolta, ou o nom ouvio nem conheceo, e lhe deu com huma chuça, que o matou e reuirou, com que lhe vio huma adaga d'ouro que trazia na cinta, ao que o homem largou a chuça e saltou ao mar a lhe tomar 'adaga, que lhe tirou, per que depois se soube que era morto, que foy conhecida. Grande bom acerto fóra nom ser morto e o tomarão viuo, que por elle se ouvera grande riqueza. E foy muyto buscado seu corpo, que nunqua se achou, que inda polo corpo morto se dera muyta riqueza; nem nunqua se soubera que era morto se nom fôra conhecida 'adaga; que, sabendo que era morto, o Gouernador fiqou mais descansado. N'esta reuolta, quatro fustas d'ElRey que estauão no rio, que se concertarão pera hirem após elle ao galeão, acodirão á peleja, com outras duas que aquelle dia erão vindas de fóra carregadas de gente de guerra, que forão pelejar com os nossos, onde forão mortos mais de quatrocentos mouros. O que se acabou com sol posto, porque o Gouernador sorgira na barra com a viração á tarde. E dos nossos forão mortos passante de vinte, e muytos feridos. Na reuolta do mar andaua a nado Coje Çafar, bradando aos nossos que lhe acodissem, o qual foy conhecido per hum Pero de Reynoso, sobrinho do capitão de Cananor, que era muyto amigo do Coje Çafar, que o recolheo, a que elle rogou que o leuasse á forteleza; e nom sayo fóra até que desembarqou o Gouernador.

Vendo o pouo da cidade a reuolta do rio e peleja, onde sabião que ElRey fôra embarcado ao galeão, acodio muyta gente á praya com armas, pera se embarquarem e hirem *á* peleja. Os portugueses que andauão pola cidade, ouvindo a reuolta, se recolherão á forteleza, e se armarão; mas ouvindo os mouros que ElRey era morto fizerão grande aluoroço. Cuidando que a gente da forteleza saya a dar na cidade, começarão a fugir com as molheres e filhos, cada hum leuando o que podia. O Gouernador, vendo a reuolta no mar, sayo do galeão em hum catur, e se foy á forteleza, e mandou dar repique, e a gente se armou e fez prestes. Coje Çafar se foy deitar aos pés do Gouernador, dizendo que elle se saluara da morte do mar; que ally estaua pera o que sua senhoria mandasse. O Gouernador, que sabia per cartas de Manuel de Sousa os auisos que lhe [1] *daua, lhe fez honra*, dizendo que nom sa-

[1] *daua o Gouernador lhe fez honra* Autogr.

bia a causa porque ouvera peleja no mar. Coje Çafar lhe contou tudo como passara; de que o Gouernador se mostrou espantado. E sendo dito ao Gouernador que a gente da cidade fogia e leuaua o fato, mandou Coje Çafar que fosse segurar a gente que se nom fosse. O que elle fez, que foy pola cidade, com outros mouros que com elle se ajuntarão, e mandou deitar pregões, na lingoa da terra, que ninguem ouvesse medo nem fogisse, porque o Gouernador a todos daua paz segura nas pessoas e fazendas, e assy o jurára pela vida d'ElRey de Portugal; e mandou Coje Çafar mouros de sua casa, que forão ter ás portas da cidade; com que a gente nom sayo e segurou. Então o Gouernador mandou Antonio da Silueira, com gente armada, que foy deitando pregões, sô pena de morte, que ninguem fizesse mal, nem roubasse, nem desembarcasse; apregoado * tudo * com trombetas; com que muyto segurou a gente. E o Gouernador entregou a forteleza 'Antonio da Silueira, e elle se tornou a dormir ao galeão, e n'esta noite despedio catur a grã pressa, em que mandou Manuel de Maçedo, que se fosse a Baçaim estar por capitão e dar pressa a fazer a forteleza, e que Gracia de Sá se fosse a Dio. No que nom ouve detença mais que tres * dias * que Gracia de Sá foy com o Gouernador [1], que dormindo no galeão, ao outro dia, que forão tres de janeiro, sayo a terra com toda a gente armada e [2] * da forteleza foy * ás casas d'ElRey, de que mandou fechar e pregar todolas portas e genelas, e pós homens que as vigiassem, até ordenar officiaes que recolhessem o que dentro se achasse; mas logo na gente ouve praguejar, dizendo que já o bom era tirado das casas a noite d'antes que o Gouernador fôra dormir ao galeão, de que se tirára muyta moeda d'ouro e joyas. E ao outro dia, que já era feito tisoureiro e escriuães, com elles foy Antonio da Silueira, e abrio as casas, e entrarão; de que se tirou muyta riqueza, que entrouxada se leuaua á forteleza, em que ouve bom apanhar, sobre grandes pregões, e de muytas guardas, que erão os roubadores, em que muytos muyto apanharão.

O Gouernador deu * a * guarda da forteleza a Gracia de Sá, que já chegára, e deu a guarda da cidade 'Antonio da Silueira, com quinhentos homens, e com elle andaua Coje Çafar guardando que o pouo

[1] Quer dizer; que Garcia de Sá gastou só tres dias até chegar onde estava o Governador, o qual dormio no galeão, etc. [2] * da forteleza sayo e foy * Autogr.

nom fosse roubado, porque a gente se nom fosse; mas os propios guardas fazião os males. E mandou o Gouernador *a* Francisco Pereira, com tresentos homens, estar em guarda da villa dos rumes, pera que retiuesse a gente, que nom fogisse nem fosse roubada; mas o cargo foy bom, em que se muyto aproueitou, por *que* tudo era roubar.

O Rao, capitão da cidade, vendo o mal que hia, de noite fogio, e se foy á quintã de Meliqueaz, e tomou a mãy e molheres, e tisouro que hy estaua, e fogio e leuou *a* pôr em saluo. O que sabido do Gouernador, deu cargo da cidade a Coje Çafar, *a* que muyto encomendou o pouo, que lhe nom fosse feito mal, mórmente aos mercadores, que auia muytos na cidade e muy riqos; em que o Coje Çafar fez officio de capitão, em que ouve muyto dinheiro: se o partia com o Gouernador ou não elles o sabião. O Gouernador falando com Coje Çafar ácerqua da trayção que lhe armaua o Badur, elle sempre muyto negou que tal nom sabia, porque nom era tanto da priuança d'ElRey; sómente que algumas vezes, como homem doudo que muytas vezes se tomaua do vinho, soltaua palauras em que mostraua que tinha má vontade aos portugueses, e o dizia em pubrico; e lho contarão que huma noite, dentro na forteleza, falara cousas em que bem mostrara a verdade; que se tal foy, o nom deuera o capitão de deixar sayr da forteleza, porque disse que tinha mandado chamar os rumes com que auia de tomar toda a India; e assy era verdade que os tinha mandado chamar, pera o que tinha feita armada e muytas monições, que escondidamente se fazião fóra e metião na cidade, que estaua em minas. De tudo o mouro dando boa conta e rezão, como muy auisado que era, com que fiqou em muyto mór credito com o Gouernador, que o mouro foy mostrar as minas, que erão cisternas velhas, em que se achou grão numero de espingardas e espingardões, todos com seus cornos, bolsas, pilouros, todos de huma forma, com seus morrões, e cintos, e grão numero d'arquos *e* frechas em caixões, machadinhas, maças de ferro, cofos, zagunchos, traçados, laudeys fortes acolchoados, muytos pelouros de pedra, chumbo, ferro coado, e muytos saqos de coiro cheos de poluora d'espingarda, e tanques de páo em que estaua poluora de bombarda mais de mil pipas, e muyta artelharia de ferro e cobre, toda de camara, que toda se fazia em Reynel e se trazia a Dio. O que tudo o Gouernador mandou recolher á forteleza, em que tambem ouve bom furtar; e mandou muytas d'estas monições a Baçaim

a Manuel de Macedo, e que désse pressa á obra, porque temia que lá lhe fossem dar rebate com a morte d'ElRey; e os arqos e frechas mandou queimar dentro na forteleza; e mandou Artur de Sousa a Madrefabá e Gogá trazer 'armada que lá estaua, onde se acharão doze galeotas, e quatro galés grandes, e tres galeões pequenos, e passante de setenta fustas, que todas podião tirar camelos; e todos estes nauios acabados de todo o necessario, senão deitar ao mar e se fazerem á vela.

CAPITULO XCVI [1].

COMO MARTIM AFONSO, E O VÉDOR DA FAZENDA, CHEGARÃO A DIO A CHAMADO DO GOUERNADOR, E O QUE COM ELLE PASSARÃO.

Auia doze dias que o Badur era morto, e tudo o acima feito que he contado, quando a Dio chegarão Martim Afonso de Sousa, e o védor da fazenda Fernão Rodrigues de Castello Branco, que já em Baçaim lhe derão a noua da morte do Badur; do que tomarão muyta paixão; mórmente Martim Afonso, que largou palauras demasiadas, dizendo que o Gouernador nom deuera de partir de Goa até que elle nom chegara, e com seu conselho entender em tamanho feito, como era prender ou matar ElRey de Cambaya; porque, como nom foy com guerra apregoada, logo nos olhos das gentes ficaua muy quebrada a verdade d'ElRey de Portugal, que dizião que tyranamente fòra morto. E sobre isto falou á sua vontade, muyto condenando a grande erro o que era feito, dizendo que elle erraua em agora hir a Dio, mas que o fazia por comprimento, assy como o Gouernador fizera comprimento em o mandar chamar. E partirão de Baçaim, e no caminho forão consultando o modo que n'este caso terião com o Gouernador, que chegados a Dio, que forão ao Gouernador, nada lhe falarão mais que palauras de visitação, e perguntar como estaua, com tão seqas palauras que bem mostrarão seus agastamentos; nom falando nada ao Gouernador no que era feito, e o Gouernador n'isso tocando passauão por isso leuemente, nom fazendo d'isso a estima que o Gouerna-

[1] No original é o XC.

dor fazia. Sómente o védor da fazenda disse: «Já em Baçaim nos con-» «tarão tudo.» O Gouernador bem entendeo a cousa, e n'isso mais falando, o Martim Afonso praticando meo rindo, como [1] *quem* fazia zombaria, dizia que parecia erro a morte d'ElRey, pois que, sabida bem a verdade de sua trayção, tão mansamente pudera ser preso, pois de noite hia folgar dentro á forteleza; [2] *já que Manuel de Sousa* pera isso nom tiuera abelidade, *e elle* bem seguro andaua, pois fôra ao galeão *com* dous pages, *e ahy o puderão prender* e preso a bom recado lhe descobrir a trayção, e monições, e apercebimentos que tinha, e tudo mostrar aos seus, com que elles, vendo suas culpas, vissem que fôra bem prendelo; e sobre isso ouvera taes concertos de paz que durarão pera sempre, com que se ouvera tanto proueito de Cambaya como de toda a carregação e renda de toda a India. O Gouernador disse: «Nom ha feito» «no mundo que nom possa ser acusado. Eu assy o serey d'este. Lá hi-» «rey a juizo, e [3] *auerei* minha pena; e indaque seja grande nom» «será por matar ElRey por tyrania.» E nom quis correr mais a pratica, por nom vir a outros desgostos; porque Martim Afonso era isento, com a esperança que tinha de gouernar a India, e nom queria que depois mal tratasse suas cousas: no que soffria muyta paixão, porque Martim Afonso o nom estimaua como Gouernador, nem o agardaua, nem falaua senão quando se topauão na igreija. O que o Gouernador nom querendo soffrer, praticando lhe dixe: «Senhor, pareceme que andaes en-» «fadado, e será com o cuidado que terá de su'armada. Se quiser, tor-» «nese, porque nom lhe faltarão cousas em que se desenfade por seruir» «ElRey.» Martim Afonso entendeo que o Gouernador se enfadaua d'elle, e respondeo: «Hirey quando me vossa senhoria mandar, que eu nom» «vejo aquy cousa pera que eu preste. Lá n'armada parece que anda'» «homem [4] *seruindo*». O Gouernador disse: «Onde' homem tem a» «vontade ahy lhe parece que sirue. Vase vossa mercê quando quiser,» «porque lá muyto ha que fazer, e milhor seruiço que aquy. E metem» «em cabeça a ElRey nosso senhor que o bom seruiço dos homens he» «na companhia do Gouernador! Grande bom seruiço he gardar a costa» «do Malauar. Nom lhe dera o trabalho de sua vinda, se me nom pa-»

[1] *que* Autogr. [2] *e pois Manuel de Sousa* Id. [3] *auerem* Id. [4] *seruido* Id.

«recera que me auia d'alcançar, antes que aquy chegasse, pera este» «desastre d'ElRey.» Martim Afonso lhe dixe: «Eu assy me quisera tor-» «nar de Baçaim, e sómente vim a vêr o que vossa senhoria mandaua;» «que ao desastre d'ElRey nom prestara o que se praticara, pois auia» «d'aquecer desastre, e ficara o trabalho do caminho em vão, como fi-» «qou; que vossa senhoria bem descuidado vinha do que socedeo, e está» «milhor feito do que se pudera praticar, e nom ha que mais fazer.» O Gouernador falou com o védor da fazenda, dizendo, que soubesse o que se achara nas casas d'ElRey, e que o pusesse a bom recado, que elle fizera officiaes oulheiros até elle vir; que de tudo tomasse contà, e pusesse a bom recado na feitoria e almazens. O védor da fazenda, que tinha sabido o saqo que se dera em tudo, respondeo: «Senhor, os officiaes que» «vossa senhoria fez tem tudo bem a recado, e darão a conta quando» «vossa senhoria mandar, que agora será noua perda fazer nouos offi-» «ciaes, e nom se póde fazer até nom estar esta cousa assentada. Se vossa» «senhoria me não ha mester pera outra cousa, milhor será tornar a Co-» «chym a despachar as naos, se inda nom forem partidas.» O Gouernador estaua agastado do védor da fazenda, que sabia as praticas que tinha com Martim Afonso, e lhe disse: «Eu pouqa necessidade tinha de» «vós. Mandeyuos vir porque quer ElRey meu senhor que sejaes des-» «penseiro de sua fazenda, e dauos poderes pera pagardes soldos a ho-» «mens que eu nom quero ver, e de mim se vão agrauados pera o Rey-» «no. Fizesteslhe pagamentos, nom me guardastes a obrigação que me» «diuiês; do que me nom torneys nenhuma reposta, que a nom quero» «de vós. Mas d'oje em diante a nenhuma pessoa façaes pagamento ne-» «nhum, senão a gente do mar. Do que [1] *mando* passar mandado» «ao prouedor dos contos, porque se nom [2] *leue* em conta outro ne-» «nhum pagamento. E vós hyuos a Goa, que eu logo lá som comuosco.» O védor da fazenda vio que o Gouernador tinha inchação contra elle. Nada lhe respondeo, sómente: «Senhor, nada pagarey, nem serey vé-» «dor da fazenda, se vossa senhoria mandar.» O Gouernador lhe disse: «Sêde védor da fazenda pera os pagamentos dos mareantes, e nada pa-» «guês mais sem meu mandado.» O védor da fazenda disse: «Senhor,» «se nom for védor da fazenda com os poderes que me sua alteza dá,»

[1] *mandou* Autogr. [2] *leuasse* Id.

« nom o serey ; e faça vossa senhoria outro vêdor da fazenda, se quiser. » O Gouernador respondeo : « Eu nom quero que vós paguês soldos se- » « não á gente do mar, e se por isso largays o cargo dayme d'isso vosso » « assinado, e logo vos tirarey d'esse trabalho. E porém vós auey vosso » « conselho, pera o que vos dou d'espaço quinze dias, porque com vossa » « reposta assinada vos despacharey, e logo, pera o Reyno, se inda achar- » « des as naos. » Com que o mandou que se fosse e lhe respondesse nos quinze dias : nos quaes o vêdor da fazenda ouve seu conselho, e nom largou o cargo, e o seruio assy como o Gouernador quis. Então o Gouernador despedio hum catur com cartas d'ElRey pera as naos, o qual se deu deuagar, que quando chegou a Cochym já as naos erão partidas.

CAPITULO XCVII [1].

COMO MAMEDASCÃO [2], CUNHADO DO MOGOR, QUE ESTAUA NAS TERRAS DO MANDOU, SE ALEUANTOU POR REY DE CAMBAYA, E O QUE FEZ, E OS GRANDES DE CAMBAYA ALEUANTARÃO POR REY AO MIRÃO, SOBRINHO DO BADUR.

A morte do soltão Badur correo pelas terras, e porque d'elle nom ficara filho que herdasse, cada hum se aleuantou com as terras que tinha, e n'ellas reinaua. N'este tempo andaua muy possante Mamedascão [3], cunhado do Mogor, de que já atrás contey, que tinha muytas terras no Mandou, que tomara com licença do Badur, que erão no estremo do Dely ; e tinha tomada muyta riqueza, e tinha vinte mil mogores de cauallo muy escolhidos, e mais de trinta mil de pé, e se mostrou muy anojado pola morte do Badur, e esteue esperando ver quem fazião Rey, pois nom ficara herdeiro do Badur. Onde assy estando, lhe foy dito do Rao, [4] que da quintã de Melique tomara e leuara o tisouro, e mãy e molheres do Badur, que este Rao era tio do Badur, que tudo tinha em poder, e tudo leuaua em cauallos, com muyta gente com que caminhaua pera se passar aos resbutos ; ao que o mogor acodio, querendo n'isto fazer seruiço ao

[1] O XCI do original. [2] *Mirzammyr* se lia no original ; porém foi riscado e substituido por Mamedescam, em lettra differente. V.ª a nota de pag. 679. [3] Idem como acima. [4] Isto é : disseram-lhe que o Rao tomára e levára da quinta do Melique, etc.

Mirão, que era hido visitar sua mãy, ou * esperando * que o Rey que aleuantassem lho agardeceria; * e * logo a grã pressa partio com quatro mil de cauallo, e mandou a seus capitães que com toda a mais gente se fossem após elle, [1] * e o alcançassem *. O que sabendo o Rao, em hum lugar que lhe derão a noua que o mogor o hia buscar deixou tudo, e escondidamente fogio com a mãy e molheres d'ElRey, pera as terras do Mirão, que nem os seus souberão por onde hia. O mogor, em amanhecendo, chegou ao lugar e nom fez mal á gente, sómente tomou o tisouro, que foy muy grande soma de moeda d'ouro, e deu o despojo da gente aos seus, que roubarão sem matar, que o mogor o defendeo que nenhum mal fizessem mais que roubar; com que todos ficarão riqos. Onde d'ahy a tres dias lhe chegou a sua gente, com que partio do tisouro, com que ficarão contentes. O mogor fez isto com tenção de fazer seruiço ao Mirão, de que era grande amigo, que estaua nomeado por Rey do Mandou, e lhe parecia que auia de ser Rey de Cambaya, por nom auer herdeiro do Badur; ao qual, sendo Rey, lhe apresentaria o tisouro que tomára ao Rao, com que o Mirão lhe faria grandes mercês; mas como se vio com tanto tisouro entrou n'elle a cobiça de querer ser Rey de Cambaya, e com este proposito nom consentia aos seus fazer mal aos guzarates, antes lhe fazia mercês; com que muytos guzarates se forão pera elle, com que se foy a Champanel, onde estaua o arrayal do Badur, onde aos capitães falou com amisades, dizendo que assy estiuessem como estauão, até vir o Mirão, que de direito era Rey de Cambaya. E tomou muyto dinheiro que o Badur trazia comsigo, de que despendia, e muyto fato riqo de cousas de seu seruiço, e do dinheiro partio muy largo com os capitães e com a gente, de que todos ficarão muy contentes. Os grandes de Cambaya, vendo morto seu Rey, crendo que tudo fôra falsidade dos portuguezes, todos fazião grandes prantos, escreuendo huns aos outros suas determinações, vendo que já pera sempre ficaua a guerra em aberto, assy no mar como na terra, e todos os portos çarrados, e rendas perdidas, e os nossos assy tão possantes em Dio, que já nunqua serião poderosos contra os nossos; e que o reyno estaua em perigo de ser tomado dos mogores, se tornassem, com que pera sempre ficarião catiuos dos mogores. Sobre o que, auendo todos seus acordos, assentarão aleuantar por

[1] * alcançou * Autogr.

Rey de Cambaya ao Mirão, que era sobrinho do Badur, filho de sua irmã, homem já sabido que era muyto pera defender o reyno, e sobre tudo era de todos muy amado, e querido de todo o pouo. Pelo que, sendo assy per todos assentado, lhe screuerão suas cartas dandolhe todas estas rezões, e logo lhe dando obediencia de Rey; o que lhe todos requerião que fosse, porque se nom perdesse o reyno de Cambaya, pois per [1] * direito era seu natural * senhor. O Mirão, que era homem de grande siso, se foy ao Mandou, e concertou muy bem todo o que compria em suas fortelezas, com muyta gente pera resistirem aos mogores se entrassem; o que assy primeiro proueo sabendo o grande poder que comsigo tinha o [2] * Mir Hamed Zaman *, que roubara o Rao e o dinheiro e cousas do arrayal, e se nomeaua e chamaua Rey de Cambaya; temendo o Mirão que se colheria ao Mandou, onde se faria forte, e meteria os mogores em Cambaya, de que * se * faria Rey, e tornaria a tomar Cambaya, como fizera o Bobor seu cunhado; com que ficaria Rey de Cambaya pera sempre. O Mirão, prouendo estas cousas, e ajuntando sua gente, fez muyta detença, e juntou muyta gente, e fez capitão do campo hum seu primo, chamado Lurcão [3], muy grande homem de guerra e valente caualleiro. O mogor [4] * Mir Hamed Zaman *, com sua riqueza grande que tinha e muyta gente, sabendo o que o Mirão fazia no Mandou, e * que * em suas fortelezas pusera da sua mão capitães com temor que tinha dos mogores, pareceolhe que já d'elle se nom fiaria. Aconselhado dos seus, que erão muyta mais gente, e mais poderoso que o Mirão, que lhe podia dar [5] * batalha * e ganhar o reyno de Cambaya pera sy, e tambem pera isso podia auer o fauor do Gouernador, que o muyto ajudaria, entrou n'elle esta fantesia, e se aleuantou com suas cirimonias por Rey de Cambaya, e mandou sua messagem ao Gouernador, dizendo que nom esperasse de nunqua ter paz com os guzarates, que dizião que lhe matara seu Rey com traição; que por tanto elle estaua poderoso com muyta gente, aleuantado * e * nomeado por Rey de Cambaya; que em quanto elle viuesse teria com elle toda boa paz, e com todolos Gouernadores da India, e lhe daua pera sempre a cidade de Dio, e todas suas rendas, e de todos os portos do mar de Mangalor até Dio e de Dio até Çurrate, e lhe

[1] * direito o era natural * Autogr. [2] * Mirgam mira * Id. V.ª a nota de pag. 679. [3] *Castanheda*, Liv. VIII, Cap. CLXIX, chama-lhe Allucão, *Barros*, Dec. IV, Liv. VIII, Cap. X, escreve Luchan. [4] * Mirzam myra * Autogr. [5] * bata * Id.

mandaua de tudo sua carta, e lhe mandaua cem mil pardaos d'ouro pera o gasto d'armada, e que sómente queria que o mandasse apregoar no alcorão de Dio por ElRey de Cambaya, que mais nom auia mester pera ser Rey perfeito de Cambaya. O Gouernador teue conselho sobre o caso, em que ouve differentes pareceres, dizendo * huns * que, se tomasse a voz do mogor, de Rey, que era estrangeiro e tyranamente se aleuantaua com o Reyno, era grande mal ajudar a hum tyrano, sobre a morte do Rey; com que muyto se perderia o credito dos portugueses, e ficaria odio pera sempre em Cambaya contra os nossos. Outros erão ao contrairo, dizendo que se tomasse o dinheiro, que se nom perdesse, e fizesse o que o mogor queria, e se ganharia o que daua, se ficasse por Rey, e o nom ficando, porque o Mirão auia d'acudir a isso, então com o Mirão, ou com o Rey que fizessem, faria suas pazes, se [1] * as * quigessem aceitar; e senão, que a guerra, que estaua muy certa, acabaria o que Nosso Senhor quigesse. O que assy pareceo bem a todos, e foy recolhido o dinheiro, e o Gouernador mandou tres noites apregoar no alcorão por Rey de Cambaya [2] * Mir Hamed Zaman *. Do que o messigeiro tomou papel do Gouernador, com que se foy muy contente; com que o mogor se ouve por Rey de Cambaya perfeito, e d'ahy por diante tudo fazia e mandaua como Rey de Cambaya com todos seus estados.

CAPITULO XCVIII [3].

DE COMO O GOUERNADOR MANDOU RECADO A ELREY DE PORTUGAL POR TERRA, E OUTRAS COUSAS QUE PROUEO EM DIO.

O Gouernador fiqou muy agastado * de * suas cartas nom hirem nas naos do Reyno, porque n'ellas daua muy larga conta a ElRey das cousas da terra firme de Goa; porque bem sabia que auião de hir escritas a ElRey cartas de grandes pragas, por elle fazer aquella guerra contra vontade das gentes; e assy lhe daua conta da guerra de Cochym, e sobre tudo da morte do Badur; do que [4] * as * móres sostancias que a elle comprião autorizou com estormentos, que tirou dos principaes fidalgos,

[1] * a * Autogr. [2] * Mirzam mir * Id. [3] E' o XCII do original. [4] * das * Autogr.

que guardou, porque sabia que ao Reyno auião de hir cartas de Martim Afonso, e do vêdor da fazenda, que lhe muyto danassem. Então falou com Yzaque do Cayro, judeu, homem muy auisado, de que confiou que a ElRey diria a verdade, que sempre a falara andando no Cayro; ao qual o Gouernador deu quanto elle quis; ao qual deu huma só carta de crença e outra de pouqa leitura. O judeu escreueo em sua lingoa toda' enformação que lhe deu o Gouernador; de que o judeu fez hum liuro a modo de seu moçafo, em que tudo meteo, e se partio. A que o Gouernador encarregou muyto que fosse por Suez, e visse as galés, e fosse á corte do Turqo, e soubesse tudo, pera de tudo dar conta a ElRey. O que o judeu fez muy enteiramente, e foy a Portugal, como adiante direy.

E tambem o Gouernador mandou Manuel Machado, seu criado, ao Estreito com tres fustas, com regimento que fosse correr até as portas, e trabalhasse de saber algumas nouas dos rumes, ou do que se fazia; porque bem lhe parecia que indaque os rumes estiuessem prestes embarcados, ouvindo que ElRey de Cambaya era morto, tudo cessaria até lhe hir outro recado; e que tudo corresse, e tornasse a enuernar a Goa. O Gouernador, parecendolhe que apaceficaua e seguraua milhor o pouo da cidade e a terra, fez Coje Çafar capitão da cidade, com toda' jurdição sobre a gente da terra, que lhe muyto encarregou que tudo segurasse e assentasse com toda paz, fazendolhe todas honras. Com o que Coje Çafar, que era homem muy sagaz e auisado, se mostraua muy grande seruidor, e daua ao Gouernador todolos auisos e albitres que entendia; com que o Gouernador mais folgaua, e lhe ganhaua a vontade, que de dia nem de noite se nom apartaua d'elle; com que se fez tanto de sua priuança como se fôra do conselho, e aconselhou ao Gouernador que escreuesse cartas aos regedores e grandes senhores de Cambaya, em que lhe désse rezões e desculpas da morte d'ElRey, que fôra aquecimento de desastre, e nom tinha nenhuma vontade * de o matar; mas * vindo á profia e brados, que os mouros, cuidando que era por mal, se aleuantarão arrancando dos traçados, e matarão o capitão da forteleza, que estaua molhado, que cayra no mar, e ferirão outros, 'o que os portugueses então ferirão e matarão; ao que acodirão fustas que estauão no rio com gente d'ElRey, com que se fez o mal que era feito, e que o Badur cayra no mar e morrera, de que tiuera muyto pesar, por ser tão nobre Rey e senhor; e que se ElRey, contra elle e os portugueses, tinha algum mal

no coração secreto, elle o nom sabia, e se ordenaua trayção Deos lhe fizera por isso mal; [1] *e porque* se achou em suas casas tantas moniçòes de guerra, que quem fizesse mal Deos lho faria. E com isto outras rezões incrinadas a bem, porque os mais d'elles sabião a trayção que o Badur ordenaua; o que tudo isto foy ordenado por Coje Çafar, que tudo bem pareceo ao Gouernador, que as cartas mandou, de que nom ouve repostas, mas aproueitarão pera outro tempo, como adiante direy.

O Gouernador concertou e proueo a forteleza muyto de todo o que compria, e ordenou partirse pera Goa, porque se achou mal *de* corrimentos, de que era mal tratado. E fez capitão da forteleza Antonio da Silueira, a que deixou quanta gente quis, com boas armas e muytos espingardeiros, e lhe deixou muyto dinheiro pera seus pagamentos, e com regimento de muytos apontamentos do que auia de fazer se lhe fizessem guerra, e tambem se assentasse paz. Deixou em Dio honrados fidalgos, e por capitão da villa dos rumes João de Mendoça, e seu irmão Francisco de Mendoça capitão do baluarte do mar, e Ruy Dias Pereira nas casas d'ElRey, que erão como forteleza, e dom João Lobo, Francisco Pereira, Anrique de Mello, Gaspar de Sousa; todos estes fidalgos dauão mesas, a que comia toda a gente, que assy o ordenou o Gouernador, pera o que a cada hum fez mercê de muyto dinheiro pera seus gastos. E todo bem concertado se partio pera Goa em feuereiro de 537, e leuou toda' armada d'ElRey de Cambaya, deixando em Dio quatro catures pera recados, se comprisse, e seis fustas, e duas galeotas, todos bem armados; e deixou na forteleza toda a poluora que se achou nas minas. E se partio e foy a Baçaim, onde deixou Gracia de Sá por capitão forçadamente, o que elle nom queria seruir, por andar anojado dos agrauos d'ElRey o mandar prender, e fiqou tirando d'isso seus estormentos, e o Gouernador lhe deu seu assinado que mandaua que ally ficasse seruindo n'aquella forteleza, pola sospeita que tinha que auia de vir guerra pela morte do Rey de Cambaya; o qual nom quis ordenado de capitão, dizendo que pois andaua preso seruia de per força, *e* nom queria ordenado. A que o Gouernador muyto encarregou que désse pressa á obra, e se fizesse forte quanto pudesse. Onde o Gouernador deixou muyta gente, e ficarão homens fidalgos, a que Gracia de Sá daua grande mesa a toda

[1] *o que* Autogr.

a gente, e bons pagamentos, que auia muyto dinheiro. E deixando tudo prouido se foy a Goa, onde chegou em março, donde mandou a Cochym muyta armada de Cambaya pera Martim Afonso trazer em sua companhia, e lhe mandou muyto dinheiro pera pagamento da gente, e lhe mandou que andasse na costa até que entrasse o inuerno, e no inuerno concertasse 'armada, e que logo tornasse á costa como o tempo lhe désse lugar, e andasse com todo poder que tiuesse; que nom sabia como socederião as cousas de Cambaya. O que todo fez Martim Afonso muy enteiramente, e no inuerno mandou aos capitães que dessem mesa a suas gentes, e pera isso lhe pagou seus ordenados, em que gastou todo o dinheiro que lhe mandou o Gouernador; e do seu concertou 'armada, o que pedio ao Gouernador que lhe mandasse pagar o que gastara n'armada; do que o Gouernador se queixou, dizendo que o dinheiro lhe mandara pera corregimento d'armada, e nom pera pagar ordenados. Martim Afonso lhe disse: «Senhor Gouernador, ninguem faz milhor seu» «officio que eu; e se me nom pagardes ElRey mo pagará, e me fará» «muyta mercê, porque em meu seruir nom ha pecado mortal.»

CAPITULO XCIX [1].

DO QUE PASSARÃO OS MESSIGEIROS QUE LEUARÃO AO TURQO O PRESENTE RIQO, E LHE PEDIRÃO OS RUMES DA PARTE DO BADUR.

Os embaixadores que o Badur mandou ao Turqo com o riqo presente, o Badur lhe mandou que de caminho visitassem o Rey de Xaer, * a * que mandou sua carta queixandose do engano que lhe fizera o Gouernador, com que lhe dera forteleza em Dio, com muyto dinheiro, e lhe nom dera ajuda de gente pera sua guerra, antes lhe fazião soberbas e males ante seus olhos; [2] * polo que * tinha ordenado com dessimulação o colher em suas casas, e o catiuar ou matar, e a todos quantos fossem com elle, e logo dar sobre a forteleza e a tomar, e nom deixar português viuo, e logo mandar sayr ao mar duzentas velas, que tinha bem armadas, em que meteria dez mil rumes que mandaua pedir ao Turqo a seu soldo, e elle em pessoa auia de hir pelejar com 'armada do Gouernador, e o des-

[1] E' o XCIII do original. [2] * porque * Autogr.

baratar, e logo tomar as fortelezas da costa da India; pera o que já tinha palaura de todolos senhores das terras, e mandarião guerrear por terra as fortelezas; o que tudo estaua tão prestes que muy asinha seria acabado; ao que elle tambem deuia d'ajudar, pois tantos portugueses sempre hião tratar a seu porto; que quando visse tempo a todos matasse, polos muytos males que os nossos tinhão feito nos seruidores de Mafamede. Do qual recado o Rey de Xaer se ouve por muy honrado, por lhe mandar hum [1] * tamanho * Rey e senhor como era o de Cambaya, e fez muytas honras aos messigeiros, com que os despedio, entrando logo no Rey muyta cobiça da muyta fazenda dos portugueses. E nom ouzou de bolir com nada até vêr a reposta do Turqo, e mandou com os messigeiros hum homem seu, que fosse estar em Suez, e que vendo concertar as galés e embarquar os rumes lhe tornasse com recado, pera então fazer sua obra.

Os messigeiros forão ao Turquo, que estaua em Alexandria, e lhe derão seu presente e messagem, que o Turqo logo os despachou pera o Rey de Misey, que tem o poder das terras do estreito de Meca, de que paga ao Turqo grandes rendas; a que o Turqo lhe mandou que em todo satisfizesse o que pedia o Rey de Cambaya, de seu dinheiro, que pera isso mandaua. O que o Rey de Misey fez compridamente, que logo mandou a Suez muytos officiaes que concertassem as galés, e fizessem outras de nouo, pera que mandou muyta madeira laurada, em camelos. Ao que se deu muyto auiamento, e ouve detença porque as cousas vinhão de longe; e logo as que erão concertadas se deitauão ao mar, e as mandauão a outros portos pera se acabarem de prouer do necessario, pera todas passarem no setembro d'este anno de 537. Onde se repartirão os rumes pera as embarcações: o que vendo o criado do Rey de Xaer tudo tão prestes, se partio, e tornou a seu Rey com esta certeza que ficauão embarcando.

O que sabido do Rey de Xaer, cobiçoso do roubo que faria aos nossos, falou com os seus, dandolhe conta do que passaua e determinaua de fazer, que era matar ou catiuar os nossos: de que todos ouverão muyto prazer, e ordenarãose pera o feito. Huma noite armados, com muyta gente, tomarão as principaes ruas, em que os nossos morauão e tinhão suas fazendas, todos ordenados a catiuar, e nom matar, que assy lho defendeo

[1] * tama * Autogr.

ElRey, porque os queria mandar ao Turqo de presente. E sendo todos assy prestes, batião á porta dos portuguezes, dizendo que os chamaua ElRey; ao que se elles aleuantauão, e muy seguros sayão fóra á rua, onde logo erão tomados e atados, e leuados a casa do Rey, que lhes dizia que nom ouvessem medo, que lhe nom faria mal até saber a verdade do que lhe dizião; o que lhe assy dizião os mouros que os prendião. Mas vendo os nossos que os mouros lh'entrauão nas casas, e atauão os escrauos e escrauas, e lhe roubauão o fato, alguns tomarão armas e começarão a pelejar, em que alguns forão mortos e feridos, e comtudo forão todos catiuos, que passauão de sessenta, e passante de quatrocentos escrauos e escrauas, e * tomarãolhe * fazenda que valia mais de cem mil pardaos. Os catiuos todos forão metidos em huma casa grande, dentro na forteleza, em que moraua o Rey, presos em ferros, e ahy com elles os escrauos que os seruião; e os feridos bem curados dentro na prisão, onde a todos dauão o que auião mester.

E logo fez prestes huma nao, em que mandou meter cincoenta portuguezes, os milhor despostos, e muyto a bom recado, e com riqas peças os mandou ao Turqo em presente. Antre os quaes foy hum Aluaro Madeira, piloto, de que mandou dizer ao Turqo que elle andara já por piloto mór d'armada do Gouernador da India; que sabia muyto do nauegar, e porque os rumes auião de hir ajudar a ElRey de Cambaya, elle fazia logo começo n'aquelle seruiço dos portuguezes que achara em sua terra.

Partida a nao, antes de chegar ás portas do Estreito alguns dos nossos se soltarão, e trabalhauão por soltar os outros, e forão sentidos e os mouros derão n'elles, de que matarão doze ou quinze, que erão os soltos, e os outros puserão a bom recado e leuarão; e passarão por o Toro e Suez, onde virão o aprecibimento das galés e os rumes que auião de passar; e forão ao Rey de Misey, e d'ahy ao Turqo; onde n'este caminho os nossos souberão que o Badur ordenaua matar o Gouernador á trayção dentro em suas casas quando o fosse visitar, e tomar a forteleza, e com su'armada e com estes rumes hir pelejar com o Gouernador, e o desbaratando hir tomar as fortelezas, com os concertos que já tinha dos senhores das terras: o que os mouros contauão tudo aos nossos, o que elles ouvindo assentarão que a India per tal modo se perderia, se Nosso Senhor nom acudisse com sua misericordia. O Turqo folgou muyto

com os catiuos, e mórmente com o piloto, porque leuaua sua carta e estrelabio e todo seu concerto de nauegar; o qual o Turqo mandou ao Barbaroxa, seu almirante do mar, que o trouxesse em sua companhia, que o tratasse muyto bem se lhe falasse verdade, e senão que lhe cortasse a cabeça; e os outros catiuos deu a seus criados. Isto se passou no anno atrás de 536.

Estando os rumes assy fazendose prestes polos portos do Estreito, lhe foy dado a noua da morte do Badur ás mãos dos portugueses; o que sabido do Rey de Misey mandou soestar tudo até vir recado do Turqo, o qual, sabido que o Badur era morto, mandou que a gente se tornasse, e sómente ficasse a gente do mar, e que as galés se tirassem do mar, e assy estiuessem até vir recado de Cambaya.

CAPITULO C [1].

COMO O MIRÃO, QUE REINAUA EM CAMBAYA, TEUE CONTENDA COM O MOGOR, QUE SE ALEUANTARA E CHAMARA REY DE CAMBAYA.

O Mirão ouve por grande [2] *ofenda* o aleuantamento do mogor, e mandoulhe dizer que lhe entregasse o tisouro que tomara ao Rao e no arrayal, e que despedisse a gente que trazia, e que sómente lhe ficasse a sua que tinha de primeiro, com que se recolhesse pera suas terras que tinha no Mandou, que lhe dera o Badur e que elle tomara, que lhas confirmaua (e d'isto lhe mandaua chapa); e que esta amisade lhe fazia, sem o querer castigar do aleuantamento em que andaua chamandose Rey de Cambaya. O mogor lhe respondeo que os de Cambaya o [3] *tomarão* por Rey contra rezão, porque indaque elle fôra filho do Badur nom podia reinar, porque o Badur nom era Rey de Cambaya de direito, antes fôra trédor, que matara a [4] *Latifacão*, que era direito Rey de Cambaya, que socedera no Reyno per morte de [5] *Carcamdacão* que matara o Madremaluco; do qual Latifacão ficara hum filho que era em idade

[1] O XCIV do original. [2] offensa (?). [3] *toram* Autogr. [4] *Catyfocam* Id. [5] *Mamedecam* Id. E' erro, porque Carcamdacão ou Scander Can, é que foi morto pelo Madremaluco, como se refere no Cap. XLIII d'esta Lenda.

de reinar, que era Rey de direito, e elle não; e pois assy era, nom lhe podia mandar tal recado.

Ouvida polo Mirão esta reposta do mogor, ajuntou gente pera hir contra elle. O que sabido do mogor, auido seu conselho com os seus, que se lhe isto nom socedesse em bem, e fosse desbaratado, nom tinha per onde se sayr de Cambaya, mandou seu messigeiro ao Gouernador, estando já embarcado pera partir pera Goa, dizendo que o Mirão se fazia Rey de Cambaya, sem o poder ser por direito, *que* sómente o era o filho de Latifacão; e pois nom era Rey de direito lhe nom auia d'obedecer, e sobre isso auia de morrer, e darlhe batalha, porque tinha por sy os principaes de Cambaya e muyta gente; que por tanto, se a elle Gouernador lhe aprouvesse darlhe fauor como elle ficasse Rey de Cambaya até que ElRey fosse em idade, lhe daria todolos portos do mar de Cambaya, e pera suas despesas lhe daria quatro contos de pardaos d'ouro; e que agora lhe muyto compria que outra vez o mandasse apregoar no alcorão por Rey de Cambaya, assy como já outra vez se fizera, com que já ficaua Rey de Cambaya perfeito. O Gouernador sobre este caso teue muytos conselhos, vendo se poderia dar algum bom caminho como ouvesse o dinheiro ás mãos; mas achando que pois já o Mirão era aleuantado por Rey, n'isto nom podia fazer nada, sem grande quebra da verdade e credito d'ElRey de Portugal e dos portugueses, assentou o Gouernador lhe mandar reposta que nom ficasse dentro nem fóra; porque se ouvesse vencimento contra o Mirão nom ficasse mal com os nossos, e se o Mirão vencesse nos nom ficasse por imigo. E respondeo ao mogor que lhe nom podia responder a nada do que lhe dizia, porque pera o que elle queria era necessario estar elle em Dio, o que nom podia ser, por caso de sua doença, que forçadamente auia de hir enuernar a Goa; e que *por* tanto se repairasse como pudesse até entrar o verão, que, se estiuesse são, logo viria a Dio, e faria por elle tudo o que fosse rezão, por quanto elle nom sabia nada de quem era dereito Rey de Cambaya, nem do Mirão, nem do filho do Latifacão; mas que elle, como grande caualleiro e sisudo que era, olhasse bem como fazia suas cousas, que as fizesse com direita rezão, porque o Badur, que matou seus irmãos como máo e tyrano, e tomara o reyno que nom era seu, assy Deos lhe fizera mal, morto nas agoas do mar; que por tanto deuia de tomar com o Mirão algum bom concerto; que olhasse que era estrangeiro, auorrecido das gentes das ter-

ras polos males passados, e que o Mirão era muy amado de todos; e que elle obedecesse a*o* Mirão, que lhe faria boas amisades, e com qualquer que ficasse por Rey com esse fizesse boa paz, com que sempre seria dos principaes de Cambaya; que muyto folgara d'estar em Dio pera o ajudar em algum bom concerto. Da qual reposta o mogor fiqou satisfeito, vendo que o Gouernador lhe falaua direita rezão. O Mirão fez muyta gente, com que foy buscar o mogor, com que ouve grande batalha em que os mogores perderão o campo e os guzarates nom dauão vida a nenhum mogor; pelo que alguns falarão com o mogor que deuia de auer concerto com o Mirão; que elles nom erão tantos que pudessem pelejar com a gente de hum Reyno. O que o mogor nom quis fazer, e como os seus andauão muyto carregados de dinheiro nom quiserão andar no trabalho, com que logo alguns se forão pera o Sinde. E o Mirão pelejou outras vezes com o mogor, e sempre ficou vencedor e o mogor muy mingoado da gente; e nom se acabou esta guerra porque entrou o inuerno tão forte de tantas agoas que nom puderão andar no campo, e assy fiqou.

O Mirão andou n'esta acupação com os mogores, de que no inuerno lhe socedeo doença de que morreo, que os guzarates sentirão como a propio Rey, o qual, recolhendose a enuernar, mandou a Lurcão, seu capitão do campo, estar fronteiro nas terras junto de Dio com dez mil de cauallo, que se aposentou pera [1] *no* inuerno guerrear Dio, e nom pôde, pelo grande inuerno que entrou; mas defendeo os mantimentos, que nada hião vender á cidade: de que os nossos passarão grande falta.

Morto o Mirão, os senhores do Reyno se ajuntarão, e fizerão Rey o filho de Latifacão, que o era de direito, que era moço de dez ou doze annos, muy sesudo e entendido no que compria; e comtudo se ordenarão dous titores, homens os mais antigos e principaes do Reyno; o que tudo Antonio da Silueira escreuia ao Gouernador por terra a Goa, onde estaua com pouqa gente, porque toda ficara em Dio e Baçaim, e outra que se foy a Cochym enuernar com Martim Afonso. E o Gouernador passou o inuerno concertando su'armada, e prouendo nas cousas da fazenda, porque em Goa estaua a matriqola e casa dos contos. E assy passou o inuerno até chegarem as naos do Reyno, de que adiante contarey, e

[1] *o* Autogr.

ora direy do que se passou fóra da India, * em * Malaca, * e * Maluco, n'este tempo atrás.

CAPITULO CI [1].

COMO ANTONIO GALUÃO FOY A MALUCO POR CAPITÃO, E O QUE FEZ.

Partio Antonio Galuão, de Cochym, em duas naos, como já disse, e da outra era capitão hum Francisco Nunes, e chegarão a Malaca, onde dom Esteuão lhe fez todo bom gasalhado, onde a Malaca chegou Diogo Sardinha, de Maluco, que mandara Tristão d'Atayde com grandes requerimentos a dom Esteuão, que lhe mandasse secorro, senão que lhe fazia encampação da forteléza; e isto com grandes protestos. Tambem vierão cartas d'alguns homens que lh'escreuião os grandes males que padecião, dizendo que se nom secorresse que logo se hirião fazer amigos dos mouros, e viuer com elles, antes que os tomassem a todos; o que estaua muy certo segundo estauão perdidos. E todas estas cartas vio Antonio Galuão; com que se proueo de todo o necessario, e mórmente de mantimentos, que * era * o principal, que leuou quanto pôde carregar nas naos, e mandou hum junqo fretado carregar de mantimentos [2] * á Jaoa *, e elle foy pela via de Borneo, em que nom achou bom gasalhado, polos escandolos que os nossos lhe fazião; e foy ter á ilha de Ternate em outubro do anno passado, onde sorgindo no porto ouve grande aluoroço na terra, e logo muytos portugueses o forão visitar á nao, onde todos lhe disserão muy fortes males de Tristão d'Atayde, certificandolhe que elles o prenderão em ferros e mandarão ao Gouernador, e o nom fizerão porque Tristão d'Atayde era tio de dom Esteuão, que em Malaca o tomaria e nom deixaria leuar á India. Antonio Galuão era homem deitado á boa parte, e nom quis deitar mão de tantos males como lhe dizião do capitão, porque erão cousas de pouo; e quis fauorecer Tristão d'Atayde, porque lhe nom contassem d'elle tantos males, e lhe respondeo a seu [3] * recado * de visitação, que lhe [4] * mandou, em que pedia * que logo se fosse pera' forteleza, lhe [5] * mandando * seus agardicimentos e que se nom desaposentasse depressa, que elle agardaria no mar até se agasalhar. Do qual re-

[1] E' o XCV no original. [2] * a Jao * Autogr. [3] * reca * Id. [4] * mandou e pedia * Id. [5] * mandou * Id.

cado Tristão d'Atayde ouve grande prazer, porque foy grande fauor contra seus imigos; como de feito logo praguejarão do capitão nouo, que quiserão que logo fizera grandes enxecuções de justiça contra Tristão d'Atayde. Desembarqou hum domingo; foy recebido com festas, e * por * Tristão d'Atayde com grandes honras; e sendo aposentado na forteleza logo entendeo no mais necessario, que foy desembarqar o mantimento; e porque todos fossem auondados mandou que nos soldos lhe dessem o arroz, com grande defesa que o nom vendessem fóra da [1] * forteleza *; e o preço porque se deu foy o tresdobro menos do que valia na terra, em que inda ElRey muyto ganhou, segundo o preço porque o comprara: com que a terra logo foy abastada de todolas outras cousas. E por milhor encaminhar as cousas fez hum juiz ordinario, e dous almotacés, a que deu o liuro das Ordenações, que nunqua ouvera em Maluco; e meteo muytas cousas em boa ordem pera o bem commum; com que de todos era muy amado e agardado, e como hia prouido de todolas pertenças, como já disse, concertou e repairou a forteleza, que estaua desbaratada como casa d'aluguer, e concertou essa artelharia que achou toda perdida e desencepada. No que todo proueo, e principalmente casa em que se fizesse poluora; e elle com a gente hia ao mato trazer a leynha pera o caruão, e madeira com que fez repairos a toda' artelharia; de que lhe derão enformação que Tristão d'Atayde dera muyta artelharia d'ElRey aos junqos que lhe leuarão o seu crauo, pelos segurar.

Os Reys das ilhas, sabendo que era chegado o nouo capitão, que leuara tanto secorro, quiserão vêr pera quanto era, e ordenarão suas armadas, com que vinhão correr a forteleza, fazendo saltos de dia e de noite. Antonio Galuão quis leuar outro caminho n'esta guerra, e mandou Fernão Vaz Çarnache em huma carauella a Tidore, onde estauão todos os Reys, dizendolhes que elle era capitão nouo, e nom sabia inda bem a verdade de suas cousas; que folgaria que fossem amigos, e nom ouvesse guerra nem males que d'ella vinhão. Ao que todos responderão os grandes males e tyranias que lhes tinha feito Tristão d'Atayde, a que deuia de dar grande castigo pera o bem e seruiço de Deos e d'ElRey; e que por em tanto, até se tomar assento das cousas, estiuessem em tregoas por certos dias. A qual tregoa elles assentarão, por em tanto aue-

[1] * forteza * Autogr.

rem auiso do Çamarao da tenção que tinha Antonio Galuão. E com esta tregoa logo os nossos sayrão pela ilha a buscar leinha, e mórmente escrauos, que [1] * desmandados * forão tomados tres dos mouros [2], do que se Antonio Galuão mandou queixar aos Reys, porque nom guardauão verdade; que pois a nom gardauão que elle assy o faria. Ao que elles responderão que elles gardauão verdade assy como a gardauão os portugueses, e que se elle a nom faria, como sempre fizerão quantos capitães ouvera em Maluco, que se quigesse guerra que elles prestes estauão. O que ouvido do capitão determinou logo hir pelejar com os Reys. O que lhe muytos [3] * contrariarão *, pela moltidão de gente que os Reys tinhão: sobre o que ouve muytos debates, e todauia o capitão assentou em pelejar, e se fez prestes com a gente que auia de leuar, e se foy a Talangane, deixando Tristão d'Atayde por capitão da forteleza.

Estando o capitão em Talangane, lhe sayrão de huma cilada dous mil mouros, que durarão pouqo na escaramuça, e se recolherão sem auer mortos nem feridos, senão tres; e tomarão hum mouro que fiqou na traseira, a que o capitão perguntou pelo que fazião ou determinauão os Reys. O [4] * mouro * lhe falou muy seguro, e disse: «Capitão, sabe certo que» «* se * pelo que eu dixesse ouvesse de vir mal aos Reys eu to nom di-» «ria, indaque me matasses com tromentos. E porque nada de mal lhe» «póde vir, te direy a verdade. Os Reys estão com determinação jurada» «de tanta guerra fazerem aos portuguceses até todos auerem em seu po-» «der, com tomar a forteleza, e a Tristão d'Atayde; e portugueses que» «com elle estauão todos matarem com grandes cruezas, e a Tristão» «d'Atayde terem viuo até que per sy moyra dos males que cada dia» «padecerá. E a ty e aos portugueses que comtigo vierão, os que toma-» «rem catiuos os resgatarão, pera se pagarem d'alguma cousa dos rou-» «bos que lhe são feitos. E pera ajuda d'esta cousa nom ha de nacer» «na ilha de Ternate cousa verde que nom cortem, como tem já corta-» «dos todos os matos que tinhão aruores de crauo, que nom querem» «que o aja; porque vós outros o nom tendo nom estarês na terra, e» «vos hireys. E pera fazer esta guerra tem tanta gente que pera hum por-»

[1] * demandados * Autogr. [2] Quer dizer: que sahindo a buscar lenha, principalmente os escravos, e desmandando-se alguns d'elles, forão tres cativados pelos mouros. [3] * contrarião * Autogr. [4] * mou * Id.

« tuguês tem duzentos mouros; e a cidade de Tidore * he * tão forte de »
« muros, e baluartes, que primeiro hão de ser mortos dez mil mouros, »
« que dentro estão, primeiro que português meta o pé dentro; e os que »
« forem será com çapatos de ferro pera os estrepes e abrolhos que acha- »
« rão por todas partes. E as pessoas dos Reys estão em huma serra, que »
« sobe pera o ceo mea legoa, per hum caminho perque sobe hum só ho- »
« mem. Em tudo te tenho dito a verdade. Se me nom matares eu ve- »
« rey o que n'isto fazes. » O capitão lhe dixe: « São contente, que quero »
« que o vejas. » E lhe mandou deitar huns grossos ferros, porque nom fogisse.

Antonio Galuão leuaua as duas naos, e duas carauelas e tres bargantys, e duas barcaças com boa artelharia, e estando pera partir, ao outro dia, amanhecendo, apareceo 'armada dos mouros, que erão mais de duzentas velas; com que o capitão, com muyto prazer, * disse *: « Nosso »
« Senhor nos quer ajudar, e nos traz estes imigos ao mar, pera que os »
« metamos no fundo; e ficarão menos na terra. » E mandou fazer vela; ao que os mouros fizerão prazeres de gritas e tangeres, mas vendo que os nossos hião pera elles, á força de remo se puserão todos a balrauento, longe, que lhe nom chegauão nossos tiros. Os nossos forão a Tidore, onde a terra e praia pareceo cuberta de gente, que gritauão que parecia se fundia a terra. E foy sorgir no porto, onde de terra lhe tirarão com muyta artelharia miuda, que os nossos nom temião porque os pilouros passauão por alto; mas de noite tirauão muy certo, se aparecia alguma candêa. Então o capitão passou 'armada mais abaixo da cidade, onde lhe nom empencião os tiros, e mandou em terra hum messigeiro, que fosse aos Reys com recado por vêr se querião paz; mas o messigeiro tornou fogindo d'espingardadas que lhe os mouros tirauão. Então, auido conselho, foy acordado que a cidade cometessem á escala vista, ao que acodirão os mouros. O que assy sendo, o capitão escolheo cento e vinte homens, que todos leuauão espingardas e seus escrauos as lanças e adargas, com que fazião parecer que erão trezentos homens, com que auia de hir cometer a forteleza, que seria mais facil de tomar porque nom tinha artelharia, nem gente mais que a do seruiço dos Reys, que toda a gente de guerra estaua na cidade, e que sendo a forteleza tomada d'ella farião tanto mal á cidade que fogissem todos os mouros. O que assy ordenado, sendo o quarto da modorra rendido, que a gente estaua mais

repousada, o capitão, e todos, encomendandose a Nosso Senhor, desembarcarão em terra debaixo da rocha da forteleza, que era hum tiro de berço donde estaua nossa armada, que o capitão encomendou a Gomes de Crasto, fidalgo honrado, que tiuesse boa vigia n'armada [1] * que * mouros nom lhe chegassem a deitar fogo, e amanhecendo fizesse entrar a gente nos bateys, fazendo que queria desembarqar, tangendo as trombetas, e atambores, e pifaros; ao que acoderião os mouros, com que nom terião tento d'acudir á forteleza, nem cuidarião que os nossos lá auião de hir. O capitão caminhou pera' forteleza, porque muytos homens sabião bem o caminho, que tudo tinhão visto no tempo das pazes, que era desuiado hum pouqo, per que se os mouros seruião; per que os nossos forão sem serem sentidos, hindo na dianteira Gonçalo Vaz Çarnache, Diogo Lopes d'Azeuedo, Jorge de Brito, Antonio de Teiue, e Antonio Carneiro com a bandeira, e Francisco de Sousa, e João Freire, e outros bons caualleiros. Caminharão deuagar, porque o caminho era muy fragoso, e forão, em amanhecendo, em cima no andar da forteleza, que forão vistos das vigias, que correrão bradando dar rebate. Ao que os Reys forão postos em grande aluoroço, e acodio toda a gente com grande esforço, com que se pôs na dianteira o Rey Cachil Dayalo, e os nossos chegarão a hum campo que auia ante a forteleza, onde Antonio Galuão se pôs na dianteira, e mandou tanger as trombetas enuocando Santiago, São Thomé, que era seu dia; desparando os nossos as espingardas, dando gritas de Santiago, que todos chamarão. Ao que os mouros, * acodirão * com suas gritas, e muytas frechas, e pedradas, e azegaias, e os nossos derão as espingardas aos escrauos, que tambem tirauão, e tomarão as lanças, e cometerão os mouros ás lançadas tão fortemente que logo se retiuerão; e logo o Rey Dayalo, que pelejaua diante, vestido em huma saya de malha e capacete, com huma espada d'ambolas mãos que aprendera a jugar com os [2] * nossos, foy * ferido por hum hombro com hum pilouro d'espingarda, com que se tornou atrás. Jorge de Brito, e hum Pero Pinheiro, forão cercados de mouros, que os derribarão muy feridos; ao que acodio Gonçalo Vaz Çarnache, Francisco de Sousa, João Pacheco, Diogo Moreira, que os saluarão, derribando muytos mouros. Antonio Galuão, que andaua diante, e os nossos por ganhar honra fazendo

[1] * dos * Autogr. [2] * nossos mas foy * Id.

façanhas, derão aos mouros tal apressão que os forão leuando do campo, e chegarão ao Rey Dayalo, que foy derribado, que bradou fortemente que lhe acodissem, que os cães dos portugueses o nom leuassem. Ao que os mouros acodirão tantos que o leuarão, que os nossos lho nom puderão defender. O qual assy o leuando, que o virão os mouros leuar, cuidando que era morto se puserão em desbarato, fogindo, deixando as armas; e derão nos outros que vinhão atrás, que todos se puserão em fogida, huns pera' forteleza, outros pera o mato. Os nossos * forão * todos após elles, com que entrarão com elles d'enuolta na forteleza, que logo vazarão, fogindo por outra parte; onde os nossos entrados, logo o capitão mandou pôr fogo nas casas, que erão de madeira e canas, que se aleuantou muy espantoso. E * o * Rey ferido leuarão pera' cidade; o que vendo os seus que pelejauão que os nossos que sayrão das naos, entrou n'elles tal desmaio que logo fogirão a quem mais podia com os filhos ás costas, que nenhum fiqou, vendo o fogo na forteleza e os Reys e gentes fogindo polos matos, e que assy leuarão o Rey Dayalo. O Rey de Tidore acodio a saluar suas molheres e tisouro. Os nossos das naos, com os marinheiros arabios, sayrão em terra vendo fogir os mouros, e se meterão a roubar [1] * desmandados *, de que os mouros matarão e ferirão alguns, e se começauão os mouros a tornar a pelejar; ao que acertou de chegar Antonio Galuão com gente. Tangendo as trombetas, entrou pela cidade matando os mouros que fogião; e a gente se começou a desmandar a roubar; o que vendo o capitão, auendo medo de algum desastre na gente [2] * desmandada, mandou * pôr fogo, com que a cidade foy totalmente destroida, em que se queimou muyta riqueza dos Reys e muyta gente que ally estaua junta; e todauia muytos dos nossos ouverão bom fato e catiuos, moços e molheres com seus filhos, que hião fogindo, e se tomou muyta artelharia e toda' armada dos mouros, e em todo este feito dos que forão á forteleza nom ouve mais que tres feridos de pedradas, e na cidade hum português * e * tres marinheiros. E ficando tudo assy acabado, dando todos muytos louvores a Nosso Senhor, ficarão descansados.

Auida esta milagrosa vitoria, Antonio Galuão se deteue alguns dias em derrubar os muros e baluartes, com que a caua ficou chêa e tudo campo raso. Os Reys, como tinhão muyta gente, e vião que os nossos

[1] * demandados * Autogr. [2] * desmandada e mandou * Id.

erão tão pouquos, fazião ajuntamentos de muytos, e fazião alguns cometimentos, em que sempre se tornauão fogindo. Então ordenarão huma armada escondida d'ahy mea legoa, que erão vinte velas, que puserão em cilada pera tomarem o capitão, que cada dia em se pondo o sol hia dormir á nao. Determinados ao [1] * tomar, tinhão * elles bom lugar pera estarem em cuberto em cilada, e puderão fazer este mal, porque com o capitão nom hião senão oito ou dez homens; mas elle foy auisado d'esta cousa, e falou com Gomes de Crasto, e Gonçalo Vaz Çarnache, e Antonio d'Atayde, e Francisco de Sousa, que se fizerão prestes em dous bargantins, e duas barcaças, e dez corocoras, que tambem se puserão em cilada de longo da terra, em que nom parecia ninguem, nem os mouros souberão nada. E Antonio Galuão meteo no batel vinte homens, e marinheiros portugueses armados, e muytas panellas de poluora, e partio pera' nao, que estaua grão pedaço da terra, que por isso 'os mouros lhe pareceo que tomarião o batel, antes de chegar á nao nem ser secorrido da terra. Vendo os mouros partir o batel da terra, que erão espias, derão rebate 'armada, com que forão a grã força de remar cometer o batel. O capitão, que hia d'auiso, fez rostro contra 'armada, tirando com os berços; mas todauia os mouros chegarão 'abalroar o batel * em * quatro corocoras, em que hia hum valente caualleiro filho do Rey dos papuás; a que o batel fez grande resistencia com as muytas panellas de poluora, com que os mouros escaldados, se afastarão as corocoras a tomar muytos que se deitarão ao mar por apagar o fogo; ao que os nossos nauios arrancarão da terra a remo, e as corocoras diante com grandes gritas; o que vendo os mouros d'armada logo se puserão em fogida, e ficando huma corocora desamparada da gente. Os mouros da terra estauão prestes, que vendo a peleja no mar forão cometer os nossos, que estauão em seu arraial com auiso do que se auia de fazer; que chegando os mouros a tiro despararão as espingardas, com que matarão e ferirão muytos, com que os mouros * nom * ousarão chegar. O capitão, vendo fogir 'armada, e a reuolta na terra, tornou, e pôs os nauios ao longo da terra, e se meteo no arraial, e com boas vigias mandou repousar a gente, e mandou espiar onde estauão os mouros, que era perto em humas aldêas, e falou com seus capitães que dormissem, porque ante menhã auia de hir dar

[1] * tomar e tinhão * Autogr. [2] * fossem que forão * Id.

nas aldêas. O que assy pareceo bem a todos, e repousando o que fiqou da noite, em rompendo alua, que os mouros estauão descansados de lhe parecer que os nossos lá [1] * fossem, forão * tão mansamente, por debaixo d'aruoredos, que nom forão sentidos senão sendo já á vista d'aldêa. Dando gritas derão nos mouros; que casy os tomarão dormindo, com que logo deitarão a fogir, e os nossos dando fogo ás casas, que erão de palha, fizerão tão grande claridade que os nossos virão os mouros, a que seguirão o alcanço, porque o dia era já craro; mas o capitão fez recolher a gente pera descansar, ficando muytos mouros derribados das espingardas.*

O Rey dos papuás, vendo os feitos dos nossos, falou com os outros, dizendo que tendo tantas gentes que nom podião com tão pouqos portugueses, que nom erão duzentos, tendo elles cincoenta mil homens, que seu parecer era nom terem contenda com os nossos, mais que defenderemse o milhor que pudessem. Sobre o que tiuerão seus conselhos, e ordenarão ajuntar toda sua gente na terra, e mandar vir as armadas que andauão fóra, e [2] * ellas * polo mar, e elles pola terra, dessem a batalha aos nossos, em que todos morressem e matassem os nossos. Do qual concerto o capitão auendo auiso, concertou muyto bem toda a gente, e sabendo que os mouros se ajuntauão pera outro dia os hirem cometer, ordenou os nauios no mar, e falando com os capitães assentarão de á mea noite hirem dar nos mouros, com muyta ordem, que ninguem se desmandasse, porque se comprisse todos juntos se recolhessem. Os nossos das espingardas leuauão os tiros em medidas, em saquinhos, que desparando deitauão huma medida, com que hia o pilouro, que muy prestesmente tornaua a tirar. E todos prestes com muyta vontade, que já nom auião nenhum medo aos mouros, e sendo horas pera o feito, encomendandose a Nosso Senhor, forão em busca dos mouros, que estauão descansados dormindo, nom lhe parecendo que os nossos tiuessem tantas forças pera pelejar e nom dormir. Mas as vigias, auendo sentimento dos nossos, derão rebate de supito nos mouros, e [3] * baldos * do sono s'embaraçauão huns com outros, que tres tomauão huma lança, e perdião os pannos, que leuauão mal atados com a pressa; com o qual embaraço se puserão todos em desbarato, fogindo polos matos. O que sendo dito ao capitão

[1] * fossem que forão * Autogr. [2] * ella * Id. [3] * bados * Id.

polos espias que hião diante, fez logo tornar todos ao arraial caladamente; o que foy feito em tão boa ordem que pareceo aos mouros que os nossos nom forão lá, e que suas espias os enganarão: o que os mouros nom puderão entender como isto fôra.

O Rey dos papuás era sesudo, e andaua enfadado vendo o pouqo que tantos mouros fazião contra os nossos, que erão tão pouqos, quẽ assentou de se tornar a sua terra; o que falando com os Reys de Bachão e [1] * Geilolo *, e de Ternate, e Tidore, elles tambem assy o determinarão fazer, cada hum se recolher a suas terras, e as defender o milhor que pudessem: e assy o fizerão, que se forão embarqar em suas armadas que tinhão em outros portos, e fiqou [2] * só o Dayalo Rey de Ternate, e o de Tidore *. Os nossos, sabendo que os Reys se hião embarquar pera se hirem, pareceolhes que era manha, e o falarão ao capitão que podia ser que as armadas fossem cometer a forteleza, que seria bom acodir lá; mas o capitão lhes disse: « Quem em sua terra se nom póde defender, como » « hirá cometer tomar huma forteleza? » O que assy fizerão, que cada hum se foy pera sua terra, e o Rey Dayalo nom se ouve por seguro com o Rey de Tidore, que se meterão em cima na serra, onde os nossos nom podião hir, que auia de ser hum ante outro, em pés e mãos, per antre muy fortes matos.

O capitão, vendo o muyto que compria ter paz, mandou sua messagem ao Rey de Tidore, dizendo que elle chegara a Maluco, e por ter enformação que os Reys, por seus agrauos, estauão aleuantados de guerra, e por elle a nom querer ter com elles lhe mandara cometer a paz, que elles nom quiserão aceitar, e polo assy nom estimarem por isso os viera buscar, e nom pudera tomar os que hião fogidos; e que pois elle ficaua em sua terra, nom era bem que estiuesse [3] * metido * no mato como adybe, mas que por sua honra, pois era Rey, que nom estiuesse como estaua, e decesse do mato a pelejar como caualleiro; que bem sabia que elle o era muyto bom, mas o que fazia era com máos conselhos, tendo elle feitas tão boas amisades com aquella forteleza d'ElRey de Portugal: pelo que lhe muyto rogaua que folgasse com a paz, que lhe elle muyto bem gardaria, e escusasse os trabalhos da guerra; porque elle nom se

[1] * Geylo * Autogr. [2] * só o Rey de Ternate Dayalo e o de Tidore * Id.
[3] * me * Id.

auia de tornar á forteleza senão com assentar a paz, ou lhe deixar [1] * toda * sua terra destroida.

O Rey Dayalo n'este tempo morreo das feridas. O Rey de Tidore, auendo seus conselhos, assentou de fazer a paz, e mandou hum seu irmão pera a assentar com o capitão, que foy com condição que entregasse toda' artelharia nossa e armas portuguesas, e nom tiuesse armada de guerra, nem ajudasse a nenhuma pessoa contra os portugueses, e désse todo o crauo de suas terras pera ElRey, polo preço da feitoria; e que elle lhe juraua, pola vida d'ElRey de Portugal e por nossa santa fé, lhe guardar sempre boa paz, e guardar toda' justiça a elle e aos seus, e o ajudar com todo seu poder contra quem lhe mal fizesse. O que se tanto tratou por recados, que o Rey deceo e se vio com o capitão, e assentarão tudo como elle pedio; e o capitão mandou á forteleza, e lhe trouxerão peças de Portugal e da India, com que deu presente a ElRey, e a seus irmãos, e aos regedores, com que todos ouverão muyto prazer, e tudo foy assentado com muytas firmesas, e tudo tão seguro que ElRey, e seus irmãos, muytas vezes jantauão e ceauão com o capitão, que os banqueteaua e embebedaua com bom vinho de Portugal, que leuara. Com que o Rey e todos os seus ficarão muyto contentes, e querendose o capitão partir, ElRey lhe disse que lhe muyto rogaua que homem nem escrauo, nem cousa de Tristão d'Atayde, entrasse em suas terras; porque com esta condição, se lha nom gardasse, auia * a * paz por quebrada. E lhe muyto rogaua que na monção logo o mandasse pera' India, que tão má cousa nom tiuesse em sua companhia, porque o nom ensinasse a fazer roubos, e males que tinha feito por dinheiro: [2] * o * que elle, como bom capitão, o deuia de mandar dizer a ElRey de Portugal, pera que o castigasse; porque se os máos capitães, que em Maluco fizerão males, os castigarão, nunqua Maluco tiuera guerras, e tantos trabalhos como derão aos Reys e gentes da terra. O que lhe todo assy prometeo o capitão; com que se despedirão todos muyto amigos.

O capitão, vendo que muyto compria assentar a paz com o Rey de Geilolo, fezse prestes com armada e gente, pera lhe hir fazer a guerra até que assentasse a paz; e hindo pera lá lhe deu temporal, com que tornou 'arribar a Talangane, onde os portugueses lhe falarão que nom désse

[1] * to * Autogr. [2] * do * Id.

tantos trabalhos aos homens, que tempo aueria pera tudo; mas que era tempo de recolher a nouidade, que depois nom terião nada auiado de suas pobrezas pera' monção. No que tanto debaterão que o capitão se tornou á forteleza, e mandou concertar a nao em que elle fôra, e a de Francisco de Sousa pera mandar na monção; e porque Tristão d'Atayde se auia de hir lhe mandou tirar a deuassa, que he costume se tirar dos capitães quando acabão seu tempo. O Tristão d'Atayde, sabendo que muytos o auião de condenar, pedia ao capitão que lhe fosse valedor, que nom fosse destroydo, que tinha muytos contrairos. Ao * que * o capitão o muyto ajudou ao fazer amigo com os homens, porque d'elle nom testimunhassem mal; o que alguns homens, sabendo o porque o fazia, lhe forão á mão, * dizendo * que com os homens perdoarem a Tristão d'Atayde os males que lhes tinha feito nom falarião a verdade. A estes respondeo que se os homens estiuessem mal com Tristão d'Atayde seus testimunhos nom serião valiosos; que por serem valiosos por isso os fazia seus amigos. Isto respondeo o capitão, com que tapou as bocas aos que lho falauão; mas sua tenção era porque muyto nom culpassem Tristão d'Atayde, por * que * elle era muyto amigo de seu sobrinho dom Esteuão, capitão de Malaca, que muyto lho encomendara que o fauorecesse contra os que lhe mal quigessem: o que elle assy o fazia. Vierão muytos pescadores queixarse de hum comprador de Tristão d'Atayde, que lhe tomaua o peixe e lho nom pagaua, e os [1] * escalaurára *; e já d'este comprador lhe tinhão dito muytos males, pelo que os da terra lhe chamauão roubador; o que o capitão mandou dizer a Tristão d'Atayde que fizesse outro comprador, porque d'aquelle lhe tinhão dito cousas que pola primeira que fizesse o auia de mandar açoutar. Do que Tristão d'Atayde se muyto agastou, dizendo que o seu homem nom auia de ser açoutado, e logo tomou odio ao capitão, e começou de amotinar homens contra elle secretamente: do que nada d'isto sabia o capitão. E porque auia mester crauo pera carregar as duas naos, mandou apregoar, com grandes penas, que ninguem vendesse seu crauo senão á feitoria, que auia mester per' as naos; e defendeo ao ouvidor que nada julgasse, nem estendesse, em contenda nenhuma de crauo, nem nenhum escriuão fizesse obrigações de crauo, nem escrituras. Mas os homens andauão em tanto desmando que nom dauão

[1] * escalaura * Autogr.

por nada, e como se fechaua a forteleza de noite vendião o crauo pera hum junqo que hy estaua; o que sabido pelo capitão, mandou o seu meirinho que de noite os vigiasse, e tomasse o crauo a quem o leuasse. O que assy querendo [1] * fazer, tomando * huns saqos de crauo de noite, veo seu dono com outros e correrão após o meirinho pera o matar; do que o capitão ouve grande paixão, e ao outro dia, vindo da igreija com muyta gente, se assentou á porta da forteleza, e falando com todos lhe dixe: «Senhores amigos, eu são nouo n'esta terra, e me foy dada a» «capitania d'esta forteleza pera n'ella fazer o seruiço de Deos e d'ElRey» «nosso senhor, o que me parece que nom posso fazer senão com muyto» «trabalho, segundo vos acho desmandados e contrairos ao seruiço d'El-» «Rey, que nos faz tantas mercês. O que se assy fizerdes nom póde El-» «Rey soster esta forteleza, gastando o que lhe a terra nom rende, por-» «que lhe tomaes o crauo, que he seu cabedal; e se assy o ouverdes» «de fazer escusada he esta forteleza, pois ElRey nom tem n'ella quem» «lha ajude a soster com toda' verdade e rezão, * e * ElRey deue man-» «dar a Maluco huma armada com outra noua gente, que faça justiças» «e mortes aos que aquy estão, e assente a terra de nouo. Nom sey por-» «que sois tão revés e ingratos a ElRey nosso senhor, a que vos obri-» «gastes seruir por vossos soldos e mantimentos, e folgardes de fazer» «vosso proueito, nom lhe fazendo a elle perda. Deixandolhe fazer suas» «carregações de seus [2] * nauios, então * vós fazey vossos proueitos,» «que volo nom tolherey, e assy verês que o faço, e como amigos vos» «rogo que assy o façaes, e vendaes o crauo ao feitor, que no preço» «que lho daes inda ganhaes muyto do preço com que o [3] * compraes *.» «Tendeme por manso, amigo, e compadre; nem queiraes que use de» «vara de justiça enxecutiua, porque será pera mim grande paixão, se-» «gundo tenho condição de ser bom amigo dos bons.» Com que se d'elles despedio e recolheo.

Nenhuma cousa aproueitauão as boas palauras e diligencias que o capitão fazia. Nom podia auer crauo pera ElRey, e sabia que erão feitos mil bares d'elle, e na feitoria nom ouve mais que cento. Então mandou vir as naos, e hum junqo de hum Dinis de Paiua, pera junto da forteleza, e mandou chamar os capitães e lhe deu juramento que se nom

[1] * fazer que tomando * Autogr. [2] * nauios e então * Id. [3] * compres * Id.

fossem sem sua licença, nem lhe leuassem homem; do que mandou fazer auto em que assinarão, e [1] * pôs * grande vigia que nom embarcassem o crauo, porque nom embarcando os homens crauo nom se hirião, ou lhe darião algum per' ElRey. Do que a gente muyto se agastou, e os da valia de Tristão d'Atayde, que com elle se querião hir pera a India; pelo que se amotinarão, e com Tristão d'Atayde, de que fazião cabeça, todos com [2] * armas, se puserão * defronte da forteleza, dando brados, dizendo que nom auião de deixar de fazer crauo, e que o defenderião ás lançadas; e isto com tanta ounião que o capitão mandou dar repique no sino da vigia, a vêr se lhe acodia a gente, e saindo á porta da forteleza achou Francisco de Sousa, que lhe disse que já todos erão hidos, e com elles Tristão d'Atayde; o que o capitão dessimulou, e se tornou pera dentro. E tanto a mal ouverão isto, que muytos dizião que o capitão deuia de prender Tristão d'Atayde e mandalo em ferros ao Gouernador, e porque Gonçalo Vaz Çarnache o dixe em pubrico, Tristão d'Atayde com homens saltou com elle, pera o matar ou enjuriar, se elle se nom colhera á igreija. Do que sentido Gonçalo Vaz, desafiou Tristão d'Atayde, que lhe nom foy ao desafio; pelo que lhe Gonçalo Vaz escreueo huma carta de muy enjuriosas palauras. O capitão quis apagar isto per outra via, e prendeo o Gonçalo Vaz, pelo ter seguro, dizendo que o prendia pelo desafio; mas Gonçalo Vaz se agastou muyto da prisão, e fiqou mal com o capitão, e assy o Tristão d'Atayde, que embarqou quanta gente quis, e hum moço christão, filho de hum homem principal do Morro: sobre que o capitão lhe mandou muytos recados que lhe nom leuasse a gente, e o moço o tornasse a seu pay; e nom querendo Tristão d'Atayde fazer nada, o capitão lhe mandou fazer requerimentos e protestos, de que tirou estormentos.

E ao outro dia o capitão se meteo dentro em hum batel, com hum falcão na proa e seus homens, e se foy ás naos. O que vendo os das naos que o capitão hia no batel, se leuarão e fizerão á vela; o que nom fez o junqo tão azinha, a que o capitão foy, mas o Dinis de Paiua com os que tinha se puserão no bordo com [3] * espingardas *, em modo que se foy. E o capitão se tornou a terra, e tirou estormentos de tudo, e deuassas, e escreueo cartas pera o Gouernador e pera ElRey, e mandou

[1] * por * Autogr. [2] * com armas e se puserão * Id. [3] * espindas * Id.

com tudo a hum André Madeira, que fosse a Bandá e tudo entregasse a qualquer capitão d'ElRey que hy achasse, e tomasse d'elle conhecimento do que lhe assy entregaua. O qual André Madeira foy em huma carauella, mas quando chegou a Bandá já lá estaua o junqo, e o Dinis de Paiua tinha dada toda' conta a Manuel da Gama, capitão de huma nao, que era muyto parente do Tristão d'Atayde; o qual nom quis tomar os papés, que lho muyto requereo André Madeira; mas antes o fez logo partir do porto, tirandolhe bombardadas, sem lhe querer deixar tomar agoa e leynha, que a nom tinha. E se foy, *o Madeira* á ilha d'Amboino, e sorgio em hum porto junto d'outro em que estaua Tristão d'Atayde, [1] *que* temeo que Antonio Madeira daria os papés que leuaua *a* outros nauios que hy estauão, porque de Bandá lhe mandara recado o Manuel da Gama a Tristão d'Atayde [2] *do* que com elle passaua; pelo que falou com Antonio Pereira, que hy estaua, que era capitão mór do mar de Malaca, a que deu conta do que passaua; o qual foy deitar fóra do porto ao Antonio de Madureira [3], porque nom désse os papeis aos que aly estauão; nom lhe deixando tomar agoa nem leinha, com muytos requerimentos que sobre isso lhe fez dizendo que a gente lhe morria á sede; que nada lhe valeo. E se foy a outro porto, em que nom estaua ninguem, e tomou agoa e leinha, e nom quis hir a Malaca, porque dom Esteuão era sobrinho de Tristão d'Atayde, e se tornou a Maluco com os papés.

[1] *e* Autogr. [2] *o* Id. [3] Não passará sem advertencia que ao mesmo homem a quem acabava Gaspar Correa de chamar André Madeira, e Antonio Madeira mais abaixo poucas linhas, chamasse aqui Antonio de Madureira. E o peior é que não fallando d'elle *Barros* nem *Couto*, e chamando-lhe *Castanh.*, Liv. VIII, Cap. CLXIII, Antonio de madureyra, e *Andrada*, Part. III, Cap. XXXXV, André madeyra, deixam-nos na mesma incerteza, se é que não a duplicam.

CAPITULO CII [1].

COMO PARTIO PERA MALUCO JORGE MASCARENHAS A CARREGAR DE CRAUO, E AFONSO VAZ DE BRITO PERA BENGALA A RESGATAR MARTIM AFONSO, E O QUE PASSARÃO, E SE PASSOU EM DIO ATÉ CHEGAREM AS NAOS.

De Cochym partio em abril, começo do inuerno, Jorge Mascarenhas, de que já contey na contenda de Pero Mascarenhas; e por ser fidalgo pobre o Gouernador lhe deu huma nao pera fazer seu proueito, que fosse fretado a Maluco carregar de crauo, e se o nom achasse tornasse a Bandá carregar de massa e noz. E partio tambem Afonso Vaz de Brito, homem fidalgo, em hum nauio, que o Gouernador mandou com dinheiro pera resgatar Martim Afonso e os catiuos. O qual Afonso Vaz, chegando a Chatigão porto de Bengala, achou a terra muy aleuantada contra os nossos, porque os mouros que se forão da India tinhão contado a ElRey que o Gouernador matara o Rey de Cambaya, sayndo do seu galeão, que o fôra visitar como bom amigo, porque o Gouernador, com traição, se fizera doente; e como o matára logo forão roubar as casas d'ElRey, e toda a cidade. E outras cousas contauão os mouros dos nossos, que casy os da terra se querião aleuantar e os matar, e lhe fazião deshonras e auexamentos; pelo que Afonso Vaz nom ousaua hir a terra. Onde assy estando, acertou de chegar hum Antonio Mendes de Crasto, criado d'Antonio da Silueira, que elle mandaua com mercadaria a fazer fazenda, ao qual o Gouernador deu huma carta pera Martim Afonso, em que lhe contaua de seus trabalhos, com que se tanto esquecia d'elle; e lhe contando da morte d'ElRey de Cambaya, e da traição que lhe armaua, dando muytas desculpas d'ElRey de Cambaya assy morrer por desastre. A qual carta Martim Afonso mostrou a ElRey, fazendolhe muytos juramentos que era do Gouernador; o que todo assy lho escreuião outros fidalgos, e homens da India, a outros portugueses que aly estauão. O que ElRey creo por verdade, e lhe pedio perdão, e tornarão os nossos ao primeiro credito: do que adiante direy em seu lugar.

O Lurcão, que estaua por fronteiro em Dio, daualhe muyta apres-

[1] O XCVI do original.

são de fome, de cousas de comer que nom deixaua hir vender a Dio, onde huma galinha pera purgar hum doente valia cinqo cruzados, e hum ouo huma tanga: e fazião os mouros entradas na ilha a tapar huns poços de que a cidade gastaua: com *que* os nossos tinhão muyto trabalho. Polo que Antonio da Silueira escreueo ao Lurcão muytas vaidades de ser tamanho senhor e capitão, que deuia de fazer grandezas na guerra, que era pelejar no campo como tamanho caualleiro como elle era, e nom atentar em cousinhas de comer, nem tapar poços, pois com aquellas cousas nom auia de tomar Dio; mas que entrando o verão logo auia de vir o Gouérnador, e com elle aueria batalha, se com elle nom quigesse ter paz. E lhe mandou esta carta per hum criado de Coje Çafar, dizendo que se por emtanto quigesse que estiuessem em tregoas até vir o Gouernador, que pera as assentar mandaua seu messigeiro. E mandou hum Francisco Pacheco, que fôra page do Gouernador dom Duarte, o qual no caminho ouve palauras com hum capitão do Lurcão, que o tratou mal de couces e bofetadas: com que o Francisco Pacheco se tornou. O que sabido do Lurcão, e vendo a carta de tantas honras que lhe falaua Antonio da Silueira, lhe respondeo que lhe nom mandára logo cortar a cabeça ao seu capitão, porque o pião que lhe leuara a carta lhe dissera que a culpa tinha seu messigeiro; que comtudo o castigaria; e que auia por boa a tregoa, e a gardaria, se a elle gardasse, até vinda do Gouernador. Ao que Antonio da Silueira lhe mandou reposta d'amigo, e fiqou segura a paz; com que logo deixou passar pera Dio as cousas de comer, com que os nossos ficarão fóra d'apressão em que estauão. No que se passou o inuerno de Dio e de Goa, até chegarem as naos do Reyno, que forão estas.

ARMADA

DO

ANNO DE 537

CAPITULO CIII [1].

N'ESTE anno [2] partirão cinco naos pera carregar, sem capitão mór; de *que* forão capitães dom Fernando de Lima, filhó de Diogo Lopes de Lima, prouido pera capitão d'Ormuz, ou de Goa se primeiro vagasse, porque Aleyxos de Sousa prouera ElRey da capitania de Goa, e elle a nom quis, por nom estar bem com Nuno da Cunha, *e* então lhe deu ElRey Çofala, pera onde auia de vir pera o anno. Dom Fernando veo na nao São Roque, e Martim de Freitas na Galega, e Jorge de Lima em Santa Barbora, pera capitão de Chaul, e dom Pedro da Silua, filho de dom Vasco da Gama, na nao Raynha, e Lopo Vaz Vogado na Frol de la mar; que todos juntos partirão do Reyno, e com ellas tres carauelas armadas, porque na costa andauão francezes cossairos, e não era chegada

[1] Não marcou o auctor o capitulo, nem a sua numeração. [2] Em 12 de março de 1537, segundo o *Livro de toda a fazenda, e real patrimonio dos Reynos de Portugal, India, e Ilhas adjacentes, etc.;* que *Luiz de Figueiredo Falcão* acabou de escrever no anno de 1607, e que só no de 1859 saiu á luz; devendo-se ao ex.^mo^ sr. Antonio José d'Avila, Vice-Presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, o valioso serviço da vulgarisação d'esta obra, igualmente preciosa para a historia financeira de Portugal, e para a dos seus descobrimentos e conquistas, porque suppre, em parte, os perdidos registros da Casa da India.

ao Reyno a nao de Thomé de Sousa, que ficara em Moçambique; pera que achando esta nao tornassem as carauellas com ella. Polo que as carauellas acompanharão com as naos até a paragem do Brasil, e d'ahy se tornarão, e as naos a saluamento chegarão a Moçambique, onde acharão a nao de Jacome Tristão, que nom passara, que lhes deu recado, que o Gouernador mandara no nauio do trato, em que o Gouernador pedia e requeria ao Gouernador que fosse do Reyno que fosse tomar em Dio, pera hy lh'entregar a India e dar sua residencia, porque assy muyto compria ao estado da India, por muytas causas que comprião ao seruiço de Deos e d'ElRey nosso senhor; e que nom vindo Gouernador assy o pedia e mandaua ao capitão mór das naos. E nom vindo capitão mór o mandaua aos capitães das naos, que fossem tomar em Dio, sò pena de perdimento de seus ordenados; e que sendo muytas fossem ametade, e fossem os que lhe quigessem fazer mercê. Sobre o que os capitães falarão todos, e se ordenarão, e forão pera Dio Jorge de Lima, Martim de Freitas, Lopo Vaz Vogado, e dom Fernando e dom Pedro caminharão pera Goa, onde chegarão a vinte e tres d'agosto. Com que o Gouernador ouve muyto prazer, sabendo que as tres naos hião pera Dio, onde ellas chegarão a saluamento a doze de setembro; com que ouve muyto prazer, e os mouros ouverão espanto, vendo que as naos do Reyno lá hião tomar primeiro que a Goa; 'o que Antonio da Silueira, que pera isso estaua auisado do Gouernador, mandou dizer aos capitães, antes que sayssem das naos, que dixessem a toda a gente, que na terra o dixessem, que a Goa hião dez naos carregadas de gente, que ElRey de Portugal mandaua ao Badur pera o ajudar na guerra. Esta noua, que se muyto espalhou, correo onde estaua o Lurcão, que mandou recado 'Antonio da Silueira que folgaria que o Gouernador logo viesse, porque já tinha recado dos regedores pera com elle assentar a paz; e que por tanto se hia a Madrefabá, onde agardaria por elle. Este recado mandou o Lurcão manhosamente, como homem muyto auisado, ou por industria do Coje Çafar, que de tudo lhe mandaua auiso; pera que com esta mostra de paz os nossos segurassem, e se o Gouernador viesse nom trouxesse muyta gente, pois estauão com a esperança da vinda dos rumes. E o Lurcão se foy com sua gente, e a terra ficou liure e segura; com que muyta gente se tornou á cidade, e os nossos comprarão muyto das naos, que fizerão grande venda, porque os mouros e mercadores tambem muyto

comprarão, e os capitães e gente do Reyno fizerão muyto proueito, porque os homens em Dio tinhão muyto dinheiro. E sendo tempo partirão pera Goa, e Martim de Freitas foy pola enseada dentro, que se nom guardarão da corrente dos mares, e foy ter no porto de Damão, onde sorgio, e foy a terra a gente a vender, e andauão pacificamente. Onde huns homens se desmandarão a fazer soberbas a huns mouros, ao que vierão ás brigas, e se aleuantou aluoroço, a que acodio Martim de Freitas de huma casa em que estaua vendendo suas mercadarias, e na briga foy morto com treze homens, e vinte catiuos, e alguns feridos, que fogirão pera o batel, que acertou de estar na terra, que escaparão e tornarão á nao, que se fez á vela e foy a Goa, onde todos se ajuntarão. E o Gouernador deu despacho ás naos, que fez partir pera Cochym a carregar, em que foy o védor da fazenda. E o Gouernador se fiqou fazendo prestes pera se partir pera Dio; porque Antonio da Silueira lhe escreueo que o Lurcão tinha recado pera assentar paz, e se fôra pera Madrefabá, onde estaua esperando por elle; e Coje Çafar assy o escreueo ao Gouernador: no que descansado se deteue em Goa, que nom foy a Dio senão em janeiro de 538.

CAPITULO CIV [1].

D'ARMADA QUE APERCEBEO O ÇAMORYM PERA MANDAR NO VERÃO; AO QUE ACODIO MARTIM AFONSO, QUE ENUERNARA EM COCHYM.

O Çamorym, Rey de Calecut, pelas magoas que tinha dos nossos, fez grande apercibimento d'armada pera mandar a Dio, pelo recado que teue do Badur, que atrás fica contado; de que *deu* o cargo a [2] *Patemarcar*, que auia de ser o capitão mór d'ella: no que deu grande auiamento, que se fez no rio de Panane e outros, que ally todos se ajuntarão, que estiuerão suspensos quando souberão da morte do Badur; mas chegando a Calecut naos de Meca, que com medo de nossas armadas vierão em agosto entrar em Calecut, que muyto certificarão os rumes estarem prestes pera passar, e passarião indaque soubessem da morte do [3] *Badur, por isso* se fez 'armada prestes, que o Patemarcar apercebia

[1] Corresponde ao XCVIII do original. [2] *Patemar* Autogr. [3] *Badur e por isso* Id.

com muyta diligencia, chamandose o visorey do mar, dando as capitanias aos mais valentes mouros que conhecia, e feitor d'armada, e escriuão, e quadrilheiro, e todos os officios como os nossos. Proueo 'armada de muyta artelharia e monições e muytos espingardeiros e frecheiros, e d'espadas, e de zagunchos; ao que derão muyta ajuda outros armadores ás prezas que esperauão fazer. Martim Afonso de Sousa, que estaua em Cochym, soube d'este apercebimento, e concertou toda su'armada, determinando sayr ao mar antes que saysse o mouro com 'armada; o qual, por se mostrar grande caualleiro ao Çamorym e aos mouros, mandou a Martim Afonso huma carta de [1] * desafio *, dizendo que elle se fazia prestes com 'armada que tinha, pera sayr ao mar tanto que o tempo lhe désse lugar, e folgaria de o achar no mar, que era cousa que muyto desejaua. Ao que Martim Afonso lhe respondeo que auia prazer com seu recado; que lhe mandasse dizer onde queria que o [2] * agardasse *, e o faria, ou se queria que elle o fosse agardar; que o estimaua muyto por bom caualleiro, pois lhe mandaua tão bom recado, e nom dirião que Patemarcar era ladrão, que andaua pelejando com mesquinhos polos roubar. O Martim Afonso entendeo este recado, que lho mandaua o Patemarcar pelo segurar que o nom fosse buscar, porque elle se saysse primeiro e lhe fogisse; pelo que deu muyta pressa, e pôs 'armada no mar, que erão tres galés, e vinte fustas e catures, todos bem armados, e n'ellas até seiscentos homens limpos, bem armados, e os mais com espingardas. ElRey de Cochym disse a Martim Afonso que Patemarcar lhe auia de fogir, que nom saya senão a buscar que roubar, pera auer dinheiro, e pagar muyto dinheiro que lh'emprestarão armadores sobre os roubos que esperaua fazer; e o caminho que auia de fazer era hir tomar as suas naos, e de Coulão, que vinhão de Choromandel; pelo que lhe muyto rogaua que lhe mandasse dar garda. Ao que então Martim Afonso apartou huma galé e duas fustas, em que mandou Fernão de Sousa de Tauora, que fosse aos baixos de [3] * Chilao * agardar as naos de Cochym.

O mouro Patemarcar auia grande medo a Martim Afonso, que sabia que o auia de hir enseqar onde quer que fosse; e nom se atreuia a sayr, e dizia aos seus que ElRey e os armadores nom consentião que elle fosse pelejar com Martim Afonso, senão que fosse a fazer prezas, e por

[1] * safio * Autogr. [2] * gardasse * Id. [3] * Chylam * Id.

isso nom sayo, que teue assaz tempo, se quisera sayr primeiro que Martim Afonso; mas porque auia de passar por Cochym tinha grande medo de ser visto. Martim Afonso, como o tempo deu lugar, mandou hum catur estar ao mar da barra de Panane vigiando se 'armada saya; e elle sayo d'ahy dez dias, e se foy pôr no mar á vista da barra de Panane. O Rey de Cochym teue recado que os mouros estauão determinados a passarem a Choromandel; pelo que, desconfiado na pouqa guarda que fòra esperar as naos, fez muytos requerimentos ao védor da fazenda, e ao capitão, que mandasse mais guarda que lhe saluassem suas naos; ao que foy satisfeito, e mandou, o védor da fazenda, Antonio de Lima em huma carauela, com cincoenta homens espingardeiros casados de Cochym, que tambem de lá esperauão suas fazendas, e escreueo a Manuel Rodrigues Coutinho, capitão da pescaria, que com outra carauella latina, que lá tinha, e duas fustas grandes que tirauão camellos, todos se fossem ajuntar com Fernão de Sousa, e viessem em guarda das naos. O que assy fizerão, que trouxerão as naos todas a saluamento a Coulão e Cochym, na fim de setembro, que os mouros inda estauão encerrados em Panane. E chegadas a Cochym, Manuel Rodrigues se tornou e foy estar na pescaria da banda de Ceilão, e Fernão de Sousa com sua galé e fustas se foy pera Martim Afonso, que estaua sobre Panane, * na * fim d'outubro. O que vendo o Patemarcar, prouou a vêr se poderia enganar Martim Afonso, como se leuantasse da barra pera elle sayr a seu saluo, e lhe mandou * dizer * que elle nom saya fóra porque lhe tinha tomada a barra, porque sayndo o desbaratarìa; que por tanto, se queria que se vissem no mar, o deixasse sayr; o que se nom fizesse pareceria que por medo o fazia. Ao que Martim Afonso respondeo que se mais cedo lho dissesse que logo o fizera; pelo que logo se partia, e o hia agardar até o monte Dely. Partiose Martim Afonso, e deixou espia no mar, que lhe leuasse recado se 'armada saysse.

Partido Martim Afonso, mandou o mouro espiar o mar, e vio a vigia de Martim Afonso, com que folgou, polo milhor enganar, e sayo com toda 'armada, e fez caminho pera o monte Dely: o que vendo o catur de Martim Afonso se foy diante dar a noua a Martim Afonso. O mouro leuaua diante dous catures ligeiros descobrindo o mar, e virão hir o nosso catur da vigia; mas como foy noite o mouro fez volta pera o cabo de Comorym, que leuaua sessenta velas, fustas de vinte e cinco e trinta re-

mos por banda, e assy muyto aprecebidas como dixe; elle em huma galeota com bandeira no masto, com muytos tangeres. Dado recado a Martim Afonso que o mouro era saydo, e 'armada que tinha, com que o hia buscar, Martim Afonso fez da sua armada duas partes, huma polo mar, outra ao longo da terra, porque nom errasse o mouro; porque lhe os mouros de Cananor tinhão dito que o Patemarcar hia carregado de pimenta pera Çurrate, e de lá nom viria senão a enuernar, pera trazer mantimentos; e porque lhe pareceo boa rezão que podia ser assy, o agardaua pera aquella parte, porque auia de saber o mouro que as naos de [1] * Choromandel * já estauão em Cochym. O mouro fez volta, e foy seu caminho pera Comorym, e huma tarde, com a viração, com sua armada com estendartes e bandeiras pareceo sobre a barra de Cochym, com seus tangeres e gritas, dando mostra de muyta espingardaria, tomando as velas nos palanqos, fazendo grandes rebolarias que queria chegar ás naos da carga que estauão na barra. O que fez grande aluoroço; ao que se deu repique, e acodio a gente, que em almadias e tones se forão meter nas naos pera as defenderem, que sem duvida se os mouros a ellas chegarão lhe puderão deitar fogo e lhe cortar as amarras, com que se forão perder na costa; porque n'ellas nom estauão senão grometes que dauão á bomba. O que os mouros nom souberão, e passarão de largo, com medo que as naos lhe nom chegassem com tiros grossos que podião ter. De Cochym nom sayo ninguem, que nom [2] * auia * fustas, e tambem esperauão que Martim Afonso já vinha após elles. Ao outro dia os mouros toparão com hum nauio portuguès e duas champanas, que roubarão e queimarão, e matarão a todos. Forão ao porto de Coulão, onde estaua carregando huma nao do Reyno, em que o Gouernador mandaua por capitão hum Nicolau Jusarte, á qual chegarão os paraos, e lhe tirarão tantas bombardadas que a furarão por cima por muytas partes; ao que acodio o capitão, que estaua em terra, e muyta gente, que tirarão com artelharia, e defenderão a nao, que os mouros se chegão [3] * 'acometer *, nom auia dentro quem lhe defendera que lhe nom deitarão fogo, ou cortarão as amarras. Forão alguns homens feridos das rachas da madeira que os tiros quebrauão; com que o capitão foy ferido em hum pé, de que morreo.

[1] * Charaman * Autogr. [2] * via * Id. [3] * a cometerão * Id.

[1] * Largando os mouros a nao, virão ao mar tres nauios portugueses, que vinhão de Ceylão carregados de canella, de que hum era d'El-Rey, em que vinha por capitão hum fidalgo chamado Francisco Freire, e outro dos dous era de Antonio Barreto, que fôra lá feitor, em que elle mesmo vinha: os mouros, em auendo vista d'estes nauios, se forão chegando pera o d'ElRey, com quem querendose encadear os outros dous o capitão o não consentio, temendo que se deitassem fogo em algum d'elles se queimassem todos *. No * que * sobreueo a noite antes que os mouros chegassem, e sendo noite o vento fiqou calma, e os paraos chegarão ao nauio d'ElRey, * que * lhe tirou tão fortemente que os fez afastar, metendo dous no fundo, de que os outros tomarão a gente que fiqou a nado, e se forão aos outros nauios, que ambos se encadearão; em que aueria trinta e cinco portugueses, que com seus escrauos, e alguns tiros e espingardas, tão fortemente pelejarão que tres vezes fizerão afastar os paraos que os tinhão abalroados, matando e ferindo muytos d'elles. O que passou todo o dia até tarde sol posto, que o Patemarcar os deixou e se foy a terra, vendo que se detinha muyto, e * porque * tinha muyto medo do Martim Afonso, que nom auia muyto de tardar; e mandou a seu sobrinho Cotialemarcar, e Coje Abraem [2], filho de Cotiale de Tanor, que erão os principaes capitães, que pelejassem com os nauios até ser noite cerrada; então que se fossem após elle. O que elles assy fizerão, com vinte fustas, que se repartirão dez de cada banda, e mandarão outras dez que fossem pelejar com o nauio d'ElRey, que o estrouassem que nom acodisse; porque nom auia vento, que se o Deos dera forão saluos. E derão tantas bombardadas aos nauios que todos os homens e escrauos erão feridos, com que alguns marinheiros da terra se deitarão a nado fogindo pera a terra. Os mouros, nom sabendo o mal que tinhão feito, deixarão

[1] O texto barbaro de Gaspar Correa, demarcado pelos asteriscos, é o seguinte: * Largando a nao virao ao mar tres nauios portugueses que vinhão de Ceylao carregados de canela hum era d'ElRey em que vinha Antonio Barreto que fôra feytor em hum nauio seu que auendo vista dos mouros forão e chegando ao d'El-Rey de que era capitão hum fidalgo chamado Francisco Freyre com o qual se quiserão encadear outros mas o capitão nom consentio com temor que se lhe deitassem fogo se queimarião todos *. *Francisco d'Andrada* corrigiu esta passagem da maneira porque a dâmos, trasladando-a da *Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. XXXXVII. [2] Ale abraẽ, segundo *Castanh.*, Liv. VIII, Cap. CLXXIII, ou Ali Abrahem, segundo *Barros*, Dec. IV, Liv. VIII, Cap. XII.

os nauios, e se hião, e acertarão d'achar no mar hum marinheiro dos nauios que tomarão, e perguntarão; o qual lhes disse que já todolos portugueses erão mortos, e feridos, e nom tinhão já poluora: o que ouvido dos mouros tornarão aos nauios com gritas, e abalroarão os nauios por todas partes, onde os portugueses, assy como estauão meos mortos, tanto fizerão que queimarão dous paraos com huma panella de poluora que deu em outra poluora que elles trazião, que todos os mouros se deitarão ao mar, e todos se largarão dos nauios, e chegarão aos nauios os dous paraos que ardião, que se apegou o fogo nos nauios, que nom ouve quem lhes valesse. E os paraos andauão afastados, matando alguns que se deitauão ao mar; mas os portugueses, que jazião caidos das feridas, ally arderão todos, sem nenhuma pessoa se saluar. Mas hum negro do feitor se deitou ao mar com huma arqua que bradou aos mouros que tomassem; o que assy fizerão, e todauia matarão o escrauo; e n'arqua acharão hum cofre de cristal, gornecido d'ouro e pedraria d'obra de Ceylão, e dentro outras riquas peças, que tudo fizera o feitor pera a Raynha; e se forão seu caminho. De terra acodirão algumas almadias de pescadores, que inda tirarão dos nauios muyta canella.

Os mouros, com bom vento, dobrarão o cabo de Comorym, e correrão a terra dos christãos, roubando e matando, fazendo muyto mal; e forão ter ao lugar de [1] *Cale*, onde o neynar [2] da terra os agasalhou e fez muytas honras, dizendolhe o Patemarcar que auia de passar os baixos e hir roubar a costa de Choromandel, e de lá auia de passar a Ceylão, que o chamaua Madunepandar, irmão do Rey de Ceylão, que lhe daua muyto dinheiro porque o fosse ajudar na guerra que trazia com o Rey seu irmão; e que lá auia de andar na guerra até que os rumes chegassem a Dio, que [3] *esperauão* por elles, que o Badur os mandara chamar com muyto dinheiro que mandara ao Turqo, com que se auião d'ajuntar quantos mouros auia na India, e com grande armada de galés que auião de trazer, e com muyta armada d'ElRey de Cambaya, e ajuda que auião de fazer os senhores das terras, que se auião d'aleuantar contra as [4] *fortelezas, a India* auia de ser tomada pelo grão Tur-

[1] *Calecare* *Castanheda*, Liv. VIII. Cap. CLXXV. [2] Palavra que não trazem os diccionarios. [3] *esperão* Autogr. [4] *fortelezas com que a India* Id.

qo, e todolos portugueses mortos: e n'isto elle auia de ser o capitão mór de todolos mouros de Calecut, que o Çamorym lhe daua esta honra, porque tanta guerra fazia 'os portugueses; e com isto outras mentiras de vaidades. E se foy aposentar na enseada de Beadalá [1], junto dos baixos [2], pera roubar os que passassem; e nom quis passar os baixos porque lá auia d'entrar logo o inuerno, e os tempos erão contrairos pera os nossos poderem dobrar o cabo de Comorym e hir onde elles estauão. E n'isto muyto seguro, assentou seu arrayal em terra, junto de hum palmar que estaua perto da praya, em que varou suas fustas, e espalmou e cifou de nouo na borda d'agoa, com todos seus aparelhos dentro, em que dormião os marinheiros, e elle com grande arrayal, em que tinha passante de cinco mil mouros, e elle em tenda de Cambaya muyto laurada, com estados de grande senhor; onde fez hum pagamento á sua gente e os tinha muyto contentes, chamandolhe visorey.

Quando estes paraos passarão por Cochym, logo como foy noite, sayo de Cochym, sem lho ninguem mandar nem saber, hum Francisco de Sequeira, homem malauar, que por ser valente caualleiro, e por boas cousas que tinha feitas ElRey o fez caualleiro de sua casa, com renda do habito de Christus; a que os Gouernadores fazião muyta honra, porque era elle homem muy certo em seus feitos. O qual, em huma fustinha sua, que sempre tinha prestes, e remeiros seus amigos [3] * conhecidos, leuou * seis homens malauares, em que elle confiou, com muytas panelas de poluora, que leuaua acezas debaixo, muyto cubertas, e foy após os paraos, e alcançou hum catur de vigia, que hia de longo da terra, que outro hia mais largo ao mar; os quaes assy ficauão, e hião vigiando detrás, porque se vissem velas nossas fizessem sinal com hum tiro 'armada, que hia diante huma legoa; que outras taes vigias leuaua diante. E * o * alcançando hia de vagar com a vela aleuantada, * e * hia cantando cantigas malauares, elle só, * com * os remeiros deitados como que hião dormindo; e os do catur da vigia lhe falarão quem era. Elle respondeo na lingoa: «O capitão mór te manda dizer que vás muyto chegado á» «terra, e faças boa vigia, porque se passar cousa que tu nom vejas ha»

[1] Gaspar Correa chamou-lhe aqui *Abeadala*, mais adiante *dabeada*, e depois *abeeda la*. Escrevemos sempre *Beadalá*, em que são concordes *Castanh.*, *Andrada*, e *Barros*, que a descreveu na Dec. IV, Liv. VIII, Cap. XIII. [2] De Chilao, segundo *Castanheda*, Liv. VIII, Cap. CLXXIIII. [3] * conhecidos e leuou * Autogr.

« te de mandar cortar a cabeça. » E assy falando se foy chegando ao catur, e bradaua com o do leme que hia dormindo; o que entendeo o marinheiro, e çarrou o leme á banda e abalroou com o outro, que os remeiros aferrarão com as mãos, e os malauares se aleuantarão com as panelas de poluora, que lhe deitarão dentro, com que os remeiros se deitarão ao mar pela outra banda, e o Francisco de Sequeira entrou com elles com huma chuça nas mãos, que todos se deitarão ao mar, que andarão matando, e catiuando, que sómente seis morrerão. Com que se tornou a Cochym, e entrou pelo rio em amanhecendo, com os mouros todos enforcados nos catures enramados, dando gritas a que acodio toda a gente. O que vendo o capitão, o foy receber ao desembarquar, e todos lhe fazião grandes honras. O outro catur da vigia, que hia ao mar, nom vio mais que o resplandor do fogo, e acodio e já nom vio os catures; sómente achou hum marinheiro que andaua a nado, que lhe contou o que era feito do outro.

Martim [1] * Afonso estaua * agardando ao monte Dely, com muyta vigia, cuidando que os paraos pera lá auião de passar. O catur da vigia hia a remo, porque lhe era o vento contrairo, com que se deteue muyto; mas dando o recado a Martim Afonso, partio logo em busca dos paraos, porque tinha o vento da sua banda [2] * e * topando os paraos lhe podia fazer muyto mal. E assy foy com grande vigia, esperando de os topar, até que topou com hum pagel, que lhe deu * noua * que os paraos hião pera o cabo de Comorym: de * que * Martim Afonso ouve grande paixão do seu descuido. E n'este dia tambem chegou a Martim Afonso hum tone esquipado, com carta do védor da fazenda, que lhe dizia que os paraos erão passados pera Comorym. O védor da fazenda, vendo o que fizera Francisco de Sequeira, com muyta pressa despedio hum galeão pequeno e hum nauio; mas já quando forão, os paraos erão passados * de * Comorym auia tres dias; e nom passarão os nauios, por ser o vento contrairo.

Martim Afonso chegou a Cochym, e a grã pressa tomou mantimentos, e gente que folgou de hir com elle, e Francisco de Sequeira nos seus dous catures, e foy seu caminho, e achou os nauios que nom passarão, que era o vento contrairo. Então se meteo nos nauios de remo, e tomou

[1] * Afonso que estaua * Autogr. [2] * que * Id.

a gente das galés, em que se [1] * foy * com quinhentos homens, e desemmasteou huma galeota, em que meteo os mantimentos, porque nas fustas se nom podião leuar; que com muyto trabalho de remo dobrou o cabo e se meteo em Manapá, lugar dos christãos, de que nom pôde passar com a tromenta do vento contrairo. Onde ally estando, lhe veo recado do Rey grande, que he o senhor das terras d'este cabo de Comorym, dizendo que da terra lhe daria quanto ouvesse mester da terra, com tanto que lhe désse cartas * pera * que lhe leuassem cauallos a vender, como d'antes os portugueses fazião, que agora o Gouernador os defendia. Martim Afonso lhe mandou dizer que da terra nom auia mester nada; e que o Gouernador lhe defendia os cauallos porque os nom pagaua, e trataua mal os christãos d'aquella terra; que se isto nom fizesse, e pagasse os cauallos, lhe prometia de fazer com o Gouernador que lhos largasse; fazendo elle bem aos christãos da terra, com que ficaria com o Gouernador muyto amigo: com a qual reposta o Rey fiqou muyto contente. O principe herdeiro d'este Rey andaua em guerra, o qual tambem mandou messagem a Martim Afonso, sobre os cauallos, que auia muyto mester pera guerra em que andaua; a que tambem Martim Afonso assy respondeo. Onde assy estando abonançou o vento, e Martim Afonso chegou á vista dos paraos, que sabião quanto os nossos fazião, e se fazião fortes quanto podião, fazendo tranqueira de todos, pera n'elles se defenderem. Os nossos estauão cinco legoas dos mouros, que vendo os nossos ouverão grande medo, dizendo o Patemarcar que pois Martim Afonso o hia buscar com vinte e cinco fustas e catures, sabendo que elle hia tão possante d'armada e gente, que nom auia senão que tinhão muyto trabalho, e de todo serião perdidos, indaque os nossos nom fizessem mais que queimarlhe os paraos, que lhe elles nom poderião defender; que por tanto nom queria estar n'essa auentura, e se queria segurar, pois tinha a ilha de Ceylão perto, e as ilhas de Maldiua; porque ally pelejando logo de Choromandel acodiria muyta gente, e perdendo 'armada do mar na terra serião tomados ás mãos. Polo que, assy parecendo bem a todos, logo incontinente sua armada foy posta em nado, e todos recolhidos, sem lhe ficar nada na terra, e se forão a remo meter em outra enseada mais longe, em que auia hum arrecife que a cerquaua, que tinha hum boquei-

[1] * fez * Autogr.

rão porque podia sayr fóra ao mar: onde se puserão sem desembarquar.

Ao outro dia, que os nossos não virão os paraos, ficarão espantados; mas Martim Afonso mostrou muyto prazer, dizendo: «Já ganhá-» «mos honra de nos estes mouros fogirem; mas fiqanos o trabalho de» «os hirmos buscar andando após elles. O que nos he forçado até os» «ensequarmos.» E mandou saber a terra, e lhe dixerão que os paraos estauão mais adiante. Pelo que então os nossos, á força de remo, com muyto trabalho, chegarão até dous tiros de falcão d'elles. Ao que os mouros mostrarão coração; com gritas e tangeres se fizerão á vela, porque tinhão o vento de sua parte, e sayrão polo boqueirão ao mar. Ao que os nossos se fizèrão prestes, e muy perigosos, por serem os barqos pequenos e a gente muyta, e o mar grosso que os hia alagando, que sem duvida que se os mouros os forão abalroar os nossos passarão muyto mal, que os meterão no fundo, que as fustas dos mouros erão grandes e os nossos barquos pequenos; mas Nosso Senhor, por sua misericordia, nom deu tal entendimento aos mouros, mas grande medo, que vendo reluzir as armas dos nossos nom ousarão chegar, e se forão na volta do mar dando todas as velas. Martim Afonso foy após elles, mas acharão o mar tão grosso que os nauios se hião alagando; com que forçadamente os nossos se tornarão a terra, e os paraos desaparecerão; pelo que os nossos assentarão que se passauão a Ceylão ou ás ilhas. Sobre o que Martim Afonso, auido conselho, assentou de se tornar a Cochym fornecer dos nauios grandes, e os hir buscar ás ilhas ou a Ceylão; e principalmente porque já nom tinha mantimentos. Os mouros, vendo que os nossos se tornauão a terra, amainarão as velas, e mandarão hum catur desemmasteado que de noite veo vêr o que os nossos fazião, que os nossos hião á vela pera o cabo; e os vigiou, e vio que amanhecendo dobrauão o cabo pera Cochym; o que foy dizer ao mouro, que se tornou a fazer á vela e remo, e se tornarão onde estauão, dizendo aos da terra que os nossos lhe fogirão. E tornarão 'assentar com seu arrayal, muy descansados.

Martim Afonso chegou a Cochym com muyta tristeza do pouqo que fizera; do que todo o pouo ouve muyta paixão, e mórmente o Rey de Cochym, indaque lhe contarão o como passara o nom pelejarem com os mouros. Martim Afonso, com seu agastamento, e confiando em Deos que se auia de vingar, mandou recolher muytos mantimentos n'armada, e pas-

sando per huma rua assy triste, huma molher portuguesa sayo á rua, e lhe dixe: « Senhor, nom vos agasteis, que Roma nom se fez em hum » « dia. Huma hora * he * milhor d'outra. Tornay a buscar os mouros, » « que prazerá a Deos que os vencerês, e me trarês hum filho que com » « elles anda catiuo. » Martim Afonso, com bom rostro, mostrando prazer das palauras que dizia, lhe perguntou como se chamaua seu filho. Ella dixe que Pero. Elle respondeo: « Que prazera Deos que elle seja viuo, » « e que eu volo traga. » E logo Martim Afonso se embarqou, sem deitar pregão nem chamar ninguem, porque sempre teue fantesia que a gente folgaua de o acompanhar, e assy era verdade; sómente recolhendose mandou tanger as trombetas e tirar hum tiro; o que foy escusado, porque toda a gente logo se embarqou, e folgauão de o seruir, com esperança que auia de ser Gouernador acabados os tres annos de capitão mór do mar. Recolhida a gente se partio e foy ao cabo de Comorym, onde soube que os mouros se tornarão onde primeiro estauão; e por leuar bom vento dobrou o cabo, e foy pera onde os paraos estauão. O que elles logo souberão, do que ouverão grande medo, vendo que Martim Afonso os tornaua a buscar, e se fortelecerão no arrayal com tranqueiras, e os paraos que estauão ao longo da terra todos feitos em tranqueira, e estancia com suas artelharias apontadas pera onde os nossos auião d'entrar; e ajuntarão comsigo muytos mouros e gente da terra, a que fizerão pagamento, que todos erão mais de oito mil, e estauão muy fortes. Martim Afonso chegou á vista d'elles huma tarde, que já leuaua a gente armada pera logo dar n'elles; e hião diante oito catures em batalha, e a outra armada atrás, em outra batalha vinte e duas fustas; e nom leuou as galés, porque as mandou do cabo de Comorym que tornassem 'andar na costa, porque lhe nom seruião, pois nom auia de pelejar no mar. N'esta armada hião até seiscentos homens, com bons capitães, que erão Fernão de Sousa de Tauora, Manuel de Sousa de Sepulueda, Francisco Freire, Francisco de Sá, Diogo de Mello, Martim Correa da Silua, dom Diogo d'Almeida, Jorge Barroso d'Almeida, Francisco de Bairros, Gaspar de Lemos, Francisco Pereira, Jeronymo de Figueiredo, Antonio de Lima, Antonio Mendes de Vasconcellos, Simão Galego, Antonio de Sousa, Duarte Fernandes, Gomes Carualho, e Ruy de Moraes, Ruy Lobo, Francisco de Sequeira, o malauar, e outros bons caualleiros e fidalgos, todos muy voluntariosos de ganhar honra n'este feito, que era assaz

grande, sendo tão poucos pera oito mil mouros, que estauão em terra com fortes estancias.

Martim Afonso mandou ós catures hir direitos aos paraos, e nom tiuerão tento em huma restinga que nom arrebentaua, e derão n'ella, sem poder passar áuante; a que os mouros tirarão até que anoiteceo, que veo a maré e se tornarão pera trás. E Martim Afonso tomou conselho, vendo do modo que estauão os mouros, e assentou que os nauios fossem com cem homens e bombardeiros cometter os paraos, que auia de ser de rostro que nom tinhão outro caminho, com os remeiros, que leuauão muytas panelas de poluora; e que os oito catures cometessem a terra da mão direita, a que acoderião os mouros, em que hirião outros cem homens com espingardas; e elle com a mais gente sayria a terra da mão esquerda, e as fustas e catures nom chegarião senão quando ouvissem o tiro de huma espingarda, que elle mandaria tirar, que seria estando já em terra, com oito fustas em que hia com a gente [1]. Os mouros tinhão grande vigia [2] *pera* que, cometendo os nossos, as fustas tirassem pera elles acodirem. O que, por milagre de Nosso Senhor foy pera elles mór mal; porque estando n'esta ordem, dos paraos desparou hum tiro d'espingarda, que os mouros cuidando que erão os nossos ouve n'elles grande trouação e grande reuolta, que huns com outros se matauão e ferião, nom se conhecendo. Martim Afonso, que já hia pola praia, ouvindo a reuolta nos mouros, foy deuagar: nom consentio que os homens corressem porque nom chegassem cansados. N'este tempo as nossas fustas chegarão aos paraos, em que entrarão os marinheiros, deitando tantas panellas e lanças de fogo, e os nossos ás lançadas, que os mouros forão enxorados, a que acodião os do arrayal; a que chegou Martim Afonso, dando Santiago, tangendo as trombetas, entrando ás lançadas com os mouros; com que forão em toda' trouação, vendose cometidos por tantas partes. O Cunhale, sobrinho do Patemarcar, e Coje Abrahem, filho do [3] *Cotiale*, erão os que defendião o arraial; e sendo muyto apretado dos nossos foy onde estaua o Patemarcar dizerlhe que saysse, e esforçaria sua gente. Elle tomou as armas, fazendo que hia, e nom foy. Vendo os nossos dentro no

[1] A má collocação das orações incidentes faz perder de vista, n'este logar, o fio do discurso. V.^e^ *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. XXXXVIII.
[2] *e* Autogr. [3] *Cotyle* Id.

arrayal, fogio, leuando o caminho pola terra dentro, com vinte homens em sua guarda, leuando seu dinheiro e joyas. Assy fogio o Cunhale, com muytas feridas, que o tio o mandou que se saluasse; o filho de Cotiale morreo: com que os mouros forão desbaratados, ficando muytos mortos e outros caydos de feridas. Os marinheiros das fustas, sem ninguem lho mandar, puserão fogo aos paraos, que ardião; o que Martim Afonso mandou apagar, mas já erão muyto queimados. Dos nossos forão mortos dezoito, e passante de cento feridos, de que depois morrerão alguns. E os nossos [1] * dando * muytos louvores a Nosso Senhor, vendo hir o campo cheo dos mouros que fogião. Forão tomadas setenta peças de ferro roqueiras, e falcões, e berços de ferro e metal, e muytos d'elles nossos, que passarão de cento e cincoenta, e muyta poluora e monições, e vinte e seis paraos, que os outros erão queimados, e os tomados nouos e muyto laurados, com grandes bayleus; que deu alguns de mercê a homens que bem merecião. Achouse no arrayal muytas cousas de portugueses que roubarão, e o caixão com o cofre de cristal, e tres homens portugueses em ferros rodeados, e o moço Pero, filho da molher de Cochym, e negros e negras dos portugueses que catiuarão, e huma molher [2] * malauar * solteira, que em Goa fôra casada, que a catiuarão em huma champana com hum homem com que andaua amigada, e porque era de boa desposição o Patemarcar a recolheo, e a quis tornar moura pera a tomar por molher, o que ella nunqua quis fazer, pelo que lhe fez muytos males, e a trazia em ferros, e ao seu amigo mandou arrastar ante ella, e a ella muytas vezes mandaua deitar e pôr huma espada na garganta, dizendo que lhe cortassem a cabeça, e ella dizendo que auia de morrer christã, encommendandose a Nossa Senhora, de que era muyto deuota, que lhe désse esforço pera morrer em nossa santa fé catholica; e com muyto esforço bradaua com o mouro que nom fizesse mal aos christãos, senão que soubesse que ás suas mãos auia de morrer; e amoestaua e falaua aos catiuos que se nom tornassem mouros, que antes morressem na fé de Christo. O que me todo isto contou hum dos portugueses catiuos, e eu que muytas vezes com ella faley, que tudo me contaua, mostrandome hum relicairo da imagem de Nossa Senhora, que trazia escondido nos cabellos, á qual resaua e s'encomendaua, com que era tão esforçada que

[1] Por * derão * [2] * malar * Autogr

nom estimaua a morte, e que quando a querião degolar metia o relicairo na boca, porque os mouros o nom achassem depois de morta, e por milagre de Nosso Senhor tanto fòra o medo nos mouros quando Martim Afonso deu n'elles, que nom tiuerão acordo de os matarem. O que certamente he muyto pera notar a firmeza d'esta molher, e da outra, que tambem era malauar, chamada Apelonia Pinta, que esteue catiua com Diogo de Mesquita na serra de Champanel; de que atrás contey.

Sendo assy acabado o bom feito pola mercê de Deos, alguns fidalgos e caualleiros muy valentes tomarão a ordem de cauallaria da mão de Martim Afonso, tomando certidões de tão honrado feito. Acodirão aquy em suas champanas muytos christãos da terra, que roubarão do arrayal o que os nossos nom quiserão, e Martim Afonso lhe deu muytas champanas que os mouros lhe tinhão tomadas, e soltou muytos que os mouros n'ellas tomarão, que os mouros trazião no trabalho do arrayal, e lhe fazião muyto mal; os quaes, com este fauor de Martim Afonso, por sua vingança queimarão o lugar de Cayle [1], que era de mouros.

Martim Afonso mandou logo a Cochym duas fustas a leuar os feridos, e estando n'esta acupação lhe chegou messagem do Rey de Ceylão, de muytos rogos que tomasse o trabalho de o hir vêr, pera * que * com sua vista seus imigos ficassem atromentados de medo, que já sabião que fizera este tamanho feito. Do que aprouve a Martim Afonso, e concertando e repartindo polas fustas tomadas a gente, atrauessou a Ceylão; a que ElRey fez grandes honras e recebimento de festas, e em quanto hy esteue, que forão quatro dias, ElRey mandou dar á gente todo o necessario graciosamente, e aos capitães fez mercê de joyas d'ouro e pedraria, que nom erão de muyto preço. A Martim Afonso deu riqo colar, e lh'emprestou pera gastos d'armada vinte mil cruzados em dous mil portugueses d'ouro, e o despedio com muytas honras.

As fustas dos feridos chegarão a Cochym, que * como * se soube a noua se deu repique e se fez procissão e festas, e os feridos nom consentirão os casados que os leuassem ao esprital, e cada hum leuou pera casa os que pôde, e os curarão [2] * como * filhos; 'o que a mãy de Pero, o moço catiuo, fazendo festas com o filho, corria todas as casas visitando os feridos, e o capitão e veador da fazenda os visitaua, e os mandou o Rey de Cochym visitar pelos seus regedores.

[1] Cale? [2] * com * Autogr.

Martim Afonso, de Ceylão atrauessou e foy ao cabo de Comorym, donde mandou Artur de Crasto em quatro fustas, que ficasse na costa em guarda dos christãos, que os mouros da terra se nom leuantassem, contra elles; e elle se embarqou na propia fusta do Patemarcar, que era como galeota muy laurada, leuando as propias bandeiras e estendartes; que chegando a Cochym lhe fizerão grande recebimento e grandes honras, onde chegou em feuereiro de 538, e elle por sua pessoa foy visitar os feridos, e a cada hum deu de mercê hum português d'ouro dos que lhe dera ElRey de Ceylão, e o védor da fazenda fez hum pagamento a toda a gente por honra do feito, e o Rey de Cochym veo visitar Martim Afonso, fazendolhe grandes honras, muyto lhe rogando que fosse acabar de ganhar a honra do Çamorym, em lhe tomar armadas de paraos, que trazia á carga do arroz depois que se elle fôra.

Pelo que Martim Afonso mandou fazer biscoitos, e em quatro dias se partio de Cochym, embarcado na fusta do Patemarcar, e a gente nas outras, que erão milhores que as nossas, com suas velas e estendartes e n'ellas embarcados os tangeres dos malauares; porque Francisco de Sequeira lhe deu este albitre, porque topando com os paraos de Calecut, ouvindo os tangeres, cuidarião que erão de sua companhia. E foy a Cananor, onde andauão as galés, e João de Sousa Rates por capitão d'ellas, e em outra Gaspar d'Almeida, e em outra Diogo Rabello, os quaes leuarão de Cochym muytas naos e zambuqos que hião pera Cambaya, até os passarem de Baticalá, e d'ahy se tornarão 'andar na costa: de que os paraos nom fazião estima, porque ao remo e á vela se afastauão d'ellas quanto querião, e fazião suas viages ao arroz em magotes de vinte e trinta, que ganhauão muyto dinheiro, porque Calecut estaua tão falto d'arroz que valia hum fardo cinqo pardaos.

CAPITULO CV [1].

COMO MARTIM AFONSO, TORNADO A COCHYM COM O VENCIMENTO DO PATEMARCAR, TORNOU A GUERREAR A COSTA DO MALAUAR, E O QUE FEZ N'ELLA.

Martim Afonso, partindo de Cochym, [2] * mandou hum * catur diante a Chalé, saber nouas dos [3] * paraos em * que parte erão; e lhe tornou com recado que corenta erão hidos a Mangalor a carregar arroz, os quaes Martim Afonso determinou tomar por manha se os achasse no mar, e se foy em busca d'elles a Mangalor, e passou de noite por Calecut largo ao mar, por * que * nom fosse visto e fosse auiso aos paraos, que em Mangalor nom sabião do desbarato do Patemarcar, porque os que fogirão [4] * de Beadalá * por terra forão muy perseguidos da gente da terra polos roubarem, e forão muy mal tratados em muytos lugares, em que os prenderão pedindolhe dinheiro, que nom chegarão a Calecut senão d'ahy a dous meses. Do que ao diante contarey.

Martim Afonso leuou as galés que estauão em Cananor, e as mandou que fossem largas polo mar, porque elle auia de hir ao longo da * terra *, e que quando vissem os paraos vir, que fizessem que lhe vinhão a elle tirando tiros, porque elle outro tanto auia de fazer, porque os paraos cuidassem que [5] * elles * tambem erão paraos. E com esta ordem foy ao longo da costa, e passando o monte Dely, que hia com terrenho ao longo da terra, leuando todos os paraos em fio após sy com as bandeiras dos mouros, ouverão vista dos paraos que vinhão de Mangalor carregados d'arroz, que erão trinta, de que era capitão Baleacem, valente mouro. O que vendo as galés começarão a tirar os tiros contra Martim Afonso, e Martim Afonso contra ellas, de que os pilouros hião pulando polo mar; o que vendo os paraos inteiramente crerão que os nossos erão paraos com que as galés pelejauão, que chegando mais perto ouvirão com Martim Afonso os tangeres malauares, e conhecerão que os paraos erão malauares e as bandeiras, porque Martim Afonso mandou esconder

[1] E' o XCIX do original. [2] * mandou diante hum * Autogr. [3] * paraos saber em * Id. [4] * da beada * Id. [5] * elle * Id.

os portugueses, que nom parecião senão os remeiros, que erão malauares. Com que os paraos carregados, muy contentes e seguros, se chegarão pera Martim Afonso, que se meteo tanto com a terra que os paraos lhe ficarão ao mar, que chegando perto fizerão salua como a malauares, e sendo alguns passados, Martim Afonso [1] * mandou * dar fogo n'artelharia, arribando sobre elles e abalroando com panellas de poluora, que como nom trazião gente de guerra, [2] * senão * muyto pouqa, [3] * muytos * ficarão enxorados, e os mouros pelo mar. As galés nom chegarão, porque o vento era da terra. Outros paraos, que vinhão atrás, vendo o que os outros passauão, nom tiuerão outra saluação das vidas senão varar na terra; ao que os catures chegauão e saluarão muyto arroz. E foy tamanho seu mal que d'estes trinta sós tres escaparão, que forão dar a noua em Calecut; e na terra se perderão onze, e todos os outros ficarão no mar carregados d'arroz, e no mar mortos muytos mouros, que os outros a nado se forão a terra. Com o que Martim Afonso tornou a Cananor, e mandou carregar as galés d'arroz, e os paraos tomados á toa após as galés, em que hião nossos marinheiros, que lhe dauão as velas; que chegando a Cochym ouve grande prazer.

O que acabado, Martim Afonso foy caminho de Mangalor em busca dos outros; pelo que homens casados em Cananor, que tinhão catures, se forão após Martim Afonso com seus amigos, pera ganharem arroz pera o inuerno. Martim Afonso se pôs logo ao mar, e correo largo, e mandou os catures ao longo da terra, com que se forão os de Cananor, que chegando ao monte Dely de noite derão com dous paraos carregados, que erão da companhia de vinte e tres que ficauão atrás, que vinhão de Bracanor; os quaes dous logo forão tomados, que se renderão aos primeiros tiros, que ouvidos de Martim Afonso mandou catur saber o que era, e lhe tornou com o recado dos paraos que vinhão e os que tomarão, e que os outros vinhão perto. E Martim Afonso, polos nom errar, espalhou catures polo mar, que vigiarão. Ao outro dia ás noue horas ouve vista dos paraos, que vinhão com muyto vento á popa, que todos vinhão juntos em huma batalha. Os mouros, auendo vista dos nossos, cuidarão que tambem erão paraos, porque inda nom sabião que Martim Afonso era vindo, nem vião as galés, nem nenhuma vela latina, senão todas de

[1] * manda * Autogr. [2] * sem * Id. [3] * muyto * Id.

hum ló; pelo que seguros vierão seu caminho, mas chegando de perto, que conhecerão vendo reluzir as armas, e porque já nom podião voltar, nem fogir pera o mar nem pera terra, aleuantarão as velas nos palanqos, por amor do fogo e poderem pelejar; porque estes vinhão apercebidos de gente d'armas. Tres d'elles, que vinhão mais dianteiros, abalroarão com dom Diogo d'Almeida, e com João de Sousa, sobrinho de Martim Afonso, e com Jorge Barroso d'Almeida, com que os mouros pelejarão como homens que se entregauão á morte; em que a peleja foy grande, mas forão muytos mortos, e feridos, e deitados ao mar, e os paraos tomados. Outros se espalharão, huns pera o mar outros pera terra, buscando saluação largando as velas, correndo quanto podião, e todauia forão alcançados noue, que forão tomados, que muyto pelejarão; e os outros os nossos os seguirão até noite, de que alguns vararão na costa, em que se perderão. Com que Martim Afonso se tornou a Cananor, onde sempre estaua embarcado no mar, e mandou os feridos a terra, onde o mesmo dia que chegou á noite lhe derão nouas de mais paraos, que erão treze que já vinhão perto, e Martim Afonso apressadamente se tornou ao mar, e em amanhecendo topou os paraos, que se puserão em fogida, porque o vento era grande e elles corrião muyto á vela; a que os nossos seguirão o alcanço, e alcançarão sómente cinqo, e tomarão oito pageres que vinhão com elles carregados d'arroz. N'esta briga d'estes paraos, e dos outros, dos nossos forão mortos treze homens, e muytos feridos. 'Alguns d'estes paraos, que se perdião na costa, acodia tanta gente da terra ao saluar do arroz, que os roubauão. Com a qual vitoria Martim Afonso se tornou a Cananor, onde os calures dos casados entrarão com mouros enforcados nos mastos e vergas, que deitarão na praya, e de noite os vigiauão, que vinhão outros seus parentes aos comprar pera os enterrarem. [1] * Martim Afonso esteue * em Cananor deuagar alguns dias, porque nom auia nouas de paraos, e sendo alguns dos feridos sãos, Martim Afonso foy até Baticalá correndo os rios, onde em Baticalá veo catur com carta do Gouernador, que ouvera muyto prazer com suas boas ditas, e lhe mandou vinte mil pardaos pera pagamento da gente e corregimento da armada; com que andou sempre pola costa correndo tudo, até a fim d'abril, que com muytas treuoadas do inuerno se recolheo a Cochym.

[1] * Martim Afonso que esteue * Autogr.

O Patemarcar, que vinha por terra pera Calecut fogido [1] * de Beadalá *, deixou muyto dinheiro e riqas joyas enterradas na primeira terra que lhe anoiteceo, e as soterrou com dous homens de que fiou, pera que depois elles o tornassem a buscar; em que deixou grã soma d'aljofar e perolas, metido tudo em hum caldeirão de cobre; e soterrado puserão sinaes de pedras metidos como marqos, pera quando o tornassem a buscar. E se foy pela terra com seu sobrinho, e doze ou quinze dos que com elle se acharão, onde no caminho passarão tristes trabalhos, com que chegou a Calecut fazendo seus prantos com seus amigos. E porque o Rey grande do cabo de Comorym o mandara soltar de huma terra sua em que estauá preso, ouve o Patemarcar cartas do Çamorym pera o Rey grande, de muytos agardicimentos; o que o Patemarcar ordenou por achaque pera mandar buscar o seu dinheiro; e pera o Rey mandou veludos e huma peça de grã, e com isto mandou os dous homens que sabião do dinheiro, que dando o presente ouvessem d'elle olas, que lhe nom fizessem mal pelas suas terras: o que lhe o Rey deu. Os quaes forão, e acharão tudo, que era na borda de hum mato; o que tudo meterão em saquinhos compridos, que atarão derrador de sy, e n'albarda de hum boy de carga que leuauão, em que trouxerão o fato do Rey grande [2]; mas vindo junto de Coulão creceo a cobiça a hum d'elles, e de noite fez que hia negociar, e se foy á forteleza, e falou em secreto com Diogo da Silua, que então era capitão, e lhe pedio peita, e lhe descobriria boa preza com que elle auia de passar per hum certo passo de hum rio, em que o podia mandar tomar, que era perto. Pelo que Diogo da Silua logo lhe deu vinte portugueses d'ouro, que erão da carga da pimenta, e mandou com elle hum seu sobrinho; porque o mouro lhe deu conta que era o dinheiro de Patemarcar, de que lhe deu toda' conta. E todauia Diogo da Silua nom confiou, e foy elle em pessoa em dous tones com espingardeiros, e agardou no passo, onde tomou o tone que passaua com o boy dentro, que trazia dentro n'albarda o mór dinheiro; o que tudo juntamente tomou, e os negros fogirão a nado. E Diogo da Silua gardou tudo e meteo em sua forteleza, sem o mostrar a nenhuma pessoa; e porque isto forçadamente se auia de saber o fez saber a*o* védor da fazenda e ao

[1] *d'abeeda la* Autogr. [2] Isto é: o presente dos veludos e mais cousas, que trouxeram para o Rey grande.

capitão de Cochym, dizendo que tomara quatro mil pardaos d'ouro do Patemarcar. Mas, segundo se falou, as perolas e aljofar valião mais de vinte mil, de que Diogo da Silua repartio com sua conciencia o que lhe bem pareceo, e a demasia foy o que mandou dizer ao vêdor da fazenda que lhe désse pera pagamento da gente da forteleza: o que elle fez boamente. Da destroição d'estes paraos, e que este anno tomou Martim Afonso, nunqua mais ouve taes armações d'elles.

CAPITULO CVI [1].

COMO O GOUERNADOR FOY A DIO PERA ASSENTAR A PAZ COM O LURCÃO, ONDE ESTANDO CHEGOU HUM NAUIO D'ORMUZ, COM HUMA ESPIA DO TURQO E CERTA NOUA DA VIDA DOS RUMES.

O Gouernador estaua em Goa deuagar quando lhe derão as nouas do que tinha feitó Martim Afonso. Com que mostrou prazer, e fez mercê a quem lhe deu a noua, mas teue pesar do muyto aluoroço e prazer que vio na gente, que o muyto louvauão; porque o Gouernador tinha magoa no coração contra Martim Afonso polas cousas de Cambaya; e por desfazer no feito, em pratica disse: «Se eu nom tiuera acupação com Cam-» «baya, muytos dias ha que eu tiuera ensecado os ladrõeszinhos do Ma-» «lauar, que andão a roubar pageres e nom são pera mais.» O que alguns homens entenderão. Alguns homens amigos de Martim Afonso lhe disserão: «Senhor, nom sey como vossa senhoria isso diz; mas aquy» «ha cartas que dizem que os mouros [2] * de Beadalá * passauão de seis» «mil; o que se póde auer por milagre.» O Gouernador se passou a outra pratica, e se fez prestes e partio pera Dio em quatro galeões e dez fustas, e foy tomar em Baçaim, em que Gracia de Sá já tinha aleuantada toda a forteleza no andar das amêas; onde o Gouernador se deteue alguns dias prouendo cousas das terras, que achou tudo pacifiqo. Polo que partio pera Dio, com alguma esperança de assentar paz com o Lurcão; onde soube que em toda a terra e pouo auia grandes odios e cramores contra os nossos, dizendo que mataramos o Badur com falsidade, por lhe roubar seu tisouro, que cuidamos que estaua nas suas casas;

[1] E' o C no original. [2] * d abeada * Autogr.

com que a gente da terra andaua aluoroçada e d'aleuanto, que muyto cramauão por vingança de sua morte. O que era em feuereiro de 538 que o Gouernador chegou a Dio, e falou com Coje Çafar como poderia assentar paz com o Lurcão, sobre que lhe mandou alguns recados que viesse de Madauá, onde estaua, pera 'assentarem ; ao que o Lurcão andou com respostas e nada concordio, o que assy sendo chegou [1] * á quintam do Melique hum parente * do Lurcão, dizendo que vinha assentar a paz, e [2] * mandou * està messagem ao Gouernador, e lhe mandou Diogo da Silua com oito portugueses, dos que forão catiuos em Damão da nao de Martim de Freitas. Com que o Gouernador muyto folgou, por ser bom começo de pazes, e lhe mandou grandes agardicimentos e presente de peças de seda do Reyno, e que mostrasse a chapa d'ElRey pera assentar as pazes, e que mandaria quem as fosse assentar com elle. O qual recado lhe mandou por Francisco Pacheco, a que respondeo que pera assentar a paz ElRey lhe dera a palaura, e por lhe parecer que era escusada a chapa a nom trouxera. E nada se assentou senão depois, como adiante direy.

O Gouernador, vendo que nom auia assento de paz, temendose que aueria guerra, auendo sobre isso conselho com o capitão e fidalgos pera isso, ordenou se [3] * apreceber * Dio pera o que pudesse soceder. E porque a villa dos Rumes tinha grande cerqua, e auia mester muyta gente pera a defender, mandou derrubar a cerqua, e junto do rio fazer hum baluarte pera sua defensão, a que fez a parede de vinte pés de largo, entulhado e [4] * mocisso * até o primeiro sobrado, em que se assentarão cinqo tiros grossos e seis falcões pedreiros ; no que se deu grande pressa. E pegado á elle se fez huma casa pera aposento do capitão, muy forte, tudo de cal e pedra ; de que fez capitão Francisco Pacheco, que era juiz e recebedor d'alfandega da villa dos Rumes. E tambem mandou fazer dentro na forteleza outra grande cisterna, de vinte palmos d'alto, e larga que cada palmo leuaua tresentas pipas d'agoa ; na qual se recolheo quanta agoa se pôde auer, que foy muyta. E mandou derrubar muytas casas derrador da forteleza, com que fiqou hum grande tirreiro, e toda a pedra e madeira se recolheo pera' forteleza, que depois lhe muyto valeo e aproueitou.

[1] * a quintam de hum parente * Autogr. [2] * man * Id. [3] * aprecer * Id.
[4] * mocido * Id.

E estando n'estes trabalhos, chegou a Dio hum nauio d'Ormuz, que mandou dom Pedro de Castello Branco, capitão, em que lhe mandou hum homem italiano de nação, chamado [1] * micer Catanho *, que muyto bem sabia falar nossa fala, que per via de Baçorá com outros mercadores entrára em Ormuz como mercador, o qual, sem o ninguem saber, se descobrio ao capitão da forteleza que elle era espia do Turqo, que o mandaua espiar e vêr quanto auia na India, pera vêr se concertaua com o que d'ella lhe dizião, e saber da morte do Badur como fôra, e que logo se tornasse, e de tudo désse auiso a capitão que auia de passar á India com os rumes. O qual era homem branco e de bom corpo e presença, e muy auisado e cortez; o qual o Gouernador recebeo com gasalhado, e elle lhe contou que auia vinte annos que era tratante em Constantinople e per toda' Turquia, e que elle acertara d'estar na cidade de Misey quando o Turqo mandara aperceber as galés pera passarem á India, e sabendo a grã defesa que auia que nada saysse das portas do Estreito, pera nom virem dar auiso á India e se soubesse da vinda dos rumes, e por elle em su'alma ser verdadeiro christão, e n'isto querer fazer seruiço a Deos, com dessimulação comprara mercadarias, e se metera por mercador na cafila em que veo a Baçora, e d'ahy passara a Ormuz, e elle se descobrira ao capitão, e [2] * requerera * que logo o mandasse a sua senhoria, pera lhe dar este auiso e d'outras cousas que lhe muyto comprião, que esperaua que * por * isso lhe faria muyta mercê; e por auisos que dera a*o* capitão d'Ormuz ficaua repairando a forteleza do que compria, pera se lhe viesse algum trabalho. O que tudo assy falou com o Gouernador em secreto ante Antonio da Silueira; e que dentro em Veneza tinha seu pay e mãy christãos; e as galés em Suez estauão prestes, e os rumes erão chamados por ElRey de Cambaya, e vinha por capitão d'armada hum regedor do Cairo, homem capado, de tanto credito com o Turco que d'outrem nom fiara esta passagem senão d'elle. « E por fa- » « zer seruiço a Deos, e ganhar as mercês que mereço a ElRey de Por- » « tugal, tomey este trabalho, e são vindo ante a tua senhoria, que Deos » « te acrecente como quiseres. E porque nom te escuses de me fazer a »

[1] * Myce Catanho * Autogr. *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. L, diz que era genovez, e se chamava Duarte Catanho. [2] * requera * Autogr.

«mercê que mereço pela verdade com que venho, tua senhoria me man-»
«de gardar em prisão de ferros, que assy he usança dos capitães da»
«guerra, até eu mostrar a verdade e me fazeres mercê; e sendo falso»
«me mandes cortar a cabeça. E porque de mim saibas mais a verda-»
«de [1] *te* mostro a chapa do Turqo, em que me faz franco pera an-»
«dar por todas suas terras. Do que de toda a verdade te dou minha»
«cabeça em penhor.» O que todo ouvido polo Gouernador lhe deu palauras de muytos agardicimentos, com promessas de muyta mercê; e lhe defendia, sô pena de morte, que a tudo tiuesse segredo, e o mandaua a Goa, que estaria secreto em huma casa dentro na forteleza, porque nom fosse visto de mouros que o conhecessem; e nom lhe daua prisão de ferros por ser pessoa tão honrada que nom podia trazer engano, e lhe falaua verdade, porque já tinha noua que o Rey Badur mandara chamar os rumes. O Gouernador o teue na sua camara até noite, que o mandou meter em huma fusta em que foy a bordo do nauio, de que recolheo seu fato, que erão fardos de chamalotes. O Gouernador mandou ao capitão da fusta que nom tomasse nenhum porto, e de noite entrasse em Goa, e o entregasse ao capitão da forteleza, dom Gonçalo Coutinho, a que escreueo que aquelle homem metesse em huma casa dentro na forteleza, de que nunca saysse, e o tiuesse em tal recado que nunqua fosse visto de nenhuma pessoa.

Depois do venezeano embarcado, Antonio da Silueira praticou com o Gouernador, e lhe dizendo que seu coração não ficaua satisfeito do que o venezeano dizia, e que, quer fosse verdade quer mentira, o deuia de [2] *mandar* matar com morte secreta; porque aquelle homem era muyto sabédor, e era verdadeira espia do Turqo, e tomara bom ardil descobrirse por saluar sua pessoa. Do que o Gouernador nom fez muyta conta, e nom deitou a isso o sentido como deuera, e nom fôra o que depois foy, como adiante direy.

O Gouernador bem entendeo que isto nom auia d'estar em segredo, e se o encobrisse fazia caso [3], e mais que já o falauão os que vinhão no nauio, e o contauão cartas d'homens d'Ormuz; pelo que determinou o pobricar, e em publico o fallou, dizendo que no nauio lhe viera hum veneziano, que lhe vinha com albitre de rumes que se apercebião no Es-

[1] *que* Autogr. [2] *man* Id. [3] Quer dizer: incorreria em pena.

treito, e que auião de passar pera a India em setembro que vinha, e por isso lhe pedia mercê que o mandasse nas naos do Reyno, pera hir a ElRey lhe pedir mercê; e porque elle sabia que erão echacoruos, que são mais espias que verdade, o mandara * em * Goa ter a bom recado, pera que tanto que chegasse Manuel Machado, se o achasse em mentira, o mandar enforcar. O que assy ouvido, que se falou polo pouo, logo forão a Goa cartas que o contauão; o que se fallou e contarão ao venezeano; polo que elle tambem o contaua a quantos o querião ouvir, e dizendo que elle em secreto o dicera ao Gouernador, e pois elle o pobricara elle o affirmaua, e que se os rumes nom passassem á India lhe cortassem a cabeça. E estaua aposentado em huma casinha que estaua sobre a porta da forteleza, onde estaua vendendo muy finos chamalotes que trouxera, onde entrauão a comprar quem queria, e mórmente bramenes de Goa, e muytos portugueses, com que mouia praticas em taes modos que soube quanto auia na India muy miudamente; o que tudo escreuia e gardaua, dizendo que folgaua de ouvir as grandezas que os portugueses tinhão feito na India, porque tinha sabido de muytas grandezas de feitos que auia polo mundo, e nenhuma era como * as * dos portugueses, que se falauão por todo o mundo, e nom era nada o que se lá falaua pera o que elle agora tinha sabido. Com o qual engano auia homens portugueses que lhe contauão o nouo e velho, em tal maneira que nada lhe fiqou por saber, como verdadeira espia que era.

CAPITULO CVII [1].

COMO O GOUERNADOR MANDOU VIR D'ORMUZ PRESO O CAPITÃO DOM PEDRO, POR CULPAS DE QUE O ACCUSARÃO.

No nauio d'Ormuz mandarão ao Gouernador cartas de grandes acusações de dom Pedro, capitão, e taes requerimentos que o Gouernador mandou na carauella ao doutor Pero Fernandes, que ElRey mandara por ouvidor geral da India, que acabara Fernão Rodrigues de Castello Branco, que seruia, e já o Gouernador mandara a dom Pedro prouisão que entregasse a forteleza ao alcayde mór Manuel Falcão, e que elle se

[1] Corresponde ao CI do original.

viesse á India; e porque o nom fez, o Gouernador mandou a isso o ouvidor geral com grandes poderes pera fazer tudo o que comprisse. Chegou a Ormuz o ouvidor geral, a que o capitão fez muytas honras, e em todo lh'obedeceo; e fez grande requerimento ao ouvidor geral que da sua mão recebesse a forteleza, porque a outra nenhuma pessoa a auia d'entregar, e que elle da sua mão fizesse d'ella o que quigesse, porque elle logo se partia 'apresentarse ao Gouernador, pera se liurar de suas acusações e se tornar 'acabar de seruir seu tempo da capitania. Sobre a qual entrega da forteleza ouve grandes protestos, com que o ouvidor geral forçadamente tomou entrega da forteleza, e dom Pedro lhe tomou d'ella a menagem, que leuou ao Gouernador. O ouvidor geral da sua mão quisera entregar a forteleza ao alcayde mór; o que lhe foy muy contrariado. Pelo que o nom fez, e tambem porque nom trouxera prouisão do Gouernador pera que da sua mão a pudesse entregar a ninguem; e assy fiqou por capitão da forteleza, e dom Pedro partio na carauella, e chegou a Dio em pouqos dias, e se apresentou a*o* Gouernador, fazendo grandes escramações, dizendo que era sem culpa dos males porque o mandara tirar de sua forteleza; fazendo grandes protestos por sua injuria e perdas tudo auer por quem fosse justiça. O Gouernador, sabendo que o ouvidor geral ficaua na forteleza, lhe dixe que fizera erro e se auiara mal, porque era necessario o ouvidor geral pera seus despachos. Dom Pedro lhe pedio que mandasse capitão pera olheiro da forteleza, até se elle tornar, que notorio era o pouo querer mal a quem castiga os malfeitores. O que tanto repetio que o Gouernador lhe dixe: « De mim di- » « rão males a ElRey meu senhor alguns que eu castigo de seus erros; » « mas nom lhe dirão que roubey, e matey, e forcey, como dizem de vós. » « E quem falar mentira ficará n'ella. » Então o Gouernador mandou por capitão pera Ormuz dom Fernando de Lima; o que dom Fernando nom querendo aceitar, dom Pedro lhe meteo tantos rogadores, dizendo que se nom fosse, pera que viesse o ouvidor geral, que se perderia em nunqua ser despachado pera tornar á sua forteleza, pelo que então foy dom Fernando, e veo o ouvidor geral, que trouxe taes cousas tomadas nas mãos, que, se ouvera justiça, logo lhe ouverão de cortar a cabeça. Mas na India nom ha justiça, porque a nom ha em Portugal. Ao que dom Pedro se meteo em seu liuramento, e com ter muyto dinheiro buscou tantas contraditas falsas ás testimunhas que o condenauão, que tudo desfez;

onde se fez hum feito que era repartido em quatro partes, e cada huma de quatro resmas de papel, em que lhe derão sentença de liuramento, de oitenta folhas de papel, que eu vi; e como no caso nom ouve quem fizesse [1] * acusação * e désse reproua ás contraditas, porque o procurador d'ElRey quer dormir seu sono descansado e ha mester dinheiro, a justiça se perdeo, e dom Pedro se foy a sua forteleza acabar de roubar o que fiqou, e destroir [2] * os * que contra elle testimunharão. Mas Nosso Senhor permetio que este dom Pedro, hindo pera Portugal com seus roubos, lho roubarão francezes cossayros que andauão na costa, que lhe nom deixarão nada, e roubarão a nao, em que alguns que n'ella hião em Lisboa se queixauão, dizendo que polos pecados de dom Pedro se perderão.

CAPITULO CVIII [3].

COMO O REY DE XAER MANDOU PEDIR PAZ POLO ALEUANTAMENTO QUE FIZERA, E MANDOU OS CATIUOS E FAZENDAS, E O GOUERNADOR LHA DEU, POR LHO PEDIR COJE ÇAFAR; E O GOUERNADOR PROUEO A FORTELEZA E SE TORNOU A GOA.

O Rey de Xaer, sabendo da morte do Badur, que o Gouernador o matára, o que nom faria senão sendolhe descuberta a trayção que o Badur lhe ordenaua, e que por assy ser morto os rumes nom passarião, ouve muy grande medo que o Gouernador o mandaria destroir polo mal que fizera. Ao que buscando remedio, mandou seu messigeiro ao Gouernador aquy a Dio, dando grandes desculpas do mal que fizera, dizendo que a causa fôra os males, soberbas, enjurias, que os nossos fazião na cidade aos naturaes e aos estrangeiros [4] * mercadores, sobre * molheres que tomauão; o que elle e os da terra soffrião, e elle o temperaua como podia, por querer viuer em paz; o que os portugueses lhe nom estimauão, cuidando que de os temerem lhe nom hião á mão; com que vierão a tantos males que os estrangeiros, que erão muytos, o nom puderão soffrer,

[1] * acusão * Autogr. [2] * o * Id. [3] Não vem no texto, o summario d'este capitulo, que deveria ser o CII, e que foi tirado da *tavoada* dos capitulos. [4] * mercadores que sobre * Autogr.

e fizerão conselho de se aleuantarem e os matarem todos; do que elle nom fôra sabedor senão quando ouvio a briga, que acodio, e mais com rogos que com [1] * forças os saluou * das mortes, elle mesmo bradando aos portugueses que nom pelejassem, e se entregassem, que nom os matarião; o que alguns nom quiserão senão pelejar, e os matarão, e os feridos elle os recolheo, e mandou curar, e recolher suas fazendas, que tinha; mas os viuos, que os mercadores esconderão, embarcarão em huma nao, e os mandarão a Meca; a que elle nom pudera valer com rogos e peitas que daua: o que [2] * dirião * os portugueses que lhe ficarão. O que sendo isto passado auia dez dias chegara ao porto Manuel Machado com tres fustas, que vinha das portas do Estreito, carregadas as fustas de fazendas que tomara, e entrou no porto, nom estando elle na cidade, que era hido d'ahy vinte legoas a huns casamentos de hum seu irmão, e na cidade nom ouve ninguem que lhe fizesse mal, mas todos lhe obedecerão; pelo que pôs a fazenda em terra e varou as fustas, e estaua descansado, e assy estando entrou huma nao no porto, a que elle fizera hum roubo, e nom ousarão bolir, antes lhe forão pedir seguro, que lhe deu; mas os mouros da nao, que erão muytos, sabendo o mal que era feito, tomarão atreuimento, aconselhados d'outros, e huma noite derão n'elles e todos matarão. Do que lhe fôra recado; ao que elle logo acodira donde estaua, e chegando á cidade achou que a nao era partida; pelo que então não pôde mais fazer que arrecadar as fazendas e as fustas, que tudo tinha, o que com os catiuos que tinha tudo lhe mandaria, com tanto que perdoasse o passado, e lhe désse a paz liuremente como d'antes tinha.

O messigeiro veo dirigido a Coje Çafar com bom presente, que fosse o terceiro e isto acabasse com o Gouernador; o que tudo o Rey lhe escreueo por suas cartas. O que o Coje Çafar falou ao Gouernador, que teue muyta paixão polo que era feito, e por se nom perder o que se podia cobrar, porque nom estaua em tempo pera mais, que depois, se pudesse, tomaria vingança, deu a paz e seguro como lhe foy pedido, por cobrar os catiuos, que forão catorze, com as fustas e artelharia, e muyta fazenda, e escrauos e escrauas. E antre os catiuos era dom Manuel de Meneses, e outros homens honrados que forão com Manuel Machado. Do que o Gouernador, enformado da verdade, bem determinou de tomar vingança

[1] * forças com que os saluou * Autogr. [2] * dirão * Id.

de Xaer quando tiuesse tempo; porque quando estes catiuos vierão a Dio já o Gouernador era partido pera Goa, onde se forão e leuarão as fustas e fazendas.

CAPITULO CIX [1].

COMO O GOUERNADOR PROUEO A FORTELEZA DE DIO E A CIDADE, E SE FOY A GOA.

O Gouernador, auendo muytos conselhos sobre a vinda dos rumes, nunqua lhe pareceo que passassem sabendo a morte do Badur. E Coje Çafar assy lho affirmaua, e a todos assy parecia, e muyto mais parecia porque o judeu Ysaque do Cayro, que o Gouernador mandara, leuaua apontamento que achando certeza de os rumes passarem mandasse recado, per outro judeu que foy em sua companhia pera isso, e elle fosse com o recado a Portugal; do que hia muyto encarregado. De modo que a morte do Badur fez parecer que os rumes nom passarião, sabendo de sua morte; indaque estiuessem prestes como dizia o venezeano.

O Gouernador proueo a forteleza de tudo o que pareceo necessario, com todas monições, e mantimentos, e agoa, com oitocentos homens portugueses, com muyta espingardaria, e muytos escrauos homens pera ajudar, e hum nayque canarym com cento e cincoenta piães com seu mantimento ordenado; e no baluarte do rio por capitão Antonio de Sousa Coutinho, honrado fidalgo, com trinta *homens*, e auondado do que compria; e Francisco Pacheco por capitão do baluarte da Villa dos Rumes, com cincoenta homens espingardeiros, a que mandou que désse muyta pressa que se acabasse, que em cima auia de ser argamassado e cuberto de alpendorada de telha; pera o que deixou corenta pedreiros portugueses e canaris, que sempre dentro na forteleza fazião casas pera aposento da gente, das casas que fóra se derrubarão. E no rio deixou fustas, e catures, e barcaças, e galeotas, pera se concertarem e estarem prestes pera o que comprisse. E deixou muyto dinheiro pera pagamento da gente; e ao Coje Çafar tomou pola mão e entregou ao capitão, muyto lho encarregando, que lhe fizesse todas honras, e sempre com seus conselhos fizesse suas cousas, e a Coje Çafar muyto lhe encarregando o assento da terra e fa-

[1] E' o CIII no original.

zer a paz com todo concerto que lhe bem parecesse; o que muyto trabalhasse. E ao capitão *deixou* muyto encarregado que a gente da cidade fosse gardada, que nom fosse escandalizada; e com tudo prouido e bem ordenado se partio pera Goa, visitando e prouendo Baçaim em muyta maneira e assy Chaul.

CAPITULO CX [1].

COMO A PORTUGAL PASSARÃO ALGUNS CATIUOS DE XAER, QUE AFFIRMARÃO A ELREY A PASSAGEM DOS RUMES, E *O* QUE ELREY N'ISSO PROUEO.

Os catiuos que o Rey de Xaer mandou ao Turqo, como já dixe, passarão polo Toro e Suez, onde virão a grande pressa que se daua ás galés, e os mouros que os leuauão *lhe dixerão* que o Rey de Cambaya [2] *mandara* pedir ao Turqo dez mil rumes, que logo auião de partir, porque nom tinhão mais embarcação [3]; e que logo auião de hir outros dez mil, pera o que se buscauão embarcações; e que o Badur tinha grande armada feita pera estes rumes; e que elle auia de matar o Gouernador quando o fosse visitar a suas casas, com quantos com elle fossem e tomaria com traição, porque o Badur se achara enganado do Gouernador nom lhe dar cinco mil homens, que lhe prometera pera o ajudarem na guerra dos mogores, e enganosamente lhe pedira a forteleza, que lhe dera com muyto dinheiro; 'o que tudo lhe faltara: pelo que assy o auia de matar á traição, e tomar a forteleza e matar quantos n'ella estauão, e logo elle em pessoa sayr ao mar com grande armada que tinha, em que auia de recolher os rumes, e com as galés que leuarião auia de hir pelejar com o Gouernador, se o achasse no mar, e guerrear todas as fortelezas; pera o que já tinha palaura dos senhores das terras que as ajudarião a tomar; e com isto já ter muyto certo e concertado o escreuera ao Rey de Xaer, que por isso se aleuantara e fizera o que fez, e os mandaua de presente ao Turqo; e que em setembro auião de passar os rumes.

O que os nossos ouvindo, e sabendo como o Gouernador era muy confiado na amisade do Rey de Cambaya, pelo que cada vez que o Badur quigesse fazer a traição de matar o Gouernador dentro em suas ca-

[1] O CIV do original. [2] *manda* Autogr. [3] Isto é: monção.

sas o podia bem fazer, assentarão todos que a India seria perdida, se Nosso Senhor nom acodisse com sua misericordia; pelo que todos * resoluerão * que cada hum arriscasse a vida, por fazer a Nosso Senhor tamanho seruiço como seria dar esta noua em Portugal, porque acodisse com remedio. Os quaes catiuos tiuerão maneira com que isto fizerão saber a outros catiuos que andauão com o Barba Roxa, [1] * e como estes forão * espalhados por muytas partes, * e * no anno seguinte de 536 o André Doria ouve recontro com galés de Barba Roxa, a que tomou algumas [2] * galés, os catiuos christãos * que n'ellas andauão contarão esta noua 'André Doria; os quaes catiuos elle logo á pressa mandou ao Emperador, o qual a grã pressa polas portas o fez saber a ElRey de Portugal, e lhe mandou os catiuos, que miudamente derão a noua a ElRey; e o Emperador escreueo a ElRey que acodisse com breuidade, pera o que lhe daria toda' ajuda que quigesse.

Com a qual noua todo Portugal foy metido em reuolta e prantos, cada hum chorando seus diuidos que tinhão na India, que derão por mortos, mórmente toda a fidalguia de Portugal. ElRey esteue çarrado com muyto nojo, crendo que a India era perdida; sobre que, auidos seus conselhos, foy assentado que a India fosse secorrida com tanto poder que indaque fosse tomada dos rumes lhe tornassem a tomar e restaurar; pera o que todos dauão muy videntes rezões. Ao que se offerecerão todos fidalgos, mórmente [3] * os * que sabião da India, pera passarem á India ás suas proprias custas, de todo o necessario pera pagamento dos que leuassem e mantimentos * dos * nauios, sómente as monições. Onde muy principaes fidalgos pedirão a ElRey o encargo d'esta cousa, mórmente o duque de Bragança, que o muyto pedio a ElRey; ao que se aleuantou o Ifante dom Luiz com o barrete na mão, e disse a ElRey: «Senhor,» «meu conselho he que o Ifante dom Luiz vá fazer este secorro; que» «he vosso irmão, que aquy está ante vossa alteza.» Ao que ElRey se leuantou, e tomou o Ifante nos braços, dizendo: «Meu bom irmão, tudo» «assy he como vós dizeys, e creo que muyto mais fareys; mas este Rey-» «no nom póde estar sem vós, e por tanto de mym vos nom posso apar-» «tar. Mas pera este secorro vós ordenareis quem vá.» Então assinou El-

[1] * e elles que forão * Autogr. [2] * galés em que os catiuos christãos * Id.
[3] * o * Id.

Rey grandes prouisões, com que mandou Jorge Cabral ao Campo d'Ourique, e Fernão Peres d'Andrade ao Porto, e Lourenço de Tauora 'Antre Douro e Minho, e Francisco de Sousa Tauares ao Algarue, todos com muyto dinheiro, pera fazerem vinte mil homens a soldo e comprarem gado; e Antonio de Saldanha foy encarregado no prouimento da Ribeira dos almazens, pera armar os nauios. Pera o que se tomarão quantas carauellas e nauios auia em Lisboa e no Algarue, porque foy ordenado que logo partissem trinta carauellas, e depois n'armada vinte naos grossas, e outros nauios pera embarcação dos vinte mil homens; no qual conto auião d'entrar todolos homens criados das casas reaes. No que todo se deu grande ordem e grande prouimento, com muytos homens, cada hum encarregado [1] * do * que auia de fazer. Forão ordenadas grandes monições e artelharias; e foy ordenado que logo partissem quatro nauios ligeiros, os milhores de vela que se achassem ordenados, que hum fosse a Ormuz, e n'elle Fernão de Crasto, e Fernão de Moraes em outro que fosse tomar em Dio, e em outro Ruy Moniz que fosse a Cochym, e em outro Pero Lopes de Sousa que fosse tomar a Goa, e cada hum andasse quanto pudesse, e que com todo risco de perdição e varar com os nauios tomassem nas terras a que os mandauão, e dessem as nouas que leuauão nas terras que corressem, aonde estiuesse o Gouernador, e que achando nouas certas que na India era feito algum mal, se tornassem a dar a noua a Moçambique, pera hy estar auiso 'armada que fosse; e que chegando a Moçambique de caminho, * se * hy achassem noua certa de algum mal feito, dous d'elles tornassem logo a Portugal. Nos quaes nauios se meteo por lastro artelharia quanta elles podião tirar, e pera deixarem em Moçambique. Os quaes nauios logo forão prestes e partirão, e após elles foy ordenado que em outro nauio partisse Aleyxos de Sousa com tres outros em sua companhia, que fosse estar em Moçambique, e ahy ter prestes, pera' armada que auia de hir, mantimentos de vaqas, carneiros da costa, e todo outro mantimento, e breu, e amarras, cairo, madeira, tauoado, vergas, mastos, tudo o que pudesse auer, cousas d'almazem; e ter feita muyta pregadura, pera que leuaua dez forjas de ferreiros.

A isto se estando dando auiamento, chegou a Lisboa o judeu Ysaque do Cayro, que Nuno da Cunha mandara de Dio, o qual deu noua a ElRey que as galés estauão prestes pera [2] * s'embarcarem * os rúmes, e

[1] * o * Autogr. [2] * embarem * Id.

fôra dado noua ao Turqo que o Rey de Cambaya era morto; pelo que mandou que se desarmassem as galés até vir outro recado do Rey que fosse feito em Cambaya; e que tudo sabia porque andaua no Cayro, onde estaua o Turqo; e que a gente se tornara pera Misey. Com a qual noua, a que ElRey deu muyto credito, ouve ElRey e todo o Reyno muyto prazer, e ElRey e todos fizerão mercês ao judeu, que contou a ElRey muy miuda conta das cousas de Dio. E cessou o grande trabalho em que ElRey estaua e todo o Reyno; e deu ElRey ao judeu tença na India, com que se obrigou, em quanto viuesse, 'andar n'este seruiço de correr por terra com as nouas que ouvesse, nos tempos de necessidade. Os quatro nauios a saluamento passarão á India; sómente Martim de Crasto, que em Ormuz deu á costa. Com esta segurança do Rey de Cambaya ser morto, que por isso nom [1] * passauão * os rumes, cessou tudo; e assy fiqou seguro o Gouernador que primeiro se passaria muyto tempo, porque em Cambaya o menino Rey se regia por titores, * e * nom creo que tão asinha passarião os rumes.

CAPITULO CXI [2].

COMO O LURCÃO DESBARATOU O MOGOR, QUE ANDAUA ALEUANTADO, E OUTRAS COUSAS QUE SE PASSARÃO DURANDO O INUERNO.

Já tenho contado do mogor que se aleuantara, que roubara o Rao, que tudo deixou, e saluou a mãy e molheres do Badur. O qual mogor fiqou muyto disminuido das pelejas que tiuera com o Mirão, o qual no inuerno tornou a recolher muyta gente per sy, e estaua apercebido. O que sabido do Lurcão o foy buscar, e lhe deu batalha, em que lhe matou toda a gente, que escapou muy pouqa, que fogio por onde pôde, buscando saluação das vidas dando o que tinhão. O mogor com tresentos de cauallo veo ter junto da quintam de Melique, donde mandou pedir saluoconduto 'Antonio da Silueira, que lho deu por intercessão de Coje Çafar, por grosso dinheiro que elle mandara de peita a Coje Çafar, de que póde ser que com elle partiria. O Coje Çafar lhe auiou embarcações, em que se passarão pera Dabul, e por outros rios do Izam Maluco; porque onde che-

[1] * pauão * Autogr. [2] Correspondente ao CV.

gauão dauão largamente muyto dinheiro, e joyas, e perolas, e aljofar, que em seu fato trazião escondido; e na villa dos [1] * Rumes os recolherão * sem nenhumas armas, e d'ahy s'embarcarão, * e * forão assaz roubados dos nossos. Alguns d'estes forão ter a Bengala, e se meterão com Xercansor, que andaua poderoso no Reyno.

E tambem hy chegou n'este tempo em dous nauios Diegaluares Telles, que hia pera fazer fazenda, e por achar a terra de guerra passou a Pegú a fazer fazenda, onde estauão muytos portugueses que se forão de Bengala pera lá. Diegaluares Telles deu 'Afonso Vaz de Brito huma carta do Gouernador, que escreuia ao Rey de Bengala, e se partio; e Afonso Vaz abrio a carta, e a vio, e tornou a çarrar, e a deu a ElRey, que então estaua desafrontado da guerra. Na qual carta o Gouernador lhe dizia que com a morte do Rey de Cambaya tiuera tantos negocios que nom tiuera tempo pera despachar o seu embaixador, e lhe mandar a gente que lhe pedia; promettendolhe que pera o anno lho mandaria, com a gente que lhe pedia; e lhe muyto rogaua que deixasse hir pera' India Martim Afonso, que ElRey de Portugal mandaua que gardasse huma forteleza que muyto compria. Todas estas cousas assy as escreuia o seu embaixador que estaua em Goa, a que o Gouernador fazia muyto gasalhado e promessas do que dizia. Ao que o Rey muyto confiou, e deixou hir Martim Afonso, e nom quis deixar hir Nuno Fernandes Freire, e João Adão, e Afonso Vaz de Bairros, e Antonio Peres, dizendo que ficassem até monção. Mas partido Martim Afonso logo tornaua a vir outro recado d'ElRey que se nom fosse, porque o [2] * Xercansor * vinha sobre elle, como veo, e tomou todo Bengala, e roubou o tisouro, que era muy grande; e tão possantes forão os patanes que passarão a guerrear o Reyno de Pegú, que sabião que tambem era muyto riquo; o que sabido do Rey, represou todos os portugueses que achou, pera se d'elles ajudar na guerra. Diegaluares estaua no rio com hum nauio d'ElRey, que leuara, e outros de mercadores de Choromandel, com duas fustas, que todos tinhão grossas fazendas, de que o Rey auia muy grandes dereitos, e porém inda ganhão os nossos muyto nos empregos que leuão, e muyto mais no retorno que trazem, alacre, beijoim, almisquere, em que fazem grande dinheiro. O Rey pôs grande defesa que nada tratassem com os nossos, porque se nom

[1] * Rumes onde os recolherão * Autogr. [2] * Cercansor * Id.

fossem da terra; porque nom vendendo os empregos de todo se perderião. Sobre o que Diegaluares teue conselho com todos, e assentarão que ajudassem ElRey porque lhe désse seus despachos; porque ElRey lhes fez seguros prometimentos de os despachar pera' monção, e por seus trabalhos lhes quitaua seus direitos das vendas e compras, que era muy grande cousa, tamanha que de hum fazião doze; mas todauia, forçados da necessidade, ficarão ajudando ao Rey na guerra, em que tinhão muyto trabalho, porque os pegús nom prestauão pera nada. Com que os mogores tomarão huma cidade de noite, que a saltearão, onde forão catiuos vinte portugueses que n'ella estauão, e leuados ante o capitão mogor, que lhe perguntou como pelejauão contra elle. Elles lhe disserão erão mercadores e lhe tomara suas fazendas o Rey, e forçadamente ajudauão. O que o mogor já sabia; polo que os mandou soltar liuremente, dizendo que se escusassem quanto pudessem de nom pelejar, porque os nom matassem; porque se elle ficassé no Reyno lhe daria [1] * liberdadas * a todas suas fazendas. O que sabido por Diegaluares Telles, escreueo ao mogor huma carta de grandes agardicimentos do que fizera e dizia que auia de fazer; mas que nom ouvesse por mal ajudar aos pegús, porque era costume dos portugueses ajudarem aos amigos nas terras onde os recolhião. Com a qual reposta o mogor folgou, dizendo que faziamos como bons homens. E assy durou a guerra até monção, que a Pegú foy Fernão de Moraes, assy carregado de fazendas em hum nauio grande, com muytos portugueses tratantes; pelo que o Rey de Pegú franqamente deu carga a Diegaluares Telles e aos portugueses que lá estauão, porque ficaua Fernão de Moraes. Mas a guerra durou, e os bramás tomarão todo o Reino, e nom puderão tomar os portos do mar, porque os nossos lhos defendião; o que durou espaço de tempo, com que todo o Reyno foy tomado, e lá morreo Fernão de Moraes e alguns portugueses, da má vida da guerra. O qual Reyno agora senhorêão os bramás, com muytas tyranias que fazem aos nossos, porque lhe fomos imigos nos tempos das guerras; e nom lhe defendem o trato polo muyto proueito que tem dos nossos tratantes, porque os direitos que leuão das fazendas que vendem e comprão são de tres leuão dous, e tão grande he o trato que comtudo ganhão muyto os tratantes, e mórmente por amor dos rubys, que com-

[1] * liberdas * Autogr.

prão escondidos, que na terra ha os milhores que se achão na India. Os bramás em pouqo tempo ganharão o Reyno, porque nom fazião mal senão á gente que pelejaua, porque fazião fundamento de ficarem no reino como agora estão.

CAPITULO CXII [1].

COMO COJE ÇAFAR FOGIO DE DIO, SEM LHO SENTIREM, * E * LEUOU QUANTO TINHA.

Sendo o Gouernador partido de Dio, que Coje Çafar fiqou regendo toda a terra, elle com o capitão tantos recados mandarão ao Lurcão que assentarão tregoas, até tornar o Gouernador no verão, que auia de ser em setembro. E o Coje Çafar, * que * tinha seus recados secretos com seus amigos, pola certeza que tinha da vinda dos rumes, ouve medo que se o capitão d'isso tiuesse certeza que lançaria mão d'elle, * e * determinou de fogir; pera o que fez prestes huma nao noua, que lhe viera de Çurrate, que elle mandara fazer, em que o capitão tinha parte, a qual armou pera Tanaçarim, e carregou de muytas mercadarias que lá valião; na qual carregou o feitor, e outros homens que tratauão. No que estando negociando, lhe [2] * chegou * outra nao que tinha mandado a Caxem, que logo descarregou, que lhe trouxe a certa noua da passagem dos rumes que esperaua; a qual nao logo carregou pera a mandar a Bengala, fazendo parçaria com o capitão, que elle era como seu feitor, fazendolhe os empregos. Esta nao carregou, e a pôs fóra do rio, que logo partio, que elle mandou pera Çurrate. E todo o dia andaua n'estas acupações, e hia muytas vezes á nao vêr o que se fazia; onde s'embarcarão muytos mercadores seus amigos, que elle mandou que fossem na nao; a que elle deuia de ter dado conta de seus segredos. Á volta d'estes mercadores, que sempre embarcão suas molheres, forão embarcadas todas as de Coje Çafar, com tanta dessimulação que os seus o nom sentião; porque os mercadores trazião suas molheres a casa de Coje Çafar, e d'ahy as leuauão a embarquar; que todas andão cubertas com pannos, e rostros cubertos, que lhe nom parecem mais que os olhos. E a nao acabou de carregar fóra do rio, onde o Coje Çafar hia e vinha em huma sua fusti-

[1] E' o CVI no original. [2] * chou * Autogr.

nha esquipada, e tendo tudo assy embarqado, fez que hia despedir a nao, e a fez á vela, e se meteo n'ella e se foy pera o rio de Çurrate, em que tinha hum lugar seu, que lhe dera o Badur. Hida a nao desapareceo, e nom atentou ninguem que Coje Çafar nom tornara pera terra, e o forão buscar homens pera negocios, que o nom acharão. Abrirão as casas e nom acharão nada dentro. O que sabido do capitão, ouve grande paixão, e fez grande espanto em toda a gente da forteleza, e mórmente no pouo da cidade, que todo queria fogir; o que o capitão muyto trabalhaua polos soster e nom podia. Polo que então lhes fez mal, enforcando alguns que tomauão fogindo; mas nem por isso deixauão de fogir. E logo se tomou grande sospeita de guerra da terra, que dos rumes nom auia sospeita. No qual tempo veo huma terrada d'Azebyby [1], de que hum mercador conhecido disse ao capitão, em segredo, que os rumes auião de vir passado o inuerno; mas o capitão nom lhe deu credito, parecendolhe que erão albitres de mouros. O que o capitão escreueo tudo ao Gouernador; o que elle algumas vezes falou com o veneziano, o que elle lhe affirmaua muyto que os rumes passarião, porque o gasto d'armada já era feito, e que postoque nom passassem pera' India, pera Cambaya, sayrião pera hir a Ormuz a tomar a forteleza, porque muyto se fallaua n'ella ao Turqo.

CAPITULO CXIII [2].

COMO OS RUMES SE TORNARÃO 'APERCEBER PERA PASSAREM A DIO.

JÁ atrás he dito como a passagem dos rumes cessou por caso da morte do Badur. Depois, sendo o Mirão em posse de Cambaya e per todos obedecido como Rey, a Raynha mãy do Badur, que estaua em Champanel, se foy deitar aos pés do Mirão com seus grandes prantos, falando muytas lastimas. O Mirão com muyta honra a consolou, e ella com grandes cramores lhe pedio que fizesse vingança nos portugueses pela morte de seu filho soltão Badur; o que lhe elle prometeo até por isso gastar a vida, pois era seu propio sangue a que tinha essa obrigação; o que elle nom podia fazer como seu coração desejaua, porque elle nom era Rey de Cambaya, nem de direito o nom podia ser, pois que o auia no Reyno;

[1] Zebid? [2] O CVI do original.

que ella falasse com os regedores, e que elle faria o que a todos parecesse bem. O que a Raynha assy o fez, que falou com alguns que sabia que erão amigos do filho, e em todos achou muyta vontade, mas que o caminho que n'isso auião de dar elles o nom sabião; pera o que era necessario se ajuntarem com o Mirão pera o determinarem. O que assy se fez. No que todos praticando, a Raynha dizia que o Mirão ajuntasse todo seu poder, e que tomasse a forteleza de Dio, matando e queimando quantos dentro estauão; o que abastaua pera ser sabido pelo mundo que em Cambaya ouvera homens que vingarão a morte de seu Rey. Sobre o que muytos dias praticarão, e assentarão que a forteleza se nom podia tomar em quanto a nom pudessem cerquar polo mar, porque lhe nom entrasse secorro; o que se nom podia fazer senão se viessem os rumes com armada * com * que tiuessem tomado o mar; e pera que viessem os rumes era necessario serem chamados, pois já lá estaua dinheiro em abastança pera o gasto. E porque o Mirão vio boa vontade a todos nom quis falar contra elles, por nom descomprazer a Raynha; sómente disse: « Se os rumes tomarem a forteleza, e se meterem n'ella e na cidade, como os tornaremos a deitar fóra? » Disse o Lurcão: « Se os rumes isso fizerem já serão d'elles tantos mortos primeiro que tomem a forteleza, e ficarão aleijados e feridos, que todos nom prestarão pera nada. » O que todos assy praticando assentarão que os rumes fossem mandados pedir ao Grão Turquo. Ao que a Raynha logo disse que ella tinha prometido hir em romaria ao çancarrão pela alma de seu filho, e que ella queria hir ao Turqo com a messagem. O que todos assy assentarão: pelo que a Raynha se concertou, e falou com hum sobrinho de Coje Çafar, dizendo que fosse em sua companhia, pois era natural da terra, que lhe daria milhor auiamento que outro em a encaminhar. Pera o que elle muyto se offereceo, e a Raynha lhe deu muyto dinheiro pera o que era necessario. O que elle logo fez saber a seu irmão Coje Çafar, que estaua em Dio; com que elle muyto folgou, e lhe mandou carta, que leuasse ao Turqo muyto secreta e lha désse, em que lhe dizia que como fiel seu escrauo sempre até morte o seruiria, e que por isso sempre trabalhara, e sempre aconselhara o Badur que chamasse e tomasse turqos a soldo, que erão muy esforcados guerreiros, e com elles tornaria a tomar a forteleza que dera aos portugueses, e se faria senhor de toda a India; o que lhe assy dizia com tenção que fazendo esta conquista com os turqos, e to-

mando a forteleza aos portugueses, ficarião de posse da cidade, que he a mais forte da costa da India, e tinha rio em que podião estar quinhentas velas d'armada, que o rio era fechado com cadêa que defendião fortes baluartes, ao que nunqua aueria poder de portugueses que podessem tornar a tomar a cidade, e poderia passar a Dio tanta gente e armada com que breuemente se tomassem todas as fortelezas da India, ao que ajudarião todolos senhores das terras d'ellas, * e * a isso darião toda ajuda, e já n'isso estauão concordes com o Badur, que a todos mandara sobre isso suas messagens; mas que tudo isto ficara perdido, porque os portugueses matarão o Badur á traição. Mas porque isto, que estaua tão certo, se nom perdesse, que era tamanho seu seruiço, elle tanto tornara a trabalhar que fizera com os regedores de Cambaya que tornassem a lhe pedir a gente e armada, pera tomarem vingança da morte de seu Rey e senhor. « Do que todos estão muy desejosos, e por mais affirmarem seu » « pedir vay a mãy do propio Rey morto, pera se deitar a teus pés e pe- » « dir esta ajuda. » E porque tudo assy era verdade, e que o Gouernador da India [1] * estaua * muy seguro e sem cuidado, tanto que nada [2] * cria * do que lhe [3] * dizia micer * Catanho, com o qual descuido nom [4] * tinha * armada, e a [5] * gente andaua espalhada por * muytas partes, assy que, pois tudo estaua ordenado como compria, mandasse que nom ouuesse detença, e que logo passassem com breuidade. E com isto outras muytas rezões e auondanças de contentamento do Turqo.

A Raynha s'embarqou em huma nao muy poderosa, com muytas molheres do Badur e com muyta familia; a nao muy armada d'artelharia, com quatrocentos homens de guerra, leuando muyta riqueza, e com ella seis fustas grandes muy armadas, pera hirem em sua garda; e partio de Reynel em meado abril d'este anno de 538, que com bom tempo foy a Meca, onde a Raynha fiqou no çancarrão, e o sobrinho de Coje Çafar [6] foy ao Turqo com as cartas da Raynha e dos regedores e do Coje Çafar, com que o Turquo ouve prazer, e mandou ao Rey de Misey que logo despachasse as galés; e o Turqo mandou recado á Raynha que já era ouvida do que pedia. Com que a Raynha se tornou nas fustas; do que logo veo recado a Coje Çafar, que inda estaua em Dio e então concertou sua fogida.

[1] * esta * Autogr. [2] * cree * Id. [3] * diz mycee * Id. [4] * tem * Id. * [5] gente espachada por * Id. [6] chamou-lhe sobrinho, *irmão* e outra vez sobrinho.

CAPITULO CXIV [1].

COMO COJE ÇAFAR TORNOU A DIO COM GENTE DE GUERRA.

Fogido Coje Çafar, a cidade e a terra esteue com a paz como estaua até fim de mayo, que hum mercador, muyto amigo do capitão, lhe dixe que sabia certo que Coje Çafar vinha com gente de guerra por lhe fazer a guerra. Com o que o capitão logo mandou recolher Francisco Pacheco no seu baluarte com sua gente, e o proueo em muyta abastança do que lhe compria. E logo a gente da terra nom veo a vender nada, e a gente da cidade, de noite e a nado, fogia quanto podia. Ao que o capitão mandou quatro catures, e duas fustas, e huma barcaça, com gente, que corressem o rio de noite, que nom fogisse a gente; e todauia fogião, porque já sabião que auia d'auer guerra; de que tinhão grande medo, e fogião a risco de os enforcarem, que o capitão enforqou alguns no rio. E fogião assy porque sabião da vinda dos rumes.

Os regedores fez ajuntar a Raynha onde estaua ElRey e o Lurcão, e ouverão seus conselhos do que se faria pera' vinda dos rumes, e acordarão que logo se começasse a guerra, e durasse até que chegassem os rumes; polo que se [2] * aprecebeo * gente de guerra e muytos espingardeiros, e * foy * feito capitão Coje Çafar, [3] * pera que * logo fosse a Dio, em quanto outra mais gente se aprecebia pera leuar o Lurcão. E sendo dia de são João, vinte e cinco de junho [4], chegou Coje Çafar á quintam de Melique, com quatrocentos de cauallo e dous mil de pé, gente armada, bem aprecibida de guerra; o qual logo a outro dia antemenhã foy dar na villa dos Rumes, onde estaua hum escriuão d'alfandega com quatro homens seus, os quaes em camisa fogirão pera o baluarte de Francisco Pacheco. Ao que elle sayo com a gente, dando nos mouros ás lançadas e espingardadas; a qual reuolta se ouvio na forteleza; ao que o capitão mandou acodir a gente dos nauios; com que a peleja pouqo durou, porque o Coje Çafar foy ferido em hum braço, de hum pilouro perdido de espingarda, e se recolheo á quintam, onde esteue pera morrer do braço.

[1] O CVIII do original. [2] * apreceo * Autog. [3] * e * Id. [4] Erro, que não é o primeiro d'esta natureza. Deveria ter escripto *vinte e quatro de junho*.

O capitão, vendo este começo de guerra, recolheo da cidade quantos mantimentos achou, e trazendo trezentos bois 'acarretar agoa pera' cisterna, que cada quatro bois trazião huma pipa d'agoa; o que assy fazião os portugueses, que cada hum recolhia o que auia mester. E pôs gente em dous cubellos, que estauão em dous passos da entrada da cidade: em hum pôs Gonçalo Falcão com cincoenta homens, e boa artelharia; e no outro pôs Luiz Rodrigues com trinta homens, e com artelharia; e * mandou * Francisco de Gouvea, capitão do baluarte do rio, que nos nauios fosse gardar na ponta do rio, onde auia passagem pera' ilha, que de maré vazia podião passar a pé; e outros catures e fustas per outros cabos, que por todos erão vinte e dous, em que andauão tresentos homens, todos d'espingardas. E o capitão da [1] * forteleza, como * sobrerolda, visitaua tudo com gente de cauallo, que auia alguns na cidade.

N'este tempo Coje Çafar fazia muytos tauoados pregados, e almadias, e barqas, pera passar gente á ilha. E n'isto se gastou o tempo até entrada d'agosto, que chegou o Lurcão a Dio com tres mil de cauallo e seis mil de pé, e se ajuntou com muyta gente que já tinha Coje Çafar, com que se fizerão cinco mil de cauallo e dez mil de pé. Os quaes capitães logo forão assentar arraial defronte dos cubellos dos passos, e todos com espingardas, que erão rumes, arabios, parseos; o qual arraial foy emparado com bastiães de cestos em pé, como tonés cheos de terra, e assentados muytos tiros, com que tirauão aos nauios quando passauão. E com este arraial se forão melhorando até chegar á borda do rio, donde fazião muyto mal aos nauios, e os nauios lhe nom fazião nada, porque nom trazião tiros grossos pera desfazer os cestos que emparauão todo o arraial. Sobre o que os nossos, auido conselho, * assentarão * que nom podião gardar [2] * o rio, e que se recolhessem 'os nauios *, hindo aos cubellos dos passos tomar 'artelharia; e * que * os capitães com a [3] * gente se recolhessem * pera' forteleza: ao que foy Payo Rodrigues d'Araujo, alcaide mór, em huma fusta, e com huma barcaça pera ajudar a recolher 'artelharia. E * resoluerão * que a gente dos nauios se fosse por terra, e sómente ficassem os marinheiros, que leuassem os nauios sem gente, por * causa do * perigo d'artelharia dos mouros, que era muyta. N'esta

[1] * forteleza que como * Autogr. [2] * o rio se recolherão os nauios * Id.
[3] * gente e se recolhessem * Id.

noite ouve grande tempestade de vento e chuva; pelo que os nossos tiuerão muyto trabalho no embarqar d'artelharia, e se perdeo com alguma huma galeota que deu em seco; ao que acodirão os mouros, que era junto da terra, com muytas espingardadas. Os nossos erão vinte, que muyto pelejarão, até que lhe acodirão almadias em que se saluarão, e deixarão fogo na galeota, com que toda ardeo. E outro tanto aqueceo a Francisco de Gouvêa em outra galeota, que tambem deu em seqo com a barcaça que leuaua 'artelharia dos cubellos, e ally fiqou com toda' artelharia: o que isto aqueceo a tres dias d'agosto. E logo ao outro dia os mouros entrarão na ilha, correndo muytos de cauallo até as portas da cidade, onde o capitão estaua com quatrocentos homens, que agardaua; ao qual os da cidade ordenarão traição, concertados com os mouros, a que fazião sinaes de fumos e com bandeirinhas. Do que foy auisado o capitão, que vendo que nom podia soster a cidade se recolheo pera' forteleza com toda a gente, leuando da cidade doze ou quinze mercadores, os principaes, e enforcando alguns mouros, e matando todolos cauallos, porque d'elles se nom aproueitassem os mouros.

E assy recolhido o capitão repartio as capitanias e estancias pera guarda da forteleza; a saber: no baluarte São Thomé pôs Gonçalo Falcão; e no baluarte de Gracia de Sá * a * Gaspar de Sousa; e no muro d'antreambos pôs Francisco Anriques, tisoureiro; e no muro que corria do baluarte São Thomé pera o mar pôs Fernão Peleja e Rodrigo de Proença; e Antonio Foreiro, escriuão da feitoria, pôs no muro das suas casas; e Lopo de Sousa no muro da feitoria; e Antonio da Veiga, feitor, pôs na couraça da torre do mar; e no baluarte da roca pôs Francisco de Gouvea, capitão mór do mar; e todos estes logares proueo com a gente necessaria; e repartio as vigias de noite, que lhe muyto encarregou. E Lopo de Sousa e Manuel de Vasconcellos ficarão de sobresalente pera sobreroldas, cada hum com cem homens. E o capitão mandou apregoar, sô pena de morte, que cada hum fosse dormir com suas armas ás estancias a que estauão ordenados, que estauão assentados nos roes dos capitães; e o capitão se pôs em hum tendilhão no baluarte São Thomé, em que sempre estaua de dia e de noite; e ordenou a regra d'agoa, a cada homem duas canadas por dia, e pera o escrauo huma; e tinhão cuidado de tomar agoa da chuva pera o gasto.

E porque os mouros nom cuidassem que os nossos estauão já çar-

rados, mandaua Gaspar de Sousa, ora Lopo de Sousa, ora Manuel de Vasconcellos, que sayão com cincoenta homens d'espingardas, e outros tantos escrauos com as lanças e rodelas de seus senhores, e outros escrauos com que hião á cidade e roubauão o que podião, e mórmente mantimentos, que os negros acarretauão e trazião agoa dos poços; com que muytas vezes auião peleja com os mouros, em que matauão e ferião muytos; e podião com elles porque pelejauão nas ruas, em que os dianteiros sómente pelejauão. O que fazião muytas vezes, até que os mouros fizerão couas nas ruas, com que os nossos nom podião andar por ellas, e nunqua mais lá tornarão á cidade. E das casas que estauão á vista da [1] * forteleza *, que os negros [2] * desfazião, recolhião * a madeira e telha, e dos poços tomauão agoa, onde os mouros deitarão peçonha, com que os nossos a nom tomarão mais, e dentro na forteleza abrirão poços, em que tomauão agoa pera cosinhar e lauar roupa.

Francisco Pacheco fiqou recolhido a seu baluarte com sessenta homens e vinte canarys, que com os escrauos passauão de cento, que todos tinhão espingardas, e dentro na casa hum bom poço d'agoa, e biscoito, arroz, manteiga, açuquere, leynha que tomauão das casas, de que sempre tomauão mantimento, e da forteleza lho leuauão em almadias; o que estoruarão os mouros, que assentarão tiros sobre o rio, com que tolherão que mais nom passarão almadias. Mas, todauia, de noite dous catures sem mastos hião e vinhão; de que os mouros tinhão muyta paixão, porque os nom podião defender.

N'este tempo ordenou Coje Çafar queimar o baluarte do rio, e fez hum castello de madeira sobre barcas, mais alto que o baluarte, que encheo de materias e botumes pera fazerem grande fumo e depois o fogo. Do que o capitão tinha auiso, que sabendo que de todo estaua acabado pera decer sobre o baluarte com a maré, sendo noite mandou nos caturres desemmasteados Francisco de Gouvea, com muytas panelas de poluora e lanças de fogo, com que fosse queimar o castello, com vinte espingardeiros em cada catur, que chegarão ao castello, em que acharão muytos mouros com espingardas; com que a peleja foy grande, mas * com * as lanças de fogo acezas, que os nossos deitarão por cima dos mouros, e as panelas de poluora, se acendeo o fogo nos materiaes, em

[1] * fortela * Autogr. [2] * desfazião e recolhião * Id.

que o fogo apegou e se aleuantou muy grande, com que se aleuantou fumo que parecia que ardia huma cidade, e durou o fogo n'elle todo o dia até noite. Já a este tempo erão mortos dos nossos mais de trinta depois que os mouros chegarão a Dio.

Vendo Coje Çafar desfeito seu ardil do castello, logo fez outro mais pequeno, acima polo rio, onde os nossos nom fossem; e acabado de todo o trouxe polo rio com a decente da maré, e lhe pôs o fogo, e detrás vinhão mouros que o encaminhauão a chegarem ao baluarte do rio; do qual lhe fizerão hum tiro com huma peça grossa, que o acertou e espedaçou, e matou os mouros que o guiauão, e se acendeo o fogo mais, com que veo ardendo pelo rio abaixo: o que foy o primeiro de setembro. Andauão com huns mouros huns portugueses arrenegados, e outros que andauão omeziados, os quaes quando vião tempo falauão aos nossos, de noite, do pé do muro, e em pulhas, que os nom entendessem os renegados e mouros que entendião nossa fala, e tirauão pedradas aos nossos, e ás vezes nas pedras cartas atadas, em que ao capitão dauão muyto auiso que em suas cousas tiuesse muyto auiso de grande segredo, que nunqua praticasse cousa senão quando a fizesse; porque Coje Çafar tinha recados de dentro da forteleza, que bem podião ser de negros; e o negro que tiuesse sospeita que queria fogir o enforcasse nas amêas polos pés até que morresse. O que elle assy fez d'y em diante, que assy enforqou muytos, e fazia forro ao negro que descobria o que queria fogir. E assy lhe certificarão a certa vinda dos rumes, e que as portas elle as fechasse, e as chaues trouxesse no braço, e as necessidades e faltas que tiuesse dentro na forteleza a todos as negasse e encobrisse, que lhas nom soubessem; e que dentro na forteleza estauão escrauos que Coje Çafar deixara peitados antes que fogisse, e com grandes promessas de os fazer grandes homens, que o auisauão; que nom tinha mór saluação que grande segredo, que nunqua ninguem soubesse suas faltas nem determinações; e nom se fiasse de sua propia camisa. O capitão teue em tudo muy grande auiso, e por nom ter tanto cuidado mandou logo tirar as portas, e *as* recolheo, e mandou tapar a porta com pedra e cal, sómente hum baixo postigo perque entraua hum homem com meo corpo abaixado; com que ninguem d'y em diante nunqua mais sayrão fóra. O que assy deixo, e contarey o que se passou este anno atrás nas partes de Malaca *e* Maluco.

CAPITULO CXV [1].

COMO OS ACHENS COMETERÃO A TOMAR A FORTELEZA DE MALACA. * E TRATA DE MALUCO *.

Atrás tenho assaz escrito dos males que os achens fazião aos nossos. No qual proposito perseuerando o Rey d'Achem, mandou hum seu capitão com tres mil homens em huma armada; e os dous mil auião de hir por terra, e com os mil desembarqar de noite, logo cometendo escalar a forteleza. E fez esta armada tão secreta que supitamente, sem os nossos saberem nada, chegou de supito a Malaca em setembro do anno passado de 537; e com tanto auiso o fizerão que todos sayrão a terra sem serem sentidos, e á mea noite forão entrar pela pouoação dos quelys, matando quantos achauão; e hum esquadrão d'elles correrão dereitos á ponte, pera cometerem a forteleza. O que sendo sentido, a vigia deu repique no * sino *, ao que dom Esteuão acodio e se armou, e os que estauão na forteleza, e os de fóra lhe dixerão que erão os achens que erão entrados. Ao que dom Esteuão ouve grande medo, temendo que elles nom vinhão senão tendo alguns concertos com alguns moradores da cidade; e deixando a forteleza a bom recado sayo fóra, e com duzentos homens foy á ponte, em que hia com elle Tristão d'Atayde, que viera de Maluco, e Manuel da Gama que viera de Bandá, e Paulo da Gama, e dom Francisco de Lima, e Manuel de Lima, e dom Christouão d'Atayde, e o feitor Francisco Bocarro, e outros caualleiros; e cometerão os imigos, com que ouverão grande peleja, porque os outros que andauão a roubar acodirão todos; mas os nossos, com ajuda de Nosso Senhor, pelejarão tão fortemente que os desbaratarão fogindo, e se acolherão a hum baluarte, que se [2] * chamaua * do Bendará, onde se defendião fortemente. Mas * os * nossos os apertarão tanto que se deitarão do baluarte abaixo e morrerão muytos, e os nossos e os da [3] * terra *, que pelejauão fortemente, seguirão os imigos até os meterem em hum mato, de que se defenderão todo o dia, até noite, que se forão ao longo do mar até á ilha das Naos, em que

[1] Corresponde ao CIX. [2] * chaua * Autogr. [3] * guerra * Id. V.ª *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. LV.

tinhão sua armada, em que se meterão e tornarão pera sua terra, ficando mortos mais de quinhentos, e muytos que forão feridos, porque os nossos tinhão muytas espingardas, com que tirauão os escrauos em quanto seus senhores pelejauão.

Dom Esteuão, vendo o [1] * aperto * e trabalho em que os achens puserão a cidade, com seus rogos fez com os quelys que cercassem a pouoação de taipa, que era feita de madeira que era já podre; na qual acupação os meteo, e elle deu grande ajuda da fazenda d'ElRey, e andaua sempre sobre os que trabalhauão, com que se fez a obra em muy pouqo tempo, * e * a cerca foy acabada. E fez o baluarte do Bendará muy forte, e ordenou sessenta homens portugueses que vigiassem a cerqua; porque teue auiso que tornauão os achens com grande poder, como vierão. Ao que o capitão se apercebeo, e pôs no baluarte duzentos homens, porque estaua junto da porta, e com elles Paulo da Gama; e a Tristão d'Atayde, e a dom Francisco de Lima, e a Manuel da Gama, deu a cada hum trinta homens, pera que corressem o muro, e elle com cem homens em guarda da forteleza. Os achens passauão de cinco mil, que desembarcarão e forão assentar grande arraial, e logo a noite seguinte forão cometer o baluarte moltidão d'elles, a que os nossos fizerão tal defensão, com panelas de poluora, e pedras, e espingardadas, que os fizerão arredar muy depressa; e cometerão a cerqua por mũytas partes, que combaterão por muytas vezes, e sempre forão escaldados de panellas de poluora. E porque os imigos fazião [2] * grandes * cometimentos por caso de grande escuro que [3] * fazia *, o capitão mandou meter [4] * nouelos * de fio d'algodão molhados em alcatrão, metidos em espetos fincados no chão, muytos, que fazião grande [5] * claridade *, que estauão afastados da cerqa hum tiro de pedra, a que os nossos vigiauão com as espingardas, a que tirauão como os imigos parecião; com que nom ousauão chegar, que a nossa artelharia os visitaua ao longe. Com que receberão tanto mal que se tornarão a suas embarcações, e se tornarão tão depressa que os nom pôde alcançar Tristão d'Atayde, que após elles sayo com nossa armada.

[1] * perto * Autogr. [2] * gram * Id. [3] * fazião * Id. [4] * mouelos * Id. [5] * caridade * Id.

FALLA DE MALUCO.

Partido Tristão d'Atayde, de Maluco, como atrás dixe, que deixou a forteleza muy falta de gente, porque a trouxe toda, e os da terra andauão em aleuantamentos, o capitão Antonio Galuão trabalhaua quanto podia polos assentar em boa paz, porque os principaes querião que nom fosse Rey Cachil [1] * Aeyro *, que dizião que era bastardo, e que auia outros Reys de linha direita; e dizião ao capitão que escreuesse ao Gouernador que lhe mandasse o Rey [2] * Tabarija *, que era seu direito Rey, e que se fosse morto então elles leuantarião outro direito Rey, e que emtanto que este recado viesse elle capitão fosse Rey; porque elles em nenhuma maneira nom obedecerião ao Rey [3] * Aeyro *; mas * o * capitão nada quis consentir, dizendo que sendo elle christão nom podia ser Rey de mouros e gentios; e per outros meos, e peitas que deu, a todos contentou, que consentirão que o Rey [4] * Aeyro * o fosse. Com que se tornou 'assentar a terra, e Çamarao que fosse regedor; com que todos se tornarão pera a ilha de Ternate, que se pouoou mais que d'antes, e os Reys comarcãos todos assentarão pazes, dando alguns portugueses que tinhão catiuos, e artelharia, e armas, e escrauos fogidos.

N'este tempo mandarão os Reys das ilhas dizer ao capitão que antre as ilhas dos papúas andauão duas naos de castelhanos; que lhe mandasse dizer o que elles farião se fossem ter a seus portos; porque elles nom farião senão o que elle mandasse. De que o capitão lhe mandou grandes agardicimentos, e muyto lhe rogar que em seus portos nom consentissem que desembarcassem; mas que se fossem a Ternate, onde estaua forteleza d'ElRey de Portugal, de que elles erão amigos. Das naos erão capitães hum Pedaluardo e outro Fernão de Grygyda [5], as quaes naos

[1] * acyro * Autogr. [2] * Tarryja * Id. [3] * Aceyro * Id. [4] * Acyro * Id.
[5] Parece que alguns dos nossos escriptores quizeram, como á porfia, desfigurar o nome de *Fernando de Grijalva*, companheiro de Fernão Cortez, e célebre pelas suas explorações no Mar do Sul. *Castanh.* no Liv. VIII, Cap. CLXXXI da *Hist. da India*, fallando dos dois capitães d'estas naus, chamou-lhes Fernão de grijalvarez, e Alvarado; *Andrada*, na *Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. LVI, fez peior ainda, porque os transformou em Pedro de aluarado, e João de grigida. Não co-

partirão da Noua Hespanha pera o Perú, e ou por suas vontades, ou por correntes das agoas, se puserão em seis graos da banda do sul, e d'aby tornarão até vinte e quatro da banda do norte, com que vindo em grande falta d'agoa se tornarão pera' banda do sol pera a tomarem nos chuveiros; em que então vierão em tanta falta de mantimentos que lhe morreo casy toda a gente, com que assy forão ter ás ilhas de Maluco, onde nenhum consentio que desembarcassem, dizendo que se fossem á nossa forteleza. O que elles nom quiserão fazer, e porque nom podião vencer com as bombas a muyta agoa que as naos fazião, vararão na terra, em que se perderão; e os Reys, por se aproueitarem do despojo das naos, mostrando que o fazião por serem nossos amigos, os matarão a todos, sómente dous que catiuarão, que mandarão á forteleza, dos quaes o capitão soube todas estas más venturas que os tristes castelhanos passarão, que lhe derão nouas que em São Lucar se fazia huma armada de oito nauios pera passar a Maluco.

Antonio Galuão fez huma armada em que mandou João Freire, e com elle foy o Rey de Ternate, e [1] * Çamarao *, que forão ao Morro fazer dar obediencia a ElRey alguns lugares que estauão aleuantados, que logo todos obedecerão.

N'este tempo chegou a Maluco Jorge Mascarenhas com a nao do trato d'ElRey, de que forão a terra alguns homens, que contarão que a nao hia mandada por ElRey de Portugal, com hum aluará em que defendia que todo o crauo se vendesse na feitoria até a nao ser carregada, e então o capitão da nao e os officiaes da nao carregassem certos báres d'elle,

lhe, porém, a censura a *João de Barros*, (V.ª Dec. IV, Liv. IX, Cap. XX) nem a *Diogo de Couto*, o qual, postoque lhe chamou Fernão Grizalva, na Dec. V, Liv. VI, Cap. V, apurou e nos transmittiu muitas particularidades relativas á morte d'aquelle illustre maritimo, assassinado pelos seus proprios officiaes, depois de longa e desastrosa navegação, e accusado injustamente por *Lopez de Gomara* (na Cron. de la Nueva España, Liv. II, Cap. CLXXXVIII) de ter fugido com os ricos presentes que Francisco Pizarro mandava á marqueza D. Joanna de Çuñiga. Foi, provavelmente, por não conhecer as Decadas de Couto, que mr. *Alfred de Lacaze*, tendo referido o soccorro que a Pizarro levára Fernão de Grijalva em 1537, remata o seu noticioso artigo, inserto no Tom. XXII da *Nouvelle Biographie Générale*, dizendo: «ignora-se o que depois foi feito d'elle.» [1] * Comarao * Autogr.

que lhe repartião; então carregasse o capitão da forteleza, e o feitor e officiaes; e que então [1] *do* que sobejasse se pagasse a gente da forteleza em seus soldos e mantimentos; e que hindo a nao a Maluco, e nom se [2] *carregando* per qualquer via que fosse, se tomasse por perdido pera elle todo quanto crauo saysse de Maluco, de quaes*quer* pessoas que o carregassem; e outras mais penas. O que sendo ouvido dos homens que ElRey tal mandaua, fizerão grandes aluoroços, e com grandes escramações se forão todos á porta da forteleza com armas, bradando ao capitão [3] *que* tal aluará nom guardasse, porque se o gardasse elles ficauão destroidos, pois nom tinhão outros pagamentos de suas feridas e sangue, que morrião nos trabalhos de tantas guerras por sosterem aquella forteleza, de que ElRey era tão esquecido que o crauo que elles ganhauão ás lançadas o daua a quem nunqua pelejara; pelo que lhe noteficauão, que se tal aluará comprisse, que elles queimarião a nao com quantos n'ella vinhão, e como homens perdidos das fazendas hirião perder suas almas antre os mouros.

O capitão os deixou desabafar, e mansamente lhe disse: «Senho-» «res, cada hum olhe o que lhe compre, que eu nom são aquy mais» «que hum só homem com nome de capitão; e se desobedecerdes aos» «mandados de vosso Rey e senhor, a Deos e a elle darês essa conta,» «que eu nom hey de desobedecer seus mandados, e por graues que se-» «jão me nom hey d'aleuantar contra elle, que me doy muyto o cora-» «ção, vendo que elle tanto gasta n'esta forteleza, sem lhe quererem dar» «dez báres de crauo pera' sua feitoria. E isto lhe fazem todolos annos.» «Nom façaes alúoroços sem ver o que diz o aluará.» Que se assy fosse elle buscaria algum bom meo com que *nom* ficassem tão escandalizados; mas nem com isto a gente assassegaua, porque sabião que o capitão logo obedecia como lhe falauão em seruiço d'ElRey; e com esta desconfiança, ao outro dia sayndo a terra Jorge Mascarenhas, saltarão com elle, e o matarão se elle se nom colhera a huma casa, em que se defendeo até lhe acodir o capitão. Com que todos se forão, e o capitão leuou Jorge Mascarenhas pera' forteleza, e teue modos com *que* meterão medos aos aleuantados do crime que cometerão, de que a todos nomeados auia de mandar fazer autos, pera em todo tempo auerem seus castigos

[1] *o* Autogr. [2] *carregada* Id. [3] *de* Id.

de tamanho insulto de aleuantados contra seu Rey. No que ouve taes modos que se tornarão a reconciliar com Jorge Mascarenhas; com que o capitão se mostrou contente.

Ao outro dia Jorge Mascarenhas apresentou o aluará d'ElRey ao capitão, que o vio, e dixe que em todo o obedecia; o que assinou ao pé d'elle. Então o mandou lêr alto, que todos o ouvirão; o que acabado, então Jorge Mascarenhas pedio, por mercê, a todos que o ouvissem, e fallou, que todos o ouvirão, dizendo que elle era vassallo d'ElRey nosso senhor, como elles todos erão, e obrigados a morrer por seu Rey e sua ley; que ElRey nosso senhor o mandaua n'aquella nao aly onde estaua, pera lha leuar carregada de crauo, o qual leuaria se lho dessem; o que pedia ao capitão, que presente estaua, e ao seu feitor e officiaes, que carregassem a dita nao de crauo, pera elle leuar como ElRey mandaua; e se lho dessem o leuaria, e se lho nom dessem que sem elle se tornaria, que abastaua pera sua obrigação mostrar a ElRey que pedira e que lho nom derão; e que pois elles fizerão tamanha ounião, nom querendo dar o crauo, e sobre isso o quiserão matar, que se o quisessem fazer elle era hum homem só, que a isso nom podia registir; que, por tanto, a elle nom dessem culpa, nem com elle nom contendessem, por * que * elle n'isso nom fallaria mais. E que do aluará e da nao fizessem o que quigessem, do que a Deos e a ElRey darião a conta, que elle sem nada se tornaria á India em qualquer embarcação que lhe [1] * dessem *. Ao que o capitão lhe respondeo que tal nom seria; que todos quantos aly estauão obedecião o aluará. Ao que ninguem respondeo. Então o capitão mandou apregoar o aluará com trombetas, que todo homem vendesse ao feitor a terça parte do crauo que tiuesse. Ao ouvidor mandou que tirasse deuassa, e onde achasse crauo, que lhe dissessem que era seu ou de seus criados, o tomassem por perdido e o entregasse ao feitor. E mandou noteficar aos Reys das Ilhas o aluará, e rogar que defendessem aos mouros que nom vendessem crauo aos portugueses, até que a nao fosse carregada. [2] * Os Reys * responderão que com toda' vontade seruirião a ElRey de Portugal; mas nom podião defender aos mouros que nom vendessem o crauo aos portugueses, assy como elle capitão nom podia defender aos seus portugueses que o nom comprassem aos mouros; e que farião o que pudessem. E com muytas diligencias que

[1] * sem * Autogr. [2] * ElRey * Id.

se fizerão se ajuntarão quinhentos báres de crauo, que se carregarão * na * nao, em que logo s'embarqou Jorge Mascarenhas, sem mais tornar a terra. E porque os homens se amotinauão pera deixarem a forteleza e se hirem na nao, o capitão mandou o ouvidor á nao requerer a Jorge Mascarenhas que lhe nom leuasse a gente. Elle cuidou que o ouvidor o hia prender, e o nom quis ouvir, e lhe mandou tirar com espingardas. Do que o ouvidor se vio tão atromentado que por nom andar n'estes trabalhos largou a vara. Com que se aleuantarão cem homens, e todos armados se forão embarqar na nao pera se hirem á India, e nom ficauão na forteleza mais que cento e cincoenta, e outros inda se querião embarquar em hum junqo de hum Fernão Anriques, que tambem partia, dizendo todos que ElRey viesse gardar sua forteleza, pois a elles defendia o crauo, que [1] * era * o remedio de suas vidas: e se partirão. O capitão, vendo que ficaua sem gente, nom sabia que fizesse, porque tambem hum Gonçalo Vaz Çarnache, que andaua d'armada no Morro, tomou por força hum nauio carregado de crauo a hum João Freire, e se foy com elle, que todos forão ter a Bandá, onde de doença morreo Jorge Mascarenhas, e Gonçalo Vaz e muyta da gente; que n'este anno a doença da terra matou muyta gente.

CAPITULO CXVI [2].

COMO DO ESTREITO PARTIRÃO OS RUMES PERA' INDIA, E O QUE FIZERÃO NO CAMINHO ATÉ CHEGAR A DIO.

No aprecibimento das galés andou hum capitão que mandara o Rey de Misey; mas agora, que o Turquo mandaua que passassem, mandou, que fosse n'ellas hum regedor do Cayro, homem capado, em que muyto confiaua o Turqo, porque era homem antigo e muy sabido, chamado Abraem bayxá [3], que se veo ao Rey de Misey, que lhe deu muyto dinheiro do

[1] * ele * Autogr. [2] Corresponde ao CX. [3] Segundo *Castanh.* Liv. VIII, Cap. CXCI, Habrahem baxá fôra o encarregado de fazer construir os navios em Suez, e não veio na armada, porque o Turco o mandou matar quando soube que queria entregar Constantinopla aos seus inimigos. Foi substituido no commando por Solimão baxá, a quem o mesmo Castanh. chama *rey do Cayro*, e *Barros*, Dec. IV, Liv. X, Cap. II, simplesmente governador do Cairo.

que mandara o Rey de Cambaya, com que partio pera Suez, onde estaua outro capitão que concertaua 'armada, o qual sabendo que o capado vinha pera hir n'armada, e o Turqo lhe tiraua sua honra que lhe tinha dada, apanhou muyto dinheiro que tinha, e se foy pera o Xequesmael.

O capado chegou a Suez, onde achou as galés todas acabadas, que logo forão postas no mar, e n'ellas embarcados muytos mantimentos, que acarretauão mulas e camellos, que o trazião de huma cidade chamada Ryfa [1], que era de Suez quatro jornadas, e a ella o trazião alyuadoiras per hum braço do rio Nylo, que chegaua a esta cidade Ryfa. E forão postos os mais dos mantimentos na cidade d'Alcocer, que aly vierão as galés sem mastos grandes, e tomados os mantimentos atrauessarão pera a cidade de Judá, onde se emmastearão, e tomarão muyta artelharia e monições que hy tinhão prestes. Aquy passarão os mantimentos a quatro naos que pera isso tomarão, e carregarão muyto mais mantimento que aquy foy trazido da Ryfa em geluas. E tambem do Toro vierão outras galés, com que tod'armada aquy se ajuntou. Chegando o capado a Judá, o capitão da cidade foy ao mar em hum barqo ao visitar, e fazer a çalema, com presente de refresco. O capado lhe fez honra, porque era criado do Rey de Misey, e falando com elle hum pouqo o mandou prender em ferros, e a dous filhos que com elle forão, dizendo que os auia de mandar enforqar como ladrões que erão, pois elle aly chegaua com aquella armada de tanto gasto, e lhe nom trouxera cem mil xarafins. O capitão, com medo de morte, lhe pedio que largasse hum dos filhos, que hiria a terra trazer o dinheiro. O que assy foy feito, e * o * moço foy a terra, e do dinheiro de seu pay, e que tirou polos moradores, logo trouxe os cem mil xarafins. Então o capado os soltou, e lhe deu cabayas; com que se tornarão a terra. N'esta Judá forão carregadas seis naos de mantimentos; quatro de Calecut, que lá forão com pimenta, e duas de Cambaya. Na [2] * cidade * de Moca estauão prestes cinqo galeões pequenos e seis albetoças, onde tambem estauão seis fustas de Cambaya, que a Ray-

[1] Não restringe *D. João de Castro* este nome a uma cidade, mas, no *Roteiro do Mar Roxo*, pag. 187, diz elle: « Dixerãme...... *que toda a terra*, que se continha de Alcocer, e de muito atras ate Alexandria, por onde corria o Nillo, era chamada Riffa. » O mesmo se lê em *Barros*, Dec. II, Liv. VIII, Cap. I. [2] * cide * Autogr.

nha leuara, e mais dous bargantys que se fizerão; a qual armada, toda muy concertada de todo o que compria, se ajuntou com o capado, o qual era homem que nom tomaua conselho com seus capitães, nem daua nenhuma conta de sua determinação, porque nom soubessem seu segredo.

Aquy n'este Judá estaua o Meale, principe herdeiro do Balagate, que lá mandára o Acedecão, como já atrás fica contado [1], o qual ouvindo que o capado hia a tomar a India, elle se foy apresentar ao capado, a que deu conta de seu trabalho, e como assy estaua desterrado, pedindolhe que o deixasse hir em sua companhia, porque tomando elle a India o metesse de posse de seu Reyno do Balagate, pelo que ficaria vassalo do Turqo, a que logo obedecia por senhor. O capado disse que se embarcasse, porque se elle a India tomasse mais lhe daria do que lhe pedia; e lhe tomou a carta de vassallo do Turqo, e lhe deu embarcação em hum dos galeões com sua casa e familia.

Tambem aquy s'embarcarão n'armada muytos mercadores com suas fazendas, concertados com o capado que os deixaria tornar carregados de pimenta e drogas, dando logo d'ajuda pera' armada dez mil xarafins; e o capado lhe deu embarcações nas naos e galeões.

'Armada toda junta forão quinze galés bastardas, que todas tirauão por proa hum basalisco e duas peças grossas, e por popa dous meos camellos, e por cada banda quatro roqueiras de ferro, de camara, e nas coxias tres falcões em piães. Erão mais corenta galés reaes; as noue sotys, que todas tirauão por proa tres camelos, e roqueiras por popa e falcões; todas estas galés de vinte e cinco banqos, que do masto á popa remauão cada banco tres remos, e d'áuante remauão dous por banqo; toda 'artelharia grossa tiraua com pilouros de ferro coado, que toda era de metal, e as roqueiras de [2] * ferro tirauão * pilouros de pedra. Erão mais seis galeotas, que [3] * tirauão * por proa falcões e roqueiras, pouqa artelharia, porque erão muyto sotys, que se fizerão em Moca. Erão mais os cinqo galeões, de quatro mastos cada hum, mezena e contramezena e tres gaueas, cada hum com quatro tiros grossos por banda, e por cima vinte falcões que tirauão pedra; nauios perigosos de nauegar, porque erão de pouqo fundo e sem quilha. E as cinqo [4] * albetoças *, de tres mastos e

[1] V.ª o Cap. LXV d'esta Lenda. [2] de ferro que tirauão * Autogr. [3] * tirão * Id. [4] * albetas * Id.

gaueas, tirauão por proa meos basaliscos, e polas bandas quatro peças grossas e seis falcões pedreiros; e as seis fustas de Cambaya com roqueiras por proa e seis berços polas bandas; e os dous bargantis, de quinze banquos, muyto solys, cada hum com quatro falcões. Nas seis naos dos mantimentos hião carregadas ao lastro muyta d'esta artelharia, e nas galés bastardas abatidos os basaliscos. Assy que tod'armada forão oitenta e cinco velas, em que passauão de quatrocentas peças grossas; e n'esta armada seis mil homens de guerra, e passante de dez mil remeiros e marinheiros, que todos pelejarião quando comprisse. Os soldados armados de laudeys de laminas, e sayas de malha, espadas compridas e largas, traçados, cofos, machadinhas, maças de ferro, zagunchos compridos, e todos frecheiros d'arqos troquisqos, de que são grandes tiradores; e muytos d'arcabuzes e espingardões, de que erão mal dextros no tirar, que em quanto tirassem hum tiro hum nosso espingardeiro tiraria dous e tres. Os bombardeiros muy sabidos no tirar, e mestres em artificios de fogo; os [1] *soldados turqos* de pannos vermelhos, carapuções vermelhos de guedelha e plumas de cores, calções de panno de cores, e çapatos, meas calças e ciroilas, sayos biscainhos curtos com mangas até o cotouelo; homens de bons corpos, e muy forçosos e bestiaes no pelejar, e muy desmayados com pequenas feridas; grandes comedores e bebedores; gente muy dada ao máo pecado, desolutos, soberbos, desleaes, trédores, ladrões. Auia mil e quinhentos christãos antre os remeiros, de muytas nações, catiuos per leuante *e* ponente, de muyto tempo catiuos. Vinha hum capitão de dez galés, veneziano, chamado myce Francisco, [2] que vencia ordenado do Turquo de sua vontade, porque era grande homem da guerra de galés; trazia em sua companhia oitocentos christãos de *diuersas* nações, que ganhauão soldo com elle. Auia n'armada hum almirante em huma galé bastarda, que no tendal trazia huma grande bandeira *tomca* [3] de tafetá vermelho, com letra de Mafamede, e todas as ga-

[1] *soldados de turqos* Autogr. [2] Na *Viaggio scritto per vn Comito Venetiano, che fu condutto prigione dalla citta de Alessandria fino al Diu*, incorporada na Collecç. de *Ramusio*, sómente vem mencionado Antonio Barbarigo, como capitão das galés venezianas que os turcos obrigaram a seguir Solimão baxá desde Alexandria. [3] E' o que se póde lêr no original. Quereria o auctor escrever *bandeira turca*, alludindo á do crescente, ornada d'alguma sentença do Alcorão?

lés [1] * bastardas * trazião estas bandeiras, senão a do almirante andaua huma braça mais alta. N'estas galés hia o capado, que ninguem sabia qual era. Quando este almirante tiraua hum tiro assy o tirauão todas as outras, e por festa nom punhão mais bandeiras que hum só estendarte nas pontas das vergas grandes. Os mareantes mal destros em virar a vela, em que se detinhão mea hora; os tendaes das galés muy laurados de macenaria e marchetes, e forrados por dentro de pannos pintados, e os tendaes em peças leuadiças, muy lestos de tirar e tornar 'armar; velas louçãs quarteadas de pannos de cores. Este almirante fazia o forol, e o capado, e o almirante seguia após o capado. Era homem de sessenta annos, muyto bem desposto, e muyto mal assombrado e sardo. Todas estas miudezas soube de hum christão remeiro, que fiqou em Dio fogido das galés, e depois que a forteleza esteue em paz se tornou pera' forteleza.

Com esta armada o capado partio de Judá, e se foy á ilha de Camarão, e d'ahy mandou hum bargantim a terra deitar hum messigeiro com seu recado ao Rey d'Adem, e lhe mandou dizer que elle era aly chegado, e o Turqo o mandaua com a mais poderosa armada que elle veria, abastada de todo o necessario pera hum grande feito, e com muyto dinheiro pera o gasto d'ella; e lhe mandaua que com ella fizesse todo o que elle mandasse e ordenasse, e mórmente passar á India: o que tudo elle encomendaua que ordenasse, porque tinha mais entendido da guerra dos portugueses. O qual recado ouvido polo Rey d'Adem, entrou n'elle tal vaidade d'honra, que o Turquo d'elle fizesse tanta conta que tal lh'encarregaua, que nom teue entendimento pera entender o falso recado do capado, que o Turqo lhe ouvesse de mandar entregar tão grande armada. E dizia o capado que ficaua na ilha de Camarão agardando sua reposta, pera fazer o que elle mandasse; e lhe muyto rogaua que logo mandasse tomar quantas embarcações estiuessem no porto, porque alguma escondidamente * nom * fosse dar noua á India de sua vinda, com que o Gouernador com sua armada o fosse buscar. E com este recado lhe mandou chapa do Turqo, de crença. O triste Rey tomou o recado com tanto prazer de sua vaidade, que o mandou festejar pela cidade com grandes festas; e mandou primeiro tomar todolas velas, e lemes e mastos, a quantas embarcações estauão no porto, até varar as almadias; e mandou

[1] * bastas * Autogr.

ajuntar muytos mantimentos, e agoa, e leynha, pera' armada; e respondeo ao capado que com sua vista seu prazer seria acabado; que lhe rogaua que logo se fosse á cidade, que já estaua desejoso de ver sua fremosa armada.

Com o qual recado logo o capado fez vela, mandando diante os bargantis, em que mandou o meirinho d'armada, a que disse em segredo o que auia de fazer; e per elle mandou ao Rey huma carta falsa, dizendo que era do Rey de Misey, em que lhe falaua conforme ao que lhe mandara dizer o capado, concordando humas palauras com outras; e mandou ao meyrinho que tiuesse grande vigia, de dia e de noite, que do porto nom partisse cousa nenhuma. O qual meirinho chegado ao Rey, lhe fez honra, e folgou muyto com a carta. O meirinho fez sua vigia, como lhe era mandado. E na carta dizia o Rey de Misey, ao Rey d'Adem, que sobre tudo lh'encomendaua a guarda do Estreito, que nossas armadas lá nom entrassem; e que tendo tudo seguro, que então, se lhe bem parecesse, mandasse 'armada passar á India ou a tomar a forteleza d'Ormuz; o que tudo lh'encarregaua como bom caualleiro que era, porque tudo o que fizesse seria bem feito, e por isso assy o leuaua por regimento seu regedor Soleymão Baxá, que fizesse todo o que elle mandasse. Com a qual carta o Rey de todo fiqou doudo de sua vaidade.

D'ahy a tres dias pareceo 'armada, hindo diante os bargantis da vigia, que chegando ao porto aleuantarão as velas nos palancos diante as galés reaes, que chegando se afastarão leuantando assy as velas, sem nenhuma sorgir. Atrás vinha o capado nas bastardas, que assy todas se afastarão, e o capado passou por meo, todos lhe fazendo saluas d'apitos e gritas; e o capado sorgio, e logo sorgirão todos pera a parte do mar, e os bargantis da vigia muyto longe ao mar. Tod'armada fez salua com tiros miudos, *e* per derradeiro alguns tiros grossos, que deitarão pilouros por cima da cidade, a qual estaua embandeirada, que tambem fez salua, e todos os castellos das pontas da serra.

Miramergem, homem antigo, regedor da cidade de muytos annos, e muyto sabido, estaua com ElRey. Vendo chegar 'armada, lhe dixe: «Senhor, tu estás com muyto prazer, o que eu nom tenho, porque o» «Turqo nom faz tanto gasto senão pera seu proueito, e nom creo que» «vem pera te fazer bem. Isto me diz meu coração. De meu conselho» «he que nada te confies n'esta gente. Com dessimulação despejemos a»

«cidade da gente e fazenda, e ficando só com 'artelharia lhe façamos»
«quanto mal pudermos, que será muyto, que elles nom hão de espe-»
«rar por se nom desbaratarem; que elles vão de passagem pera onde»
«os manda o Turquo, e não pera que te venhão seruir.» O Rey estaua tão doudo de sua vaidade que nom entendeo nada do que lhe bem dizia o seu regedor.

Mas mandou logo visitar o capado, com barcas carregadas de refresco e muytos carneiros, e perguntar quando sayria fóra d'armada. *E* se começou a desembarqar gente com armas; ao que o meirinho, que andaua em terra, acodio fazendo que defendia que a gente nom desembarcasse, e fez tornar muytas barquinhas, que nom desembarcarão; e os que ficarão em terra se espalharão em magotes, andando folgando pela cidade.

O capado mandou agardicimentos, ao Rey, do refresco, e dizer que ao outro dia sayria a terra, e que auia pesar da gente que sayra a terra; que se algum o anojasse que logo o mandasse enforcar; que como saysse a terra todos faria embarqar. Sendo noite, o meirinho com duzentos homens armados se foy estar ás portas das casas d'ElRey. O que lhe sendo dito o mandou chamar, e lhe perguntar que era o que aly fazia. Elle lhe dixe seu senhor lhe mandara que aly dormisse, e lhe gardasse as portas, porque os d'armada nom lhe fizessem algum nojo. Com que ElRey folgou, mas o regedor, que com elle estaua, lhe dixe: «Se-»
«nhor, nom me parece bem tomaremte as portas, e dentro na cidade»
«tanta gente.» E dessimulando sayo á porta, e mandou chamar o catual, como que queria hir vigiar a cidade, e se foy meter em suas casas, donde n'esta noite tudo despejou e mandou pera' serra.

Ao outro dia, pela menhã cedo, sayo a terra o almirante com muyta *gente* armada, onde acodirão os outros que andauão pola cidade; vindo todas as barquinhas cheas de gente, e huma no meo com hum paleo aleuantado em varas, dizendo que vinha aly o capado. E assy chegarão a terra, e toda a gente assy çarrada com o paleo se detiuerão na praia, abalando a gente pera as casas d'ElRey, que estauão á entrada da cidade. O que sendo dito ao Rey que o capado era em terra, sayo á pressa com pouqos que com elle estauão, e com elle o seu capitão do mar, e capitão do campo, e seu guarda mór, e com elle até duzentos homens; e sayo fóra a hum terreiro que estaua ante as casas, onde já chegaua a

gente d'armada, e o almirante foy rompendo por antre elles a receber ElRey, e acompanhar até chegar ao capado, por caso da gente que era muyta; hindo diante d'elle, e o Rey cercado de rumes, que os d'ElRey ficauão antre elles metidos, e se afogauão. E chegarão com o Rey até borda d'agoa, *e* o meterão por força em huma barquinha, e o leuarão; e os d'ElRey assy forão todos tomados ás mãos, e tomadas as armas os meterão nas barquinhas, e os leuarão á galé do almirante.

O qual com toda a gente logo entrou na cidade, e se meteo nas casas d'ElRey, e mandou outros capitães com a gente que fossem tomar a cidade, e que matassem quantos pelejassem. Os quaes assy entrando a roubar e matar se aleuantou grande grita na cidade; o que ouvio o Rey, que hia na barquinha, e disse a tres seus, que com elle hião, com grandes brados: «Minha cidade he tomada por traição que me fez Abraem» «baixá! Isto foy minha má fortuna, que eu nom entendy tamanha trai-» «ção!» Entrarão na proa da galé do capado, e o leuarão á popa, que estaua çarrada com grades couradas [1], e toda a popa era camara çarrada, onde o capado estaua assentado em hum estrado alto alcatifado, e almofadas de brocado. Chegando o Rey abrirão a porta da grade; a que o Rey nom fez nenhuma cortesia, e esteue em pé. O capado mandou que se assentasse, e se assentou em huma alcatifa que lhe trouxerão, e o capado mandou a hum page que o auanasse. O Rey estaua muy trouado, e lhe dixe: «Mandasme auanar, tomandome minha cidade por traição!» «O que te nom merecy, porque nunqua te fiz mal.» O capado lhe disse: «Nom te agastes, que inda nom tens rezão; mas dizeme se tens algu-» «mas nouas da India.» Elle respondeo: «Assy como hes grande capi-» «tão me fizeste grande traição. Com cartas falsas me enganaste, e eu» «as tomey com boa verdade. Com ellas me fizeste falsidade.» Disse o capado: «Eu cheguey aquy e nom me foste receber ao mar, como» «eras obrigado; e estiueste ás tuas genelas tomando viração, e estás» «ante mim dizendome que te fiz traição. Tua cabeça nom está boa, que» «diz taes palauras.» O Rey disse: «Se me tomáras minha cidade co-» «mo caualleiro, nom tiuera a rezão que tenho por ma tomares á trai-» «ção; o que fazem os judeus, que nom som homens, como tu nom»

[1] «le galee..... erano coperti di cuoi di bue, e tela incerata» *Viaggio scritto per un Comito*. Na Collec. de *Ramusio*.

«hes, que nom tens col.... [1].» O capado lhe dixe: «Bem digo que tua» «cabeça nom está boa. Ha mester curada. Nom cures d'essas fallas;» «entregame a forteleza, e com a cidade obedece a meu senhor, e dei-» «xartehey liure.» O Rey dixe: «Pedesme o que tens tomado. Eu nom» «tenho que te dar, que tudo me roubaste á traição. Mandame matar,» «que milhor me será a morte que viuer dando obediencia a trédores.» «O teu Rey de Misey com sua carta, que tu me déste, ordenou a trai-» «ção que me fizeste.» O capado fallou com dous capitães e hum page, que estauão com ElRey, dizendo: «Este vosso amo, cabeça douda, ha» «mester curado como doudo, metido em ferros. E vós outros com elle» «hireys a meu senhor Rey de Misey, e lá lhe [2] *fareis* queixume de» «mim. E [3] *mandou* que lhe deitassem ferros.» O Rey desesperadamente respondeo: «Folgo de me mandares ao Rey de Misey, porque» «dormirey com sua molher, como dormem com ella os seus escrauos.» Do que o capado ouve grande ira, e mandou que o leuassem e enforcassem, que mais nom fallasse. O que assy foy feito, que os leuarão á proa da galé e todos enforcarão, e mortos todos quatro os mandou leuar a terra, e *que* os enforcassem á porta da cidade, com pregão que o mandára enforcar por mal falar de seu senhor.

O capitão da cidade, Miramergem, vendo que ElRey tão mal se ordenaua, se foy pera sua casa, onde se [4] *ajuntarão* com elle os principaes moradores da cidade e mercadores; o qual, vendo desembarqar tantos rumes armados, veo á pressa em busca d'ElRey, e no caminho lhe dixerão que elle o leuarão os rumes á praya; pelo que se foy á forteleza da cidade, em que se meteo com os que n'ella se quiserão meter, que forão pouqos, porque cada hum foy saluar o que podia; ao que logo se deu a grita do roubo da cidade. O regedor se concertou na forteleza o milhor que pôde. Os roubadores nom [5] *entenderão* na forteleza senão depois do roubo feito, e sendo dito ao capado como assy estaua a forteleza, mandou dous capitães a terra, que ajuntassem a gente e tomassem a forteleza, e que dixessem ao capitão que n'ella estiuesse que ficasse n'ella liuremente, dando a obediencia e rendimento da cidade ao Turqo. Este recado foy dito a Miramergem. Elle perguntou por ElRey.

[1] Véda a decencia repetir a palavra. [2] *farás* Autogr. [3] *mando* Id. [4] *ajuntou* Id. [5] *enderão* Id.

Disserãolhe que estaua com o capado. Elle respondeo que trouxessem ElRey e elle faria seu mandado, que era seu Rey. Ao que os rumes logo o combaterão, e por serem moltidão d'elles entrarão a forteleza por todas partes, e matarão quantos dentro estauão; em que logo o capado fez hum capitão da cidade com oitocentos soldados, e mandou deitar pregões de morte que ninguem mais fizesse mal na cidade, dando seguro a todos os que se quigessem tornar pera a cidade, de que se ouve grande roubo, porque na cidade auia riqos judeos; em que foy tomada huma moça judia de estreme fremosura, que foy leuada ao capado com outras fremosas molheres que estauão nas casas d'ElRey, com riqas joyas, e muyto dinheiro, que sómente as casas d'ElRey mandou o capado recolher pera sy, de que as molheres fremosas com a judia e riqas joyas tudo mandou de presente ao Rey de Misey. O capado deixou no porto hum galeão pequeno, duas galés, e duas fustas, que em todas ficauão tresentos homens de guerra, pera que represassem as naos que passassem, e as fizessem hir ao porto pagar direitos, e que fossem trazer mantimentos dos portos da terra do Prestes, que se vendessem na cidade, em que se faria grande proueito; e proueo em todo o que compria, e mandou desfazer zambuqos e naos que estauão no porto, de que fez leynha pera' armada, que [1] * nom * quis desfazer nada da cidade, e em cada nao [2] * das que trazião forçados mandou * meter vinte rumes, porque lhe nom fogissem; e deu a tudo muyta pressa, porque tinha falta d'agoa, que na cidade a nom auia, pera a hir tomar na ilha de Çacotorá.

CAPITULO CXVII [3].

COMO O CAPADO PARTIO D'ADEM, E FOY A ÇACOTORÁ, EM QUE FEZ AGOADA, E D'AHY ATRAUESSOU Á INDIA, E O QUE PASSOU ATÉ CHEGAR A DIO.

O capado partio d'Adem e foy tomar na ilha de Çacotorá, e fez agoada, de que tinha muyta falta, e mandou abater tod'artelharia grossa, e concertar as galés pera atrauessar á India. Sobre o que fez conselho com os pilotos, determinando de hir a Moçambique a tomar as naos do Reyno,

[1] * nos * Autogr. [2] * das que trazia forca mandou * Id. A emenda não passa de conjectura. [3] E' o CXI no original.

e d'ahy atrauessar a tomar na barra de Goa, onde tolheria que nada nom saysse, onde tomaua o Gouernador dentro com todo seu poder, onde pera elle se virião os mouros e armadas de Calecut, com que entraria a guerrear a cidade, ao que lhe faria ajuda o Idalcão; em que nom faria muyta detença, e tomada assy a cidade, e o Gouernador morto ou catiuo, então mandaria 'armada a tomar Dio, e faria segundo achasse as cousas. O que todo elle assy o maginaua, e praticando com os pilotos d'estes caminhos que queria fazer, elles lhe disserão que monção teria pera Goa partindo de Moçambique, mas que hir d'aly até chegar a Moçambique podia auer detença, porque os tempos ao longo da costa nom erão certos. O que todos falando, o piloto André Madeira, que hia co' capado, que o Rey de Xaer mandara ao Turqo, o qual vinha com o capado como piloto mór, o capado lhe perguntou seu parecer, porque o Rey de Misey lhe dissera que sempre com seu conselho fizesse suas cousas, porque sabia das nauegações da India. Perguntando o capado ao Madeira, lhe disse que lhe falasse verdade, senão que lhe custaria a cabeça. Elle respondeo: «Eu bem sey que assy será, por *que* eu tenho ordenado turqo pera» «bem seruir. E o Rey de Misey me dixe que est'armada [1] *vai* a Dio.» «Agora vejo que tomas conselho pera outro caminho. Tu saberás o que» «[2] *fazes. Dáme assinado* do que mandas que eu farey, porque nom» «quero errar.» O que pareceo bem ao capado, e lhe deu o assinado *do* conselho que lhe pedia. Então lhe dixe: «O que dizem os pilo-» «tos, que a [3] *nauegação para* Moçambique he duvidosa, falão verda-» «de; e póde ser que acharemos algum temporal que nos faça algum» «mal, porque a costa he perigosa. D'aquy atrauessando a Goa bem se» «póde tomar, [4] *mas* com muyto resguardo, porque ás vezes, na des-» «pedida do inuerno, na costa os ventos são fraqos, e as agoas correm» «pera ilhas de Maldiua, e se descorrermos Goa auerá muyto trabalho,» «porque auiuando o vento será do noroeste, que faria grande mal a esta» «armada, e mórmente aos nauios sotys. D'aquy donde estamos he se-» «gura nauegação hir tomar na costa de Mangalor, que a terra está cra-» «ra e descuberta, porque n'ella despede primeiro o verão, e tendo nós» «a costa tomada nos fiqua Dio a julauento, e Goa, e toda a costa da»

[1] *va* Autogr. [2] *fazes de me assinado* Id. [3] *nauegação da para* Id. [4] *e* Id.

«India, pera deixar e tomar o que quiseres. Nom tenho mais que di-» «zer, senão fazer teu mandado.» O capado lhe contentou o que dissera o Madeira, e se mostrou contente, e mandou ordenar 'armada pera logo passar. Onde assy estando lhe foy descuberto que quatro galés se querião aleuantar, e hir ao salto á costa de [1] * Melinde *; do que tomou pouqa proua, e mandou enforcar os capitães e passante de tresentos homens, e se fez á vela pera Dio.

E mandou na dianteira os galeões, que todos leuauão foroes, e após elles as galés, e elle nas bastardas, que todas leuauão foroes, e atrás a outra armada, e regimento aos galeões que amanhecendo agardassem até elle chegar. E assy nauegando tres dias, o tempo foy crecendo e mar engrossando, que daua grande trabalho ás galés, e sobre tudo veo grande çarração, com que se perderão huns d'outros; mas, porque o vento era todo hum, correrão dous dias, e o tempo escrareou, e se tornarão 'ajuntar, senão alguns que mal nauegarão e forão tomar na costa da India, que foy * huma * fusta de Cambaya, que conhecendo a terra, com medo de nom topar com nossa armada correo de longo, e foy tomar terra no cabo de Comorym, em lugar chamado [2] * Brinjão *. Na qual fusta hião dous mercadores com muyto dinheiro, que vinhão pera carregar pimenta e drogas como os rumes tomassem a India, no que elles vinhão muy crentes. Entrou a fusta no porto, e por fazer muyta agoa descarregarão, e a vararão, dando muyta pressa a concertar. Do que logo foy recado ao Rey grande, que mandou varar a fusta muyto pola terra dentro, e mandou leuar os mercadores, que lhe contarão todo o feito dos rumes e armada; ao que lhe o Rey disse que elles lhe entregassem todo seu dinheiro, e

[1] * Melyndy * Autogr. [2] * Bryngam * Id. Incerto na orthographia d'este nome, Gaspar Correa chamou aqui Bryngam ao porto juncto de Travancor ou do reino do *Rei grande*, onde entrou, corrida com o tempo, uma das seis embarcações que se apartaram d'armada de Solimão baxá; porém, mais adiante, com poucas linhas de intervallo, escreveu Bryntam e *Brynjam*. Fez-se a rectificação com o auxilio da *Carta do Indostão*, desenhada na escala de pollegada e meia ingleza por cada gráu do Equador, e que acompanha a *Descripção historica e geographica do mesmo Indostão*, por James Rennel. N'esta carta se encontra, no Cabo de Comorim, o logar maritimo de *Brinjaun*, mencionada por *Barros*, sob o nome de *Berinjan*, na Dec. I, Liv. IX, Cap. I, como porto pertencente ao reino de Coulão, mas proximo do de Travancor.

lho teria guardado até que o capado tomasse a India; então os mandaria com o seu dinheiro onde o capado estiuesse, porque, se o capado nom tomasse a India, elles nom se podião saluar que nom os tomassem as nossas armadas, e os matarião e roubarião; que por tanto era milhor que a elle lhe ficasse o dinheiro, que certo estaua que o auião de tomar os nossos.

A este tempo acertarão d'estar alguns portugueses com este Rey, com cauallos que lhe [1] * leuarão * a vender; a qual amisade lhe fizera Martim Afonso de Sousa, quando desbaratou os paraos em Beadalá, como atrás contey. Os quaes, ouvindo a noua que rumes erão passados á India, todos pedirão ao Rey que os despachasse, que se querião hir pera o Gouernador ajudar n'este trabalho. O que o Rey nom quis fazer, mas tomoulhe quanto dinheiro tinhão e o mandou escreuer o de cada hum, dizendo que o dinheiro ficaua seguro em seu poder, que estaua certo que o leuando comsigo no caminho lho auião de tomar, e os matar; porque toda a terra se auia d'aleuantar com esperança que os rumes tomarião a India, e hindo sem o dinheiro nom entenderião com elles; e que se os rumes tomassem a India milhor era a elle lhe ficar o seu dinheiro, que não o tomarem os rumes; e que se os rumes nom tomassem a India que elles tornassem polo seu dinheiro, que por isso o mandara escreuer. No que muyto debaterão, mas nom aproueitou nada, e o Rey os mandou todos pera' India.

Tambem d'armada se apartou huma nao malauar, em que vinhão mantimentos e monições, a qual nauegou pera Calecut, sua terra donde partira; a qual chegando á vista de terra foy vista de fustas nossas que já andauão na costa, em que andaua Diogo de Reynoso por capitão, filho do capitão de Cananor, que foy demandar a nao com quatro fustas que trazia. Os rumes que n'ella vinhão e os mouros se meterão a pelejar. Os nossos, nom a querendo meter no fundo, por saluarem a presa, lhe derão tanta bombardada por cima que lhe quebrarão a verga, e a desfizerão, matandolhe toda a gente, e os rumes, que muyto tirauão frechadas e espingardadas * e * roqueiras de ferro; e sendo a nao rendida, que os nossos entrarão * a * roubar, acharão os rumes mortos, e dous viuos caydos de feridas, que logo meterão nas fustas; e atoando a nao,

[1] * uarão * Autogr.

pera a leuarem, supitamente se foy ao fundo, de furos que os mouros lhe fizerão. E tinhão d'ella tomado biscoito branqo em rosquilhas, cebolas grandes como as de Portugal, e restes d'alhos, passas, mel, carneiros sequos, azeitonas, vinho, azeite de Portugal, fauas, grãos, farinha, trigo, carnes seqas d'alymarias do monte. Hida a nao ao fundo, os nossos catiuarão e matarão alguns mouros que ficarão a nado, e dos que tomarão souberão a vinda dos rumes; pelo que a todos [1] * matarão, e com pressa se forão dar * a noua a Cananor. No que o capitão deu breue despacho, e mandou seu filho ao Gouernador em hum catur, que leuou hum dos rumes, e outro mandou a Cochym leuar outro rume a Martim Afonso, que em o catur partindo Martim Afonso pareceo ao mar, que vinha com su'armada andar na costa, ao qual todauia foy o catur, que ouvindo a noua se meteo no mesmo catur, foy a terra fallar com o capitão, e logo se foy a Goa, trabalhando por chegar primeiro que o filho do capitão.

Huma galé d'armada, assy mal nauegada, foy ter em Angediua, e conhecendo a terra se meteo no rio d'Onor, onde varou, porque fazia muyta agoa, e os rumes com os remeiros se forão entregar ao Rey de Garçopa, que he senhor d'este rio, sudito ao Rey de Bisnegá, o qual com muyta diligencia mandou recolher 'artelharia e todo o fato. Do que logo foy dar a noua ao Gouernador hum portuguès que estaua em outro rio hy perto, o qual dando ao Gouernador a noua ouve grande [2] * aluoroço *, e o Gouernador mandou grande pressa na Ribeira, em que se trabalhaua de dia e de noite, e foy logo posta muyta armada no mar, e grande auiamento a mantimentos; e mandou quatro catures andar polo mar sobre a barra de Goa, pera que vendo 'armada dos rumes lhe trazerem recado, pera elle logo sayr de Goa e hir ao mar pelejar com elles. Pera o que concertou pera sua pessoa o galeão São Luiz, que era o milhor que auia na Ribeira, que foy artilhado de dezaseis peças grossas e doze falcões pedreiros. Ouve grande temor na gente, porque as nouas que os rumes derão em Onor erão que vinhão cem galés e cincoenta galeões, com trinta mil homens de guerra.

O Gouernador mandou recado ao Rey de Garçopa, queixandose d'elle, pois era amigo, requolhera aquelles rumes, que erão nossos imigos e nos vinhão buscar pera comnosco pelejar; que por tanto lhe rogaua como

[1] * matarão com a pressa se for dar * Autogr. [2] * aluoro * Id.

bom amigo lhos mandasse, ou senão que os deitasse fóra da terra, porque elles erão tal gente que onde quer que fossem farião por onde a todos matassem. Ao que o Rey de Garçopa lhe respondeo que lhos nom auia de entregar, nem os deitar fóra de sua terra, já que a elle se colherão; que nom era bem deitar ninguem fóra de sua casa quem se lhe a ella colhia; mas que, por amor d'elle, como amigo os teria a bom recado, e os nom deixaria sayr de sua terra pera hirem ajudar os outros, nem fazer mal em cousa de portugueses. O Gouernador ouve grande paixão d'esta reposta, mas sofreo, pelo tempo em que estaua.

E a grã pressa mandou hum catur que fosse [1] * chamar * Martim Afonso, e corresse as fortelezas, e désse a noua da vinda dos rumes; e escreueo aos capitães que elles dessem a noua aos Reys e senhores das terras, e lhe escreuessem as repostas que n'elles achassem. O catur foy seu caminho, e correo tudo como lhe era mandado. O capitão de Cananor já tinha fallado com ElRey sobre a noua, ao que elle respondeo que lhe pesaua ser vinda tão má gente, e que elle era bom amigo d'ElRey de Portugal, e daria toda' ajuda que se ouvesse mester; que lho pedissem, e que o daria de boa vontade. Do que de todo o capitão lhe * deu * grandes agardicimentos, com grandes louvores, que sua real palaura abastaua pera estar muy seguro; que sómente nos mouros compria castigo, porque com a noua andauão soberbos, que nom fizessem algum desmando. Disse ElRey * que * perdesse o cuidado. E logo mandou apregoar que qualquer mouro, que fizesse desmando contra português, fosse morto, e fosse sua fazenda pera aquelle que o matasse. Com o que os mouros andauão muy timidos.

Chegado o catur a Cochym fez grande aluoroço, e de caminho entrou tambem em Chalé e deu a noua a Manuel de Brito, capitão, o qual concertou a forteleza do que compria, e recolheo os portugueses pera dentro, e muyta familia que auia, que nom caberia na forteleza se ouvesse cerquo, mandou que se fosse pera Cochym; e mandou a noua a ElRey, a que elle respondeo que soubesse certo que tão má gente nom auia de pôr pé em sua terra, em quanto elle fosse viuo; que por tanto dormisse descansado.

O capitão de Cochym foy dar a noua a ElRey. Elle dixe que já os

[1] * char * Autogr.

mouros lho tinhão dito, por * que * lho tinhão escrito mouros de Coulão, friamente, e por isso o nom crêra; mas agora que a noua era certa tinha muyto pesar polo trabalho que os portugueses auião de ter; mas que tudo ficaria em paz, porque os rumes auião de ser desbaratados, se com os nossos pelejassem; porque já elles sabião como dom Francisco, Visorey, fizera aos outros em Dio, que com pouqa armada e gente os confondira; e que este trabalho era bom, porque saberia ElRey de Portugal quem era seu amigo; e que em Cochym nom ficasse nenhum portugués, que todos se fossem pera o Gouernador, porque a forteleza e pouoação elle a gardaria de quanto comprisse, e tudo o que se ouvesse mester que lho pedissem que tudo daria. Ao que o capitão e os officiaes da cidade lhe derão seus grandes agardicimentos. E logo o capitão deu grande pressa ao concerto da Ribeira, concertando todo o nauio que fosse pera pelejar, e * mandando * fazer muyta poluora e monições, e fazer outros de nouo, que alguns casados fizerão pera suas pessoas, e outros derão muyto emprestimo, e fizerão tudo saber ao Gouernador o que passaua.

O catur das nouas correo áuante, e foy ter a Coulão, onde a noua já estaua sabida pola fusta dos rumes que fôra ter a [1] * Brinjão *, como já atrás contey. E a Raynha de Coulão mandou dizer a Diogo da Silua, capitão, que se ella tiuera poder que ella mandara queimar o lugar de Brinjão, porque recolhera aquella fusta e a nom queimara; mas que o Rey grande era mais amigo de dinheiro que de verdade, porque tinha roubados os rumes e os portugueses, e que o fazia porque nom tinha portos de nauegação.

O catur passou áuante a Choromandel a chamar Miguel Ferreira, que lá era capitão, que viesse com toda a gente, a qual elle tinha junta pera passar a Ceylão pera ajudar o Rey nosso amigo, porque seu irmão Madunepandar lhe fazia guerra. O qual catur chegado a Negapatão, que he o primeiro lugar da [2] * costa *, ahy achou Miguel Ferreira prestes pera Ceylão, e com a noua apanhou mais alguma gente que ficaua, e a fez toda embarquar. O que todos fazião com muyta vontade, porque a noua dos rumes n'estas partes dá muyta trouação. E Miguel Ferreira mandou recado de desculpas a ElRey de Ceylão, que nom hia pola noua dos rumes. Do que o Rey ouve muyto pesar, porque era nosso verda-

[1] * Bryntam * Autogr. [2] * cota * Id.

deiro amigo, em tal maneira que sabendo a noua logo mandou seu recado ao Gouernador, com cincoenta mil cruzados d'emprestimo pera ajuda das despesas, como adiante direy.

Passada a tormenta, que as galés se tornarão 'ajuntar, forão aportar em Mangalor, acima de Dio, onde sorgio, e logo os da terra forão visitar o capado com muyto refresquo, porque já Coje Çafar tinha mandado recado aos lugares da costa que assy o fizessem ; e os mouros contarão ao capado como Coje Çafar, e o Lurcão, com gente todo o inuerno guerrearão a forteleza, e o que tinhão feito. D'aquy escreueo o capado sua carta a Coje Çafar por terra, e tomou agoa e leynha com muyta pressa, e á noite se partio pera Dio, de longo da costa, e foy sorgir no porto de Patane. A carta do capado em breue espaço foy dada a Coje Çafar, com que foy grande seu prazer, e logo mandou hum seu filho que por terra fosse ao longo da costa em busca do capado, e onde o achasse o visitasse da sua parte ; o qual chegou a este Patane, onde achou 'armada, e ao capado fez a visitação da parte de seu pay ; de que o capado mostrou prazer, e mórmente porque lhe afirmou que a forteleza estaua em desposição que chegando elle com 'armada logo seria tomada. O qual logo mandou com reposta ao pay, e dizer que fortemente apressasse a forteleza ; e com elle lhe mandou por terra quinhentos rumes espingardeiros, e quatro peças como meas esperas encarretadas. E o capado logo mandou concertar toda 'armada de sua artelharia, que trazião abatida, e deitar fóra suas apelações. No que se deteue hum dia, e ao outro partio.

CAPITULO CXVIII [1].

DO QUE FEZ O CAPITÃO ANTONIO DA SILUEIRA, COM A CHEGADA DOS RUMES.

Com a noua dos rumes, que se deu a Coje Çafar, fez elle grande festa, e os mouros da cidade grandes aluoroços, e com grandes prazeres o fallauão aos nossos de junto do muro, e fazião grandes feros aos que estauão no baluarte dos rumes ; ao que os nossos nom derão credito, por-

[1] No original é o CXII.

que muytas vezes lhe fazião assy rebolarias. E assy estando, chegou a Dio o filho de Coje Çafar com os quinhentos rumes e os tiros; o que o Coje Çafar grangeou com mandar aos seus espingardeiros, que erão muytos, com os rumes, que todos forão dar vista á forteleza com atambor e pifaro, e de longe, d'antre as casas, fizerão amostra, tirando muyta espingardaria; a que os nossos tambem lhe fizerão visitação com a espingardaria, que fizerão milhor mostra, porque cinqo rumes ficarão aly mortos e outros alguns feridos.

Com esta mostra os nossos ouverão a noua por certa, e logo o capitão mandou Miguel Vaz em hum catur que fôsse até ponta de Dio, que *he* duas legoas da cidade, e lá estiuesse até auer vista d'armada: o que foy a quatro dias de setembro. O qual chegando á ponta ouve vista dos rumes que vinhão já perto, o qual fez volta a grã pressa á vela e remo, e deu a noua ao capitão, e ás oito horas do dia aparecerão á vista da forteleza, e muy per ordem foy sorgir defronte do baluarte que se chama de Diogo Lopes de Sequeira. Ao que logo na hora o capitão despedio o Miguel Vaz no catur com carta ao Gouernador, em que lhe dizia que os hospedes estauão á porta, e o como elle estaua apercebido pera se defender, e que elle se apercebesse pera os offender, e ganhar tamanha honra como lhe Nosso Senhor trouxera ás mãos, que era a mór que na India se podia ganhar em muytos annos; e a nom perdesse, porque nom teria rezão que dar ao mundo por sy, em deixar perder tanta honra e acrecentamento ao real estado de Portugal; e que elle se concertasse e aprecebesse deuagar, porque elle estaua quanto compria prouido, e com muyta gente, com todas vontades pera morrerem, antes que perderem hum só ponto d'honra; que auia mester poluora d'espingarda e chumbo, porque o mór feito auia de ser espingardaria; tambem auia mester alguns homens de sorte, pera reuesar nas capitanias das estancias, *porque* se alguns falecessem nom tinha outros per remudar. E despachado Miguel Vaz o mandou, e em sua companhia Panteliāo Pereira em outro catur, que ambos erão muy ligeiros de vela e remo; os quaes vendo sayr do rio o capado, [1] mandou dez galés sotys que os fossem tomar, as quaes prestesmente derão as velas e forão no alcanço, porquê o vento

[1] Isto é: o capado, vendo sayr do rio os catures, mandou dez galés, etc.

era á popa ; [1] *ao que os catures se apartarão hum do outro, e tanto forão arribando que as galés tomarão de fyo, e os catures forão seu caminho *.

Antonio da Silueira, muy illustre capitão, aparecendo as galés mandou pôr muytas bandeiras polos altos da cidade, e 'artelharia toda concertada, cuidando que de caminho as galés lhe fossem dar salua de pilouros. A gente toda da forteleza e fâmilia sayrão a vêr 'armada, que cobrião os muros, e altos da cidade donde podião vêr. E esta era a gente que o capitão apurou ; porque como teue certeza da guerra deu despejo á familia da forteleza, e *a* mandou pera Chaul e Goa. Comtudo ficarão na forteleza passante de tres mil almas, em que erão oitocentos portugueses e seiscentos escrauos homens pera pelejar, e duzentos canarys piães, pedreiros, carpinteiros, ferreiros, com muyto ferro e caruão pera trabalharem, que de tudo o capitão se proueo d'officiaes e pertenças pera seus trabalhos ; e auia muytas molheres casadas, e algumas pouqas solteiras ; o que todo se escreueo per rol pera a conta d'agoa e do mantimento, de que ninguem tinha chaue senão o capitão, que tinha grande tristeza porque nom tinha tanta agoa como vio que auia mester depois da conta feita.

O capitão, muy prudente e amigo de Deos, tratou secretamente que na igreija a todos [2] *rogassem* que fizessem huma procissão dentro na igreija, com que fossem á casa da Santa Misericordia, pedindo a Nosso Senhór misericordia, que lhe désse vitoria de seus imigos ; e pera Nosso Senhor ouvir seus rogos se confessassem e comungassem, porque estando aliuados dos pecados ficauão mais leues pera poderem pelejar ; em que pelejando estaua tão certo o perigo da morte. O que o vigairo fallou, e moestou com taes palauras que todos se confessarão, e fizerão seus testamentos, e puserão suas almas no direito caminho que cada hum entendeo, e se fez a procissão com muyta deuação, pedindo a Nosso Se-

[1] Está no original : *ao que os catures se apartarão hum do outro e tanto forão arribando *a que as galés* tomrem de fyo e os catures forão seu caminho *. Pareceu-nos que *tomar de fio* seria phrase maritima usada n'aquelles tempos, ou expressão metaphorica, que não passou aos nossos diccionarios, e que significaria *passaram a ter vento ponteiro* ou deu-lhes o *vento pela proa.* As leves alterações que se fizeram, n'esta hypothese, facilitarão a intelligencia da passagem. [2] *rogasse* Autogr.

nhor, com muytas lagrimas, saluação das almas e corpos, que offerecião a seu santo seruiço.

Sendo 'armada assy chegada, o Coje Çafar foy visitar o capado, que lhe deu rica cabaya, com muytas honras. E ao outro dia mandou o capado desembarqar toda a gente de peleja, em que auia muytas espingardas e arcabuzes, com que o [1] * Coje Çafar com * os seus foy dar vista á forteleza tirando toda a espingardaria, que dos nossos ouverão boa reposta. N'este dia desembarcarão oito peças grossas, que o capado mandou a Coje Çafar que logo assentasse em estancias pera bater a forteleza, e nom cessasse, em quanto elle hia a Madrefabá, a concertar algumas galés que fazião muyta bomba. O Lurcão, que estaua na cidade, como homem auisado nom quis que os rumes contendessem com sua gente. Sayose da cidade, e se foy assentar em arrayal junto de hum palmar além da villa dos Rumes, e defendeo aos seus que nom deixassem passar nenhuns rumes pera hirem pola terra dentro.

Aos sete de setembro 'armada se fez á vela pera hir a Madrefabá, e com muyta ordem, toda em fio, passando largos da forteleza com temor dos tiros; em que a galé do capado nom foy conhecida, porque todas as galés bastardas leuauão bandeiras nos tendaes, e estendartes nas pontas dos penoes das vergas. O que vendo os nossos assy hir os rumes ouverão muyto espanto, e grande medo, cuidando que hião tomar a barra de Goa, ou tomar Baçaim, em que nom acharião muyta detença de resistencia. Elles se forão meter no rio de Madrefabá, que he cinqo legoas de Dio, onde tod'armada entrou, sómente huma nao de mantimento que deu na barra e se perdeo, de que sómente se saluou o fato de cima, e a nao logo foy desfeita em leynha per 'armada. Onde o capado deu grande pressa e muyto auiamento ao corregimento das galés, pera o que trazia todo o necessario, estando elle sempre no mar em sua galé; e de quatro em quatro mandaua dar querenas ás galés, em modo que descobrião até as quilhas, e acabadas quatro fazião outras quatro. No que trazia muytos officiaes e mestres; no que se deu tal auiamento que toda 'armada foy acabada no mês de setembro; com que se tornou a Dio, como adiante direy. Estando n'este trabalho tinha ao mar duas legoas huma galé em vigia, que de noite se fazia á vela e corria o mar.

[1] * Coje Çafar e com * Autogr.

Em quanto assy 'armada se concertaua em Madrefabá, Coje Çafar, com hum capitão que com elle deixou o capado, que tinha cargo da gente, concertarão as estancias pera a bataria; pera o que desfizerão muytas casas derrador da forteleza, em que assentarão doze peças grossas, com que logo começarão a fazer obra, batendo a forteleza por todas partes. Ao que o baluarte de Francisco Pacheco, da villa dos Rumes, que lhe ficauão as estancias em descuberto, lhe tiraua com tres peças grossas, com que tolhiã que as estancias nom podião tirar á forteleza. O que vendo Coje Çafar, mudou as estancias contra o baluarte, a que daua grande bataria de dia e de noite, com que hum dia lhe entrou hum pilouro que lhe matou quatro homens e ferio oito ou dez; com que entrou grande medo nos nossos, porque o baluarte era muy atromentado de dia e de noite; de que o capitão rume tinha grande cuidado, que lho muyto encomendou Coje Çafar, em quanto hia a Madrefabá falar com o capado cousas que comprião. Onde foy dar conta do que se fazia, onde ambos em segredo falauão seus concertos; mas os corações e vontades hum do outro erão muy differentes, como adiante direy. E assy praticando, quis o capado mandar vinte galés, as melhores, que em tanto fossem combater a forteleza e o baluarte do rio; o que querendo fazer lhe foy á mão hum seu capitão, de nação corcês, dizendo que nom era bom conselho apartar de sy vinte galés, porque se então o Gouernador achegasse a Dio per acerto, lhas tomaria, e lhe farião grande falta. O que pareceo bem ao capado, e as nom mandou; mas despedio logo Coje Çafar que se tornasse a Dio, e com elle hum capitão chamado Abraembeque [1], com seiscentos rumes, que leuassem quatro peças grossas e quatro espalhafatos, e que se trabalhassem em derrubar o baluarte de Francisco Pacheco, pois lhe tanto tolhia as estancias da forteleza.

[1] Habrahẽbeque vem na *Hist. da Ind.* de *Castanh.*, Liv. VIII, Cap. CXCI; mas em *Barros*, Dec. IV, Liv. X, Cap. II, se lê Barharam Bec.

CAPITULO CXIX [1].

COMO EM MADREFABÁ COJE ÇAFAR E O CAPADO FIZERÃO SEUS CONCERTOS COM DIFFERENTES PENSAMENTOS, E MESSAGENS QUE O CAPADO MANDOU, E REPOSTAS QUE OUVE.

Em Madrefabá falando Coje Çafar com o capado, o Coje Çafar muyto trabalhaua por meter em cabeça ao capado que os nossos estauão fraqos, e sem poder pera se defender de seu grande poder; polo que nom aueria muyto trabalho em tomar a forteleza, tanto que n'ella se fizesse entrada, que 'artelharia faria; o que lhe fazia muy facil, e que tomada a forteleza ficaua senhor da cidade, onde recolheria 'armada, onde toda Cambaya lhe nom podia empencer, aindaque quigessem; mas que o prazer seria tão grande na gente vendo os nossos todos mortos, que era sua vingança da morte de seu Rey, que lhe darião todo o fauor e ajuda que ouvesse mester pera nossa destroição; e sendo sabido pela India que nossa forteleza era tomada, quantos mouros auia por toda a India logo se virião pera elle, e com o fauor e ajuda que lhe farião os Reys, e senhores das [2] * terras, logo * todos se leuantarião contra as fortelezas, com que farião acupamento aos nossos com que nom se pudessem hir ajuntar com o Gouernador, que nom tinha armada nem forças contra sua tão poderosa armada, com que ficaua possante pera tomar toda a India, com que ganhaua huma tão grande cousa pera o Turqo; e com isto outras grandes auondanças. O que o capado ouvia como muyto sesudo, e bem entendia que aquillo erão castellos de vento; com que em nada estaua satisfeito, mas muy carregado e pensoso, com este peso que tinha sobre sy, perguntou o capado a Coje Çafar se o Gouernador o hiria buscar pera lhe dar batalha. O Coje Çafar lhe respondeo que sy, e o tiuesse por muy certo, indaque nom tiuesse mais que vinte velas com quinhentos homens. O capado lhe disse: « E pois se isto assy he, nom estão os portugue- » « ses tão fraquos como tu dizes. » O Coje lhe dixe: « Eu te falo verda- » « de, que o Gouernador está com pouqa armada e gente; mas os por- » « tugueses são tão doudos e tão soberbos, porque tem ganhada a India »

[1] Corresponde ao CXIII. [2] * terras que logo * Autogr

«sem nunqua acharem quem lhe désse trabalho senão quanto elles que-»
«rem tomar por sy, que nom podem estar quêdos, nem estimão repou-»
«so, porque pelejão com gentes desarmadas, que nom sabem pelejar;»
«e com a fantesia, que elles tem, de sempre serem vencedores, te vi-»
«rão buscar sem temor de teu grande poder, que se em batalha te vi-»
«res com elles auerás por zombaria, quando os vires, quão pouqos são»
«os que te virão buscar, porque nom terão tempo pera se ajuntarem»
«os que andão espalhados por muytas partes; e comtudo, por mais»
«prestesmente que se concertem pera te virem buscar, te fiqua muyto»
«espaço de tempo pera primeiro tomares a forteleza, onde ficarás re-»
«colhido e poderoso, com tua armada segura, e te farás quão forte»
«quiseres; onde estarás muy descansado, e nom sayrás a pelejar no»
«mar senão quando quiseres, que podes agardar até mandares recado»
«ao Turqo, que logo te mandará quanta armada e gente quiseres, por-»
«que ninguem te póde offender do mar nem da terra.» O capado lhe
dixe: «O que tens dito, Coje Çafar, assy o creo como o dizes; mas, pera»
«ser feito primeiro auerá muyto trabalho, porque tomar a forteleza ha»
«muyto que fazer, segundo ella per sitio está forte e os de dentro lhe»
«dobrarão a força, e muyto mais forte será se o Gouernador a vier se-»
«correr e darme batalha no mar, indaque sejão esses pouqos que dizes.»
«E por tanto te torna a Dio, e põy toda diligencia em derribar o ba-»
«luarte da villa dos Rumes, que te tolhe a bateria da forteleza.» Com
que despedio o Coje Çafar com a gente e 'artelharia que disse, e elle fi-
qou no corregimento d'armada, que em cada dous dias concertaua qua-
tro nauios e tornaua ao mar.

Tornouse Coje Çafar a Dio, e com o capitão e gente, com muyta dili-
gencia, assentou vinte peças grossas, com os espalhafatos, que continua-
mente tirauão de dia e de noite contra a forteleza e baluarte de Francisco
Pacheco, sem nenhum espaço, sómente agardar espaço que refriassem os
tiros, que nom arrebentassem com a quentura do tirar. O Coje Çafar, com
as praticas que passou com o capado, bem entendeo n'elle que estaua duvi-
doso, desconfiado da empreza que tinha; e bem lhe pareceo que se a cousa
fosse a mal a elle lhe auia de custar a vida; e n'isto estaua muy certo, e
tambem que se a forteleza se tomasse elle auia de ser muyto estimado
do capado, e mais de sua priuança; ao que então buscaria tempo como
o matasse com peçonha ou a ferro, o que assy fazendo daria a cidade a

saqo aos rumes, e todas larguezas com que os contentasse, e deixaria andar ao roubo, e ajuntaria pera sy todos os mouros da India, com que se faria muy forte na forteleza e muyto fortificaria a cidade, e os capitães d'armada repartiria em quadrilhas com que fossem roubar o mar; com que se faria tão poderoso com que ElRey de Cambaya lhe désse a capitania da cidade e forteleza, e capitão do mar, em que estaria passando o tempo até do Estreito lhe vír tanta gente, e faria tanta armada, que pudesse pelejar com o Gouernador e * o * desbaratar; com que o Turqo mandaria armada e gente que acabassem de tomar a India, de que a elle faria regedor, em satisfação de seus seruiços. E com estes, e outros castellos de vento que fazia, daua tudo por acabado como pintaua.

O capado tinha o pensamento muy desuiado de tudo, porque tinha em [1] * vontade que * tomando a forteleza e cidade se faria muyto forte com 'armada recolhida dentro no rio, onde os nossos lhe nom pudessem empencer; e que então faria com ElRey de Cambaya todo concerto, porque lhe nom tolhesse os mantimentos da terra: o que todo logo faria saber ao Rey de Misey, que lhe mandaria tanta gente com que pudesse guerrear e tomar Cambaya, segundo tinha enformação que os guzarates erão fraqos guerreiros, segundo o mostrarão com os mogores. E tanto poder ajuntaria que pudesse tomar a India. Pera o que ordenou saber per seus messigeiros as vontades dos Reys e senhores das terras onde estauão nossas fortelezas, e logo chegando a Madrefabá mandou por terra seus messigeiros com cartas de crença.

E mandou dizer a ElRey de Cambaya que elle chegara a seu porto de Dio com grande armada, e muyta gente que elle mandara pedir ao Turqo, e que elle lhe mandara que tomasse a forteleza aos portuguezes e lha entregasse a elle; e que n'isto nom aueria muyta detença, segundo o que tinha visto depois que chegara e ouvera enformação de tudo, e com o muyto poder que trazia; o que acabado logo auia de hir tomar todolas fortelezas da India, matando todolos portuguezes, sem a nenhum dar vida, que assy o mandaua o Turqo. O que tudo assy mandaua por lhe ser dito os grandes roubos, males, e mortes, e destroições de terras, que os nossos tinhão feito no mar e na terra, que * auia * tantos tempos que os nossos fazião. E porque elle assy vinha pera fazer esta vingança

[1] * vontade que era que * Autogr.

por todos, era espantado, auendo tantos dias que era chegado, nom o mandar visitar com nenhum recado, em conhecimento do bem que lhe vinha fazer, sendo elle o principal ao que vinha a fazer este tamanho secorro, por seus rogos que mandara ao Turquo, que lhe acodia como bom amigo; polo que era rezão, que em conhecimento d'esta boa amisade, aleuantasse sua bandeira, do que o Turqo por sua grandeza ficaria contente, e por isso lhe mandaria tantas gentes que ganhasse quantos Reynos quigesse.

O qual recado ouvido polo Rey de Cambaya, auido seu acordo com seus regedores, * respondeo * dizendo que o Rey Badur, viuendo, mandara seu messigeiro a pedir gente ao Rey de Misey, pera que leuara grande dinheiro pera pagamento dos soldos das gentes e embarcações, que por dinheiro se pagarião; e que morto o Badur, porque se nom perdesse o dinheiro que mandara, Coje Çafar aconselhara que fosse chamada a gente, ao que foy a mãy do Badur, com a dôr que tinha da morte do filho; e sabendo que elle chegara a Dio, esperara que elle mandasse dizer de sua chegada, como era rezão; o que elle nom fizera, pelo que lhe parecera que nom vinha como dizia, que era com secorro; que se o Turquo lho mandara de boa amisade, e lhe restaurara seu Reyno, lho conhecera em outras amisades, e nom aleuantar bandeira por seu vassalo; e que chegando a seu porto, ou per secorro ou com a gente de seu dinheiro paga, nom deuera de fazer nada sem primeiro vêr seu recado; o que fizera como homem que vinha isento a fazer sua vontade, e com isto lhe dizia que leuantasse bandeira alhêa, o que nunqua fizerão os Reys de Cambaya, * e * elle menos o auia de fazer; que trabalhasse elle por ganhar a forteleza, e lha entregasse, e que então elle lhe faria a mercê que fosse rezão. Com que despedio o messigeiro.

E logo mandou recado ao Lurcão que nom fosse a chamado do capado, e estiuesse sempre fronteiro no campo com sua gente a bom recado, e que nom tomasse nenhuma acupação, sómente estiuesse prestes, e se visse a forteleza tomada dos rumes que désse sobre elles e os matasse todos, e se apossasse da forteleza, pera o que lhe mandaria quanta mais gente quigesse; e que em quanto nom tomassem a forteleza nom consentisse que nenhum rume fosse pola terra dentro, e os fizesse tornar; o que elles nom querendo os matasse todos. E tambem foy dado recado, em todos portos do mar, que se nom confiassem, nem tratassem com os rumes.

Com o qual recado o Lurcão assentou seu arraial mais perto e fronteiro da cidade, tendo muyta vigia no que os rumes fazião, pera que se tomassem a forteleza elle dar sobre elles, e lha tomar, e a todos matar; porque taes ficarião elles da tomada da forteleza que nom terião poder pera se defender; e ganhando assy a forteleza com tanta artelharia, ElRey lhe daria a capitania de Dio; pelo que mataria tambem o Coje Çafar, porque lhe nom fizesse avêsso.

O capado fiqou muy descontente da reposta d'ElRey de Cambaya, [1] * como * d'outras que lhe mandarão; porque o Izam Maluco lhe respondeo que era homem de guerra que sempre andaua no campo, e estaua sempre prestes pera o que lhe compria, e faria tudo, tanto que elle acabasse o que dizia que auia de fazer, porque, nom vendo tomada a forteleza de Dio, elle nom auia d'anojar os portugueses; que por tanto trabalhasse pola tomar, porque nom a tomando auia de ser destroido, se o Gouernador o achasse, ou no mar ou na terra; e que sendo desbaratado nom acharia onde se acolhesse. Com que despedio o messigeiro. E parecendolhe ao Izam Maluco que nom tomando o capado a forteleza de Dio se hiria meter em Chaul ou Dabul, mandou logo seus capitães com gente que fossem estar em vista dos portos, e que vendo que rumes n'elles querião entrar lho defendessem.

Simão Guedes, capitão de Chaul, sabendo d'estas gentes que assy mandara o Izam Maluco, e nom sabendo a causa, mandou seu recado ao Izam Maluco, dizendo que se espantaua muyto que sendo elle tamanho senhor, e de tanto tempo na amisade d'ElRey de Portugal, [2] * fizesse * agora nouidade e aluoroço de gente, auendo noua que os rumes estauão em Dio; que soubesse certo que o Gouernador os auia de destroir, se lhe nom fogissem; e que se isto assy nom fosse elle largaria a forteleza e se afogaria no mar. Ao que o Izam Maluco mandou dizer que elle tinha rezão mandarlhe tal recado, nom sabendo a rezão * por * que elle mandaua sua gente estar em guarda de seus portos, porque auia receo que o capado se aleuantaria de Dio, que estaua no mar, e se viria meter em algum porto, onde se fizesse forte pera se defender do Gouernador; e que esta era a causa, e d'isso deuia elle de mandar auiso ao capitão de Baçaim. Mas de crer era mais verdade que se os nossos fo-

[1] * nem * Autogr. [2] * fazer * Id.

rão desbaratados elle tomara a forteleza; e com esta dessimulação estaria com duas faces em nossa amisade, até vêr o feito dos rumes em que paraua. E todauia, sem embargo d'esta reposta, o capitão concertou a forteleza do que compria. E das mais repostas que tornarão ao capado contarey adiante.

Coje Çafar, com muyta diligencia, das batarias daua muyta afrição aos nossos, mas a mór que os nossos tinhão era porque 'agoa muyto mingoaua nas cisternas, que com o tirar d'artelharia abrião e se perdia muyta agoa; polo que todos, e mórmente as molheres, com jejus e orações, e procissões dentro na igreija, pedião a Nosso Senhor misericordia com muytas lagrimas, que Nosso Senhor por sua piedade quis ouvir, e mostrar seu milagre, porque os nossos tiuessem n'elle mais esforço. Pelo que sobreueo huma treuoada em toda huma noite, que choueo tanta agoa que as cisternas recolherão até tresbordar, e hum cabouqo de que se tiraua pedra se encheo, que foy agoa pera gastar; que tinha tres braças d'alto e trinta de comprido; e pola menham escrareceo o dia como se nunqua chouera: com que os nossos derão muytos louvores a Nosso Senhor; do que os mouros tomarão muy grande agoiro, porque tambem se encherão d'agoa todolas couas em que se elles metião emparandose dos pilouros, pelo que n'elles entrou grande confusão, porque sabião que os nossos estauão faltos d'agoa, em que elles tinhão confiança que * pela * sede os nossos serião mais leuemente desbaratados.

Antonio da Silueira, vendo que compria, logo dobrou as amêas por dentro, que as fez de vinte pés de largo, e assy engrossou o muro per partes que compria, onde era delgado, fazendo contramuros com tranqueiras de grossa madeira e entulhos de terra amassada com agoa, porque auia muyta no cabouqo; o que tudo proueo e fortifiqou quanto compria, trazendo n'este trabalho os escrauos e escrauas, e os canarys, que nada bolião os homens que estauão nas estancias, donde nunqua se apartauão, e n'ellas comião e dormião, e vigiauão.

Os rumes a mór pressa que dauão era ao baluarte de Francisco Pacheco; e aqueceo que hum pilouro do baluarte entrou na boca de huma peça que os rumes estauão apontando, e arrebentou, e matou çinqo e ferio mais de vinte, que fez grande espanto aos rumes, dizendo: « Nom »
« são estes portugueses tão fracos como nos dizião, que em nos vendo »
« se entregarião logo. Pelo que temos mais trabalho do que nos dizião. »

Então dobrarão os tiros contra o baluarte, e assentarão tiros ao longo do rio, com que tolherão que nossas almadias nom puderão mais passar ao baluarte como sempre fazião; polo que então os do baluarte taparão a porta com pedra e barro, e se passarão alguns dias que os nossos na forteleza nom souberão o que passauão os do baluarte. Fernão de Moraes mandou o capitão [1] em hum catur desemmasteado que fosse auer fala com os do baluarte; sobre o qual acodirão duas fustas de mouros, e muytas almadias, com muytos espingardeiros, que o abalroarão; mas os nossos ás lançadas e com panelas de poluora os fizerão saltar n'agoa, e Fernão de Moraes trouxe huma das fustas, que se desfez e meterão na forteleza. E logo á noite lá foy no catur Lopo de Sousa, e ouve fala, e se tornou, porque lhe tirauão com muyta artelharia.

CAPITULO CXX [2].

COMO OS CATURES DE DIO CHEGARÃO A GOA, E DERÃO A NOUA AO GOUERNADOR QUE OS RUMES ERÃO CHEGADOS; E O QUE SOBRE ISSO FEZ.

Os catures das nouas chegarão a Goa a noue de setembro, que derão a carta d'Antonio da Silueira ao Gouernador, que já feruia em grande pressa d'aprecebimento, pela noua certa que já tinha de rumes, e agora sabendo que já estauão em Dio, ao outro dia sayo muy loução, com riquo vestido de citim cremisim forrado de téla de prata, e riqa espada d'ouro d'esmalte, e chapeo dê citim, á tudesca, com muyta chaparia e pluma vermelha, e collar d'hombros d'esmalte, e cauallo ruço, á bastarda, com gornição do citim e chaparia d'ouro, acompanhado de muytos fidalgos, que tambem se vestirão louções. Onde assy sayo Martim Afonso de Sousa muyto custoso, que nunqua se apartaua do Gouernador, mandando e ajudando muy grandemente; a que o Gouernador n'este dia deu banquete, e a todolos fidalgos, que acabado, o Gouernador a todos falou, dizendo: «Senhores honrados, nobres fidalgos, lembrados sereys»

[1] Phrase que ficaria mais clara assim: «O capitão mandou Fernão de Moraes, etc.» [2] O CXIV no original.

«que a India foy ajudada a ganhar com o sangue de nossas gerações;»
«e porque esta lembrança tereis, e por quem vós sois, escuso muyto»
«volo falar, sómente darmos muytos louvores a Nosso Senhor trazer-»
«nos ás mãos estes seus imigos, os rumes, pera remate de nossas hon-»
«ras, dandonos d'elles vencimento, como *a* elle Nosso Senhor lhe»
«aprazerá por sua grande misericordia. E porque este remate seria todo»
«descanso e seguridade do estado da India, e seruiço d'ElRey nosso»
«senhor, a todos peço, em singular mercê, que cada hum de vossas»
«mercês tomem suas acupações, pois hão de ganhar suas partes d'esta»
«tamanha honra que nos Deos dará por sua misericordia, com salua-»
«ção das almas, pois pelejamos contra seus infieis inimigos, que pro-»
«meto até Meca os seguir, até os ensequar; porque [1] *dos* feitos que»
«na India são acabados, com tantas guerras e trabalhos no mar e na»
«terra, pelos senhores Gouernadores passados lustrados com louvores»
«de tantas honras, este será o remate de todos; pois estes imigos com»
«tanta soberba são entrados na India, com fantesia que serão vingado-»
«res dos males que lhe temos feito em suas gerações, e inda magoa-»
«dos do mal que lhe fez o Visorey dom Francisco no propio lugar»
«que elles agora estão, com tão fraqa armada e pouqa gente, sendo el-»
«les o tresdobro. E estes que são vindos, se no mar nos agardassem,»
«com ametade do poder que temos lhe daria a batalha, com esperança»
«em Nosso Senhor, e na sua santa paixão, que tambem d'estes nos dará»
«vitoria, com que pera sempre nossas honras serão sobre todas faladas»
«e lustradas.»

«O capitão Antonio da Silueira está descansado, polo muyto pro-»
«uimento que tem. Sómente me requere que vamos prestesmente, an-»
«tes que os rumes se tornem, porque achão elles agora o contrairo, e»
«muy ás vessas das mentiras que lhe tinha escrito Coje Çafar, e mais»
«que tem sabido que todas as galés fazem muyta agoa, que sempre»
«dão á bomba. Assy que em tudo estão atribulados; polo que compre»
«que prestesmente acudamos, porque nom percamos esta tamanha hon-»
«ra. Antonio da Silueira nos diz que tem as estancias repartidas, e n'el-»
«las capitães homens de muyta confiança, em que está descansado; só-»
«mente lhe falta outros que ha mester ter de sobresalente, que se re-»

[1] *os* Autogr.

«uezem nas estancias estando os outros cansados: pelo que logo quero» «mandar oito catures, em que hirão os senhores que quiserem fazer» «este seruiço, e nos catures mandarey poluora d'espingarda, e chum-» «bo, e murrões, e panellas pera poluora; porque indaque d'isto tem» «auondança quero que sobeje. E estes catures partirão amenham per» «noite.» Ao que logo honrados fidalgos e bons caualleiros se offerecerão a hir nos catures, que forão tantos que alguns ficarão agrauados porque os nom mandarão, querendo auantejarse ante o Gouernador, que de todos era muy amado, e o muyto desejauão seruir, em tal maneira que se este feito lhe nom tirão das mãos, como tirarão, nom ha que duvidar senão que elle, com as boas vontades que lhe a gente tinha, dera tal auiamento como se nom perdera o que se perdeo por nom hirem buscar estes rumes, como adiante direy. Deu em regimento aos catures que fizessem o que lhe mandasse Antonio da Silueira, porque elle lhe escreuia [1] que hum catur estiuesse sempre no mar, afastado que nom fosse visto das galés, que de noite faria hum fogo cuberto da banda das galés, porque a este catur e fogo fossem demandar o nauio que fosse de Goa, e d'elle tomar auiso do que comprisse antes de hir cometter a barra.

O Gouernador tinha no mar casy sessenta velas prestes, todas grossas, com que se ordenaua partir. Polo que fez hum pagamento geral a toda a gente, que serião até dous mil e quinhentos homens, soldados e homens do mar, e bombardeiros mais de mil, e gente bem armada, e sobre todo grande espingardaria, e grande auondança de todolas cousas, determinando com esta armada hir buscar os rumes. Ao que Martim Afonso e fidalgos velhos na India lhe forão á mão, dizendo que era bem que agardasse por muyta armada que auia de vir de Cochym, e a gente que mandara chamar, com que poderia fazer cento ou duzentas velas com

[1] *espreuia* é o que está no original. O auctor, trocando o *c* em *p* nas palavras escravo, escripto, escrivão, escrever, as transformou muitas vezes em *esprauo*, *esprito*, *espriuão*, *espreuer*, etc. Da grande parecença do *rho* grego com o *p* do nosso abecedario, e de terem os copistas imitado siglas gregas em codices latinos nasceria a confusão de duas lettras representantes de sons tão differentes; confusão de que se encontram amiudados exemplos no tempo de Gaspar Correa, e de que ainda hoje conserva vestigios a abbreviatura do nome de Christo (χρο ou χρτο) que em portuguez devia lêr-se Chr.to, e não Xp.to. Em não se respeitarem similhantes irregularidades não se fez nenhũm desserviço aos leitores das Lendas da India.

que fosse; que os rumes, vendo tanta armada, de só medo fogissem; em que a honra ficaua dobrada, e nom poderião tanto fogir que alguns nom fossem alcançados, que leuassem bom pago. E n'esta detença, que o Gouernador fez muyto contra sua vontade, deu pressa a despedir os catures, que erão onze dias de setembro que chegou á barra de Goa dom Gracia de Noronha por Visorey da India, que a ella viera no anno de 511 com armada de carga, e era pobre, e ElRey em satisfação lhe deu esta gouernança. A qual noua sendo dada ao Gouernador que dom Gracia Visorey estaua na barra, foy muy anojado de grande tristeza por tamanha perda d'honra como perdia, e assy o forão muytos [1] * fidalgos, * e toda a gente, que estaua deuota em fazer este feito com o Gouernador, de que por isso esperauão muytas mercês; o que nom esperauão auer de senhor nouo. O que tinhão visto nos passados, que cada tres annos tornão a seruir de nouo, e assy enuelhecem, e pobres vão morrer no esprital; a que Nosso Senhor n'outro mundo lhe pagará o que bem seruirão n'este, por sua misericordia.

Deo gracias.

FIM DO TOMO TERCEIRO.

[1] * filgos * Autog.

TABOADA

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TERCEIRO VOLUME.

PAG.

PROLOGO.. 5

LOPO VAZ DE SAMPAYO, GOUERNADOR PROUISORIO [1].

CAPITULO I.—De como Lopo Vaz de Sampayo foy feito Gouernador, na ausencia de Pero Mascarenhas, proueo as capitanias de varias fortelezas, desbaratou os mouros no rio de Bacanor, e se foy enuernar a Ormuz........... 11

CAP. II.—Que conta de todolas cousas que no inuerno de 526 se passarão na India, e por outras partes, até que vierão as naos do Reyno............. 22

CAP. III.—As cousas que os nossos contarão que passarão, depois que partirão de Maçuha, com o Preste João, e té que tornarão a embarquar no mesmo Maçuha.. 26

PERO MASCARENHAS. OITAUO GOUERNADOR.

CAP. IV.—De como Jorge Cabral se foy a Malaca dar a noua a Pero Mascarenhas que era Gouernador.. 79

1 «Nom fiz tauoadas ás lendas de Pero Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampayo, que estão n'este liuro, por me parecer cousa escusada, por serem pouqua cousa.» *(Nota de Gaspar Correa).*

Fez-se pois esta taboada copiando os summarios que estavam no texto, emendando-se-lhes a numeração, e substituindo-se ou accrescentando-se o que pareceu necessario. Aquelles, porém, que o auctor não escreveu foram suppridos pelos que levam um asterisco.

PAG.

Cap. V.—Conta de como Pero Mascarenhas tomou Bintão.................. 82
Cap. VI.—De como Lopo Vaz recebeo em Ormuz Heytor da Silueira, com dom Rodrigo de Lima, e o tornou a mandar com armada pera o Estreito, e a guerrear Cambaya; e como em Dabul soube que era feito Gouernador.......... 93

ARMADA DO ANNO DE 526.

Cap. VII.—Da armada que este anno de 526 passou á India com as nouas soccessões, e de como as abrio Afonso Mexia, e tirou a gouernança a Pero Mascarenhas.. 97
Cap. VIII.—Do que passou na India depois das naos partidas pera o Reyno; e vinda do Gouernador Pero Mascarenhas de Malaca, e deferenças que ouve antre ambos até ser julgado por sentença Lopo Vaz Gouernador............. 104
Cap. IX.—De como chegando Pero Mascarenhas a Coulão soube que lhe era tirada a gouernança, e partio pera Cochym........................... 109
Cap. X.—Chegada do Gouernador Pero Mascarenhas a Cochym, e o que hy passou com Afonso Mexia... 113
Cap. XI.—Como Afonso Mexia defendeo a Pero Mascarenhas que nom desembarcasse 118
Cap. XII.—Como Christouão de Sousa obedeceo por Gouernador a Pero Mascarenhas.. 165
Cap. XIII.—De como dom Gracia Anriques, usando traição, quebrou as pazes com Tidore, e destroyo a cidade a ferro e fogo........................ 171
Cap. XIV.—De outra armada de Castella, que partio pera Maluco.......... 174
Cap. XV.—Em que se torna a fallar de Lopo Vaz e Pero Mascarenhas...... 179

ARMADA DE MANUEL DE LACERDA, QUE VEO O ANNO DE 1527.

Cap. XVI.—Chegão á India as naos que escaparão da armada de Manuel de Lacerda, e se dispoem tudo pera Lopo Vaz e Pero Mascarenhas se porem em direito.. 182
Cap. XVII.—Da sentença que os juizes derão em fauor de Lopo Vaz de Sampayo, julgado por Gouernador....................................... 219

LENDA DO QUE FEZ LOPO VAZ DE SAMPAYO DEPOIS QUE FOY JULGADO POR GOUERNADOR.

Cap. I.—Lopo Vaz manda Antonio de Miranda com armada ao Estreito, e prouê varias capitanías. Catiua dom João d'Eça a China Cotiale. O Gouernador desbarata os mouros em Bacanor, e se congraça com Heytor da Silueira. Manuel da Gama alimpa de cossairos a costa de Paleacate. Desastre da armada

PAG.

de João Froles. As tyrannias de Diogo de Mello obrigão o Gouernador a hir a Ormuz 227
Cap. II.—Das naos de França 238
Cap. III.—Das desauenças que em Maluco tiuerão dom Jorge de Menezes e dom Gracia Anriques, e reuolta de que forão causa 242
Cap. IV.—Jorge Cabral, capitão de Malaca, manda Gonçalo Gomes d'Azeuedo a socorrer a forteleza de Maluco, e Martim Correa a vingar a morte de Aluaro de Brito. Encontra Gonçalo Gomes a dom Gracia Anriques 258
Cap. V.—Do naufragio de Martim Afonso hindo pera Çunda, e de como foy retido com seus companheiros pelo Codauascão 262
Cap. VI.—De como Simão de Sousa Galuão em huma fusta foy ter 'Achem, onde foy morto com todos os que hião com elle 267
Cap. VII.—Anrique de Macedo peleja com huma nao de rumes; Melique Saca offerece forteleza em Dio; o Gouernador Lopo Vaz prouê sobre ysso, apercebese pera a vinda dos rumes, e destroe Dabul 271
Cap. VIII.—Heytor da Silueira, achando Melique Saca fogido de Dio, destroe Çurrate, Reynel, e Baçaim. O Gouernador desbarata huma armada de paráos de Calecut, e destroe o arel de Porquá 276

ARMADA DO GOUERNADOR NUNO DA CUNHA.

Cap. IX.—Dá nouas Antonio de Saldanha d'armada do Gouernador Nuno da Cunha. Lopo Vaz manda João de Auelar com soccorro ao Nizamaluco. Heytor da Silueira alcança victoria das fustas d'Alixá 282
Cap. X.—Do que aqueceo ao capitão de Chaul, no Argao 297
Cap. XI.—Justiça que o Gouernador fez de huns aleuantados 300
Cap. XII.—O Rey d'Achem, ajudado por Sana Raja, arma trayções a Gracia de Sá, capitão de Malaca, pera lhe tomar a forteleza. Lopo Vaz reforma a armada. Seu elogio 303

LENDA DO GOUERNADOR NUNO DA CUNHA, QUE PARTIO DO REYNO O ANNO DE 528, E PASSOU Á INDIA O ANNO DE 1529.

Cap. I.—Successos da armada de Nuno da Cunha até chegar a Bombaça 308
Cap. II.—Como o Gouernador tomou a cidade de Bombaça, e do que hy passou 312
Cap. III.—De como Christouão de Mendoça, capitão d'Ormuz, mandou por terra noua a ElRey que Nuno da Cunha era chegado á India 316
Cap. IV.—Como o Gouernador partio de Bombaça pera Ormuz, onde chegou e lhe fizerão grande recebimento, e tambem chegou Manuel de Macedo, que prendeo Resxarafo 318

PAG.

CAP. V.—De como o Gouernador mandou Simão da Cunha a Baharem, que se leuantára contra ElRey d'Ormuz 325
CAP. VI.—Do que fez Lopo Vaz de Sampayo em Goa n'este inuerno, em quanto o Gouernador esteue em Ormuz 330

ARMADA DE DIOGO DA SILUEIRA, ANNO DE 529.

CAP. VII.—Chega á India a armada de Diogo da Silueira. O Gouernador trata com Melique Saca da entrega de Dio 333
CAP. VIII.—Como o védor da fazenda, Afonso Mexia, mandou Antonio Cardoso dar guarda ás naos de Cochym, que vinhão de Choromandel 335
CAP. IX.—Como Antonio Cardoso pelejou com os paráos de Patemarcar, e que n'ysso passou 336
CAP. X.—Como o Gouernador em Goa proueo cousas que comprião, e se partio pera Cochym, e o que passou com Lopo Vaz em Cananor, e o leuou preso 338
CAP. XI.—Das cousas que o Gouernador proueo em Cochym até se tornar a Goa 341
CAP. XII.—Como o Gouernador mandou a Dio Gaspar Paes, com falsa visitação a Melique Tocão, pera que lhe espiasse como estaua Dio; e o que lá passou 343
CAP. XIII.—Da guerra que fez Antonio da Silueira em Cambaya, e Diogo da Silueira na costa do Malauar, em quanto durou o verão 347
CAP. XIV.—Dos muytos prouimentos que se fizerão, durando o inuerno, pera fornimento da grande armada que o Gouernador fez pera Dio 354
CAP. XV.—Que conta algumas cousas que se passarão em Malaca, e Maluco, no anno passado de 529 357
CAP. XVI.—De como Gonçalo Pereira foy pera Maluco, em que viera prouido por capitão; o que passou em sua viagem, e com dom Jorge de Meneses em Maluco 368
CAP. XVII.—Que conta o que fez Heytor da Silueira no Estreito 378

ARMADA QUE ESTE ANNO DE 530 PARTIO DO REYNO SEM CAPITÃO MÓR.

CAP. XVIII.—Chegão as naos de Manuel de Brito, Luiz Aluares de Paiua, Fernão Camello, Francisco de Sousa Tauares, e Pero Lopes de Sampayo. Vai Diogo da Fonseca correr a ilha de S. Lourenço, em busca da gente das naos perdidas 384
CAP. XIX.—Como o Gouernador foy a Cochym falar com ElRey, que se muyto agrauou por o Gouernador fazer pazes com o Rey de Calecut 386
CAP. XX.—Da grande armada que o Gouernador ajuntou em Goa, com que partio pera Dio, que foy a mayor que nunca ouve na India 390

PAG.

CAP. XXI.—De como o Gouernador na ilha de Bombaim fez alardo de toda 'armada e conta da gente que tinha 392

CAP. XXII.—De como o Gouernador partio de Bombaim, e da ordem em que leuou 'armada, com que chegou ao lugar de Damão........ 396

CAP. XXIII.—De como o Gouernador partio de Damão atrauessando pera Dio, e foy tomar na ilha do Bete, que ora se chama dos Mortos........ 398

CAP. XXIV.—De como o Gouernador se concertou pera o combate da cidade de Dio, onde foy, e sorgio, e deu combate á cidade, e o que n'ysso passou. . 405

CAP. XXV.—Como o Gouernador se partio de Dio, e deixou Antonio de Saldanha na enseada com grande armada fazendo guerra, e outras armadas na costa, e se foy a Goa........ 417

CAP. XXVI.—Como foy Ambrosio do Rego por capitão a Choromandel tirar inquirição da casa de S. Thomé, por apontamentos que ElRey mandára...... 419

CAP. XXVII.—Que conta cousas que se passarão nas partes de Malaca, e em Maluco, que contarey por não tornar atrás........ 425

CAP. XXVIII.—Do fazimento da forteleza do rio de Chalé, junto do reyno de Calecut, chamada Santa Maria do Castello........ 434

ARMADA DO ANNO DE 531.

CAP. XXIX.—Chegão á India a nao de Achiles Godinho e outras, perdendose a de Manuel de Macedo. Vai Antonio de Saldanha ao Estreito ás presas, volta carregado de despojos, e parte pera o Reyno mal com o Gouernador. . 439

CAP. XXX.—Guerra da enseada........ 443

CAP. XXXI.—Do que fez Dimião Bernaldes aleuantado, e como foy morto... 446

CAP. XXXII.—Como, çarrado o inuerno, o Gouernador por enformação de Diogo da Silueira assentou de hir destroyr Baçaim; e outras cousas que se passarão até chegada das naos do Reyno........ 449

CAP. XXXIII.—Da contenda que o Gouernador teue com Antonio de Macedo, ouvidor geral, que mandou preso pera Portugal........ 451

ARMADA DO ANNO DE 532.

CAP. XXXIV.—Chegão á India as naos de Pero Vaz, dom Paulo da Gama, e outras. Rayx Ale tenta matar o Rey d'Ormuz, seu irmão........ 458

CAP. XXXV.—Como o Gouernador mandou armada a guerrear Cambaya, em que foy Diogo da Silueira, e o que fez........ 460

CAP. XXXVI.—Como estando o Gouernador embarcando a gente pera hir tomar Baçaim, o Acedecão lhe mandou messagem de boa amisade, e lhe deu as terras derrador de Goa com suas rendas........ 462

CAP. XXXVII.—Como o Gouernador partio de Goa a tomar Baçaim, e 'armada que leuou, e o que fez........ 464

PAG.

Cap. XXXVIII. — Do que fez o Gouernador acabado o feito de Baçaim, e armadas que deixou na costa, e que mandou pera o Estreito, e o que fez. 475

Cap. XXXIX. — Do que se passou nas partes de Malaca e de Maluco n'este anno de 533, e atrás de 532. 486

Cap. XL. — De como Vasco da Cunha foy espiar Dio, com recado simulado que leuou a Melique Tocão, e o que passou. 494

Cap. XLI. — Como a Goa veo ter hum irmão do Soltão Badur Rey de Cambaya, que veo fogido porque ElRey o queria matar. 497

Cap. XLII. — Que reconta do Soltão Badur, Rey de Cambaya, de muytas cousas que passou com o Gouernador em quanto viueo 502

Cap. XLIII. — Lenda d'ElRey de Cambaya, o Soltão Badur. 504

Cap. XLIV. — Como o Gouernador se concertou pera hir a Dio verse com El-Rey de Cambaya sobre o concerto de dar forteleza 533

ARMADA DO ANNO DE 533.

Cap. XLV. — Antonio Galuão salua a nao de dom João Pereira. ElRey manda dom Pedro de Castello Branco por capitão de doze velas. 540

Cap. XLVI. — De como o Gouernador foy a Dio, por fallar a Soltão Badur, e não chegou a verse com elle. 541

Cap. XLVII. — Do que se passou na costa da India, em quanto o Gouernador foy a Dio. 553

Cap. XLVIII. — Como Pero Vaz, védor da fazenda, foy visitar Ormuz, e o que fez, e se passou em quanto lá esteue. 557

Cap. XLIX. — Como o Gouernador mandou a Bengala Antonio da Silua de Menezes pera resgatar Martim Afonso de Mello, que lá estaua catiuo, e que n'isso fez. 560

Cap. L. — Como dom Esteuão da Gama foy despachado pera Malaca, e o que fez depois de ser capitão. 563

Cap. LI. — Conta de Maluco, onde chegou Tristão d'Atayde, que hia por capitão 565

Cap. LII. — Do que fez o Badur, depois que foy de Dio, que nom quis falar ao Gouernador, e mandou buscar rumes a soldo 569

Cap. LIII. — Messagem que o Bobor mandou ao Badur 576

ARMADA DE MARTIM AFONSO DE SOUSA, O ANNO DE 534.

Cap. LIV. — Chega á India Martim Afonso de Sousa, valído que fora d'El-Rey D. João III, quando Principe. Por mexericos de fidalgos da India, he chamado ao Reyno o secretario Simão Ferreira. 578

Cap. LV. — Como a Goa veo messigeiro do Badur assentar amisades com o Go-

PAG.

uernador, e dar a ilha e terras de Baçaim, que Martim Afonso de Sousa foy receber. . . . 583

Cap. LVI.—Como o Badur ouvio a embaixada do Rey dos mogores, e a reposta que deu, e o mais que recreceo. . . . 587

Cap. LVII.—Como o Badur mandou soltar Diogo de Mesquita, e os outros catiuos que estauão na serra de Champanel, e per elles mandou chamar o Gouernador que o secorresse. . . . 602

Cap. LVIII.—Como o Badur, fogido do Mandou, chegou a Champanel, e fallou com Diogo de Mesquita, que mandou a Dio em companhia de sua mãy, pera d'ahy hir embarcado chamar o Gouernador. . . . 605

Cap. LIX.—Como Diogo de Mesquita chegou a Baçaim, que foy por terra com cartas do Badur a chamar o Gouernador, e o que se passou. . . . 609

Cap. LX.—Como Diogo de Mesquita foy a Goa, e deu larga conta ao Gouernador de tudo, o qual logo escreueo a Martim Afonso o que fizesse. . . . 613

Cap. LXI.—Como Martim Afonso e Simão Ferreira, ambos juntos, chegarão a Dio e se virão com o Badur, que deu o lugar pera a forteleza, de que logo Martim Afonso se apossou. . . . 614

Cap. LXII.—Como o Gouernador chegou a Dio, e se vio com ElRey, e o que mais socedeo. . . . 618

Cap. LXIII.—De algumas cousas que se passarão nas partes de Malaca e Maluco, n'estes annos atrás de 534, e este de 535. . . . 626

ARMADA DE FERNÃO PERES D'ANDRADE, ANNO DE 1535.

Cap. LXIV.—Da armada que veo do Reyno o anno de 535, e conta outras cousas que se passarão na India, estando o Gouernador em Dio . . . 638

Cap. LXV.—De como o Acedecão se tornou á obediencia do Hidalcão, e da guerra que ouve com os nossos pera que se tornassem as terras. . . . 642

Cap. LXVI.—Como forão soltos vinte portugueses do catiueiro de Bengala, em que estaua Martim Afonso de Mello. . . . 649

Cap. LXVII.—Do conselho que o Gouernador teue da gente que daria ao Badur, pera o ajudarem contra os mogores, e a que lhe deu . . . 651

Cap. LXVIII.—Como o Badur partio de Dio, hindo em sua companhia Martim Afonso de Sousa, com portugueses de cauallo e espingardeiros, e o que fez até se tornar a Dio. . . . 655

Cap. LXIX.—Como o Gouernador mandou Simão Ferreira ao Reyno com a noua da forteleza feita em Dio; e como escondidamente foy Diogo Botelho Pereira em huma fusta sua, que chegou a ElRey primeiro que Simão Ferreira; e o que passou com ElRey, porque foy assy sem licença do Gouernador 660

Cap. LXX.—Como o Badur pédio ao Gouernador fustas, que estiuessem no rio de Baroche em guarda, e porque lhas nom deu ouve muyto agastamento, e falou más palauras. . . . 670

PAG.

Cap. LXXI. — Como Vasco Pires de Sampayo, com armada e gente, foy tomar huma forteleza que os mogores tinhão tomada a ElRey de Cambaya na raya do Sinde........ 673

Cap. LXXII. — Como o Gouernador ouve d'ElRey o baluarte do mar, e lho deu com seu aprazimento, que era o mór bem que podia ter a forteleza pera sua seguridade........ 676

Cap. LXXIII. — Como o cunhado do Mogor entrou no Dely, e tomou sua irmã, que lhe o Mogor tinha tomada, e se tornou ao Mandou........ 677

Cap. LXXIV. — Como o Mogor largou Cambaya, e se tornou ao Dely, e o que fez o Badur depois do Mogor partido........ 679

Cap. LXXV. — Do arrependimento que mostrou o Badur por ter dado forteleza, vendo que os mogores se tornauão e Cambaya ficaua liure........ 680

Cap. LXXVI. — Do que fez o Badur, sabendo que o Mogor era partido de Champanel pera o Dely........ 683

Cap. LXXVII. — De como o Gouernador proueo a forteleza de Dio de capitães e officiaes, e de todo o necessario que ouve mester, e despedido do Badur se foy a Baçaim, e assinou o lugar da forteleza a Gracia de Sá, que a ficou fazendo, e elle se foy a Goa........ 687

Cap. LXXVIII. — Que conta hum vencimento que dom João Pereira, capitão de Goa, ouve contra os mouros da terra firme........ 690

Cap. LXXIX. — Da chegada do Gouernador a Goa, onde logo lhe veo messagem do Acedecão sobre a guerra da terra firme; e o que se fez de nouo........ 693

Cap. LXXX. — De huma guerra que n'este tempo ouve em Cochym com o Rey de Calecut........ 699

Cap. LXXXI. — Da entrada que fez Antonio da Silueira nas terras de Bardés, e o que passou........ 707

Cap. LXXXII. — Como o Gouernador despachou pera capitão de Maluco, Antonio Galuão, que foy em companhia de Martim Afonso de Sousa até Cranganor a secorro da guerra do Rey de Cochym........ 710

Cap. LXXXIII. — Como durando a guerra no inuerno morreo a mãy do Rey de Cochym, e o que n'isso passou........ 713

Cap. LXXXIV. — Como Martim Afonso chegou a Cranganor, e entrou com 'armada, e o que fez........ 716

Cap. LXXXV. — Como o Rey dos mogores, antepassado do que tomou Cambaya, foy tomar o Reyno de Bengala, e o que n'isso passou........ 719

Cap. LXXXVI. — De cousas que se passarão em Malaca e Maluco no anno atrás de 535, até este anno de 536........ 722

Cap. LXXXVII. — Como o Acedecão tornou a mandar hum capitão com gente, que fosse guerrear as terras........ 741

PAG.

ARMADA DE JORGE CABRAL, ANNO DE 536.

Cap. LXXXVIII. — Da armada que veo do Reyno o anno de 536, e cousas que n'ella ElRey mandou, e que se passarão em Dio durando o inuerno 743
Cap. LXXXIX. — Dos auisos falsos que Coje Çafar daua ao capitão da forteleza, e das messagens que mandou aos Reys da costa da India, pera que se aleuantassem contra os portugueses, e repostas que ouve 751
Cap. XC. — Do que mais socedeo na guerra de Goa, e como foy desfeito o castello de Rachol.................................... 756
Cap. XCI. — Como o Çamorym tornou com grande poder pera passar a Cochym, e Martim Afonso lho defendeo, e o que mais passou.................. 762
Cap. XCII. — Como a ilha de Repelim foy destroyda, e o padrão tomado e leuado ao Rey de Cochym, e o Çamorym se tornou a Calecut............. 766
Cap. XCIII. — Como estando o Gouernador pera partir pera Dio, o Acedecão lhe mandou auiso do aleuantamento do Rey de Cambaya. 770
Cap. XCIV. — Como o Çamorym tornou do caminho que hia pera Calecut, pera passar a Çochym, e o que no caso passou 772
Cap. XCV. — Como o Gouernador foy a Dio, auisado já da trayção que lhe ordenaua o Rey de Cambaya, que chegando o Gouernador á barra, o Rey o foy ver ao mar, onde foy morto.. 777
Cap. XCVI. — Como Martim Afonso e o védor da fazenda, chegarão a Dio a chamado do Gouernador, e o que com elle passarão. 785
Cap. XCVII. — Como Mamedascão, cunhado do Mogor, que estaua nas terras do Mandou, se aleuantou por Rey de Cambaya, e o que fez, e os grandes de Cambaya aleuantarão por Rey ao Mirão, sobrinho do Badur 788
Cap. XCVIII. — De como o Gouernador mandou recado a ElRey de Portugal, por terra, e outras cousas que proueo em Dio.......................... 791
Cap. XCIX. — Do que passarão os messigeiros que leuarão ao Turqo o presente riqo, e lhe pedirão os rumes da parte do Badur 794
Cap. C. — Como o Mirão, que reinaua em Cambaya, teue contenda com o mogor, que se aleuantára e chamára Rey de Cambaya 797
Cap. CI. — Como Antonio Galuão foy a Maluco por capitão, e o que fez. 800
Cap. CII. — Como partio pera Maluco Jorge Mascarenhas a carregar de crauo, e Afonso Vaz de Brito pera Bengala a resgatar Martim Afonso, e o que passarão, e se passou em Dio até chegarem as naos do Reyno.............. 814

ARMADA DO ANNO DE 537.

Cap. CIII. — Como chegarão as naos do Reyno o anno de 537, que forão tomar em Cochym 816
Cap. CIV. — D'armada que apercebeo o Çamorym pera mandar no verão; ao que acodio Martim Afonso, que enuernára em Cochym.................. 818

PAG.

CAP. CV.—Como Martim Afonso, tornado a Cochym com o vencimento do Patemarcar, tornou a guerrear a costa do Malauar, e o que fez n'ella........ 833
CAP. CVI.—Como o Gouernador foy a Dio pera assentar a paz com o Lurcão, onde estando chegou hum nauio de Ormuz, com huma espia do Turqo e certa noua da vinda dos rumes.......... 837
CAP. CVII.—Como o Gouernador mandou vir d'Ormuz preso o capitão dom Pedro, por culpas de que o accusauão.......... 841
CAP. CVIII.—Como o Rey de Xaer mandou pedir paz polo aleuantamento que fizera, e mandou os catiuos e fazendas, e o Gouernador lha deu, por lho pedir Coje Çafar; e o Governador proueo a forteleza e se tornou a Goa...... 843
CAP. CIX.—Como o Gouernador proueo a forteleza de Dio e a cidade, e se foy a Goa.......... 845
CAP. CX.—Como a Portugal passarão alguns catiuos de Xaer, que affirmarão a ElRey a passagem dos rumes; e o que ElRey n'isso proueo.......... 846
CAP. CXI.—Como o Lurcão desbaratou o mogor, que andaua aleuantado, e outras cousas que se passarão durando o inuerno.......... 849
CAP. CXII.—Como Coje Çafar fogio de Dio, sem lho sentirem, e leuou quanto tinha.......... 852
CAP. CXIII.—Como os rumes se tornarão 'aperceber pera passarem a Dio.... 853
CAP. CXIV.—Como Coje Çafar tornou a Dio com gente de guerra.......... 856
CAP. CXV.—Como os achens cometerão a tomar a forteleza de Malaca. E trata de Maluco.......... 861
CAP. CXVI.—Como do Estreito partirão os rumes per'a India, e o que fizerão no caminho até chegar a Dio.......... 867
CAP. CXVII.—Como o capado partio d'Adem, e foy a Çacotorá, em que fez agoada, e d'ahi atrauessou á India, e o que passou até chegar a Dio....... 876
CAP. CXVIII.—Do que fez Antonio da Silueira com a chegada dos rumes.... 883
CAP. CXIX.—Como em Madrefabá Coje Çafar e o capado fizerão seus concertos com differentes pensamentos, e messagens que o capado mandou, e repostas que ouve.......... 888
CAP. CXX.—Como os catures de Dio chegarão a Goa, e derão a noua ao Gouernador que os rumes erão chegados; e o que sobre isso fez.......... 894

FIM DA TABOADA DAS MATERIAS CONTIDAS NO TERCEIRO VOLUME.

ERRATAS.

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
11	13	BACALOR	BACANOR
25	29	Diogo	Rodrigo
38	17	dise	disse
40	19	bespera	bespora
45	11	Preste pera	Preste, pera
50	11	não porque	não, porque
»	34	tornasse ao Preste sómente	tornassem ao Preste, sómente
59	7	christanidade	christandade
»	30	O senhor	Ó senhor
73	9	fundos tem	fundos; tem
86	22	armados, homens	armados homens
93	5	Gonçalues	Gonçalo
»	21	no mar na terra	no mar • e • na terra
97	22	que trazião ao	que trazião, ao
103	6	falasse que	falasse, que
107	17	filhos	filhas
108	25	Mascarenhas que	Mascarenhas, que
110	13	no fim	na fim
112	15	duvidasse senão	duvidasse, senão
149	19	sentença e mandassem	sentença, e mandassem
161	23	Lopo Vaz não	Lopo Vaz, não
180	35	pedião, muyto	pedião; muyto
205	31	nouembro no	nouembro, no
208	2	lhe	lho
253	29	ante	antre
254	6	ocupassem e	acupassem, e
260	2	foy abril	foy em abril
314	13	a outro e lhe	a outro, e lhe
325	4	correo que	correo, que
362	35	antiga com este mau	antiga, com este mau
403	15	ácudir	'acudir
414	31	tiro de um	tiro, de hum
416	31	cidade, se	cidade, « se
»	»	defender, « que	defender, que
476	19	fazenda familia	fazenda e familia
504	29	Cacãodarcão	Caçaodarcao
505	35	V.e a nota 3.ª etc.	Supprimir tudo
510	12	rezões • a elle •	rezões a elle •
513	34	madasse	mandasse
572	35	Alamo	Alamó
576	11	esturdiota	estardiota
582	2	peditorios	petitorios
614	1	eruir	seruir
679	1	Com ElRey	Com • que • ElRey
699	20	decrarão por irmão	decrararão por irmãos
837	11	VIDA	VINDA
866	17	matar; que	matar, que
889	22	bateria	bataria

Alguns dos erros, aqui corregidos, são do texto.

COLLOCAÇÃO DAS LITHOGRAPHIAS DO TERCEIRO VOLUME DAS LENDAS DE GASPAR CORREA.

I Retrato de Pero Mascarenhas .... olhando para pag. 1
II Cananor .... » 16
III Lopo Vaz de Sampayo .... » 227
IV Nuno da Cunha .... » 308
V Chalé .... » 438
VI Dio .... » 625
VII Baçaim .... » 689